REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

BRAZILEIRO

Fundado no Rio de Janeiro em 1838

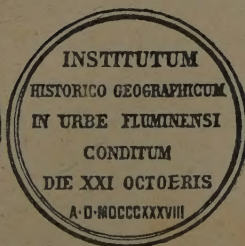
TOMO LXXIV

PARTE II

(1911)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos.
Et possint sera posteritate frui

AUSPICE PETRO SECUNDO
PACIFICA SCIENTIÆ OCCUPATIO

INSTITUTUM HISTORICO GEOGRAPHICUM IN URBE FLUMINENSI CONDITUM DIE XXI OCTOBRIS A·D·MDCCCXXXVIII

RIO DE JANEIRO
1912

Com a publicação desta parte II do Tomo 74 da *Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro* termina a direcção que por excessiva bondade de meus illustres collegas da Commissão de Redacção me foi confiada desde o Tomo 69, relativo ao anno de 1906.

A ultima reforma dos Estatutos creou o cargo de Director da *Revista* e para elle, sob proposta minha, foi nomeado pelo actual e illustrado Presidente do Instituto — Sr. Conde de Affonso Celso — o eminente Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, gloria das nossas letras, socio benemerito e orador do Instituto.

Nos seis tomos apparecidos sob minha direcção, e sem incluir os volumes da *Exposição Commemorativa do Centenario da Imprensa no Brazil,* tive o concurso insigne do Dr. José Vieira Fazenda, o muito amado e competentissimo bibliothecario do Instituto, de Euclydes da Cunha, Pedro Lessa, Pereira da Costa, Manuel Barata, Sylvio Roméro, Escragnolle Doria, Capistrano de Abreu, Eduardo Marques Peixoto, Fritz Krause, Pedro Souto Maior, Affonso d'Escragnolle Taunay, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Alfredo de Carvalho, Norival de Freitas, além de outros, e, certo, devido a isso, o brilhantismo e o applauso com que taes numeros foram acolhidos.

Não deixarei de registar a cooperação efficaz que recebi do saudoso amigo Luiz Leitão, meu immediato auxiliar no preparo de alguns tomos. A elle se devem

o magistral summario da *Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão,* pelo padre João Felippe Bettendorf, e as apreciações criticas sobre os trabalhos de Oliveira Lima — *D. João VI no Brazil,* e do Commandante Antonio Coutinho Gomes Pereira — *A Viagem de Circumnavegação do navio-escola "Benjamin Constant".*

Possuidor de solida illustração, dotado dum senso critico francamente admiravel, Luiz Leitão, que a esses predicados reunia um caracter da mais rija tempera, estava destinado a prestar á *Revista* os mais relevantes serviços. Não quiz, porém, o destino que assim succedesse, pois a morte arrebatou tão modesto quão habil companheiro. Fica nestas linhas um preito de reconhecimento e de saudade.

Agradecendo aos collegas da Commissão a confiança com que me premiaram e aos collaboradores o valioso concurso, dou parabens ao Instituto por ter agora á frente de sua notabilissima publicação quem lhe póde trazer — e sem duvida trará — o maior esplendor.

Rio, Agosto de 1912.

Max Fleiuss,

Primeiro Secretario Perpetuo do Instituto.

ESBOÇO BIOGRAPHICO

DO

EMBAIXADOR DR. JOAQUIM AURELIO BARRETO NABUCO DE ARAUJO

POR

SEBASTIÃO DE VASCONCELLOS GALVÃO

(SOCIO DO INSTITUTO)

Dedicado ao General Emygdio Dantas Barreto, a quem coube na Academia Brazileira de Lettras occupar a cadeira que honrára bem alto aquelle tão admiravel vulto da Patria.

O Autor.

DR. JOAQUIM AURELIO BARRETO NABUCO DE ARAUJO

Grande e esclarecido patriota brazileiro, extraordinario orador de dotes inexcediveis; o mais popular, vivamente sympathico, perfeito e querido dos diplomatas estrangeiros, acreditados junto ao Governo da grande Republica dos Estados Unidos da America do Norte; grande estadista da America latina e, incontestavelmente, um dos homens de mais cultura que a tem representado; pensador, espirito tão elevado quanto justo e liberal; ardente e denodado apostolo da Abolição no reinado de D. Pedro II, e tambem o prégador sincero e estrénuo dos mais nobres ideiaes da humanidade; caracter nobilissimo cuja vida é uma lição sublime de ensinamentos preciosos; assombroso, cultivado, profundo e original talento; eminente gloria do seu paiz, sendo objecto de uma admiração mundial; um dos mais notaveis e calorosos defensores do Congresso de Paz e Concordia Pan-Americanas; litterato, poeta, philosopho, polyglotta e brazileiro muito amado; eis, numa synthese, quanto foi aquelle privilegiado genio das visões dos magnos problemas sociaes, que, rara e singularmente, consubstanciou, n'uma só individualidade, uma vida admiravel das maiores qualidades de aptidão e caracter modelar, alliando-se-lhe, por um capricho especial da natureza, uma varonil belleza physica, de voz sonora, extensa, vibrante e docemente forte, tudo com irresistiveis dons de attracção.

E não somos nós que o exaltamos, mas são todas as nações cultas e competentes, que lhe renderam homenagem e proclamaram externamente o valor e a fama de um tão glorioso vulto da geração actual.

O *Dictionaire des Écrivains du Monde Latin*, entre outras expressões consagrou-lhe as seguintes: «Todo o mundo latino

tem o direito de orgulhar-se d'esse grande Brazileiro, cuja alma é aberta aos maiores sentimentos humanos. Apesar de um certo scepticismo philosophico que o approxima de Taine, as grandes ideias o tocam e transportam a generosos enthusiasmos que se communicam em torno d'elle.»

Agora entremos a folhear-lhe as paginas da existencia:

Nasceu na cidade do Recife, aos 19 de Agosto de 1849, no 2.º andar da casa n.º 39, da, nesse tempo, rua do Aterro da Bôa Vista, depois rua da Imperatriz, e, presentemente, rua Conselheiro Rosa e Silva.

Foi seu pae, o então juiz de direito da Capital, Dr. José Thomaz Nabuco de Araujo,— depois deputado geral em varias legislaturas, ministro tres vezes, senador pela Bahia, conselheiro de Estado, um dos politicos de maior prestigio entre os maiores do Imperio, jornalista emerito, grande talento, orador brilhante, e ainda um espirito superior pelo seu profundo saber juridico, o qual, conforme competentissimos juizos, si já não fosse um consagrado, bastar-lhe-ia, para dar-lhe similhante titulo, o *Projecto do Codigo Civil*, obra de sua unica elaboração e que vale um monumento de jurisprudencia patria; — e sua mãe era a dignissima pernambucana D. Anna Benigna Sá Barreto, uma descendente do Marquez do Recife, o morgado do Cabo, Francisco Paes Barreto.

Joaquim Nabuco era ainda irmão do Dr. Sizenando Nabuco de Araujo, um explendido talento que tambem havia recebido a mesma herança paterna, com a differença que aquelle ultrapassára os dous, indo em tudo além, até distanciar-se.

Na capella de S. Matheus, do engenho *Massangana*, municipio do Cabo, baptizou-se o menino Nabuco, sendo seus padrinhos o coronel Joaquim Aurelio Pereira de Carvalho e sua espôsa D. Anna Rosa Falcão de Carvalho, donos d'aquella propriedade rural. N'essa occasião os paes accederam ao desejo da madrinha, em ser dado ao afilhado o nome de seu marido.

Depois d'isso, aquelle casal sem filhos ainda conseguiu que o afilhadinho fosse alli ficando entre os dous, recebendo todos

os desvelos de quem sentia illusões de paes, no seio d'aquella bucolica mansão, em campo vasto, pleno de ar puro, de luz nitente e rescendendo perfumes silvestres.

Nesse interim, porém, o juiz Nabuco, eleito deputado geral, vae para o Rio de Janeiro com a familia, e logo após em 1851, parte para S. Paulo na qualidade de presidente da provincia, voltando á Côrte em 1853, como ministro da Justiça, pela primeira vez.

Momento angustioso esse para aquella que via fugir-lhe o *filho* muito querido de seu coração!... Mas, ah! a eloquencia das lagrimas sentidas de um amor materno, venceram aos que não tinham alma de pedra! Sim, os paes do *Quincas*, como o chamavam na familia, não quizeram ser crueis com aquelles que tanto lhes estremeciam o filho; e deixaram com os padrinhos a meiga creança que ainda não precisava de estudos, mas de crescer vigoroso, sadio, correndo e brincando no pateo da vivenda, pelas verdes relvas, entre os penachos esmeraldinos do cannavial, bebendo haustos de auras vitaes, sentindo sol quente e vivificante e todo esse influxo da natureza livre que a cidade não possue, e que fortaleceria ao certo aquella organisação onde ninguem jámais sequer suspeitou se aninhasse tão extraordinario espirito.

Entretanto esse idylio aureo de edenicos encantos, aligero depressa se deslisou... Morre em 1857 sua madrinha, e, como elle mesmo nos diz, — mez e meio depois seguiu para o Rio de Janeiro, a reunir-se á familia — em cujo seio ia agora começar em tudo uma existencia nova e diversa.

Eis como mais tarde, no decurso da vida, aquella alma affectiva e cheia de ternura, voltando-se aos evolados tempos descuidosos, em seu livro *A Minha Formação*, expressa suas reminiscencias em linguagem de infinita suavidade. Sua madrinha que o criára, o engenho Massangana em que passou a primeira quadra da leda meninice, a capellinha singela onde fôra baptizado e repousam as cinzas adoradas d'aquella outra segunda mãe, são echos adormecidos que se acordam em seu coração e vibram o intimo ser com encantadora saudade.

Traslademos alguns fragmentos dos reflexos daquella alma sempre captivante e boa:

. . . .

« Das recordações da infancia, a que eclipsa todas as outras e a mais cara de todas é o amor que tive por aquella que me criou até aos meus oito annos como seu filho. Sua imagem, ou sua sombra, desenhòu-se por tal modo em minha memoria, que eu a poderia fixar se tivesse o menor talento de pintor. »

. . . .

« Foi graças a ella que o mundo me recebeu com um sorriso de tal doçura, que todas as lagrimas imaginaveis não m'o fariam esquecer. »

MASSANGANA

« Os primeiros oito annos da vida foram, em certo sentido, o de minha formação instinctiva, ou moral, definitiva... Passei esse periodo inicial, tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco (Massangana), — minha provincia natal. A terra era uma das mais vastas e pittorescas da zona do Cabo... Nunca se me retira da vista esse panno de fundo da minha primeira existencia.

. . . .

« Mez e meio depois da morte de minha madrinha, eu deixava o meu paraizo perdido (Massangana), — mas pertencendo-lhe para sempre... Foi alli que eu cavei com as minhas pequenas mãos ignorantes esse poço da infancia, insondavel na sua pequenez, que refresca o deserto da vida e faz delle para sempre em certas horas um oásis seductor.

Massangana ficou sendo a séde do meu oraculo intimo: para impellir-me, para deter-me e, sendo preciso, para resgatar-me a voz, o fremito sagrado, viria sempre de lá. »

. . . .

« Emerson quizera que a educação da criança começasse cem annos antes della nascer. A minha educação religiosa obedece certamente a essa regra. Eu sinto a idéa de Deus no mais afastado de mim mesmo, como o signal amante e querido de diversas gerações. Nessa parte a serie não foi interrompida. Ha espiritos que gostam de quebrar todas as suas cadeias, e de preferencia as que outros tivessem creado para elles; eu, porém,

seria incapaz de quebrar inteiramente a menor das correntes que alguma vez me prendeu, o que faz que supporto captiveiros contrarios, e menos do que as outras uma que me tivesse sido deixada como herança. Foi na pequena capella de Massangana— capella sob a invocação de S. Matheus—que fiquei unido á minha.

. . . .

«As partes adquiridas do meu ser, o que devi a este ou áquelle, hão de dispersar-se em direcções differentes; o que, porém, recebi directamente de Deus, o verdadeiro eu sahido das suas mãos, este ficará preso ao canto de terra onde repousa aquella que me iniciou na vida.

. . . .

«Tornei a visitar doze annos depois a capellinha de S. Matheus onde minha madrinha dona Anna Rosa Falcão de Carvalho, jaz na parede ao lado do altar.»

. . . .

Eil-o no Rio de Janeiro conhecendo seu pai, sua mãe e irmãos, porque da edade em que deixou de vêl-os nenhuma lembrança tinha.

Alli, completados os estudos escolares, entrou no Collegio Pedro II, e com um laureado tirocinio, recebeu em 1865, aos 16 annos, o gráo de bacharel em bellas lettras.

No anno anterior fizera sua estréa litteraria, publicando a ode denominada *O Gigante da Polonia,* e dedicando-a a seu dignissimo pai,—bellas primicias de um muito esperançoso joven. Não muito depois sae á luz outra composição sua, em versos lyricos, intitulando-se *L'amour est Dieu.*

Elle parte, em 1866, para S. Paulo e matricula-se no curso juridico. Uma pleiade selecta de talentos vigorosos fulgurava então naquella academia do sul, do mesmo modo que identico facto acontecia na do Recife. Foi em 1868 que lá chegou Castro Alves que, além de collega no 3.º anno, foi seu amigo dilecto, talvez principalmente porque verdadeiras affinidades de sentir os approximava. E de certo na essencia do genio d'aquelle glorioso poeta bahiano, que ostentava em sua lyrica tanto arrojo de concepção e opulento contraste de imagens, havia a mesma

revolta e indignação contra a nefanda instituição do captiveiro que aviltava a patria brazileira. Tambem na academia paulista ainda uma outra amisade o prendeu, com o mais intenso affecto: foi a que dedicou ao admirado mestre — que de egual maneira lhe correspondia, — José Bonifacio de Andrada e Silva, luminoso orador, primoroso poeta, espirito das ideias avançadas, grande liberal, e abolicionista como o discipulo amigo. E' desse tempo que um grupo nobre de brazileiros possuidores de taes sentimentos humanitarios começou, como uma aurora rosea, a surgir gradativamente, e depois a ideia se elevando tornou clarão intenso que se diffundiu por todos os angulos do paiz.

Em 1869 deliberou Nabuco concluir seus estudos na terra natal, mas, de passagem pelo Rio de Janeiro publicou o opusculo de 40 paginas — O *Povo e o Throno,* profissão de fé politica de Juvenal, romano da decadencia.— Depois segue para o Recife onde se matricula no 4.º anno juridico, e no seguinte de 1870, recebeu o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes.

Desde os bancos academicos, em S. Paulo, as manifestações explendidas dos elevados dotes oratorios de Joaquim Nabuco despertaram grande attenção : não só pela facilidade da palavra, esméro da fórma sempre elegante, elevação das ideias e dos conceitos dignos de um pensador, como porque tudo aquillo, admiravel em outra edade, era descommunal em tão verdes annos. Em Pernambuco, entre seus frequentes triumphos, um, logo após sua formatura, é digno de ser mencionado em seus florões de orador consummado, — segundo relembram ainda os d'esse tempo ; — é a deslumbrante e sensacional defesa que produziu advogando a causa abandonada de um infeliz escravo preso, por nome Thomaz.

De Pernambuco voltou ao Rio, e ahi, ao lado de seu erudito progenitor, fazendo prática de advocacia, e haurindo solidos conhecimentos juridicos, com o methodo de um espirito que nada misturava nem confundia, dedica-se com o maximo proveito a todos os estudos que deviam ser uteis á sua luminosa intelligencia.

No anno de 1872 dá á luz um bello trabalho de 294 paginas denominado *Camões e os Lusiadas,* occupando-se, na primeira

parte do livro, — do poeta antes da sua grandiosa êpopéa; na segunda do poema, e na terceira da velhice e morte de Camões. *O Novo Mundo*, interessante revista brazileira de New-York, redigida pelo actual director do *Jornal do Commercio* do Rio, o Dr. José Carlos Rodrigues, fazendo justos elogios ao livro diz, em Novembro do mesmo anno, o seguinte: «O autor deste volume faz uma bôa *estréa (?)* litteraria no Brazil, dando-nos um dos estudos mais serios que se ahi se têm publicado por muito tempo. Numa época em que a nossa mocidade lança no papel tanto verso «byronico» que ella certamente não sente; — e que publica tantas phantasias e «folhas cahidas, perdidas ou soltas» já não falando de maus romances — é realmente consolador acharmos um joven tomando por veredas não muito trilhadas e dando agora á luz um livro, de que pelo menos a intelligencia póde entender a significação de principio a fim.»

Ainda nesse anno, com 88 paginas, elle publica: *Le droit au meurtre,* «léttre à M. Ernest Renan».

No anno seguinte tres outras producções suas apparecem: — 1.ª O *Partido Ultramontano,* suas invasões, seus orgãos e seu futuro, com 65 paginas; — 2.ª A *Invasão Ultramontana,* discurso pronunciado no Grande Oriente Unido do Brazil, em 27 de Maio de 1873, 46 paginas; — e 3.ª *Castro Alves,* opusculo de 30 paginas.

Surge na imprensa ainda, em 1875, mais outra producção sua, a conferencia litteraria denominada — *Escola Veneziana.*

Então, no anno seguinte, resolvendo-se acceitar o cargo de addido de 1.ª classe de nossa legação nos Estados Unidos, partiu para aquelle paiz, servindo depois em Londres até 1879.

Coincidencia! Os primordios de sua carreira diplomatica foram justamente onde 24 annos, mais tarde, a morte terminal-a-ia, produzindo em todo o mundo civilisado um extraordinario echo, principalmente nos Estados Unidos, que sensacionalmente lamentou-a e salientou seus polymorphos talentos geniaes!

Mas em 1878, a 19 de Março, menos de dous annos depois de sahir da patria, lá no extrangeiro, uma pungente dôr vai ferir-lhe o coração affectivo: — a morte de seu admirado pai — o Conselheiro Nabuco de Araujo, a cujo valor precioso o filho,

posteriormente, deu maior relevo ainda na obra — *Um Estadista do Imperio,* — profundo estudo de grandes vistas philosophicas, um verdadeiro monumento erguido á memoria de seu pai.

— Chegamos a 1879. Nesse tempo vai começar o periodo mais radiante de sua existencia — o Abolicionismo. Subira ao poder o partido liberal, e Pernambuco o elegeu deputado á Assembléa Geral. Ao entrar na Camara identificou-se logo com a mais nobre das causas, tornando-se o advogado dos escravos.

Assim, sem demora, apresentou o projecto fixando a data de 10 annos, para a extincção do captiveiro no Brazil.

Realmente, sim, na campanha abolicionista elle teve incomparavelmente um papel inconfundivel, o de iniciador e principal impulsor da acção parlamentar.

Então, d'ahi por diante, rompendo com tudo e com todos, para ser fiel a si mesmo, era *leader* na Camara, orador nos comicios, mensageiro aos outros povos, tribuno das massas populares e representante nos congressos europeus. E de tal modo intervinha em toda a parte, poderosamente, arrastando, seduzindo e vencendo como uma força desta natureza brazileira que, no dizer de alguem, foi o scenario de um grande episodio da libertação humana.

Nesse entretanto, festejado orador que era e autor de excellente trabalho sobre o grande epico Luiz de Camões, commemorando-se deste, em 10 de Junho de 1880, o terceiro centenario de sua morte, — O Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro — convidou-o para seu interprete em tal solennidade, e elle correspondendo á confiança pronunciou como *discurso* uma primorosa e notavel peça litteraria que contém 30 paginas impressas.

Em torno da personalidade do intemerato paladino da redempção servil em sua patria, já se começava a agrupar grande numero de adeptos de suas ideias sympathicas e altruistas ; e assim se fundava no Rio de Janeiro, em 28 de Setembro desse anno, uma sociedade brazileira contra a escravidão, e o nome de Nabuco foi naturalmente o escolhido, como presidente.

E em sua immensa faina missionaria, em pról da santa cruzada da doutrina humanitaria, elle, sempre fitando a risonha

visão de seu formoso ideal, votando com amor todas as suas energias mais vivas, e as seducções de seu espirito superior, não perdia elementos nem campo para lançar a semente que deveria fructificar. Deste modo nesse anno publicou, sobre o Abolicionismo os tres opusculos seguintes :

Sociedade abolicionista contra a escravidão, — cartas do presidente Joaquim Nabuco e do ministro americano H. W. Hilliand sobre a emancipação nos Estados Unidos.

Manifesto da Sociedade Brazileira contra a escravidão.

Confederação Abolicionista, — conferencia a 22 de Junho de 1880 no theatro Polytheama.

No anno seguinte partiu para a Europa, e nessa viagem teve calorosas recepções das sociedades abolicionistas de varias capitaes.

E não foi isso só. Ao passar em Lisboa na occasião em que assistia a uma sessão da Camara Nacional, o notavel orador Antonio Candido propôz, salientando-lhe os predicados de renome, que se convidasse ao deputado brazileiro, como prova de consideração merecida, a assentar-se no meio daquella assembléa.

E Nabuco penetrando no recinto augusto respondeu á saudação que lhe dirigiu o insigne parlamentar portuguez, em discurso de arrebatadora eloquencia, que mais uma vez significava uma vibrante confraternisação com similhante povo a que tantos laços nos une.

Depois na Hespanha, tambem recebeu a mesma excepcional distincção, chegando um dos deputados que o ouviu em hespanhol a declarar que seu paiz tantas vezes acostumado a ver oradores da grandeza de Emilio Castellar, escutava entretanto, com immensa admiração ao extraordinario orador brazileiro.

Ainda identico acatamento teve no parlamento inglez, aliás tão adstricto ás formalidades rigorosas, e por isso mesmo um acontecimento pasmoso — a honra do recebimento de um estrangeiro em seu gremio ! E Nabuco, fonte inexgottavel de eloquencia em qualquer das linguas que falava, duplamente foi admirado porque se exprimia com a palavra facil e a pronuncia perfeita de um inglez nato.

De 1882 a 1884 foi em Londres correspondente do *Jornal do*

Commercio; e naquella cidade em Abril, de 1883, publicou um livro substancioso e magistral, com 250 paginas — REFORMAS NACIONAES, *O Abolicionismo*. Nelle o autor, em 17 capitulos, trata do seguinte: I. O que é Abolicionismo. A obra do presente e a do futuro. — II. O partido abolicionista. — III. O mandato da raça negra. — IV. O caracter do movimento abolicionista. — V. A causa já está vencida. — VI. Illusões até a Independencia. — VII. Antes da lei de 1871. — VIII. As promessas da lei de emancipação. — IX. O trafico dos africanos. — X. A illegalidade da escravidão. — XI. Os fundamentos geraes do Abolicionismo. — XII. A escravidão actual. — XIII. Influencia da escravidão sobre a nacionalidade. — XIV. Influencia sobre o territorio e a população do interior. — XV. Influencias sociaes e politicas da escravidão. — XVI. Necessidade da Abolição. Os perigos da demora. — XVII. Receios e consequencias. Conclusão.

Nesse mesmo anno de 1883 parte para Milão a tomar parte no Congresso Juridico Internacional, e todas as theses que apresentou sobre o trafego dos negros e a escravidão foram unanimemente approvadas.

Em 1884 o ministerio Dantas governa o Brazil, e Nabuco sympathico ao programma liberal d'aquelle estadista volta a seu paiz. Depois de publicar no Rio de Janeiro o opusculo — *Henrique George*, naturalisação do solo, — elle, candidato a uma cadeira de deputado no parlamento nacional, transporta-se ao Recife, afim de emprehender em conferencias successivas a campanha abolicionista. Eis a respeito o que disse um emerito jornalista pernambucano, em Janeiro de 1910, quando lamentava a morte do glorioso apostolo da Abolição:

«Na litteratura politica do Brazil difficilmente serão encontradas paginas que igualem, em brilho, elevação e eloquencia, as conferencias abolicionistas de 1884, no theatro Santa Isabel.

«Lidas hoje, a frio e dissipado o fluido que escaldava o espirito do povo naquelles tempos memoraveis, ellas ainda nos encantam, nos electrisam e nos enchem de enthusiasmo.

«Mas, para têl-as no seu devido valor, um valor extraordinario e irresistivel, seria preciso ouvil-as da propria bocca de Joaquim Nabuco, um dos typos mais complexos e mais comple-

tos de orador que esta parte da America já produziu. Era sem medida o prestigio de Nabuco na tribuna. Nelle, então, tudo encantava e seduzia; a estatura, o semblante, o timbre da voz, o gesto, a largueza de horizontes e de vistas, a belleza sem par das suas imagens e dos tropos, o imprevisto e o vigor da argumentação, a correcção inatacavel da linguagem — n'uma palavra, a eloquencia mais perfeita, mais rara e do melhor quilate.

«Essas conferencias de 84, no theatro Santa Isabel, eu as ouvi, bem moço ainda, da bocca de Joaquim Nabuco. Ouvi-as, como todos os seus ouvintes, em constantes arrepios de uma emoção que raramente me salteia diante dos oradores.

. . . .

«Dellas tive impressões que nunca mais recebi, — nem ouvindo José do Patrocinio, nem Ruy Barbosa, nem Gomes de Castro, nem Gastão da Cunha, nem Assis Brazil, nem Pedro Moacyr, nem qualquer dos nossos outros oradores consagrados.

«É que Nabuco possuia, elle só, todos os requisitos de oratoria divididos por aquelles oradores, tendo ainda outros por nenhum delles possuidos.»

Em 1 de Dezembro do mencionado anno fere-se a eleição, e é Nabuco diplomado pelo 1.° districto, o triumpho escravocrata negou a cadeira, dando-a ao candidato do partido conservador, o conselheiro Dr. Manuel do Nascimento Machado Portella.

Comtudo esse eclipse pouco durou, pois em Abril de 1885, tendo fallecido o deputado pelo 5.° districto, Dr. Antonio Epaminondas de Mello, os candidatos á vaga, Drs. Ermirio Coutinho e Joaquim Francisco Cavalcante, logo na immediata semana renunciaram suas pretenções em favor do vulto ingente, que entrou para a Camara nessa mesma sessão.

Por esse tempo o governo Saraiva conseguia a lei que declarou forros os escravos maiores de 60 annos; mas, Nabuco se insurgiu contra a mesma dizendo que no momento já não satisfazia, nem a que marcasse determinado prazo, pois sómente seria justa a decretação immediata da abolição do elemento servil.

E ao calor de suas ideias incendidas de sentimentos humanitarios e patrioticos, no paiz inteiro as sociedades abolicionis-

*

tas nasciam e se succediam; e como uma avalanche terrivel iam levando de vencida as ultimas barreiras do escravagismo, embora, seja dito em honra á verdade, muitos senhores passassem livremente carta de liberdade a seus escravos.

Com a quéda do partido liberal em Agosto, e subsequente ascenção ao poder dos conservadores, a Camara foi dissolvida. Nabuco fóra do Parlamento colloca-se no Rio de Janeiro em seu posto de honra, fazendo parte da redacção d'*O Paiz,* ao lado de Quintino Bocayuva e Joaquim Serra, escrevendo artigos de doutrina politica.

Em 1886 publica os opusculos: — *O erro do Imperador;* — — *Eleições liberaes e eleições conservadoras;* — e *Escravos,* versos francezes com versão portugueza em face.

Por esse tempo o Barão de Mamoré, pedindo demissão de Ministro do Imperio do gabinete Cotegipe, foi chamado para occupar a pasta o conselheiro Manuel Portella. E ao proceder-se á reeleição do referido ministro no 1.º districto, Nabuco derrotou-o nas urnas, e volta á Camara para dar maior impulso á causa da Abolição.

Nesse interim, fechadas as Camaras, foi a Roma solicitar do Pontifice Leão XIII sua poderosa interferencia em favor de uma causa que, desde Agosto de 1866, o Imperador D. Pedro II promettêra a illustres abolicionistas europeus impulsionál-a, como que não resistindo a uma exigencia inadiavel do sentimento christão. [1]

Ao voltar, porém, se encontra logo com o ministerio de 10 de Março de 1888, presidido pelo veneravel pernambucano, conselheiro João Alfredo Correia d'Oliveira, cujo programma era a abolição immediata. Sem consideração de partidos deu-lhe todo o prestigio de seu apoio, e na verdade a hora do triumpho ia soar!... E soou effectivamente no imperecivel dia 13 de Maio, com a glorificação de todos os heróes da bemdita e immortal victoria da redempção dos captivos no Brazil...

---

1 No bello livro *Minha Formação,* em deliciosas palavras se encontram em detalhes esses episodios todos da existencia de Nabuco; e vale a pena lêl-os, na propria obra.

Annos depois em um dos capitulos do mesmo livro *Minha Formação* elle recorda, com aquelle encantador modo de dizer que lhe é proprio, toda a phase da campanha abolicionista no Recife. Eis aqui algumas reminiscencias que nos impressionam tão docemente:

«Ah! o que não recebi nesses annos de lucta pelos escravos! Como os sacrificios que por vezes inspirei, eram maiores que os meus! Eu tinha a fama, a palavra, a carreira politica.... E' certo que não tive outras recompensas, mas essas eram as mais bellas para um moço, nesse tempo ávido de nomeada e das sensações do triumpho. Era o meu nome que sahia victorioso das urnas numa dessas eleições que electrisavam os espiritos liberaes de todo o paiz, que me traziam de longe as benções dos velhos *quakers* da *Anti-Slavery Society*, e até uma vez os votos de Gladstone.... Aquelles, porém, que concorriam para a victoria desappareciam na lista anonyma dos esquecidos. . Seus nomes, mesmo os principaes não echoavam fóra da provincia.... Só, dentre elles, José Mariano era conhecido de todo o paiz e reputado o arbitro eleitoral do Recife. Quem conhecia, porém, a Antonio Carlos Ferreira da Silva, [1] então simples guarda-livros em uma casa do Recife, que no entanto fez todas as minhas eleições abolicionistas? A verdade é que era elle o espirito que movia tudo em meu favor; sem elle tudo teria corrido em outra direcção... Essa é a melhor prova do caracter espontaneo, natural, popular, das minhas eleições do Recife, o ter bastado para fazêl-as um homem como elle, sincero, dedicado, intelligente, leal, habil, todo coração e enthusiasmo sob uma mascara de frieza e misanthropia, mas sem posição, sem fortuna, sem *status* politico, sem ligação de partido, simples abolicionista, nunca apparecendo em publico, e além do mais, republicano confesso.... Essa circumstancia só por si mostra bem a sinceridade, a humildade, a ingenuidade de todo esse movimento de 1884-1888. Esse foi o meu paranympho... Os muitos que trouxeram o seu valioso concurso para o successo da causa

---

1 Antonio Carlos falleceu em 1909.

commum, ou para meu triumpho pessoal, como aconteceu com tantos, comprehenderão meu sentimento quando ainda uma vez revelo o segredo da minha relação com o Recife, dizendo que Antonio Carlos, que nada era e nada quiz ser, foi o verdadeiro autor della... Não esqueço ninguem, a começar por Dantas, que me fez quasi forçadamente seguir para o Norte á pleitear um dos districtos da provincia; não esqueço de certo o Dr. Ermirio Coutinho e o Dr. Joaquim Francisco Cavalcante, de cuja dupla renuncia resultou a minha inesperada eleição pelo quinto districto, uma semana depois de annullarem o meu diploma pelo primeiro, passe eleitoral que surprehendeu a todos na Camara, e em que Antonio Carlos foi grandemente ajudado pelo seu amigo Dr. Coimbra. Tambem não esqueço José Mariano, cuja lealdade para commigo foi perfeita em circumstancias que poriam á prova a emulação e a susceptibilidade de outro espirito, capaz de inveja ou de ciumes; nem a suave physionomia, um puro Carlo Dolce, da sua meiga e amorosa D. Olegarinha, tão cedo esvaecida, a qual nas vesperas da minha eleição, que José Mariano fizera delle, contra o Ministro do Imperio, fez empenhar joias suas para o custeio da lucta, o que só vim a saber no dia seguinte, quando o partido as resgatou e lh'as foi levar... Não esqueço ninguem, nenhum dos chefes e centuriões liberaes, Costa Ribeiro, João Teixeira, Barros Rego, o Silva da Magdalena, Faustino de Britto, os Rochas do Peres: seria preciso citar cem, duzentos... Nenhum tambem desse grupo de abolicionistas que me recebeu com Antonio Carlos: Barros Sobrinho, João Ramos, Gomes de Mattos, João Barbalho, Numa Pompilio, João de Oliveira, Martins Junior, todos elles; não esqueço os brilhantes artigos de tantos jornalistas distinctos, sobre todos Maciel Pinheiro, o amigo de Castro Alves, austero, rutilante, genial, figura que lembra o traço velazquiano, ao mesmo tempo sombrio e luminoso. E são esses sómente os primeiros nomes que me vieram á penna. Outros, muitos outros, estão igualmente presentes ao meu espirito como Annibal Falcão e Souza Pinto, então os chefes intellectuaes da mocidade.

Duvido ter eu tido maior revelação, ou impressão exterior que ficasse actuando sobre mim de modo mais permanente, do

que essas eleições de 1884 a 1887, — a de 1889, posso dizer, feita a Abolição, não me interessava quasi. Ellas puzeram-me em contacto directo com a parte mais necessitada da população e em mais de uma morada de pobre tive uma *lição de cousas* tão pungente e tão suggestiva sobre o desinteresse dos que nada possuem, que a só lembrança do que vi terá sempre sobre mim o poder, o effeito de um exame de consciencia... Eu visitava os eleitores, de casa em casa, batendo em algumas ruas a todas as portas... A pobreza de alguns desses interiores e a intensidade da religião politica alimentada nelles fez-me por vezes desistir de ir mais longe... Doía ver o quanto custava a essa gente credula a sua devoção politica. Diversos desses episodios gravaram-se-me no coração. Uma vez, por exemplo, entrei na casa de um operario, empregado em um dos Arsenaes, para pedir-lhe o voto. Chamava-se Jararaca, mas só tinha de terrivel o nome. Estava prompto a votar por mim, tinha sympathia pela causa, disse-me elle ; mas votando, era demittido, perdia o pão da familia ; tinha recebido a *chapa de caixão* (uma cedula marcada com um segundo nome, que servia de signal), e si ella não apparecesse na urna, sua sorte estava liquidada no mesmo instante. « Olhe, Sr. doutor », disse-me elle, mostrando-me quatro pequenos, que me olhavam com indifferença, na mais perfeita inconsciencia de que se tratava delles mesmos, de quem no dia seguinte lhes daria de comer... E depois, voltando-se para uma criancinha, deitada sobre os buracos de um antigo canapé desmantelado : « Ainda em cima, minha mulher ha dous mezes achou essa criança diante da nossa porta, quasi morrendo de fome, roida pelas formigas, e hoje é mais um filho que temos ! » « No entanto estou prompto a votar pelo senhor, recomeçava elle, cedendo á sua tentação liberal, si o senhor me trouxer um pedido do brigadeiro Floriano Peixoto.» Esse foi talvez o primeiro *florianista* do paiz... « Póde vir por telegramma... Elle está no engenho, nas Alagôas... E o que elle me pedir, custe o que custar, eu não deixo de fazer... Telegraphe a elle...» «Não, não é preciso, respondi-lhe, vote como quer o governo, não deixe de levar a sua *chapa de caixão*... não arrisque á fome toda essa gentinha que está me olhando... Ha de

vir tempo em que o senhor poderá votar por mim livremente ; até lá, é como si o tivesse feito... Não devo dar-lhe um pretexto para fazer o que quer, invocando a intervenção do seu protector...» E sahi, instando com a mulher, supplicando, com medo que elle se arrependesse e fosse votar em mim.

Em outras casas o chefe da familia estava sem emprego havia annos por causa de um voto dado ao partido da opposição; a pobreza era completa, quasi a miseria, mas todos alli tinham o orgulho de soffrer por sua lealdade ao partido... E como entre os liberaes, entre os conservadores. Eram coherentes na miseria, na privação de tudo... Esse espectaculo seria de certo animador no mais alto gráu para o optimista desinteressado; este julgaria ter descoberto o refugio da verdadeira natureza humana escondida; para o candidato, porém, de cuja causa se tratava, era terrivelmente pungente surprehender assim a agonia da dignidade... Posso dizer, quanto a mim, eu não teria ousado ser mais um dia pretendente a um posto que custava tanto soffrimento, si não fosse para servir á causa de outros ainda mais infelizes do que essas victimas da altivez do pobre, da paixão e illusão politica do povo. Hoje, quem sabe, eu não teria talvez em nenhum caso a força, a coragem de insinuar aos bons, aos credulos, aos ingenuos, sacrificios pessoaes desta ordem em favor de uma causa que não fosse directamente delles. Faria com todos o que fiz com o bom Jararaca: aconselharia que não sacrificassem os seus... Mas a lucta pela justiça é isso mesmo, é o sacrificio de gerações inteiras pelo direito ás vezes de um só, para resgatar a injustiça feita a um opprimido, talvez um estranho. Decerto, não tenho remorsos nem me arrependo... Pessoalmente nenhum lucro tirei de todas as abnegações que vieram a mim; não capitalisei o soffrimento de tantos desinteressados... Consola-me nada ter tirado da Abolição sinão o gozo de algumas impressões de tribuna e de nomeada, que foram apenas uma expansão como qualquer outra da mocidade... Graças a Deus favor este inestimavel, nenhum lucro material, directo ou indirecto, me resultou nunca das idéas que me seduziram e com as quaes seduzi a outros...

Mas, ainda uma vez, o que recebi foi incalculavel. Só Deus

mesmo, que vê os soffrimentos que se escondem, e cujo orgulho é passarem invisiveis no meio da multidão, póde fazer tal conta. Sou um captivo do Recife. Ninguem que não tenha acompanhado um dos candidatos, de casa em casa, das areias do Brum aos canaes dos Afogados, durante a campanha da Abolição, póde avaliar o que custou áquelles bairros de população densa, vivendo na mais completa destituição de tudo, o acolhimento que me deram. Para chegar á Camara tive os hombros dos que não tinham de seu sinão o trabalho de suas mãos e que se arriscavam, carregados de familia, a vêr fechar-se-lhes no dia seguinte a officina, a ser despedidos, despejados, depois de me terem dado o voto... O que me fica de todo esse episodio, o unico de minha carreira politica, é um sentimento acabrunhador de fallencia... Meu unico activo é a gratidão. O passivo é illimitado... Foram milhares os que me offereceram tudo o que tinham, isto é, como nada tinham, o que eram, o que podiam ser, e posso dizer que o acceitei em nome dos escravos. Muitos ter-se-ão levantado outra vez e seguido seu caminho pelas estradas abertas desde então, mas que todas parecem conduzir á mesma miragem que abrasa o horizonte. Terão ido, ou irão indo, coitados, de illusão em illusão, de desprendimento em desprendimento, de lealdade em lealdade... Não importa. O facto para mim dominante é que em um momento da minha vida pedi e acceitei o sacrificio absoluto de muitos pela causa que eu defendia... De certo foi a mais nobre, a mais augusta das causas; mas o facto é que eu era alli o representante della, que em grande parte a dedicação, o sacrificio era por mim, como era meu o triumpho, minha a carreira, meu o futuro politico...

A impressão que me ficou da politica, excepto esse quadro doloroso do sacrificio ingenuo dos simples, dos bons, dos que soffrem, pelos que se elevam, posso dizer que me lembra um jardim encantado do Oriente, onde tudo eram fórmas enganadoras de existencias petrificadas, immobilisadas, á espera da palavra que as libertasse; onde a rosa que nunca desbotava exprimia a presença occulta de uma paixão que não queria perjurar-se; onde o marmore alabastrino das fontes significava o corpo immaculado de que vertia contínuo o sangue puro dos martyrios do

amor e da verdade; onde os rouxinóes que cantavam, eram pares de amantes a quem era defeso procurarem-se sob a fórma humana... Tudo alli estava suspenso, transportado á outra escala do ser, a outra ordem de sensibilidade e de affectos... Era o mesmo facto, mas com differente aspiração, differente consciencia, differente vontade, e para o qual por isso mesmo o tempo não corria, como no sonho... A scena politica foi tambem para mim um puro encantamento... Sob a apparencia de partidos, ministerios, Camaras, de todo systema a que presidia com as suas longas barbas niveas o velho de S. Christovão, o genio brazileiro tinha encarnado e disfarçado o drama de lagrimas e esperanças que se estava representando no inconsciente nacional, e á geração do meu tempo coube penetrar no vasto simulacro no momento em que o signal, o toque redemptor, ia ser dado, e todo elle desabar para apparecer em seu logar a realidade humana, de repente chamada á vida, restituida á liberdade e ao movimento... Por isso não trouxe da politica nenhuma decepção, nenhum amargor, nenhum resentimento... Atravessei por ella durante a metamorphose.»

. . . .

A 7 de Junho do seguinte anno deixa o poder o ministerio que realisára a emancipação dos escravos, e outro, do partido liberal, cuja presidencia do Conselho cabia ao Visconde de Ouro Preto, toma direcção dos negocios publicos, trazendo, por assim dizer, em cada departamento de seus ministros, um programma promissor de reformas necessarias e uteis, sobretudo reclamadas momentosamente. Sendo dissolvida a Camara, Nabuco volta a Pernambuco a pleitear novamente, no 1.º districto, sua eleição em que foi triumphante, fazendo conferencias no theatro Santa Isabel, como outr'ora, mas desta vez prégando a descentralisação federativa das provincias. E quando assim se conduzia foi proclamada a Republica.

Findo esse periodo heroico da historia de sua existencia, proscripta a monarchia, substituidas as questões nacionaes por lutas absorventes e extenuantes, o sublimado brazileiro retirou-se

da arena politica para abrigar-se na região serena do lar, penetrar com verdadeiro amor na litteratura, que era o irresistivel de seu espirito.

«Nesse instante de sua vida o escriptor firmou-se, disse-o alguem, e entrando na litteratura brazileira trouxe para ella o encanto das generalidades, a magia de um estylo feito numa trama delicada, cambiante, subtil a traço graphico e a graça indefinida e aerea; um estylo com a fórma capaz de dar o que póde haver de universal, em nossas aspirações.»

«Si a nação sente a falta do politico, diz Domicio da Gama, ganharam as lettras, ganhou o pensamento nacional com o retiro fecundo do escriptor. Entre o livro sobre o *Abolicionismo* e o estudo sobre *Balmaceda,* entre o discurso de homenagem a Camões e o da inauguração da Academia de Lettras, não ha sómente as differenças de idade e do cultivo intellectual, ha tambem as influencias claramente discrimináveis da vida combativa de outros tempos, da vida contemplativa de hoje. O espirito é o mesmo, generoso e nobre, sempre ascendente. O estylo muda dos arrojos e exhuberancias do periodo tribunicio ás finuras e profundezas reflexivas da phrase estudada, propicia ao aclaramento das ideias. De sorte que, considerado de um ponto de vista exclusivo, o ostracismo voluntario do Sr. Nabuco, foi para a vida litteraria um inesperado beneficio da Republica.»

Depois de escriptos mais ligeiros, como foram — em 1890, um *Manifesto,* contraditado pelo Sr. Candido Furtado de Mendonça Junior; — em 1891, a *Mensagem* dirigida e apresentada á Sr.ª Condessa d'Eu, no dia 13 de Maio, por alguns brazileiros residentes na Europa; — em 1893, *Minha carreira politica,* discurso; — *O Dever dos monarchistas,* carta com 32 paginas, ao almirante Jaceguay com observações sobre a funcção historica da monarchia no Brazil; — em 1893, o *Discurso* pronunciado na kermesse em favor dos feridos federalistas; o *Discurso* na inauguração da Academia de Lettras; — e *A Rainha Victoria,* jubileu da mesma em 1897, opusculo; publicou em 1896 com o conselheiro Dantas a obra:

— *Dom Pedro II,* livro que se divide em duas partes, a primeira contendo: — 1.º, A missão da imprensa; 2.º, Perfil de

jornal; 3.º, D. Pedro II; 4.º, Segundo reinado; 5.º, Dia a dia; 6.º, O que se argue ao Imperador; 7.º, Em nome da historia; 8.º, O funeral; 9.º, Prestito funebre, e em S. Vicente de Fóra. — A segunda parte consta: — 1.º, Cartas da França, do Barão do Rio-Branco, 2.º, Descripção completa da morte, ultimos momentos e funeraes de Pedro II; o termo de morte lavrado na *mairie* do 8.º Districto, camara ardente, guarda dos despojos mortaes, telegrammas e visitas de pezames. 3.º, Ultimos retratos, embalsamamento, como foi vestido o corpo, exposição publica durante tres dias, o caixão e a inscripção em latim. 4.º, Tocante despedida da familia, as flores e as principaes corôas com os nomes das pessoas que as enviaram. 5.º, Entrada do corpo á noite na egreja da Magdalena de Pariz. 6.º, Juizo da imprensa, aggressões. 7.º, O governo francez dando honras imperiaes ao corpo, convite para ás exequias, ornamentação do templo, tropas que concorreram ao funeral, suas bandeiras e inscripções. 8.º, O coche funebre, ceremonias, continencia militar, e mais de tresentas mil pessoas assistindo á partida do comboio, etc.

Balmaceda e a guerra civil do Chile — Rio de Janeiro, 1895, um vol. em 8.º, com 225 paginas.

A *intervenção estrangeira* durante a revolta. A intimação das potencias. O combate naval na bahia do Rio. A acção do almirante Benham. O asylo a bordo das corvetas portuguezas, 1 vol. com 144 pags. — Rio de Janeiro, 1896.

O *Jornal do Commercio* do Rio deu sobre este livro uma longa noticia que começou por estes termos:

«Os leitores já conhecem de sobra o valor desse trabalho, cujo exito em nada póde ser excedido com o concurso de nosso juizo. A guerra civil de 1893 é uma pagina da historia brazileira, cheia de ensinamentos para os que a queiram ver sem influencias da paixão politica. De lado a tremenda lição que ella representa para governantes e governados, no ponto de vista da politica interna; podemos ainda encarál-a como causa de factos, que nos interessam particularmente sob o ponto de vista da defesa dos portos e da invasão do nosso territorio pela fronteira do sul; e ainda como origem de incidentes novos no terreno do

Direito Internacional. Este lado das questões, que podem ser estudadas na guerra civil de 1893-1894, foi de frente encarado pelo Sr. Joaquim Nabuco, no livro com que acaba de brindar a litteratura brazileira. Raros espiritos entre nós estariam tão bem preparados para essa tarefa, como o brilhante publicista, hoje arredado pelas transformações da politica, da tribuna parlamentar, que foi o theatro de suas maiores conquistas. Entre os escriptores nacionaes elle distingue-se, principalmente, pelo cunho da originalidade com que encara as questões sujeitas a seu exame. Ha sempre no seu modo de encarál-as certa autonomia de pensamento, que não estamos acostumados a descobrir num paiz, em que muito se imita e pouco se pensa.»

Por essa época ainda dá á publicidade um valioso estudo sobre seu, por todos os attributos, dignissimo pai, o conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo, — verdadeira homenagem de amor filial, intitulada — *Um Estadista do Imperio,* um largo esboço quasi da historia do segundo imperio, em 3 vols.

A transcripção que adiante se lê dá uma idéa rapida da maior veneração e do modo singular como o impressionava aquelle vulto moral, crystalino espelho onde se procurava rever; e que, sem medo nenhum de errar, póde-se affirmar, elle foi muito mais longe, porque, typo giganteo deixou em tudo sulcos mais profundos de sua trajectoria entre os mortaes.

Eis um excerpto de pagina íntima e cheia de magia, do livro *Minha Formação,* a que nos referimos, á qual intitulou:

MEU PAI

«Por onde quer que eu andasse e quaesquer que fossem as influencias de paiz, sociedade, arte, autores, exercidas sobre mim, eu fui sempre interiormente trabalhado por outra acção mais poderosa, que apezar, em certo sentido, de extranha, parecia operar sobre mim de dentro, do fundo hereditario, e por meio dos melhores impulsos do coração. Essa influencia, sempre presente por mais longe que eu me achasse della, domina e modifica todas as outras, que invariavelmente lhe ficam subordinadas. É aqui o momento de fallar della, porque não foi uma in-

fluencia propriamente da infancia nem do primeiro verdor da mocidade, mas do crescimento e amadurecimento do espirito, e destinada a augmentar cada vez mais com o tempo e a não attingir todo o seu desenvolvimento sinão quando posthuma. Essa influencia foi a que exerceu meu pai...

«Quando eu o vi pela primeira vez, em 1857, elle tinha quarenta e quatro annos e acabava de deixar o Ministerio da Justiça.

. . . .

«Foi muitos annos depois da sua morte, estudando-lhe a vida, meditando sobre o que elle deixou do seu pensamento, compulsando o vasto archivo por elle accumulado, a sua correspondencia politica, os testemunhos, as controversias, suscitadas pela sua acção individual e as consequencias a ella attribuidas por amigos e adversarios, que abrangi a personalidade politica de meu pae. Na mocidade ser-me-ia impossivel ter delle a comprehensão que depois formei; eu não teria as faculdades para isso, a calma necessaria para admirar o que só falla á razão, o espirito de systema, o genio constructor. Mas si o estadista só podia ser medido e avaliado por mim em outra phase do meu desenvolvimento, não soffri, todo a vida, influencia directa e positiva como a admiração que tive pelo homem. Sua grande sciencia eu sabia bem, eu via estar nelle e não nos livros, que litteralmente não eram sinão autoridades de que elle se servia para o publico, juizes, collegas... Mais, do que, porém, sua sciencia, o que me dominava nelle era a harmonia visivel da sua estructura mental e moral, manifestada por uma serenidade e uma doçura sem igual.

. . . .

«É para mim, hoje uma causa de arrependimento e compuncção o não ter tido como principal aspiração saciar-me, saturar-me d'elle, fazer do meu espirito uma cópia, um borrão mesmo, do que havia impresso e gravado no delle, quando mais não fosse, das notações que um instante retive, mas deixei apagar... Ha lacunas que não me seria possivel reparar... Estou-me lembrando agora dos grandes volumes encadernados que faziam companhia no degredo do escriptorio á duplicata dos velhos pra-

xistas.... Era a collecção dos periodicos em que collaboràra ou redigira no Recife.... Estavam alli vinte annos da sua vida... Toda essa serie dispersou-se, desappareceu... Porque não coincidiu o interesse profundo incomparavel, que tudo isso depois me inspirou com o tempo em que vivi ao lado d'elle? Este desejo de recolher os menores vestigios do seu pensamento, os traços mais fugitivos da sua reflexão, que sempre era, na esphera em que elle produzia, pessoal, creadora, transformadora do assumpto que tratava, só me veio quando já não podia recorrer a elle, pedir-lhe esclarecimentos, fazêl-o animar para mim aquella poeira com a vida que estava só n'elle, dar-me a chave, o espirito da época, o caracter, o alcance, a verdade real do que ali se representava, e de que só elle possuia as limitações, a escala, o padrão definitivo em que tudo devia ser tomado... E em relação aos personagens que conhecêra, com quem vivêra! Porque não fiz passar deante delle, sem cançál-o nem forçál-o, a galeria dos seus contemporaneos para apanhar o vestigio que lhe ficára de cada um?... No entanto, quanto não conversei com elle! Annos inteiros meu maior prazer eram as horas que elle nos dava cada dia e em que me embebia em ouvil-o, e, ainda mais, em vêl-o.... Hoje sinto não ter tido a ambição de não ser sinão o apparelho que recebesse para conservar o mais que fosse possivel delle, e cuja presença contínua ao seu lado lhe fosse recolhendo as reminiscencias, os pontos de vista, as imagens representativas, que cincoenta annos de actividade cerebral traçaram em seu pensamento.»

. . . .

Seguidamente produz o citado e precioso livro — *Minha Formação,* donde, como dissemos, são as linhas anteriores, — a obra do artista e de lições virtuosas que a mocidade deve lêr, pois é a narração de uma vida exemplar, altiva e pura, como foi a do extraordinario Joaquim Nabuco. Os mais elevados ensinamentos civicos alli reçumam; vê-se tambem a historia de um homem de coração, espirito bem acendrado do patriota, alma rica e *Aurelia* de todos os raros predicados que difficilmente se encontram em consorcio, consubstanciados, de uma só vez, na mesma individualidade. . . . .

Escriptos e discursos litterarios — foi ainda outra obra em que ramalhetou em volume varios trabalhos inéditos que andavam esparsos.

E, encerrando a lista bibliographica de suas producções, onde se contam com immenso relevo as *Memorias* sobre a questão nossa ácerca da Guyana Ingleza, mencionemos por fim seu ultimo livro publicado — *Pensées Detachées,* uns tres annos antes de sua morte, o qual mereceu da critica competente brazileira e da estrangeira, especialmente em França, do orgão autorizado do sabio Emile Faguet, as mais honrosas referencias.

De similhante obra destacamos, para melhor salientar o pensador, os seguintes trechos:

« Infeliz de quem entre nós não tem outro gosto senão o de abater. »

« Todo homem e toda mulher trazem uma mascara através da vida que ninguem tem o direito de arrancar e que não são obrigados a tirar senão deante de Deus. »

« Não tenho estudado nenhuma sciencia, não possuo nenhuma lingua, nem os processos de nenhuma arte: não sou, portanto, um escriptor; eu não me classifico pelo pensamento, nem entre os vertebrados, nem entre os articulados, mas entre os simples espongiarios do grande oceano humano. Como a esponja, não faço senão me embeber em sua onda, não *sentindo o seu amargor mas sómente a sua frescura.* »

« O seculo XIX terá abalado o systema nervoso da humanidade como nenhum outro. Gerou talvez as maiores cousas da

invenção humana; mas augmentou extraordinariamente a pressão da vida sobre o cerebro. *O homem nelle entrou em sege de posta e delle sahiu em automovel.* »

« Si se me prova que um rito não é senão a transformação de um rito pagão anterior, que o incenso era já queimado nos templos romanos; que o padre volta, á missa, ás mãos, como o sacrificador antigo, não se faz para mim senão ajuntar um prestigio mais á ceremonia que se quer destruir. É um curioso systema para desenraizar uma crença, para mostrar em que ponto as suas raizes são profundas.

No fim de tudo, se Deus não existisse a religião teria tido um papel, se possivel, ainda mais bello, porque ella teria tomado o seu logar. »

Poeta, elle o era entre os melhores, mas nunca colleccionou suas producções desta natureza, dizendo que lhe faltava a *alma e a fórma do verso*. Entretanto, no velho mundo individualidades de competencia elevada affirmavam que suas poesias *eram de uma rara distincção*. E a verdade é que até em lingua estranha á natal tinha immensa facilidade de jogar com a palavra como entendesse. Em lingua franceza eis pequeno exemplo :

La terre est une triste et bien sombre demeure ;
Pour que l'homme s'attache á ce terrible lieu,
Il faut que le poète avec lui souffre et pleure,
Et lui fasse espérer l'adoption de Dieu.

Car Dieu toujours est loin, et notre humble prière
Ne le fait point descendre á ce séjour du mal;
En vain nous l'appellons et crions : Notre Père !
Il n'est encore pour nous qu'un soupir, l'ideal.

. . . .

Tu penses arrêter le sang de notre vie,
En l'emparant des *rails* de nos chemins de fer;
Nous avons cinquante ans pour changer de patrie,
Pour nons enrôler, tous, contents, dans la *landwehr*?

Ah! la force t'inspire autant de confiance
Que nous en puiserons dans le droit éternel?
Nous sommes les deux bras mutilés de la France,
Qu'elle tend toujours vers le ciel!

JOAQUIM NABUCO.

(*Ode á França. — E' a Alsacia Lorena que fala á Allemanha*).

Antes de continuarmos a narração chronologica de sua luminosa carreira, até o fim, nos detenhamos por um pouco, para ainda transcrever uma revelação affectiva que o filho de Pernambuco, faz saber á terra de seu berço, deixando assim fóra de duvida que a ausencia, tempo, distancia, circumstancias varias da existencia, influencia de outros paizes, povos e o contacto com outros meios, nada, nada poude apagar-lhe do coração o amor entranhado que desde a infancia lhe votára. Vide:

. . . .

«Ha relações que me prendem a diversos pontos do Paiz, tenho orgulho em confessal-o, eu quizera multiplical-as. Ha, por exemplo, um laço intellectual que me prende a S. Paulo, — hoje uma simples recordação; ha um laço complexo de associações variadas cobrindo mais de metade da minha vida, que me prende ao Rio de Janeiro; ha o laço abolicionista que me prende ao Ceará; mas nenhuma dessas relações se confunde nem sequer se compara com a identificação de alma e coração que me prende a Pernambuco, tão intimamente como o filho com a mãe, e de tal fórma que, se por uma dessas terriveis fatalidades, que eu daria a ultima gotta do meu sangue para evitar, esse magnifico territorio fosse quebrado ao meio ou em pedaços, eu pensaria tanto em não ser Pernambucano, como hoje penso em não ser Brazileiro. Sinto-me tão Pernambucano como quem melhor o seja. Ninguem faz mais sinceros nem mais ardentes votos do que

eu para que Pernambuco reconquiste no futuro algum reflexo pelo menos da hegemonia nacional que, capitania ou provincia, exerceu no passado, do papel que representou neste Brazil em cuja alma insuflou o espirito de nacionalidade, o espirito de independencia e o espirito de liberdade!

. . . .

Neste logar é licito ainda, em pequeno desvio do assumpto, transcrever o que elle — o abolicionista maximo, — disse de uma gloriosa associação d'aquella época, de esquisito titulo, — *O Club do Cupim,* — o qual, sem estatutos, tinha sómente um objectivo, — a libertação dos escravos, por *todos os meios:*

. . . .

«Si o Ceará teve a jangada, Pernambuco teve a barcaça. A differença foi que as jangadas cearenses negavam-se a transportar até aos vapores os escravos vendidos para o sul, e as barcaças pernambucanas levavam para o norte os escravos fugidos da provincia. As jangadas da Fortaleza, com o signal—*no porto do Ceará não embarcam mais escravos,* fizeram a *gréve* de 27, 30 e 31 de Janeiro de 1881, que, de episodio em episodio, chega ao 25 de Março de 1884, quando o Ceará se liberta quatro annos antes do Brazil. As barcaças, ao contrario, não é pela immobilidade que luctam, é com as vellas; não rejeitam os passageiros propostos, recebem quantos sua tonelagem comporta, o dobro mesmo; fazem o contrabando dos livros com a mesma audacia com que se fizera outr'ora o contrabando de escravos. Essa foi a obra do Club do Cupim, que decerto não morrerá na tradição provinciana, e cujos nomes mais notorios eram João Ramos, José Mariano, Barros Sobrinho, Numa Pompilio, Guilherme Pinto, Nuno da Fonseca, os personagens da peça popular de um actor, Thomaz Espiuca. Não sei bem si todo o abolicionismo do Recife tomava parte nas deliberações desse club; sei que era solidario com ellas e que todos auxiliavam as obras, facilitavam os embarques, aguardavam e guardavam as partidas. Como o Abolicionismo era uma vasta rêde espalhada por toda a cidade, é impossivel apreciar dedicações e serviços, porque ás vezes em taes casos os serviços mais importantes não transpiram e os auxiliares mais uteis ficam por modestia ou obediencia na penumbra.»

*

. . . .

Quando finda a campanha abolicionista, como uma graça especial aos relevantes serviços prestados á sacro-santa causa do captiveiro, ia ser-lhe conferido o titulo de Conde da Redempção. Elle, porém, que não era cioso de vaidades, ao saber não só recusou, mas até obstou. Sentia-se feliz e bem pago vendo realizado o formoso ideal sonhado, pelo qual se batera longamente como um fanatico, dando todas as forças de seu altissimo prestigio intellectual. E fez bem, sim, em não trocar seu nome aureolado e querido de JOAQUIM NABUCO, por uma condecoração que outros tantos têm conseguido e mesmo sem merito algum.

Achava-se então o excelso brazileiro afastado dos negocios publicos no regimen republicano, e considerando mesmo terminada sua carreira politica, quando o governo do Dr. Campos Salles, vendo que a patria não podia prescindir de seus serviços, appellou para sua capacidade, competencia e patriotismo.

Elle, que entre a patria e o sentimento partidario, não comprehendia resistencia, nem a patria poder admittir rivalidade, acceita a incumbencia de ser o advogado brazileiro, na pendencia com a Inglaterra a respeito da Guyana, questão em que foi arbitro o rei de Italia, Victor Emmanuel III.

E, disse o *Jornal do Commercio,* — «o esforço empregado na defesa da pretenção brazileira foi inexcedivel, e os vastos trabalhos de analyse e synthese que escreveu são um monumento de reconstrucção historica e polemica diplomatica.»

Nesse sentido tambem no *Dictionnaire des Écrivains du Monde Latin* o Conde Angelo de Gubernatis manifestou sua insuspeita e autorizada opinião; e, depois de assignalar o activo de toda sua obra litteraria, cujos trabalhos affirmou se distinguirem por um grande vigor, elevação de pensamento e rara elegancia, disse:

« Ao triplice relatorio do rei de Italia, ácerca da questão de arbitramento no litigio com a Inglaterra, — tres memorias do grande brazileiro sustentam claramente, por meio de documentos e argumentos irrefutaveis, os direitos historicos absolutos do Brazil sobre a bacia do Amazonas. »

Si a sentença do arbitramento foi contraria ás legitimas reclamações do Brazil, isso nada prova contra a justiça da causa,

sustentada com rara bravura e rara moderação pelo nobre representante do Brazil; pois que ainda defendendo os direitos do seu paiz, em todo esse pleito o Dr. Nabuco nunca faltou com o respeito á poderosa nação com a qual o Brazil se achava em conflicto.

Assim concluiu o illustre diplomata na sua douta e eloquente exposição final:

« Em tudo que submettemos ao Augusto Arbitro nada deve ser comprehendido como falta de attenção á grande nação a quem disputamos o territorio. O autor e signatario destas Memorias sempre sentiu pela Inglaterra e seu papel na historia da civilisação, uma admiração tão sincera, que o seu respeito por ella nunca faltará. »

— Não póde haver nada de mais cavalheiroso que este jogo de armas entre o diplomata latino e o diplomata anglo-saxão; mas o fraco devia succumbir ante o poder sem contraste anglo-saxão e suas exigencias, que forçaram talvez a mão á justiça em detrimento de um povo latino. —

Depois disso o governo brazileiro ainda lhe confiou, substituindo ao eximio diplomata o Barão de Penedo, a missão de Ministro Plenipotenciario em Londres, sendo dali removido para os Estados Unidos que, em 1905, elevada á Embaixada, foi Joaquim Nabuco o primeiro escolhido como embaixador junto áquella Grande Nação.

Ao chegar á America do Norte, desde logo começou a conquistar as mais vivas sympathias das summidades politicas, e particularmente do ex-Presidente Roosevelt, e consagrou-se inteiramente á grandiosa obra do prestigio brazileiro, mas com inegualavel afan em pról do renome da patria no estrangeiro.

Em Janeiro do seguinte anno de 1906, a *Columbia University* conferiu-lhe solemnemente o gráo de doutor, homenagem excepcional que significava bastante o subido apreço em que era tido nosso Embaixador. Posteriormente prestaram-lhe identicas distincções as universidades de Yale e Wisconsin, repetindo-se de então por deante outras.

Naquelle mesmo anno devia realizar-se no Rio de Janeiro a

3.ª Conferencia Pan-Americana, e Nabuco, muitos annos já afastado de sua patria, vem assistir á mesma conferencia. Em Julho, pois, de passagem para aquella capital, a bordo do *Thames,* salta no Recife, de onde sahira, havia muito tempo, moço, com sua bella cabeça emmoldurada de bastos cabellos pretos e uns formosos bigodes egualmente negros.

Toda a gente que outr'ora o viu e se electrizou deante da magia do tribuno, nessa occasião, simultaneamente á alegria de tornar a vêl-o e abraçal-o, fitando-lhe os cabellos brancos sentiu a tristeza doer na alma, um certo despeito com o tempo que não respeitava aquella magestade humana. Temos ás vezes dessas illusões de pretendermos illesos, intangiveis do estrago, o que é objecto de nossa admiração.

Quem escreve estas linhas tambem foi invadido de taes sentimentos.

No theatro Santa Izabel, o campo triumphal de suas aureas glorias abolicionistas, em nome do povo que o acclamava delirante, um robusto talento hoje esvaecido e envolto no sudario da morte, o Dr. Phaelante da Camara, recebendo o glorioso filho de Pernambuco, dirigiu-lhe a seguinte saudação:

« Ex.^{mas} Snr.^{as}!

« Meus Senhores!

« O magestoso pernambucano a quem eu vi pela primeira vez neste mesmo recinto, quando jorravam dos centros affectivos do Recife as represas de misericordia pelos escravos, vem, por alguns instantes, pousar de novo nos degraus desta tribuna, a que os lampejos chromaticos da sua eloquencia deram a aureola de immortalidade.

« Estão aqui muitos dos que tiveram outr'ora a fortuna de ouvil-o, trazidos hoje pelos laços suggestivos das recordações; está a juventude gloriosa da Academia do Recife, que se póde gabar com justo orgulho de ter tido a iniciativa desta homenagem; está o Governador do Estado em collaboração com as diversas classes sociaes; está o velho tribuno pernambucano, conservando o ardor sagrado dos enthusiasmos civicos sob os seus cabellos brancos, como no inverno os vulcões se corôam de

neve; está o legendario *Club do Cupim,* vibrando de emoção como nos grandes dias das suas façanhas inenarraveis ; estão as associações de lettras, que vêm sentir de perto os fluidos magneticos da palavra de quem é, sem contestação, o principe dos oradores brazileiros ; estão os rudes homens do povo, que possuem nas fibras intimas do ser moral as raizes caracteristicas da justiça humana ; mas ha alguma cousa que se não vê e se perde nos atomos impalpaveis da atmosphera : — é o espirito immanente da Abolição, que vem fazer uma visita de honra ao seu grande apostolo.

« Talvez não seja proprio fazer vibrar numa solennidade festiva as notas de tristeza do nosso teclado psychico ; mas eu sinto que não corresponderia aos meus deveres de equidade, si não lembrasse a procissão de mortos, que, neste momento, estão passando no campo visual de nossa memoria.

« Elles vieram tambem a esta formatura solenne.

« Barros Sobrinho, Faustino de Brito, Corbiniano de Aquino, Costa Ribeiro, Barros Rego, Paula Rocha, José Marcellino da Costa, na constancia dos seus ideaes ; Numa Pompilio, com os seus assomos de nihilista ; Paula Mafra, com os seus sonhos de completo nivelamento social ; Maciel Pinheiro e Martins Junior, com os seus pendores irreductiveis de republicanos ; todos esses se movem na via-sacra de nossas pungentes saudades, como as vistas de um cinematographo que estivesse dando vida e calor a scenas desapparecidas.

« É certo que o grande cidadão está presentemente investido do maior cargo da nossa representação internacional ; mas foi na propaganda da humanitaria causa que elle fez a sua estrondosa nomeada, e não será um exaggero dizer que o Embaixador do Brazil nos Estados Unidos é ainda um brilhante prolongamento do Abolicionismo.

« As honras extraordinarias que elle tem recebido no extrangeiro, como diplomata, não excedem ás manifestações de sympathia expontanea que lhe foram tributadas quando levou as mensagens dos escravos ao recinto da *Anti-Slavery Society,* ou ao seio carinhoso de Leão XIII.

« Isto quer dizer que no propagandista e no diplomata con-

fluem as mesmas aptidões nativas e o apuro inconfundivel das linhas de distincção que, pelo lado materno, elle recebeu da velha fidalguia de Pernambuco.

« Com estas qualidades de primeira linha, o nosso eminente patricio se viu bem armado para vencer nas diversas espheras da intelligencia, em que ainda é possivel moldar o antigo padrão da dignidade humana.

« O realce que elle tem dado no extrangeiro aos nossos titulos de civilisação, primando no perfil, nas maneiras, na intelligencia e no caracter, mostra o quanto se poderia ter enganado quando, alludindo ao typo superior do Barão de Penedo na sua *mansão* de Londres, *32, Grosvernor Gardens,* disse « que o seu molde diplomatico está para o Brazil tão irremediavelmente perdido como para Veneza o dos seus embaixadores dos seculos XVI e XVII. »

« Não está perdido esse molde, felizmente, salvo si é preciso assim julgar por ter o Embaixador do Brazil em Washington tornado mais amplo.

« Por mais extraordinario que fosse o brilho da nossa legação em Londres ao tempo do saudoso Barão de Penedo, com o privilegio de receber entre os seus convidados a realeza da Inglaterra nas pessoas do principe de Galles e da sua encantadora consorte, não teve o poder de focalização de nossa embaixada nos Estados Unidos.

« As tradições excellentes que o Sr. Dr. Joaquim Nabuco deixou em Londres, o formidavel dispendio de talento, erudição e patriotismo com que se empenhou na questão da Guyanna perante o rei da Italia, o relevo proprio com que se tem apresentado em Washington, a ponto de receber honras memoraveis e ruidosas de grandes corporações scientificas, dão o cunho da superioridade espiritual com que elle se tem conduzido no extrangeiro.

« No entanto, não é sómente no caracter de plenipotenciario, ou no papel de abolicionista que elle se impõe aos nossos applausos.

« Os seus foros incontestaveis de erudito reclamam por sua vez menção honrosa.

« Poeta, si elle suppoz « faltar-lhe a forma do verso », espiritos de real competencia no velho mundo disseram-lhe que «as suas poesias eram de uma rara distincção ».

« Critico, servem-lhe de recommendação o *Camões* e os *Lusiadas,* as conferencias a proposito da Arte no Salão da Gloria, e os folhetins litterarios *A's Segundas,* no rodapé do *Globo.*

« Como deputado, si elle poz ao serviço das grandes causas a eloquencia, a mocidade, os attractivos physicos que lhe deram fama nas rodas aristocraticas, foi antes do mais um homem de cultura, sabendo exercer os deveres civicos no convivio das idéas.

« Retirado do scenario politico pelos effeitos bruscos do 15 de Novembro, que abalou até aos alicerces as convicções da collectividade brazileira, Joaquim Nabuco, em quem o liberalismo não fôra um simples incidente, mas uma aspiração synthetica da vida, procurou no dominio exclusivo das lettras a serenidade espiritual.

« Datam deste periodo o *Balmaceda* e a *Intervenção Extrangeira ;* o trabalho empolgante de auto-psychologia sob o titulo — *A Minha Formação* — que antes de tudo, revela no autor a diathese do artista para quem « a politica, felizmente, possue lados mal definidos que confinam com a *Arte,* a *Religião* e a *Philosophia ;* o livro de amor filial e rigorosa justiça historica — *Um Estadista do Imperio* — no qual, traçando a vida preciosa do Senador Nabuco e fazendo a exposição da sua época, nos deu quasi de conjuncto o segundo reinado.

« Por esses motivos justos elle não pertence a grupos, nem a seitas, e dentro das fronteiras pernambucanas constitue a maior riqueza do patrimonio commum. Desde o Governador do Estado até o ultimo homem de côr que o 13 de Maio fez cidadão, desde os velhos arrastando a carcassa despolpada pelos achaques da vida até os jovens que acreditam nas cousas porvindouras, e na victoria da saude, todos têm o direito de tomar parte nesta homenagem ao pernambucano que o Sr. Garcia Merou affirmou ser o maior vulto da America Latina.

« E por mais fundas que fossem as nossas dissenções, os filhos desta formosa terra poderiam sentir-se á vontade nesta

região neutra da nossa estima por um compatriota que é o mais digno de todos.

«Faz vinte e dous annos que me foi confiada a incumbencia honrosa de saudal-o numa estuante assembléa popular em nome do eleitorado liberal de S. José.

«Cabe-me de novo a honra de lhe dirigir a palavra em nome do povo pernambucano e numa festa promovida pela mocidade academica, que não tem preoccupações de seitas e só abate os seus pendões gloriosos deante do verdadeiro merecimento.

«Isso vem provar o seguinte conceito de Taine: «Um povo é sempre o mesmo em toda a idade e em qualquer phase de uma civilisação. Os cinco ou seis instinctos primitivos que formam a raiz do seu temperamento seguem-no por toda parte.»

«No povo pernambucano é digna de nota a permanencia dos institutos primitivos que lhe deram a hegemonia nos tempos da colonia e dos quaes não é o menor o de render justiça aos que se fazem merecedores della.

«Si é assim, não é menos exacto, que sob certos aspectos, o cantar da victoria de Alcebiades nos torneios athenienses acertou quando disse que a primeira condição da fortuna do homem é a de ter nascido em uma cidade celebre.

«E' o que nós chamariamos hoje ás condições do meio.

«Quero dizer que, si os nossos instinctos primitivos nos impellem a trazer os desinteressados tributos de admiração ao egregio conterraneo, é por este ser o maior portador das virtudes excelsas do seu meio indigena, de fórma que, em nosso justo amor proprio, cada um de nós póde affirmar com desvanecimento: — o cidadão que está representando o Brazil nos Estados Unidos é um genuino producto das qualidades que formam ás nossas tradições de honra.

«Dizia Stendhal que o amor semelha a um ramo secco lançado ao fundo de uma mina; os crystaes cobrem-no, ramificam-se e acabam por transformar o madeiro em um alfinete de puros diamantes.

«O ramo secco de nossa vida obscura enraiza-se e reverdece sempre que o plantam no terreno fertil do civismo e o estimulam com a rega vivificante dos grandes ideaes.»

E Nabuco «na sua velhice risonha e sonhadora, um grande symbolo, a persistencia nas ideias e nos sentimentos, lição perenne de fé no futuro deste opulento paiz», respondeu:

«Meus senhores.—Eu não pretendo levantar-me á altura desta manifestação.

Muitos annos se passaram desde que pela ultima vez eu falei do palco deste theatro, onde a verdade historica será esta: aqui nós ganhamos a causa da Abolição. *(Muito bem).*

Muitos annos se passaram no estado de meu espirito, differente daquelle que me traz á tribuna popular, de maneira que eu hoje me sinto mal, em posição de assombro, deante da tribuna de onde falei pela ultima vez.

«Hoje posso aqui repetir estas celebres palavras de Mont'Alverne: «E' tarde! E' muito tarde!»

«Mas, uma satisfação tenho agora maior ainda do que todas as que tenho tido: é a de ter trazido a este recinto os meus illustres companheiros de representação pan-americana; é de mostrar-lhes este theatro, o verdadeiro theatro onde se ganhou a renhida batalha da Abolição. *(Muito bem! Palmas).*

«São estes mesmos homens, são estas mesmas cores, são estas mesmas senhoras, esta mesma mocidade, são oradores como aquelles de quem acabastes de ouvir as idéas da alma pernambucana, que é o orgulho, o desvanecimento do nosso povo!

«Oh! senhores delegados, quanto é importante para uma nacionalidade a alma, o espirito!

«As riquezas de nada valem.

«O progresso material não conta, o que conta a vida de uma nação é a alma, é o espirito desse povo, e podeis attestar que o espirito do povo pernambucano é cheio de opulencia. *(Muito bem! Palmas).*

«Meus senhores: eu vos agradeço com sinceridade esta manifestação.

«Eu teria de ser verdadeiramente insaciavel para não me satisfazer completamente com uma manifestação como esta.

«A vossa generosidade, ligada a todos os outros predicados

do povo pernambucano, mostrou-se tão grande, que não posso medil-a.

« Eu vos agradeço e vos peço que esta homenagem singular seja distribuida pelos delegados das nações irmãs ao Congresso Pan-Americano.

« Ao Sr. Walker Martinez, delegado da grande Republica do Chile, *(muito bem e palmas)*, sempre amiga do Brazil; a elle, um vulto notavel que se salienta em seu paiz; um chefe, um dos chefes dessa campanha dos chilenos, que figura nas paginas da historia da America do Sul, como um dos feitos mais gloriosos; *(Palmas)*.

« Ao representante do Mexico que deixou nas paginas immortaes de sua historia o protesto á invasão franceza; *(Muito bem)*.

« Aos Srs. representantes das duas republicas de S. Salvador e Costa Rica, republicas ora reunidas, ora divididas, mostrando que têm o mesmo ideal, os mesmos principios; *(Muito bem)*.

« Ao representante de Cuba, tão moço e, posso dizer tão bello, como sua terra, o vulto da revolução, como muito bom diplomata de seu paiz; *(Palmas)*.

« A todos que me acompanham nos sentimentos da patria, como a todos os nossos collegas, que não puderam vir á terra, que não puderam enfrentar as asperezas do mar, não puderam conhecer Pernambuco;

« Eu vos peço que façaes uma manifestação unanime e generosa, que torne na obra completa da Conferencia Pan-Americana, alta a idéa de Monroe, que hade fazer da America um povo unido, um mundo americano, um mundo amigo... *(Muito bem!... Palmas)*.

« E, como a manifestação é academica, eu peço ao professor de linguas da universidade de Philadelphia, que diga algumas palavras ao povo pernambucano sobre as idéas que me vem transmittindo em viagem. »

(Muito bem! Muito bem! Applausos prolongados).

Horas depois o *Thames* conduzia em demanda á Capital Fe-

deral, o nobilissimo brazileiro e seus companheiros de viagem, delegados de algumas republicas ao Congresso Pan-Americano.

A figura de Joaquim Nabuco na presidencia do mesmo Congresso ao lado de Elihu Root, de Rio-Branco, de Montagna, de Row, de Epiphanio Portella, de Walker Martinez, de Gonçalo Quesada e outros, foi memoravel, e elle trabalhou efficazmente para tornar estreita a união das Republicas Americanas.

No Casino Fluminense, a 23 de Julho, foi-lhe offerecido um banquete, e o embaixador Norte Americano Sr. Lloyd Griscom, em um dircurso em portuguez relativamente á pessoa delle, assim se pronunciou :

« Não tenho medo de errar quando digo que, ha muitos annos não ha em Washington um representante extrangeiro que tenha produzido tão profunda impressão e que tenha tido um successo pessoal tão extraordinario. Ha apenas oito mezes o Sr. Joaquim Nabuco está alli, no meu paiz, e já occupa um logar especial, não sómente junto do illustre Presidente Sr. Roosevelt, mas ainda no coração do povo. »

De volta dos Estados Unidos, Nabuco proseguiu na sua grande obra de confraternidade, trabalhando sempre com afinco para elevar o nome do Brazil, e para estabelecer uma cordial intelligencia entre a poderosa Republica e as nações latinas da America.

Nesse banquete o egregio extincto pronunciou a seguinte sensacional peça oratoria:

«Meus senhores! Desde o Recife eu me declarei fallido, em breve, baldo de expressões para saldar a immensa divida que eu de novo contrahi com o meu paiz ao voltar a elle : mas todas essas demonstrações de sympathia e de apreço ao logar que a mocidade brazileira me abriu de novo em seu seio, ás accumuladas invenções de tantos mestres na arte de enleiar e de escravisar o coração, vem confirmar o sentimento que mais me ins-

pirou na vida, — a convicção de que em generosidade nenhum povo vence nem iguala o povo brazileiro.

« Ha poucos dias, eu lí a bordo um livro cheio de vilipendios contra o nosso paiz e contra a nossa raça; mas por acaso se me depararam, em uma folha, estas palavras: « Todavia não se póde negar que o povo brazileiro é um povo generoso. » E eu tive pena do escriptor que não comprehendia que esse traço era o traço mais elevado da cultura social, a mais nobre caracteristica que se póde ter de uma nacionalidade, que bastava para collocar o Brazil na mais alta esphera da civilização; porque a civilização não tem outro fim, não póde ter outro intuito senão o cultivo dos sentimentos affectivos que hão de formar a solidariedade humana. *(Bravos! Apoiados).*

« E como é predisposição de meu espirito tomar as cousas e os homens pelas idéas mais elevadas que elles reflectem pelo progresso do idéal que ha nelles, ao passo que o meu coração enthesoura a emoção de gratidão pessoal, o meu espirito se deleita nesta, como eu disse, contra-prova de generosidade brazileira, e, quando entrei nesta cidade, ao vêl-a transformada, abertas as grandes avenidas que lhe prolongam o horizonte, que incorporam a sua vida á nossa inimitavel paizagem, eu não pude deixar, como brazileiro, de sentir o privilegio do nosso paiz, que, além do mais bello e do mais vasto dos territorios, possue um coração tão largo como elle.

« E que dizer dos autores desta festa? que dizer de tudo que vejo deante mim? que dizer das pessoas que aqui estão reunidas e que representam certamente a nação brazileira, — porque não ha duas nações brazileiras?

« Como descer á analyse de tudo que se inventou e se imaginou, não digo para me opprimir, mas verdadeiramente para me penhorar para sempre o coração?

« Não sei se, no meio de todas estas manifestações, eu não deveria destacar a que me fez o honrado Prefeito de São Paulo, vindo associar-se a ella; mas a do Embaixador Americano, é um dever meu destacar, tornar saliente.

« Eu me pergunto, meus senhores, por que não quero nisto o reflexo mysterioso daquella terra que engrandece todos os

dias; — eu me pergunto o que fiz eu, na ausencia, para ser recebido desta fórma, no meio destas demonstrações ?

«Eu não trouxe infelizmente como o Barão do Rio-Branco o nosso direito illeso nos trechos do territorio nacional que nos foram disputados; eu não posso de fórma alguma referir-me, senão com o maior respeito, ao laudo arbitral na questão com a Guyana Britanica; não posso deixar de honrar o cavalherismo do arbitro que procurou inspirar-se na verdadeira justiça.

«Mas, devo dizer, não voltei, todavia, como um vencido, porque me declarou empate de provas, empate de direitos, e por isso dividiu o terreno litigioso entre os dous contendores.

«O que quero aproveitar neste momento para dizer é que nós devemos olhar melhor para as nossas fronteiras; é que a propriedade impõe deveres como confere direitos, sobretudo a propriedade nacional; é que, se não sahimos completamente triumphantes nesse pleito, foi porque esquecemos as obrigações que o nosso territorio nos impunha, foi porque as nossas provas se perderam, foi porque os nossos mappas se dispersaram, foi porque factos incontestaveis do seculo XVIII não tinham deixado provas, e nós tivemos de discutir, em muitos pontos, a nossa soberania baseados sobre legendas do seculo XVI.

«Uma esperança eu exprimo: é que este trecho do territorio brazileiro, que eu consegui salvar, seja mais rico á região que foi deixada á Inglaterra.

«E de um facto me orgulho: é que, tendo-me o Governo inglez offerecido, como transacção, um territorio mais vasto do que aquelle que obtive pela sentença, como isso se tinha passado de cavalheiro a cavalheiro, nunca os meus labios se abriram para revelar este segredo.

«Não creio que a historia da diplomacia registre muitos factos de uma tão completa boa fé; mas vejo que é sempre a lembrança da Abolição que me faz bemvindo no Brazil.

«No Recife, restabeleceram o Theatro Santa Izabel onde, póde-se dizer, foi ganha a campanha abolicionista; restabeleceram a scena do Theatro Santa Izabel, tal qual era nos grandes dias da lucta, e nella me receberam. E' por isso que o meu dever, neste momento, é mandar uma saudade, uma lembrança

áquelle que já não encontrei vivo, e que foi a alma desse movimento, naquillo que elle teve de revolucionario (pois não ha que nos illudir mais : a Abolição foi a Revolução)—a José do Patrocinio!

« Falta a palavra seductora do meu honrado amigo, cujo nome desperta em mim saudosas recordações da mocidade ; falta a figura de Quintino Bocayuva !

« Havia alguma cousa de dramatico em nos encontrarmos frente a frente, neste recinto e neste dia : elle e eu !

« Servi, sob a sua direcção, n'*O Paiz* ou, por outra, elle deixou-me fazer a campanha da Abolição n'*O Paiz,* e acabada a campanha elle me disse : « Nós, agora, devemos separar-nos ; você vai para a Monarchia, eu fico pela Republica. »

« Depois, raramente nos encontrámos, e, por isso, ser-me-hia muito grato vêl-o hoje, neste momento, porque as palavras que vou proferir lhe seriam, a elle sobretudo, gratas.

« Nós discutimos esta questão muito tempo. Elle acabou por ter razão, porque previu melhor o curso dos acontecimentos, a marcha dos destinos do paiz.

« E' a primeira vez que fallo perante um auditorio brazileiro, no caracter de Embaixador da Republica, de seu representante, ligado á sua sorte, desejando que ella vença todas as difficuldades, que ella desminta todas as minhas previsões, que ella dispense, torne impossiveis novas revoluções, que venham, por alguns instantes, disputar a sua incontestavel finalidade no continente americano.

« Senhores, eu não me separei de repente do partido monarchico : levei dez annos nessa lenta evolução, que me fez ceder á invencivel prescripção da Historia. *(Muito bem, muito bem!)*

« Desde a morte de Saldanha da Gama, sentindo que as guerras civis não se repetiam ou não se davam duas vezes, procurei, por essa especie de juizo de Deus, recolher-me ao isolamento dos meus livros, e quasi nenhumas relações mais tive com a direcção do partido monarchico.

« Nesses cinco annos fiz pela historia da monarchia muito mais do que podiam fazer, do que teriam feito todos os outros que a servem. Eu levantei os homens de Estado do antigo regimen, levantei o Imperador, ao mesmo tempo que, por piedade

filial, procurava cumprir um dever para com a memoria sagrada de meu pai. Eu levantei o monumento que estava ao alcance de minha intelligencia, de minha dedicação nas paginas da jurisprudencia do Imperio.

« Ah ! eu fiquei longos annos ainda preso a um sentimento de veneração, a um sentimento que muitos não podem comprehender, porque nunca o tiveram, ao sentimento que me ligava á Princeza Imperial pelo facto de 13 de Maio.

« Tenho consciencia de que muito trabalhei, muito fiz para leval-a a não perder momento na assignatura dessa lei, e custava-me, todavia, quebrar o láço que me prendia a ella e que eu sentia ser um grande consolo em seu auxilio.

« A Patria, porém, acima de tudo ! *(Apoiado ! Apoiado!)*

« Eu, pessoalmente, nada devo á Monarchia. Eu já lhe tinha aconselhado a Abolição, que lhe deu a immortalidade ; eu lhe tinha aconselhado a Federação que, estou certo, ia salval-a.

« Isto com a propria tradição dynastica, me impunha a resolução, que tomei. Porque, que outro motivo, senão o amor do Brazil, senão a obrigação de collocar o paiz acima de tudo, teria levado Pedro I a tornar-se rebelde contra seu pai, traidor a ponto tal para fundar a Independencia ?

« Que outro motivo, senão a obrigação de collocar a Patria acima de tudo, levou Pedro II a declarar, na guerra do Paraguay, que preferia renunciar o throno a assignar uma paz deshonrosa ?

« Que outro motivo, senão a obrigação de collocar a Patria acima de tudo, levou a Princeza Imperial a dizer a André Rebouças, duas vezes : «Sr. Rebouças, se fosse precizo, para libertar a raça negra, voltar novamente ao Brazil, eu voltaria !»

« Essa era a obrigação que me impunha, uma vez convencido da impossibilidade, da improficuidade da restauração, convencido de que a finalidade de um ideal republicano na America destruiria, uma após outra, todas as restaurações que se tentassem.

« Que me restava senão acceitar os factos, fazer auto de fé nos grandes destinos do Brazil ?

« Foi isso, Senhores, o que eu fiz, quando, por um motivo de consciencia, depois de haver rendido á desgraça um preito de

dez annos, entendi que nada me justificaria, muito menos as minhas proprias previsões não me justificariam de trazer ao serviço do Brazil aquillo que me restasse de intelligencia, de força, e tudo que tenho guardado de sinceridade.

« E' desta fórma meus Senhores, que eu readquiri a maior de todas as liberdades para o meu coração : a de poder repetir as palavras — *homo sum, et nihil humani a me alienum puto* —, eu sou Brazileiro e nada do que interessa á fortuna, á grandeza e á gloria do Brazil, me póde ser extranho. *(Bravos. Muito bem.)*

« Mas os destinos quizeram que eu tivesse uma nova carreira depois da Abolição.

« Entrei na causa abolicionista fazendo um voto perpetuo, pensando que ia consumir toda a minha vida, e por essa extraordinaria generosidade do povo brazileiro, a Abolição estava feita dentro de dez annos, sem que até hoje ninguem possa dizer quem fez mais por ella ; se o movimento, se os abolicionistas, se os proprios fazendeiros, sabendo-se só que foi o paiz quem fez tudo.

« O destino queria que este resto de vida que lhe pouparam da campanha da Abolição pudesse ser empregado em uma causa, em um serviço que, não exagero dizendo, encheu completamente na minha alma o vasio que aquella grande idéa tinha deixado.

« Eu me refiro á approximação entre as duas grandes Republicas do Norte e do Sul.

« Senhores, não sei se ha desconfianças no Brazil a respeito dos Estados-Unidos ; não sei se ha pessoas que pensam que o Presidente Roosevelt está desejoso de algum trecho do nosso territorio. Se ha, essas pessoas ficarão muito admiradas ouvindo o Presidente Roosevelt, que considera o Brazil uma das primeiras nações do mundo e que acredita que os destinos do Brazil no seculo XX não serão em nada inferiores ao futuro dos Estados-Unidos. *(Bravos! Muito bem, muito bem).*

« Acabo de chegar dos Estados-Unidos.

« Começarei por dizer-vos duas palavras sobre o que acaba de dizer o honrado Sr. Lloyd Griscom. Não é um mundo só ; é uma humanidade nova ; e se as forças immensas, extraordinarias, que aquelle povo póde pôr ao serviço da causa da humani-

dade, estavam até agora latentes ou inertes, póde-se dizer que ellas encontraram um Presidente que creou uma tradição que todos os seus successores hão de manter: a de usar do immenso prestigio de sua nação em proveito da causa da humanidade.

« Foi assim que se viu ha pouco tempo ainda os plenipotenciarios do Japão e da Russia encontrarem-se em territorio americano para resolver a pendencia da guerra.

« Foi assim que a presença do Embaixador americano em Algeciras, póde-se dizer, que concorreu em grande parte para compôr uma séria questão entre as duas maiores nações militares da Europa.

« A obra dos Estádos-Unidos é crear um continente neutralizado para a paz, livre e inaccessivel ás competencias da guerra, que fazem do resto do mundo, da Europa, da Asia, da Africa, hoje, aglomerados, um verdadeiro continente belligerado.

« Essa é verdadeiramente a grande obra da nação americana na civilização.

« Senhores: Não sei quem pretenderia escrever a historia da influencia dos Estados-Unidos no seculo XIX. Não sei quem poderia dizer o que teria sido a historia do mundo se a democracia americana não se tivesse fundado. *(Pausa)*.

« Quanto a nós, sabemos tudo que lhe devemos.

« Nós sabemos que, se em Minas, Tiradentes e os inconfidentes tiveram a idéa primeira da Independencia e da Republica, ella foi uma inspiração directa, uma suggestão verdadeira do idéal norte-americano. Nós sabemos que, se ao fugir do exercito de Napoleão, D. João VI declarou que vinha fundar um imperio na America, é porque nesse tempo a fundação da grande nação americana já era um facto que eclipsava e deslumbrava a Europa inteira.

« Nós sabemos da relação directa entre os revolucionarios de Pernambuco e a democracia americana.

« Em todos os factos da independencia, esta série, póde-se dizer, de vulcões que se atiraram ao mesmo tempo no continente americano, em tudo o centro motor, o iman irresistivel, foi a Republica que se havia fundado sob a inspiração de Franklin, Washington, Lafayette, Jefferson e tantos outros.

*

« Não ha perigo americano. Nos Estados-Unidos não ha um americano que se deva ou se possa receiar. *(Muito bem. Apoiados).*

« Este é o sentimento que me anima a desejar a approximação cada vez maior dos nossos dois paizes.

« É nesta obra que trabalho.

« Quando ha pouco se discutia em Washington qual deveria ser o logar da Conferencia Internacional Americana, alguem lembrou o Brazil, mas Root logo disse :

— « Se a conferencia fôr no Rio de Janeiro, irei eu mesmo ». — *(Bravos. Muito bem).*

« Era a primeira vez que um Secretario de Estado teve esta inspiração de sair do paiz. Foi um movimento impulsivo que manifestou esse illustre Secretario de Estado, sem que o Presidente Roosevelt tivesse a mais ligeira idéa da disposição em que elle estava.

« Eu fallo como quem viu e como quem ouviu.

« A nossa approximação dos Estados-Unidos é uma politica que se prende ás mais antigas tradições do nosso paiz, porque ainda ha pouco foi revelado que o imperio nascente se apressou, logo depois da mensagem do Presidente Monröe, a propôr aos Estados-Unidos uma alliança defensiva e offensiva sob a base daquella doutrina.

« É uma politica que tem uma vantagem, a maior de todas as vantagens que possa ter qualquer politica — a de não ter alternativas, a de não haver nada que se possa dar em logar della, nada que se lhe possa substituir, porque a politica do isolamento não é uma alternativa e não bastaria para os immensos problemas que espera o Futuro deste paiz.

« A politica da approximação com a America Latina em desconfiança com os Estados-Unidos, seria uma politica insensata.

« A politica de procurar allianças na Europa não passaria de uma desprezivel intriga. É uma politica que não tem alternativas, porque é uma politica que se baseia na força ineluctavel das coisas.

« Senhores ! Desde o dia em que a America se constituiu in-

dependente da Europa, formou-se um systema separado, diverso e distincto do europeu.

« Nós temos pela Europa o maior carinho, a maior gratidão, a maior amizade.

« Os Estados-Unidos têm, como nós, todos esses sentimentos pela Europa. E toda ella, todos os dias, está a disputar aos Estados-Unidos a sua amizade e complacencia; mas toda ella não tem duvida de que, para os Estados-Unidos a doutrina da orbita separada e distincta do continente americano é um dogma pelo qual todos os americanos estarão promptos a derramar o seu sangue, como pelas estrellas da União.

« E deixai-me dizer que esta politica não é feita em odio nem em desfavor da Europa, é o maior beneficio que lhe poderia assegurar.

« O mundo precisa de que, neste compromisso, neste empenho, nesta ameaça de guerra, haja um continente votado á paz.

« É um beneficio que nós fazemos ás populações que vêm aqui crescer, desenvolver-se e prosperar; é um beneficio que fazemos aos seus capitaes e ás suas industrias, que se asseguram melhor pela paz.

« Não ha prejuizo em coisa alguma com esta politica que queremos apenas fazer, no intuito de vedar o nosso continente a tudo que seja contingencia ou possibilidade da politica européa.

« Mas, Senhores, sinto ter abusado da vossa paciencia, e ainda uma vez vindo agradecer esta extraordinaria manifestação que me fazem, posso dizer que a minha vida, dentro da esphera que me tracei, está concluida. Ao entrar na vida publica, propuz-me como programma a Abolição, a Federação, e tudo isso está realizado.

« Não me resta hoje mais do que acompanhar com a maior sinceridade, com o maior interesse, com a paixão, posso dizer, os novos destinos do paiz, para os quaes não concorri, mas que desejo sejam tão brilhantes, mais brilhantes ainda, annuncío desde já, do que foram no passado, porque não é uma questão de instituição: é questão de crescimento natural, e este paiz está destinado a alcançar, a chegar a proporções de que talvez os que hoje vivem não podem ter a minima idéa.

« São estes os meus votos, e como não se póde estar em contacto com um auditorio como este, que representa as forças vivas, a intellectualidade do nosso paiz, o seu patriotismo, a sua cultura, a sua fé no futuro, sem adquirir um pouco, uma parcella do espirito que a domina, parece-me que a minha vida, vista através destas acclamações, é um bello sonho realizado por um favor especial da Providencia». *(Acclamações, applausos geraes do auditorio).*

Nesse discurso se acha a synthese de sua historia depois da quéda da monarchia, suas convicções, todas as razões que teve para se conservar retrahido algum tempo, o motivo por que acceitou a nova ordem de coisas, qual o seu empenho na missão de que se achava incumbido, é uma oração incomparavel, é, emfim, uma profissão de fé cheia de grandeza.

Encerrados os trabalhos do Congresso Pan Americano, tendo ido a S. Paulo e a Minas, foi alvo de estrondosas manifestações que elle, correspondendo, deu ampla quitação com as inestimaveis preciosidades oratorias produzidas por seu irradiante espirito.

Perante os estudantes da Faculdade de Direito de S. Paulo, em visita á mesma, respondendo á saudação da mocidade intelligente e enthusiasta que se deslumbra realmente ante os clarões dos verdadeiros sóes do talento peregrino, elle em breves expressões assim fallou:

« Vós sabeis que depois de 15 de Novembro eu me conservei, por muito tempo, afastado das coisas politicas do paiz. Alli está uma testemunha (referindo-se ao dr. Miranda de Azevedo) que me acompanhou bem de perto. Eu não adheri á Republica porque ninguem tem o direito de dizer que adhere ás leis e ás instituições do seu paiz. E' um louco aquelle que se serve da expressão ADHERIR em relação ás fórmas que o seu paiz vae tomando no perpassar das épocas. Mas eu deixei de pleitear á sombra dessa instituição, que desde o principio eu acceitei como modelo da fórma de governo, quando eu me convenci de

que essa finalidade republicana do continente americano absorveria, restauração após restauração, o antigo regimen.

«Fiz o meu acto de fé nos novos destinos do paiz, meu acto de esperanças em que os melhores elementos de governo, as maiores aptidões, os caracteres mais puros, vão exercendo cada vez maior ascendente na marcha das instituições, meu acto, posso dizer, de amor áquelle ideal americano, o ideal republicano, que não é sómente ideal americano, mas tambem o de todo o greco-latino, que o conservou sempre no altar de Pericles como a sua religião politica.

«Eu não fiz, porém, acto de contricção, e, nem tinha do que fazer, porque as minhas intenções foram sempre as mais puras e, nem só um dia, estabeleci competencia entre a dynastia e o paiz.

«Mas eu não era um obstinado; e quando eu me convenci de que não havia outro caminho por onde partir, eu que não tinha feito uma aposta de morrer monarchista, procurei, pouco a pouco, reconciliar-me com os novos destinos da Patria.

«Ha uma pagina admiravel em Macauley, em que elle descreve a vida dos partidarios dos Stuarts. Depois que partiram para os Paizes Baixos, aquelles homens esperavam sempre uma noticia de que a restauração se ia fazer na Inglaterra, recolhendo cada rumor, cada noticia de um desastre ou de um acontecimento qualquer, como se fosse o prenuncio da desejada restauração, e ficando nessa espectativa perdiam mesmo o calculo de calcular as probabilidades, o sentido e a realidade das proporções. Não podia viver nessa atmosphera e, muito menos, poderia ter vivido procurando o lado negro de todos os acontecimentos, e por isso foi que, cinco annos depois de 15 de Novembro, me refugiei na Historia, e nella, comparando o meu espirito com os dos homens da monarchia, vi que apezar da sua intelligencia, não poderiam ter feito a obra que fiz.

«Mas eu não procurava isso em vão. Era o mesmo destino da Patria que me guiava, e por isso, quando chamado para advogar a causa do nosso paiz na questão de limites com a Inglaterra, e, depois de acabada esta, chamado para a legação de Londres quando o Barão do Rio-Branco foi nomeado Ministro

dos Extrangeiros, eu disse-lhe que, si algum dia quizesse fazer uma politica verdadeiramente americana, me mandasse para Washington.

«Ahi está a minha historia.»

A 17 de Outubro, ás 2 horas da tarde, a bordo do *Clyde*, embarcava o estadista no Rio de Janeiro, volvendo para o extrangeiro, e sem saber que aquella despedida ao torrão adorado era seu derradeiro adeus...

E elle, em chegando aos Estados-Unidos proseguiu com a mais intensa firmeza em sua patriotica e admiravel faina de confraternização, trabalhando sempre para nobilitar o nome brazileiro, e para estabelecer uma cordial intelligencia entre a poderosa Republica e as demais nações latinas-americanas. O caso Alsop é digno de recordar-se aqui, em que nossa diplomacia actuando, secundou ingentes esforços para a approximação da America do Norte e do Chile.

Crescendo sempre sua notoriedade, com vivo empenho, de muitas universidades e corporações importantes recebia solicitações afim de nas mesmas realizar conferencias. Na de Yale, por exemplo, em Maio de 1908, levou a effeito, com admiravel successo, uma *Dissertação sobre o espirito nacional brazileiro;* ainda na *George Washington University*, na *Pennsylvania Pace and Arbittration Conference*, na Universidade de Wiscosin e em outros logares distinctos, seu verbo rutilante teve esplendores, produziu fascinações.

A 15 de Dezembro do mesmo anno de 1908, em uma solennidade festiva da arte, na *Corcoran Gallery* de New York, meio todo selecto pela presença de homens de intelligencia, artistas distinctos, diplomados e pessoas gradas, presidindo á ceremonia Elihu Root, compareceu o ex-presidente da Republica Roosevelt trazendo em sua companhia o Embaixador brazileiro. Aquelle, havendo dirigido suas auspiciosas congratulações pelo successo á *Associação Americana de Architectos*, sob cujos auspicios fôra feita a festa da exposição de uma obra do famoso esculptor Saint Gaudens, em seguida Nabuco pronunciou em inglez as

seguintes palavras que mereceram bravos, palmas e enthusiasmo dos assistentes :

«I can well understand why no American genius ever dreams of another immortality than that which his own country could assure to his name. But, like science, art is one, and I believe Saint Gaudens will live forever, and that his conquest has already begun.

« It is not difficult to recognize immortality at first sight. From Plato and Phidias to Emerson and Saint Gaudens every immortal mind caused that impression from the first. I recollect the first time I came in contact with Saint Gaudens, the day I landed in New York, when I saw Sherman. I did not even know by whom the statue was, but I at once realized that I was in face of one the most inspiring symbols of triumph that art had ever conceived. I had again the feeling which one always experiments at the sight of an unexpected masterpiece, when I found myself in a drawing room of this city before the Wayne Mac Veagh tablet. It was so simple, yet never to be forgotten : Going later to the Rock Creek Cemetery, I went sure that I would meet an immortal work ; but how could I have expected that apparition ? No doubt, was any longer possible.

«Only genius can express eternity. Of all modern creations that is the one to be associated with the *Night* of Michel Angelo. They are very different in form, but both are reflections of the same dark ray of mystery, which borders and, for the mind, out glances, the whole light of Creation. Here, however, the impression hight have been a suggestion : the first twowere direct revelations.

« Do not believe that glory is in the dispensation of the critics. It existed long before them. It flows from its own source. Glory is chiefly distributed by the emulation and the dispair of men of the same craft struggling in vain to reach the perfection another has attained. The « Lives of Painters » of Vasartell how fame is awarded in the profession sometimes by generous rivalry, other times by envy, even by hatred. The artists, however, would be impotent by themselves to consecrate the work of genius; it is necessary that their knowledge be com-

pleted by the emotion of the masses, whose heart pulsates in t. We are drops in the ocean; nevertheless we all try to have the conscience of the ocean, and not only that of drop. In each of us here, amid these glorious surroundings of his, that conscence reflects the image of the great american sculptor. This is glory; this is immortality. »

. . . .

E o magestoso astro brazileiro que esplendente luzia com seu immenso clarão, illuminando sempre, irradiante em tudo e transluzindo scentelhas de acendrado patriotismo, elevava a cada instante, no extrangeiro, o nome de seu Brazil muito amado. Mas quando todos o viam, em pleno fastigio da grandeza, a attingir culminancia de uma admiração mundial, na caligem feral da profunda sombra, aquella estrella se atufou, bruscamente e para sempre... o grande sol obumbrou-se engulido pelo temporal da morte... emquanto a desventurada mãe patria, possuida do mais nobre orgulho, não era mais do que a Niobe eterna que se petrifica chorando a morte de seus filhos!...

Elle era ainda como a arvore titanica que no topo da montanha d'um golpe só o raio fulminou; — ou antes tambem qual um immenso Briareu que tombou na liça da existencia vencido pela soberana sinistra!...

Oh, sim torvo e lutuoso dispontou para o Brazil o dia 17 de Janeiro de 1910! A's 11 horas e 40 minutos da manhã, em Washington, victimado por uma hemorrhagia cerebral, inesperadamente, morre Joaquim Nabuco, nosso magno e idolatrado Embaixador, junto á grande Republica Americana!

Algumas horas mais tarde recebia o Rio de Janeiro a fatal verdade, cuja primeira impressão foi de espanto e de duvida, porque nenhum anterior annuncio disse estar elle enfermo. Successivos despachos, porém, confirmaram a desesperadora noticia, que echoou com um enorme sentimento de pezar em toda a Capital brazileira, e, seguidamente, no paiz inteiro, de Norte a Sul, enlutando dolorosamente a alma nacional, e derramando ainda por toda a America Latina, onde elle era um dos mais altos espiritos, especialmente pelo caracter, pelo saber e pelo talento. E a historia luminosa d'esse vulto singular será certamente um

ensinamento perenne ás gerações que tiveram de completar a grandiosa obra da paz, da liberdade e do progresso de que foi elle o mais corajoso batalhador.

Além do *Seculo*, da *Tribuna*, da *Gazeta da Tarde*, da *Noticia*, do *Paiz*, do *Correio da Manhã*, da *Gazeta de Noticias*, da *Folha do Dia*, do *Correio da Noite*; do *Diario de Noticias*, que no Rio de Janeiro publicaram extensas noticias biographicas elogiosas, acompanhadas do retrato de Joaquim Nabuco, — do *Jornal do Commercio* de 19 de Janeiro extrahimos, entre as innumeras referencias que lhe foram feitas, as seguintes:

«Como era natural, a noticia da morte do nosso glorioso compatriota Dr. Joaquim Nabuco causou enorme pezar em todo o paiz e no extrangeiro.

«As demonstrações de magua que hoje registramos valem pela sagração completa de sua nobre vida.

«Dir-se-hia que toda a gente tivesse consciencia da perda irreparavel soffrida pela nação.

«O desapparecimento de Joaquim Nabuco abre na historia de nossa terra um grande claro, que ficará por largos annos impreenchivel. Personalidades como a delle não se improvisam, formam-se aos poucos e constituem a expressão da cultura maxima de varias gerações, desabrochando em graça, profundeza, elevação e brilho num só typo representativo, o qual fica dest' arte resumindo em si uma porção de expressões nacionaes, — velhos sonhos realizados, e novas esperanças surgidas no coração do povo e no sentimento da raça.

«Nabuco era o passado sobrevivente e palpitante ainda nos seus grandes anhelos de liberdade; era o presente educado naquella escola de patriotismo, continuando a tarefa meritoria e estabelecendo, pelo esforço pertinaz, pelo saber accumulado e pelo estudo perseverante, a continuidade da tradição democratica brazileira, expandindo-se fóra, no circulo das nações, como já anteriormente se expandira dentro das fronteiras pela redempção do captiveiro e pelas outras conquistas liberaes que o Imperio soube legar-nos; era o risonho porvir, a acenar-nos sempre com o espectaculo de uma grandeza que não póde fa-

lhar e em cujo advento, aquelle soberbo espirito nunca deixou de crêr.

« E' muito mais rara do que parece a perfeição do civismo. Para que uma alma de patriota se identifique intimamente com o destino social e universal de seu povo, são necessarias preciosas qualidades de caracter e intelligencia.

« Entre nós bem poucos se poderão gabar de um relevo, igual ao de Joaquim Nabuco. Elle não possuia só os predicados exteriores, que devem marcar essas individualidades de eleição. Dotado de um grande poder de fascinação pessoal, não era comtudo pela sua belleza varonil, nem pela espontanea distincção de suas maneiras, que elle attrahia e dominava. O seu segredo e a incomparavel força de sua irradiante sympathia provinham do profundo e intenso sentimento de patriotismo, que anima toda a sua vasta obra de politico, escriptor e diplomata.

« A nossa lingua maravilhosa, a nossa natureza sem rival, o nosso trabalho quasi secular de povo independente, as nossas aspirações legitimas de prestigio internacional, todas estas bellas coisas, reunidas no seu coração e na sua intelligencia representavam outras tantas folhas de energia e actividade.

« A nação idolatrava-o exactamente por essa mysteriosa correspondencia, que existe sempre entre a sua alma collectiva e o espirito dos raros que lhe sabem interpretar os grandes e alevantados destinos.

« Feita a abolição, proclamada a Republica e irrevogavelmente consolidada a nova fórma de governo, só resta ao Brazil proseguir na senda que vem trilhando desde 1822, e procurar subir cada vez mais no conceito das outras nações, honrando ao seu passado e trabalhando com seriedade pelo seu futuro.

« A essa obra de união das Republicas Americanas, consagrou Joaquim Nabuco os ultimos annos de sua vida, realizando prodigios no sentido da cordeal approximação e boa intelligencia dos povos deste Continente. A sua acção, neste particular, ficará como um marco refulgente na historia americana. E o Brazil se orgulhará sempre do grandiloquo interprete que a fortuna lhe reservou para exprimir o voto geral da acção, pelo constante engrandecimento desta parte do mundo. »

A edição da tarde do mesmo *Jornal* do dia anterior, 18, afóra os brilhantissimos artigos comprehendidos na da manhã, precedidos dos primeiros telegrammas, publicou tambem as linhas que transcrevemos a respeito do grande brazileiro extincto :

«Nabuco era um homem completo. Domicio da Gama refere-se, com justo orgulho, ao typo de belleza varonil que elle encarnava. Mas o que nelle mais impressionava era o seu magnetismo, a enorme força attractiva, não diremos do seu talento só, mas de toda a sua empolgante personalidade.

«O seu fundo era essencialmente artista. Tudo que delle sahia era esmerilhado, limado. Seus mais insignificantes recados particulares eram primores de composição. No que escrevia podia-se esperar uma novidade, uma phase nova da qual elle via as coisas. Dahi o ter-se tornado aos poucos sentencioso, e o seu livro em francez.

« Mas a faculdade predominante de Nabuco era a imaginativa. Não comprehendia a vida sem crenças, sem amor, sem ideaes, e dahi talvez o cunho pouco pratico da sua obra. Elle não entrou no abolicionismo pelas convicções profundas [1] de que a escravidão escravizava mais os detentores do que os escravizados ou do mal moral da instituição; mas pelo lado dramatico, pelas feições tragicas que ostentavam a sua brilhante imaginação. Só um Nabuco conceberia e levaria a brilhante effeito aquella visita dos marinheiros nacionaes ao tumulo de Cockrane na vetusta Abbadia de Westminster, por cujas naves veneraveis conseguiu elle fazer o grande orgão echoar pela primeira vez o nosso hymno nacional. A sua originalidade sã e genial acompanhava-o nas coisas mais pequenas : em Roma, quando Ministro, surprehendeu aquella gente artista com os arranjos, de singular concepção e graça, na sala de seus banquetes. Nas coisas mais sérias era o mesmo : a amizade do Brazil com os

---

1 Seu livro *Minha Formação* nos mostra, bem ao contrario, a convicção profunda com que entrou e se bateu longamente pela abolição da raça escrava em sua patria; e sem grandes convicções não se é tão tenaz e perseverante como elle, que ninguem o igualou.

Estados Unidos não a cultivava elle por amor do officio, mas como a realização do mais elevado ideal da politica continental do Novo Mundo. Era adepto fervoroso da mais intima união dos dois paizes: o Brazil, enorme e fraco, precizava encostar-se bem ao seu poderoso amigo do Norte. Esta politica era já delle, antes de ir para Washington como primeiro Embaixador brazileiro.

« Todos os trabalhos de Nabuco são, na extensão da palavra, conscienciosos, — como o demonstra o seu *magnus opus* da vida de seu pai. Quanto mais compulsamos as suas memorias no caso da Guyana Ingleza, mais assombroso nos parece o seu talento, que, apparentemente fóra das provincias da sua actividade usual e predilecta, se desempenhou daquella tarefa monumental com tanto saber e sob uma fórma impecccavel. De nada valeu este esforço, é verdade, mas era precizo que recahisse no advogado do Brazil a culpa da pessima escolha do Rei da Italia que, pondo todo o arrazoado de lado, *creou* novo criterio de dirimir a disputa, dando aos contendores inglezes mais do que acceitavam directamente do Brazil.

« E o que dizer-se sobre o caracter particular de Nabuco, este exemplo dos maridos e dos chefes de familia, este amigo ardente e doce, este coração de mulher, sempre attenuando os senões dos outros, sempre perdoando tudo que a maledicencia suggeria a seu respeito ! »

A noticia da morte de Joaquim Nabuco em Londres, onde era vantajosamente conhecido, produziu geral consternação nos circulos literarios e diplomaticos. Em Washington os jornaes publicaram extensos e honrosos necrologios do preclaro brazileiro, alguns estampando-lhe o retrato. A imprensa Chilena e a de Buenos Ayres tambem se occuparam delle com grandes elogios. Os jornaes de Lisboa estamparam artigos muito encomiasticos, dedicados á memoria do eminente brazileiro, alguns se referindo ao grande triumpho por elle obtido quando foi recebido nas Côrtes portuguezas, onde produziu brilhantissimo discurso.

Em todos os angulos do paiz inteiro a impressão foi profunda e dolorosissima. Em fim, de quasi todos os pontos do Globo che-

garam telegrammas de condolencias ao Barão do Rio Branco e ao Presidente da Republica, Dr. Nilo Peçanha.

O saudoso extincto em uma carta dirigida, pouco tempo antes de sua morte e no anno anterior, ao Dr. Philadelpho d'Almeida, entre outras cousas disse :

« Quizera ir ao Brazil este anno (1909). Devido á viagem a Buenos-Ayres em 1910, sou forçado a demorar a repatriação.

« Deixei o Brazil ha 10 annos. Estou certo de que não foram perdidos para nós ; mas não quero acabar meus dias entre extranhos.

« Quero enraizar meus filhos em nossa terra. Hoje vejo tudo com a serenidade que dá a velhice, a parte mais feliz de minha vida.

« Minha ambição final seria falar á mocidade ; semear sentimentos, e idéas com que já agora hei de partir da vida, que para mim são eternos.

« Acredito que poderia fazer um testamento politico que fosse a carta dos recifes que temos pela prôa, do rumo que devemos seguir para evitál-os.

« A maior gloria de todas é formar discipulos, isto é, reviver politicamente em outra geração, prestando serviços ao paiz. Receio, porém, que essa ambição seja demasiada para mim agora. »

Afim de tornar mais authentica e cheia de particularidades a narração dos factos relativos á morte de Nabuco ; as demonstrações de pezar, os juizes dados por eminentes cidadãos ácerca de sua extraordinaria personalidade, e o ceremonial de seus funeraes nos Estados Unidos até o momento da partida do cadaver para o Brazil, damos aqui a parte principal e que mais interessa, do serviço telegraphico que o *Jornal do Commercio* do Rio publicou a tal respeito :

Telegrammas dos Estados Unidos :

WASHINGTON, 17.

« Victima de commoção cerebral falleceu hoje pela manhã o Embaixador Dr. Joaquim Nabuco.

O presidente da Republica Taft foi pessoalmente á Embaixada, logo que soube da infausta nova, expressar os seus sentimentos de profundo pezar.

Apenas o Ministerio teve informação do fallecimento, partiu para a Embaixada o terceiro assistente das Relações Exteriores, Sr. Hale, a levar as condolencias do Sr. Knox.

O jornal de Nova-York, *American*, em artigo que publíca com altissimos elogios a Joaquim Nabuco, diz que o Embaixador do Brazil, pela sua estatura, tez rubicunda e porte marcial, mais parecia um *clubman* Norte Americano, do que um homem nascido na America do Sul.»

NOVA-YORK, 18.

«O Dr. Nabuco falleceu de um insulto apopletico ás 11 horas da manhã de hontem.

De algum tempo a esta parte achava-se doente, mas voltára das suas férias em Manchester, Massachuset, bastante revigorado.

Logo que se espalhou a noticia do seu passamento o Presidente Taft foi a pé á residencia do Embaixador em Lafayette Square, perto da Withe House, deixar os seus cartões. O mesmo têm feito todos os Embaixadores, Ministros e mais diplomatas, e as notabilidades do mundo politico americano.

Disse John Barrett, o director do Bureau das Republicas Americanas, a respeito do nosso pranteado Embaixador:

«Os amigos do Pan-americanismo perderam em Joaquim Nabuco o seu mais caloroso defensor. Lado a lado com o nosso Elihu Root, elle trabalhou activamente para desenvolver a concordia, a amizade, a solidariedade inter-americana, mostrando nisso as maiores qualidades de competencia e caracter. Joaquim Nabuco era um dos espiritos mais cultos que jámais representaram uma nação extrangeira em Washington. Sua autoridade em assumptos de Direito Internacional era acatada por todos. Sua influencia se fazia sentir em todas as rodas officiaes, já pelo seu saber, já pela sua brilhante personalidade. Elle não se fatis gava de tornar o Brazil conhecido nos Estados Unidos. E seu esforços pessoaes, suas conferencias nas universidades e organi-

zações litterarias e commerciaes vulgarizaram diversos aspectos, pouco conhecidos aqui, da civilização brazileira, merecendo assim distincções especiaes de parte das Universidades das mais antigas deste paiz, taes como a de Yale, Columbia, de Nova York, e Wisconsin. O nome de Joaquim Nabuco passará á historia do novo continente como um intrepido propagandista do pan-americanismo, e, ouso dizêl-o, de um grande estadista do Brazil. »

WASHINGTON, 18

Todas as Embaixadas, Legações e Consulados conservaram hoje as suas bandeiras a meio páo, em signal de luto pelo fallecimento do Embaixador do Brazil, Joaquim Nabuco.

O Corpo Diplomatico reune-se hoje para combinar as honras que por elle devem ser prestadas ao illustre extincto.

WASHINGTON, 18.

O Secretario de Estado, Sr. Philander Knox, respondendo á nota em que a Embaixada lhe communicou a morte de Joaquim Nabuco, disse que o Presidente Taft enviára um telegramma de pezames ao Presidente Nilo Peçanha e elle, Secretario de Estado, um sentido telegramma ao Embaixador Americano no Brazil. Termina nestes termos :

« Queira acceitar e transmittir á familia do Embaixador Nabuco, ao Governo Brazileiro e aos demais membros da Embaixada, a expressão do pezar do Presidente, os meus sentimentos pessoaes e os de todos os funccionarios desta Repartição, pela morte de um cavalheiro que todos estimavamos pelas qualidades do seu espirito, pela sua attrahente personalidade e perfeita cortezia, e cuja habilidade e diligencia contribuiram tanto para fortalecer a amizade que une os nossos dois paizes. »

WASHINGTON, 18

Toda a imprensa tece os maiores elogios ao fallecido Embaixador do Brazil, fazendo notar o grande papel que representou

na historia politica, diplomatica e litteraria do Brazil, os seus raros dotes intellectuaes e moraes, a amenidade, o encanto e o brilho do seu trato, a elevação com que via todas as questões, a nobreza do seu caracter, seu cavalheirismo, tolerancia, e generosidade na defeza das causas em que se empenhou, a sua bella e imponente figura, a popularidade de que gozava nos Estados Unidos, e o affecto que soubera merecer de quantos o conheciam de perto.

Nunca teve o Brazil no exterior representante mais digno da sua cultura.

A viuva e filhos do finado têm recebido os maiores testemunhos de sympathia do mundo official e dos circulos de sociedade. »

WASHINGTON, 18

Carta do Barão Mayor des Planches, Embaixador da Italia, decano do Corpo Diplomatico ao Encarregado de Negocios interino do Brazil :

« Foi com o mais sincero pezar que recebi a noticia do fallecimento de S. Ex.ª o Sr. Joaquim Nabuco. Perdemos nelle um collega que, pela amenidade do trato, bondade de coração, primor da intelligencia, rectidão de caracter, se tornára geralmente querido e estimado. A sua morte é uma grande perda que será profundamente lamentada por quantos o conheceram. »

WASHINGTON, 18

Continuam as manifestações de pezar, pelo fallecimento do Embaixador do Brazil. Varias festas sociaes, bailes, jantares, recepções, — porque estamos em plena *season*, — foram suspensos e adiados.

WASHINGTON, 18

A nota enviada pelo Secretario de Estado, Sr. Knox, ao Encarregado dos Negocios do Brazil, respondendo á communicação da morte de Joaquim Nabuco, termina por estas palavras :

« Acceitem V. Ex.ª, a familia Nabuco, o Governo do Brazil e

essa Embaixada a expressão do pezar do Presidente da Republica, do meu proprio pezar e dos demais funccionarios do Ministerio, pela morte desse cavalheiro illustre que todos estimavamos. »

— O Ministro de Italia, decano do Corpo Diplomatico, respondeu á mesma communicação :

« Perdemos em Joaquim Nabuco um collega, cuja amenidade de trato, bondade de coração, elevação de intelligencia e rectidão de caracter o tornavam considerado e amado de todos nós. »

« A sua morte é uma grande perda e será profundamente sentida por todos aquelles que o conheceram.

« Rogo a V. Ex.ª que seja o interprete perante a familia de Joaquim Nabuco e o seu Governo da nossa dôr commum ; e lhes diga tambem que a Embaixada de Italia está entre aquelles que mais deploram tal desgraça, recordando as excellentes impressões que Joaquim Nabuco deixou no meu paiz. Não hesito em affirmar que ao meu Rei e seu Governo, assim como ao seu representante nos Estados Unidos, vivamente affectará a noticia do prematuro fallecimento desse esclarecido patriota, eminente estadista e diplomata perfeito, que acaba de desapparecer, ao fim de tão admiravel somma de labôr, e entretanto, bem antes de dar ao mundo tudo aquillo que o mundo podia esperar delle ! »

O Ministro chileno que tem acompanhado neste transe, a Embaixada, com toda a dedicação e carinho, disse na reunião do « Bureau das Republicas Americanas » :

« Da parte do Governo chileno e de accôrdo com as instrucções que recebi, desejo manifestar o profundo pezar que a morte do eminente Embaixador nos causou.

« O Governo do Brazil soffreu uma perda irreparavel: e a commissão directora deste « Bureau » perdeu o seu mais brilhante membro : e a causa pan-americana o seu mais enthusiasta defensor.

« Quanto a mim, pessoalmente, só posso dizer que o amava muito porque muito o conhecia. »

O cadaver de Joaquim Nabuco, perfeitamente embalsamado, descansa em atitude de quem dorme, na sala do superior, residencia transformada em camara ardente. Veste a farda de Em-

baixador e está envolto na bandeira do Brazil. Entre as mãos tem um rosario.

A sua phisionomia não soffreu alteração, a não ser a da palidez.

O conselho do director do Bureau das Republicas Americanas, enviou um telegramma de condolencias ao Governo do Brazil.

Hontem Joaquim Nabuco tinha-se levantado ás 7 horas da manhã. Fez a sua *toilette* e a refeição matinal, recostando-se depois no leito, a conversar com sua esposa, inteiramente despreoccupado.

Fallou da viagem que pretendia fazer a Baltimore, afim de soffrer alli uma sangria, que esperava o alliviaria muito.

Recordou que seu pai fizera uma aos quarenta annos, vivendo até 65, perfeitamente.

Referiu-se ainda a diversos projectos, entre os quaes o de uma viagem ao Rio de Janeiro.

Ás nove horas, começou a exprimir idéas sem nexo, mas tinha ao mesmo tempo a percepção do estado anormal do seu espirito. Desde as oito horas se chamára repetidamente o medico, Dr. Harding, que veio quasi ás dez.

Joaquim Nabuco ainda lhe disse:

—Doutor I am feeling much worse to day moment...

Depois, perdeu o conhecimento.

O Dr. Harding sahiu e voltou logo, com um assistente, trazendo os apparelhos para proceder á sangria, como fez.

O Embaixador continuava inconsciente. Esse estado accentuou-se gradualmente, até elle expirar ás 11 horas e 40 minutos.

WASHINGTON, 20

Ás 6 horas da manhã de hoje, os amigos intimos e as pessoas da familia Nabuco conduziram o corpo do Embaixador do segundo para o primeiro andar da sua casa de residencia, depositando-o n'uma sala da frente. Estava esta sala toda forrada de damasco vermelho. No centro ficou o caixão coberto pela bandeira brazileira, e tendo em cima o espadim e o chapéo do Embaixador. Junto ás paredes da sala ardiam cinco candelabros de

prata, de sete luzes cada um; á cabeceira e aos pés do morto, sobre mesinhas cobertas de flôres, havia dous candelabros identicos.

Desde cedo, começaram a chegar á residencia numerosas corôas, enviadas por altas personagens ou amigos do morto; outras eram mandadas para a capella do cemiterio.

Cerca de 9 $^1/_2$ horas, chegou todo o pessoal da Embaixada. Ás 10 horas foram abertos os salões para receber os convidados. Ás 10 $^1/_4$, achavam-se já presentes as pessoas designadas para segurar as alças do caixão, denominadas *pall bearers* honorarios, membros de Embaixadas, Legações e Consulados, e os amigos intimos do morto. O sacerdote procedeu então á primeira encommendação do corpo.

Visitaram a capella ardente, entre muitas outras pessoas, o Embaixador da França, Sr. Jusserand, que chorava, e o Sr. Elihu Root, não menos commovido.

Ás 10 $^1/_2$ horas, formaram na Jackson Place, as forças militares, acompanhadas de uma banda de musica de Marinha, composta de sessenta figuras e sob o commando superior do Coronel Joseph Garrad.

Minutos depois, entraram na capella ardente os cadetes do Exercito, designados para carregar o corpo. Estes, assim como todas as forças, vestiam uniformes de inverno: capotões de panno grosso, polainas altas de couro e «kepis» azues com vivos vermelhos.

Emquanto os cadetes retiravam o corpo, formavam duas alas nos passeios doze *pall bearers* honorarios. Posto o corpo na carreta de artilharia, formou-se o cortejo militar, constituido por forças das tres armas e formando um effectivo de mil homens — isto é, todas as tropas disponiveis do Districto Federal e immediatas visinhanças.

Seguiam-se as carruagens conduzindo os *pall bearers*, Embaixadores, Ministros e outros diplomatas, Senadores, Deputados, altos funccionarios, e muitas personagens civis e militares, entre as quaes o Ministro das Relações exteriores Sr. Knox, o chefe do Estado Maior do Exercito e o Ministro da Guerra Sr. Dickinson.

Em Jackson Place apinhava-se nos passeios a multidão, sob a vigilancia da policia.

O cortejo dirigiu-se á avenida Rhode Island, onde fica situada a igreja S. Matheus. Quando alli chegou, já occupavam logares no templo muitas personagens.

Quando, ao som do hymno do Brazil, os cadetes arriaram o corpo, este passou por entre *pall bearers,* formados em duas alas defronte do templo. O caixão foi conduzido pela nave central até junto do altar-mór; á cabeceira e aos pés ficaram candelabros accesos.

Entrou depois na igreja o Presidente da Republica, Sr. Taft, acompanhado de sua esposa e do Vice-Presidente, os quaes foram recebidos á porta do templo pelos membros das embaixadas. O Presidente e sua esposa occuparam os seus genuflexorios, collocados á esquerda do caixão. Todos os logares foram tomados immediatamente pelos convidados, e a nave tomou um aspecto verdadeiramente imponente.

Entre as centenas de uniformes de variadas côres, representando numerosas nacionalidades, salientavam-se os do Ministro da China e do Embaixador Austriaco. Aquelle vestia o trajo nacional, este o *magyar.* Havia tambem na assistencia innumeras senhoras, vestindo pelles riquissimas.

Os officiaes do Exercito e Marinha, sob a direcção do Coronel Crosby, chefe da casa militar do Presidente da Republica, conduziam os convidados aos logares que lhes estavam designados. Parte das corôas achava-se exposta nos altares lateraes do templo.

Foi então cantada a missa de corpo presente, na qual officiou o Padre John Coorper, coadjuvado por dez outros sacerdotes.

Á esquerda do altar-mór, sob um docel de velludo roxo, sentou-se Monsenhor Falconi, Delegado Apostolico.

Acompanhou a missa uma excellente musica de orgão, com um côro masculino e feminino.

Concluido o officio, Monsenhor Falconi revestiu-se das insignias e approximando-se do caixão, deu a absolvição.

Terminado o serviço religioso, o Encarregado de Negocios

Dr. Epaminondas Chermont, approximou-se do Presidente Taft e annunciou-lhe que findára a ceremonia.

O Presidente e o Vice-Presidente encaminharam-se então para a porta da igreja, onde os membros da Embaixada o cumprimentaram, despedindo-se.

Os cadetes novamente retiraram o corpo da igreja, seguindo atrás do caixão os *pall bearers.* O corpo foi outra vez deposto na carreta. Reorganisou-se o cortejo, comprehendendo então sómente as forças, as carruagens e automoveis conduzindo, além do pessoal diplomatico brazileiro, com suas respectivas esposas, o Vice-Consul do Brazil em Nova York, que representava o Consul, impedido de comparecer, os ministros do Chile e do Uruguay e o Dr. John Barrett, Presidente do *Bureau* das Republicas Americanas.

O prestito desfilou devagar, em direcção ao cemiterio, atravessando o bairro Georgetown, onde milhares de curiosos aguardavam a sua chegada.

Á porta do cemiterio de Oak Hill o cortejo fez alto, emquanto os cadetes arriavam novamente o corpo.

As bandas de clarins e tambores tocavam marchas batidas. A banda de Marinha executou a marcha funebre de Chopin.

O caixão foi transportado para a capellinha do cemiterio, onde o sacerdote rezou novo responso, terminando assim os funeraes.

— Illustre diplomata que aqui vive ha muitos annos, asseverou que foram estes os funeraes mais imponentes que elle jámais tinha visto em Washington. Considera-se uma honra sem precedente, a presença, na igreja, da S.ª Taft, apezar de tão doente.

O corpo ficará na capellinha do cemiterio, de onde, mais tarde, com ceremonial identico, será removido para o Arsenal de Marinha de Washington e dahi trasladado para o hiate *Mayflower,* o qual o transportará para Hampton Road, e ahi o entregará ao cruzador *North Carolina.*

WASHINGTON, 26

O *Herald* diz hoje que é praxe do Governo repatriar em navio de guerra o corpo dos Embaixadores aqui fallecidos, mas o

facto do Presidente offerecer o seu hiate á familia de Joaquim Nabuco foi absolutamente sem precedentes.

— Entre as corôas notavam-se as seguintes: Da Sr.ª e Sr. Town Send, *leader* social do Corpo Diplomatico, Instituto Historico, Governo do Chile, Sr. Lima e Silva, *Bureaù* das Republicas Americanas e sua junta directiva; Academia Brazileira, Annibal Velloso, Embaixador Casasuz, Ministro da Marinha dos Estados-Unidos, Ministros da Argentina, Portugal, Venezuela e Costa Rica, Ministro das Relações Exteriores dos Estados-Unidos, Barão do Rio-Branco, Dr. Nilo Peçanha, ex-Ministro de Cuba, Sr. Quesada.

Ainda do estrangeiro extractamos do mesmo *Jornal* os telegrammas seguintes, ácerca de tão irreparavel perda:

LONDRES, 18

A noticia da morte do Embaixador brazileiro em Washington, Joaquim Nabuco, causou aqui grande consternação, sobretudo nos circulos diplomaticos e litterarios.

LONDRES, 18

O Ministro do Brazil, Dr. Regis de Oliveira, mandará rezar, na proxima segunda-feira, na igreja de Orator, uma missa por alma de Joaquim Nabuco.

PARIS, 18

A noticia do fallecimento do Embaixador do Brazil em Washington causou na colonia brazileira desta Capital a surpreza mais profunda e dolorosa.

Todos os jornaes dedicam artigos mais ou menos extensos a Joaquim Nabuco, destacando-se o *Figaro* e o *Temps,* que, em curtas mas expressivas notas, assignalam os seus merecimentos politicos e litterarios, e os serviços que prestou á causa da Abolição e, como diplomata, ao engrandecimento, no estrangeiro, do nome de sua patria.

Referindo-se ao seu livro *Pensées Detachées,* diz o *Figaro* —

que elle foi escripto num puro e claro francez, comparavel ao de Rénan.

BUENOS AYRES, 17

El Diario, em artigo muito sentido e de commoventes palavras, annuncia esta tarde a morte de Joaquim Nabuco, occorrida hoje.

BUENOS AYRES, 17

Os jornaes da tarde publicam telegrammas dos seus correspondentes em Washington, dando noticia do fallecimento do Embaixador brazileiro nos Estados-Unidos, Sr. Joaquim Nabuco.

Alguns jornaes estampam o retrato do Dr. Nabuco, fazendo-o acompanhar de necrologios em que são exaltadas as suas brilhantes qualidades de diplomata e homem de lettras.

A Legação Brazileira aqui tem recebido visitas de pezames de muitas pessoas.

BUENOS AYRES, 18

Os Snrs. Sherrill e Cruchaga, respectivamente Ministros dos Estados-Unidos e do Chile, foram hoje á Legação levar os seus pezames pelo fallecimento de Joaquim Nabuco, pedindo ao Dr. Domicio da Gama que os transmittisse tambem á viuva do illustre diplomata.

BUENOS AYRES, 18

. Todos os jornaes da manhã publicam extensos necrologios do Embaixador do Brazil Joaquim Nabuco, acompanhados do seu retrato.

Salientam-se, pela importancia dos seus artigos, os jornaes *Prensa, Nacion* e *País*. O primeiro põe em grande valor o livro de maximas e pensamentos ha annos publicado pelo illustre diplomata.

O Dr. Victorino de La Plaza, Ministro das Relações Exteriores, enviou um telegramma de condolencias ao Governo brazileiro.

MONTEVIDÉO, 18

Todos os jornaes desta Capital lamentam a morte de Joaquim Nabuco, dedicando-lhe os mais sentidos necrologios.

SANTIAGO, 18

O Presidente da Republica, Dr. Pedro Montt e o Ministro do Exterior, Sr. Edwards, enviaram ao Governo brazileiro pezames pelo fallecimento do Embaixador Joaquim Nabuco.

Em nota remettida ao Ministro do Brazil, Sr. Gomes Ferreira, lembrou o Presidente Montt a parte que coube a Joaquim Nabuco nas negociações para solução da questão Alsop.

Na secção telegraphica do ainda alludido *Jornal do Commercio*, constam os despachos nacionaes :

RECIFE, 18

Foi muito sentida aqui a morte do Dr. Joaquim Nabuco.

As redacções de jornaes, diversas associações e muitas casas de commercio hastearam bandeiras em funeral.

RECIFE, 18

Logo que foi divulgada a noticia da morte de Joaquim Nabuco, o commercio inteiro cerrou as suas portas em signal de pezar, havendo mesmo algumas casas do bairro do Recife que não abriram hoje, inclusivé os bancos estrangeiros.

Os jornaes da tarde publicam extensos necrologios.

Diversos estabelecimentos publicos não funccionaram.

O Governador do Estado mandou que as repartições publicas não dessem expediente.

A Associação Commercial cerrou as portas e resolveu tomar luto por oito dias.

Amanhã reunem-se os academicos para tratarem da vinda do corpo de Nabuco para aqui.

Alguns antigos abolicionistas tratam da realização de uma sessão funebre.

O Dr. Governador do Estado telegraphou ao Sr. Barão do Rio-Branco, dizendo que Pernambuco desejaria sepultar o corpo de seu glorioso filho, caso a familia o permitisse.

RECIFE, 20

O Club Cupim, em reunião de hoje, tomou deliberação ácerca das homenagens funebres a serem prestadas á memoria de Joaquim Nabuco.

Fallaram varios oradores e foram nomeados representantes do Club nas exequias que serão celebradas nessa Capital os Srs. Rosa e Silva, João Alfredo, Barão de Lucena e José Mariano.

Finda a reunião, os membros do club foram ao Palacio solicitar ao Dr. Governador que dirija um telegramma á familia de Joaquim Nabuco, pedindo-lhe, em nome do povo pernambucano, consentimento para o grande brazileiro ser sepultado aqui.

Um grupo de abolicionistas manda celebrar exequias no trigesimo dia do fallecimento.

Os academicos resolveram, em *meeting*, solicitar do Dr. Governador que empregue toda a sua influencia para que o corpo de Nabuco seja sepultado aqui.

— Daqui teem sido expedidos muitos telegrammas de pezames ao Sr. Presidente da Republica e Barão do Rio-Branco.

RECIFE, 20

Continuam as manifestações de pezar pelo fallecimento de Joaquim Nabuco.

A idéa de ser eregida uma estatua em honra de Nabuco, tem sido secundada por todos os outros jornaes.

Em favor desta idéa o maestro Euclides da Fonseca promove um grande concerto ao ar livre.

No *meeting* promovido hoje pelos academicos fallará o lente da Faculdade de Direito Dr. José Vicente Meira de Vasconcellos.

BELÉM, 18

Causou aqui geral consternação a noticia da morte do nosso Embaixador nos Estados Unidos, Dr. Joaquim Nabuco.

FORTALEZA, 18

Causou aqui geral pezar a noticia do fallecimento do Dr. Joaquim Nabuco.

O Presidente do Estado, logo que recebeu o telegramma do Barão do Rio-Branco, communicando o triste acontecimento, mandou encerrar o ponto nas repartições publicas, enviando condolencias ao nosso Ministro das Relações Exteriores.

FORTALEZA, 20

A classe academica, em concorrida reunião, realizada hoje, deliberou telegraphar pezames ao Sr. Presidente da Republica e ao Sr. Barão do Rio-Branco, por motivo da morte de Joaquim Nabuco.

PARAHYBA, 20

Todos os jornaes publicam grandes necrologios de Joaquim Nabuco, cuja morte foi sentidissima.

Todas as repartições conservam a bandeira em funeral.

MACEIÓ, 18

Foi sentidissima aqui a morte do grande Brazileiro Joaquim Nabuco, nosso Embaixador em Washington.

Todos os jornaes fazem elevados necrologios.

ARACAJÚ, 18

Logo que se divulgou a noticia da morte do nosso Embaixador em Washington, Dr. Joaquim Nabuco, as repartições

publicas hastearam a bandeira a meio pau, sendo aqui muito sentido o infausto acontecimento.

BAHIA, 18

Foi muito sentida a morte de Joaquim Nabuco. Toda a imprensa dedica ao illustre morto sentidos necrologios.

O quartel-general e os quarteis dos corpos, os bancos, consulados, jornaes e associações, hastearam bandeiras em funeral.

S. PAULO, 18

Causou aqui dolorosa impressão a morte de Joaquim Nabuco.

No palacio e nas repartições foi hasteada em funeral a bandeira nacional.

Os academicos reunem-se hoje a fim de resolver sobre as homenagens que devem ser prestadas á memoria de Joaquim Nabuco.

S. PAULO, 20

A Camara Municipal de Campinas telegraphou ao Barão do Rio-Branco enviando pezames pela morte de Joaquim Nabuco.

O Presidente da Republica, Dr. Nilo Peçanha, recebeu em a noite de 17 de Janeiro telegramma da Embaixada Brazileira em Washington, communicando o fallecimento do Embaixador Joaquim Nabuco. E além d'este e de varias procedencias, os que são reproduzidos em continuação:

WASHINGTON (D. C.)

For my countrymen and in my own name I offer heartfelt condolence upon the death of Embassador Nabuco.—*W. H. Taft.*

SANTIAGO DO CHILE

La nacion chilena considera la perdida de Nabuco una desgracia suya y envio en su nombre a V. Ex.ª los sentimientos mas vivos de su pezar.—*Pedro Montt.*

Rio, 18

Apresento a V. Ex.ª a expressão do meu profundo pezar pela morte do illustre Embaixador do Brazil em Washington, Dr. Joaquim Nabuco, benemerito patriota e legitima gloria nacional. Respeitosas saudações.—*João Lopes,* Vice-Presidente da Camara em exercicio.

S. Paulo, 18

Pezames á Nação pela perda do grande brazileiro Joaquim Nabuco.—Senador *Campos Salles.*

Rio, 18

Sob a dolorosa impressão do profundo golpe que acaba de ferir a Nação Brazileira na pessoa de Joaquim Nabuco, apresento pezames a V. Ex.ª Saudações.—*Lyra Castro.*

Recife, 18

Associação Empregados do Commercio compungida perda irreparavel grande Joaquim Nabuco dá pezames Patria Brazileira e Chefe Nação.—*Directoria.*

Rio, 18

Queira V. Ex.ª acceitar sentidas condolencias passamento eminente Embaixador Brazil em Washington.—*Braz Carneiro.*

Rio, 18

Digne-se V. Ex.ª no triplice caracter de Presidente da Republica, esforçado propagandista da Abolição e sincero patriota, acceitar expressão do meu profundo pezar pela morte do genial brazileiro Joaquim Nabuco, gloria da nossa querida patria a que elle tanto serviu, honrou e dignificou. Respeitosas saudações.—*Thomaz Gomes Veigas.*

Pernambuco, 18

Associação Commercial Pernambucana envia a V. Ex.ª expressão seu pezar pela grande perda nacional occorrida com o des-

apparecimento eminente brazileiro, Dr. Joaquim Nabuco.—*Alfredo B. da Rosa Borges,* Presidente.—*Francisco Pinto,* Secretario.

MARANHÃO, 18

Cabe-me apresentar a V. Ex.ª em nome do Estado que represento, os sentimentos de profundo pezar pelo inesperado e lamentavel fallecimento, na Capital dos Estados Unidos da America do Norte, do nosso digno Embaixador, o illustrado Dr. Joaquim Nabuco.

Mandei immediatamente hastear em todas as partes a bandeira como demonstração de pezar, por oito dias.—*Americo Reis,* Governador.

NITHEROY, 18

Tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.ª que, por proposta do Sr. Vereador Fróes da Cruz, esta Camara inseriu em acta de seus trabalhos de hoje, um voto do mais profundo pezar pelo fallecimento do eminente Dr. Joaquim Nabuco, trazendo a V. Ex.ª as homenagens dos seus pezames mais sinceros pelo facto lutuoso tão deplorado pela Nação. Saudações attenciosas a V. Ex.ª—*Francisco Guimarães,* Presidente da Camara.

MANÁOS, 18

Pezames pela morte do grande estadista Joaquim Nabuco. —*A. Sergio Rodrigues Pessoa,* Coronel commandante superior interino da Guarda Nacional.

A primeira noticia que o Sr. Barão do Rio-Branco teve do fallecimento do Sr. Joaquim Nabuco, foi o seguinte telegramma, expedido de Washington, ás doze horas e trinta minutos da manhã:

«Com profundo pezar communico a V. Ex.ª a morte do Embaixador Nabuco, occorrida esta manhã, ás onze e quarenta, devida a uma hemorrhagia cerebral. Ainda hontem á noite, e mesmo esta manhã, nada indicava esta fatalidade, comquanto o Embaixador estivesse de cama ha dias.—*Chermont.*»

Pouco depois recebia o mesmo Sr. Barão do Rio-Branco este outro telegramma:

«O Sr. Presidente Taft acaba de vir pessoalmente, a esta Embaixada, manifestar os seus sentimentos de profundo pezar. —*Chermont.*»

Do Sr. John Barrett, Director do «Pan-americano Bureau», recebeu S. Ex.ª o seguinte telegramma:

WASHINGTON, 17

Both officially and personally I wish express my profound grief death Embassador Nabuco. He was greatly respected by American Government and people and loved by all his friends. —*John Barrett,* Director do «Pan-americano Bureau».

Traducção: — Tanto official como pessoalmente expresso-lhe meu profundo sentimento pelo fallecimento do Embaixador Nabuco. Elle era grandemente respeitado pelo Governo americano e pelo povo, e amado por todos os seus amigos.

WASHINGTON, 18

Em nome dos meus compatriotas e no meu proprio apresento-lhe condolencias pela morte do Embaixador Nabuco. — *William Taft.*

SANTIAGO, 17

O Governo chileno envia ao do Brazil e especialmente a V. Ex.ª, os seus mais vivos sentimentos de condolencia pela perda que acaba de soffrer com a morte do eminente diplomata Joaquim Nabuco. O Brazil perdeu um filho illustre e o Chile um amigo, amigo sincero. Queira V. Ex.ª acceitar as minhas cordiaes sympathias. —*Augusto Agustin Edwards.*

— O Embaixador americano no Brazil tambem enviou de Petropolis ao Barão do Rio-Branco o seguinte telegramma:

«O Secretario de Estado Dr. Knox, telegraphou o seguinte:

«O Presidente e povo dos Estados Unidos sinceramente deploram a perda que o Brazil acaba de soffrer com a morte do seu Embaixador, o qual na sua missão entre nós grangeou a estima e a boa vontade geral.

« Ás condolencias que eu vos transmitto peço a V. Ex.ª me permitta juntar as minhas com as seguranças do muito commovido que estou, deante de tão triste acontecimento. — *Dudley.* »

— O Director do « Bureau das Republicas Americanas », John Barrett, telegraphou ao Barão do Rio-Branco o seguinte boletim:

« A causa do Pan-Americanismo e o « Bureau Internacional das Republicas Americanas » acabam de perder um distinctissimo e fervente advogado, um muito sincero amigo, com a morte do Dr. Joaquim Nabuco, Embaixador do Brazil.

« Neste caracter, ao lado de Elihu Root, elle trabalhou com toda força que lhe davam as suas qualidades de grande estadista e todos os brilhos e dotes da sua intelligencia, para desenvolver o espirito de união, de benevolencia e de solidariedade entre as nações americanas.

« Joaquim Nabuco era, indubitavelmente, um dos homens de maior cultura que têm representado a America Latina neste paiz, e em terras estrangeiras tinha um conhecimento excepcional. Director das gentes e dos negocios publicos, conhecia como poucos varios idiomas, era um eloquente orador e um brilhante escriptor. Escreveu sobre variados assumptos, desde o direito e a politica até á poesia. A sua influencia tornou o Brazil e toda a America favoravelmente conhecidos e apreciados.

« Na America do Norte tornou-se potente pelo grande numero de convites que recebeu de Universidades e de corporações litterarias e commerciaes para fazer conferencias e pronunciar discursos perante os seus membros.

« As Universidades de Yale, Columbia e Wisconsin conferiram-lhe o grau de doutor em reconhecimento de sua erudição e qualidades de litterato e perfeito diplomata. A estima em que era tido por todos os seus collegas e por quantos o trataram de perto era igualada pelo profundo affecto que sentiam por elle amigos pessoaes.

« O seu nome ha de subir e ficar na Historia como o de um dos mais notaveis promotores do congresso e da concordia panamericana. E Joaquim Nabuco ha de ser contado sempre entre os mais eminentes estadistas do Brazil e da America Latina. »

— O Instituto Commercial enviou em data de 18 ao mesmo Sr. Barão do Rio-Branco o seguinte telegramma :

« Profundamente penalizado pela morte do Brazileiro amado Joaquim Nabuco, o Instituto Commercial, partilhando da grande dôr nacional, por delegação a um de seus membros, o mais obscuro, transmitte a V. Ex.ª, que, com o inesquecivel extincto e o preclaro cidadão José Carlos Rodrigues, formavam a honorabilissima trindade que tanto tem contribuido para a nobilitação da politica internacional americana. Sinceros pezames.—*Sinclair Francioni de Padua,* professor-secretario.

« Ex.mo Sr. Barão do Rio-Branco — Itamaraty — A Associação de Imprensa toma parte na grande dôr nacional, pela morte do eminente patricio Joaquim Nabuco, Embaixador do Brazil em Washington. A V. Ex.ª que symboliza a tradição viva da elevada diplomacia brazileira, trazemos condolencias — *A Directoria.*»

— O Barão do Rio Branco continuou a receber telegrammas de pezames. Entre outros, mais estes :

BUENOS AYRES, 19

Apresento á V. Ex.ª as minhas sentidas condolencias pela perda do illustre diplomata que o Brazil e a nossa America lamentam. — *Roque Saenz Peña.*

S. PAULO, 20

A Camara Municipal de S. Paulo sentidamente associa-se á dôr e ao luto do Brazil na pessoa de V. Ex.ª pela irreparavel perda que soffreu com o trespasse do grande cidadão, grande patriota e grande servidor da patria Dr. Joaquim Nabuco, honra e gloria do Brazil — *Manoel Corrêa Dias*, presidente da Camara Municipal.

SANTOS, 19

A Camara Municipal de Santos, interpretando os sentimentos geraes da população deste municipio, apresenta a V. Ex.ª as expressões mais sinceras de pezar pela irreparavel perda do eminente estadista Dr. Joaquim Nabuco, embaixador do Brazil nos Estados Unidos da America do Norte. Respeitosas sauda-

ções. — *Benedicto Pinheiro,* 1.º secretario no exercicio da presidencia da Camara Municipal.

SANTOS, 18

O Centro Civilista de Santos, dolorosamente surprehendido pelo infausto passamento do eminente brazileiro Joaquim Nabuco, prestimoso auxiliar de V. Ex.ª, solidario no luto nacional, votou unanime este telegramma de pezames á Patria, legitima e brilhantemente representada por V. Ex.ª — *Joaquim Montenegro Salles Braga.*

LA PAZ (BOLIVIA), 20

Ministro Exteriores acaba de vir pessoalmente apresentar em seu nome e no deste governo pezames pelo fallecimento do Embaixador Nabuco. — *Feitosa.*

CATAGUAZES (MINAS), 19

A Camara Municipal de Cataguazes inseriu um voto de pezar pela morte do grande brazileiro Joaquim Nabuco, enviando condolencias a V. Ex.ª — O presidente da Camara, *João Duarte Ferreira.*

FRANÇA (S. PAULO), 19

Pelo passamento do illustre brazileiro Joaquim Nabuco, nosso embaixador em Washington, damos pezames á Nação, representada por V. Ex.ª — *Andrade Martins,* presidente da Camara Municipal.

CAMPINAS, 19

A Camara Municipal de Campinas, associando-se ao pezar na Nação Brazileira pela enorme perda do eminente diplomata Joaquim Nabuco, apresenta pezames a V. Ex.ª pedindo os transmitta ao Presidente da Republica. — *Paula Castro,* presidente interino.

BATATAES, 19

Camara e municipio de Batataes apresentam a V. Ex.ª sinceras condolencias grande perda nacional morte illustre brazi-

leiro e benemerito patriota Joaquim Nabuco. — *Gabriel de Andrade Junqueira,* presidente.— *Nelson Vianna,* prefeito municipal.

MAGÉ, 20

Camara Municipal envia a V. Ex.ª expressão seu pezar perda nacional occorrida desapparecimento eminente brazileiro Joaquim Nabuco, benemerito patriota, legitima gloria nacional. — *Dr. Eduardo Portella,* presidente da Camara.

RIO GRANDE, 17

Apresento em nome dos meus amigos rio-grandenses pezames pelo fallecimento do egregio Nabuco, denodado precursor da abolição. — *Monteiro Lopes,* Deputado Federal.

RIO, 20

Partilho como brazileiro grande dôr passamento Joaquim Nabuco. Pezames ao amigo. — *Ribeiro Junqueira,* Deputado.

RIO, 20

Apresento os meus sentimentos pelo lamentavel passamento de Joaquim Nabuco. — General *Marciano de Magalhães.*

S. PAULO, 19

Profundas condolencias pela morte de Joaquim Nabuco, paladino eminente da nobre politica continental, e symbolo rutilante de moral humanitaria e da alta mentalidade brazileira. — *Manoel Bernardez.*

RIO, 19

Apresento a V. Ex.ª os sentimentos de profunda dôr pela perda que acaba de soffrer a Nação na pessoa do illustrado e nobilissimo brazileiro Dr. Joaquim Nabuco. — Cardeal *Arcoverde.*

«Legacion de Cuba. Rio de Janeiro, 18 de Enero de 1910.

Señor Ministro: Cumplo en estas lineas sinceras con el deber de expresar a V. Ex.ª los sentimientos de condolencia del Gobierno y pueblo de Cuba, asi como los mios proprios, por el fallecimiento del insigne diplomatico, publicista y tribuno Ex.mo Sr. Dr. Joaquim Nabuco, embaixador extraordinario y plenipotenciario del Brazil en los Estados Unidos, que dejó en mi patria, de su visita en Enero de 1909, admiracion á su palavra profunda y sabia y gratitud á su noble espiritu de confraternidad latino americana.

Aprovecho, Señor ministro, la oportunidad de reiterar a V. Ex.ª las seguridades de mi mas alta y distinguida consideracion. — *M. Marques Sterling*. A S. Ex.ª el Señor Doctor José Maria da Silva Paranhos do Rio Branco, Ministro de Relaciones Exteriores de los Estados Unidos del Brazil. »

O Ministro do Interior, Dr. Esmeraldino Olympio Torres Bandeira, recebeu os seguintes telegrammas:

S. PAULO.

Os corpos docente e discente do Gymnasio Macedo Soares, profundamente penalizados, apresentam a V. Ex.ª pezames pelo infausto passamento do grande brazileiro Joaquim Nabuco. — *José Carlos Macedo Soares,* Vice-Director em exercicio.

LAPA.

A V. Ex.ª, que neste momento melhor representa a heroica terra pernambucana, de coração envio pezames pela morte do grande pernambucano que foi do Brazil um gigante no espirito — o Dr. Joaquim Nabuco. Respeitosas saudações. — *Nilo Guerra.*

— O Palacio do Governo, os edificios dos Ministerios e todas as repartições publicas e associações particulares hastearam a bandeira a meio pau em signal de pezar pela morte de Joaquim Nabuco.

—A Academia Brazileira, de que Nabuco era membro e occupava a cadeira Maciel Monteiro, passou em 18 para Washington o seguinte telegramma:

«M.^{me} Joaquim Nabuco — Academia Brazileira acompanha V. Ex.ª na dôr pela immensa perda de Joaquim Nabuco.»

No Conselho Municipal — Ao abrir-se a sessão e depois de approvada a acta, teve a palavra o Sr. Julio Carmo, que pronunciou o seguinte discurso:

O Sr. Julio Carmo: — «A Casa, Sr. Presidente, naturalmente teve conhecimento, como toda a população desta Capital, como talvez o universo inteiro, do doloroso passamento do distincto Brazileiro, gloria nacional, que se chamou Joaquim Nabuco.

«Não póde, portanto, passar despercebida a esta corporação que representa a Municipalidade do Districto Federal, a morte desse grande e benemerito patriota. *(Apoiados).*

«Estão no dominio publico os serviços prestados no Parlamento do Imperio por esse vulto intelligente e bemfazejo, bem como o trabalho ingente e patriotico que prestou á Republica na qualidade de seu representante no estrangeiro. *(Apoiados).*

«O que, porém, mais destaque deu á sua util individualidade foi a campanha memoravel, os serviços inestimaveis que prestou á causa santa da abolição dos nossos irmãos escravos, campanha em que Joaquim Nabuco foi mais do que um denodado, foi uma abnegação extrema, fazendo jús á gratidão do povo brazileiro, pelo bem de sua acção em pról da humanidade e nada mais humanitario que a causa da liberdade dos escravizados. *(Muito bem.)*

«Quizera, portanto, Sr. Presidente, que o Conselho Municipal, cumprindo um dever, praticando um acto de inteira justiça e não sendo indifferente ao luto que envolve a Patria, mostrasse publicamente a sua magua com um voto do mais profundo pezar pelo fallecimento de quem tanto se destacou, quer na politica, quer na diplomacia do Brazil, quer quando tão directamente golpeou fundo essa negregada instituição que tanto nos aviltava perante o mundo civilisado — a escravidão; mas, como sei que outros collegas serão inscriptos, a elles deixo essa dolorosa missão.

«Apenas direi, Sr. Presidente, que de coração me associarei a todas as affirmações de pezar feitas pelo Conselho Municipal,

sejam quaes forem, porque ellas estarão muito áquem dos merecimentos do extincto.» *(Muito bem; muito bem.)*

Seguiu-se na tribuna o Sr. Ezequiel de Sousa, que disse o seguinte:

O Sr. Ezequiel de Sousa: (Movimento de attenção): — Sr. Presidente, os collegas acabaram de ouvir a palavra fluente do distincto collega Sr. Julio Carmo, que vem exprimir o sentimento que vae na alma de todos os Brazileiros, pelo passamento do grande e admiravel tribuno, o paladino da abolição da escravatura, Dr. Joaquim Nabuco.

« *O Sr. Ataliba de Lara:* — Apoiado.

« *O Sr. Ezequiel de Sousa:* — Seria desnecessaria a minha humilde presença na tribuna...

« *Vozes:* — Não apoiados.

« *O Sr. Ezequiel de Sousa...* — se não representasse sobre o tecto augusto desta Casa, onde impera a soberania do Municipio as classes trabalhadoras. E é por isto que venho proferir algumas palavras sentidas sobre o triste acontecimento que enlutou a patria brazileira.

« Joaquim Nabuco foi um desses homens que fizeram jús á admiração mundial, foi um desses nomes que, na historia do Brazil, serão gravados em lettras de oiro pelos inegualaveis serviços prestados.

« Ao Conselho Municipal, Sr. Presidente, cabe, portanto, prestar neste momento angustioso, em que a Patria se debruça diante de um tumulo recentemente aberto, as homenagens de respeito e saudade a quem na vida foi um dos mais fortes esteios da democracia brazileira.

« Assim, pois, Sr. Presidente, venho propôr que, por esse triste acontecimento que veio enlutar a Patria e a Republica, roubando um dos seus filhos mais dilectos, se insira em acta um voto de profundo pezar; que seja levantada a sessão; que se officie ao Ex.mo Sr. Presidente da Republica e Ministro das Relações Exteriores, apresentando condolencias pelo infausto passamento do Dr. Joaquim Nabuco, e que seja hasteado em funeral o pavilhão que representa o Legislativo Municipal da Capital da Republica. *(Muito bem; muito bem).*

Para apresentar um additamento á proposta do Sr. Ezequiel de Sousa, usou, por ultimo, da palavra o Sr. Ataliba de Lara, que pronunciou as seguintes phrases:

O Sr. Ataliba de Lara (visivelmente commovido): «Sr. Presidente, não foi sem grande magua que, abrindo os jornaes de hoje, vi, como quasi todos os brazileiros, a triste nova do fallecimento do Dr. Joaquim Nabuco.

«Se outros motivos eu não tivesse para lamentar a perda, que é irreparavel para o nosso paiz, bastariam os rapidos instantes que tivemos de companheirismo na luta em que juntos terçamos armas, elle como general em chefe da peleja, eu, como triste e humilde soldado de suas fileiras. Se não fossem as primeiras razões que a todos nós neste momento enluta, isso bastava para que eu me sentisse alanceado pela dôr que não tem quasi lenitivo, tão grande é a perda que acaba de soffrer a patria brazileira com o desapparecimento desse filho querido.

«Ainda me parece, Sr. Presidente, ouvir, nos memoraveis dias de campanha do abolicionismo, a sua voz metalica a cortar de apoiados as humildes palavras que eu, então, simples redactor da *Cidade do Rio*, dirigia ao povo agglomerado diante da nossa tenda de trabalho.

«Ainda tenho gravadas na memoria, Sr. Presidente, as palavras fluentes, ardorosas e vivas com que elle saudava o advento da abolição na tribuna da Camara dos Deputados. E era de ouvil-o, Sr. Presidente, com que imaginação elle se exprimia, como aquelle coração era prendado, como aquella palavra era unica na tribuna, no arrebatamento convencido, de que uma vez para sempre empolgava as almas das multidões.

Vozes: Muito bem.

O Sr. Ataliba de Lara: — «Eu não sei, Sr. Presidente, se há alguma coisa de extranho no meu modo de externar o que sinto: mas como sou verdadeiro e não sei dizer senão aquillo que estou sentindo, deixo transparecer a magua que me vai na alma. É esse, felizmente, o espirito do Conselho, e assim o disseram tão bellamente os oradores que me precederam, e que mostraram o verdadeiro pezar de que nos achamos possuidos; consinta, pois, V. Ex.ª, Sr. Presidente, que eu addite á proposta do

Sr. Ezequiel de Souza a nomeação de uma commissão que assista aos actos funebres que se hão de realisar em memoria de Joaquim Nabuco, pedindo tambem, mau grado a situação em que estamos, que o Prefeito tenha, por officio, conhecimento da nossa dôr e da nossa magua. *(Muito bem; muito bem).*

— O Sr. Corrêa de Mello, Presidente, disse que, de accordo com a praxe e interpretando o sentimento geral do Conselho, dava por unanimemente approvadas ambas as propostas, e nomeou para a commissão incumbida de assistir aos officios funebres os Srs. Julio de Santa Anna, Alberto e Assumpção e Guilherme dos Santos.

Em seguida foi levantada a sessão.

Em signal de pezar pelo fallecimento do Dr. Joaquim Nabuco, o Prefeito Municipal Dr. Serzedelo Corrêa ordenou que em todas as repartições fosse posta a bandeira nacional a meia haste. A mesma auctoridade, em decreto especial, deu o nome de JOAQUIM NABUCO á rua do Passeio. Ainda o Prefeito telegraphou á embaixada do nosso paiz, em Washington, associando-se á dôr do Brazil pela morte do Embaixador dr. Joaquim Nabuco.

OUTRAS DEMONSTRAÇÕES DE PEZAR — O Presidente da Republica recebeu do general Quintino Bocayuva, Presidente do Senado Federal, a seguinte mensagem :

« Ex.mo Sr. Presidente da Republica. — Em nome do Senado da Republica, de cujos sentimentos julgo ser, neste momento, fiel interprete, exprimo a V. Ex.a o sincero e profundo pezar que nos causou a noticia do inesperado fallecimento do nosso illustre compatriota Dr. Joaquim Nabuco, Embaixador da Republica junto ao Governo dos Estados Unidos do America.

« Pelo brilho dos seus talentos, pela nobreza do seu caracter, pela sua gloriosa tradição como jornalista, parlamentar, diplomata e litterato, bem como pelos seus relevantes serviços á nossa Patria, cujo nome elle honrou em todas as posições que occupou, a sua perda deve ser sinceramente lamentada por toda a Nação Brazileira, da qual elle foi um dos mais illustres filhos e um dos seus mais dignos representantes.

« Enviando a V. Ex.ª, como chefe do Poder Executivo, a expressão do nosso pezar, prevaleço-me do ensejo para reiterar a V. Ex.ª os meus sentimentos de alta estima e profundo respeito. — *Q. Bocayuva.*»

— O Sr. Barão do Rio Branco recebeu o seguinte officio do Sr. Quintino Bocayuva:

« Senado da Republica dos E. U. do Brazil, Capital Federal, 18 de Janeiro de 1910. — Ex.ᵐᵒ Sr.: Em nome do Senado já exprimi a S. Ex.ª o Sr. Presidente da Republica, o pezar que nos causou a dolorosa surpreza do inesperado fallecimento do Dr. Joaquim Nabuco, Embaixador da Republica junto ao Governo dos Estados Unidos da America.

« Pelo mesmo infausto motivo tenho a honra de manifestar a V. Ex.ª, como amigo pessoal do illustre extincto e como digno Ministro das Relações Exteriores, os meus sentimentos pessoaes como amigo e admirador que sempre fui dos altos dotes intellectuaes e do nobilissimo caracter do Dr. Joaquim Nabuco, cuja memoria é digna da estima e da gratidão nacional.

« Com a expressão do meu pezar, queira V. Ex.ª receber os protestos da minha sincera estima e alta consideração. — *Quintino Bocayuva.* — Ao Ex.ᵐᵒ Sr. Dr. José Maria da Silva Paranhos do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores. »

— O mesmo Sr. Barão do Rio Branco recebeu o seguinte officio do Conselho Municipal do Districto Federal:

« Em 18 de Janeiro de 1910. — Ex.ᵐᵒ Sr. Ministro das Relações Exteriores — O Conselho Municipal do Districto Federal, por proposta do Sr. Intendente Ezequiel de Sousa, unanimemente approvada, envia a V. Ex.ª, como insigne chefe da nossa representação no exterior, seus sentidos pezames pelo inesperado e lamentavel passamento do eminente brazileiro e ardente defensor dos interesses do Brazil no estrangeiro, nosso Embaixador junto ao Governo dos Estados Unidos da America do Norte, Dr. Joaquim Nabuco.

Saude e fraternidade. — *Julio do Carmo,* 1.º Secretario. »

VARIAS NOTAS ESPARSAS

— Por motivo do fallecimento do Dr. Joaquim Nabuco, o Sr. Barão de Rio Branco adiou o banquete que a 18 offerecia, em Petropolis, ao Commandante e officiaes do cruzador *S. Gabriel* e mandou conservar em seu departamento a bandeira nacional em funeral durante alguns dias.

— Na sua audiencia do referido dia 18, o Dr. Pires e Albuquerque, Juiz Federal da Segunda Vara, mandou inserir no protocollo um voto de grande pezar pelo passamento do saudoso diplomata Joaquim Nabuco.

— Tambem o Juiz Substituto Dr. Sá e Albuquerque, fez consignar um voto de pezar no protocollo de suas audiencias pelo passamento do illustre Brazileiro.

— O Dr. João Rodrigues da Costa, Juiz da 1.ª Vara do Commercio, mandou lançar no protocollo das audiencias outro voto de pezar pelo fallecimento do Dr. Joaquim Nabuco, nosso Embaixador na America do Norte.

— Pelo fallecimento do Embaixador brazileiro nos Estados Unidos da America do Norte, Dr. Joaquim Nabuco, o general commandante da Força Policial mandou içar a meia haste a bandeira Nacional nos quarteis da mesma corporação, durante dous dias.

— A Directoria da Faculdade Livre de Direito, em signal de pezar pelo fallecimento do Dr. Joaquim Nabuco, hasteou a bandeira a meio pau na fachada do edificio da mesma Faculdade, e resolveu comparecer a todos os actos, que se realizarem em homenagem á memoria daquelle illustre brazileiro.

— Em signal de profundo pezar pelo fallecimento do grande Brazileiro, Dr. Joaquim Nabuco, a Directoria do Externato Pedro II, resolveu suspender os exames, tendo mandado hastear a bandeira em funeral.

— Os membros sobreviventes da Confederação abolicionista se reuniram para deliberar sobre as homenagens que a mesma Confederação prestaria á memoria de Joaquim Nabuco.

— Logo que teve conhecimento do fallecimento do Dr. Joaquim Nabuco, a Directoria do Club dos Diarios, do qual elle era

um dos socios honorarios, mandou cerrar as portas do seu edificio em signal de pezar.

— Em 19 realizou-se uma reunião promovida pelos Srs. Rego de Medeiros, Theobaldo Saldanha e Coronel Dr. A. Pereira do Carmo, e em que tomaram parte muitos pernambucanos, tratando-se na mesma de prestar homenagem á memoria de Joaquim Nabuco.

Foi resolvido tomar luto por oito dias, realizar uma sessão funebre no 30.º dia do seu passamento, telegraphar ao Ministro das Relações Exteriores e á familia do finado, e ainda convidar o Conselheiro João Alfredo para presidir aquella sessão.

A colonia pernambucana effectua mais uma nova reunião no proximo sabbado 23 á noite, para tratar do assumpto.

— Na reunião da commissão que promoveu as festas de 15 de Novembro, o Sr. Major Aguirre justificou a seguinte proposta : *a)* que na acta da sessão fosse consignado um sincero voto de profundo sentimento pela irreparavel perda que o Brazil acabava de soffrer com a morte do eminente diplomata Joaquim Nabuco, nosso Embaixador na Republica dos Estados Unidos do Norte ; *b)* que fosse nomeada uma commissão com o fim especial de levar ao Dr. Nilo Peçanha, Presidente da Republica, e Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores, os sentimentos de pezar que ora comprimem os corações de todos nós, admiradores do patriotico cidadão, tão prematuramente roubado á communhão dos Brazileiros, telegraphando-se no mesmo sentido á Ex.ma viuva e filhos do illustre morto, e ao Estado de Pernambuco na pessôa de seu Governador ; *c)* que a commissão commemoradora das datas nacionaes seja representada em todas as ceremonias e manifestações funebres em homenagem ao extincto abolicionista, não só nesta Capital como em Pernambuco.

A Commissão nomeada pelo Presidente Dr. Sá Freire constou dos seguintes membros : Drs. Avellar Brandão, Alfredo Barcellos e Octavio Ascoly, Major Carlos Aguirre e Antonio José Marques Zamith.

O Dr. Martins Costa, secretario da commissão, expediu ao Dr. Herculano Bandeira, Governador do Estado de Pernambuco, o seguinte telegramma : « A Commissão Commemoradora das

datas nacionaes, fez inserir na acta da sessão de hontem (19 de Janeiro de 1910), por proposta do Major Carlos Aguirre, unanimemente approvada, um voto de pezar pela morte de Joaquim Nabuco, bem como telegraphar ao Estado de Pernambuco, na pessôa de V. Ex.ª, dando pezames.

Outrosim, em cumprimento á proposta do alludido Major Aguirre, foi telegraphado ao *Diario de Pernambuco,* pedindo para esse orgão da imprensa do Recife representar a Commissão nas exequias que nesse logar forem realizadas.»

— O Sr. Theodoro Roosevelt, um dos mais notaveis presidentes dos Estados Unidos, antecessor do actual William Taft, e que chegára a servir com Joaquim Nabuco, viajando na Europa justamente na occasião em que se dava em sua patria o fatal desastre da morte do preclarissimo brazileiro, deixou expressadas em Paris, ao embaixador representante de seu paiz, as suas preoccupações sobre o grande extincto nas seguintes palavras:

« Era rara a felicidade de encontrar um homem dotado das virtudes e do merecimento do Dr. Nabuco ; que as suas qualidades politicas não eram inferiores ás suas notabilissimas qualidades literarias ; que essas qualidades se alliaram e harmonisaram n'elle, esclarecendo-se reciprocamente e completando-se admiravelmente. »

— Ao ser inaugurado o palacio do « Bureau internacional das republicas americanas », o Sr. Elihu Root terminou o seu discurso com estas palavras :

« Uma voz aqui devia fazer-se ouvir hoje, que está silenciosa ; muitos, porém, de entre nós não podemos esquecer nem podemos deixar de chorar e de honrar o nosso caro e nobre amigo Nabuco, embaixador do Brazil, decano do corpo diplomatico americano, respeitado, admirado, amado e seguido por todos nós, cuja inteira confiança conquistára.

« Elle era a figura dominante no movimento internacional de que faz parte a erecção deste edificio.

« A largueza da sua philosophia politica, a nobreza do seu idealismo, a grandeza prophetica da sua imaginação poetica eram

n'elle unidas á sabedoria, á sagacidade prática do homem de Estado, a um sympathico conhecimento dos homens, a um coração sensivel e affectuoso, como se fosse de mulher.

« Elle acompanhou o projecto de construcção desta casa, com o maior interesse

« A sua influencia benefica exerceu-se sobre todas as nossas acções. Nenhuma benção póde ser pronunciada sobre esta grande instituição, tão rica em promessas do futuro, que valha o desejo de que perdure a sua memoria ennobrecedora, de que o seu espirito civilisador se mantenha e domine nos conselhos da união fraternal das republicas americanas. »

Um brazileiro distincto, o Dr. Clovis Bevilaqua, tambem em vida delle já se pronunciára do seguinte modo:

« Em Joaquim Nabuco eu vejo, como todo o mundo aliás, uma alma devotada ás conquistas da liberdade politica, e uma poderosa organização literaria, que anceia por alcançar as notas mais vibrantes e mais expressivas na arte de dizer pela escripta e pela tribuna. Politico, sem arregimentação partidaria, fez-se campeão do abolicionismo, e, sobre esse thema, na luta social então desdobrada, o homem de letras produziu, em pamphletos, discursos e conferencias, obras de extraordinario vigor e admiravel belleza.

« Finda a campanha abolicionista, o mesmo impulso liberal conduziu o artista pensador para o campo do federalismo, e vencido esse contraforte da montanha, o espirito ascendeu para regiões mais altas e mais luminosas. O congraçamento affectivo da America; a organização da vida internacional americana sob os auspicios das idéas de justiça e de paz; a harmonia dos destinos do continente correspondendo á continuidade do sólo; a fusão dos elementos, das forças e das tendencias diversas das duas Americas em uma fórma peculiar da civilisação, eis os problemas que o momento lhe propõe á intelligencia e que esta enfrenta resoluta e apaixonada, porque ha nelles grandeza moral capaz de lhe satisfazer as aspirações de liberdade politica e de belleza ideal. »

. . . .

Mas a verdade é que esse colosso de tantos attributos portentosos e admirados não escapou á lei da contingencia humana — Morreu !...

. . . .

Seus funeraes começaram em 20 de Janeiro, em Washington, continuaram pelo Atlantico, aguas a fóra, desde a America do Norte a do Sul, em demanda do Rio de Janeiro, onde recebeu em 9, 10, 11 e 12 de Abril a apotheose do Brazil inteiro. Depois terminaram na terra do seu nascimento — a cidade do Recife — em 18 do mesmo mez...

Houve na vida d'aquelle prodigioso brazileiro algumas coincidencias interessantes, que podem ser lembradas por serem curiosas. Eil-as : — Baptisou-se na capella de *S. Matheus* da pittoresca vivenda de Massangana, no municipio do Cabo, isto é, ahi recebeu a primeira ceremonia de entrada na religião ; em outra capella tambem de *S. Matheus,* invocação aliás pouco commum nos templos, teve em Washington, os primeiros suffragios após a morte !... — Quando a campanha abolicionista terminou, lhe communicaram que ia ser agraciado com o titulo de *Conde da Redempção,* mas elle impedindo que similhante distincção lhe fosse conferida, declarou logo e peremptoriamente, que em caso algum a aceitaria : pois bem, sempre afastado da terra natal, onde apenas viveu nos primeiros annos, apezar de tal circumstancia tão poderosa, fallecendo muito longe, de grande distancia mesmo, veio ter o leito final no Cemiterio da *Redempção,* que é a invocação do Cemiterio principal do Recife, no logar — Santo Amaro !... Succumbindo a *dezesete* de Janeiro, circumstancias atrazaram o transporte de guerra que trouxe seu cadaver, de modo que a *dezesete* d'Abril chega ao Recife, á ultima estancia amiga do pouso derradeiro onde vinham repousar seus despojos mortaes !... — E, por fim, se ainda quizessemos, mais outro confronto, embora de menos importancia, podiamos lembrar que se chamando Joaquim *Aurelio,* foi elle o maior vulto e o maior factor da grande lei de 13 de Maio de 1888, a lei *aurea,* como a nação inteira a chrismou, ou *lei aurelia,* adjectivo da mesma expressão e formado com o mesmo elemento...

. . . .

Estamos nesta narração que seguiu chronologicamente todos os estadios de sua existencia, a 8 de Abril de 1910. Nesse dia no Rio de Janeiro se aguardava a chegada do cadaver de Joaquim Nabuco, que vinha dos Estados Unidos. A maioria dos jornaes estampa seu retrato, e na primeira pagina todos se occupam daquelle verdadeiro patriota, trazendo tambem o programma das homenagens a tão amada e saudosissima memoria.

Merece ser reproduzido aqui o bello artigo do *Paiz*, publicado naquelle dia em que a desventurada mãe patria ia recolher os restos inanimados do filho que tanto a dignificava.

« A cidade esperou hontem, anciosamente, a chegada do cruzador americano que conduz em seu bojo os sagrados despojos de Joaquim Nabuco. As vinte e quatro horas que medearam do momento annunciado da entrada do *North Carolina* até o instante em que de Cabo Frio notificaram a sua passagem, foram de uma intensa espectativa. Parecia haver em todos a sensação de uma individualidade incompleta, cujo retalho que a integraria vinha longe, demoradamente, de outras terras, tardando em chegar; era, como nos contos maravilhosos que nos encantaram na infancia, o coração do gigante encerrado numa caixa de ferro entregue aos azares do mar e aos riscos dos maus fados, emquanto em terra, vivendo uma vida que estava separada delle, avultava, formidando e inquieto, poderoso e independente, o corpo a que faltava o musculo vital.

« Nabuco foi, nessas vinte e quatro horas de anciedade, para a multidão anciosa, o coração ausente, entregue ao arcabouço ferreo do *North Carolina*, cuja demora pungia, pela incerteza do momento em que seria novamente possuido, o sentimento hypersteziado do povo.

« Eil-o, finalmente, daqui a horas reintegrado no organismo da Patria em que elle vibrou intensamente, espalhando idéas e energias generosas pelas arterias e pelos musculos da collectividade! Alguns instantes mais e a cidade guardará em si esse soberbo symbolo de uma phase gloriosa de sua existencia; e a cidade, é, nesse dia, a Patria inteira, o resumo de sentir e do querer de toda a vida nacional, a interprete do seu reconhecimento, a representação das suas homenagens; é o retalho da

Patria em que primeiro aportam os restos veneraveis do que viveu de amar, enaltecer e servir ao torrão bem amado.

« O protocollo official guardou para outro momento, que se lhe antolhou mais opportuno, as grandes homenagens do Estado ; Nabuco não atravessará mais a cidade, e o seu derradeiro somno, por diante das fileiras da força Nacional, estendidas em continencia ao grande general das campanhas da paz ; mas a guarda de honra será dada pela cidade unanime, pela unanime collectividade nacional.

« Na área ampla do desembarque, ao longo das vastas avenidas, a alma do Brazil, estuando na multidão inumeravel que se accumulará á passagem do patriota morto, prestará ao feretro as homenagens da grande força, que é a propria Patria.

« O corpo de Nabuco desfilará, na carreta funebre, por diante das continencias do amor e da gratidão ; amor de terra-mãe orgulhosa dos brilhos do filho admirado, gratidão de Patria redimida pelo seu esforço. A sua passagem evocará épocas e prelios desfeitos, de que perduram a recordação vibrante e os ecos envaidecedores ; surgirão, irradiando do caixão precioso, como de um fluido immortal, as figuras magnificas que envolveram e batalharam em torno e ao lado da figura de Nabuco, os vultos inesqueciveis de uma phase aurea, em que o jornalismo, a tribuna popular e o parlamento tinham fulgurações extraordinarias, os paladinos e as bandeiras e a visão das victorias, que sagraram a mais bella e a mais humana das cruzadas, ao decahir do seculo passado.

« E essas figuras, essas bandeiras, que toda a gente vê com os olhos da emoção intensa, seguirão, como uma escolta incomparavel, o campeão inanimado. O silencio respeitoso da massa popular, os olhos, não raro, marejados de lagrimas agradecidas, as benções murmuradas apenas, o preito sem restricções e sem maculas que cada qual presta no intimo do coração, valerão pela mais eloquente manifestação de amor e de saudade.

« As descargas roucas com que o protocollo exprime a tristeza do Estado, não quebrarão esse silencio e não irão perturbar essas benções. A força armada essa estará, como o povo que é confundida com elle no preito nacional.

« Será essa a entrada derradeira do triumphador na cidade, que lhe testemunhou os maiores triumphos; e o seu penultimo estadio — antes das preces com que a igreja se associa ao culto do libertador que a ligou um dia, indissoluvelmente, ás glorias da abolição — será o palacio-symbolo, representação de uma politica de dignidade e de paz a que Joaquim Nabuco dedicou as derradeiras energias de sua existencia.

« O ultimo estadio será o templo catholico, e esta parada, com as homenagens que lhe serão prestadas ali, comprehende-se bem quanto nos lembramos de que Joaquim Nabuco fez da igreja o seu auxiliar decisivo para o seu decisivo golpe ao captiveiro. A igrêja que o acolheu para ajudál-o na fulgurante victoria, acolhe-o hoje para abençoar pela ultima vez o generoso lidador, e nestas benções, não é irreverencia dizer, é que deve ir a reconhecida recordação de que Nabuco elevou sobre a sua obra extraordinaria a figura de um pápa, e assimilou ao triumpho abolicionista a cooperação social do christianismo.

« Mais alguns dias, e Nabuco será finalmente entregue á terra amada de seu berço. O Rio de Janeiro, porém, — capital do Imperio, onde Nabuco sustentou os combates pela redempção dos escravizados, e capital da Republica, com a qual Nabuco batalhou pelo prestigio internacional do Brazil — terá prestado a homenagem da Patria toda, pois que a cidade resume no symbolo politico e na complexidade social, a homenagem que não se define nem molda, mas que se exalça e vibra, como a de um grande coração, cheio de reconhecimento e de saudade. »

. . . .

Sómente no dia 9 chegou o couraçado americano *North Carolina*, em que o governo dos Estados Unidos da America do Norte fazia repatriar ao Brazil o cadaver do nosso pranteado conterraneo, acompanhando aquelle couraçado o brazileiro *Minas Geraes*, que da Europa tivera ordem de vir á America para similhante fim.

Naquella Grande Nação foi imponente a ceremonia do trasladamento do cadaver para bordo, sendo inexcediveis as provas de carinho prestadas pelos norte-americanos ao immortal Joaquim Nabuco.

Ainda em Barbados, na passagem, o governador foi a bordo do *North Carolina* prestar homenagem á memoria do idolatrado brazileiro, dispensando-lhe tambem as honras do elevado cargo.

Mas pouco depois da sahida desse ultimo porto, o couraçado encontrou a 27 de Março, o paquete *Verdi*, em que viajava o illustre americano Sr. William Bryan, e este trocou com o filho do extincto, o Sr. Mauricio Nabuco, o seguinte radiogramma:

« Rogo ventos favoraveis para que o *Minas Geraes* e o *North Carolina* completem a triste viagem, sem accidente algum, entregando os restos mortaes do homem de Estado lamentado pela nação que tanto honrou e o povo que serviu tão fielmente. »

O caixão que encerrava as preciosas reliquias, trabalho valiosissimo, verdadeira obra de arte, inteiramente de bronze massiço (presente do governo americano), veio collocado junto á torre de ré, e desde a partida guardado por marinheiros com as armas em funeral. Ali, entre outras corôas, figurava uma do presidente dos Estados Unidos da America do Norte, William Taft.

Ao entrar na bahia de Guanabara, o couraçado americano, seguido pela divisão que na vespera partira ao seu encontro, salvou á terra, sendo correspondido pelas fortalezas e pelo couraçado *Deodoro*.

Fundeado o *North Carolina*, para o mesmo se dirigiu o galeão *D. João VI*, tripulado por alumnos da Escola Naval. A seu bordo foram o representante do Presidente da Republica Brazileira, seus Ministros, o presidente do Supremo Tribunal, o chefe de Policia, um representante de cada Estado brazileiro, os chefes do Estado Maior do Exercito e da Armada, representantes da Academia Brazileira de Lettras, pessoas da familia do saudoso morto, membros da commissão promotora de homenagens, etc.

Comboiou o galeão levando commissões, uma esquadrilha de embarcações de todos os clubs de regatas da Capital Federal e da cidade de Nictheroy. Á mesma acompanharam muitas lanchas a vapor.

Ao desembarque, que se effectuou ás 3 horas da tarde, no

caes Pharoux, formava uma divisão do Exercito, sob o commando do general Menna Barreto.

O esquife foi recebido em terra pelos representantes diplomaticos, por muitas pessoas gradas, corporações diversas, pelo povo em massa que, apezar da chuva abundantissima que jorrava, não recuava siquer um passo, mas enchia litteralmente o mesmo caes Pharoux, o dos Mineiros, a praia de Santa Luzia, a Avenida Beira Mar e todas as adjacencias.

Bandas de musica, successivamente, executavam sentidas marchas funebres, cujos sons pezarosos melancolicamente se cazavam com a tristeza geral que se derramava de todos os semblantes silenciosos, com o céo sombrio, velado de nuvens escuras, e chuvoso, o qual era como se o templo da natureza desse fragmento do mundo onde está situada a patria d'Elle, se tivesse vestido de luto, de alto a baixo, derramando copioso pranto pela ausencia eterna do filho adorado...

Collocado o corpo na carreta pelos representantes mais antigos do abolicionismo, tomaram estes posições nas filas, e o grande prestito seguiu para o palacio Monröe, transformado em Pantheon provisorio, ficando em camara ardente exposto á visita publica.

Na passagem pela Avenida Central, quasi todos os estabelecimentos de educação, artes, officios, commercio, escolas superiores, batalhão naval, alumnos das escolas de tactica e militar, aprendizes marinheiros, membros de associações litterarias, do tiro, etc., aguardavam o feretro ali; e os alumnos das escolas primarias sobre o mesmo lançaram abundancia de flôres naturaes.

Ainda quando passaram os velhos estandartes abolicionistas, amarrotados e com as côres amortecidas, taes como uns pedaços do passado da patria, alguns libertos e voluntarios da liberdade derramaram lagrimas...

O ministro da Marinha com seu Estado Maior recebeu o feretro no palacio Monröe; e a officialidade do *North Carolina* depositou no catafalco uma linda grinalda com expressiva dedicatoria.

Durante o dia 10, milhares de pessoas desfilaram diante do ataúde do extraordinario brazileiro e mais de 4.000 inscreveram

seus nomes no livro de visita. Todas as classes estavam representadas, dentre a enorme massa de povo que em frente ao mesmo palacio Monröe enchia o local...

No seguinte dia, cerca das dez horas e meia da manhã, tudo preparado para o sahimento até á Cathedral, o conego Jeronymo de Carvalho Rodrigues fez a encommendação do cadaver, sendo acolythado na ceremonia pelos padres Paulo Stamile e Miguel Murce.

A' sahida do feretro, sobre a bandeira nacional e estandartes abolicionistas, o qual era transportado á carreta onde devia ser conduzido, e levado por fuzileiros navaes, toda aquella multidão se descobriu respeitosamente!...

Notava-se em cada physionomia um grande recolhimento, verdadeira consternação, e o ambiente estava como cheio de uma acabrunhadora saudade!...

A musica do Corpo de Bombeiros executou nesse instante, magistralmente, a protophonia do *Guarany*. Depois o Dr. Raphael Pinheiro, em nome da commissão central promotora das homenagens, produziu uma notavel peça oratoria, onde salientou a posição brilhante, gloriosa, abnegada e inexcedivel que Joaquim Nabuco tomou na campanha abolicionista, tornando-se um vulto dos mais admirados. Tambem se referiu aos serviços por elle prestados no estrangeiro, fazendo-se o advogado tenaz da hegemonia americana em uma propaganda elevada e patriotica, que tem tornado hoje nosso paiz conhecido e muito considerado no exterior. Elle começou sua oração assim:

«Não é igual para todos a morte, ha os mortos de cada um, e os mortos da collectividade.

«E tu, que ahi estás, és um morto da collectividade, desappareceste dentre os vivos para resuscitar no coração de um povo.»

E com estas palavras o orador concluiu:

«Bem fadado e bem querido de toda a America és tu. Mais do que brazileiro, tu és americano; choram-te tres grandes entidades: o Brazil, a America e a Humanidade.

«Se não ha nestas homenagens a pompa formidavel que se

impunha á tua inconfundivel personalidade, ha a sinceridade de um povo que te acompanha com a trindade augusta — America, Paz, Humanidade — entoando o hymno sagrado da Liberdade! »

Ao terminar, pelas bandas de musica foi entoado o hymno nacional.

Então, organizado o cortejo, que comportava immensa onda de povo de todas as categorias, começou cadencialmente a desfilar ao som de melancolicas marchas, quasi á surdina.

Seguravam as fitas do ataúde os Srs.: Barão do Rio-Branco — ministro do Exterior, Dr. Esmeraldino Bandeira — ministro do Interior, Vice-almirante Alexandrino d'Alencar — ministro da Marinha, general Emygdio Dantas Barreto, senador Pinheiro Machado, coronel Jesuino de Mello—do Instituto Historico Geographico Brazileiro, Drs. Serzedello Correia —prefeito do Districto Federal, Dr. José Marianno Carneiro da Cunha, Eduardo Martins Ribeiro de Carvalho — da Associação dos Empregados no Commercio, Drs. André Cavalcanti d'Albuquerque, Canuto Saraiva e Godofredo Cunha — representando o Supremo Tribunal Federal, o embaixador dos Estados Unidos Irving Dudley, commissão do Corpo de Bombeiros, commissão da Força Policial, commendador Luiz Camuyrano e Genaro Acceta—pela Sociedade Italiana de Beneficencia, coronel Joaquim Ignacio, commissão do corpo sanitario da Força Policial, senador Pires Ferreira, Victor Nabuco e os filhos do illustre morto, Luiz e Mauricio Nabuco.

Os cyclistas da Guarda Civil abriram o prestito. E o mais, tudo em perfeita ordem, observou-se a seguinte disposição:

Corôa da Prefeitura do Districto Federal, conduzida por uma numerosa commissão de guardas municipaes.

Corôa da Guarda Civil.

Banda de musica da Força Policial.

Corôa do Estado de Pernambuco, conduzida por alumnos da Escola Profissional Souza Aguiar.

Corôa do Club de Engenheiros.

Corôa da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro.

Corôa da Estrada de Ferro Central do Brazil.

Corôa da Marinha Nacional.

Corôa da Embaixada Americana.
Estandarte da União Operaria dos Estivadores.
Estandarte da Caixa Libertadora José do Patrocinio.
Estandarte com os dizeres « Cidade do Rio ».
Estandarte e commissão de alumnos do Externato Aquino.
Estandarte da Sociedade Libertadora Sergipana.
Banda de musica da Força Policial.
Corôa do Estado do Espirito Santo.
Corôa da 3.ª divisão da Estrada de Ferro Central do Brazil.
Estandarte do Centro Abolicionista Seis de Junho.
Estandarte do Club Abolicionista Abrahão Lincoln.
Estandarte da Caixa Emancipadora da Freguezia da Gloria.
Corôa do Comité Federal.
Estandarte do Centro Abolicionista de Pernambuco.
Entandarte dos Abolicionistas Sul Riograndenses.
Estandarte da Confederação Abolicionista.
Corôa da Força Policial do Districto Federal.
Estandarte da Associação Nacional dos Artistas Brazileiros — Trabalho, União e Arte.
Banda de musica do Corpo de Bombeiros.

Vinham depois as diversas commissões e representantes do mundo official.

Seguia-se a cruz alçada e a carreta.

Acompanhava o corpo do laureado diplomata o estandarte da « Caixa Emancipadora Joaquim Nabuco ».

Aos restos mortaes davam guardas de honra um esquadrão do 13.º regimento de cavallaria e um regimento da força policial.

O sahimento, que era fechado por um caminhão do corpo de bombeiros, conduzindo grande quantidade de corôas e ramos de flores, desfilou por entre alas fechadas de populares nos claros deixados pelos diversos batalhões que prestavam as continencias devidas ao seu alto posto de Embaixador.

As fortalezas salvaram. Deu a primeira descarga uma companhia do cruzador americano *North-Carolina*.

Seguiu-se o batalhão naval ao mando do commandante Marques da Rocha, e a divisão do Exercito sob o commando em chefe do general Menna Barreto, constituida de duas brigadas.

Do Palacio Monröe até á rua do Ouvidor o feretro atravessou entre o ruído secco da artilharia, sendo a trajectoria ainda feita pela Avenida Central, pela rua Visconde de Inhauma, e pela rua 1.º de Março á Cathedral.

Nas ruas do percurso os lampeões, envoltos em crepe, se achavam accesos; e em toda a Avenida Central as janellas estavam revestidas de luto, inclusive as do Supremo Tribunal.

A bandeira americana da companhia do *North Carolina* tambem se via velada de crepe. Na cidade, digno de notar-se, — os que nesse dia transitavam nas ruas, vestiam preto; e esse accôrdo unanime de uma população que nada tinha convencionado, era sem que possa haver duvida, uma demonstração solenne de uma dôr nacional! Conjuntamente de todos os lados surgiram carros com grinaldas.

Pouco depois de 11 horas chegou a extraordinaria e dolorosa procissão á Cathedral. Esta tinha o aspecto do mais pezado luto.

No momento em que os sagrados despojos transpunham os umbraes do templo, a artilharia postada no Caes Pharoux salvou com 19 tiros.

E começaram as solennes exequias, com a assistencia do Presidente da Republica, logo que foi posto o ataúde no catafalco, em estylo do pantheon romano.

No sólio tomou logar o cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Joaquim Arco-Verde. E ao Evangelho o padre Dr. Julio Maria pronunciou uma bella oração funebre em que fez o elogio da personalidade de Joaquim Nabuco.

Após a missa foi entoado pelo Cardeal o *Libera me*, acompanhado de todo o Cabido.

Uma orchestra de maestros executou durante a cerimonia funebre a missa de *Requiem*, do maestro Luiggi Bardesi, e o *Libera me* do maestro Raphael Coelho Machado.

Na Camara dos Deputados, cuja sessão foi levantada nesse dia, o Dr. Arthur Orlando, falando antes, em resumo disse:

« A deputação pernambucana dentre os seus membros escolheu o mais obscuro (*não apoiados*), para propôr á mesa que se lance um voto de pezar em acta pela morte de Joaquim Nabuco,

e, em seguida, se encerre a sessão em homenagem á memoria do grande brazileiro, que tanto concorreu para a redempção dos captivos e congraçamento dos povos americanos, com o fim de subordinar ás normas do direito as relações economicas e levar a expansão da riqueza e da justiça ao coração do mundo inteiro. (*Apoiados*).

« A bancada pernambucana sente-se orgulhosa vendo transformar-se em deslumbrante apotheose a sympathia que Joaquim Nabuco soube captar pelos seus extraordinarios dotes intellectuaes e moraes.

« Em todos os paizes por onde passou, quer com as credenciaes de ministro, quer com o passaporte de simples viajante, Joaquim Nabuco foi sempre lidimo representante da grandeza, generosidade e formosura do Brazil. (*Muito bem*).

« Na campanha abolicionista quem mais quiz foi João Alfredo, quem mais sentiu foi José do Patrocinio. Conta Joaquim Nabuco que, abolida a escravidão, Quintino Bocayuva lhe dissera : — « Agora devemos separar-nos : o Sr. vai para a Monarchia, eu fico pela Republica ». — Não ; decretada a Abolição, a missão da dynastia brazileira estava finda ; só lhe restava a ascenção para a gloria.

« Com a proclamação da Republica, se Joaquim Nabuco não adheriu logo, se recolheu ao isolamento dos livros para escrever as mais brilhantes paginas rehabilitando o regimen decahido, o Imperador, os 50 annos de maus governos, nem por isso deixou de confiar nos grandes destinos do Brazil, e apenas decorrido o tempo necessario para ceder á inilludivel lei de prescripção historica elle fez aquella memoravel profissão de fé republicana, sincera e digna : — « Homo sum et nihil humani a me alienum puto. »

« Refere-se á grande obra de Nabuco Embaixador da Republica, fundindo o Pan-americanismo e o Pan-latinismo, vindo a ser em toda a face da terra o inspirado apostolo do Pan-humanismo (*muito bem*).

« Allude a circumstancia de ser a cidade do Recife o berço de Joaquim Nabuco, porquanto mais do que á hereditariedade physio-psychologica, se devem ás cidades as ligações das gera-

ções entre si, as influencias do passado e do futuro sobre o presente, a realização dos grandes ideaes da humanidade. Cita a respeito palavras de Izoulet.

« Felizes os que morrem, como Joaquim Nabuco, cuja vida se póde definir uma antecipação do futuro, realizada por um decreto do destino. Felizes as cidades como Recife que guardam em seu seio fecundo, mortos como Joaquim Nabuco, que falam do fundo dos tumulos e cuja voz deve ser ouvida e escutada pelos vivos. Felizes os povos... Não ! Joaquim Nabuco não pertence a povo algum, Joaquim Nabuco é do mundo inteiro, Joaquim Nabuco tem por patria a humanidade (*muito bem*).

« Deve dizer : felizes os povos, cuja mais bella metade tiver um defensor como o cavalheiro Joaquim Nabuco, na questão da mulher.

« Foi o ultimo trabalho de redempção de Joaquim Nabuco a emancipação da mulher.

« Conclue requerendo a suspensão da sessão em homenagem á memoria de Joaquim Nabuco. (*Muito bem. O orador é muito cumprimentado*).

O requerimento foi approvado unanimemente e a sessão levantada.

Uma sessão civica solemne, concorridissima, de uma imponencia indescriptivel e grande brilhantismo, tambem se realizou á noite de 11, em homenagem ao aureolado brazileiro, no Theatro Municipal. Começou ás 9 horas da noite e na mesma estiveram representadas todas as classes da sociedade. Deveria ser presidida pelo conselheiro João Alfredo Corrêa d'Oliveira ; mas um accidente imprevisto impediu alli a presença do vulto venerando d'aquelle eminente estadista do tempo do Imperio, presidindo então o Dr. Serzedello Corrêa, Prefeito do Districto Federal.

Foi o Dr. Carlos Porto Carreiro o orador official, proferindo notavel e commovente peça oratoria, historiando todas as phases da existencia do inesquecivel e pranteado Nabuco. Eis na integra a preciosa joia litteraria que occupou emocionalmente a attenção do auditorio :

« Senhores — Ides entrar commigo no assumpto desta oração civica e piedosa com a mesma uncção com que se visitam as cathedraes antigas, onde os homens e o tempo foram deixando de sua passagem o attestado natural da obra immorredoura.

« Os templos christãos symbolizam a crystallização da fé na pedra immota e magestosa : a vida de um grande homem é synthese eloquente de todas as aspirações e de todos os sonhos generosos de seu tempo.

« A cathedral é a floresta das primeiras épocas do Christianismo, transformada em marmore e granito pela victoria da crença com o advento da edade-média : é a floresta onde os troncos das arvores seculares se fazem columnas rendilhadas, onde a clareira ensombrada pelas frondes se faz a nave solenne, onde o conjuncto da folhagem nos cimos altaneiros se torna a abobada affoita, que deixa, como os intervallos das folhas, passar a luz do sol pelas entre-abertas da construcção.

« As pujanças da Natureza são imitadas pelas audacias do homem, e se aquella ergue para o cimo os caules vertiginosos dos alamos e dos pinheiros, o architecto — passando ousadamente da galeria para o cintro e do cintro para a ogiva —eleva para o céo, como se elevasse a sua alma, o arrojo dos campanarios.

« Nem lhe faltam — a essa explendida selva — os tufos de folhagem dos acanthos, os arbustos graciosos das columnetas e os ramos que atravessam os ares como pontes — os arcobotantes atrevidos.

« Nem se lhe ausentam os cardos, as urtigas, os espinhos e as rosas, entresachando pelos galhos brancos dos contrafortes, trepando e florindo pela superficie dos troncos, perdendo-se no alto, numa inflorescencia opulenta.

« Nem a vida animal, multipla, variada e caprichosa, lhe fallece : correm serpentes fantasticas, precipitam-se hiantes estryges fabulosas, imminem suspensos da sombra demonios hediondos...

« E a cathedral palpita da vida, estremece de sons, rebôa de harmonias, quando o carrilhão — voz de bronze dos seculos — e o orgão voz — crystallina da fé — congregam gentes e concentram almas dentro do bojo mysterioso da floresta.

« Vós todos vistes esta cathedral quando se erguia sobre os seus alicerces profundos e robustos — o talento que era o arcabouço, e o caracter que era a argamassa — vistel-a, quando se erguia do seu plano geral desenhada no sólo do patriotismo, tendo como todos os planos das egrejas christãs, a fórma de uma cruz deitada — a cruz da redempção dos captivos.

« A elevação gradual e simultanea dos muros desse templo foi constantemente a obra do soerguimento dessa cruz onerosa acima do terreno da Patria: a cruz acompanhou o modelo do edificio, mantendo-o parallelamente á sua secção horizontal, norteada para os quatro ventos do Brazil, e offerecendo-se á luz meridiana em toda a extensão de sua haste e em todo o comprimento de seus braços.

« Vistes esta cathedral gigante, quando chegára á altura da rosacea, e o symbolo do seu desenho já se entrelaçava de louros e de rosas, vistel-a erguer-se ainda em nome do patriotismo, e abrir-se em janellas que diziam para todos os pontos do territorio nacional, para deixar que lhe entrassem no recinto os lamentos dos opprimidos, e que delle sahissem, como o incenso dos ritos, os sonhos da Federação.

« E, mais tarde, quando a abobada, completando a sua marcha curviforme, se cerrou com a chave solenne da experiencia, vistes ainda a cathedral soberba, receber no seu seio e abrigar sob seu tecto as mais vastas esperanças da Familia Americana.

« Senhores.

« Não ha perigo de nos perdermos visitando este monumento que foi a vida de Joaquim Nabuco: não é um labyrinto o que temos em frente, não é um Vaticano erguido trecho a trecho pelas necessidades das épocas. É um conjuncto unisono e harmonico; ahi as partes são proporcionaes ao todo; nenhuma dellas destôa, nenhuma se emaranha com a outra, nem se sobrepõe ás demais: não ha recantos, nem galerias estreitas, não ha sinuosidades de passagem, nem corredores obscuros.

« Em face desta epopéa que recorda menos os rudes heróes de Homero, do que os tenazes navegadores do seculo XV, o sentimento que nos assalta é o pasmo ao vêr consubstanciada numa existencia a actividade inteira de uma geração.

« Que rajada de éstro não fôra necessaria, para seguir com o pensamento e trasladar para o papel frio e para a palavra sempre mesquinha e curta — a marcha para o azul daquella basilica moral, desde a opção do terreno e o traçado dos fundamentos, até o bater da ultima cavilha pela mão inevitavel da morte?

— « O traço todo da vida, disse Joaquim Nabuco, é para muitos um desenho da criança esquecido pelo homem e ao qual este terá sempre que se cingir sem o saber...» —

« Esse traço de que elle nos falla — as primeiras impressões de sua infancia num engenho de Pernambuco, é o delineamento do edificio que elle veio construindo através da sua vida memoravel.

« O terreno onde esse traço correu e se firmou contém uma singela paizagem da terra pernambucana : foi ali que se passaram os oito primeiros annos de Nabuco.

« Fôra preciso vêr, para sentir toda a poesia amena que é capaz de inspirar esse recanto verde da terra brazileira, em plena época de escravidão e rotina, de costumes patriarchaes e de imprevidencia generosa!

« É a « casa grande », a casa de vivenda do senhor, ladeada pela *senzala* dos escravos; é o pasto ladeiroso — o cercado — onde mugem os pacatos bois somnolentos; é a planicie verde-clara, anediada pelo terral onde pompeia a plantação embastida que se perde no além; é o renque tortuoso dos ingaseiros, pendidos como chorões á beira do Ipojuca.

« Não se transmittem, sentem-se impressões como esta.

« Ha nas memorias da infancia tantas imagens objectivas e proprias, tantos sons e ruidos peculiares, tantos perfumes de que se não sabe origem, que não é do dominio da arte humana reproduzil-os para goso alheio...

« Mas essas côres, essas melodias, essas fragrancias, vivem perennes em nós; esse *inconsciente* fica sendo para o futuro o *consciente* da nossa existencia; é o molde em que se funde o nosso *Eu* moral, e que persiste no correr dos nossos annos, cada vez mais nitido e accentuado.

« Aquella infancia passada entre os carinhos de uma velha e santa senhora e o contacto affectivo dos escravos e dos pescado-

res — dentro de um horizonte largo, limpido e sempre o mesmo, — é a imagem que revive na lembrança de Nabuco, em todos os periodos de sua vida.

« Esta vida tambem teve sempre os carinhos interiores do seu santo ideal, tambem foi affectiva como a raça que elle libertou, tambem foi larga, limpida e sempre igual a si mesma, porque nunca deixou de ser fiel á pureza do seu sonho de artista e ao seu ardor de patriota.

« A pequena capella de Massangana fica sendo d'est'arte a *maquette* da Cathedral cuja estructura devia crescer e avultar no transcurso daquelle viver proficuo.

« Diante da criança, ahi estava o modelo : rude, primitivo na sua architectura, com as suas paredes grosseiramente branqueadas, mas puras de toda a macula, com o seu pequeno sino que se esforçava por ser solemne ao tanger as *Trindades* ; com os seus fieis humildes — servos e praieiros — como que ensaiando nesse theatro modesto as figuras dos oppressos e dos fracos que haviam de povoar futuramente as noites do homem feito.

« A catastrophe — porque não ha periodo da vida sem alguma — sobreveio na passagem daquelle escravo que lhe pediu protecção contra um senhor mau ; sobreveio na morte de sua querida mãe adoptiva, no seu apartamento dos logares dos seus primeiros annos, « a cortina preta que separa do resto da sua vida a scena da sua infancia », nos diz elle.

« A natureza ambiente, a educação religiosa, as scenas da escravidão que se representavam reaes em seu redor, tudo concorreu para impôr-lhe essa missão redemptora, que é o seu mais bello titulo de gloria.

— « Nada mostra melhor que a propria escravidão, diz elle, o poder das primeiras vibrações do sentimento. . . » —

«. . . As primeiras vibrações do sentimento ! Mas elle nunca as deixou de sentir, essas vibrações. A visão rapida, fugaz, da primeira onda que se lhe ergueu diante dos olhos, fica-lhe sendo a magem definitiva do mar, todas as vezes que lhe vem a idéa do oceano.

« Quaesquer leituras, quaesquer accessões que lhe enriqueçam o espirito, todos os cabedaes que mais tarde lhe opulentem

e integrem o coração e a intelligencia — nada supera nem apaga o quadro perpetuo da meninice.

« É assim que a escravidão — o inimigo irreconciliavel que elle combateu e repelliu e exterminou com todas as forças da natureza e da cultura — annos mais longe lhe faz saudades, lhe inspira uma nostalgia singular.

— « A saudade do escravo », — a saudade que elle sente, é um aspecto dessa imagem infantil que se lhe perpetúa na retina com as tintas vivas do scenario primitivo do Brazil laborioso.

« A impressão é a do contacto entre o homem e a terra : o homem curvado para o sólo a dar-lhe com as bagas do suor, com as lagrimas do captiveiro, com o sangue do sacrificio, tudo o que ella poderia tomar-lhe : — a força muscular, que elle sabe possuir e a liberdade, de que não tem consciencia : — e a terra, boa, fecunda, verdejante e risonha, amoldando-se ás necessidades do homem, affeiçoando-se, como argila plastica, ás fórmas esculpturaes das producções optimas, e resolvendo-se em rebentos, em folhas, em fructos, em méis dulcissimos, em crystaes preciosos...

« Julgarieis que aquelle mel, como o do Hymetto, encerrasse as inspirações do atticismo, e que o infante sequioso descobrira alguma Hippocrene escondida capaz de instillar-lhe na intelligencia as riquezas da imaginativa e os dons da elocução, que ulteriormente fizeram delle um dos maiores oradores brazileiros.

« Não vos illudais, senhores, a paizagem da « matta » pernambucana é pobre de arrojadas inspirações : a planicie e a varzea são os seus traços caracteristicos ; a suavidade da natureza convida antes ao lyrismo do que á epopéa ; o verde-claro dos cannaviaes dá-nos a impressão de mares bonançosos que se não alteiam, mas apenas ondulam sob os affagos das virações.

« A terra não se cava em abysmos profundos, nem se atormenta em montanhas inaccessiveis. Era necessario ao completo evolver do condor implume um surto que o levasse mais proximo do sol, que o impellisse para os cimos alcantilados, de onde elle pudesse desferir, depois de mais amplo descortino, o grito do combate e o vôo da conquista.

« Os scenarios onde se desenrolou este começo de expansão para as grandes idéas e para os grandes sentimentos, não os pre-

ciso descrever: os tres centros intellectuaes que foram o domicilio de Nabuco durante os seus ensaios politicos e literarios: o Rio, S. Paulo, o Recife.

« Aspectos diversos das tres capitaes brazileiras devem ter influido no animo observador do joven estudioso; nem se lhes póde negar o influxo de terem inspirado ao estreante, respectivamente; a ambição politica de vir a figurar nas bancadas legislativas ou nos Conselhos do Governo; o espirito de independencia e de rebeldia com que assignalou entre os combatentes da geração academica; e o seu republicanismo a Laboulaye, que o tornou americanista e inimigo da Camara dos Lords, sonhador *emancipado*, como o eram todos ou quasi todos os que frequentavam nessa quadra a Escola do Recife.

« Já nessa época o cerebro de Nabuco era o de um pensador e de um estheta: as suas leituras variadas não as fazia elle passar á superficie da alma como azas de gaivotas sobre as ondas, senão como o arado que deixa sulcos profundos no seio da terra.

« As physionomias de escriptores ou de artistas, os exemplos dos homens politicos, a doutrina dos livros e dos jornaes,— tudo isso não são visões que perpassam: são imagens que se decalcam, que lavram o seio daquelle terreno virgem, avido de assimillar e produzir e que depositam a semente do futuro na uberdade que será depois a arvore frondosa do saber.

« Voltando ao symbolo que deu começo ás minhas palavras nesta solennidade: o edificio sagrado que se construia em Nabuco, se argamassava com tudo quanto occupava em seu espirito logar digno de honra.

« Não é sem motivo que faço allusão ao symbolo. Nella estava a sua principal feição como orador; delles está florida a sua pujante obra litteraria.

« Deve ser grato á sua sombra sentir que entre as homenagens ao seu vulto figura ao menos uma pallida tentativa de imitál-o e seguil-o.

« No symbolo, diz Carlyle, no que se póde chamar um symbolo, existe sempre, mais ou menos distincta e directamente, certa corporificação e revelação do Infinito.

« De Nabuco podemos dizer: que se a revelação do Infinito

se exteriorisa por symbolos, ninguem melhor do que elle soube assimilál-o, consoante ao como concretizou os phenomenos, as idéas e as concepções.

« Da selecção criteriosa do assumpto, elle passava ao enthusiasmo e á admiração. Era este o primeiro movimento do seu espirito: os velhos estadistas do Imperio na sua missão de democratizar a monarchia, o poeta Pedro Luiz com a sua *Ode á Polonia,* Lamennais e Lamartine, Pelletan e Quinet, — todos lhe prendem por igual a attenção, todos lhe merecem uma referencia e uma nota.

« Nada escapava aos seus olhos sedentos de luz, mas essa luz passava no seu interior por não sei que processo de incandescencia, de sorte que lá ficavam sómente os raios mais intensos, aquelles que poderiam servir-lhe de pharóes para a ascenção e para a vida.

« Duas observações resaltam da meditação á que nos entreguemos depois de contemplar a estatua moral do homem que acaba de passar.

« A primeira é que Nabuco deveu a si proprio quasi toda a educação espiritual: isto se deprehende do seu methodo de estudo; as suas acquisições intellectuaes eram por elle pacientemente fixadas em livros. A segunda é que elle sempre soube pairar nas regiões altas da intelligencia e do caracter, por mais agitada que fosse a arena em que travava o combate.

« Em qualquer ponto, porém, onde o vamos encontrar, elle é um exemplo e um ensinamento.

« Dos bancos da Academia ás luctas do jornalismo; dos escriptos n'*A Reforma* ao livro sobre « Os Luziadas »; da primeira viagem á Europa ao exercicio do primeiro cargo diplomatico, tudo se passou com a naturalidade propria das cousas nobres, até mesmo a evolução de suas idéas.

« No seu livro *Minha Formação*, elle nos conta que em 1871 aconselhava ao segundo Imperador, em artigo publicado n'*A Reforma,* que fosse aos Estados Unidos « ver como os povos podem dispensar a tutela dos reis »; e que dois annos depois expendia idéas totalmente diversas, após a leitura do livro de Bagehot sobre a Constituição ingleza.

« E' que então se firmára em Nabuco a sua convicção monarchica; mas em ambas as manifestações ahi mencionadas, através do modo differente de pensar, se vê a tendencia do espirito para um ideal superior, largamente humano, extreme de interesses mesquinhos de partidos, e visando sómente o bem da Patria, a integração do seu todo moral.

« Da viagem á Europa, da convivencia com espiritos como Renan, George Sand, Taine, Scherer, Saint-Hilaire, Thiers — surgiu o litterato propriamente dito, o poeta do *Amour et Dieu* e, mais tarde, o escriptor das *Pensées Détachées*.

« O primeiro periodo da sua carreira diplomatica fôra sacrificado á causa da Abolição.

« Desde 1870, a sua attitude como socio da Anti-Slavery Society o incompatibilizára aos olhos do seu Ministro de Extrangeiros, para o posto de addido da Legação em Londres.

« Regressando do extrangeiro, na ascensão do partido liberal ao poder, Nabuco entrou no Parlamento como deputado pela sua provincia. A sua candidatura fôra uma imposição governamental; a sua eleição — uma escolha filha de um compromisso particular.

« Nem a candidatura, nem a eleição acharam sympathias na terra pernambucana.

« Elle mesmo o confessa: e vale a pena ouvil-o, porque é mais uma prova do que foi no decurso de toda a existencia a personalidade inteiriça de Nabuco:

— « Numa sessão academica de 11 de Agosto, no Theatro Santa Izabel, quando eu proferia, do camarote do Presidente, as primeiras palavras, fui acolhido pelos protestos e vozeria de um grupo numeroso que se tornou dominante e que depois transferia para uma praça da cidade o seu *meeting* de indignação contra mim.

O thema do meu improviso, em resposta aos epigrammas e diatribes contra S. Christovam, que tinha soado no palco, fôra este: a grande questão para a democracia brazileira, não é a Monarchia, é a escravidão.

Posso dizer que experimentei por vezes a doçura da popularidade: nada, porém, iguala o prazer de uma destas tempesta-

des levantadas contra um orador, quando este se sente de posse da verdade. »

« Nesta exposição franca de um insuccesso — feita por um homem a quem tantos louros cingiram a fronte, nesta narração fiel do modo hostil por que foi elle acolhido pela primeira vez por sua terra natal, se póde vêr claramente o vulto completo do homem nas suas linhas principaes : a inteireza, a força, a lealdade.

« Dessa noite memoravel — de que fui testemunha, ainda criança, applaudindo os que repulsavam o propheta sem verem nelle o apostolo — desse 11 de Agosto de 1878 — data a missão abolicionista de Nabuco.

« Senhores. A obra cyclópica do nosso monumento já vai muito alta. A fachada esplendorosa já nos mostra nitidas as suas largas portas ogivaes por onde entrou o material da sciencia e da arte que serviu para consolidar a construcção interior; já se ostenta o cordão bordado em baixo relevo, dividido em nichos respeitaveis, outros tantos sanctuarios da memoria, guardando as imagens sagradas da infancia e da juventude; alteia-se o florão central permutando a luz exterior do ambiente intellectual com a luz interna do talento que busca anciosamente subir...

« Não tardará muito que cheguemos á galeria das arcadas superiores, por onde ha de penetrar, sorridente, a alma do espaço: a diaphaneidade branca de todas as abnegações, a claridade azul da liberdade humana.

« A campanha da Abolição ! Não posso lembrar-me sem rejuvenescer, de toda essa quadra de enthusiasmo e de epopéa.

« Por muito que se rememorem com justiça os generaes dessa outra *guerra de cem annos*, desde Pombal até os heróes de 1817, desde José Bonifacio — o Velho — até Euzebio de Queiroz, desde S. Vicente até Rio Branco, e desde Dantas até á Serenissima Condessa d'Eu e o nobre vulto do Sr. João Alfredo, ninguem poderá negar ao povo de Pernambuco a parte que elle desempenhou no generoso combate, o abalo das hostes, o impulso da onda humana, o movimento inicial de vibração.

« Viveu-se em plena vibração, no Recife, desde 1884 até 1887.

« Foram quatro annos de santa embriaguez e de agitação abnegada.

« Foi o nosso periodo atheniense : a praça publica, o theatro, a academia — qualquer espaço onde pudesse caber a multidão — nós os transformavamos noutra *agora,* aberta ao céo da democracia, em que se discutiam os destinos da Patria, fazendo-os depender da questão unica, absorvente, exclusiva — o problema abolicionista.

« Fomos assim, durante quatro annos, o orgão plangente onde resoavam as queixas dos escravos, e o clarim donde rebentava a cada passo a nota da liberdade.

« Mas o artista superior que imprimia todo esse movimento e fazia vibrar todos esses queixumes e clangores começára, desde 1879, a composição da opera sublime : era Nabuco.

« O seu projecto não passára na Camara.

« Mas a verdadeira campanha abolicionista começava.

« Ah! Eu quizera que a geração que surge e as que se lhe tenham de seguir estudassem com amor esta pagina fulgente da nossa Historia!

« Ha por ahi uma opinião, que se vai tornando corrente, de que a abolição do captiveiro deve ser apagada dos nossos annaes, sob pretexto de que a escravidão foi uma vergonha para o Brazil.

« Essa theoria é a negação mesma da Historia, é a condemnação do heroismo, é a rasoura passada sobre todas as obras de conquista moral.

« A prevalecer essa doutrina, comecemos por obliterar a nossa independencia, porque é deshonroso termos sido colonia de Portugal : prosigamos em apagar o movimento de 7 de Abril, porque Pedro Primeiro nos rebaixára, abusando do poder, ensinemos aos nossos filhos que o Brazil não tem a data de 15 de Novembro e que sempre foi Republica...

« Oh! Não! Todos os factos historicos têm a sua filiação, e obedecem a factores que se não podem eliminar sem perigo para a existencia logica do presente e para as previsões provaveis do futuro.

« Nem outra base tem a sciencia politica senão a observação da marcha das sociedades no transcurso do tempo.

— « Nós chegámos, diz Taine, a fixar com alguma precisão o nosso logar no rio infinito dos acontecimentos e das coisas...

Podemos accentuar a fórma de espirito que o dirige e procurar de antemão para que ordem de ideias elle nos conduz.»

« Estas palavras do sabio critico francez a respeito do genio allemão que se desenvolveu de 1780 a 1830, podem ser applicadas a quaesquer categorias de factos humanos, estudados á luz da razão e da experiencia, num dado periodo historico.

« E poderia um povo fazer abstracção de um dos capitulos da sua vida politica, sob o pretexto de que o movimento que preencheu esse capitulo foi reacção contra uma vergonha?

« Nessa reacção mesma consistem o heroismo e a gloria.

« O hymno que nós entoavamos no Recife, com estribilho ingenuo,

NABUCO É NOSSO FANAL

era o éco espontaneo de toda a harmonia eólia que a briza forte cantava pelo ambito do Brazil, — briza que foi primeiro a *aracaty* cearense balouçando a jangada de Nascimento, — e que depois se volveu em *pampeiro* nas planicies do sul.

« Fazer abstracção do Abolicionismo?

« Mas fôra preciso rasgar da Historia contemporanea a folha que precede a das nossas liberdades, — o prefacio da Republica.

« Apagai então os nomes de Ferreira de Menezes e Patrocinio, de José Bonifacio, de... para que proseguir? Notai que para extinguir apenas os dos mortos, é preciso lembrál-os, e para lembrál-os é pequeno o espaço e a memoria traidora.

« A escravidão era uma vergonha? Maior seria não prestarmos justiça aos que lavaram da superficie do Brazil a mancha hedionda.

« Mais negra infamia será deixar que ella continue infiltrada nos nossos costumes, — satisfeitos com a obra realizada.

« Que! Senhores deste rico patrimonio historico, havemos de escondêl-o envergonhados?

« Não sabeis que somma de sacrificios custou á geração cadente esse generoso gesto da abolição?

« Quantas fortunas que se exhauriram! Quantas ambições que se estiolaram! Quantas vidas que se deram em holocausto!

« Nunca podeis arrancar esta pagina da historia brazileira.

« Ella foi, durante doze annos, para uns o Apocalypse tremendo, para outros a promissora prophecia, — para todos, o papyrus mysterioso em que se procurou ler o futuro.

« Foi a questão em causa durante esses doze annos, o pleito de todos, o duello multiplo que se travára em todo o territorio nacional.

« Afastou os demais problemas, confundiu os partidos, delineou novas fronteiras ás opiniões, derribou governos, dissolveu parlamentos, nobilitou os cidadãos e creou cidadãos novos; dignificou o trabalho, fez surgir outros ideaes, inspirou as mais heroicas abnegações; seduziu, converteu, absorveu e sacrificou uma dynastia; avançou, marchou, triumphou — preparou a Republica.

« Arrastado na onda voluptuosa destas lembranças, esqueci aquelle de quem me devo occupar.

« Esqueci? Melhor fôra dizer que não deixei de lembrál-o num periodo, numa phrase, numa palavra, num phonema qualquer de todo este rapto de saudade.

« A sua figura ahi está, como estava por occasião dos acontecimentos, em latencia sob a fórma de cada um dos apostolos do abolicionismo, em evidencia ao lado de todos, em contacto com os mais illustres e com os mais obscuros: com os representantes do povo no Parlamento, com os jornalistas na imprensa, com os oradores populares na tribuna, com a voz da multidão no meio da praça publica.

« De sorte que, Senhores, na Camara, no jornalismo, no rostro, ou no seio da plebe, todos se sentiam outros tantos Nabucos, porque Nabuco estava com todos.

« Assignalar-lhe, portanto, o logar certo na propaganda, na acção, na peleja, ou na victoria, seria pretender assignalar a séde da atmosphera num ponto determinado do planeta.

« Mas, se algum logar de honra se lhe póde marcar por excellencia — esse logar de que elle se ufanaria ainda, quanto vivesse — seria e é no coração da raça negra.

« O templo chegára á altura da cupula sublime: parecia nada faltar ao seu complemento. Os ornatos interiores reflectiam toda

a luz que animava o santo recinto. Os altares erguiam-se brancos e altos, povoados pelas divindades do culto. Aqui, era o Barão de Tautphœus, com o seu recolhimento de crente e a physionomia singela e boa de sabio inexhaurivel; ahi, André Rebouças, « triangulando o futuro da Patria » com o seu ar de pensador, illuminado não sei por que raio de graça, desprendimento e sacrificio; além, o segundo Imperador, sanctificado pela triplice corôa da velhice, do saber e do patriotismo; mais longe, o vulto bronzeo e torturado de Patrocinio, — hiante como que prestes a despedir catadupas de lavas, petrificado num gesto de Desmoulins; por toda parte, emfim, se erigiam aras, pendiam *ex-votos*, em que os vivos, que não lembro, se tornaram tão immortaes como os que se foram.

« Abeiremo-nos, Senhores, da abside impenetravel do sagrado monumento.

« No logar mais recondito, no adyto que só aos eleitos se patenteia, avistamos a figura veneranda de um illustre brazileiro. E' o mais santo dos cultos terrenos, o que neste logar se celebra: é o culto do amor filial. Esta imagem é a de um *Estadista do Imperio*, o progenitor de Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo.

« Afastemo-nos; deixemos, — parodiando o Evangelho — que os mortos adorem os seus mortos.

« A obra parecia completa, mas não estava.

« O sonho da juventude não fôra bastante. Não era sufficiente libertar uma raça; era preciso libertar um povo. A Abolição fôra muito; mas não fôra tudo. E Nabuco previu a necessidade de desatarem-se as cadeias ás provincias, como se haviam quebrado os ferros aos captivos.

« A sua lealdade monarchica impunha-lhe o dever de encaminhar dentro do regimen a nova aspiração nacional: a federação das provincias.

« Foi o seu papel, conscientemente desempenhado como elle o costumava fazer.

« Extranho á propaganda republicana e ás suas naturaes consequencias, julgou um momento encerrada a sua carreira politica e escolheu para sua Thebaida aquella ilha encantada da nossa bahia, aquelle ameno retiro de Paquetá, que tinha para elle « a

seducção especial de ser uma paizagem do Norte do Brazil desenhada na bahia do Rio.

« Mas não lhe podia ser indifferente o reclamo da patria, quando a esta mais necessarios se tornavam os serviços de todos os seus filhos.

« Em tempo ainda comprehendeu Nabuco esta verdade : que a independencia de um paiz não se limita a uma simples separação politica; que ella reside tambem na objectivação das liberdades publicas, na perfeita delimitação das fronteiras nacionaes, na sobranceria com que a nação deve encarar as outras em perfeito pé de igualdade, sem córar de vergonha nem empallidecer de temor.

« A Thebaida de Paquetá foi deixada pelo terreno escabroso da missão civilisadora.

« O que foi essa augusta missão de nos tornar conhecidos no extrangeiro, de defender a integridade do nosso territorio perante o Rei da Italia ; de honrar o nome brazileiro onde quer que, na Europa ou na America, o nosso compatriota se mostrasse — não é tarefa que se possa desempenhar no espaço estreito de uma tribuna.

« Fosse-me concedido o tempo e eu citaria o jornalista Guilaine, de *Le Temps*, acolhendo o diplomata brazileiro numa entrevista que ficou memoravel, e na qual, pela primeira vez no Velho Mundo, se reconhecia ao Brazil o direito a um logar distincto na Conferencia de Haya, por ter sido o primeiro paiz americano que consagrára na sua Constituição o recurso pacifico do arbitramento no caso de litigios internacionaes.

« Eu lembraria a influencia de Nabuco sobre o espirito do Presidente Norte-Americano, concorrendo talvez para nelle consolidar a doutrina de igualdade entre brancos e negros : lembraria emfim todo esse trabalho titaneo de estreitar as relações entre as duas maiores Republicas da America ; lembraria o seu influxo decidido na harmonia dos povos do continente, como Presidente do 3.º Congresso Pan-americano.

« Mas não foi simplesmente como diplomata, como representante politico do Brazil no extrangeiro que Nabuco se fez credor da gratidão dos seus compatriotas.

« Se as musas exercessem a chancellaria brazileira, — e é

de crer que exerçam na pessoa do illustrado academico e provecto patriota que a dirige —, se algum oraculo espartano exigisse um novo atheniense, não para animar as hostes lacedemonias, mas para harmonizar a familia hellenica, nenhum Tyrteu fôra escolhido mais apto nem mais inspirado; um Tyrteu que ainda puzesse em relevo a sua missão, propagando lá por fóra os nossos cabedaes de illustração, de esthetica e de sabedoria.

« Nas o Tyrteu brazileiro não era um simples aédo, um poeta-cantor obscuro e deformado, que nada soubesse mais do que lendas e rhapsodias.

« O nosso Embaixador era um enviado de todas as Camenas.

« Emile Faguet diz que elle é « um espirito meditativo, concentrado, que vive uma especie de vida interior »; « um espirito distincto que ás vezes se define a si proprio, com modestia, mas com originalidade que lhe é muito frequente. »

« A Universidade de Columbia confere-lhe o titulo de doutor, honra concedida sómente ás pessoas extranhas que pelo seu saber notorio se tornem della merecedoras.

« As Universidades de George Washington e de Yale e a Conferencia de Paz e Arbitramento da Pensylvania acolhem-no e festejam-no, applaudindo-o freneticamente nas conferencias que teve occasião de fazer o sabio academico brazileiro.

« A sua passagem deixa sempre um traço rutilo de seu talento e da pureza dos seus ideaes. Quando fala é para fazer uma observação profunda e convidar á reflexão.

« Ao encerrar a entrevista com o Presidente Roosevelt deixa insculpidos conceitos como estes:

— « Vi a Capital Americana ha 30 annos, em grande parte apenas planejada no sólo, e agora encontro a moldura, outr'ora vasía, toda cheia de edificios e monumentos e revivendo, na brilhante folhagem dos seus parques, as florestas primitivas a que Henry Clay alludiu na sua saudação a Lafayette. E' admiravel. Reconheceis por toda a parte que é uma cidade votiva, accrescentando cada geração nova alguma coisa á sua belleza, em cumprimento do voto nacional de Washington. É a Mecca americana, porém uma Mecca vestida á Pericles. »

« — De volta ao Brazil, a homenagem com que foi recebido

desde Pernambuco e Bahia até ao Rio, S. Paulo e Minas, fazia lembrar os triumphos que se conferiam na Roma antiga aos conquistadores de povos.

« Mas não. Não era o triumpho romano: a procissão civica desdobrada em sua presença não trazia o cortejo dos escravos: era sequito de homens livres saudando nelle a honra do Brazil e a victoria da Paz.

« Nada faltava ao edificio senão esse deslumbrante pinaculo, de onde aquelle genio privilegiado pôde — « como o sol no seu zenith, — ser avistado por todo um hemispherio ».

« Não é mister mostrar esse globo luminoso que incendiará — perpetuamente vivaz — o bello céo americano.

« Seria como si vos convidasse a vêr a luz meridiana em pleno explendor dos nossos dias tropicaes.

« Para que pormenorisar a acção gigantesca de um heróe, contando o arrojo reflectido dos planos, as minuciosidades da estrategia, o numero dos combates, o certeiro dos golpes, os applausos da victoria e a admiração universal ?

« Os factos que me resta rememorar são do vosso dominio. Vós fostes actores na consagração dessa apotheose, fostes ainda hontem testemunhas desses triumphos.

« O ambito dos sonhos que se alargára gradualmente e que da irmanação das raças passára á confraternização de um povo, — teve aqui em vossa presença a sua mais abrangiva expansão o congraçamento solenne de toda a America republicana.

« Assim, a marcha centrifuga daquelle espirito eleito symboliza o alargamento dos ideaes da Patria: o distincto Pernambucano tornou-se o notavel Brazileiro; o notavel Brazileiro veio a ser o Americano glorioso; o glorioso Americano — o grande Homem de fama universal.

« Seria injuriar a vossa faculdade retentiva relembrar a grandeza do vosso reconhecimento, concretizado nas sumptuosas festas da sua recepção nesta Capital.

« Já disse o eminente brazileiro que « não lhe arrancassem a memoria para ao menos ter saudades ».

« E é uma longa, uma interminavel saudade o que nos occu-

pa, reflexo daquella outra que transparece nestas palavras da sua despedida ao Rio de Janeiro:

« Vêr a nossa mocidade animada deste sentimento (da intangibilidade territorial do continente) é um estimulo incomparavel para os que trabalham em tão grande causa com a responsabilidade da sorte do nosso paiz. Deixo-vos entregue a minha divida de gratidão para com a população desta cidade. Quanto á minha para comvosco, sei que os moços se consideram sempre devedores, e não credores, pelos seus nobres enthusiasmos; e os meus votos são para que o vosso fervor por aquella grande politica nacional augmente sempre com a grandeza do Brazil. »

« Contemplemos ainda o recinto do templo.

« Como a sobredourar-lhe todas as maravilhas, ahi tendes a eloquencia e a poesia, ahi tendes o orador da palavra magica e attrahente, que se impunha na tribuna com a magestade dum colosso, dum colosso que fosse dotado da palavra; o poeta cosmopolita que Renan admirava e acolhia; o analysta de Camões e os « Lusiadas »,—synthetizando no Brazil e na epopéa camoneana os dois maiores monumentos de Portugal; o philosopho eximio das « Pensées Détachées », que mereceram aquelle alto elogio do sabio Émile Faguet.

« Ah! Vós podeis lêr-lhe ainda os livros sinceros, preciosos e puros; podeis beber-lhe os exemplos na historia desta Livre America; podeis ir ajoelhar ante os seus restos no Pantheon Nacional; mas, nunca mais, ah! nunca podereis ouvir-lhe, o verbo de ouro, e colher-lhe, na palavra adamantina, as lições do patriotismo.

« A Cathedral está concluida: no recinto conta o silencio as horas que a Eternidade vai recolhendo uma por uma.

« Brilha piedosamente a lampada do sacrario, essa luz da Religião que illuminou os ultimos annos do abnegado patriota, e côa pelos vitraes, como suavissimo luar interior.

« Fóra, no adro vastissimo, que é o Brazil inteiro, a multidão taciturna contempla a mole de granito com o silencio das lagrimas.

« Subito, no cimo do monumento, o globo luminoso empalli-

dece, bruxoleia, extingue-se dentro da noite negra que as estrellas recamam...

« Mas, em breve, apparece além, acima das nuvens que se esvaecem, no regaço do azul plumbeo que se fende, um astro mais claro, mais diamantino, mais rutilante, que envolve num hemispherio de luz todo o hemispherio celeste.

« Senhores, entoemos de novo esse hymno pernambucano dos tempos da mocidade; não nos impedirá, como outr'ora, a mão da inveja, quando cantarmos convictos e enthusiastas:

« Nabuco é o nosso fanal.

« A hora é solenne e grandiosa.

« Aquelle templo é o symbolo das nossas glorias.

« Entremos e oremos. »

Findas as exequias, á tarde, o corpo do admirado brazileiro foi trasladado da Cathedral para bordo do transporte de guerra *Carlos Gomes*, cujo salão principal fizeram transformar em camara ardente. Ao approximar-se a hora do embarque, a 12, tornou-se immensamente compacta a multidão de pessoas na praça Quinze de Novembro.

As forças se estendiam pela rua Primeiro de Março.

Organizado este ultimo prestito das ceremonias na Capital Federal, elle moveu-se em attitude de respeito e recolhimento.

Iam na frente os andores das corôas mortuarias e os estandartes das numerosas associações.

O ataúde, posto na carrêta do Arsenal de Guerra, estava rodeado por abolicionistas e individualidades salientes do mundo official, das lettras e da politica.

Desde a sahida do templo até ao Arsenal de Marinha, onde se realizou o embarque, as bandas de musica executaram melancolicas marchas.

No sahimento, excepcionalmente numerosissimo, tambem se viam muitos sacerdotes e senhoras.

Ás 8 horas da noite, ainda de 12, o mesmo transporte de guerra *Carlos Gomes* levantou o ferro conduzindo os preciosos despojos inanimados do tão benemerito da patria, os quaes iam

em demanda da terra que lhe fôra o berço, seu amado — o Recife.

Ao sahir, foi aquelle vaso de guerra comboiado, até fóra da barra, pelo *North Carolina*.

A descripção até aqui feita d'esses funeraes fica muito áquem da realidade, quanto á grandiosidade da ceremonia.

E, afim de dar um cunho mais authentico da narração de taes exequias no Rio de Janeiro, e ainda inclusivè mesmo desde a sahida dos Estados-Unidos, resolvemos, entre os diversos jornaes daquella Capital da Republica, transcrevèr aqui, por inteiro, o que publicou o *Jornal do Commercio :*

. . . .

Lê-se no dia 10 de Abril de 1910 :

« JOAQUIM NABUCO — Está desde hontem em terras brazileiras o corpo de Joaquim Nabuco. Ao saudoso diplomata foram prestadas as mais merecidas homenagens, cuja imponencia não poude ser empanada pela inclemencia do tempo.

« Todas as classes sociaes tomaram parte nas manifestações de pezar prestadas ao grande brazileiro que, na abolição, na diplomacia e na litteratura, teve sempre uma collaboração generosa, prompta e efficaz, destacando-se como um factor valioso da nossa historia social, e da nossa historia politica no continente americano.

« Com effeito, nestas ultimas decadas da nossa historia, encontramos Joaquim Nabuco envolvido com a cooperação do seu esforço em dois dos mais bellos aspectos da vida brazileira : o movimento generoso, embebido dos mais encantadores ideaes humanitarios, que levou comsigo o Brazil inteiro até a abolição e esta ultima phase intensa, cheia de victorias, de acção internacional do nosso paiz, na qual, como é sabido, os excellentes serviços e orientados esforços do illustre estadista tão grande quinhão tiveram na affirmação cada vez mais decisiva e precisa do nosso prestigio diplomatico.

« E' relembrando, muito resumidamente, esses assignalados serviços, já largamente registrados pelos seus biographos, que

deixamos nestas linhas as nossas reverentes homenagens ao cadaver do eminente patricio que a patria brazileira recebe em lagrimas de saudade e de gratidão.

« A ENTRADA DO « NORTH-CAROLINA ». — Desde ante-hontem que o cruzador *North-Carolina* estava á vista do posto semaphorico do morro do Castello.

« Mas o commandante Cifford, conhecedor do programma das homenagens que iam ser prestadas a Joaquim Nabuco, aguardou, fóra da barra, o dia de hontem e a chegada da divisão que, como estava annunciado, deveria ir ao seu encontro.

« Havia uma justificada anciedade pela entrada do cruzador norte-americano. Por isso, desde as primeiras horas da manhã, se notava um desusado movimento de povo pelos caes. No Pharoux, Mineiros, ao longo do caes Del-Vecchio, pela praia de Santa Luzia e na Avenida Beira-Mar, havia muita gente, mau grado a indecisão do tempo.

« Pouco passaria das 9 horas da manhã quando começou a transpôr a barra o *North-Carolina*.

« Vinham-lhe nas aguas tres unidades da nossa marinha de guerra: *Republica*, *Tymbira* e *Carlos Gomes*.

« O *North Carolina* é um poderoso cruzador, pintado de um cinzento escuro, o que dava um certo destaque entre a alvura dos tres vasos de guerra brazileiros que o foram comboiar.

« Mal transpôz a barra o cruzador norte-americano saudou a terra, sendo correspondido pela fortaleza de Willegaignon.

« A fumaça das salvas e um pouco de nevoeiro que havia na bahia occultaram-no por alguns minutos aos olhos curiosos. Mas, passado um instante, o *North-Carolina* foi visto de novo, já então fundeado no porto.

« Eram precisamente 9 $^1/_2$ horas da manhã.

« A primeira lancha a atracar no costado do *North-Carolina*, foi a do representante do Sr. Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores.

« O Sr. Barão do Rio Branco encarregou o Ministro Residente, Sr. Dr. Barros Moreira, de ir a bordo do *North-Carolina* apresentar os cumprimentos do Governo brazileiro ao commandante Cifford.

« O representante do Sr. Ministro das Relações exteriores partiu do Arsenal de Marinha em lancha especial, posta á sua disposição. Em sua companhia seguiu tambem o representante do *Jornal do Commercio.*

« No *North-Carolina* foi o Sr. Dr. Barros Moreira recebido pelo official de Estado e pelos Srs. E. Leite Chermont, secretario da Embaixada Brazileira nos Estados-Unidos, e Mauricio Nabuco, filho do illustre morto.

« Varias auctoridades visitaram tambem, pela manhã, o *North-Carolina.* Estiveram a bordo o Almirante Arthur de Jaceguay e Capitão de Corveta Vital Cavalcanti, representante do Sr. Inspector do Arsenal de Marinha.

« A BORDO DO «NORTH-CAROLINA» — A bordo do cruzador norte-americano conversámos alguns momentos com o Sr. Mauricio Nabuco. O filho do illustre extincto descreveu-nos em traços rapidos e visivelmente commovido a imponencia da trasladação do cadaver de seu pae para bordo do *North-Carolina* e as inexcediveis provas de carinho manifestadas a Joaquim Nabuco pelo povo norte-americano, e pelo Governo da Grande Republica dos Estados d'America do Norte.

« Dos Estados-Unidos para aqui o *North-Carolina* parou em Barbados.

« Os Srs. E. Chermont e Mauricio Nabuco desceram á terra e foram agradecer ao governador Sir Gilbert Cartel as homenagens ali prestadas á memoria de Joaquim Nabuco.

« O Governador foi a bordo, tendo dispensado as honras a que lhe davam direito o cargo que occupava.

« No domingo de Paschoa o *North-Carolina* sahiu de Barbados, ás 6 $^1/_2$ horas da tarde.

« No dia seguinte á partida de Barbados o *North-Carolina* cruzou com o paquete *Verdi*, a cujo bordo viajava o illustre estadista norte-americano Mr. William Bryan.

« Entre o *Verdi* e o *North-Carolina* foram trocados varios radiogrammas.

« Mr. William Bryan enviou um expressivo radiogramma ao Sr. Mauricio Nabuco.

« Neste despacho o estadista norte-americano fazia votos

para que bons ventos guiassem o *Minas Geraes* e o *North-Carolina*, afim de que pudessem sem incidente, completar essa dolorosa missão de entregar os restos mortaes do illustre homem de Estado que foi Joaquim Nabuco ao Brazil e ao povo que elle tanto honrou e tão fielmente serviu.

« Ao passar por Pernambuco o *North-Carolina* communicou-se com a terra por meio de signaes semaphoricos.

« Pelas alturas de Maricá, uma commissão de officiaes brazileiros, de serviço no *Minas Geraes*, passou para bordo do *North-Carolina*.

« Essa commissão era composta dos seguintes officiaes — Capitão-tenente Radler de Aquino, 1.º tenente Lacé Brandão e 2.º tenente João Duarte.

« O CORPO DE JOAQUIM NABUCO — O caixão de bronze que guarda o corpo de Joaquim Nabuco foi retirado ás 11 horas da manhã, da torre de ré, onde permaneceu durante a viagem, e collocado no tombadilho da pôpa.

« Desde a partida do *North-Carolina* dos Estados Unidos até aqui, o corpo de Joaquim Nabuco foi sempre guardado por marinheiros da guarnição com as armas em funeral.

« O caixão que encerra os restos mortaes de Joaquim Nabuco ê um trabalho valiosissimo, e uma verdadeira obra de arte.

« Foi fabricado na National Casket Company e é inteiramente de bronze massiço, á prova de agua e fogo.

« Comprehende a caixa metallica e tem uma extensão de 6 pés e 6 pollegadas.

« O caixão é delicadamente ornamentado e as argolas com arestas, são primoroso trabalho de serralheria. Internamente o caixão é forrado de setim adamascado branco, e com tampa de vidro « biseauté » recoberta por uma segunda tampa de bronze munida de um systema corrediço, permittindo ver-se o semblante do saudoso Brazileiro através a tampa vitrea.

« Sobre a tampa de bronze está gravada a inscripção: « *Joaquim Nabuco, nascido no Recife a 19 d'Agosto de 1849 e fallecido em Washington a 17 de Janeiro de 1910.*

« Esse caixão estava encerrado em uma caixa de carvalho esculpturado.

« No tombadilho foi o caixão coberto com a bandeira brazileira e collocado sobre dous cavalletes forrados de crepe. Á cabeceira e aos pés do cadaver permaneceram até á hora do desembarque, dois soldados de infantaria de Marinha, com as armas em funeral.

« Junto ao caixão foram collocadas as corôas que puderam ser transportadas dos Estados Unidos, e que ahi foram collocadas sobre o feretro pelas altas auctoridades do paiz, Corpo Diplomatico e membros da alta sociedade de Washington.

« Nellas vimos as seguintes inscripções:

A Academia Brazileira — Do Ministro de Portugal — Do Governo do Chile — Do pessoal da Embaixada, Chermont, Kelsch e Marques — De D. Joaquim de Casus — Do Secretario de Estado — Do Instituto Historico e Geographico do Brazil — A Joaquim Nabuco, o Presidente Nilo Peçanha — Respeitosa homenagem de R. de Lima e Silva — Internacional Bureau of American Republics — Ao grande e bom Brazileiro Joaquim Nabuco, o seu fiel e agradecido amigo Rio Branco — Internacional Governing Board — To our dear friend — Mr. et M.me de Onesada.

« O Presidente William Taft e o Secretario do Estado offereceram, respectivamente, quatro ricas corôas, duas por occasião dos funeraes, e as outras duas por occasião do embarque do corpo para esta cidade.

« Ali tambem vimos a corôa de bronze offerecida pelo Commandante, officiaes e guarnição do couraçado *Minas Geraes*.

« Ao lado das corôas estava uma caixa com as fitas das corôas que não puderam ser transportadas.

« O TRANSPORTE PARA TERRA — Ás duas horas da tarde realizou-se com toda a solennidade o transporte dos restos mortaes do grande Brazileiro, de bordo do *North Carolina* para o cáes Pharoux.

« Pouco antes dessa hora partiu do Arsenal de Marinha, em direcção ao couraçado norte-americano, a lancha *Olga*, conduzindo o Sr. Dr. Serzedello Corrêa, Prefeito Municipal, capitão de corveta José Maria Penido, representante do Sr. Presidente da Republica; membros da commissão promotora das homenagens a Joaquim Nabuco, Confederação Abolicionista, representantes dos Estados e da imprensa.

« Entre outros, estavam ali os Srs. Drs. Barros Moreira, representante do Sr. Barão de Rio Branco; Dr. Leite Chermont, 1.º tenente Carneiro da Cunha, representante do Sr. Ministro da Marinha; major Jonatas Barreto, Dr. Coelho Lisboa, tenente-coronel Zoroastro Cunha, Senador Bernardino Monteiro, deputado Germano Hasslocher, Dr. Garcia Adjuto, Dr. José Marianno, Dr. Aristides Benicio de Sá, Dr. Venancio Labatut, Senador Jonathas Pedrosa, Dr. Paulo da Fonseca, Dr. André Cavalcanti, Dr. Carlos Abreu, Rego Medeiros, Raphael Pinheiro, Dr. Caio Carneiro da Cunha, Senador Gonçalves Ferreira e deputado Arthur Orlando.

« Acompanhava a lancha *Olga* um rebocador puxando o batelão que devia conduzir o corpo para terra: este batelão estava todo revestido de crepe.

« Quando a *Olga* atracou ao costado do *North Carolina*, já toda a guarnição, em 1.º uniforme, se achava formada no convéz.

« Ao lado do caixão contendo os restos mortaes de Joaquim Nabuco, estavam todos os officiaes e o contingente de infantaria de Marinha, sob o commando do Capitão Rixey.

« A commissão e demais pessoas foram recebidas no portaló pelo commandante Clifford e immediato Christy.

« Feitas as apresentações da etiqueta, dirigiram-se todos para o local onde se achava o caixão funebre.

« Ahi, no meio do maior silencio, foi feita a entrega do corpo pelo commandante do navio ao Prefeito da cidade.

« Nessa occasião o Sr. Dr. Serzedello Corrêa pronunciou um pequeno discurso.

« Disse interpretar os sentimentos de todos os brazileiros, sinceramente gratos á America do Norte pelas extraordinarias homenagens prestadas em Washington ao grande Brazileiro Joaquim Nabuco.

« Agradecia ao commandante e aos seus dignos officiaes o carinhoso cuidado com que velaram, durante a viagem, pelos restos mortaes do grande estadista, que naquelle momento era entregue á sua patria.

« Fallou em seguida o commandante Clifford.

« Disse que durante a sua longa vida de marinheiro nunca

se sentira tão honrado com nenhuma commissão como a que acabava de desempenhar.

« Considerava essa commissão uma grande honra para si, e lembrar-se-ia della durante toda a sua vida.

« O commandante Clifford ao terminar a sua oração foi abraçado pelo Sr. Serzedello Corrêa, que collocou no seu peito uma medalha com a photographia de Joaquim Nabuco.

« Feita a entrega do corpo, foi o caixão guindado do convez e collocado no batelão, que o conduziu para terra.

« Nessa occasião, emquanto o destacamento apresentava armas e a banda de bordo executava a marcha funebre de Chopin, os navios de guerra surtos no porto salvaram em funeral com 19 tiros.

« O batelão conduzindo o corpo de Nabuco dirigiu-se para terra, comboiado por uma flotilha de lanchas conduzindo varias commissões, varios barcos dos clubs de regatas e outras embarcações.

« As corôas foram transportadas para terra na lancha *Olga*, na qual tambem regressaram as pessoas que foram a bordo buscar os restos mortaes do grande Brazileiro.

« NO CAES PHAROUX — A partir de 1 hora da tarde começou a affluir avultado numero de pessoas para a praça Quinze de Novembro.

« Ás 2 horas havia ali muita gente.

« A chuva começou a cahir fortemente, o povo não se afastou dali aguardando a chegada do corpo de Joaquim Nabuco.

« Para que não houvesse atropelos na organização do prestito, cento e sessenta guardas civis fizeram o quadrado defronte ao cáes, dentro do qual ficaram os membros das diversas commissões, senadores, deputados, officiaes de terra e mar e os representantes da imprensa.

« O corpo de Joaquim Nabuco chegou ao cáes Pharoux cerca de 3 horas da tarde.

« Os restos mortaes do illustre diplomata foram transportados por marinheiros nacionaes para a carreta que estava em terra toda ornamentada de flôres naturaes.

« A banda de musica do Corpo de marinheiros tocou então uma marcha funebre.

*

« Collocado o caixão na carreta, organizou-se em seguida o prestito. A' frente vinha a banda do Corpo de Bombeiros, seguindo-se varias commissões e pessoas conduzindo custosas corôas.

« Após seguia-se a banda do 1.º regimento de cavallaria da Força Policial, diversas commissões, banda do regimento de cavallaria da mesma milicia, membros da Commissão Central e guardas civis conduzindo corôas.

« Depois ainda vinha uma banda de musica do Exercito, succedendo-se varias associações, commissões, senadores e deputados.

« Logo em continuação apparecia a carreta que era conduzida pelos marinheiros Cesario dos Santos, João de Oliveira Ramos, Firminio de Oliveira, Pedro de Alcantara e Antonio da Silva, todos da Guarnição do *Riachuelo*.

« As fitas que pendiam da carrêta eram seguras pelos representantes dos Ministros, pelo Sr. Joaquim Nabuco Filho, membros da Commissão Promotora das homenagens, deputados e senadores.

« O prestito desfilou pela praça Quinze de Novembro, rua da Assembléa e Avenida Central.

« As bandas de musica executaram durante o trajecto marchas funebres, sendo o prestito acompanhado até o Palacio Monroe por enorme multidão, apezar da chuva.

« Dentre as pessoas que se achavam no cáes Pharoux podiam ser notadas as seguintes: Drs. Serzedello Corrêa, Prefeito Municipal; Cicero Martins, representando o Sr. Ministro da Agricultura; Auto de Sá, representando o Sr. Ministro da Viação; 1.º tenente Astrogildo Goulart, representando o Sr. Ministro da Marinha; senadores Drs. Rosa e Silva, Milciades Sá Freire, Thomaz Accioly e Gonçalves Ferreira, representando o Senado Federal; Pedro Pernambuco, Annibal Freire e João Vieira, representando o Estado de Pernambuco; commissão do Conselho Municipal do Recife, composta dos Drs. Arthur Orlando, Affonso Costa e Domingos Gonçalves; Dr. João Brandão, commissão da Estrada de Ferro Central do Brazil, composta dos Srs. coronel José Ricardo, José Muniz, engenheiro Alvaro de Andrade; Centro Republicano

da Lagôa, representado pelo Sr. Dr. Alfredo Barcellos; 17.ª Escola Feminina do 7.º Districto, representada pela professora D. Maria França e alumnas; Legião Social, representada pelo commendador Gomes Carneiro; conselheiro Coelho Rodrigues, marechal Pires Ferreira, deputados Joaquim Cruz e Felix Pacheco e Dr. João Cabral, representando o Estado do Piauhy; senador Araujo Góes, representando o Estado de Alagôas; Faculdade Livre de Sciencias Sociaes, representada pelos professores Lima Drummond, Coelho Rodrigues, Paulino de Souza, Fernando Mendes e Leão Velloso; Drs. Carlos Silva e Bruno Lobo, coronel Augusto Drummond e João Gomes do Rego, representando o Gremio Paraense; commissão do 13.º Regimento de Cavallaria, composta do commandante tenente-coronel Joaquim Ignacio, Major Cordeiro de Farias, 1.º tenente Narciso Vieira e 2.º tenente Alvaro Aréas; 1.º tenente Sá e Benevides, representando o Almirante Proença, director da Escola Naval; tenente Lins, representando o almirante Lins Cavalcanti, inspector do Arsenal de Marinha; collegio Alfredo Gomes, representado pelo capitão Adhemar Jubim, Roberto Pollo, Ernani Soares, Ovidio Coelho e Waldemar Vaz; commissão Rio-Branco, composta dos Srs. J. T. Kroger, almirante Alves Camara, general Dantas Barreto, João Vieira da Silva Borges, coronel Alfredo Odoarto da Silva Moraes, Dr. Carlos de Araujo e Joaquim Lacerda; senador Ferreira Chaves, representando o Estado do Rio Grande do Norte; senador Jonathas Pedrosa, representando o Estado do Amazonas; commissão da Repartição Geral dos Telegraphos, composta dos Srs. Drs. Alberto Couto Fernandes e Gabriel de Villa-nova Machado e pelo telegraphista Olyntho dos Santos Neves; Joaquim Ayres, representando os abolicionistas do Estado do Espirito Santo; 1.º tenente Durval Julião, representando o Commandante da Divisão de Cruzadores; 2.os tenentes Coimbra e Genesio Santos, representando o Commandante e officiaes do cruzador *Republica*; Horacio Nabuco de Caldas e familia, irmandade de Santa Ephigenia, composta dos irmãos Israel Antonio Soares, Alfredo Barbosa Sampaio e Israel Soares Junior; 1.º tenente Barros Azevedo, 2.º tenente Teixeira da Costa e Silva, representando o Commando do cruzador-torpedeiro *Tupy*; commissão do Collegio Militar, composta dos Srs. Alberto dos Santos,

Alexandre de Moraes e Léo Midosi; general Marciano de Magalhães, chefe do Estado-Maior do Exercito; deputados Cunha Machado e D. Abranches, representando o Estado do Maranhão; deputado Deoclecio de Campos, representando o jornal *A Provincia*, do Pará; tenente Dario Castello Branco, representando o Sr. Ministro da Guerra; Camara dos Deputados, representada pelos Srs. José Carlos e Affonso Costa; Associação Commercial de Pernambuco, representada pelo deputado Simões Barbosa, José Bezerra e senador Gonçalves Ferreira; Dr. Adolpho Custodio Ferreira, representando o Sr. João Lopes; Dr. Antonio Soares do Couto, representando a Intendencia de Mossoró; Dr. Fernando Mendes, representando os Brazileiros residentes no Uruguay; commissão do Centro Academico, composta de Raymundo Teixeira Mendes, Benjamin Reis Junior, Magalhães Corrêa e Souza Pitanga; tenente-coronel Salvador Fontes, Antonio de Carvalho, Belizario Antonio de Menezes, Pedro José de Alcantara, José Carlos Jucá e Henrique Alves da Silva; Associação dos Artistas Brazileiros, composta dos Srs. José Dias Vianna, Antonio Ferreira Oliveira e Alexandre de Camargo; commissão da Caixa Emancipadora Joaquim Nabuco, composta dos Srs. Olympio da Costa, Francisco Magalhães, Mariano Rodrigues, Alexandre Freire e José Dematos Silva; commissão do Congresso Marechal Hermes da Fonseca, composta dos Srs. Ribeiro Maltez, Melciades Barreto e capitão Lago Satulio; Dr. José Maria Firmino, representando o Governo da Bahia; capitão Gentil Monteiro e tenente Faustino Alves, pelo general Thaumaturgo de Azevedo; commissão da União dos Operarios Estivadores, Commissão do Externato Aqui no, composta dos Srs. Carlos Freire Saidle, Francisco Venancio, Milton Dunham, Costa Lima e Luiz e Silva; commissão do regimento de cavallaria da Força Policial, composta do major Alvaro de Mello, capitão Pinho França e alferes Cruz; 1.º tenente Waldemar Mendes de Almeida, pelo Tiro do Leme; commissão do Conselho Municipal, composta dos Srs. Dr. Enéas de Sá Freire, Manoel Mariano e Alberto de Assumpção; Francisco Cruz, tenente pharmaceutico Alfredo Corrêa, Agnello Santos, Antonio Rodrigues da Silva Cearense, commissão do 1.º regimento da Força Policial, composta dos Srs. tenente Eduardo Vasco e capitão

Santa Fé; commissão do 2.º regimento da Força Policial, composta do capitão Brilhante, Izidro de Sá e alferes Francisco Cabral; Dr. Odilon Bezerra de Figueiredo, senador Valladão, commissão dos Correios, composta dos Drs. Ignacio Tosta, Faria Rocha e major Theodoro Costa; deputado Germano Hasslocher, commissão dos Guardas da Alfandega; Drs. José Verissimo e Felinto de Almeida, representando a Academia Brazileira de Lettras; commissão do Lycêo de Artes e Officios, composta dos Srs. A. F. de Abreu e commendador Antonio Valentim; Pedro Leoni Ramos, Commissão da Caixa dos Guardas Municipaes, deputado Monteiro Lopes, deputado Calogeras, 1.º tenente Bustamante, representando o chefe do Departamento da Guerra; major Ernesto Cezar, major Moreira Guimarães, 1.º tenente Cunha Feitosa e outras.

« No Palacio Monroe — Para guardar os restos mortaes de Joaquim Nabuco foi o 1.º pavimento do Palacio Monroe ornamentado com paramentos simples, mas de effeito.

« As columnas Centraes foram revestidas de panno negro e as demais tinham ao centro um grande laço de belbutina preta.

« No centro do salão foi levantado o catafalco sob um docel apoiado por quatro columnas, todas revestidas de velludo negro e galões dourados. Em torno ardiam tocheiros e brandões dourados e ao fundo erguia-se um altar, onde se via, por entre cirios, a imagem do Christo Crucificado.

« A' frente do docel destacava-se, encimando-o, um trophéo formado pelo busto do illustre morto, em gesso, e rodeado pelas bandeiras brazileira e norte-americana.

« Nas janellas e portas havia sanefas pretas com franjas douradas.

« Aguardavam a chegada do corpo no Palacio Monroe os Srs. Irving Dudley e o pessoal da Embaixada Americana; o Barão do Rio Branco — Ministro das Relações Exteriores e seus officiaes de gabinete; Almirante Alexandrino de Alencar, Ministro da Marinha; Dr. Esmeraldino Bandeira, Ministro do Interior; George Anderson, Consul Americano; Dr. Leoni Ramos, chefe de Policia; Luiz Cárpenter, Myron Clarck e Dr. Nogueira Paranaguá, pela Associação Christã de Moços.

« Faltavam 20 minutos para as 4 horas da tarde, quando o cortejo funebre chegou em frente ao Palacio Monroe.

« A carreta que conduzia o caixão mortuario foi conduzida até o interior do edificio. O caixão foi della retirado pelos marinheiros e collocado sobre o catafalco.

« O Palacio Monroe a esta hora estava repleto de povo e altas auctoridades.

« O corpo de Joaquim Nabuco foi hontem mesmo muito visitado.

« A' noite foi cerrada a porta do Palacio Monroe.

« AS EXEQUIAS — Amanhã realizar-se-hão solennes exequias na Cathedral Metropolitana pelo suffragio da alma de Joaquim Nabuco.

« O templo será para isso todo ornamentado.

« Por essa occasião serão distribuidos retratos do illustre Brazileiro, tendo na parte inferior o seguinte :

« Da cruzada bemdita o nobre campeão,
Tão alto elle brandiu a clava da verdade,
Que o reducto alluiu da estulta escravidão,
Abrindo á Patria espaço ao Sol da Liberdade. »

« — Tambem serão distribuidas as seguintes poesias dedicadas ao Barão do Rio Branco :

« Do Sr. Emilio de Menezes :

« Vai sacrilega a Morte, em sempiterna ronda,
A ceifar e a espalhar o horror e o sacrilegio.
— Quem ha que ao seu appello, acaso, não responda,
Seja espirito escasso ou pensador egregio ?
E' uma alma juvenil ? Ella, em volupia, a sonda.
E' um sabio ? Ella o envenena em lethal sortilegio.
E' um artista ? Ella o chama e erguendo a dextra hedionda,
Ao mundo inteiro impõe o seu dominio régio.
Feliz é aquelle só, que ao resurgir á tona
Da vasa-mar que a terra envolve em exterminio,
Ao nome, nova gloria, ao morrer addiciona.
A alma do que hoje cahe não cahiu em declinio :
Da Historia a porta entrou como senhora e dona...
E á propria Morte impoz o seu régio dominio. »

« Do Sr. Affonso Duarte de Barros:

« Como um éco a vibrar, de rutila victoria,
O nome de Nabuco acordará na historia,
Fulgidas tradições, augustos ideaes,
Cinzelados de amor, ungidos pela paz,
Da liberdade foi uma alvorada santa.
E quanta dôr cruciante, quanta lagrima, quanta,
Não estancou seu verbo, em flamma sempre acceso,
Em magica vertigem acorrentado e preso
A's conquistas sociaes, e aos surtos altaneiros —
O Golgotha sem fim dos grandes pioneiros!
Merece o cultuar das bronzeas estaturas,
Que morrem, p'ra viver eternamente puras
Na voragem social — este oceano ingente,
Revolto, a marulhar em convulsão fremente.
Na luta pelo bem, das leis pelo direito,
Eruditas visões ardiam no seu peito.
Sua vida é um codigo, um apostolado,
Que agora se transforma em symbolo, gravado
No coração da patria, em funda dôr partido,
No sólo americano, em brilhos, diffundido;
Em merito se iguala aos raros estadistas,
O homem é gradação de um povo, é unidade...
E o sonho do Brazil: — a luta da igualdade,
A liça pela paz, no evolutir constante,
O eterno progredir do velho tempo errante,
Que modifica tudo que palpita e medra
— Do sentimento humano ao coração da pedra,
Faziam-n'o sonhar, subir, vibrar, vencer,
Em bella directriz, e sem desfallecer!
A' America reverente, em homenagem justa,
Ao sabio Brazileiro — encarnação robusta
De esculptura moral, estoica, inconfundivel,
Bemdigo suas honras ao vulto imperecivel...
Das savanas do sul ás ondas amazonicas,
Das grimpas do Rio Grande ás architectonicas
Bellezas naturaes ao norte do Brazil,
— Sua lembrança é culto heroico e varonil,
Pois ha de a tradição cantar seus altos feitos;
O primeiro elle foi, o amado entre os eleitos,
E lhe eterniza a historia altiva, edificante,
Pelo seu grande estudo, o talento irradiante.
O aureolado nome, o nome de Nabuco,
E' lição de civismo honrando a Pernambuco. »

No mesmo *Jornal do Commercio*, de 11, lê-se :

« Joaquim Nabuco — O Palacio Monroe, onde se acha depositado o corpo de Joaquim Nabuco, esteve hontem aberto á visita do publico desde as 10 horas da manhã.

« Desfilaram diante do caixão contendo os despojos do grande Brazileiro, milhares de pessoas, representantes de todas as classes sociaes.

« A entrada do publico era feita pelo lado da Avenida Central, e a sahida pelo jardim do lado do Passeio Publico.

« O cadaver tem sido velado pelos membros da Grande Commissão de Homenagem a Joaquim Nabuco, da Confederação Abolicionista, alumnos do Collegio Militar, socios da Confederação do Tiro e membros de varias outras associações.

« Em torno do catafalco estão depositados os velhos estandartes das Confederações Abolicionistas, de outras sociedades que figuraram no prestito, as corôas transportadas dos Estados Unidos, e as seguintes, que foram offertadas nesta cidade : « A Joaquim Nabuco — Homenagem do Estado do Espirito Santo ». — « Homenagem da Estrada de Ferro Central do Brazil ». — Do Comité Republicano ». — A Associação dos Empregados no Commercio de Pernambuco ». — « Saudosa Homenagem do Club de Engenharia ». — « A' memoria de J. Nabuco — O Estado de Sergipe ». — « A Joaquim Nabuco — O Estado do Rio Grande do Sul ». — « A Joaquim Nabuco — A Força Policial ». — « A Joaquim Nabuco — A Guarda Civil ». — « Ao eminente Embaixador Joaquim Nabuco — A Marinha Nacional ». — « A Prefeitura do Districto Federal ». — « Homenagem do Estado de Pernambuco ». — « A Joaquim Nabuco — José Marianno ». — « Tributo a Nabuco — do Povo de Mossoró ». — « A Sociedade União dos Operarios ». — « *O Paiz* » — « Saudades de Emilio Martins e familia ».

« Em uma das alças do caixão foram collocadas as fitas das corôas do feretro em Washington e que não foram transportadas para esta Capital.

« Sobre o esquife, que está envolto na bandeira brazileira, acham-se o chapéo armado e o espadim que pertenceram ao illustre finado.

« Cêrca de quatro mil pessoas deixaram os seus nomes no livro de presença.

« Foram éstas as pessoas que velaram durante o dia e a noite de hontem os restos mortaes de Joaquim Nabuco: Srs. coronel Julio Fernandes Barbosa, commandante do 1.º regimento de infantaria do Exercito; major Affonso Grey, capitão Alfredo Affonso do Rego Barros e Sayão Lobato, do 1.º de infantaria; capitão Almeida Saldanha e alferes Cunha Dias, do Corpo de Bombeiros; alferes Themistocles de Faria Lemos, Astolpho Ferreira de Pinho, capitão Alfredo de Albuquerque e tenente José Pinto Ribeiro, da Força Policial; tenente Firmino Mattos Corrêa, alferes Luiz Gonzaga da Fonseca, Dr. Alexandre de Souza Pereira do Carmo, Dr. Gaspar Menezes, capitão Manoel Augusto de Araujo, tenente-coronel Zoroastro Cunha, Dr. André Cavalcanti, Dr. Antonio Baptista Nogueira, capitão Arthur Innocencio Machado, general José Christino Pinheiro Bittencourt, 1.º tenente Ignacio Teixeira da Cunha Bustamante, ajudante de ordens do Departamento da Guerra, 1.º tenente Edgard Herschler, ajudante de ordens do Ministro da Marinha, Dr. Carlos Porto Carreiro, Francisco Machado Dias, Dr. Eugenio Guimarães Ribeiro, capitão Gastão Meirelles, 2.º tenente Arthur Soares de Castro Pinto, desembargador Domingos Pinto, capitão de Policia José Geofre de Proença, 1.º tenente de Policia Diniz Luiz Nunes e o alferes de Policia Sylvio Carneiro de Souza, Arthur Gomes de Mattos Sobrinho e Dr. Victorino de Paula Ramos, representante da Associação dos Empregados no Commercio de Pernambuco, deputado Dr. Monteiro Lopes, Tiro do Leme, representado pelos Srs. Mario Lagden, Canuto Setubal dos Santos, Pedro Joaquim da Cunha, Manoel Silveira da Cunha, Sebastião dos Santos Lisboa, Eurico de Jesus, Julio José dos Santos, Patricio José Rodrigues, Antonio Procopio Pinto, Francisco Pinto de Almeida, Fioravante Maciel da Cruz, Joaquim Rodrigues da Veiga Filho, Joaquim Campos de Souza, Juventino Manhães Barreto, Armando Francisco de Lima, Virgilio Valentim da Guerra, 2.º tenente Oscar Visconti, Arnaldo Gomes Maciel, Henrique Vieira de Mello, Antonio de Almeida; pelo Tiro Federal, Mario de Castro Guimarães, 2.º tenente Oswaldo Mendes de Moraes, Manoel Motta Pereira, Raymundo Ramon da

Cruz, general Claudino de Oliveira e Cruz e a commissão dos Veteranos da Guerra do Paraguay, Octavio Saldanha da Gama, turma de alumnos do Collegio Militar, coronel Ernesto Senna, Beaurepaire Pinto Peixoto, Dr. André Cavalcanti, coronel Francisco Pereira do Carmo, Rego Medeiros, Dr. Alexandre Pereira do Carmo, Dr. Venancio Labatut, Julio de Lemos, da *Liberdade;* Dr. Alcides Medrado, Dr. Bricio Filho, d'*O Seculo;* Dr. Arthur Barroca, Dr. Venancio Cavalcante, pelo jornal *Pernambuco;* capitão Florentino de Abreu Rego, academico Tito Porto Carreiro, Henrique Palhares, Coryntho da Fonseca — pelo *Jornal do Pará;* os alumnos do Collegio Militar; Alberto Dias dos Santos, Alexandre Magno de Moraes, Léo Midosi, Ricardo Bezerra, tenente Julião da Silveira Fortes, João Valdetaro de Amorim Velho, Noé Vianna Montezuma, Omar Brito; irmandades de Santa Ephigenia e S. Benedicto; tenente Paschoal Romano e alferes Francisco Figueiredo de Albuquerque; Gerson Themistocles de Almeida, Antonio Azeredo e Eugenio Ribeiro — da União Operaria dos Estivadores; os guardas-civis Albertino Ferreira Gonçalves e Antonio Teixeira Bastos; membros da Commissão Central, conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, tenente Odorico Teixeira Neves e alferes Astolpho Ferreira de Pinho; tenente da Força Policial Antonio Pereira de Barros, João Ferreira dos Santos, Arnaldo Valle, Francisco de Oliveira Mello, Humberto Saldanha, Miguel de Brito e D. Malvina de Brito; Charles Evers, do *Times*, de Londres; coronel Eduardo Raboeira, Carlos Bittencourt, Dr. Carlos Silveira Martins, Pedro Fausto de Almeida, Abner Mourão, capitão Carlos Antonio dos Santos, da Força Policial e Albertino M. de Souza.

« A's 4 horas da tarde o Sr. Barão do Rio Branco, acompanhado do seu official de gabinete Muniz de Aragão, esteve no Palacio Monroe, permanecendo cêrca de uma hora velando o corpo.

« Junto ao catafalco estiveram tambem durante muito tempo o Dr. Victor Nabuco, irmão do illustre finado, e o Dr. Leite Chermont, 1.º Secretario da Embaixada do Brazil nos Estados Unidos.

« — Aos visitantes foi distribuido um folheto intitulado *Homenagens a Joaquim Nabuco*, do Dr. Domingos Jaguaribe.

« — Um grupo de marinheiros da guarnição do couraçado

norte-americano *North-Carolina* visitou hontem durante o dia os restos mortaes de Joaquim Nabuco no Palacio de Monroe.

« — No dia do desembarque, o Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores, acompanhado dos Srs. Raul do Rio Branco, A. G. de Araujo Jorge e J. J. Muniz de Aragão, chegou ao Palacio de Monroe ás 2 horas da tarde, reunindo-se alli ao embaixador americano, Sr. Irving B. Dudley, que o esperava, em companhia do 1.º Secretario da Embaixada, Sr. M. Marshall Langorne, do Addido militar, tenente Frank L. Beals e do Consul Geral, G. E. Anderson.

« Pelo trem da Estrada de Ferro do Norte das 5 horas da tarde, o Sr. Raul do Rio Branco subiu para Petropolis, acompanhando os Srs. Mauricio Nabuco, chegado no *North-Carolina*, e José Thomaz Nabuco, filhos do finado Embaixador.

« — Os Srs. Dr. Jesuino da Silva Mello e general Dantas Barreto, membros do Instituto Historico, representaram esse Instituto em todas as homenagens a Joaquim Nabuco.

« — Nas exequias em suffragio da alma do illustre diplomata brazileiro a Associação Commercial de Pernambuco será representada pelos Srs. senador Gonçalves Ferreira e Deputados Simões Barbosa e José Bezerra.

« — O Dr. José Carvalho de Souza, presidente da Associação dos Funccionarios Publicos Civis, nomeou os seguintes membros do Conselho Administrativo : Dr. José Antonio da Rosa, capitão Alfredo Julio Alves Pereira, tenente Raul Francisco Moreira de Queiroz, Iturbides Esteves, capitão Miguel Pinto Vieira, Dr. Vicente Saraiva de Carvalho Neiva, Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro e Carlos Proença Gomes, para fazerem parte da commissão que deverá representar a Associação dos Funccionarios Publicos Civis nas exequias e demais actos.

« — Os estudantes brazileiros do New York Institute of Sciences de Rochester, Paulo de Souza Castro, Jorge de Oliveira Lima, José Alves Moreira, Francisco de Almeida Porto e Augusto Cesar da Silva Castro Junior encarregaram ao Dr. J. Alves da Soledade Moreira para represental-os em todas as homenagens a Joaquim Nabuco.

« — Hontem á tarde o Dr. Paulo de Frontin, director da Es-

trada de Ferro Central do Brazil, designou os Drs. Umberto Saraiva Antunes, Manoel Oliveira e o coronel José Muniz, para representar hoje essa ferro-via nas exequias de Joaquim Nabuco.

« AS SOLENNIDADES DE HOJE — Hoje, ás 10 horas da manhã, partirá do Palacio Monroe para a Cathedral Metropolitana, o prestito civico conduzindo o corpo do illustre brazileiro.

« — Todas as commissões, representações officiaes e civis, escolas, congregações religiosas, etc., deverão achar-se nas localidades determinadas neste programma, ás 8 horas precisas, afim de ser organisado o prestito.

« — As bandas de musica deverão postar-se na Avenida Beira-Mar por detraz do obelisco alli existente.

« — As escolas superiores e as escolas acompanhadas por commissões de alumnos formarão na Avenida Central, entre a rua Santa Luzia e o mar.

« — As commissões parciaes, quer officiaes, quer civis, formarão em linha na Avenida Central, entre a rua Santa Luzia e Theatro Municipal.

« — As commissões, que conduzirem grinaldas, deverão formar na Avenida Central, entre o edificio do Club Militar e o Supremo Tribunal Federal.

« — Os membros do Corpo Diplomatico e Consular que comparecerem, representante do Sr. Presidente da Republica, Ministros de Estado, senadores, deputados, Prefeito do Districto Federal, officiaes generaes do Exercito e representantes do Conselho Municipal deverão ficar no Pavilhão Monroe.

« — Collocado o corpo na carreta e na occasião em que tiver de partir o prestito, usará da palavra em nome da commissão central o Dr. Raphael Pinheiro.

« — Antes e depois desse discurso será executada pela banda do Corpo de Bombeiros a symphonia do Guarany e o Hymno Nacional.

« — Na frente da carreta irá incorporada a Commissão Central.

« — Nas alças e tirantes segurarão o presidente da Commis-

são Central, os membros da Confederação Abolicionista e mais pessoas que forem convidadas.

« — A' sahida do Pavilhão Monroe será o corpo encommendado pelo conego Rodrigues, vigario de S. José.

« — O itinerario a observar é o seguinte: Avenida Central, Visconde de Inhauma, Primeiro de Março até á Cathedral.

« — As forças militares formadas na rua Primeiro de Março prestarão as devidas honras á passagem do corpo do illustre Brazileiro.

« — O prestito será organizado sob a direcção dos Srs. coronel Ernesto Senna e Beaurepaire Pinto Peixoto.

« — Um corpo de lanceiros do Regimento de cavallaria da Força Policial formará hoje em frente ao Palacio Monroe, afim de escoltar o feretro do fallecido embaixador brazileiro Joaquim Nabuco, por occasião da sua trasladação daquelle palacio para a Cathedral Metropolitana, e, terminadas as exequias, dessa Cathedral para o Arsenal de Marinha, as bandas de musica dos regimentos de infantaria da Força Policial achar-se-hão naquelle local ás 8 horas da manhã á disposição da commissão executiva das homenagens.

NA CATHEDRAL — A's 11 horas da manhã realizar-se-hão na Cathedral Metropolitana solennes exequias com a presença de sua eminencia o Sr. cardeal D. Joaquim Arcoverde, pontificando o vigario geral monsenhor Amorim, e subindo á tribuna sagrada o erudito orador padre Dr. Julio Maria.

« A Cathedral foi, para essa ceremonia funebre, competentemente ornamentada.

« Na nave foi levantado um catafalco sob um docel de crepe, apoiado sobre quatro columnas revestidas de velludo negro e galões dourados.

« Na base destas columnas vêem-se entrelaçadas em galão prateado as iniciaes J. N.

« Ladeiam o catafalco brandões dourados e dezeseis grandes tocheiros.

« Todas as tribunas estão revestidas de grandes pannos de velludo negro com franjas douradas.

« O altar-mór foi velado por um longo panno preto com lagrimas de prata e os candelabros envoltos em crepe.

« — A orchestra será regida pelo maestro João Raymundo.

« — Os membros do Governo, representante do Sr. Presidente da Republica e Corpo Diplomatico e Consular entrarão na Cathedral pela porta da rua Sete de Setembro; as demais representações, commissões e classes armadas, pela porta principal do templo.

« — As tribunas da esquerda do templo são destinadas ao Corpo Diplomatico e Consular e as da direita aos Ministros de Estado.

« — O representante do Sr. Presidente da Republica, senadores e deputados, Ministros do Supremo Tribunal Federal e Militar, officiaes superiores do Exercito e da Armada e altas autoridades tomarão logar no templo, entre o catafalco e o altar-mór.

« Os membros da Commissão Central ladearão o catafalco durante a solennidade.

« Notas — Hoje, ás 8 horas da noite, realizar-se-ha, no Theatro Municipal, a sessão civica em homenagem a Joaquim Nabuco.

« Fallará apenas o orador official, Sr. Dr. Carlos Porto Carreiro.

« — Os restos mortaes de Joaquim Nabuco permanecerão na Cathedral até amanhã, á tarde, quando serão transportados para bordo do vapor *Andrada*, que logo em seguida suspenderá ferros com destino a Pernambuco.

« — A bordo do *Andrada*, acompanhando ao Recife o corpo de Joaquim Nabuco, seguem os Srs. Rego Medeiros, Raphael Pinheiro e coronel Zoroastro Cunha, bem assim o Sr. Mauricio Nabuco de Araujo, filho do benemerito brazileiro.

« — Os Srs. Alberto de Souza, Caio Carneiro da Cunha e Murillo Fontainha convidam os seus collegas das escolas de Medicina e de Direito, a comparecerem ás manifestações religiosas e civicas ao denodado abolicionista.

« — Na sessão de hoje, na Camara dos deputados, o Dr. Arthur Orlando, representante de Pernambuco, fará o elogio de

Joaquim Nabuco, propondo um voto de pezar pelo seu fallecimento e a suspensão da sessão.

« — Nas manifestações ao glorioso Pernambucano, o Dr. Affonso Costa representa o Conselho Municipal do Recife.

« — Hoje, os Drs. José Marianno, André Cavalcanti e Coelho Lisboa, acompanharão em carruagem da Prefeitura, offerecida pelo Dr. Serzedello Corrêa, o benemerito conselheiro João Alfredo, autor da aurea lei 13 de Maio de 1888, á sessão civica em honra a Joaquim Nabuco, que realizar-se-ha ás 8 horas da noite no Theatro Municipal, sendo orador o distincto homem de lettras Dr. Carlos Porto Carreiro.

« — Está encarregado pela Commissão Central, de dirigir os trabalhos da sessão civica o Sr. M. Beaurepaire Pinto Peixoto.

« A presidencia d'essa sessão será conferida ao venerando Sr. conselheiro João Alfredo, tendo ao lado direito o Dr. Serzedello Corrêa e ao esquerdo o Dr. José Marianno, tomando parte nos demais logares do palco os membros da Confederação Abolicionista, Commissão Central, Centros Pernambucano, Alagoano, Parahybano e Paraense; representantes da familia Nabuco e do Estado de Pernambuco.

« — O Sr. Dr. Wencesláo Braz, Presidente do Estado de Minas-Geraes, é representado, nas homenagens a Joaquim Nabuco, pelo Dr. Pandiá Callogeras, deputado federal.

« — A Commissão Central convida os homens de côr a acompanharem amanhã o corpo de Joaquim Nabuco, que será conduzido da Cathedral para o vapor de guerra *Andrada*.

« —O Dr. André Cavalcanti, presidente do Centro Pernambucano, convida a seus coestadanos, sem distincção de classes sociaes, para acompanharem, a bordo do *Andrada*, o corpo do preclaro abolicionista e distincto diplomata.

« — Hoje, pela manhã, uma carruagem da Prefeitura irá ás residencias dos Drs. Coelho Lisboa, André Cavalcanti e José Marianno, para conduzil-os á casa do conselheiro João Alfredo, afim de acompanharem-n'o aos funeraes religiosos.

« — Escreve-nos o Sr. Rego Medeiros :

« Srs. redactores — Dentro de pouco tempo o Congresso Nacional encetará os seus trabalhos ordinarios.

« Certissimo de que os dignos representantes da Nação sabem cultuar devidamente os vultos que honraram e honram nossa patria, tomo a liberdade de lhes fazer um appello : de ampararem com uma pensão a Ex.ma familia do grande Brazileiro, companheiro de Rio-Branco, o proeminente diplomata.

« Pelos seus extraordinarios serviços ao paiz, quer na qualidade de parlamentar, quer na qualidade de embaixador, Joaquim Nabuco fez jús ao nosso profundo reconhecimento.

« Si o Congresso e o Presidente da Republica corresponderem aos reclamos populares, determinando quanto antes tão justa prova de gratidão nacional, o povo bemdirá o nobre procedimento, porque Joaquim Nabuco viveu, vive e viverá no coração dos bons brazileiros.

Rio, 10 de Abril de 1910. — *Rego Medeiros.* »

« JOAQUIM NABUCO E O REAL GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA — Escreve-nos o Sr. Narcizo Braga, 1.º Secretario do mesmo Gabinete :

— « E daquella boca que se fechou para sempre aos hymnos das nossas glorias, do nosso passado ufanoso, e que no porvir sellou no coração de cem milhões de brazileiros o poema triumphal da nossa lingua, fluctuando aureolada através dos seculos, envolta nas estrophes do nosso grande épico, vem hoje a Directoria do Real Gabinete Portuguez de Leitura aspirar daquelles labios congelados a ultima vibração da sua monumental peça oratoria de 10 de Junho de 1880, e render ao grande morto, ao seu idolatrado socio honorario, a ultima homenagem a que fez jús aquelle grande coração e nosso irmão pelo sangue, pelo sentimento e pelo patriotismo.

Deixa que rememoremos aqui a ultima phrase do teu discurso na commemoração do Terceiro Centenario de Camões, e seja ella a nénia funerea que te acompanhe á ultima morada, e o preito de gratidão que te rende esta instituição que representa essa querida patria que tão alto elevaste !

. . . .

« Agora só me resta inclinar-me diante da tua estatua, ó glorioso creador do Portugal moderno. Na pleiade dos genios, que

roubaram o fogo ao céo para dar á humanidade uma nova força, tu não és o primeiro, mas estás entre os primeiros.

« A' estatua ideal de homem moderno, Shakspeare deu a vida, Milton a grandeza, Schiller a liberdade, Goethe a arte, Shelley o ideal, Byron a revolta, e tu lhe déste a patria. A tua gloria não precisa mais dos homens. Portugal póde desapparecer, dentro de seculos, submergido pela vaga européa ; ella terá em cem milhões de brazileiros a mesma vibração luminosa e sonora. O Brazil póde deixar, no decurso de milhares de annos, de ser uma nação latina ; de fallar a tua lingua ; póde dividir-se em campos inimigos ; o teu genio viverá intacto nos Luziadas, como o de Homero na Illiada. Os Luziadas podem ser esquecidos, desprezados, perdidos para sempre ; tu brilharás ainda na tradição immortal da nossa especie, na grande nebulosa dos espiritos divinos, como Empedokles e Pythagoras, como Apelles e Praxiteles, dos quaes apenas resta o nome. A tua figura então será muitas vezes invocada ; ella apparecerá a algum genio creador, como tu foste, á foz do Tejo, qual outro Adamastor, convertida pelos deuses nessa

Occidental praia luzitana,

alma errante de uma nacionalidade morta, transformada no proprio sólo que ella habitou. Sempre que uma força extranha e desconhecida agitar e suspender a nacionalidade portugueza, a attracção virá do teu genio, satellite que se desprendeu della e que resplandece como a lua no firmamento da terra, para agitar e revolver os oceanos.

« Mas até lá, ó poeta divino, até ao dia da tradição e do mytho, tu viverás no coração de teu povo ; o teu tumulo será, como o de Mahomet, a patria de uma raça ; e por muitos seculos teu centenario reunirá em torno das tuas estatuas, espalhadas pelos vastos dominios da lingua portugueza, as duas nações eternamente tributarias da tua gloria, que unidas hoje, pela primeira vez pela paixão da arte e da poesia, acclamam a tua realeza electiva e perpetua, e confundem o teu genio e a tua obra numa salva de admiração, de reconhecimento e de amor, que ha de ser ouvida no outro seculo.

. . . .

« A peroração do notavel discurso de Joaquim Nabuco ahi fica como pedestal de bronze á obra de Camões.

« A sua palavra deu á nacionalidade portugueza o encanto da de um evangelizador prégando as excellencias do genio e relatando a maior conquista de Portugal, nessa epopéa que abrange os feitos heroicos de uma nação.

« Nabuco, ao relatar o engenho creador do grande poeta, mostrou no seu panegyrico novos e opulentos aspectos da sua variada illustração. Na nossa lingua tão expressiva e magestosa, elle soube unir o affecto á palavra, no movimento historico de duas patrias que se completam na hegemonia de povos latinos, e por um impulso constante e renovador, atravez de differentes épocas, fez resurgir ao lado de outros luminares das lettras, vultos da grandeza de Herculano, de Garrett e de Castilho. Como revelar a nossa grande magua ao vêr-te, filho querido desta patria, que tanto te estremece, a caminho do tumulo?

« O teu brilhante espirito apagou-se longe do seio carinhoso dos que te amavam, conservando, como um astro, até ao fim, a intensidade de luz que se esvae amortecendo nas sombras do ocaso.

«A tua alma justa e boa será sempre um pallio protector ás causas mais liberaes da tua terra, e a tua vida e o teu exemplo, uma lição de patriotismo, de amor e de abnegação ás gerações vindouras.

« Teu nome jámais poderá ser esquecido, por ter sido o patrimonio da liberdade de uma infeliz raça resgatada do captiveiro; e como obliteral-o da memoria de vinte milhões de brazileiros, quando, de cada luminoso feito diplomatico, eras entre teus pares a culminancia do Direito, sabiamente fundamentado como um arésto altivo e forte?

« Descança nesse teu athaúde, que transita por entre alas de corações dos que nelle vêem a reliquia osculada pelos labios da Patria, e nos concede abater sobre elle, como um preito á tua memoria, o pavilhão do Gabinete Portuguez de Leitura, que estreita nas suas dobras o corpo gélido do extraordinario brazileiro Joaquim Nabuco, gloria de seu berço e de sua Patria. »

Ainda no mesmo jornal de 11 de Abril encontra-se o seguinte:

JOAQUIM NABUCO

« As homenagens hontem prestadas á memoria de Joaquim Nabuco revestiram-se de grande imponencia, não só pelo apparato das forças de terra e mar, que formaram na Avenida Central, para prestar continencia aos restos mortaes do illustre diplomata brazileiro, mas tambem pela presença das altas autoridades civis e militares e do povo que, em grande massa, acompanhou sempre, com o maximo respeito e ordem, todas as manifestações de pezar.

« O cortejo funebre conduzindo o corpo de Joaquim Nabuco, do Palacio Monroe para a Cathedral, atravessou a Avenida Central por entre filas compactas de familias e cavalheiros, que, para assistirem ás solennes exequias, haviam descido dos suburbios e dos arrabaldes.

« A Cathedral Metropolitana foi pequena para conter a extraordinaria multidão que compareceu áquella solennidade.

« Entre essas demonstrações de pezar écoou, como nota extremamente sympathica, o desembarque de uma companhia de guerra da guarnição do cruzador *North-Carolina*.

« Ao passar pela Avenida Central essa força do vaso de guerra norte-americano, com o glorioso pavilhão estrellado da grande nação amiga, o povo, num movimento espontaneo, unanime, em que nada havia de pragmatica, senão uma sincera demonstração de carinho, descobriu-se numa saudação affectuosa e agradecida.»

« NO PALACIO MONROE — Até ás 9 horas da manhã era pouco o movimento no Palacio Monroe e immediações.

« A partir dessa hora, porém, começaram a chegar as diversas commissões e representantes do mundo official.

« Entre as pessoas que rodeavam por essa occasião os restos mortaes de Joaquim Nabuco eram vistos os Srs. general Pinheiro Machado, general Dantas Barreto e Jesuino de Mello, do Instituto Historico e Geographico Brazileiro; Dr. Serzedello Corrêa, prefeito do Districto Federal; Eduardo Martins Ribeiro de

Carvalho, da Associação dos Empregados no Commercio; commissão do Supremo Tribunal Federal, composta dos Srs. Ministros Amaro Cavalcanti, Canuto Saraiva e Godofredo Cunha; commissão do Corpo de Bombeiros; commissão da Força Policial, commendador Luiz Camuyrano, José Lipiani e Genaro Acceta — pela Sociedade Italiana de Beneficencia; senador Felippe Schmidt, senador Augusto de Vasconcellos, commissão do Corpo Sanitario da Força Policial, Victor de Nabuco e os filhos do illustre morto Srs. Luiz e Mauricio de Nabuco.

« Cerca de 10 horas chegou ao Palacio Monroe a carreta que devia conduzir o corpo para a Cathedral. Era puxada por praças do Corpo de Marinheiros Nacionaes.

« Estava tudo preparado para o sahimento. O conego Jeronymo de Carvalho Rodrigues fez a encommendação do corpo, sendo acolytado nessa ceremonia pelos padres Paulo Stamile e Miguel Murce.

« Feita a encommendação, foi o caixão transportado para a carreta.

« Havia muita gente em torno do Palacio Monroe.

« A' sahida do caixão toda aquella multidão se descobriu respeitosamente.

« Na calçada fronteira a banda de musica do Corpo de Bombeiros executou magistralmente a protophonia do *Guarany*. Depois o Dr. Raphael Pinheiro subiu a uma tribuna collocada junto á escadaria do edificio para fallar em nome da commissão promotora das homenagens.

« O sol occultou-se nessa occasião por trás de uma nuvem. Reinava uma profunda tristeza: ia tambem nesse momento por todo aquelle trecho da Avenida Central uma indizivel melancolia.

« O CORTEJO FUNEBRE — Depois de fallar o orador official da commissão, começou a ser organizado o cortejo funebre.

« Abriam-no cyclistas da Guarda Civil, e no desfilar era observada a seguinte ordem:

« Banda do Instituto Profissional Masculino.

« Corôa da Prefeitura do Districto Federal, conduzida por numerosa commissão de guardas municipaes.

« Corôa da Guarda Civil.

« Banda de musica da Força Policial.

« Corôa do Estado de Pernambuco, conduzida por alumnos da Escola Profissional Souza Aguiar.

« Corôa do Club de Engenharia.

« Corôa da Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro.

« Corôa da Estrada de Ferro Central do Brazil.

« Corôa da Marinha Nacional.

« Corôa da Embaixada Americana.

« Estandarte da União Operaria dos Estivadores.

« Estandarte da Caixa Libertadora José do Patrocinio.

« Estandarte com os dizeres « Cidade do Rio ».

« Estandarte e commissão de alumnos do Externato Aquino.

« Estandarte da Sociedade Libertadora Sergipana.

« Banda de musica da Força Policial.

« Corôa do Estado do Espirito Santo.

« Corôa da Terceira Divisão da Estrada de Ferro Central do Brazil.

« Estandarte do Centro Abolicionista Seis de Junho.

« Estandarte do Club Abolicionista Abrahão Lincoln.

« Estandarte da Caixa Emancipadora da Freguezia da Gloria.

« Corôa do « Comité Federal ».

« Estandarte do Centro Abolicionista de Pernambuco.

« Estandarte dos Abolicionistas Sul Rio-Grandenses.

« Estandarte da Confederação Abolicionista.

« Corôa da Força Policial do Districto Federal.

« Estandarte da Associação Nacional dos Artistas Brazileiros Trabalho, União e Arte.

« Banda de musica do Corpo de Bombeiros.

« Vinham depois as diversas commissões e representantes do mundo official.

« Seguia-se a cruz alçada e a carreta com o corpo de Joaquim Nabuco. A carreta era puxada por praças do Corpo de Marinheiros Nacionaes. Nas fitas pegavam os Srs. General Pinheiro Machado, General Dantas Barreto, Dr. Serzedello Corrêa, Senadores Felippe Schmidt e Augusto de Vasconcellos, Tenente-Coronel

Joaquim Ignacio, Major Jonathas Barreto, Drs. Amaro Cavalcanti, Canuto Saraiva e Godofredo Cunha, Marechal Pires Ferreira, Victor Nabuco e os filhos do illustre morto Luiz e Mauricio Nabuco.

« Acompanhava o corpo do saudoso diplomata o estandarte da « Caixa Emancipadora Joaquim Nabuco ».

« Aos restos mortaes do grande Brazileiro davam guardas de honra um esquadrão do 13.o regimento de cavallaria do Exercito e um regimento da Força Policial.

« O cortejo funebre era fechado por um caminhão do Corpo de Bombeiros conduzindo elevado numero de corôas e ramos de flôres.

« AS CONTINENCIAS — Quando o cortejo desfilou pela Avenida Central faltavam vinte minutos para as 10 horas.

« Havia ao longo da grande arteria uma enorme multidão. As forças de terra e mar, á passagem do prestito, prestaram as continencias devidas ao illustre morto.

« Uma companhia do cruzador americano *North-Carolina* estendida em linha desenvolvida junto ao convento da Ajuda, com as armas em funeral, deu a primeira descarga, depois o batalhão Naval, ao mando do commandante Marques da Rocha, e a divisão do Exercito, sob o commando em chefe do general Menna Barreto, constituida de duas brigadas.

« A 1.ª brigada, sob o commando do coronel Persilio da Fonseca, era composta dos 1.º, 2.º e 3.º batalhões do 1.o regimento de infantaria, e a 2.ª, do commando do coronel Julio Barbosa, dos 7.º, 8.º e 52.º batalhões de caçadores, 3.o regimento e a ala direita do 1.o regimento de cavallaria.

« Do Palacio Monroe á rua do Ouvidor o cortejo passou por entre o ruido secco das descargas.

« As bandas de musica executavam marchas funebres e o povo formava em duas longas filas em toda a grande arteria. Nas sacadas dos edificios havia muita gente.

« O cortejo tomou pelas ruas Ouvidor e Primeiro de Março, chegando pouco depois das 11 horas á Cathedral.

« NA CATHEDRAL — A Cathedral Metropolitana apresentava aspecto de pesado luto.

« Do côro, das tribunas e dos altares pendiam largas sanefas negras com franjas douradas. O altar-mór estava velado por uma grande cortina preta salpicada de lagrimas de prata.

« Todos os candelabros estavam envoltos em crepe.

« Os pulpitos estavam tambem cobertos de luto.

« Na nave central foi levantado um catafalco sob um docel de crepe apoiado por quatro columnas revestidas de velludo negro e galões dourados.

« Na base destas columnas viam-se entrelaçadas e feitas de galão de prata as iniciaes do illustre morto.

« Ladeavam o catafalco tocheiros e brandões dourados.

« As tribunas da esquerda foram occupadas pela familia Nabuco, Corpo Diplomatico e Consular, e as da direita pelos Srs. Presidente da Republica, ministros de Estado, senadores e deputados, ministros do Supremo Tribunal Federal e officiaes superiores do Exercito e da Armada.

« Eram 11 $^{1}/_{4}$ horas da manhã quando o cortejo funebre chegou á Cathedral.

« Nessa occasião enorme multidão se agrupava naquelle trecho da rua Primeiro de Março.

« O caixão foi retirado da carreta e collocado na eça, armada na nave central do templo, pelas praças do Corpo de marinheiros nacionaes.

« Sobre o caixão, coberto pelo pavilhão nacional, viam-se o chapéo armado e o espadim que pertenceram ao saudoso diplomata.

« Nesse momento uma bateria do 2.º regimento de artilharia do Exercito, postada no caes Pharoux, salvou com dezenove tiros.

« Pouco a pouco foram entrando as varias commissões e representações que tomaram parte no prestito.

« Depois de installado o esquife no catafalco e accommodados as corôas e estandartes, teve começo a ceremonia religiosa.

« As solennes exequias foram pontificadas pelo Vigario Geral, monsenhor Amorim, acolytado pelo presbytero assistente conego Rosa, diacono da missa, conego Moura Guimarães, sub-

diacono, conego Jeronymo Carvalho Rodrigues e mestre de ceremonias padre Clodoveu Cayres Pinto.

« No solio tomou logar sua eminencia o Sr. cardeal D. Joaquim Arcoverde, á esquerda do altar-mór, assistido pelo presbytero assistente monsenhor Alves, diaconos assistentes monsenhores Amador Bueno e Marques de Gouvêa e mestre de ceremonias conego João Pio.

« Ao Evangelho occupou a tribuna sagrada o erudito orador sacro padre Dr. Julio Maria. O padre Julio Maria leu a sua oração funebre. E' um trabalho longo em que o orador durante cerca de duas horas analysou toda a vida do illustre morto.

« Começou fazendo notar a difficuldade em que se encontrava como representante da egreja para, daquella tribuna sagrada, fazer o elogio catholico do grande Brazileiro Joaquim Nabuco.

« Difficil, porque o estadista, o diplomata, antes da sua formatura, envolvido nas luctas iniciaes da phase politica, social e religiosa por que atravessára o Brazil, em via de se proclamar o regimen da democracia republicana, preoccupado com a gloria do saber, na conquista de renome na esphera intellectual, teve as falhas do scepticismo religioso, o que só mais tarde cumpriu na reintegração da fé, o que elle proprio confessou em posteriores escriptos.

« Não o condemna por isso, porque sabe comprehender a sociedade moderna — no seu afan de conquistar e de proclamar as grandes reformas politicas.

« Essa exclusão do christianismo dos codigos e das leis, na constituição politica e social das nações, isolando o sentimento religioso, a fé e a esperança, é condemnavel, mas tem o seu perdão, porque a Providencia Divina possue mais graças para os que erraram do que todas as qualidades de sementes das flôres e das arvores das nossas floras ; é mesmo mais vasta que o infinito.

« Mas essa exclusão é escusavel, porque a reforma das religiões que o christianismo operou foi mais intensa do que todas as revoluções sociaes e politicas e influiu mais do que tudo no espirito dos povos.

« Eu chego a odiar, sentimento de que já se possuiram notaveis scientistas, essa exagerada preoccupação dos homens de

materializar as nações com a organização de grandes exercitos e acquisição de grandes unidades nas marinhas de guerra, porque as revoluções são a causa de todas as infelicidades humanas.

« Esse que vêdes aguilhoado naquelle esquife de bronze não é um morto, mas um nome que passou para a historia, a quem com acerto podemos applicar esta sentença : — « Onde está o morto ? »

« Joaquim Nabuco venceu não só na carreira diplomatica e politica, mas no dominio das lettras, como finissimo e delicado escriptor, abandonando o realismo litterario, que eu classifico de materialismo indecoroso da intellectualidade.

« O orador faz o confronto de Nabuco com a individualidade de O' Connel, dizendo que a campanha abolicionista, a que se dedicou com acrysolado patriotismo, foi a sua maior apotheose.

« Termina dizendo que considera aquella ceremonia funebre uma festa, porque nella vê a perpetuação de um homem que merece a admiração de todos, e porque vê o Clero e o Corpo Diplomatico reunidos alli em nome da confraternização americana ! »

« Depois da missa foi entoado por sua eminencia o cardeal Arcoverde o *Libera-me,* acompanhado de todo o Cabido.

« A orchestra de professores installada no côro, sob a regencia do Sr. João Raymundo, executou durante as ceremonias funebres a missa do *Requiem* do maestro Luiggi Bordesi e o *Libera-me* do maestro Raphael Coelho Machado.

« Nas tribunas e na nave assistiram ás exequias :

« A familia de Joaquim Nabuco, o Sr. Presidente da Republica, acompanhado do Secretario da Presidencia — Dr. Alcibiades Peçanha, General Bento Ribeiro — Chefe da Casa Militar, o Capitão de Corveta José Maria Penido — Sub-chefe da Casa Militar ; o Sr. Barão do Rio Branco, acompanhado de seus officiaes de gabinete — Dr. Araujo Jorge e Muniz de Aragão ; Dr. Raul do Rio Branco — Secretario de Legação ; Almirante Alexandrino de Alencar — Ministro da Marinha ; Dr. Esmeraldino Bandeira — Ministro do Interior ; Sr. Irvin Dudley — embaixador americano, acompanhado de todo o pessoal da embaixada ; Dr. Enéas Martins — ministro do Brazil no Perú ; Dr. Cardoso de Oliveira — ministro do Brazil na Bolivia ; Dr. José Lampreia, secretario da Legação de

Portugal; Dr. Jango Fricher — consul do Brazil na Bolivia; monsenhor Bavona — nuncio apostolico; Dr. Julio Herboso — ministro do Chile; o ministro do Mexico — Sr. M. J. de Lizardi; capitão Estellita Werner — representante do Dr. Ruy Barbosa; Dr. Baptista Pereira — do Sr. Ministro da Guerra; deputado Lyra Castro, representando o Governo do Estado do Pará; Dr. José Carlos Rodrigues, deputado Deoclecio Campos, coronel Silva Porto — pela Companhia Jardim Botanico; Dr. Leite Chermont — secretario da Embaixada Brazileira em Washington; coronel Achilles Pederneiras, 1.os tenentes Bandeira Teixeira e Antonio Rezende; Dr. Barros Moreira — ministro residente; commissão do Instituto de Musica; Dr. Xavier da Silveira, Dr. Moutinho Doria, commissão de officiaes do *North-Carolina*, composta dos Srs. commandante Clifford Bonsk, commissario Joseph Tiffe, capellão Eygin Mc. Donnald, capitão Rixey de U. S. N. C., tenente Irving e assistente medico Dr. Millar; J. W. Applin, gerente do British Bank; Americo Maximiano Barbosa, Manoel José da Silva Lima, deputado Graccho Cardoso, pelo Estado do Ceará, deputados Garcia Adjucto, general Domingos Gonçalves e José Carlos de Carvalho, representando a Camara dos Deputados; commissão de alumnos do collegio Alfredo Gomes, acompanhada do instructor militar e varios professores; Dr. Leoni Ramos, Chefe de Policia; Marquez de Paranaguá, major Arthur Calheiros, representando o Sr. Presidente do Estado do Rio; capitão Gentil e o alferes Faustino Alves, representando o general Thaumaturgo; general Dantas Barreto, commissão do Supremo Tribunal, composta dos Drs. Amaro Cavalcanti, Godofredo Cunha e Canuto Saraiva; Antonio Soares do Couto — intendente de Mossoró; Dr. Luiz Camuyrano, Drs. Dunshee de Abranches e Cunha Machado, representando o Estado do Maranhão; Domingos Cardoni, Capitão Couceiro, representando o marechal Barbosa, commandante superior da Guarda Nacional; capitão de mar e guerra Silvino Rocha, representando o inspector do Arsenal de Marinha; Dr. Monteiro Lopes, Dr. Pedro Pernambuco, deputado Christino Cruz — representando o Estado do Piauhy; Julio de Medeiros, Mario Castello Branco, Coryntho da Fonseca, major Joaquim Lacerda, Dr. Thomaz Cochrane, pelo Dr. Campos Salles — Oliveira Coutinho, deputado Germano Has-

slocher — representando o Sr. Presidente do Estado do Rio Grande do Sul; capitão Segifredo de Almeida, Anselmo de La Cruz — da Legação Chilena; commandante Pertinet, addido militar da Argentina; Lindolpho Xavier — pelo Centro Mineiro; Dr. Cicero Monteiro — representando o Sr. Ministro da Agricultura; commissão do cruzador-torpedeiro «Tupy», composta dos tenentes Henrique Barros de Azevedo e Elyseu de Abreu Lima, e muitas outras pessoas.

« Camara dos Deputados — O Dr. Arthur Orlando, na hora do expediente, fez o panegyrico de Joaquim Nabuco.

« Sessão civica — No Theatro Municipal realisou-se, ás 9 horas da noite, a sessão civica em homenagem a Joaquim Nabuco.

« Desde 8 horas da noite começaram a chegar áquelle Theatro as pessoas convidadas e o povo, que foram pouco a pouco enchendo a platéa, camarotes e galerias. Havia representantes de quasi todas as classes sociaes, mas a concurrencia era quasi na sua totalidade de povo. A sessão civica era popular e por isso, talvez, se absteve a mundo official.

« O theatro não ficou completamente cheio, como era de esperar. Havia muitos camarotes vasios e muitos claros na platéa.

« Ás 9 horas da noite, precisamente, uma banda de musica da Força Policial executou uma peça do seu repertorio, correndo em seguida o velario para ter inicio a sessão civica.

« O palco apresentava um aspecto triste e solenne. Sentava-se no centro da méza o Dr. Serzedello Corrêa, Prefeito do Districto Federal, pois, por accidente imprevisto, o conselheiro João Alfredo não pudera comparecer.

« A seu lado direito achava se o Sr. Dr. André Cavalcanti, seguindo-se os Srs. João da Silva Reis, Venancio Labatut, João Gomes do Rego e João Baptista Capelli, e ao lado esquerdo o Sr. Dr. José Marianno, seguindo-se os Drs. Coelho Lisboa, Raphael Pinheiro, João Marques, coronel Leite Ribeiro e Dr. Antonio Baptista Nogueira.

« O Sr. Dr. Serzedello Corrêa levantou-se, pronunciando algumas palavras para a abertura da sessão.

« O orador disse que tinha a honra insigne de presidir á sessão civica á memoria do grande morto que foi Nabuco, por ter um accidente lamentavel impedido o comparecimento do Sr. conselheiro João Alfredo, o estadista cheio de serviços á Patria Brazileira, esteio forte do antigo regimen, que, proclamada a Republica, se retirára ao sanctuario do lar, vivendo a vida dos justos, dos santos e dos bons.

« O Sr. Dr. Serzedello Corrêa terminou dando a palavra ao orador official.

« O Dr. Carlos Porto Carreiro pronunciou o seguinte discurso: (vide pag. 107).

. . . .

« NOTAS — A Veneravel Irmandade de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto mandou rezar hontem uma missa cantada com *Libera-me* pelo repouso do inolvidavel abolicionista Dr. Joaquim Nabuco.

« A este acto de piedade christã compareceu grande numero de irmãos e admiradores do illustre morto.

« A mesma Irmandade, na pessoa de seu juiz, tenente Francisco José Lemos Magalhães, compareceu na trasladação do corpo de Joaquim Nabuco, do Palacio Monroe para a Cathedral, assim como a todos os actos religiosos, e far-se-ha representar amanhã por occasião do embarque.

« O commendador João Neiva representou o Centro Operario da Bahia, a pedido do respectivo presidente Sr. Ismael Ribeiro.

« O Piauhy fez-se representar na trasladação e nas exequias por uma commissão composta dos Srs. conselheiro Coelho Rodrigues, senador Pires Ferreira, deputados Joaquim Cruz, Felix Pacheco e Dr. João Cabral.

« A Cathedral esteve aberta até ás 10 horas da noite, sendo o corpo de Joaquim Nabuco muito visitado.

« HOJE — O corpo de Joaquim Nabuco será trasladado da Cathedral para o Arsenal de Marinha, ás 3 horas da tarde.

« Das 4 para as 5 horas será embarcado no transporte da Armada Nacional «Carlos Gomes», que levantará ferro logo que

tiver a bordo os despojos do grande Brazileiro, e os membros da commissão que o vão acompanhar até o Recife, e ainda o Sr. Mauricio Nabuco de Araujo, filho do eminente estadista.

« Por occasião do embarque do corpo formará no pateo do Arsenal de Marinha o batalhão Naval, sob o commando do Capitão de Fragata Sr. Marques da Rocha.

« A commissão central convidou o povo em geral, o Exercito, a Armada, a Força Policial, o Corpo de Bombeiros e a Guarda Nacional para comparecerem ás 3 horas da tarde na Cathedral, afim de dizerem o ultimo adeus ao preclaro servidor da Patria, cujos despojos mortaes seguirão hoje para o seu torrão natal — o Estado de Pernambuco. »

. . . .

Chegou ao Recife o corpo de Joaquim Nabuco no dia 17 de Abril, ás 4 $^1/_2$ horas da tarde, isto é, tres mezes precisos após a sua morte nos Estados Unidos.

Pernambuco recebia em seu seio o cadaver embalsamado daquelle que consagrou sua existencia inteira ao serviço da Patria, e cujo nome para sempre será lembrado pelos pernambucanos, que nelle saberão reviver um symbolo de suas glorias, um exemplo edificante do civismo e da dedicação de seus filhos.

« As honras dispensadas aos preciosos despojos do patricio illustre, que foi o Dr. Joaquim Nabuco, e as demonstrações de gratidão e saudade, projectadas e levadas a effeito para exaltar a memoria do eminente diplomata brazileiro, honram egualmente aquelles que para ellas concorreram, deixando patente que, ainda morto, o inexcedivel combatente das pugnas beneficas da liberdade, do direito e da paz vive no coração e na lembrança dos conterraneos.

Pernambuco disputou a prerogativa de guardar os restos do seu filho querido, e a alma do povo manifestou-se nesse sentido em repetidas supplicas levantadas em comicios publicos. Essa aspiração suprema foi satisfeita ; será ao menos como uma consolação á grande mágoa que ainda opprime o coração pernambucano pelo desapparecimento do sempre grande e inolvidavel patricio !. . .

O Quartel General da região, no dia em que Pernambuco esperava receber o corpo inanimado daquelle incomparavel apostolo das idéas philantropicas e altruisticas, baixou a seguinte ordem do dia:

« *Honras funebres* — O cruzador brazileiro *Carlos Gomes* conduz a seu bordo, para este Estado, o cadaver daquelle que, em Washington, desempenhava com realce o cargo de Embaixador do Brazil! — triste missão, mas, nobilitante e ainda feliz coincidencia, vem entrelaçar os nomes de duas glorias brazileiras, unificando-as fraternalmente. O gigante de ferro, talhado para as luctas guerreiras, lembra o nome de um emerito e sublime genio que na musica elevou muito a arte divinal e muito dignificou este paiz nas cordas sonoras de sua lyra glorificada por todos os povos cultos, cantando o *Guarany* — sublime e deleitavel concepção musical, assombro da actual geração; e, emquanto o outro genio, no empenho de enaltecer o seu paiz, nunca curou do futuro seu, porque o unico ideal delle era soerguer a Patria até onde triumphos da victoria pudessem saliental-a e distinguil-a.

« Este glorioso Estado, patria de tantos outros heroes, enlutado pela dôr que tanto o feriu, vae receber, agora trazidos pelo *Carlos Gomes*, os despojos mortaes daquelle grande genio, filho heroico desta terra, que, em vida, se chamou Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo. E' por esta razão que a familia pernambucana, irmanada ao povo e ás classes sociaes, reveste-se de crepe para abrigar condignamente os restos mortaes do que, sendo grande no physico, que o tinha bello e estheticamente desenvolvido e modelado, tambem foi maior pelo coração, que o trazia sempre aberto e franco a todas as nobres concepções da alma; elle foi grande no talento, que o tinha sobejamente cultivado, e pelo qual conquistou para o Brazil e para Pernambuco immorredouras glorias; elle foi grande nas acções, que com tanto desprendimento sabia praticar; elle, emfim, foi grande no sentimento, que o tinha nobre, puro e delicadamente affeito á prática dos grandes commettimentos. Seu bello coração de abolicionista sincero sempre esteve á mercê dos desprotegidos escravisados. A raça negra teve nelle um fervoroso e destemido defensor. Luctou sem esmorecimentos pela conquista de um direito que a lei

então contrariamente esposava, e que elle como abolicionista condemnava por julgal-a incompativel e infensa ao maior direito de humanidade, tal como é o direito de egualdade fraternal. Da lucta titanica que sustentou destemidamente em pról dos desprotegidos da sorte resultou o enfraquecimento da lei escravisadora e ferrenha e tambem o completo aniquilamento della, já então determinado pelo digno e illustre pernambucano, ainda vivo, conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, outro denodado campeão das liberdades patrias. Foi assim que o grande estadista Nabuco estancou muitas lagrimas, empolgou a gratidão inteira de uma raça infeliz e venceu coberto de glorias, mas essas glorias de um passado tão nobilitante, que elle conquistou pelo saber e pelo valor das suas convicções, legou-as todas ao Brazil, á familia e tambem a Pernambuco, sua terra natal, que se orgulha com a memoria de tão dilecto filho!

« Seu corpo inanimado, vindo de longinquas e amigas plagas, vae repousar placidamente á sombra dos cyprestes desta terra que lhe serviu de berço natal, e a força federal estacionada nesta Região militar, bastantemente compungida, apresenta pezames á Ex.ma familia do illustre extincto brazileiro, ao Brazil e tambem aos pernambucanos.

« *Salvas* — Quando demandar a barra o cruzador *Carlos Gomes,* portador dos restos mortaes do pranteado Dr. Nabuco, o Sr. capitão commandante da fortaleza do Brum dê a salva da pragmatica.

Constituição de brigada — Tendo as primeiras autoridades do Estado gentilmente cedido o 1.º corpo de policia e o esquadrão de cavallaria para a constituição da brigada que deve formar para prestar as honras funebres ao inolvidavel brazileiro Dr. Joaquim Nabuco, determino fique ella constituida com as citadas unidades e tambem com o 49.º de caçadores, bateria de artilharia e o 13.º da confederação do Tiro Brazileiro, se formar: a brigada formará no dia dos funeraes no trecho comprehendido entre o jardim da Praça da Republica e o Thesouro estadual, ás 3 horas da tarde em ponto, exceptuando-se o esquadrão de cavallaria e a bateria de artilharia, seguindo esta unidade de seu quartel, ás 2 1/2 horas da tarde, para o cemiterio, directamente, e aquella

para a egreja do Espirito Santo, ás 3 horas da tarde, afim de acompanhar o corpo até o mesmo Cemiterio.

O Sr. major Parente, commandante da brigada, que terá como ajudante de ordens o primeiro tenente de cavallaria Joaquim Olegario e o segundo dito de infantaria Hyppolito Daniel de Carvalho, ao chegar o corpo ao Cemiterio, mandará dar as descargas parciaes por unidades, a partir daquella que se encontrar na direita, só salvando a artilharia quando o cadaver fôr sepultado, para o que destacará um corneteiro para junto da sepultura, afim de, no momento preciso, dar o toque de — artilharia — fogo!

« O esquadrão de cavallaria logo que chegue ao Cemiterio tomará a sua posição na brigada, para o que será previamente reservado espaço necessario, e regressará com a mesma até o ponto da partida, onde a brigada se dispersará, seguindo as unidades isoladas para os respectivos quarteis.

Convite — Em nome da commissão de homenagens e em meu proprio, convido todos os officiaes do quartel general e chefes de repartições militares para, incorporados, com o uniforme terceiro e armados, assistirem ás exequias e ao desembarque do corpo, que terá logar: este na avenida Martins de Barros e aquellas na egreja do Espirito Santo, no dia aprazado.

Cartuchos de festim — O Sr. primeiro tenente-intendente forneça ao 13.º de caçadores do Tiro Pernambucano o cartuchame necessario para as descargas, de accôrdo com o numero pedido por aquella sociedade, que deverá, por intermedio do respectivo presidente, informar desde logo a esta inspectoria o numero de cartuchos necessarios: fica subentendido que o respectivo instructor, tenente Pantoja, do 40.º de caçadores, caso tome parte na formatura a referida unidade, será ella por elle commandada ».— *Eduardo A. da Silva,* coronel inspector interino da 5.ª Região Militar.

— *O Jornal Pequeno* (vespertino) de 18 de Abril, descrevendo a ceremonia da chegada do transporte de guerra *Carlos Gomes,* a do desembarque do corpo, o desfilar do prestito, o recebimento na egreja do Espirito Santo, as exequias, o sahimento para o Cemiterio, etc., precedeu a noticia das seguintes enaltecedoras palavras:

« Não fôra possivel, no circumscripto ambito do noticiario de um jornal diario, esboçar a silhueta empolgante da personalidade deste varão nimiamente illustre que em vida se chamou Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo.

« Ao historiador futuro, que não a nós, incumbe emmoldurar em imagens de uma belleza immarcessivel as faces culminantes do immortal brazileiro, que tão fundos sulcos cavou na evolução de nossa cultura contemporanea.

« Joaquim Nabuco era uma cerebração luminosa e possante, um destes cerebros polymorphicos que espadanam a intensa vida intima por muitas caudaes ao mesmo tempo.

« Era uma individualidade verdadeiramente representativa, que symbolisou, num dado estadio da vida nacional, as synergias occultas deste grande povo que, num futuro muito proximo, está destinado a erguer bem alto, no zenith, o guião do progresso e da civilisação mundiaes.

« Nabuco, apezar de haver nascido em meio de um halo de circumstancias favoraveis, permittindo-lhe a abastança, que usufruia sua illustre familia, singrar qualquer carreira na vida publica sem os impecilhos da pobreza, ainda assim procedeu em toda a sua nobre vida desenvolvendo os mais ingentes esforços para conquistar os laureis que engrinaldaram a sua fronte olympica do vencedor.

« Era propriamente o que os sociologos inglezes denominam de *self made man,* o homem feito a expensas de seus esforços proprios; era o que o inolvidavel Tacito, o historiador da decadencia romana, synthetisou na phrase lapidar de *vir ex se natus*, o varão nascido de si mesmo.

« E por ter sido Joaquim Nabuco a objectivação brazileira, e particularmente pernambucana, do super-homem de Nietzche, foi que o povo de nosso glorioso Estado aguardava com extremos affectivos a restituição á Patria dos restos mortaes do pranteado filho que a illustrára por tantos titulos e em tão diversas terras.

« O espectaculo emocionante e sublime do povo pernambucano, genuflectindo compungido ante o cadaver do grande patricio, profundou no espirito mesmo dos mais pessimistas a convicção inarreigavel de que o pernambucano não desmereceu dos

*

tempos mais gloriosos de nossa historia e encerra em seus dotes moraes inesgotaveis thesouros de civismo que o farão para breve reascender ás cumiadas de phases não menos promissoras. »

Ainda seja-nos licito extrahir, como elemento mais authentico, o que segue, d'*A Provincia,* de 19 do referido mez de Abril, que minuciosa noticia dos funeraes deu, muito completa e sobretudo com a impressão do instante e o colorido fidedigno do facto, afim tambem de não haver possibilidade de sacrificar nem falsear quanto possa interessar. E' o epilogo supremo da historia de uma existencia gloriosa, ou antes, é o encerrar do cyclo da trajectoria luminosa desse sol do espirito humano que, surgindo no oriente da vida, sublimou-se ao zenith de sua magestade, e seguindo a lei da carreira dos astros, tombou por fim no occaso sombrio da morte, mas occultando para sempre seu immenso clarão:

« Estava annunciado que o transporte de guerra *Carlos Gomes,* trazendo a seu bordo o corpo embalsamado do Dr. Joaquim Nabuco, chegaria ao nosso porto ante-hontem, sendo impossivel, entretanto, fixar a hora, por não haver communicação a respeito, uma vez que aquelle navio da nossa armada não tocou em nenhum dos portos intermediarios do Rio a Pernambuco.

« Assim, desde as primeiras horas da manhã, era geral a espectativa, notando-se nas ruas grande numero de pessoas que trajavam luto, e, no caes da Lingueta, extraordinario movimento de povo.

« Sómente á 1 1/2 hora da tarde o telegrapho semaphorico fez signal de se achar á vista o *Carlos Gomes.*

« A essa noticia cresceu o ajuntamento no caes, emquanto que as repartições federaes, estaduaes e municipaes, consulados, sédes de associações, redacções de jornaes e muitos estabelecimentos particulares hasteavam em funeral os seus pavilhões.

« Outro tanto fizeram as embarcações surtas no porto.

« Eram 4 1/2 horas da tarde quando o *Carlos Gomes* transpoz a barra, deitando amarras no ancoradouro interno, confronte á capitanía do porto e tão perto do caes que se podia de terra reconhecer as pessoas a bordo.

« No escaler da Policia Maritima partiu immediatamente, em visita aos despojos do egregio pernambucano, a commissão offi-

cial encarregada de receber em nome do Estado o cadaver de Joaquim Nabuco, além de outras.

« Com o mesmo destino tomaram logar, em um outro escaler da Alfandega, o representante do Dr. governador do Estado, o guarda-mór da Alfandega major Annibal Nunes Pires, e os representantes do *Jornal Pequeno* e d'*A Provincia*.

« Os visitantes foram recebidos a bordo, no portaló, pelos membros da commissão que acompanhou o corpo, pelo Sr. Mauricio Nabuco, filho do illustre morto, e pelo commandante do vapor.

« Logo em seguida, nos escaleres da capitania do porto e da Escola de Aprendizes Marinheiros, chegaram ao *Carlos Gomes* o capitão do porto e o commandante da referida escola.

« Trocados os primeiros cumprimentos, os visitantes foram conduzidos ao salão dos officiaes, transformado em camara ardente, onde repousava o corpo do Dr. Joaquim Nabuco.

« Aquelle compartimento do elegante transporte de guerra apresentava magestosa e artistica ornamentação, tendo as paredes e o tecto revestidos de estofo negro, com frisos dourados.

« Ao centro uma eça, coberta de velludo e de crepe com guarnições douradas, occupava o logar da gaiúta, que fôra desarmada para deixar-lhe o espaço necessario.

« Sobre a referida eça, á luz dos tocheiros, descançava o feretro, num artistico e solido caixão de bronze massiço primorosamente trabalhado e resguardado por um outro caixão de carvalho.

« Em frente á eça erguia-se um pequeno altar illuminado por varios cirios.

« Sobre o feretro achavam-se collocadas custosas grinaldas com dedicatorias do presidente Taft, dos Estados-Unidos, do Dr. Nilo Peçanha e da officialidade do couraçado *Minas Geraes*.

« Outras grinaldas foram dispostas nas paredes da camara ardente, lendo-se nas dedicatorias, entre muitos outros, os nomes das seguintes pessoas, corporações e Estados :

« José Marianno, Comité Republicano Federal, Barão do Rio-Branco, ministro do Exterior dos Estados-Unidos, Colonia Italiana do Rio, Districto Federal, Emilio Mortin e familia, Estado de Per-

nambuco, Estado do Rio Grande do Sul, Sergipe, Centro Parahybano, Associação dos Empregados no Commercio de Pernambuco e Empregados da Estrada de Ferro Central.

« Antes de regressar para terra, a commissão deliberou, de accôrdo com o commandante do *Carlos Gomes* e com os cavalheiros que acompanharam o feretro, que este desembarcaria hontem, 18, ás 9 horas da manhã.

« Ao transpôr a barra o *Carlos Gomes*, a fortaleza do Brum deu as salvas do estylo.

« No dia 18, que foi o das exequias, o commercio da cidade conservou suas portas fechadas.

« Por toda parte viam-se bandeiras a meia haste, e os combustores da illuminação publica, envoltos em crepe e accesos, imprimiam um aspecto solenne e respeitoso ás ceremonias que se realisavam.

« Das janellas e varandas dos sobrados, velados de lutuosa ornamentação, projectavam-se milhares de pessoas aguardando o espectaculo emocionante do desembarque do cadaver daquelle que em dias idos tinha tido ahi sua arena de combate e os mais grandiosos triumphos... mas agora volvia vencido pela morte...

. . . .

Continúa a transcripção d'*A Provincia*, de 19:

« Desde muito cedo era notavel o transito nas ruas principaes, na direcção do bairro do Recife.

« Apezar de annunciado o desembarque do corpo do Dr. Joaquim Nabuco para as 9 horas da manhã, a agglomeração de povo no caes da Lingueta começou a avolumar-se duas horas antes.

« Não eram ainda 8 horas e já se notavam alli, em grande numero, auctoridades, consules, senadores, deputados, magistrados, officiaes do exercito, da guarda nacional e da policia, representantes de associações e da imprensa, quando começaram a chegar os membros da commissão official.

« Precisamente ás 9 horas achava-se essa commissão constituida por todos os seus membros e occupava a lancha que a devia conduzir e que largou sem demora, aproando para o *Carlos Gomes*.

« Na mesma occasião largou tambem do caes da Lingueta a

lancha a vapor *Maria Procopia*, conduzindo o tradicional Club do Cupim. A commissão deste compunha-se dos Srs. Guilherme Pinto, Dr. Guedes Alcoforado, major Alfredo Franco, capitão Nuno Alves da Fonseca, Dr. Manoel Gomes e coronel Manoel Joaquim de Mattos Pessoa.

« Tomaram tambem logar na mesma lancha os representantes do *Jornal do Recife*, do *Pernambuco* e d'*A Provincia*.

« Ás 9 e 15 a commissão já se achava a bordo, e innumeras pequenas embarcações bordejavam em torno do *Carlos Gomes*, quando se realisou a manobra para a descida do feretro de bordo do vapor, sendo recebido na baleeira *Leopoldo de Bulhões*, que se achava forrada de crepe externamente, e tripulada por socios do *Club Nautico Capibaribe*, que se offereceram para assim prestar homenagem ao grande morto.

« O caixão foi arriado por um dos guindastes de bordo.

« Nessa occasião a guarnição do vapor estava em fórma no tombadilho e a corneta vibrou o toque de funeral, emquanto desciam a bandeira que no topo de um dos mastros annunciava a presença de um morto a bordo.

« Para a mesma embarcação que levava o feretro passaram os membros da commissão official e as pessoas que o acompanharam do Rio ao Recife, conservando-se todos de pé e de cabeça descoberta.

« Na mesma attitude permaneceram as pessoas que occupavam outras embarcações.

« A baleeira largou, comboiada pelas lanchas *Maria Procopia* e *Olinda*, rebocadores *S. Salvador*, *Recife*, *Treze de Maio*, *Santo Antonio* e muitas outras embarcações a remo, entre as quaes as denominadas *Dalila*, *Rio Acre*, *Jandyra*, *Rio Tejo*, *Edith*, *Temerario*, *Jacy* e *Rio Senna* e escaleres da Alfandega, Correio, Capitania do Porto e Policia Maritima.

« Na frente havia passado a lancha a vapor *Pernambuco*, da Alfandega, conduzindo as corôas retiradas de bordo.

« Ao longo do caes o povo acompanhava a marcha dos barcos.

« O Dr. Herculano Bandeira, governador do Estado, assistiu do 1.º posto fiscal á passagem do feretro de bordo do *Carlos Go-*

mes para a baleeira. Em sua companhia achava-se o coronel Eduardo Martins de Barros, agente do Lloyd.

« Na mesma occasião via-se no caes da Lingueta a presença de quasi todo o corpo consular, commissões da Faculdade de Direito, da Academia de Lettras, do Club do Cupim, do Club Popular e outras associações.

« O trajecto, do ponto em que se achava ancorado o *Carlos Gomes* até ao caes da avenida Martins de Barros, durou cêrca de 30 minutos.

« O desembarque das pessoas que acompanhavam o feretro effectuou-se na rampa da praça Dezesete.

« O ataude desembarcou içado a guindaste, um pouco mais adeante, em frente ao edificio do Quartel General.

« Daquelle ponto até á porta principal da egreja do Espirito Santo, para onde o feretro ia ser conduzido, estendiam-se duas alas de praças do 1.º corpo de policia, em numero de 200 e sob o commando do capitão Paes Barreto.

« Esta força foi assim disposta para impedir que o povo obstruisse a passagem do prestito, não sendo permittida a entrada no espaço livre senão a representantes de commissões e da imprensa e ao corpo consular.

« O feretro foi collocado em uma carreta da Companhia de Bombeiros, coberta de estofo preto com guarnições douradas, e sobre elle foi estendido o pavilhão nacional, como se fez a bordo da baleeira *Leopoldo de Bulhões.*

« Puxavam a carreta os inferiores da Companhia de Bombeiros, auxiliados por varias praças da mesma corporação e remadores da Alfandega.

« Da porta do templo para o catafalco onde collocaram o feretro, foi conduzido por 20 homens, dos mesmos que o haviam levado até alli.

« Em frente ao templo achava-se postado um piquete de cavallaria de policia, armado de lanças.

« Sómente depois da collocação do ataude no catafalco foi franqueada a entrada ao publico, sendo o corpo da egreja reservado para as commissões e outros convidados.

« Entre as pessoas presentes estavam o Dr. governador do

Estado, o coronel Eduardo Silva, inspector interino da 5.ª região militar; o capitão de mar e guerra e do porto Macedo Coimbra; o commandante da Escola de Aprendizes Marinheiros; o commandante e officiaes do *Carlos Gomes;* representantes do Senado e Camara Estadoal; da Associação Commercial, Liga Maritima, Sociedade de Agricultura, União dos Syndicatos, Associação dos Empregados no Commercio, Associação Christã dos Moços, corpos docente e discente da Faculdade de Direito; Escolas de Engenharia e de Pharmacia; do Gymnasio Pernambucano, Escola Normal Official e Collegio Prytaneu; Instituto Gymnasial Pernambucano, Gymnasio Ayres Gama; collegios Saleziano, Diocesano e Nove de Janeiro; Instituto Archeologico, Clubs Popular e do Cupim; dos municipios de Olinda e Jaboatão; Sociedade de Medicina, Academia Pernambucana de Lettras, Great Western, Escola de Aprendizes Artifices, Lyceu de Artes e Officios, Congresso Litterario Casemiro de Abreu, Circulo Catholico, Magisterio Primario Estadual, Gremio Dramatico Espinheirense, Sociedade Beneficente dos Empregados da Estrada de Ferro do Recife a Caxangá e do Commando Superior da Guarda Nacional.

« O templo achava-se ornamentado com bastante apuro e magnificencia. Todas as paredes, de alto a baixo forradas de tapeçarias pretas com frisos dourados; os altares cobertos de crepe e ornados de cortinas pretas mosqueadas de branco e guarnecidos de bicos tambem brancos e frisos dourados.

« Na capella-mór, sobre uma ampla cortina preta que descia ao fundo, avultava uma cruz branca de grandes proporções, chegando quasi á altura do tecto.

« Nessa cruz viam-se lagrimas de prata.

« As tribunas estavam tambem revestidas de preto com ornatos dourados, o mesmo succedendo ao côro, onde se notava ao centro da varanda, na parte externa, o retrato do Dr. Joaquim Nabuco, collocado entre trophéos de bandeiras brazileiras e americanas.

« Ao centro da egreja, entre a nave e o cruzeiro, erguia-se o catafalco. Um espaçoso tablado, na altura de quasi dous metros sobre o chão, supportava doze columnas artisticamente dispostas e encimadas de capiteis e cornijas.

« No centro desse tablado num segundo quadrilatero, como o primeiro, e as columnas ornadas com frisos, flôres e emblemas dourados, destinava-se a ser nelle collocado o feretro.

« No alto da cornija, na parte interna do catafalco e defrontando a porta principal do templo, um artistico frontão, com as iniciaes *J. N.*, bordadas a ouro e encimadas por uma estrella de prata, dava extraordinario relevo á concepção do artista encarregado do trabalho. Na mesma face da cornija sobresahiam bandeiras nacionaes e norte-americanas.

« O tablado era guarnecido de balaustrada, interrompida nas faces que dão para entrada do templo e para a capella-mór, no ponto em que foram collocados alguns degráos.

« Quatro tocheiros ornavam os angulos do catafalco.

« Completavam a lutuosa ornamentação uma alcatifa negra que revestia todo o solo do templo.

« As ceremonias funebres, que foram presididas pelo bispo D. Luiz de Brito, começaram ás 10 $^1/_2$ horas, rezando missa de corpo presente o padre Jonas Taurino.

« Assistiram o acto, paramentadas, a irmandade do Espirito Santo e a confraria de Nossa Senhora do Rosario de Santo Antonio.

« Durante a missa e depois, até a hora do sahimento, montaram guarda ao feretro as pessoas cujos nomes damos em seguida, não sendo possivel observar o programma publicado, em vista da demora do desembarque, o que prejudicou a ordem estabelecida :

«De 10 $^1/_2$ ás 10 e 45 — Dr. Herculano Bandeira, governador do Estado ; D. Luiz de Brito, bispo diocesano ; coronel Eduardo Silva, inspector interino da região ; Dr. Archimedes de Oliveira, prefeito do Recife ; e capitão de corveta Felinto Perry, commandante do *Carlos Gomes*.

«De 10 e 45 ás 11 horas — Commissões do Senado e da Camara dos Deputados, compostas a primeira dos Drs. Antonio Pernambuco, Henrique Lins e coronel Gonçalves Ferreira Junior ; e a segunda dos deputados Othon de Mello, Octavio Hamilton, Julio Bello e João Pontual.

« De 11 horas ás 11 $^1/_2$ — Corpo consular. Velaram o cadaver

os Srs. P. Merrill Griffith, consul dos Estados-Unidos; Gustav Wittrock, vice-consul da Suecia; Albert Grosekke, consul da Allemanha; Aggripino Nogueira Lima, consul interino de Portugal; Frederico Ramos, consul do Paraguay; Dr. Sabino Pinho, consul do Uruguay; George Baille, consul da Inglaterra; Affonso Francisco Monteiro, consul da Hespanha; marquez de Cavriani, consul de Italia; Barão da Casa Forte, consul do Chile; Ernesto Pereira Carneiro, consul do Mexico; commendador José Maria de Andrade, consul da Belgica; e Dr. João Eustachio Pereira Fanéca, consul da Bolivia.

« De 11 1/2 ás 12 horas — Capitão de mar e guerra Macedo Coimbra, capitão do porto; Dr. José Osorio, secretario geral do Estado; Dr. José Antonio de Almeida Cunha, coronel Alexandre Padilha, coronel Octaviano de Almeida, Dr. José de Moraes Guedes Alcoforado, general Apollinario Maranhão, Jovino Cunha e Manoel José dos Santos, representantes da Santa Casa; Dr. Philemon de Albuquerque, do *Jornal do Recife*; academico João Lemos, do *Pernambuco;* Dr. Manoel Monteiro, do *Diario;* e Cisneiro de Albuquerque, d'*A Provincia.*

« De 12 ás 12 1/2 — Conselho Municipal do Recife.

« Montaram guarda ao cadaver de Joaquim Nabuco os conselheiros municipaes coronel Alfredo Almeida, Dr. Sabino Pinho, Dr. Antonio Clementino Carneiro da Cunha e majores Avila Bittencourt e Nivardo Gomes.

« De 12 1/2 á 1 hora — Os Srs. Francisco Pinto, João Raposo de Souza, Albino Neves de Andrade, Antonio Granville, Costa, Albino Brito e Y. C. Levy, representantes da Associação Commercial.

« De 1 á 1 1/2 — Representantes da Faculdade de Direito, da Escola de Engenharia e da Associação dos Empregados no Commercio.

« Da 1 1/2 ás 2 — Commissões do Gymnasio Pernambucano e da Escola Normal.

« De 2 ás 2 1/2 — Officialidade do *Carlos Gomes.*

« De 2 1/2 ás 3 — Representantes do Instituto Archeologico, da Academia Pernambucana de Lettras e da Academia de Medicina da Bahia.

« De 3 ás 3 1/2 — Commissão do Club do Cupim e do Popular, e representantes do Lyceu de Artes e Officios.

« A's 2 1/2 horas teve logar a encommendação do corpo pelo bispo D. Luiz, com a assistencia de monsenhor Marcolino do Amaral, vigario geral do bispado, monsenhor J. Freitas, secretario do bispado, vigario Francisco da Silva, padres Jonas Taurino e João Firmino; frades capuchinhos, franciscanos, carmelitas, padres salesianos e seminaristas.

« A' encommendação seguiu-se o *Libera me*, acompanhado a grande orchestra, ceremonia em que tomaram parte todos os referidos sacerdotes, e que teve o concurso do barytono Sr. Comolletti.

« Em seguida foram executadas a ode funebre do maestro Euclides Fonseca, especialmente composta para essa occasião; a peça *Pie Jesu*, de Gounod, pelo cantor Sr. Corbiniano Villaça; a elegia de Manoel Bomfim, pelo Sr. Bandeira Filho, e a marcha funebre de Chopin.

« A orchestra, composta de 37 figuras, foi regida pelo maestro Euclides Fonseca.

« Terminados ás 3 1/2 os actos religiosos, seguiram-se os preparativos para o sahimento doloroso.

« Era grande a multidão que estacionava no recinto da egreja do Espirito Santo, e mais avultada ainda fóra do templo, em frente a este, onde aguardava sofrega o desfilar do prestito funebre, e nas immediações.

« O jardim da praça Dezesete estava cheio de povo, como cheias estavam egualmente a avenida Martins de Barros, a rua do Imperador e adjacencias.

« A custosa urna onde estão encerrados os despojos do grande diplomata foi retirada da eça por um grupo de marinheiros da Alfandega, os quaes a trouxeram até a porta do templo, collocando-a na carreta da Companhia de Bombeiros, toda envolta em crepe. Dahi começou a organisação do prestito, organisação difficil e por isso mesmo muito demorada, até que, minutos depois, foi-se movendo a multidão, ainda desordenadamente, até ao momento em que se conseguiu estabelecer mais ou menos a ordem inserta no programma.

« Quando a carreta sahiu da porta da egreja do Espirito Santo pegavam nas fitas as seguintes pessoas: Dr. Herculano Bandeira, governador do Estado; capitão de corveta Felinto Perry, commandante do *Carlos Gomes;* Dr. Estacio Coimbra, deputado federal; major Annibal Pires, guarda-mór da Alfandega; José Temporal, ajudante do guarda-mór; desembargador Sigismundo Gonçalves, senador federal; Dr. Archimedes de Oliveira, prefeito da Capital; capitão de fragata e do porto Macedo Coimbra, tenente-coronel Peregrino de Farias, ajudante de ordens do governador do Estado; coronel Eduardo Silva, inspector interino da região militar; Dr. Antonio Pernambuco, senador estadoal; Dr. José Osorio de Cerqueira, secretario geral do Estado; capitão José Armando da Cunha, assistente do coronel inspector da região; coronel Cornelio Padilha, senador do Estado; e coronel Alfredo Brito de Carvalho.

« Na lança da carreta iam puxando dous bombeiros, e nas cordas, que a ladeavam, marinheiros da Alfandega, guardas e patrões da mesma repartição e bombeiros.

« Na rua do Hospicio, já ao terminar, algumas pessoas deixáram as fitas da carreta para cedel-as a outras, que assim foram ate ao cemiterio.

« Ladeavam ainda a carreta os officiaes do *Carlos Gomes* — 1.os tenentes Vital Monteiro de Azevedo, Luiz Alves de Oliveira Bello e 2.º tenente pharmaceutico Egas Moniz Barreto de Aragão, á direita; 1.os tenentes Cesar Augusto Machado da Fonseca, Eurico Parga Viveiros de Castro e Raul Lobato Ayres, á esquerda. Ao lado destes officiaes iam inferiores e marinheiros do mesmo vaso de guerra.

« Foi observado o itinerario organisado pela commissão: praça Dezesete, avenida Martins de Barros, rua Primeiro de Março, praça da Independencia, ruas do Cabugá, Barão da Victoria, Imperartiz, Hospicio e Cemiterio.

« Na rua Barão da Victoria o prestito marchava em perfeita ordem, obedecendo á seguinte organisação:

Lyceu de Artes e Officios, tendo á frente o seu estandarte;

Esquadrão de cavallaria do Estado, sob o commando do capitão José de Lemos;

Automoveis *União*, *Unitas* e *Audaz*, todos envoltos em crepe e forrados de panno preto, conduzindo capellas ;

Faculdade de Direito do Recife e Escola de Engenharia, com os respectivos estandartes ;

Instituto Gymnasial Pernambucano ;

Primeiro andor — Com a capella da Associação Commercial de Pernambuco ;

Segundo andor — Conduzindo a capella do Chile ;

Terceiro andor — Corôa do Corpo Consular do Estado ;

Quarto andor — Corôa do Rio Grande do Sul ;

Quinto andor — Corôa da Faculdade de Direito do Recife ;

Sexto andor — Corôa do Ministro de Portugal ;

Setimo andor — Corôa da Camara dos Deputados do Estado ;

Oitavo andor — Corôa do Estado de Pernambuco, conduzido pela commissão encarregada das homenagens ;

Sociedade Musical Charanga do Recife ;

Corporação dos guardas da Alfandega Federal ;

Officialidade da Companhia de Bombeiros ;

Commissões diversas, auctoridades, officiaes do exercito, da guarda nacional, da policia, imprensa, etc. ;

Carreta conduzindo o cadaver ;

Escola Normal, com grande numero de alumnas trajando branco com um cinto preto e o respectivo estandarte ;

Escola Parochial de S. José, acompanhada do respectivo professor, o Sr. Cosme Miranda ;

Sociedade Musical Capunguense ;

Escola Correccional ;

Banda de musica do 3.º corpo de policia ;

Carro com a commissão do corpo docente do Collegio Prytaneu ;

Carro com a commissão do corpo discente do Collegio Prytaneu e respectivo estandarte ;

Carro do Gremio Dramatico Espinheirense, com o estandarte ;

Carro do Instituto Gymnasial Pernambucano, com corôa ;

Landau puxado a quatro cavallos conduzindo uma cruz e uma corôa ;

Carro da Escola de Pharmacia, com o seu estandarte ;

Carros com familias;

Carro com o representante da Associação Christã de Moços;

Carro do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano;

Carro do Instituto Ayres Gama;

Automoveis, carros varios e a multidão compacta que se avolumava cada vez mais, á proporção que o prestito se ia approximando do cemiterio.

« Foi quasi impossivel avaliar-se a quantidade do povo que acompanhou o prestito até Santo Amaro, e o que alli já se achava apinhado, á espera de sua passagem.

« Em todas as ruas do itinerario viam-se os lampeões com laços de crepe, os quaes estavam accesos por occasião da passagem do prestito. Além da multidão das ruas, as varandas estavam repletas de familias, que atiravam flôres sobre a urna do immortal pernambucano.

« O prestito chegou ao cemiterto ás 4 horas e 45 minutos. Alli já se achava aguardando a sua chegada uma brigada composta das unidades do Estado, inclusive o Tiro Pernambucano, sob o commando geral do major do 49.º batalhão de caçadores, Arthur Parente da Costa.

« A brigada era composta do 49.º de caçadores, sob o commando do capitão Mattos Nogueira; da bateria da Fortaleza do Brum, sob o commando do capitão Eudoro Correia; do esquadrão de cavallaria, commandado pelo capitão José de Lemos; do 3.º batalhão do Regimento policial, commandado pelo major Alfredo Duarte, e do Tiro Pernambucano, sob o commando do tenente Pantoja.

« Quando o prestito se approximava do cemiterio ouviu-se o toque de sentido acompanhado da voz de commando para as continencias do estylo; e, á passagem do feretro, foram dadas as descargas a que o morto tinha direito. A artilharia salvou quando o corpo baixou á sepultura.

« Eram 4 e 55 quando a carreta entrou no cemiterio, rompendo com difficuldade a massa popular que alli se achava apinhada, desde o portão até o local onde tinha de ser sepultado o corpo do Dr. Joaquim Nabuco.

« Grande numero de pessoas estavam trepadas ás arvores e aos tumulos, ficando alguns destes arrebentados com o peso.

« Quando o corpo do grande diplomata baixou á sepultura, usaram da palavra os Srs. Dr. Raphael Pinheiro, pela commissão que acompanhou o cadaver do Rio de Janeiro até ao Recife; Dr. Trajano Chacon, em nome da commissão encarregada das homenagens; Renato Phaelante, pelo corpo discente da Faculdade de Direito do Recife; e Eduardo Valois, em nome do corpo discente da Escola Normal.

« As grinaldas que do Rio de Janeiro chegaram a Pernambuco foram as seguintes:

« Da Colonia italiana do Rio de Janeiro, de Saturnino C. Gomes, do Povo de Mossoró, do Commandante, officiaes e guarnição do *Minas Geraes*, dos Abolicionistas da Bahia, do Ministro de Portugal, dos Estados de Sergipe e Rio Grande do Sul, Academia Brazileira, Municipio de Una-Pernambuco, R. de Lima e Silva, Emilio Martins e familia, Dr. José Marianno, Estado do Espirito Santo, Estrada de Ferro Central do Brazil, Barão do Rio-Branco, Força Policial do Districto Federal, Governo do Chile, Instituto Historico e Geographico Brazileiro, Comité Republicano Federal, Madame Quesada, Embaixada Americana no Rio, The Diplomatic Corps, International Bureau of American Republics, Commandante e officiaes do U. S. S. *North Carolina*, Presidente da Republica Nilo Peçanha, Joaquim D. Casasus, A Marinha Nacional, Circulo dos O. da União, 3.ª divisão da E. F. C. do Brazil, Chermont, Keesc he Marques, Club « 13 de Maio » de S. Paulo, Mrs. Taft, Irmandade de Nossa Senhora do Rosario dos Homens Pretos de São Paulo, Associação dos Empregados no Commercio de Pernambuco, Guarda Civil do Districto Federal, Redacção d'*O Paiz*, Estado de Pernambuco e do Prefeito do Districto Federal. »

« O Sr. Mauricio Nabuco fez entrega ao Dr. Governador do Estado do chapéo e do espadim de seu saudoso pae, e de um tope de fitas com as côres de varias nações americanas que tambem a elle pertenceu, destinados ao Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

« O corpo consular de Pernambuco depoz sobre o feretro do

pranteado Embaixador uma bellissima grinalda de flôres naturaes, sobresahindo entre ellas orchidéas e rosas. »

. . . .

E foi uma verdadeira consagração á memoria de um morto que viverá perpetuamente no coração de seu povo a recepção do cadaver de Joaquim Nabuco, que hoje repousa o somno derradeiro no sólo de seu Estado natal, como houvera sido sempre uma de suas mais ardentes aspirações.

Depois de ser glorificado com as homenagens de todo o paiz, na Capital da Republica, o eminente Embaixador do Brazil nos Estados-Unidos recebeu no momento em que tornava sem vida ao seio de seus conterraneos, outras tantas homenagens, menos sumptuosas talvez, porém não menos reveladoras do muito que elle merecia aos filhos de sua terra, e do grande sentimento de pezar que sua morte despertou no coração do povo.

Os pernambucanos cumpriram o seu dever concorrendo em massa para a grande manifestação de affecto e reconhecimento prestado á memoria do abnegado apostolo da libertação dos escravos que hoje repousa no Cemiterio da Redempção, em S. Amaro das Salinas, e passa á posteridade legando mais um nome illustre e glorioso á historia de Pernambuco.

Recife, 4 de Setembro de 1910.

UMA TESTEMUNHA DIPLOMATICA

DO

SETE DE ABRIL

PELO

DR. LUIZ GASTÃO D'ESCRAGNOLLE DORIA

*

UMA TESTEMUNHA DIPLOMATICA DO SETE DE ABRIL

A vespera das revoluções é como a trovoada suspensa. Enerva, excita, sobresalta. Na atmosphera electrizante ha calor, tristeza, anciedade. Sorve-se inquietação, respira-se a custo. Cerram-se as portas e as janellas ao menor ruido. Os corações se apertam ao toque dos cuidados.

Nesse vago, cruel e oppressivo máo estar, nuncio das trovoadas e das revoluções que ainda se não resolveram, estava o Rio de Janeiro, em fins de Março de 1831.

O primeiro reinado e o primeiro Imperador se tinham impopularizado. De cima a baixo o Brazil era um descontentamento. Os erros do soberano e as culpas dos ministros se enxertavam nos desastres militares e nos apuros financeiros. Contra o throno tudo era arma nas mãos da indisciplina: discursos, artigos de jornal, conflictos e até garrafas. O governo estava na mais dura das contingencias, a do desgoverno. Vivia-se por movimento adquirido. Ao tumulto das idéas respondia a confusão das vontades. Todos desobedeciam e ninguem queria. Os ministerios passavam, na scena politica, quaes barcos tripulados por inexperientes comparsas no fundo de um theatro, a trancos e barrancos, ao impulso de cordas movidas por muitas mãos.

As auctoridades se mostravam inactivas. Não se contava com a tropa. A policia, céga, dava por páos e por pedras. O povo procurava chamar a si as forças da guarnição da Côrte, excitando-lhes brios, espicaçando-lhes antipathias.

Noite e dia, sob os olhos do poder, passavam e repassavam bandos sinistros de negros e mulatos, armados de pistolas e de punhaes, a pretexto de manter a ordem, prolongando a anarchia. Os odios de nacionalidades silvavam assanhados.

A 4 de Abril de 1831 a princeza D. Maria, a futura Maria II de Portugal, fazia annos. Pedro I entendeu festejar o anniversario da filha, com um concerto no palacio de S. Christovão, mobiliado de novo.

O motivo do regosijo era justo. O momento de commemoral-o tão inopportuno que muita gente acreditava haver sido suggerida tal idéa ao imperador com intuitos perfidos. No proprio conselho de ministros se fallou na imprudencia de afastar, por meio da festa, as principaes auctoridades do centro da capital. Os adversarios da situação poderiam aproveitar a circumstancia. O general Moraes affirmou tomar toda a responsabilidade do socego publico.

E a festa se realizou, brilhante, rumorosa e fatidica, como cincoenta e oito annos mais tarde o baile da Ilha Fiscal.

Mal chegou á sala do concerto o encarregado de negocios da França, Eduardo Pontois, Pedro I correu para elle e perguntou-lhe:

— Conhece o palacio?

— Não, senhor.

O monarcha convidou então o diplomata a visitar o edificio. Quando se achou a sós com Pontois, disse animado, externando preoccupações bem alheias á festividade:

« Espero que agora as cousas melhorem. Acaba de chegar um batalhão de Santa Catharina. Sou liberal, o chefe dos constitucionaes, mas nunca serei o cabeça dos revolucionarios. Quero isso bem sabido por todos.

« Ninguem duvída dos sentimentos de Vossa Majestade, respondeu Pontois. Todos os diplomatas, todos os governos desejam, a França sobretudo, cuja sympathia por Vossa Majestade não padece contestação, que a ordem publica se mantenha e o throno constitucional brazileiro se firme. »

— Conto com o senhor e com o Sr. Aston (o encarregado de negocios inglez).

— Nós faremos tudo quanto nos fôr permittido fazer por Vossa Majestade.

— E não os comprometterei. As minhas medidas estão tomadas. Os senhores ficarão contentes commigo.

Pontois tratou de cortar a conversa, temendo que os ministros do Imperador reparassem nella.

Voltou ao salão da festa. Pedro I se mostrava nelle muito jovial. A's 11 horas da noite recebeu um despacho vindo da cidade. Annunciavam-lhe a formação de grupos numerosos, de ajuntamentos desordeiros, mais inquietadores do que de costume. O despacho se referia a varios assassinatos, dizendo que a cavallaria déra varias cargas na rua do Ouvidor (circumstancia inveridica, pois a tropa fraternizára com o povo).

Pedro I leu o despacho, em voz alta, no meio da festa. Dirigiu-se aos ministros da Justiça e da Guerra, exprobrou-lhes, com vivacidade, sobretudo ao ultimo, o facto de terem declarado responsabilizar-se pelo socego publico. Pedro I se retirou pouco depois. O concerto acabou, como jámais devem acabar as festas, sombriamente...

No dia seguinte, 5 de Abril, a cidade parecia calma. Corriam mil boatos. Em divergencia com o imperador, ácêrca das providencias a tomar para restabelecer a ordem, o ministerio largou o poder.

Pedro I nomeou novos ministros. O Marquez de Aracaty ficou gerindo a pasta de Estrangeiros ; o Marquez de Paranaguá a da Marinha ; o Marquez de Inhambupe a do Imperio ; o Visconde de Alcantara a da Justiça ; o Marquez de Baependy a das Finanças.

A pasta do perigo, no momento, a das grandes providencias e a das enormes responsabilidades, a pasta da Guerra, foi confiada ao conde de Lages.

Na manhã de 6 de Abril a cidade conheceu as resoluções tomadas na vespera em S. Christovão. Dir-se-ia que energicas providencias se dispunham a dar o golpe decisivo na cabeça da desordem.

Escoou-se o dia. As providencias não appareceram. Os ministros fóram de manhã cedinho para S. Christovão. Ahi passaram o dia com o Imperador.

No Campo da Acclamação se reunia muita gente. Noticias sinistras circulavam pela cidade.

O encarregado de negocios francez, Eduardo Pontois, estava em casa. Ahi, a cada instante, lhe chegavam noticias e inquieta-

ções. Diziam-lhe que um juiz de paz fôra a S. Christovão pedir a Pedro I, em nome do povo, a renomeação do Ministerio exonerado, sendo a resposta do soberano, por escripto, rasgada e pisada. Diziam-lhe que o regimento de artilharia a pé sahira do quartel, sem ordem, e se dirigia para o Campo da Acclamação.

Aston e Pontois, á vista de taes boatos, preveniram os almirantes de suas estações navaes para estarem promptos para o que désse e viésse.

O corpo diplomatico, impressionado com os factos, se reuniu em casa do Ministro da Russia. Os estrangeiros pareciam sufficientemente garantidos, já pelos navios de guerra de suas nações, já pelo desvio da attenção popular concentrada em S. Christovão.

Pontois assistiu a parte da reunião. Voltou para casa onde esperou, com penosa curiosidade, a solução da crise.

A' meia hora depois de meia-noite bateram na porta de residencia de Pontois. Bater a taes horas e em dias de revolução, é cousa que sempre alarma.

Um desconhecido perguntou pelo encarregado de negocios da França. Disse que S. Ex.ª devia ir immediatamente ter com o imperador.

Nesse interim chegou Aston, o encarregado de negocios da Inglaterra. Este e o collega francez hesitaram em partir para S. Christovão, a tal hora, sob a fé de um desconhecido, em taes circumstancias. Quem lhes garantia que o recado não era armadilha de revoltosos? Não tinham estes vivo interesse em capturar os diplomatas, impedindo-os de prestar soccorro a Pedro I?

Aston e Pontois resolveram ir a S. Christovão, cada um de seu lado, a alguma distancia um do outro, suppondo as communicações entre a cidade e a Quinta Imperial já cortadas pelos revoltosos.

Combinaram os encarregados de negocios que no caso de um só delles chegar ao palacio e fallar com o Imperador, agiria em nome do collega ausente, sob as bases e nos limites anteriormente assentados e fixados.

Nada, porém, lhes succedeu no caminho. Alcançaram S. Christovão quasi juntos.

A pouca distancia do palacio, na tristeza das trevas, nas sombras de uma noite agitada, Pontois viu desfilar uma série de vultos. Rodavam carretas. Os cavallos mastigavam os freios. Uma ou outra espada tinia na bainha. Era o regimento de artilharia montada, com rumo feito para a cidade, virando costas á disciplina.

O caminho ficou desde então deserto. Não viu Pontois outra especie de tropa a não ser no portão de entrada do palacio, um piquete da Guarda de Honra.

Pontois foi levado incontinenti a um aposento onde se achavam reunidos o Imperador, a Imperatriz, os ministros, o conde do Rio Pardo e Aston.

Pedro I fallou. Disse a Pontois e a Aston, com muita calma e claramente, o estado das cousas. O povo lhe deputára um juiz de paz para pedir a reintegração do ministerio despedido. Respondêra negativamente.

« A Constituição me confere a prerogativa de escolher livremente os meus ministros. Atraiçoaria o dever e a honra, cedendo aos votos populares. Tudo quanto posso fazer, observou D. Pedro, é dissolver o actual ministerio e formar outro ».

Para esse fim mandára chamar o Senador Vergueiro, como Pedro II, em 1889, chamou do Rio Grande do Sul o senador Silveira Martins.

O povo recusou a resposta imperial. O juiz de paz havia tornado a S. Christovão. O povo só admittia a reintegração do gabinete. Que Sua Majestade reflectisse. A obstinação poderia ter consequencias fataes. A tropa se pronunciára em favor do povo.

Pedro I persistia no intento. A toga cedeu o logar ás armas. Após o juiz de paz veio a palacio o General Lima e Silva (segundo Pontois, apontado pela voz publica como chefe do movimento), repetiu o recado do juiz de paz e obteve a mesma resposta do Imperador.

« Afastou-se o general Lima e Silva, contou Pedro I aos diplomatas, fez um signal ao batalhão do Imperador, commandado por um irmão do general, e, salvo algumas sentinellas, o

batalhão em peso deixou o palacio. O exemplo foi imitado pela artilharia a cavallo. Para lhe poupar a vergonha da deserção, fingiu-se dar-lhe ordem de ir embora.

Estando as cousas nesse pé, que restava fazer? indagou D. Pedro.

« Prefiro abdicar, a receber imposições violentas, contrarias á Constituição, dadas pelo povo e pelo Exercito insurgido. »

A imperatriz, os ministros, combateram a idéa de Pedro I. Pareciam optar pela acceitação das condições dos revoltosos.

D. Pedro retorquiu dignamente :

« Prefiro descer do throno com honra a governar deshonrado e envilecido. Não nos illudamos. A contenda se tornou nacional. Todos quantos nasceram no Brazil estão no « Campo » e contra mim. Não me querem para governo, porque sou portuguez. Seja porque meio fôr, estão dispostos a se livrarem de mim. Espero por isso de ha muito. Durante a viagem a Minas, annunciei que o meu regresso ao Rio seria o signal da lucta entre nacionaes e portuguezes, provocando a crise actual. Meu filho tem uma vantagem sobre mim, é brazileiro e os brazileiros gostam delle.

Reinará sem difficuldade e a Constituição lhe garante os direitos. Descerei do throno com a gloria de findar como principiei, constitucionalmente.»

« Senhor, acudiu Pontois, se V. M. me pede parecer, direi que V. M. tem toda a razão. O alvitre de V. M. é não sómente o mais nobre e o mais digno da sua pessoa, como o mais util aos interesses de seu augusto filho e da dynastia e talvez até aos de V. M. Um tal acto de magnanimidade é certamente capaz de impressionar os animos, impedindo os seus subditos de aceitarem uma abdicação funesta para o Brazil.»

D. Pedro contestou o diplomata : « Os meus subditos a aceitarão, e aliás, depois da infame perfidia da qual sou victima, não posso mais reinar no Brazil, não posso encarar a gente que me abandonou e trahiu ; desejo cobrir o rosto com um véo para não vêr mais o Rio de Janeiro.»

Em seguida, D. Pedro disse aos diplomatas, ao francez e ao inglez, « queiram pedir aos seus almirantes embarcações para me conduzirem e á minha familia a bordo do navio inglez.»

Pontois e Aston lhe propuzeram a remessa do pedido, por escripto aos seus almirantes, ficando ambos os diplomatas ao lado do imperador. Caso S. M. desejasse, podiam fazer desembarcar um destacamento de marinheiros para proteger D. Pedro e sua familia.

D. Pedro agradeceu, allegando não querer fechar o seu reinado violando a Constituição. Recusou tambem o offerecimento de embarcações armadas.

Algumas pessoas aconselhavam D. Pedro a não abdicar. A resolução era gravissima, de peso no presente e no futuro. Valia mais a pena esperar o romper do dia.

« Que querem que eu faça ? disse D. Pedro. Esperar, para que me venham violentar, ultrajar ou prender ? »

Pontois e o marquez de Paranaguá, desejosos de evitar a palavra irrevogavel, abdicação, propuzeram a D. Pedro ronovar ao povo a declaração de escolher livremente os seus ministros, segundo os preceitos constitucionaes. Caso o povo se recusasse a reconhecer tal direito, o Imperador sahiria do Brazil com toda a sua familia.

D. Pedro reflectiu algum tempo. A cabo da meditação, disse ao diplomata francez e a Paranaguá : « Não posso aceitar o conselho. O povo viria a S. Christovão. Diria que posso dispôr da minha pessoa, mas não carregar com o herdeiro do throno, reconhecido como tal pela Constituição do Imperio. »

D. Pedro se dirigiu, então, para o seu gabinete de trabalho. Nelle entrou deixando os circumstantes numa angustia facil de imaginar.

Instantes depois sahiu do gabinete. Trazia um papel. Poucas linhas o ennegreciam. Era a abdicação, o auto-attestado de obito dos soberanos vivos.

D. Pedro mandou logo o papel para o Campo da Acclamação. Em seguida, de chapéo na mão, dando o braço á Imperatriz Amelia, manifestou o desejo vehemente de deixar o palacio.

Todos se oppuzeram á partida tão precipitada, aliás impossivel até a chegada das embarcações de bordo da estação naval anglo-franceza.

As embarcações só chegaram ás nove horas da manhã. D. Pedro reiterou a tentativa de partir. O marquez de Paranaguá, já

cortezão da desgraça, pediu a Pontois que representasse a D. Pedro a inconveniencia da partida. Devia-se esperar. Nas revoluções, a ultima hora sôa, ás vezes, em favor de quem já se acha vencido.

Pontois, attendendo ás supplicas do Marquez de Paranaguá, amigo firme sobre as ruinas da grandeza, aconselhou D. Pedro a esperar. Antes de partir, S. M., titulo ainda de D. Pedro, porque quem foi rei sempre teve majestade, devia saber se o acto da abdicação chegára ao destino, se fôra aceito pela Camara, e se as diziam reunidas, se tinham reconhecido os direitos de seu filho.

Uma vez a bordo de um vaso de guerra, e por conseguinte fóra de territorio brazileiro, tudo estaria irrevogavelmente acabado para D. Pedro.

« Senhor, observou Pontois, a abdicação de V. M. foi livre e espontanea. Para dar disso prova evidente é mister não partir precipitadamente, como um fugitivo ».

D. Pedro annuiu em esperar as noticias das resoluções das Camaras. O tempo da espera foi consagrado aos tristes preparativos da partida. Alguns fieis servidores vieram dizer adeus aos imperiaes viajantes.

D. Pedro e D. Amelia se despediram dos filhos dormindo nas suas caminhas, mergulhados no calmo somno da infancia, tão perto de uma catastrophe.

« Durante esse tempo, escrevia, depois de passada a tormenta, Pontois ao seu chefe hierarchico em França, o ministro de estrangeiros, conde Sebastiani, vimos simultaneamente o doloroso quadro do poder decahido, o nobre espectaculo da resignação e da coragem na desgraça, pois o imperador, cumpre dizel-o, soube melhor abdicar do que reinar. No decurso dessa noite inolvidavel para quantos a testemunharam, o soberano se ergueu acima de si proprio e mostrou constantemente uma presença de espirito, uma firmeza e uma dignidade notaveis, provando o que esse desditoso principe teria podido ser com uma educação melhor e com mais nobres exemplos sob as vistas ».

Cêrca de duas horas se escoaram, entre espera e falta de novas. Noticia alguma chegava da cidade. O monarcha decahido

não tinha mais amigos. Todos quantos eram despachados de S. Christovão, á cata de noticias, não regressavam e os passos echoavam funebres em aposentos desertos.

D. Pedro, impaciente pelo genio e impacientado pelo momento, quiz por fim ir embora com D. Amelia, D. Maria, os marquezes de Loulé, o conde de Sabugal, o marquez de Cantagallo. Seguiam-os alguns famulos, tres officiaes e dous soldados, ultimas sentinellas da fidelidade do exercito.

Embarcaram todos em carros, seguidos até á praia pelas negras do palacio, dando gritos lancinantes. A muito custo foram arrancadas da embarcação do Imperador.

Aston e Pontois acompanharam D. Pedro e os seus a bordo da náo *Warspite*, sob a bandeira britannica.

Chegado ao convez, D. Pedro virou-se para Pontois e para o almirante Grivel, chefe da estação naval franceza, e lhes disse: « Quizera ter um pé no navio inglez e outro numa fragata franceza. Não me acho a bordo da *Warspite* senão porque nella me foi offerecido asylo em primeiro logar. Agradeço os serviços que os senhores me prestaram. Na desgraça se conhecem os amigos ».

Após o desenlace da crise, D. Pedro não cessou de revelar muita calma e até alegria. Desapparecida, porém, a exaltação produzida por um grande sacrificio, D. Pedro perdeu a majestade com que abdicára. Defeitos, máos habitos, inconsistencia de idéas, pequenezas, amor pelo dinheiro se manifestaram. Occupou-se da viagem, do futuro, contando apenas com magnificos diamantes, segundo as informações de Pontois ao conde Sebastiani.

Ficou D. Pedro a bordo do navio inglez a balouçar os ultimos infortunios sobre as aguas da divina bahia, a fitar do oceano a terra sobre a qual reinára e onde deixava os filhos, a contemplar os vastos pasteis de casas do Rio de Janeiro, em cima de prato de verdura das montanhas ou na bandeja da costa.

Pedro II já reinava. O filho era o imperador. Longe do pai, bruscamente virado pelo destino para as bandas do exilio, divididos ambos pela sorte, pelos homens e pelas ondas, por todas as cousas perfidas, movediças e inconstantes.

A bordo do navio de refugio de D. Pedro veio um ministro

da Regencia, o marechal de campo Almeida. Offereceu ao soberano decahido, em nome do poder nascente, dos procuradores politicos do filho, uma fragata brazileira para conduzir D. Pedro ao porto de destino.

D. Pedro declarou-se penhorado pelo obsequio, declarando-se satisfeito se lhe fosse dado partir sob a bandeira nacional. Mas ao mesmo tempo lhe era impossivel aceitar a fineza, visto já a ter aceito da parte dos almirantes estrangeiros. Accrescentou D. Pedro com altivez e ironia: « pouparei assim ao Brazil despezas que os meus alliados, os reis da Inglaterra e da França, estão mais no caso de supportar. »

O marechal Almeida voltou com o recado para a Regencia, á qual não faltava trabalho.

Certa tranquillidade reinava na Capital do Imperio abalado. Que milagre! Gente perigosa tinha tido armas na mão e podia muito bem lhes recusar a entrega.

A Regencia se occupou com a tarefa mais melindrosa das revoluções, o desarmamento do partido vencedor.

O general Lima, commandante das armas, publicára um edital ordenando a devolução das armas. As ordens nos periodos agitados são vozes no deserto. O desarmamento apresentava difficuldades, muitas, constantes, renovadas. A segurança publica estava por um fio.

Bandos armados, a tropa de linha, acampavam no Campo da Acclamação. Como o primeiro cuidado das revoluções consiste em baptizar com nomes novos cousas muito velhas, o Campo da Acclamação se chamou Campo da Honra.

Os amotinados do Campo da Honra, declararam ao governo que não deixariam a praça publica antes da partida de D. Pedro. Como um porco-espinho bellico, a revolução eriçava baionetas, quando a Regencia fazia menção de arrancar-lhe os dárdos.

Grupos de populares se dirigiram ás casas das pessoas mais chegadas a D. Pedro, como por exemplo o marquez de Paranaguá e o conde do Rio Pardo, para os desfeitear. Ambos se haviam posto a salvo de insultos covardes.

O povo, ou aquillo que tal se chama nas revoluções, por in-

termedio dos juizes de paz, exigia do poder regencial, bambo e surprezo, a expulsão de varios individuos do territorio brazileiro.

A Regencia promettia. Procurava tornar illusoria a promessa, por meio de avisos, dados por portas travessas, aos que eram attingidos pela medida da expulsão, pondo-se-lhes ás ordens um vaso de guerra ancorado no porto.

Cumpria que D. Pedro se afastasse. Por fim largou do Rio a náo a cujo bordo ia quem deixava uma corôa no Brazil, quem se dispunha a sustentar na cabeça da filha a corôa portugueza.

Sahiu D. Pedro do Brazil, de onde vira partir os pais e onde lhe ficavam os filhos á guarda de uma nação, sobretudo o herdeiro do seu nome. Nunca mais o havia de vêr.

O navio abriu as vélas. Transpoz a barra, galgou as ondas de mar alto. A terra se sumio. O Pão de Assucar se reduziu a ponto, desappareceu por sua vez, tudo na tristeza de um ultimo adeus, de uma separação definitiva.

E como Cesar no batel que lhe transportava a sorte, D. Pedro seguiu para a patria, onde o esperava uma usurpação ao lado de uma guerra civil.

O Brazil, dia por dia, ficou atrás, para sempre, para sempre.

O mar se alargou na successão infinita de suas toalhas verdes. Por ultimo até o Cruzeiro do Sul se foi embora, o lindo Cruzeiro com as suas rútilas estrellas, pregos luminosos sustentando no céo o grande panno eterno e mortuario das escuridões...

Pariz — 1911.

O FETICHISMO DOS NEGROS DO BRAZIL

PELO

PADRE ÉTIENNE BRAZIL

LIMIAR

Desbastamos um thema duplamente ignoto, já por que os Africanos celebram suas cabalas nos reconditos inaccessiveis dos *pejis*, já por que sobre nossos fetichistas não ha publicado até agora um trabalho completo.

O que escrevemos, no emtanto, não é puro romantismo, onde a fantasia occupe o papel principal.

Si bem sejam alguns dados transcriptos dos historiadores (o que não lhes tira o caracter de authenticidade), outros ha que representam o fructo do proprio esforçado labor e respiram a mais proxima actualidade.

E' assim que essas viragos negras, cingidas de pannos multicôres, adornadas de missangas e braceletes, são as authenticas adoradoras dos fetiches.

Visitem os hospitaes, interroguem os velhinhos do Asylo de Mendicidade da Bahia, penetrem nos casebres e *terreiros* dos africanos, finalmente consultem os *babalaos*, e averiguarão que a cabala negra é profusamente espalhada entre os homens de côr.

Na primorosa revista ANTHROPOS [1] bosquejamos a pintura dos ritos negros no Brazil. Allegou-se, sem razão, que acabáramos de descortinar novos horizontes no campo de estudos rito-ethnographicos em nosso paiz, supposto o benevolo acolhimento que obteve o nosso artigo.

Animado pelo favoravel *veredictum* dos competentes, pesquizámos novos dados, mórmente na Capital Federal, onde estudámos a collecção africana do Museu Nacional.

Não havia mister abranger na presente monographia a religiosidade dos indigenas nomades, e assim nos houvemos por que estudos desse genero melhor caberiam em publicações consagradas aos Amerindios.

---

1 Tom. III, 1908, p. 881-905.

Os mesmos vestigios do fetichismo dos nossos autochtones, devem ser estudados em trabalhos reservados á feitiçaria.

Acabamos de assignalar outro assumpto de importancia, o estudo da superstição popular, quaesquer que sejam suas origens ou matizes, amarella, negra ou branca.

Não ha negar que o fetichismo se generalizou através de todas as camadas sociaes, mórmente pelas classes ignorantes ; e seriam necessarios muitos volumes para uma completa exposição dos ritos e religiões populares e das praticas de feitiçaria. Mas infelizmente pouco se tem escripto até hoje sobre o *folk-lore* nacional. A despeito dos valiosos subsidios trazidos por José de Alencar, Celso de Magalhães, Sylvio Romero, Antonio de Freitas, Couto de Magalhães, Hart e outros, é innegavel que a nossa litteratura ethnographica é hoje ainda pauperrima.

Para estudar os bruxedos e feitiçarias, necessario é observar as usanças do nosso povo, principalmente nos sertões ; analysar as trovas populares e compulsar as memorias dos viajantes — tarefa essa tão ardua quão longa.

Assim é que nossos subsidios ethnographicos muito aquem ficaram de seu devido escopo, sendo que apenas nos foi dado, por assim dizer, lobrigar o assumpto.

Certo, outra penna mais adextrada acabará o presente ensaio, achegando-lhe os supplementos de mais douto e autorizado saber, confessando que muito aquem ficámos ainda do que poderia ser feito.

Esta segunda edição do artigo « *Le fétichisme des nègres du Brésil* » (ANTHROPOS) é copiosamente illustrada de photogravuras, recolhidas na Bahia e Rio de Janeiro, o que lhe prestará feição mais intuitiva e real.

A' illustre directoria do Museu Nacional, que tão attenciosa nos proporcionou os necessarios elementos de estudo (*manipanços*, *fetiches*, etc.), que são reproduzidos nesta obra, sobremodo gratos nos confessamos por tamanho obsequio.

Ao illustrado Instituto Historico e Geographico Brazileiro, que tão valiosos e consideraveis auxilios tem prestado á historia patria, dedicamos o presente esboço ethnographico.

Nictheroy, 11 de Junho de 1911.

BIBLIOGRAPHIA

NINA RODRIGUES — L'animisme fetichiste des nègres de Bahia, Bahia, Reis, 1900.

JOÃO DO RIO — As Religiões no Rio, Rio de Janeiro, Garnier, s. d.

FERDINAND DENIS — Descripção historica do Brazil, ed. portug., Lisboa, 1844; cf. p. 207 e 263.

TOLLENARE — Notas Dominicaes, trad. de Alfredo de Carvalho, Recife, 1905.

MAURICE RUGENDAS — Voyage pittoresque dans le Brésil, 1835, trad. de Colbery, Paris.

H. KOSTER — Voyage dans la partie septentrionale du Brésil depuis 1809 jusqu'en 1815; Paris, 1818. — 2 tomos.

RAYMUNDO JOSÉ DA CUNHA MATTOS — Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão, Rio, 1836, t. I, p. 33 seg.

MELLO MORAES — Festas e tradições do Brazil, Rio de Janeiro.

FRANCISCO AUGUSTO PEREIRA DA COSTA — Folk-lore Pernambucano, Revista do Inst. Hist. e Geog. Brazileiro, 1908, parte II.

LUIZ AUGUSTO SOARES DE MAGALHÃES — Lendas mineiras. (*Diario de Minas,* 25 de Dezembro de 1900).

AURELINO LEAL — A Religião entre os condemnados da Bahia, Bahia, 1898.

ALMACHIO DINIZ — O fetichismo das religiões no Brazil, n'*A Evolução* (Pernambuco), Abril 1909, p. 340-344.

AUGUSTE SAINT-HILAIRE — Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes, 1830.

EDMUND KRUG — A superstição paulistana (Revista da Sociedade Scientifica de S. Paulo, vol. V, 1910).

BARÃO DE STUDART — Usos e superstições cearenses (Revista da Academia Cearense), tom. XV, 1910, p. 28-58).

J. B. DEBRET — Voyage pittoresque et historique au Brésil, t. III, 1839, p. 39 seg.

P. C. TESCHAUER, S. J. — A flora nos costumes, superstições e

lendas brazileiras e americanas. Tiragem á parte do estudo publicado no Almanack do Rio Grande do Sul para 1909. Pinto e C.ª, Livraria Americana, Rio Grande.

P. BAUDIN — Le fétichisme et les féticheurs (Missions catholiques, abril, maio, junho, julho, 1884).

W. SCHNEIDER — Die Naturvölker. Paderborn und Münster, 1886.

ZÖLLER — Das Togoland und die Sklavenküste, Berlin, 1885.

D'AVEZAC — Notice sur le pays et le peuple yebous.

SCHULTZ — Der Fetichismus, Leipzig, 1871.

BOSMANN — Voyage de Guinée, etc. (1705).

LAFFITTE — Le Dahomey.

A. BROS — La religion des peuples non civilisés ; Lethielleux, Paris.

LE ROY — La religion des primitifs, Paris, Beauchesne, in-8.º.

SALOMON REINACH — Cultes, mythes et religions — Orpheus, in-16, XXI — 625, Paris, Picard.

TH. DE CAUZOM — La Magie et la Sorcellerie en France, in-8.º Dorbon, Paris.

O Grande Livro de S. Cypriano, ou Thesouro do Feiticeiro, editado por J. Ribeiro dos Santos, Rio de Janeiro.

INTRODUCÇÃO

Cumpre discernir o « fetichismo » das meras praticas de superstição ou « feiticismo ». Seja talvez uma innovação, no glossario da lingua, a distincção dos dois paronymos é ella, no emtanto, de grande necessidade.

No que respeita, pois, ao *folk-lore*, uma confusão extrema reina em a terminologia, e muitos vocabulos ha que ainda não receberam sua significação especifica. Os termos *totem*, *tabù*, *feitiço*, etc., não lograram encarnar uma idéa invariavel, universalmente acceita.

Urge systematisar o vocabulario, porquanto o vago, o indeterminado, eis um dos maiores empecilhos á Sciencia.

A superstição, que abusivamente liga a certos objectos esta ou aquella virtude sobrenatural, reveste as mais variadas fórmas e as mais divergentes manifestações.

O fetichismo se apresenta sob um aspecto mais completo e mais intenso, isto é, sob a crença em espiritos bons e máos que, além do influxo sobre os acontecimentos, se incarnam, materializando-se, em seres vivos ou inertes.

Resalta logo d'ahi que o moderno culto do *espiritismo* não passa de uma nova fórma do mais genuino e grotesco fetichismo. Mais ainda : é superstição mais grosseira e hedionda que a dos Africanos e dos Amerindios ; todavia brotou do seio de povos... civilizados ! [1]

O *fetichismo* é uma verdadeira religião, com seus dogmas, preceitos e ritos peculiares. E' a primeira revelação do instincto religioso, contemporanea da época em que os primitivos conseguem libertar-se do *magismo*.

---

1 Sob a epigraphe « Superstitions » Jules Payot, no *Volume*, de 3 de abril de 1909, fustigou a fraqueza de espirito dos que, julgando-se livres do jugo dos dogmas, esbarram nos absurdos do occultismo e da magia moderna. Releva notar que o *Volume* não é uma folha de sacristia.

O mesmo não ha dizer do *feiticismo:* não se constitue em corpo doutrinal autonomo. E' meramente um desvio, ou anomalia, uma aberração das crenças religiosas. E' uma exuberancia abusiva da fé no mundo sobrenatural. E' perfeitamente assimilavel ao empirismo na medicina.

A feitiçaria admitte o uso das figas, mandingas, patuás, bruxarias, *curandices*, etc.

As praticas supersticiosas se nos deparam, sem excepção, em todos os paizes, como em todas as nações existem individuos aleijados e physicamente disformes. Mas, ou muito nos illudimos, ou a feitiçaria achou entre nós o mais franco agazalhado, facto esse que cabalmente se explica mercê dos elementos geneticos de nossa raça, sendo bem certo que as influencias ancestraes poderosamente actuam sobre o instincto humano. E sinão vejamos: O povo lusitano tem, não calumniosamente, a fama de supersticioso; os indigenas brazileiros jazem ainda nas trevas do animismo e do totemismo; os africanos, finalmente, são renitentes fetichistas.

Eis ahi por que a feitiçaria popular se acha fundamentalmente impregnada de africanismo. Mello Moraes chegou a escrever as seguintes linhas: « Percorrendo a historia, deixando illumi-
« nar-nos a fronte á luz amarellenta das chronicas, não sabemos
« ao certo quem maior influencia exerceu na formação nacional
« desta terra, si o portuguez ou o negro. Chamado para juiz nesta
« causa, necessariamente o nosso voto não pertencerá ao pri-
« meiro ». [1]

Trouxeram os colonizadores para o Brazil levas sem conta de pretos, oriundos das costas de Guiné, Loanda, Moçambique e outras. Elementos heterogeneos, os negros pouco se harmonizavam entre si: « Aqui se vê o negro de Moçambique desprezar o do Congo », escreve Ferdinand Denis [2], « acolá o habitante de Mina zombar do Koromantim ». Fóra do curioso parentesco dos

---

1 Op. cit., p. 380.

2 Hist. do Brazil, ed. port., p. 210.

malungos [1], não os unia sinão um vinculo, a religião dos seus paes. Guardavam-lhes o fetichismo, as cabalas e as superstições, a polygamia e a incontinencia luxuriosa de costumes. O Christianismo que os escravizadores lhes impunham, não ganhava os corações. « Ao chegarem da Africa os negros que não foram ba-« ptizados em Angola, em Moçambique, etc., o são ao desembar-« carem no Brazil; mas, isto não passa de uma formalidade, pois, « não se lhes dá instrucção alguma ». [2]

O estudo da religiosidade de nossos Africanos afigura-se-nos de grande alcance. Eis por que:

1.º Trata-se de um caso mui curioso do phenomenismo religioso: a interferencia de uma crença inferior se aclimata e continúa a viver em meio christão. Não que se possa vêr nisto a absorvencia da religião mais forte pela mais fráca, o que seria uma flagrante *contradictio*, pois que basta o poder de absorpção para fazer o fetichismo mais fraco do que o Christianismo. E' apenas a coexistencia de um elemento parasitario em culto romano.

2.º Estamos em presença de um exemplo de applicação da grande lei de *adaptação ao meio*, e da *selecção natural da lucta pela vida.*

E, como a plasticidade de um ser é a sua melhor defesa contra os obstaculos do ambiente, o fetichismo brazileiro tem pedido de emprestimo ao Catholicismo [3].

A amalgama das duas religiões não é menos accentuada aqui do que, *verbi gratia,* nas Goyanas, onde os *Boxhs* conciliam os seus *gadús* com a crença no *bom Deus que creou as plantas, os homens e os simios, de quem a mulher é Maria e o filho Yest-Kist.*

Para ficar, todavia, nos moldes da verdade urge distinguir quatro categorias de pessoas ou quatro *mentalidades* differentes.

---

1 « Il s'établit une espèce de parenté entre les esclaves qui sont venus sur le « même navire; ils se nomment *malungos:* c'est un nom très estimé parmi eux ». (Koster, p. 357, t. II).

2 Tollenare, Notas dominicaes, p. 79

3 « Seus costumes nacionaes aqui modificados, segundo as exigencias do meio». Mello Moraes, p. 381.

Uns ha que idolatram exclusivamente os *Manipanços*, fanaticos pôdres de superstição, sem sympathia alguma pela religião de Christo.

Apenas pela hypocrisia se differenciam desses primeiros os negros que, envoltos no manto do Catholicismo, teem o coração fanatizado pela idolatria.

Outros ha que, catholicos fervorosos embora e devotos da Virgem Maria e dos demais santos do Paraizo, não se privam por isso, como fetichistas empedernidos, das nojentas práticas dos *candomblés*.

Emfim, a quarta categoria abrange a classe dos brancos ignorantes, que se deixaram contaminar de superstições negras.

Desses trataremos na segunda parte de nossa memoria.

3.º O conhecimento do nosso fetichismo será de grande auxilio para os *africanistas*. De facto, o confronto de dois seres identicos evoluindo em meios distinctos, conduz sempre a conclusões em extremo interessantes. Já vimos que as crendices dos negros no Brazil foram trazidas do continente africano. *Toto cœlo* se engana Maurice Rugendas (p. 28) ao escrever: « On s'étonnera peut-être de retrouver chez les nègres du Brésil si peu de traces des idées réligieuses et des usages qui régnent dans leur patrie ». Si o apreciado escriptor fosse vivo, convidal-o-hiamos para uma simples visita ao Asylo de Mendicidade na Bahia: facilmente se convenceria de que a civilização não conseguiu de todo abafar o fetichismo entre os escravos.

4.º Emfim, o que sobremaneira realça o merito das pesquizas sobre o *folk-lore* africano, é a extrema difficuldade que se defronta ao observador da religião negra. Simples em si o trabalho, assume incalculavel complexidade devido a circumstancias peculiarissimas. Antes de tudo releva recordar que o cerebro africano é, por sua origem biologica, tosco e inferior, vago e incoherente. Nos dominios dessas intelligencias obtusas reina, em materia religiosa, um cháos de idéas. Individuos ha que apenas conhecem o *Orixala*, e estropiam a cada passo os nomes dos pretensos « santos », que emtanto adoram. E' mister interrogar centenas de crentes para extrahir uma restea de luz desse mar de

treva. Além disso, o Africano apparece desconfiado ante o homem culto. Por isso, nem de leve se póde crêr em seus assertos.

Não podendo oppôr o silencio em descaminho de nossas pesquizas, valem-se do embuste. Para elles, a desconfiança é mãe da segurança; pelo que cuidadosamente occultam seus *Manipanços*, e vedam aos profanos o ingresso em seus *Pejis* (sanctuarios) e celebram seus *candomblés* nos terreiros isolados e inacessiveis aos menos iniciados. Perguntados ácerca de suas crendices, não raro se furtam por meio de respostas evasivas e ambgiuas. O unico meio de se lhes desvendar os segredos — é o dinheiro.

Por cumulo do embaraço, a escravidão não conseguiu sinão exasperar essa prevenção. Os senhores de escravos, no tempo do captiveiro, embora professassem o Catholicismo, não obstante praticavam toda sorte de tropelias — pelo que os sobreviventes da escravidão só possuem palavras de maldição contra essa abominavel era. Esses tambem tiveram o seu quinhão de responsabilidade com a pratica dos seus sortilegios, com que amedrontavam, posto que sem razão, os supersticiosos portuguezes. Além disso, os batuques e *candomblés*, demasiadamente frequentes, obstavam a regularidade dos trabalhos. Repetidas vezes, tambem, as sessões religiosas degeneravam em verdadeiras orgias tumultuarias, razão por que a policia feroz e inexoravelmente perseguia então os bruxos pretos. Hoje em dia, verdade é que os poderes publicos toleram o fetichismo, como fazem vista grossa sobre immoralissimas sessões espiritas e as torpes catervas de sordidas cartomantes. Mas a tristeza dos tempos idos é ainda bem viva em nossa memoria. Os sortilegios, aliás soem cercar-se de mysterios e de silencio; o arcano e as trevas emprestam-lhes o necessario prestigio para seduzir os tristes credulos, nossos contemporaneos.

CAPITULO I

THEOLOGIA FETICHISTA

Em conjuncto, a crença dos negros não é outra cousa mais que um polytheismo grosseiro amalgamando-se com o fetichismo, o animismo, a litholatria e polylatria.

Nessa babel desordenada, a theodicéa é a unica parte que encerra certa clareza; a restante, isto é, a eschatologia, anthropologia e a cosmologia são mui nebulosas.

Encetemos, portanto, desde já a descripção do Olympo negro.

Theodicéa — No tocante á divindade, imaginaram os Africanos uma concepção, simples arremedo do governo dos povos. No Olympo negro, assim como numa côrte real, achamos um soberano — *Olorun*, cercado de ministros e fidalgos, representados pelos *Orichas* ou *santos*. Todos esses numes havemos de estudal-os isoladamente. Antes, porém, de debuxarmos as feições de cada uma das divindades alludidas, faz-se mister prenotar a significação e o valor dos *Manipanços* e dos demais symbolos. Ninguem ignora que os *Orichas* são figurados geralmente como idolos.

Os sentimentos e as crenças religiosas formam para os negros, como para as outras raças, o thema obrigatorio das manifestações primitivas da cultura artistica. Os deuses e o culto são os motivos mais valiosos, as fontes de inspiração por excellencia para os seus rudes cortezãos.

Quanto ao genuino significado desses seres informes, melhor não se póde dissertar do que Nina Rodrigues: « Não são idolos, « como se poderia acreditar á primeira vista, diz elle, como o « suppõe o vulgo, como o teem affirmado scientistas e missiona- « rios que se deixam guiar pelas apparencias e exterioridades.

« Os negros da costa dos Escravos, sejam os de lingua yorubana
« ou nagô, sejam os de lingua gêge, tshi ou gá, não são idolatras.
« Entraram em uma phase muito curiosa de animismo, em que as
« suas divindades já partilham as qualidades anthropomorphicas
« das divindades polytheistas, mas ainda conservam as fórmas
« exteriores do fetichismo primitivo. *Changô*, por exemplo, o
« deus do trovão, é certemente um homem-deus encarnado, mas
« que para se revelar aos mortaes frequentemente reveste ainda
« a fórma fetichista do meteorolitho.» [1]

Fig. 1 — Grupo de oito figuras do culto Gege-Nagô

(Na numeração adoptada no texto, as figuras ou peças são contadas da esquerda para a direita)

1. Idolo de madeira vindo da Africa para a Bahia, pouco significativo. — 2. *Ochê* de Changô, sacerdote possuido de Changô. — 3. Filho de santo dançando, attitude meio agachada de um dos passos da dança. — 4. Idolo de bronze. — 5. Feiticeiro, quando possuido do Oricha Yomanja. — 6. Sacerdotiza possuida do *oricha* Ochum. — 7. Filha do santo. — 8. Mulher possuida de Changô. — 9. Armas de Changô. — 10. Ventarola de *cawries* de *Ochum*. — 11. Cauda de vacca do *babalao*.

---

1 *Kosmos*, agosto, 1904.

Olorung ou *Olorun*, o deus supremo, occupa o fastigio do solio ethereo. E' conhecido no Rio de Janeiro sob o designativo de *Oricha-alun*. *Olorun*, na lingua nago significa « senhor » ; é a palavra *Oluwa* que designa « deus ». E' o *Maú* do Dahomey ; como esse ultimo não recebe culto algum, adoração alguma. Aqui pouco se falla delle.[1] No Dahomey o unico culto que se lhe presta é pronunciar-lhe o nome em vão o mais possivel : *Maú dolo lo* (em fongbé : « si Deus quizer »), *Maú zo o* (« oxalá »).

Olorun é creador de todos os seres. Como o *Niankupon* dos « Ojés », é identificado com a abobada celeste (*sorro*). Si perguntarmos a um Africano : « Meu tio, conhece Olorun ? », elle responderá indicando o firmamento. O Jupiter de Guiné não possue emblemas, nem imagens, nem victos sagrados.

Emfim a presença de Olorun no fetichismo brazileiro levanta duas perguntas embaraçosas, a saber : 1.ª Será esse nume uma importação estrangeira ? 2.ª Qual a origem do personagem similar que paira, quasi por toda parte, no fetichismo africano ?

Quanto á primeira, indicios numerosos militam pela hypothese da derivação estrangeira. Muitos filhos de ilotas, com effeito, de todo ignoram o enigmatico deus. Mais de uma vez, ao indagar sobre o mysterioso « oluwa », recebe-se a resposta « não o conheço ». Ora, será isso mera ignorancia ? E' possivel conceber o esquecimento da principal divindade duma religião ?

Parece portanto que *Olorun* seja um intruso musulmano no Olympo negro. E esse parecer se torna mais plausivel pelo facto que Joruba é um centro musulmano; que a Bahia possuiu os seus *Malés* e que, nessa mesma cidade do Salvador, existe um açougue na rua Baixa dos Sapateiros com a seguinte inscripção, que não é sinão um aphorismo nitidamente musulmano :

« *Ko si oba kan afi Olorun* »
(Não ha rei como Olorun).

Mas tudo bem examinado e ponderado, a hypohese do influxo estrangeiro collide com a existencia de um Ente Supremo

---

1 O mesmo se dá com o deus *Naun* dos *Ankwés* (Norte da Nigeria), que é menos adorado do que os fetiches.

nos demais cultos fetichistas. Sob diversos vocabulos encontramos o Sosias de Olorum em todos os cantos da Africa: *Mulungú* entre os Wanguidos e Mukeras, *Nyampi* entre os Barotses, *Huco* entre os Banhumbi, *Nzame* ou *Agnam* entre os Fans do Congo, *Zanahary* entre os Antankares de Madagascar, etc.

Não será isso um *confirmatur* do monotheismo primitivo? Talvez; mórmente si verificarmos que os Zulús, appelidados por menosprezo *Cafres* (em arabe, *kefir*, infiel), posto que mui supersticiosos, não teem nem idolo, nem fetiche; sómente acreditam em *Veligangi*.

Máo grado esses factos, no estado actual da sciencia, não é licito dirimir a questão. Carecemos ainda de muitos outros dados mais precisos sobre o homem prehistorico, os Amerindios e a evolução dos primitivos. Não se póde resolver o problema de momento, sob pena de architectar falsas e arriscadas theorias.

Passemos agora ás divindades da segunda plana, isto é, aos *Orichas* e *Vodus*.

São santos ou espiritos muito de perto relacionados com os mortaes. Mas nem todos lhes são propicios; uns ha mesmo, como *Esu*, damninhos e perversos.

Cada *Oricha*, nos sacrificios, exige seu victo predilecto. Cada qual tem seu emblema caracteristico, seu fetiche em que se corporifica ou revela. Todos emfim são venerados por *irmandades* especiaes, cujos membros trajam vestes de certa côr, em dias consagrados. Na Bahia, com effeito, é sediço encontrar-se negras de saia branca ás sextas-feiras, saia preta ás quartas-feiras, vermelha ás quintas-feiras, etc.

A lista desses Orichas é infindavel. Não nos sendo exequivel dar aqui uma nomenclatura completa, mencionaremos apenas os principaes delles, no seguinte quadro comparativo:

OLORUN

Nomes dos Orisas	Côr exigida pelo deus	Fetiches	Oges ou Victos sagrados	Identificações com o Christianismo
1 — *Obatala*, M. ou MF.	Branco	Conchas, limão verde, circulos de chumbo, collares de missangas	Não come na Bahia, come o acaçá na Africa	N. Senhor de Bom Fim, na Bahia; S.ta Barbara, no Rio de Janeiro
2 — *Esú*, M.	(Não tem)	Cômoro de cupim, barro.	Come tudo, mas prefere o cabrito	O Demonio
3 — *Chango*, M. . . .	Encarnado, encarnado e branco	Pedras de silex; os *ahis*; perolas brancas e vermelhas	O *opelé*, o *amalâ*, o cordeiro, o gallo	Santa Barbara, na Bahia
4 — *Jansan*, F.. . . .	—	Remo	—	—
5 — *Ochun*, F.	Azul	As lagoas, perolas vermelhas	Come tudo, mas prefere o feijão e cebolas	—
6 — *Ochun-Manrê*, MF.	—	O arco-iris	O milho	—
7 — *Yomanja*, F.. . . .	—	O mar	O milho	N. Senhora do Rosario
8 — *Ogún*, M..	Amarello	O ferro, os braceletes de ferro	O cordeiro	S. Jorge, no Rio de Janeiro e S. Antonio, na Bahia
9 — *Saponam*, M. . .	—	Vassoura de piassava, braceletes de cocos	O gugurú	O S. Sacramento
10 — *Dadâ*, F..	—	Conchas, perolas azues	—	—
11 — *Osa-Osê*, F. . . .	—	Arco e flecha	—	S. Jorge, na Bahia
12 — *Irocó*, MF.. . . .	—	O passaro Irocó	O acaçá	—
13 — *Oricha-Ifa*, M.. .	—	Ifá (palmeira)	—	—
14 — *Osu-Guinam*, M..	—	—	—	—
15 — *Gunocô*, M.. . . .	—	—	—	—
16 — *Orainha*. . . .	—	—	—	—

OBSERVAÇÕES: — M. — macho; F. — femea; MF. — hermaphrodita.

Que são os *Orichas?* Serão espiritos creados pelo *Olorun* Supremo, ou antes não passarão de lemures ou phantasmas humanos?

A essa pergunta os proprios negros não acham resposta categorica. Muitos ha que outorgam aos *santos* autonomia absoluta; a mór parte, porém, não dá solução a essa incognita. Uma *tia* centenaria, na sua geringonça detestavel, declarou-nos de uma feita, convencidamente: « *Para saber si Olorun é mais que os santos é preciso ser deus.* »

Cumpre não identificar os *Orichas* com os fetiches que lhes servem de tabernaculo; os espiritos teem por si existencia real e independente. Isso, emtanto, não os impede de ter por séde os objectos que lhes são consagrados. Em taes casos são os sacerdotes africanos que gozam do poder de *fixar* um *Orisa* numa peça material. São esses, a traços fugitivos, os caracteres communs a todos Orisas.

Havemos agora de percorrer o firmamento fetichista para descrever as feições de seus mais notaveis incolas.

No Dahomey apenas são assignaladas tres divindades de primeiro grau: *Obatala*, *Odudua* e *Ila*; e tres de segundo: *Changô*, *Olokun*, *Oloraf*. Na prolifica patria brazileira, porém, o pantheon negro avolumou-se consideravelmente para dar abrigo a um sem numero de deuses ficticios.

PRIMEIRO ORICHA — *Orichala* é seu nome; chamam-no igualmente *Obatala*. Na sua canicia de veneravel ancião, é o mais idoso de todos os celicolas. Divindade hermaphrodita (ou simplesmente viril, consoante os pareceres), personifica a pujança geradora da natureza; e os seus devotados concordam em representál-a, ora sob o symbolo de conchas ou *cawries*, ora encarnada no limo da terra ou em aros de chumbo [1]. E' mui frequente, nas ruas da Bahia, por exemplo, andarem mulheres com braceletes

[1] « Il faut croire que cet ensemble répresente ou symbolise : la richesse par « les cawris qui est la monnaie des africains, la fertilité de la terre par le limon, et « les applications industrielles du métal par le cercle de plomb ». NINA RODRIGUES, *L'animisme*..., etc.

de chumbo, sendo que não raro, essas joias de superstição affectam a fórma de uma serpente.

Os Africanos da nação *Tapa* prestam-lhe peculiarissimo culto: Nos dias votivos de festa, todos os bons fieis de *Obatala* não se esquecem de ostentar trajos brancos, sem mistura de encarnado nem de preto.

Na Bahia (quem tal diria?) *Orixala* é identificado sem mais nem menos com *Nosso Senhor do Bom-Fim.*

Como todos sabem, o referido sanctuario, enfeitado com um sem numero de « ex-votos », goza da maxima celebridade, e é por isso incessantemente visitado por pressurosos romeiros. No Rio de Janeiro, comtudo, *Obatala* é assimilado á Santa Barbara.

Releva ainda notar que, por vezes, *Obatala* é tido por filho pulcherrimo de *Olorun* e recebe as attribuições do Creador do mundo. Pelo Norte do paiz, *Orichala* é submettido ao regimen de dieta pura e simples. Porém, os que guardaram genuinamente as tradições africanas, protestam vehementemente contra essas innovações sacrilegas. « Qué! — dizem elles — não terá *Orichala* uma bocca? ».

SEGUNDO ORICHA — E' um espirito malfazejo e asqueroso. Varios epithetos servem a designál-o: *Esú* ou *Echú*, *Oricha-Echú*, *Ogun-bara*, *Eleg-bara*. Em nada propicio aos mortaes, esse demonio terrivel anda sempre atrás das portas ou vagueia pelas ruas, cravando nos homens os seus torvos olhos. Nos *pejis*, o fetiche d'*Echu* encontra-se inevitavelmente por detrás da porta.

O marmanjo, pelo que referem, está prestes a auxiliar todo parceiro seu que pretenda perseguir os mortaes. Nessas condições os negros não podiam ter delle sinão o maximo pavor.

No Gabão, entre os Fans, o synonimo de *Esú* é *Beri*, cuja estatua é disforme e torpe; e no Adjara é *Vodur-Miton.*

— « Minha tia, perguntavamos a uma preta, *Esú* é malevolo, não é?

— « Não é tão perverso.

— « Póde, comtudo, matál-a, si tiver o arrojo de bulir com elle.

— « Sim; mas eu tenho a consciencia socegada.

Não sabendo como haver-se, os negros, com todo sacrificio,

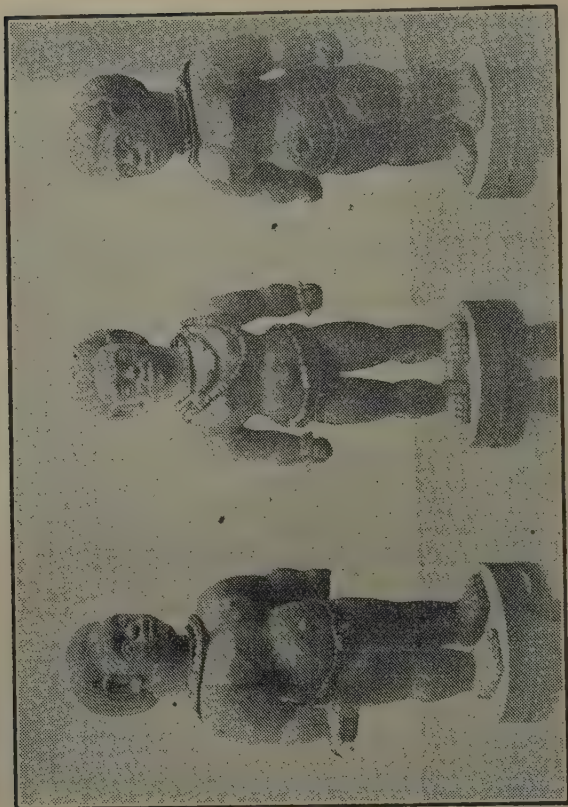



Fig. II — Manipanços representando tres *filhos de santos*.
(Museu Nacional do Rio de Janeiro).

offerecem o primeiro prato ao Satanaz preto. Sómente assim conseguem occupar o rapagão matreiro que, sem essa precaução, poderia perturbar as ceremonias. *Esú* é invocado sob diversas denominações, mórmente sob as de *Esú-bara* e de *Esú-Ogun.* O primeiro é figurado ora pelos comoros e cupins, ora por uma cabeça feita de barro amassado com sangue de ave, azeite de dendê e mais uma infusão de plantas sagradas [1].

---

1 Entre os Ibos do Niger, o *Adjo-Obí*, «máo coração», é igualmente figurado pelos comoros de terra, pelas pedras, conchas, etc.

Esú, na estatuaria africana, é representado por dois fetiches, uma mulher que traz offertas numa cabaça e um outro adorador que toca uma gaita. Os attributos phallicos do nosso *Oricha* não nos permittem dar aqui a photographia de certas peças curiosas.

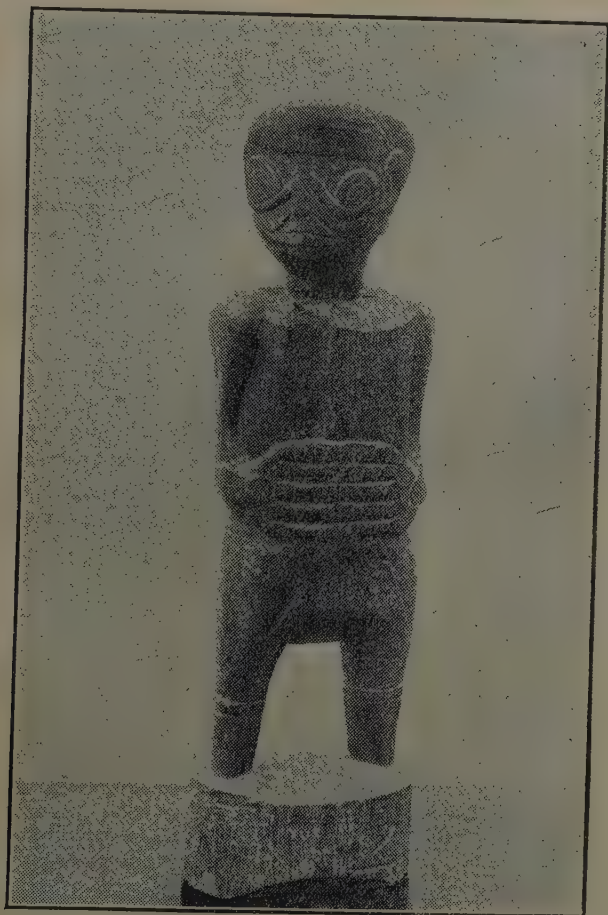



Fig. III — Hedionda imagem de *Esú*
(Este corpo informe faz parte da collecção do Museu Nacional)

O nosso interessante demonio é falto de irmandade; não lhe pertence, portanto, côr particular.

Possue, de facto, um estomago que digere tudo. Voraz como é, e gastronomo de condição, tudo devora, excepto carne de homem ou de cão. [1] E' grande apreciador de carneiro e frangões; mas a seu paladar depravado, não vão bem sinão iguarias acres e mal guizadas.

TERCEIRO ORICHA — E' o lampejante *Sangô* ou *Changô*. E' o deus do trovão, chamado por isso mesmo *Dzakuta* (que significa em nago «lançador de pedras»). Os Romanos dos tempos idos, como é sabido, suppunham tambem que o *pater Jupiter,* quando irado, disparava settas e lançava raios.

Ha quem outorgue uma origem ephemerica a esse *oricha;* mas Nina Rodrigues acertadamente rejeita essa hypothese. Melhor seria recorrer ao apophtegma de Lucrecio:

«Primos in orbe deos fecit timor».

Embora não se deva apontar o medo como unica fonte e origem da religião, porque o instincto psychologico que divinizou as forças da Natureza precedeu inquestionavelmente a toda manifestação religiosa, não ha negar, no emtanto, que os primitivos foram levados a adorar as grandes forças do Universo.

Em todo caso as pederneiras [2] são tidas como symbolos do nosso temivel *Changô;* e, a esse titulo, são adoradas. Nos *terreiros* encontra-se, por vezes, esculpida em madeira a imagem do Tro-

---

1 O cão é, entre os negros, um *tabú*, porque é *totem*.

2 Os Ibos do Niger tributam culto a uma pedra, *Onitscha-Ro-Odû*, que, ao surgir um perigo, se metamorphosêa em mulher protectora, chamada *Amyari*.

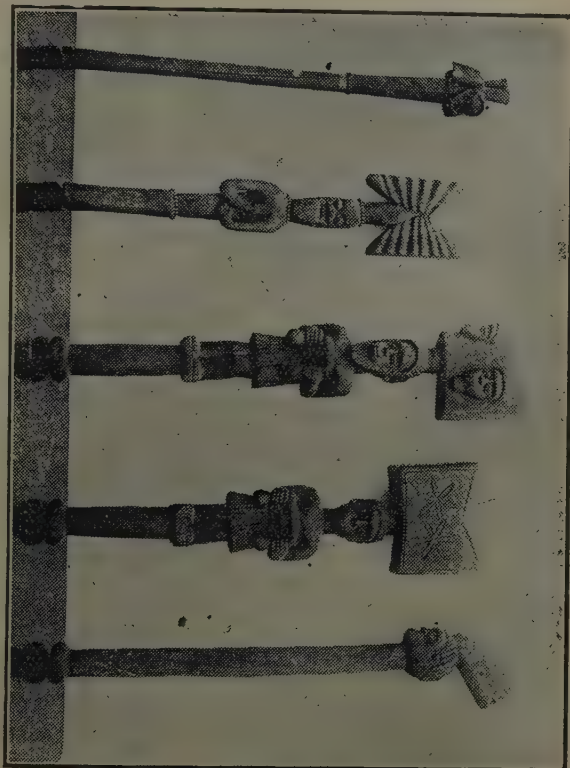
Entre os Fans do Gabão, um molho de lenha faz ás vezes de venera do raio.

Os Kanaks da Nova-Caledonia tinham igualmente fetiches litholatricos.

O uso das pedras sagradas se apoiou nos aerolithos e na lenda das flechas do deus trovão. Frequentes vezes consideravam-nas como tabernaculos da divindade, *betulos*. Um sem numero de numes eram symbolizados como de rochas quadradas e conicas: taes eram as d'Elagabal em Emesa, de Manah e Dysarés na Arabia, etc. A fórma conica figurava o elemento macho; a cubica, a femea. Cf. CAMBRY, *Monuments celtiques*.

voador — um sacerdote trajando as insignias do nosso Deus, tendo na dextra um machado de silex.

Outrosim são mui conhecidos os *ochês* que representam os iniciados em cuja cabeça penetra *Changô*. Cumpre ainda, entre os emblemas do Jupiter negro, citar o avental encarnado.

Fig. IV — Varios *Ochês* de *Changô*, photographados no Museu Nacional do Rio de Janeiro

Os membros da *Ordem-Terceira de Changô* devem trajar vestes vermelhas, pois essa côr é de natureza a lembrar o relampago.

Na mesa, *Changô* exige manjares delicados. De bom gosto se alimenta com o *amala*, sorte de polme preparado com inhame ou feijão. Entre as carnes, o *oricha* rubro prefere inquestionavelmente, como ficou dito, o carneiro, os frangos e, acima de tudo,

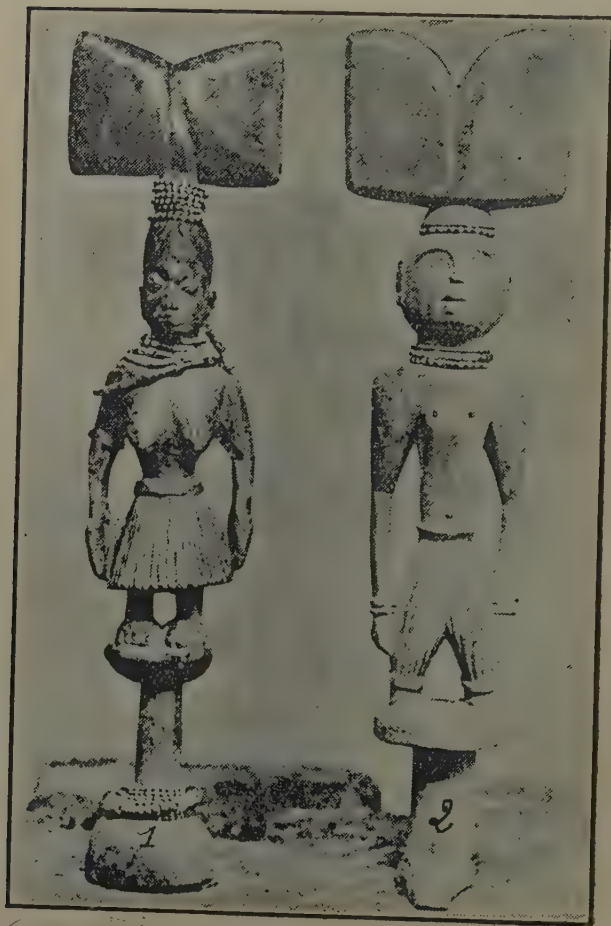



Fig. V — Dois *Ochês* de *Changô*, achados na Bahia

N.º 1 — Uma mulher negra adornada com as missangas caracteristicas do deus trovão.
N.º 2 — Um negro.

Note-se-lhes a desproporção no comprimento dos braços, mui peculiar á raça negra.

o *jabuty* [1]—parco alimento, na verdade. Da massa feita com a carapaça e o sangue desse reptil se constitue o sacrificio conhecido pelo nome de *opelé*. Os Africanos apreciam muito a carne do jabuty; e, o de casca avermelhada, é preferido aos demais chelonios nos sacrificios da divindade rutilante.

Fig. VI — Ventarola de *Ochun*
Disco de zinco cercado de missangas e cawries. (Museu Nacional do Rio de Janeiro).

A venera de *Changô* é uma xorca de perolas ou missangas vermelhas e pretas. Num desses braceletes verificamos a presença de um botão de ouro (?). Asseveram-nos ser isso *Nosso Senhor de ouro*. *Qui potest capere, capiat...*

---

1 Vocabulo tupy que designa uma especie de tartaruga.

QUARTO ORICHA — E' o nume dos ventos, *Yansan:* uma deusa que é tida por mulher do terrivel *Changô.*

Por via de regra é symbolisada por um remo nas mãos de uma moça.

Si, no Brazil, essa mulher aerea esposou *Changô,* é indubitavelmente por causa dos liames que unem os ventos, a chuva e os coriscos.

Mas porque no Dahomey esse espirito dos ventos é substituido por *Ochun?* Provavelmente por ter *Changô* o seu modesto harem: isto é tanto mais plausivel que os Africanos são polygamos e mui assiduos ao gyneceo.

A base da alimentação de *Yansan* se compõe de preferencia de frangões.

QUINTO ORICHA — E' um personagem aquatico: *Osun* ou *Ochun,* o genio dos rios, charcos e lagôas. E' a *mãe d'agua,* similhante em todo ponto ao *Zar* dos Ethiopes.

As mulheres se affeiçoam de modo particular a essa nayade africana; existem até matronas que não reconhecem sinão ella.

Lubrica em extremo, pertence simultaneamente a dois maridos, *Changô* e *Saponam.* Faminta, por natureza, seu instincto voraz facilmente se accomoda com qualquer alimento. Para captivál-a no emtanto, é necessario offertar-lhe feijão e cebolas com azeite de dendê. Na época da sua festa annual, chusmas numerosas de nescios devotos lançam n'agua alimentos e dinheiro, prática essa de que nos valeremos para explicar uma outra.

Entre Casa Nova e Sant'Anna do Sobrado, sobre o rio S. Francisco, ha no alto de um outeiro uma capella dedicada a S. Antonio. Os fieis, ao envez de depositar suas offertas no interior da igreja, estolidamente deitam-nas ao rio. Isso evidentemente é um vestigio dos sacrificios a *Ochun.*

O fetiche da deusa aquatica é uma ventarola de *cawries.* Entre os Ibos do Niger, porém, o *Ili-Oku* é representado por uma figurinha de barro.

SEXTO ORICHA — E' *Ochun-Manré,* isto é, o arco-iris. O seu nome no Dahomey, é *Aïdowedo.* Esse *oricha,* para beber, principia

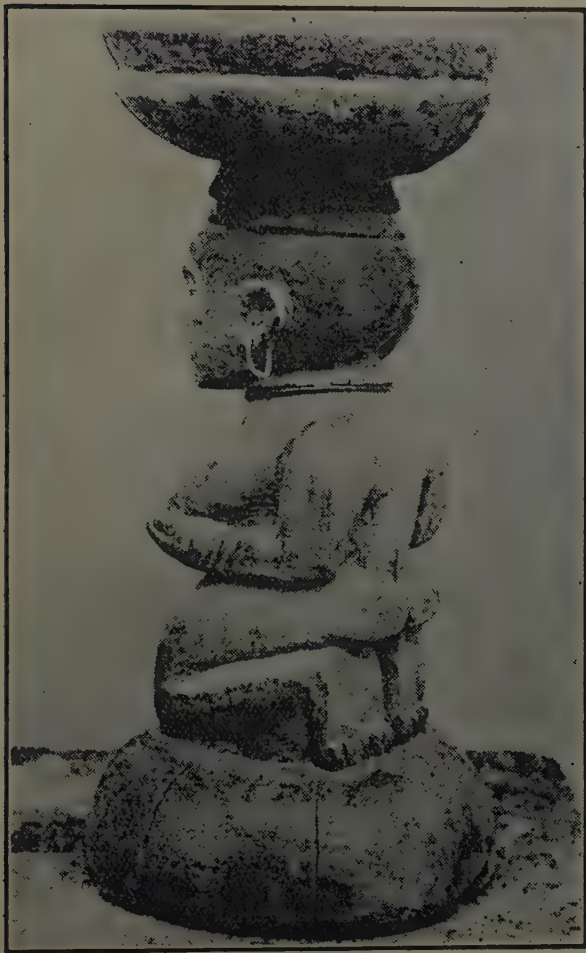



Fig. VII — Oricha *Yomanja*, Bahia

Throno ou banco destinado ao sacerdote ou feiticeiro quando possuido do oricha *Yomanja*. Note-se o comprimento das mãos abertas para conter e levantar os volumosos e turgidos seios da *santa*.

por esteiar o rabo em terra, e em seguida mergulha a cabeça n'agua; e, dest'arte, deixa apparecer o corpo sómente.

Na costa de Guiné é a cobra *Dangbé*, (*dan*, cobra; *gbé*, vida) que lhe é consagrada, na qualidade de mensageira de *Aïdowedo* nos templos d'*Ouidah*.

Ochun-Manré accumula ambos os sexos e nutre-se como os seus irmãos *Saponam* e *Ogun*.

SETIMO ORICHA — *Yemanja, Yemanje, Yomanja* ou *Yemanja-Ogun*, é uma verdadeira prostituta disputada por tres maridos que a enchem de carinhos e afagos, a saber: *Changô, Saponam* e *Ogun*.

E' a deusa sereia que escolheu para palacio os vastos mares, e se alimenta especialmente de milho e azeite de dendê. As libações em sua honra devem ser feitas no mar.

A proposito dessa divindade negra, occorre-nos esboçar agora um quadro de mythologia contemporanea. Duas vezes no anno, com effeito, assiste-se ainda hoje na Bahia a uma scena curiosissima: Queremos fallar da celebre festa da *Mãe d'agua*.

Em ponto mui proximo do Arsenal de Marinha, vêem-se canôas e outras embarcações que aguardam a hora da sahida. Os negros affluem por todos os lados. Ao signal dado, todos os veleiros procuram o largo, acompanhando-os o som do ruidoso batuque.

Ao enfrentarem a barra, os devotos viram para as ondas bojudas bilhas de offertas. E depois de tragar fortes dóses de cachaça, os festeiros, em procissão, voltam na mesma desordem.

OITAVO ORICHA — E' o terrivel *Ogun*, deus da guerra, cujo symbolo é uma haste de ferro ou uma espada.

Não é simples *Marte*, nem mero *Odin*; é ainda o deus das desavenças, o protector das vinganças. Pelo que, após um crime ou ajuste de contas, offerecem-lhe *ex-votos*, collocando sobre um offertorio, chamado *pedra d'Ogun*, ora uma faca, ora o proprio instrumento do crime.

Nos *Pejis* a venera d'*Ogun* é um pandeiro bordado, certamente para lembrar a guerra. No Gabão, uma clava tinta de vermelho, um craneo e um tibia servem-lhe de fetiches.

Os membros da *irmandade* do Marte africano devem-se munir de braceletes de ferro e não desdenhar a primazia da côr amarella nos seus trajos. Por causa dos seus instinctos bellicosos, *Ogun* é confundido, no Rio de Janeiro, com S. Jorge, o ovante guerreiro da tradição popular.

Fig. VIII — Cofre de *Yêmanjá* (face posterior). — Bahia

NONO ORICHA — A variola alastra impiedosamente e espalha o terror entre os negros; e elles, na sua bactereologia atrazada, divinizam a terrivel doença, attribuindo-a a um espirito que adoram e procuram applacar por praticas pueris. *Saponam* ou *Sapa-*

nam, *Afoman*, *Omonolú*, *Wari-Warú* e *Abaluaié* (no Rio de Janeiro), são os seus diversos epithetos.

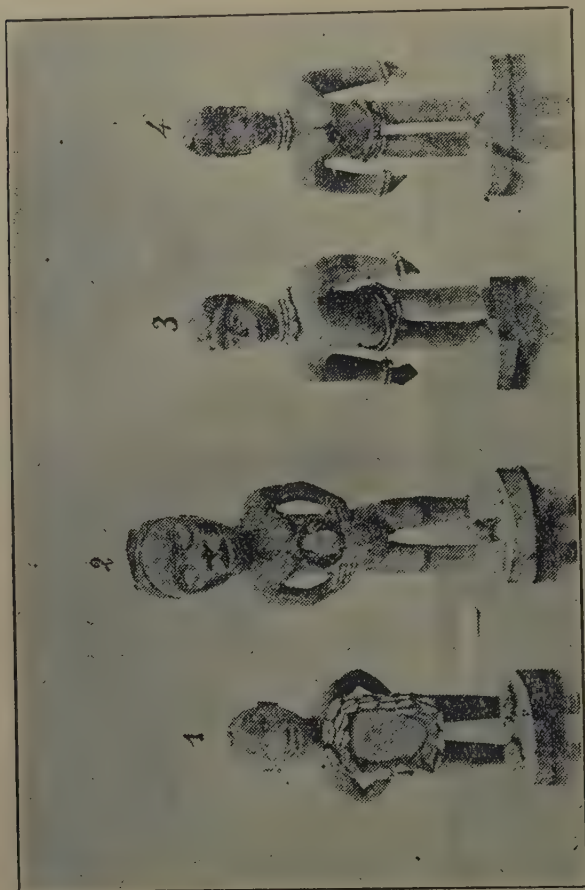
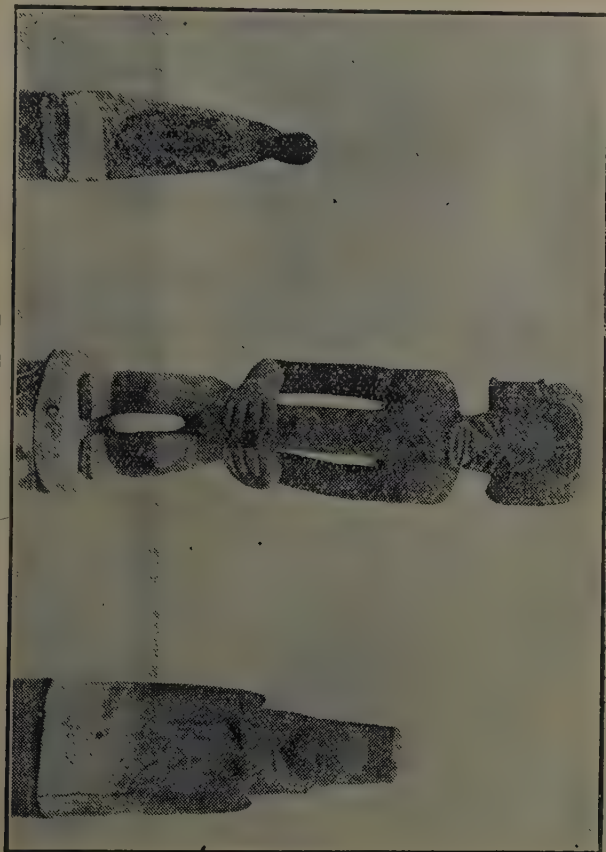



Fig. IX — Grupo, encontrado no Museu Nacional, onde se acha sob a fig. 1, a caçapa *Dadá*, com seu mortifero espelho

Esse mocetão é um *mimo* ou *santo* temivel e cruel; e não se deixa amansar sinão pela propria mãe, *Jyabayim*, que vem a ser a vaccina.

Na Capital Federal, *Saponam* é identificado, ignoramos por

que motivo, com o Santissimo Sacramento dos catholicos. Seja talvez porque, durante as epidemias, soem expôr o corpo de Deus; seja que a idéa da custodia gerasse essa associação. O idolo, com effeito, ou fetiche de *Saponam* é uma vassoura de piassava enfeitada de missangas.

Fig. X. — Tres *Manipanços*

Descrevendo-nos o temperamento do Oricha epidemico, assevera-nos um octogenario convicto: « *Saponam* vive calado. Mas, ai daquelle que o desrespeita! Elle mata. »

Saponam, tão temido, não podia deixar de receber innumeras offertas. Engordando no meio da fartura, de feijão com azeite de dendê e de *gugurú*, [1] faz seu almoço, sem contar os cabritos.

Não podemos aqui omittir um facto que comnosco occorreu na Bahia. Fomos um dia procurado por um sacerdote que nos apresentou uma negra, que lhe encommendára uma missa em louvor de São... *Saponam!* E o reverendo nada entendia desse mysterio...

Interrogamos então a devota, que nos respondeu mais ou menos do modo seguinte: « Moro em Nazareth. Meu filho, ha pouco, morreu de variola e rezei muito por elle. Mas *Saponam* está irritadissimo commigo. Tenho medo, porque a doença está grassando. Hontem *Saponam*, em sonho, ordenou-me que fizesse celebrar uma missa por um padre catholico ».

Deante de testemunhos desse jaez, não é licito duvidar da permanencia do fetichismo entre os negros do Brazil.

DECIMO ORICHA — Fallemos um pouco de *Dadá*, a idosa avó de todos os *mimos*.

No Rio do Janeiro é invisivel, e, portanto, não possue fetiches. Mas, na Bahia, representam-na por meio de uma abobora, coberta completamente de um tecido de missangas e cravada de varios espelhos que prognosticam a morte aos que não conseguem mirar-se perfeitamente nelles. Entre os Ibos do Niger tambem, o espirito *Oriouyé* é figurado por uma porção de barro de fórma conica e gozando da propriedade de ceifar as vidas humanas. Com attribuições desta natureza *Dadá* não podia deixar de ser a deusa tutelar das vinganças.

UNDECIMO ORICHA — Padroeira dos caçadores e das prostitutas, é *Obá* ou *Osa-Osi*. Habil e andeja, a Diana de Guiné é o terror das brenhas.

Os seus symbolos são o arco e a flecha, além de um disco

---

1 O *gugurú*, que se encontra na Africa, Persia, Turquia e Palestina, é simplesmente o milho ou pipoca, do nosso povo.

Fig. XI. — *Oché de Sangô* ou *Changô* (Museu Nacional).
Uma mulher, de joelhos, contendo os turgidos seios, na posição erotico-religiosa.
A tatuagem é de tres riscos.

de ferro. Verdadeira barregã, offerece os seus serviços a todos os deuses machos.

DUODECIMO ORICHA — E' o frondoso *Irocó*, cujo nome se deriva de uma arvore, a gameleira (*irocó* em Nago), que lhe é consagrada. E' o mesmo que o *Ezrael* da Abyssinia.

Dizem ser um guloso de *acaçá* ou chorume de milho secco. Esse doce, chamado *eko* pelos Nagos, é commumente vendido nas ruas da Bahia.

DECIMO TERCEIRO ORICHA — Quem não conhece a predilecção dos Africanos pelo azeite de dendê (*Elais guineensis*)? Esse oleo que guiza os melhores pratos da cozinha bahiana, não podia ser esquecido pelos negros em suas religiosidades.

Ifá (dendezeiro) tem, pois, a sua divindade, *Oricha-Ifá*, que habita em todos os troncos bentos pelos feiticeiros.

Não é questão decidida si esse *mimo* é homem ou mulher.

DECIMO QUARTO ORICHA — Apenas é conhecido pelo nome de *Osuguinam*.

DECIMO QUINTO ORICHA — É o altaneiro e soberbo guerreiro *Gunoû*, o terrivel filho de *Obatalá*.

DECIMO SEXTO ORICHA — É a invisivel *Orainha*.

Em summa, debaixo de apparencias grosseiras e através dos personagens celestes creados pela imaginação, encontramos um principio de especulação religiosa e um polytheismo assaz complicado. Nada é para nos admirarmos. O fetichismo é simplesmente uma das tres fórmas do Omnideismo ou Paganismo, a saber: 1.º a *Idolatria*, ou culto de divindades personificadas em imagens; 2.º *Sabeismo*, ou adoração sem o intermedio dos emblemas; e 3.º emfim o *Fetichismo*, ou religião dos objectos symbolizados em deuses.

Mas o que por cima de tudo admira o investigador é a crença num Ser Supremo. Infelizmente, porém, não se sabe da relação exacta que une *Olorun* aos *Orichas*. Eis ahi porque, no estado actual da sciencia, não é possivel decidir si as crenças negras são um monotheismo corrompido, ou antes um heno-

Fig. XII. — *Oba* ou *Osa-Osi* lançando a sua frecha

theismo. Em todo o caso, não se trata de kathenotheismo, visto como são os espiritos nitidamente distinctos uns dos outros.

Por excesso, porém, não devemos levar o nosso espanto até outorgar aos nossos Africanos idéas espiritualistas. Si bem

*

Fig. XIII. — Sacrificio em honra de *Ogun*

sejam invisiveis, os *Orichas* não são de todo immaterializados, obedecendo ás solicitações physiologicas do appetite carnal que os transforma em glutões e voluptuosos.

Feticbes — Quando verdadeiros, os fetiches representam a séde dos espiritos ou são imantados pelo seu prestigio. Ao envez dos idolos que, ao menos theoricamente, não passam de meros symbolos, — são verdadeiras *theophanias*.

Mas ha dois generos de objectos prodigiosos: 1.º os fetiches templos ou habitaculos dos deuses, 2.º os fetiches gosando apenas de propriedades magicas.

Os da primeira classe são sanctificados pela presença real de um espirito. Mas só os sacerdotes *fetichizantes* possuem o privilegio de *fixar* um Oricha nesses objectos inertes, o que é levado a termo após repetidas carantonhas do celebrante feiticeiro e banhos de infusão de plantas sagradas.

O deus, comtudo, é por vezes recalcitrante; e si de facto não se furta á escravidão é por mera condescendencia, por isso que póde se manifestar com maior ou menor intensidade, e até mesmo retirar-se de todo, quando bem lhe convenha.

Ao tratarmos dos Orichas, já deixámos assignalados os respectivos fetiches. Escusado é nos repetirmos. Cumpre-nos apenas alludir ás representações desses deuses.

Não ha *peji* que não tenha os seus fetiches. O Museu Nacional da Capital Federal possue tambem muitos especimens. Quanto á significação desses objectos, julgamos algo absoluta a explicação dada pelo Dr. Nina Rodrigues:[1] «Não são idolos, diz elle, como se poderia acreditar á primeira vista, como o suppõe o vulgo, como o têm affirmado scientistas e missionarios que se deixam guiar pelas apparencias e exterioridades. São emblemas, enfeites, peças de uso ou utilidade pratica; cadeiras uns, altares outros.»

O pranteado professor bahiano não nos parece minuciosamente explicar o valor de todos esses fetiches; alguns ha que indiscutivelmente são idolos.

Muitos exemplares do Museu Nacional não podem ser tidos de outro modo.

CHARLES LETOURNEAU[2] traz-nos um novo *confirmatur*, refe-

---

1 *Kosmos*, agosto, 1904.

2 *La condition de la femme*, pag. 93.

rindo o seguinte facto: Entre Chou e Egga, sobre o Niger, muitas mulheres trazem sobre a cabeça figurinhas de madeira representando infantes, e consideradas como idolos dos filhos

Fig. XIV. — Culto de *Ochun*

fallecidos. Usam-nas as progenitoras em signal de luto, trazem-nas longo tempo comsigo, e não fazem suas refeições sem antes haver sacrificado em holocasto a esses symbolos.

O totemismo tem apenas papel secundario, na religião dos nossos africanos; limita-se a prestar culto a animaes ferozes, taes como o jacaré e as cobras; e a plantas uteis como a arvore *irocó* e a palmeira dendezeiro *(elaïs guineensis)*.

Esse totemismo foi-nos importado da Africa, como se deprehende do seguinte trecho de Nina Rodrigues: « Ao apoderar-« se de Caná e Abomey, capital do reino africano, que Behanzin « entregára ás chammas antes de abandonar, o general Dodds « poude salvar do incendio curiosos spécimens da esculptura « negra, que, por elle, foram enviados ao Museu Ethnografico do « Trocadero. Compunham-se essas reliquias de tres estatuas dos « ultimos reis dahomanos, duas portas do palacio real e um « throno regio. As estatuas talhadas numa peça inteiriça de « madeira muito dura, representam os reis em tamanho natu-« ral e sob as formas dos seus protectores totemicos: *Guêrô,* « com as pennas de um gallo; *Guêlêlê,* sob a forma de um ho-« mem-crocodilo; *Behanzin,* de um homem-leão. » [1]

Quanto á significação desses objectos, sem encararmos o arduo problema da actualidade, cumpre-nos, entretanto, dizer algo sobre elles. Os ethnographos, como se sabe, assignalam duas especies de totemismo: o primeiro, o parentesco artificial que o homem estabelece com o animal para assimilar-lhe as qualidades (força, agilidade, astucia, etc.); o segundo, sem outra serventia além da de discriminar as familias entre si. Entre os Betchouanas, por exemplo, os nomes das tribus são emprestados aos animaes, taes como peixes, jacarés e macacos. O animal escolhido torna-se *tabú,* pelo que se torna vedado matal-o e comel-o. [2]

Entre os nossos negros, *tabús* são o cão e a giboia. Ignora-se a existencia de outros.

Assignalamos já a serpente *Dang-bé* de Osun-Manrê, esse

---

1 *Kosmos*, agosto 1904.

2 Os *Antankares* de Madagascar abstêm-se de certos alimentos a que chamam *fady* (tabú), como carne de porco e gorduras.

Fig. XV. — Peça encontrad, num *Peji*

animal não é adorado pelos *Nagos* que desconhecem o culto dos ophidios, mas sim pelos *Gê-Gês*. Comtudo a adoração das cobras se generalizou na Africa; haja vista entre os Dinkas, os Betchouanas, Malgaches, etc.... No antigo Egypto venerava-se a vibora *haja* ou aspic; os reptis guardavam e escudavam os templos e os *nomos* ou provincias. Entre os *Fangs* do Gabão encontra-se o ophidio *Elangela,* [1] e entre os *Papús* da Nova-Guiné o *aurama.* [2]

No que respeita ao Brazil, rarissimos são os vestigios da tradição africana. Encontramos, no emtanto, umas referencias nas *Notas Dominicaes* (p. 107) de Tollenare: « Aguardando, es« crevia elle, informações mais completas direi que um individuo « *curado* é um fascinador de cobras. Toda a gente do engenho « viu o negro, de que fallo, cingir o corpo com um destes reptis « e fazel-o obedecer a todas as suas ordens. »

O jacaré, como entre os *Fangs,* é o mensageiro de *Ochum* no Dahomey; os Angolas, por seu turno, adoram o crocodilo sagrado *N'gandu.* E, no emtanto, aqui o totemismo sauriano não existe.

Entre os fetiches cumpre consignar as *caudas de vacca* dos *babalaos.*

Pouco desenvolvida tambem é a phytolatria. Nas Goyanas, os Boschs adoram o *ceiba,* e, por vezes, sacrificam ao *hiari,* arvore venenosa habitada por um demonio. Em Ouidah egualmente celebram-se festas na sombra de uma especie de *gossypium.* No Brazil o vegetal de predilecção é a gameleira considerada intangivel. Conta-se que do *Irocó* ferido pelo mangil jorram ondas de sangue; e, após profanação tal, o *Oricha-Irocó* abandona a planta.

Uma outra planta sagrada é a umbauba *(cecropia palmata),* e outra ainda, a que os negros offerecem sacrificios é o dendezeiro. [3]

---

1 Cf. *Missions catholiques,* 1898, p. 323.

2 Veja-se, sobre o culto das cobras, o importante artigo de Amélinlau na *Revue de l'Histoire des Religions,* maio-junho, 1905.

3 Os *Antankares* suspendem aos ramos de certos vegetaes pannos mosqueados e multicores; e, aos pés desses *totens,* depositam seixinhos e garrafas de vinho, de *tafia* e de *betsabetsa* (caldo fermentado de canna).

Os fetiches devem ser clasificados em tres categorias: os preservativos do mal, os communicativos do bem e os do mal.

A' primeira especie pertencem os *gris-gris* ou «*ju-jus*» e de-

Fig. XVI. — Recipientes liturgicos. (Museu Nacional)

mais amuletos que soem trazer comsigo para afugentar as doenças e os maleficios. O prophylactico mais espalhado entre os boçaes negros é o inevitavel *ohy*. Não ha adereço a que possa faltar esse amuleto; urge que desse broquel não fique um só mortal desarmado: é o preservativo por excellencia de todos os males!

Outro berloque prophylactico (quem o desconhece?) é a *figa*: por vezes uma dextra aberta, porém mais frequentemente um punho cerrado vendo-se o pollegar inserto entre o carpo indicador e o medio. A figa é de origem europea ou indigena, não africana.

Finalmente, um terceiro preservativo é o *ita* ou *ota*, a pedra de silex que os rudes negros acreditam ter sido lançada por *Changô*. Cada qual deve guardal-a com fervor em seu lar: assim terá comsigo um para-raio tanto mais seguro si fôr ungido com azeite de dendê, logo que de Changô se faça resoar a voz retumbante. Digamos, porém, alguma cousa sobre a maravilhosa collecção dos talismans africanos. E' natural haja-os de varias especies. Num saquinho, por exemplo, introduz-se um pequeno pedaço de lenho ou de pedra, submette-se o todo aos encantos do « fetichizador » que lhes communica suas virtudes magicas. Esses amuletos são igualmente appellidados *patuás* ou *patiguás*, pela synonymia indigena. Nesta categoria urge mencionar, além desses, as argolas de chumbo, ferro, etc.

Quanto aos talismans indigenas, bem conhecida e vulgarizada é sua existencia. São os *ketis*. Incute-se o virus transmissor de uma enfermidade ou de uma desgraça qualquer a um fetiche, e dest'arte sobre quem o tocar recae todo o mal nelle contido.

Mais longe explicaremos o como se logra deitar esse sortilegio.

Os negros (e quantos brancos ha que neste sentido se nivelam aos negros!) narram um vasto repertorio de factos absurdos, casos de quebranto e poder sobrenatural dos *ketis*.

Anthropologia. — As concepções dos Africanos no tocante ao homem são sobejamente escassas; não lhes falta, comtudo, certa côr philosophica.

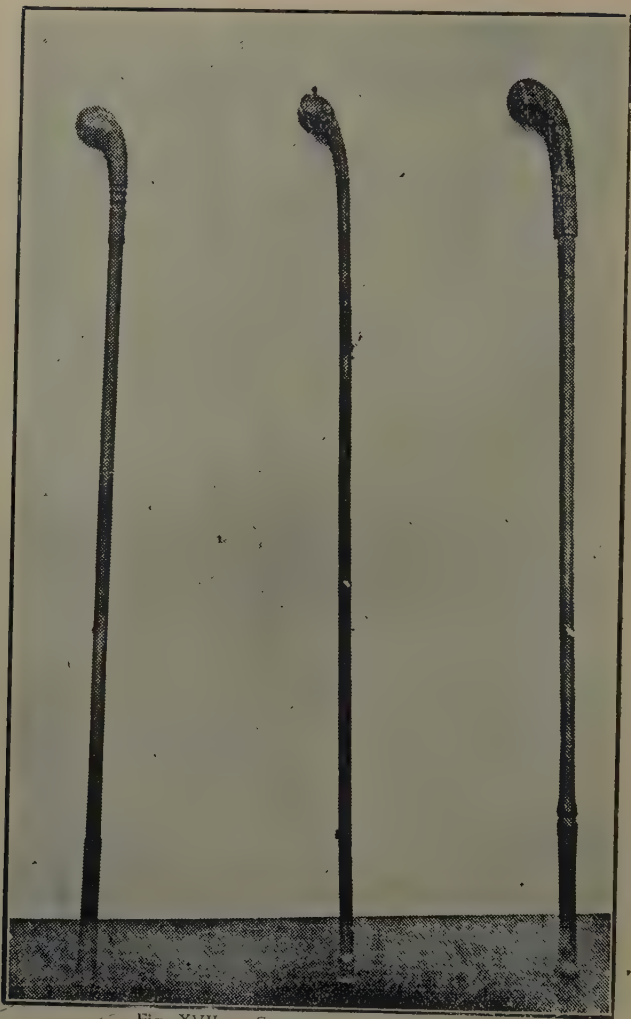



Fig. XVII. — Sceptros do *Soba* ou chefe

Sendo *Olorun* creador de tudo, o homem foi certamente feito por elle. Mas quando, como, em que circumstancias? « Deus o sabe », respondem os filhos de Cham. E cumpre notar que a fórmula « Deus o sabe » é uma chave falsa que abre todas as

portas; e os nossos cautelosos fetichistas empregam-na bem a miude.

Os seres creados possuem uma alma: o homem, a mulher e os outros animaes, sem excepção feita para os vegetaes. Essa crença se esteia na pratica de sacrificar aos manes dos ancestraes. Assim, podemos entender como os *Orichas* podem tragar as almas dos alimentos.

Consta pelas asseverações dos pretos ser a alma do homem superior á dos brutos; nem porisso, porém, é espiritual; os mesmos *Orichas*, pois, mais perfeitos embora do que nós, têm uma bocca para comer.

Em que parte do corpo reside o espirito? Será num orgão determinado? Facil é adivinhar desde já a resposta: « Deus o sabe » !

Angelogia. — Anjos não são os *Orichas* que podem reivindicar os attributos da divindade.

Num degráo mais baixo poderemos encontrar servidores dos numes? Os negros do Rio de Janeiro o pretendem. Escogitaram, pois, uma babel de espiritos bons e máos e crearam os *haledás* ou anjos da guarda. Os Angolezes citam os espiritos *Quilimo* e *Cassuto*. Os Nagos, por sua vez, veneram *Agé* ou *Agué*, cujo officio pouco edificante é de disfarçar-se na pelle das aves de rapina para sugar o sangue humano.

E' usança antiga entre os negros deitar feijão ás encruzilhadas em offerenda a *Mofina*. [1]

De tal superstição, tira seu nome o guizado africano *acaragé* (*acará*, feijão; *agé*, mocho).

Cosmologia. — O globo terraqueo foi creado por Deus. Quanto á natureza das estrellas, do sol, da lua, *Olorun* a conhece.

— A terra será espherica?

— « Deus o sabe ». « Nós apenas sabemos que a terra é sempre igual e paiz algum é melhor do que outro. Quando morre um

---

1 Entre os Ibos do Niger se nos deparam os deuses lares, *Ischi*, *Ikengua*, etc.

animal ou uma planta, suas almas voltam á terra de origem, que é a floresta. [1]

Eschatologia. — As civilizações primitivas pouco se preoccupam com a futura vida. Si o fetichismo preceitua o bem e veda

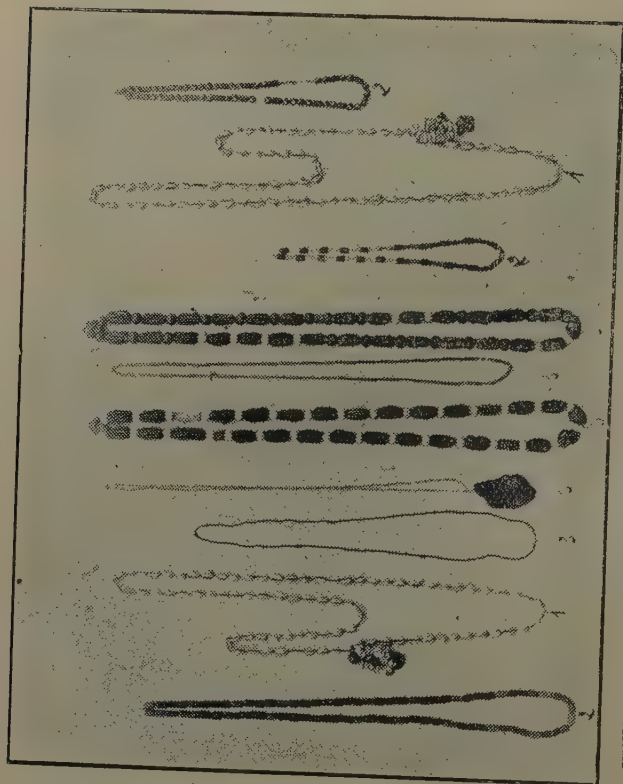



Fig. XVIII. — 1, Collares de "*Cawries*"; 2, Collares de *Changô*; 3, Outros espécimens desses ornatos. (Collecção do Museu Nacional do Rio de Janeiro)

o mal, não o move o desejo de uma justiça ulterior, sinão o medo de possiveis bruxarias. Nessas condições forçoso é conten-

---

1 Entre os Fangs mui temidos são os *evons*, superstição analoga á dos vampiros da Edade-Média. O possuidor de *evons*, pretendem os negros, pode sahir de noite e penetrar nos corpos humanos para sugar-lhes o sangue. (*Missions Catholiques*, p. 311, 1898).

tarmo-nos com exiguas e obscuras noções. Ninguem morre sem o devido despacho celeste; e a causa immediata de todo o fallecimento, como aliás de qualquer doença, é sempre um maleficio. O homem, portanto, não é *ainipekun*, isto é, eterno.

Assignou-se á alma uma sobrevivencia, si bem não faltem os que afiancem ser o ultimo suspiro o aniquilamento de tudo.

Os negros celebram exequias, e sacrificam aos manes de seus avoengos: o que suppõe uma vida de além-tumulo. [1]

— Para onde vão as almas depois da morte?

— « Deus o sabe ».

— Morre-se, doutrinava um ancião, como se nasce. Inconscientes atravessamos o limiar desta vida; ignoramos por que porta havemos de sahir.

Entre os Nagos Ogbonis vigora a crendice do *Mumba-Yumban*, logar destinado ao correctivo das almas. Desponta alli um vestigio de remuneração que um fatalismo obsecante cedo apaga, e segundo o qual Deus predestinou os seus eleitos; fóra delles não ha esperança de galardão possivel. [2]

Moral. — Nos principios basicos da ethica africana, como da moral em genero, resalta o contraste do bem e o mal.

O codigo moral dos nossos negros é, como se deprehende facilmente, bem pouco elevado.

Mal é unicamente o que é o nocivo, o maleficio; é o que elles designam sob o nome de «esé» (peccado) muito se distancia de nossa concepção vernacula.

A não ser o *casus belli*, são repudiados o homicidio e o roubo, tudo o mais se concede pendentes as hostilidades. De facto andam as tribus africanas em guerra viva umas contra as outras: *Zulus* e *Amapondas*, *Mtetwas* e *Ndwandiwes*, *Bugoyés* e *Bakigas*.

Nada mais legitimo para elles do que a polygamia. Cada qual tem multiplas esposas ao talante de suas forças maritaes, attin-

---

1 Os Fans do Gabão depositam alimentos sobre os tumulos. E como os victos desapparecem de noite, por um artificio dos sacerdotes, acredita o povo que os defuntos se alimentam. (*Missions Catholiques*, 1898, p. 569.)

2 O deus *Nzame* dos Fans pune no *Etokolane* (grande fogueira) os ladrões e os assassinos.

gindo por vezes seu numero a vinte e trinta. Na Bahia, e em menor escala na Capital Federal, os fetichistas cultivam esse costume barbaro.

Cada noite o leito do *babaloxa* é occupado por uma das concubinas. E como reciproca desse hetairismo repugnante, autorisam nesses africanos a polyandria, fechando o cyclo da prostituição. E até mesmo a deusa *Obá* não é Venus publica?

Fig. XIX. — Vendedoras de arruda

O principio da autoridade já se depara na familia, onde o

marido é armado em chefe por ser o mais forte. Além disso cada tribu elege um primaz cujos distinctivos são um sceptro e um bizarro annel no dedo pollegar.

O *soba* (rei) tinha antigamente maior importancia do que hoje. «Nesta jerarchia da escravidão, causa reparo a differença « que a riqueza dos trajos estabelece, ou sómente a opulencia do « senhor; uma cousa maravilha ainda mais: são as antigas lem- « branças da Africa que não póde extinguir o captiveiro. O ne- « gro, que de parte se vê, é muitas vezes um chefe que se res- « peita e que reconhece sempre o seu poder quando alguns vão « consultal-o». (FERDINAND DÉNIS, pag. 209, *Op. cit.*)

Quanto aos deveres religiosos limitam-se ao culto dos *Orichas*, á devoção dos fetiches e á precaução contra o quebranto. Si é mister a alguem libertar-se de um maleficio, basta envial-o aos hombros de outrem; ou si é caso de vingança, o uso dos sortilegios.

Jerarchia. — Para corresponder á côrte celestial excogitou-se um sem numero de autoridades religiosas, sacerdotes, agoureiros, bruxeiros, etc., acompanhados pelos *Ogans* e *filhos de santos*. Mestres na arte de imposturas, esses chefes, com raras excepções, não passam de embusteiros que vivem á expensa dos fanaticos e ingenuos, no meio da fortuna e da devassidão.

O clero abrange os *fetichizadores*, os adivinhos e os bruxos, podendo o mesmo individuo accumular todos esses titulos.

A esses magos, todo poder foi outorgado pelos espiritos. Sem sua mediação, as pedras e o fogo ficariam sem effeito. Só elles possuem o segredo dos mysterios celestes, e sua sciencia tanto lhes é peculiar que podem recusar communical-a a outrem.

Na Bahia se deu testemunho desse facto por occasião do trespasse de certo fetichizador que, succumbindo, não deixou discipulo algum de sua arte.

O auge da jerarchia pertence aos *babalaos*, conhecidos com o nome de *Ogans* entre os Dje-djês, e de *Ougangas* ou *Ngangas* no Gabão. Quando chefes de *pejis*, templos, são chamados *paes de terreiro*. Os *babalaos* são astrologos, versados em arcanos di-

E—Imagem de *Esu* atraz da porta.
C—Cabide.
T—Mesa da sorte.
F—Altar dos fetiches.

1—Sala de danças.
2—Quartos.
3—Corredor sinuoso.
4—*Peji*.
5—Porta.

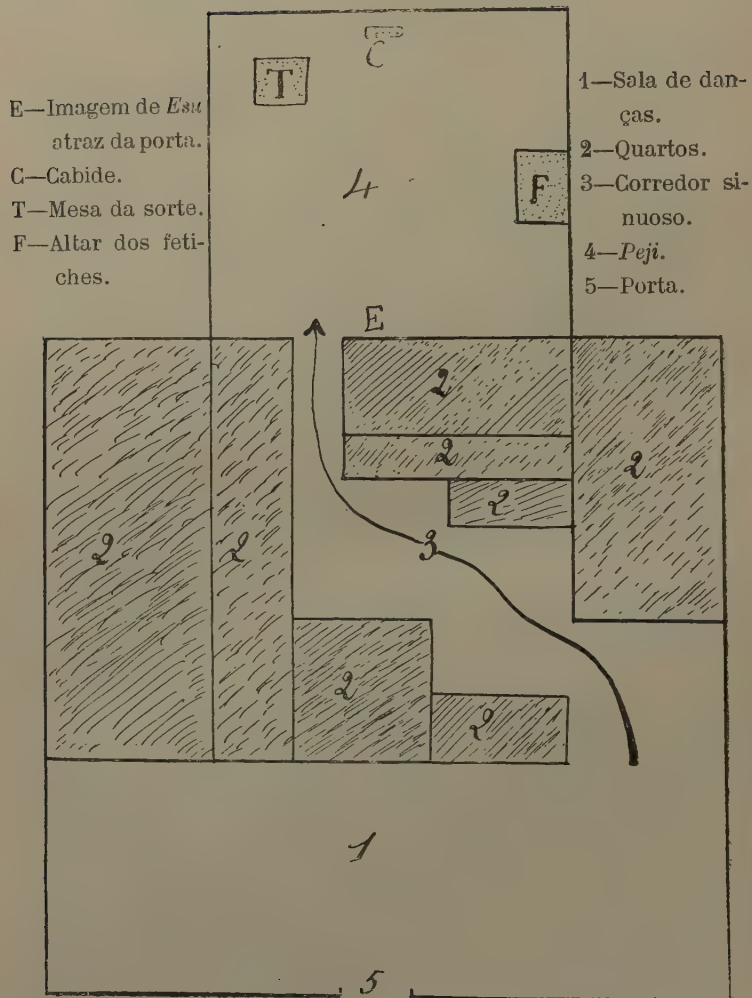



Fig. XX. — Schema de um *peji*

vinos e vivem em companhia dos *babás,* habeis em attrahir o *endilogún*, isto é, as dezesseis divindades.

Logo em seguida vêm os *açobas* e os *aborés;* e o ultimo degráo dessa hegemonia é occupado pelos *ogans,* no Rio de Janeiro, e pelos *agibonams.*

O chefes de *pejis* são assistidos pelo mestre de orchestra, cuja funcção vem a ser a evocação dos espiritos; e *Agosun,* por sua vez, habil magarefe, se acha incumbido dos sacrificios.

A promoção a esses cargos se faz por sorteio ou declaração verbal dum *Oricha.* O mais embusteiro dos fetichistas consegue sempre galgar os postos culminantes; e as proprias mulheres não são delles excluidas: antes pelo contrario encontram-se na Bahia muitas *mães de terreiro.*

Toda essa *clericatura* vive de explorar o dinheiro dos crentes. As offertas e os *ex-votos* dos *santos* já lhes deveriam bastar; mas, ao contrario disso, vendem ainda por cima drogas de sua manipulação, e retiram pingues lucros da arte de fabricar fetiches.

Os *agoureiros* se propõem a desvendar o passado e o futuro, e instrumento de sua consulta é o *abiba,* que vem a ser um rosario de drupas de manga, enleado por um cordel.

Os bruxos ou feiticeiros, por sua vez e afim de augmentar o proprio prestigio, fazem mil peloticas, chegando, *v. gr.,* a morder carvões accesos. Si procurados por doentes, soltam uma série de berros até descobrir o maleficio causador do mal. Prescrevem então ao paciente umas infusões de plantas sagradas, páosinhos e outros remedios, entre os quaes deve a suggestão desempenhar o principal papel. Emfim, transmittindo a enfermidade a um objecto qualquer, descarregam-n'a ás costas de um terceiro.

Chegamos, porém, agora aos protectores do fetichismo, denominados na Bahia *Oguns.* A elles cabe inteira responsabilidade nos *candomblés.* E, para merecer titulo tal, não é mister ser iniciado; basta tão sómente crer nos *Orichas.*

Os *oguns* são conselheiros nos *terreiros,* e frequentemente homens de certa posição pedem para servir esse cargo ou por mercancia, ou quiçá por sincera superstição.

*

Os *filhos de santos* são consagrados ao culto de um ou mais *Orichas* e constituem verdadeiras confrarias ou irmandades religiosas. Cada um delles adopta nos trajos uma côr especial consoante o *oricha*. Assim, o branco é reservado a *Obatalá*, o vermelho a *Changô*, o azul a *Osun*, etc. O uniforme, porém, não é obrigatorio sinão em determinados dias.

Entre os enfeites que servem de insignia ao *santo*, as missangas brancas e o chumbo pertencem a *Obatalá*, missangas vermelhas a *Changô*, collares amarellos a *Osun*, braceletes de ferro a *Ogun*, pequenos cocos pretos a *Saponam* e fetiches azues a *Dadá*.

A iniciação é menos complicada no Brazil do que na Africa; e se reduz ao seguinte ritual: O iniciado consulta o *pae do terreiro* sobre a escolha do deus; e logo em seguida se realiza a ceremonia da consagração. Segundo a incorporação, o candidato se subordina ao *babalao*, a quem deve cegamente obedecer.

CAPITULO II

LITHURGIA FETICHISTA

Quatro são os elementos do culto negro : um logar propicio á celebração dos mysterios, os instrumentos e as vestes adequadas, um calendario com as divisões do anno e consequente fixação de festas, e finalmente os ritos ou ceremonias a cumprir.

Ninguem na Bahia ignora a existencia dos *terreiros*. Desses oratorios, muitos se encontram nos arrabaldes das cidades onde vivem nucleos africanos, haja vista os de Cachoeira, Santo Amaro, Nazareth, etc. São esses templos que servem de residencia aos *babalaos*.

Julgamos conveniente dar aqui a descripção de um *terreiro*, assignalando-lhe as principaes partes componentes. Logo á entrada vê-se a sala das danças e em seguida as alcovas e cochicholos protegidos contra olhares indiscretos por um corredor sinuoso que serve para occultar os devotos durante os actos religiosos. O ultimo esconderijo é o *peji* propriamente dito, chamado tambem *Iara-Orisá*.

Nesta sala encontra-se geralmente o seguinte mobiliario : o altar dos fetiches do *Oricha* venerado neste lugar, um cabide, a mesa da sorte com os dados e as imagens de S. Cosme e S. Damião, e emfim, atraz da porta, o inevitavel fetiche de *Esu*. Sobre o soalho, defronte ao altar, se acham espalhadas iguarias e moringues cheios d'agua. Releva notar que os *pejis* não são simples cópia das nossas igrejas. É sabido que os *Bambaras* do Niger possuem pequenos templos no meio dos seus *soukalas* (aldeias), e fóra do recinto da povoação uma casa redonda cheia de *gris-gris*.

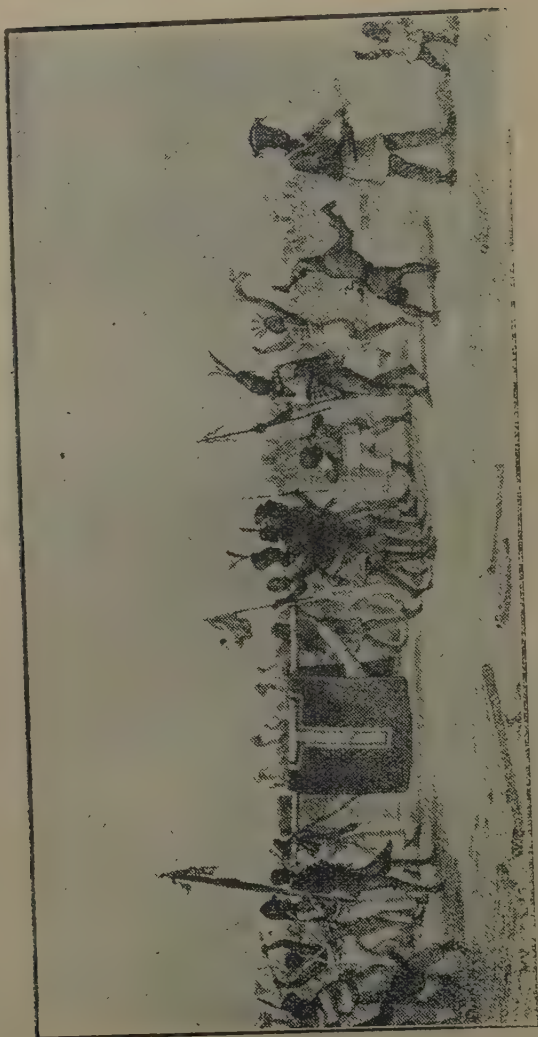
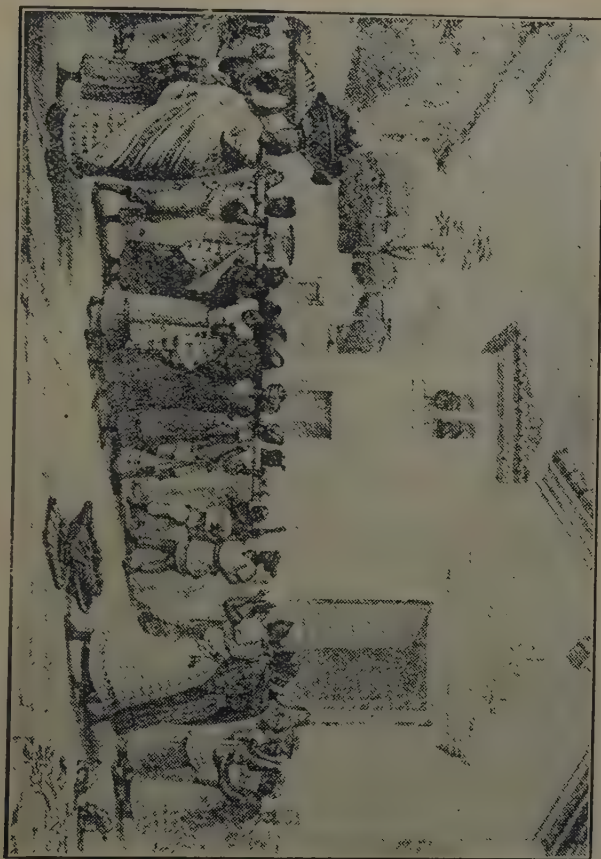



Fig. XXI. — Comboio funebre do filho de um chefe negro

Os instrumentos de musica são pouco variados. Nada, porém, sei de mais ruidoso que uma orchestra africana. Eis, aliás, os principaes desses especimens da arte musical entre os negros.

1.° O *batuque,* especie de tambor « cuja monotomia desoladora é capaz de rivalizar com todos os processos de hypnotismo.» [1]

Fig. XXII. — Enterro de uma negra. Ceremonias negras misturadas ás catholicas.

2.° O *batuque,* outre adufe de origem indica feito do tronco de arvores ;

3.° O *batucagé ;*

---

1 Nina Rodrigues, p. 83.

4.º O *urucungú*, de invento remotissimo, e consistente de um arco sobre o qual se distende um arame.

Deste ultimo, especie de rabeca selvagem já nos falava Tollenare: « Os negros se servem ainda de um outro instrumento de musica. E' uma corda de tripa distendida sobre um arco e collocada sobre um cavallete formado por uma cabaça; tiram o som por meio de um arco e produzem sons afinados e harmoniosos; não observei si a sua musica servia para fazer dançar, e o mesmo digo do *berimbau*. » [1]

5.º O pandeiro aderaçado de *ogun*. Os *virtuoses* das senzalas são realmente insuperaveis... na arte de fazer barulho. [2]

Passemos, porém, aos calendarios.

Os dias da semana são consagrados ao culto dos mais influentes *Orichas*, da seguinte fórma:

Segunda-feira a *Esu*;

Terça-feira a *Osun-Manré*, *Ogun* e *Saponam*;

Quarta-feira a *Sangô*;

Quinta-feira a *Oso-Osi*;

Sexta-feira a *Obatalá*, *Orichalá*, *Yémanja* e *Yansan*;

Sabbado a *Osuguinam* e *Osum*;

Domingo a todos os *Orichás*.

Cumpre notar ainda que *Oricha-Ifa* e *Dadá* não têm dias fixos; mas dão aviso aos mortaes quando têm fome.

A cada *santo* é reservada uma festa annual. O *Oricha* póde subitamente manifestar-se numa pessoa, e essa, de estylo, será a incumbida da sessão. De resto, taes apparições de *santos* não são raras, mórmente por occasião dos juramentos de *Yanô*.

Quanto á fabricação de um fetiche, não é determinada por calendario fixo. Seja em qual fôr a época, deve entretanto ser precedida de uma festa, sendo no seu oitavario dia do *igé* — seguida de nova ceremonia.

No tocante a oraculos não ha igualmente horas preestabelecidas. Tudo depende das revelações desvairadas dos *filhos de santos*.

---

1 Tollenare, *op. cit.* p. 137.

2 Na Africa encontramos instrumentos identicos: o *Mverk*, a harpa, *pahonina*, etc.

Finalmente é de notar-se que os *santos* não desdenham o descanço, pelo que, na época do Carnaval, se lhes concede o *ebo* (ferias).

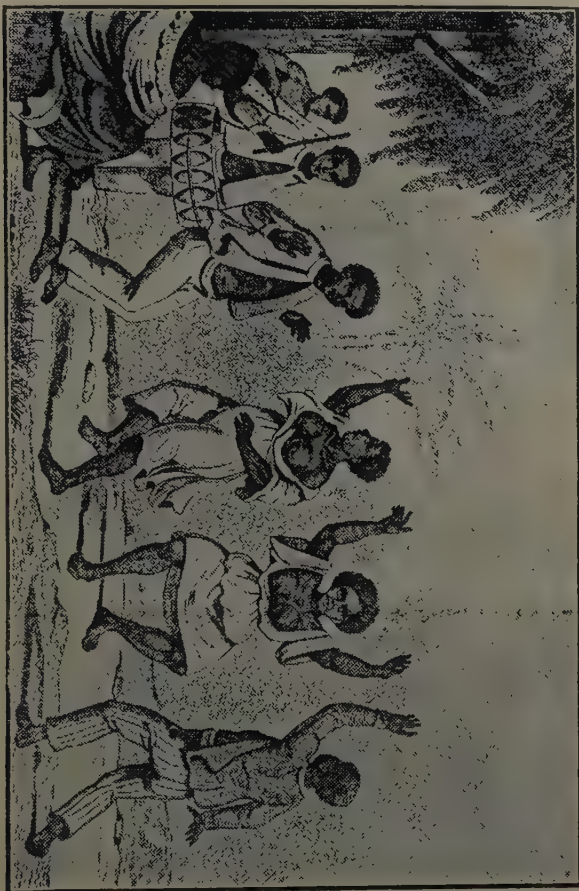



Fig. XXIII. — Dansa do batuque

Cabe-nos agora estudar discriminadamente os principaes capitulos do ritual. São elles: as dansas, os sacrificios, as facturas de *santos*, os sortilegios, os oraculos.

A dansa, que se observa desde os primitivos tempos, reveste a mais variada fórma nas religiosidades dos nossos africanos. Citaremos em primeiro logar o tão fallado *candomblé* que emprestou seu nome ás grandes solennidades de *Yoruba;* vêm em seguida o *samba,* o *zandú* e os lascivos *lundús.* O *fadinho,* o *maracatú* e o *chiba* não são aceitos nos *pejis.*

Rugendas, em 1835, já nos descreve os festejos negros:

« La danse habituelle des nègres est la *batuque.* Dés qu'il « y en a quelques-uns d'assemblés, l'on entend des battements « de mains cadencés; c'est le signal par lequel ils s'appellent et « se provoquent à la danse. La *batuque* est conduite par un figu- « rant; elle consiste en certains mouvements du corps, qui peut- « être sont trop expressifs; ce sont surtout les hanches qui « s'agitent; tandisque le danseur fait claquer sa langue, ses « doigts, et s'accompagne d'un chant assez monotone, les autres « forment cercle autour de lui et répétent le refrain. »

« Une autre danse nègre trés connue est le *zandu* usité aussi « chez les Portugais: elle est exécutée au son de la mandoline « par un ou deux couples; peut-être le *fandango* ou le *bolero* « des Espagnoles n'en est il qu'une imitation perfectionée. » *(Op.* « *cit.,* pags. 25 e 26).

Saint-Hilaire igualmente tem referencias ao mesmo assumpto:

« Pour payer sans doute un tribut aux moeurs du pays, on « fit danser à une mulatresse une espéce de *fandango,* et ces « mêmes, auxquelles il nous eût-été á peine permis d'adresser « la parole, restérent paisibles spectatrices de cette danse extrê- « mement libre sans que personne songeât le moins du monde á « s'en étonner. » *(Cp. cit.,* pag. 152).

« Excités peut-être par l'exemple des sauvages, les nègres « de l'habitation demandérent á leur maître la permission de « danser et nous ne tardâmes pas á les aller voir prendre ce « plaisir. Les nègres créoles dansaient des *batuques* pendant que « l'un deux jouait d'une espéce de tambour de basque, et qu'un « autre, glissant avec rapidité un petit morceau de bois arrondi « sur les coches transversales d'un gros bâton, produisait en « même temps um bruit à peu prés semblable à celui d'une cré- « celle. Dans un autre coin de la cour, des nègres de Mozambi-

« que formaient un rond au milieu duquel s'assirent deux ou
« trois musiciens qui commencèrent á frapper en mesure sur de
« petits tambours peu sonores. Les danseurs les accompagnaient
« de leurs chants ; ils sautaient en tournant toujours dans le
« même sens et à chaque tour leurs mouvments s'animaient da-
« vantage. Le jarret plié, le poing fermé, l'avant-bras dans une
« position verticale, chacun d'eux s'avançait en trépignant du
« pied, et donnait à tous ses membres une sorte d'agitation con-

Fig XXIV — Instrumentos liturgicos do batuque

« vulsive qui devait être extrêmement fatigante pour des hommes « qui avaint travaillé pendant toute la durée du jour. Mais cet « état violent leur procurait cet oubli d'eux mêmes qui fait tout « le bonheur de la race africaine, et ce ne fut qu'avec le plus vif « regret qu'ils virent arriver l'instant marqué pour leur repos. » (*Id.* pag. 40).

Cunha Mattos, no seu *Itinerario,* pag. 33, escreve identicos factos presenciados em 1823 :

« Sahi então do Rancho do Pasto da Boiada, onde em todo « o decurso da noite houve hum batuque (dansa e toque de ne- « gros e mulatos), que me não deixou fechar os olhos. Humas « Driadas destes bosques eram o objecto das adorações dos tro- « peiros. »

« He incomparavel (em Barbacena) o numero de moças ga- « lhofeiras que povôam os ranchos desta villa, sitião, combatem, « vencem e despojão os desgraçados tropeiros. Esta milicia de « Venus consta pela maior parte de raparigas pardas e pretas, « que, durante a noite, em completa bachanal, não sahem dos « infernaes batuques com que divertem e limpam as algibeiras « dos desgraçados a quem pescaram. » (*Op. cit.,* pag. 37).

Os sacrificios podem ser dirigidos sómente aos *Orichas.* Não raras, no emtanto, são as oblações funerarias aos manes de avoengos.

Aos deuses offertam-se alimentos ou se immolam animaes ; e nesse ultimo caso, os convidados comem tudo, e não deixam sinão as visceras para os *Orichas.* O sacrificio, para os nossos pretos, significa offerta e tambem communhão :

Os celicolas do Olympo negro se nos afiguram mui preoccupados com as exigencias do estomago. Para sacrificar ás arvores sagradas, unta-se-lhes o caule com azeite de dendê e collocam-se ao pé dos referidos vegetaes aves mortas.

Já pormenorizadamente descrevemos a cozinha especial de cada deus. Os *ogés,* victos sagrados, são iguarias vulgarmente conhecidas na Bahia e na Africa, taes como o zorô, o angú, a moqueca, o vatapá, o carurú, o acarajé, o abará, o aberen, o gugurú ou pipoca, o ekó ou acaçá, a cangica, o cuscús, o obê, o efô, o abalá, o tutú, etc...

Fig. XXV. — A, banco ou séde para o *filho de santo ;* B, carapuça lithurgica

Todo sacrificio é a principio votado a *Esú ;* e, logo após o *agasún* ter immolado o animal, o *pae do terreiro* vem apromptar o *ogé.*

A fabricação de um *santo* é ceremonia desesperadamente longa. Abrange dois actos nitidamente demarcados, a *fetichização* do objecto e a *consagração* ao dono.

O preparo de um fetiche para servir de moradia aos *Orichas* é deveras complexa. Antes de tudo mais, purifica-se o objecto escolhido.

O modo, porém, de lavar é variavel conforme os deuses : assim, tratando-se de *Changô,* mergulham-se as pedras de raio

primeiro no azeite de dendê e em seguida numa infusão de plantas sagradas. Si fôr questão de *Jémandja*, o fetiche é empapado no mel ou *acaçá*.

Essas abluções são naturalmente acompanhadas de invocações magicas e acenos cabalisticos.

Vamos agora assistir á consagração de um *filho de santo*. A operação é ainda mais emmaranhada que a dos *Vepus* entre os Papus.

Assim que a escolha do *Oricha* ficou perfeita e acabada, o aspirante ajunta o dinheiro exigido pelas despezas da iniciação. No dia marcado para a ceremonia, o neophyto sacrifica a *Esú*; ao pôr do sol toma o banho mystico num rio ou numa casa qualquer. Abandona os antigos trajos, despindo dessa maneira o *homem velho*. E nesse acto o baptizado é assistido por um amigo que reza as respectivas fórmulas.

O iniciado então é conduzido por seus parentes até á porta do *peji*, onde o aguardam os dignitarios. Immediatamente agasalhado, ao *fetichizando* se offerece assento novo. Principia então o sacrificio destinado a captar o coração dos deuses. E emquanto os *Orichas* comem (?), raspam-se todas as superficies pilosas do paciente. Para a validade do rito, cumpre pôr a nú o coiro cabelludo. É por ahi que o *Oricha* deve penetrar no corpo. Depois o *babalao* risca tres vezes com giz a testa do neophyto e sobre ella deposita uma carapuça branca. Incontinente uma orchestra de selvagens tabaques, reforçada de cabaças, se põe a fazer um estrondo atordoador. O mestre da banda levanta-se então e toma um *ohi* ou *obi* (noz de kola), anda um pouco e asperge com agua os instrumentos de musica. A esse signal convencional principia a medonha bacchanal e a evocação do santo pelos cantos. O neophyto, já sobejamente suggestionado e enthusiasmado pelo fanatismo, entra numa dansa infernal, acenando e gesticulando horrivelmente.

Essa hyperexcitação nervosa mediumniza o individuo e o leva ao summo grão do delirio hypnotico. Si o temperamento do candidato resiste á influencia dessa magnetização systematica, os negros attribuem-lhe o máo exito a uma qualquer falta liturgica. Si, ao envez disso, a dose de « santificação » foi excessiva,

tratam de « matar o santo », isto é, de suspender a operação. Em qualquer hypothese, porém, as dansas se prolongam até alta noite.

Terminada a iniciação, o recem-fetichizado faz um retiro. Durante tres semanas, ou mais tempo, embrenha-se num solitario ermo, na casa do sacerdote consagrador. Nesse lapso de tempo são-lhe vedados certos alimentos, bem como as relações sexuaes. Finda essa penitencia, realiza-se um novo *candomblé*, no dia do *Igê ;* e com essa festa tem remate a iniciação. Para se libertar do jugo dos *babalaos,* o crente tem que pagar o resgate.

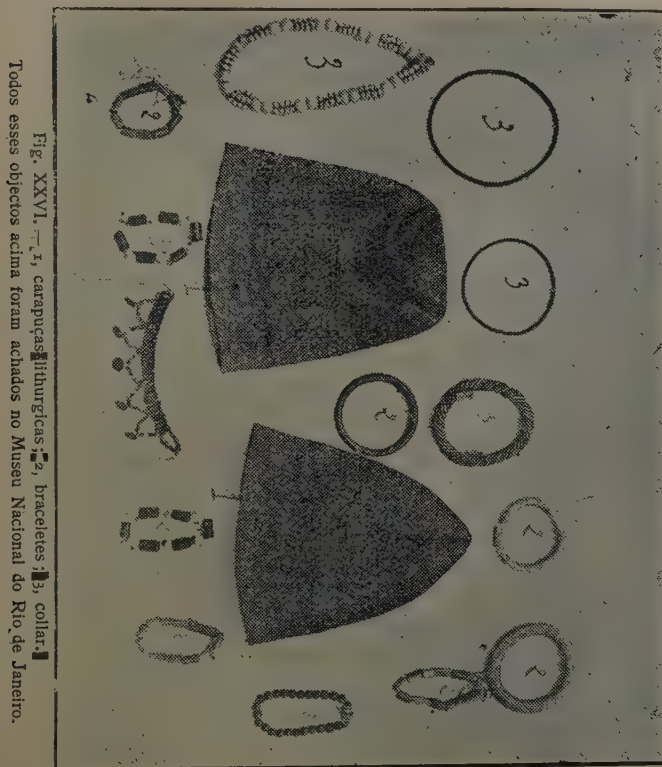



Fig. XXVI. — 1, carapuças lithurgicas ; 2, braceletes ; 3, collar.
Todos esses objectos acima foram achados no Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Digamos agora duas palavras sobre os maleficios e outras artimanhas da feitiçaria negra.

O sortilegio pode ser *directo* ou material, haja vista a applicação de um veneno que possa abalar consideravelmente o organismo, ou mesmo produzir a morte; é indirecto ou symbolico.

Entre os mais usados, citam-se os seguintes: a gallinha morta untada de azeite, o sapo, o prato de louça quebrado e outros.

A miude se encontram bruxarias desse genero pelas ruas da Bahia e o vulgo credulo ennumera, sem fundamento serio evidentemente, muitos casos de quebranto. Já por esse facto podemos avaliar o medo que os supersticiosos têm da magia negra!

O sortilegio pode ser lançado a dois titulos differentes: por vingança ou por «troca de cabeça».

Eis como se dá o primeiro caso: Alguem ha que dirigisse affronta a algum negro? ou houvesse despedido um criado inutil? Pois fique certo que logo no seguinte dia, e talvez nesse mesmo dia, encontrará á sua porta um gallo seboso, cujo simples contacto lhe será bastante para communicar-lhe uma molestia mortifera ou outro mal qualquer.

A «troca de cabeça» é pouco differente da primeira especie. Quando um individuo cahiu victima injustamente do quebranto, procura-se ouvir immediatamente um bruxo, que geralmente prepara o feitiço consistentemente quasi sempre de uma gallinha, e manda deposital-a a uma encruzilhada. Ai daquelle que primeiro esbarrar com a maldita ave! [1]

Os oraculos são obtidos por duas vias differentes. Por vezes, é consultado um propheta de profissão; outras, é um individuo possesso de um espirito quem vaticina.

Na primeira hypothese um agoureiro charlatão, com auxilio de instrumentos especiaes (v. gr. o *abiba*), pretende arrancar algum segredo aos *Orichas*.

No segundo caso, o proprio espirito falla pela bocca da pessoa a que serve de incubo.

---

1 Os *Dzem* do Gabão e os *Pahuins* attribuem sempre todo e qualquer genero de morte a um sortilegio.

Logo que a encarnação da divindade se produz, conduz-se para o *peji* o santarrão, cahido em loucura religiosa. Os crentes reverenciosos caem então de joelhos para condignamente ouvirem a voz do *Oricha*.

Releva notar que os phenomenos referidos nem sempre são

Fig. XXVII. — 1, varios *ochês* de *Changó;* 2, cauda de vacca de *babalaos*

obras de mero embuste; mas antes genuinos phenomenos de pathologia nervosa. O esquecimento completo dos factos succedidos durante a sessão, *amnesia,* prova cabalmente um desdobra-

mento da personalidade. E os agentes hypnoticos empregados são sem contestação poderosissimos: a fumigação de plantas excitantes, os jejuns prolongados, as danças desesperadas e convulsivas, a suggestão pelas palavras magicas, o estrondo monotono do bátuque, etc. [1]

---

1 Agouard, *Missions Catholiques*, 1905, p. 378, cita casos extraordinarios de magia africana.

CONCLUSÃO

Para pôr um remate ao presente estudo cumpre-nos ainda fazer alguns ultimos reparos.

O fetichismo negro que acabamos de descrever, de todo comparavel á cabûla da Idade Média, é genuinamente africano; negro por sua origem, negro em todas as suas manifestações.

A despeito desse caracter, a superstição dos escravos se nos apresenta eivada de infiltrações christãs; e nem pudera deixar de assim ser. A mesma lei que rege a materia applica-se igualmente ás religiões e instituições sociaes. A materia attrahe a materia na razão directa da massa, e na inversa do quadrado de distancia, reza a lei de Newton. A simples inducção electriza um condensador neutro e magnetisa um corpo. Como as religiões poderiam escapar á lei universal dos influxos reciprocos?

E' assim que fetichistas da Abyssinia são simultaneamente *foukra* (musulmanos) e *tenkoag* ou *debtera* (christãos); os do Brazil não puderam resistir á attracção por mimetismo do culto catholico.

No periodo colonial, os captivos recemchegados, pondo-se ao contacto de novos costumes eram coagidos a acceitar a nova religião dos seus senhores brancos. Para guardar, porém, as santas tradições africanas, só havia um meio: praticar externamente o christianismo sem apostatar o culto dos fetiches, servindo-o clandestinamente. Afeitos a esse dualismo religioso, não tardaram a se capacitar que «a fé da Costa e a da Terra não são incompativeis», e a que, sob vocabulos diversos, são os mesmos deuses adorados. E o bom exito de tal raciocinio foi tanto mais completo quanto o fetichismo é um alcorão de crença vaga, de um incomparavel elasterio.

Innumeros são os emprestimos feitos pelos negros á religião romana. *Olorum*, embora não seja de mera infiltração estrangeira, innegavelmente cresceu de cem braças pelo contacto com os civilizados; *Esú* tambem lucrou as prerogativas de Satanaz. Assim em toda a altercação, na Bahia, é vulgar ouvir di-

*

zer: «*Cuidado a Esú!*»: que bem corresponde ao nosso «*Vá para o diabo!*».

S. Cosme e S. Damião conseguiram introduzir-se nos *pejis*. Toda mesa de sorte inevitavelmente tem as estatuas desses santos; e após todo *candomblé* costumam mandar celebrar uma missa em honra aos gemeos celicolas; e a frequencia dessas encommendas nas igrejas da Bahia é um facto que não passa despercebido aos espiritos observadores.

Os *haledas*, por exemplo, são os *alter ego* dos anjos da guarda da religião christã. Além disso, se identificam *Obatalá* com Jesus-Christo, *Esú* com o demonio, *Changô* com Santa Barbara, *Ogun* com S. Jorge ou Santo Antonio, *Saponam* com o Santissimo Sacramento, etc.

O traço de união entre os santos catholicos e os *Orichas* é o mais breve. S. Jorge, por ser guerreiro, é chamado *Ogun*; e Santa Barbara, por ser invocada contra o raio, é assimilada a *Changô*.

A identificação, aliás, é illogica. Na concepção catholica, o santo não passa de um mortal e não é uma creação cerebrina. Os *orichas*, pelo contrario, são deuses, immutaveis. A trincheira que separa entre si o africanismo do romanismo é intransponivel. Supposto a plebe ignorante se mostre assaz propensa á superstição, a theologia official repelle energicamente a menor intrusão de feitiçaria. Para proval-o, bastaria rememorar os lamentaveis e horrendos excessos da inquisição medieval contra a magia.

E é exactamente por causa da sua incompatibilidade com o romanismo e com a civilização, que as praticas fetichistas são fadadas a desapparecer completamente. Quantos usos descriptos outr'ora pelos historiadores e viajantes se esvahiram em fumo sem a mais leve reminiscencia entre os povos! O elemento negro, aliás, é cada vez mais absorvido pelo caucaso. Por isso dentro em breves dias os fetiches não terão mais adoradores. *Les dieux s'en vont...*

Dentro de poucos annos o africanismo irá avolumar o patrimonio dos factos historicos: é esta pagina que quizemos consignar emquanto ainda é tempo.

ÉTIENNE IGNACE BRAZIL.

O QUADRO HISTORICO

DA

FUNDAÇÃO DA ESCOLA DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

MEMORIA APRESENTADA

PELO

DR. ANTONIO GONÇALVES PEREIRA DA SILVA

O QUADRO HISTORICO

DA

FUNDAÇÃO DA ESCOLA DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

O Sr. Dr. Luiz da Cunha Feijó, Director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no louvavel intuito de fazer reviver as bellas tradições deste instituto de ensino superior, coadjuvado pelo seu diligente Secretario, o Dr. Eugenio E. de Menezes, mandou completar a galeria dos retratos dos lentes cathedraticos fallecidos que exerceram o magisterio desde a sua fundação.

Como parte integrante dessa galeria, foi tambem mandado restaurar pelo sr. Augusto Petit o quadro historico que representa a fundação da nova Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro.

As figuras desse quadro haviam quasi desapparecido, devido á acção destruidora do tempo, pois que desde o anno de 1856 ornava uma das paredes de uma sala junto á da Congregação, no velho edificio que serviu de recolhimento ás orphãs da Santa Casa da Misericordia, onde tambem desde o anno de 1856 foi installada a actual Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Traduz o quadro uma das suas melhores tradições, porque pelo pensamento e execução do seu illustrado autor, Manoel de Araujo Porto-Alegre, Barão de Santo Angelo, uma das glorias brazileiras, ficou perpetuado na tela um dos episodios mais notaveis do ensino da Medicina no Brazil.

E' portanto uma tela de alto valor historico que deve despertar a lembrança aos actuaes professores e á mocidade academica, desses illustres personagens, antigos mestres que constituiram o corpo docente não só da Escola Medico-Cirurgica fundada desde os tempos coloniaes pelos Decretos de 18 de Fe-

vereiro e 5 de Novembro de 1808, como da Escola de Medicina e Cirurgia que lhe succedeu, creada pelo primeiro Imperador, D. Pedro I, por Decreto de 9 de Setembro de 1826.

Esboçar, supposto muito ligeiramente, a historia que esse quadro representa é o meu principal objectivo, muito embora reconheça a difficuldade de tão elevado assumpto, superior ás minhas forças e, sobretudo, na ausencia quasi completa de documentos e informações.

Graças, porém, ás proficientes e verdadeiras indicações do meu illustrado amigo e mestre o Dr. José Vieira Fazenda e guiado por alguns documentos encontrados no archivo da Faculdade, consegui, com grande esforço, coordenar este modesto trabalho, producto de minhas pacientes investigações.

E' portanto incompleto, e para elle peço a costumada indulgencia dos entendidos e competentes. *Feci quod potui...*

As sciencias, lettras e artes e principalmente as sciencias medicas no Brazil jaziam no mais completo obscurantismo.

Os brazileiros, sempre ávidos de saber, e dotados de grande intelligencia, não encontravam em nosso paiz os meios necessarios que tanto almejavam. Partiam em demanda das Universidades de Coimbra, Paris, Montpelier, onde estudavam e conquistavam os seus diplomas. Foram nestes centros scientificos que estudaram os primeiros lentes que na Bahia e no Rio de Janeiro constituiram o corpo docente das nossas primeiras escolas medicas e cirurgicas, e exerceram depois os cargos de *Physicos Móres* e de *Cirurgiões Móres dos Exercitos.* Esses altos cargos foram creados, o primeiro por D. Affonso III em 1260 e os segundos por El-Rei D. Manuel em 25 de Fevereiro de 1521, tendo os respectivos funccionarios vasta jurisdicção na parte relativa á inspecção sanitaria, como juizes que conferiam e assignavam as licenças para exercer a Medicina e a Cirurgia em Portugal e nas Colonias Ultramarinas, no numero das quaes figurava o Brazil.

Dentre os Physicos Móres destacou-se o Dr. José Corrêa Picanço, depois Barão de Guyana, natural de Pernambuco, formado pelas Universidades de Coimbra e de Paris, depois Lente de Anatomia e Cirurgia d'aquella, Deputado da Real Junta do Proto-Medicato, Medico da Real Camara, que, abandonando to-

dos os seus interesses, acompanhou a Familia Real de Bragança quando emigrou para o Brazil, em virtude da invasão de Portugal por uma ala do exercito de Napoleão I, commandada pelo General Junot. Arribando á Capitanía da Bahia com avarias, devido a forte temporal, uma parte da frota que conduzia a Familia Real, teve o Principe Regente D. João de demorar-se na cidade do Salvador, instituindo a séde do seu governo, e, accedendo ás instancias de seu medico o Dr. José Corrêa Picanço, fundou a primeira Escola de Cirurgia no Hospital de S. José, fazendo baixar o Decreto de 18 de Fevereiro de 1808 [1]. Transferida a séde do Governo para a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, fundou, por Decreto de 5 de Novembro do mesmo anno, a segunda Escola Cirurgica, installando-a no Hospital Militar do Marco do Castello, antigo Collegio dos Jesuitas [2], edificio onde após longos annos funccionou a *Casa da roda dos engeitados*, á Rua dos Barbonos, hoje Rua Evaristo da Veiga.

No anno de 1856 foi finalmente transferida para o edificio do antigo Recolhimento das Orphãs, no Largo da Misericordia, onde tem permanecido até hoje.

O ensino medico no Brazil com a creação das duas escolas era mais que deficiente: apenas eram estudadas as cadeiras de

---

1 Eis a carta dirigida ao Governádor da Capitania da Bahia, o Conde da Ponte, pelo Ministro D. Fernando José de Portugal, em 18 de Fevereiro de 1808: «Ill.mo e Ex.mo Sr. — O Principe Regente Nosso Senhor, annuindo á proposta que lhe fez o Dr. José Corrêa Picanço, Cirurgião Mór do Reino e do seu Conselho, sobre a necessidade que havia de uma Escola de Cirurgia no Hospital Real e Militar desta Cidade, para instrucção d'est'Arte, tem commettido ao sobre dicto Cirurgião Mór a escolha dos professores que não só leccionem a lingoa propriamente dicta, mas a Anatomia como base essencial, e arte obstetrica, tão util como necessaria.

O que participo a V. Ex.a por ordem do mesmo Senhor, para que assim o tenha entendido e contribua por tudo que for promovido este importante estabelecimento.»

Em vista de semelhante ordem regia, de accordo com o Governador Conde da Ponte foram escolhidos os Cirurgiões José Soares Castro para leccionar Anatomia e Manoel José Estrello para leccionar Cirurgia.

2 Para a Escola do Rio de Janeiro foram nomeados pelo Physico Mór Dr. Jose Corrêa Picanço o Dr. Joaquim José Marques, Cirurgião Mór do Reino, para reger a cadeira de Anatomia, e o Dr. José Lemos Magalhães para reger a cadeira de Therapeutica cirurgica.

Anatomia e de Cirurgia, então creadas, pois o intuito dessa creação era preparar cirurgiões para o serviço militar, em cujos hospitaes praticavam os enfermeiros durante certo periodo e depois de ligeiro exame era-lhes concedido pelo Physico Mór e Cirurgião Mór dos Exercitos, e depois pela Real Junta do Proto-Medicato, creada em substituição áquelle pela Rainha D. Maria I por Lei de 17 de Junho de 1782, e abolida pelo Principe

Quadro historico pintado por Manoel de Araujo Porto-Alegre, depois Barão de Santo Angelo. Representa D. Pedro I, entregando ao Director Barão de Inhomerim (Vicente Navarro de Andrade) o Decreto que creou a Escola Medico-Cirurgica, reformando o ensino medico (1826).

Regente D. João pelo Alvará de 13 de Novembro de 1808, que novamente estabeleceu o cargo de Physico Mór e Cirurgião Mór dos Exercitos, conferindo-lhes novos e amplos poderes, sendo reintegrado o Dr. José Corrêa Picanço e nomeado o Dr. Manoel Vieira da Silva, depois Barão de *Alvaiazer*.

Consistia a Real Junta do Proto-Medicato em um numero de Deputados, cada um funccionando em cada departamento, um Secretario, dois examinadores, um Escrivão e um Meirinho. Havia varias especies de exames (sem preparatorios). Para Cirurgiões do Exercito, da Armada, Cirurgiões Parteiros, Lythotomistas o Oculistas, para differentes ramos de Cirurgia, Exames de Boticarios, Droguistas Chimicos Distilladores, Parteiras, Sangradores, etc.

Depois de examinados e julgados pelas respectivas Juntas parciaes, esperavam a carta ou licença que lhes vinha de Lisboa, depois de satisfazerem as propinas de uma tabella approvada, em que figurava a verba de *cem reis* para S. Cosme e S. Damião.

Era este o estado do ensino medico no Brazil, apezar do progresso das sciencias medicas no velho continente. Muitos desses licenciados, não obstante o limitado cultivo scientifico, tornaram-se notaveis no Rio de Janeiro, e lograram exercer extensa e rendosa clinica.

Por Decreto de 1 de Abril de 1813 foi reformado o ensino da Cirurgia pelo projecto apresentado pelo Conselheiro Physico Mór e Medico da Real Camara, Manoel Luiz Alvares de Carvalho, nomeado Director dos estudos medicos e cirurgicos em 26 de Fevereiro de 1812, appellidado o *Bom-será*, tornando-se o seu regulamento conhecido por esse titulo.

Apezar desses ensaios e reformas do ensino das sciencias medicas, o Brazil continuava no mais completo atrazo.

Como já disse, os nossos patricios, cheios de verdadeiro ardor da mocidade, dotados de robustos talentos e ambição de saber, iam para París, Montpelier, Coimbra e outras cidades e ahi cursavam as suas aulas e bebiam os conhecimentos scientificos que não encontravam em sua terra natal. Dessas Universidades, principalmente da de Coimbra, é que vieram os primeiros professores para as Escolas creadas. A urgente necessidade de uma prompta reforma ecoou no seio do Parlamento e o Deputado José Ricardo da Costa Aguiar propoz a reforma dos Estatutos da Escola de Cirurgia então creada, conferindo-se o diploma de Cirurgiões formados aos que terminassem o curso. Aceita e appro-

vada a proposta do Dr. Aguiar, foi promulgada a Lei de 9 de Setembro de 1826, concebida nestes termos :

«Art. 1.º Haverão cartas de Cirurgião ou Cirurgião Formado todos aquelles que nas Escolas de Cirurgia do Rio de Janeiro e da Bahia já têm concluido com approvação ou continuem em diante o curso de cinco ou seis annos na conformidade de seus estudos.

Art. 2.º As cartas serão passadas pelos Directores das Escolas ou pelos Lentes que suas vezes fizerem, escriptas em linguagem vulgar, assignadas pelos Lentes de prática medico-cirurgica, subscriptas pelos Secretarios em pergaminho e selladas com sello pendente de fita amarella.

Art. 3.º As formulas das cartas serão em tudo conforme ás que são lançadas no fim desta Lei e o sello será o que escolher cada uma das Escolas.

Art. 4.º Serão dadas e passadas gratuitamente com a unica despeza de impressão e pergaminho, que pagarão os estudantes.

Art. 5.º Os que conseguirem a carta de Cirurgião poderão brevemente curar de cirurgia em qualquer parte do Imperio, depois que com ella se apresentarem á autoridade local.

Art. 6.º Os que obtiverem a carta de Cirurgião formado poderão igualmente executar a Cirurgia e Medicina em todo o Imperio, feita a apresentação na forma do artigo antecedente.

Art. 7.º Ficam revogadas todas as leis, alvarás, decretos e regimentos do Physico Mór, do Cirurgião Mór do Imperio e os Estatutos das sobreditas Escolas na parte em que se oppuzerem á execução desta.»

Esta lei veio rasgar novos horisontes aos graduandos em Medicina e Cirurgia, espancando as anachronicas e obsoletos decretos e regulamentos até então em vigor.

Recebida com verdadeiros applausos pela mocidade academica, despertou o mais vivo contentamento nos futuros diplomados que deviam terminar o curso em 1830, composta dos alumnos Claudio Luiz da Costa, Porfirio José da Rocha, Claudionor Antonio de Azevedo, José Mauricio Nunes Garcia, Eliseu Teixeira de Moraes, Constantino José Xavier Soares, Balthazar Pereira Guedes e Peregrino José Freire.

Reunidos em um jantar dado na chacara da rua das Laranjeiras, residencia de João Ferreira Ramos, situada no alto do morro, na esquina da rua que vae para a actual Fabrica de Tecidos Alliança, os graduandos da turma, lentes e mais convidados, no meio do maior enthusiasmo, o Dr. Claudio Luiz da Costa pró-

Frontispicio da antiga Igreja de Santo Ignacio de Loyola, fundada pelos Jesuitas no morro hoje conhecido pelo nome de *Castello* e sito na Cidade do Rio de Janeiro. Ao lado vê-se parte do *Collegio*, transformado no tempo do Vice-Rei, Conde de Azambuja, em Hospital Militar, e onde funccionaram as primeiras aulas da Escola Medico-Cirurgica, creada pelo Principe Regente D. João VI.

poz mandar pintar á sua custa um quadro que representasse o acto da fundação da Escola de Medicina que havia substituido a antiga Escola Medico-Cirurgica. A idéa foi geralmente applaudida, sendo encarregado desse trabalho o notavel pintor brazileiro Manoel de Araujo Porto-Alegre. Terminado o quadro no anno de 1830, o Dr. Claudio offereceu-o á Escola de Medicina do Rio de

Janeiro, e o Governo, acceitando a valiosa offerta, mandou collocál-o em uma das salas do edificio onde funccionou a Escola, (no Hospital Militar do Castello, segundo o Dr. Moreira de Azevedo).

Esteve esse quadro ornando sempre uma das salas nobres dos edificios para onde se mudou a Escola. Desde 1856 achava-se na sala contigua á da Congregação e hoje figura no salão nobre da mesma Congregação, no edificio ultimamente construido do lado do mar.

Representa o quadro o episodio historico da entrega do Decreto que creou a nova Escola de Medicina do Rio de Janeiro, feita pelo Imperador D. Pedro I ao Director Dr. Vicente Navarro de Andrade, Barão de Inhomerim, na presença do Ministro do Imperio, Conselheiro José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de S. Leopoldo, e dos Lentes: Dr. Joaquim José Marques, Physico Mór, Cirurgião Mór dos Exercitos e professor de Anatomia; Dr. Jeronymo Alves de Moura, professor de Cirurgia e partos; Dr. Manoel José do Amaral, Dr. Antonio Americo de Uzeda, Dr. José Maria Cambucy do Valle, professor de Hygiene; Dr. Joaquim José da Silva, substituto, da cadeira de Hygiene e Secretario interino e o Conselheiro Dr. Manoel Luiz Alves de Carvalho, substituto da cadeira de Cirurgia, nomeado em 18 de Fevereiro de 1817. Esses illustres personagens estão perfeitamente retratados pelo eximio artista Manoel de Araujo Porto-Alegre, e todos elles trazem fardas verdes com bordados a ouro e as competentes condecorações, fardas de Physico Mór e Cirurgião Mór dos Exercitos. A semelhança do retrato do Imperador D. Pedro I, que se acha tambem fardado, despertou o desejo á segunda Imperatriz D. Amelia de possuir outro identico áquelle, o que foi encommendado ao mesmo artista.

Da primeira turma de Cirurgiões formados destacaram-se alguns que se tornaram notaveis. O Dr. Claudio Luiz da Costa, medico distincto, foi um dos primeiros Directores do antigo Collegio dos Menores Cegos, hoje Instituto Benjamin Constant, fundado e installado no chamado lugar Lazareto, na Gambôa. O Dr. José Mauricio Nunes Garcia, gynecologista notavel e professor, e o Dr. Peregrino José Freire, grande chimico que prestou relevantes serviços ao Instituto Vaccinico.

A esse periodo da vida do ensino da Medicina no Brazil, succedeu uma das suas phases mais importantes, a reforma creada pela Lei de 3 de Outubro de 1832, projecto do Dr. José Martins da Cruz Jobim. Foram creadas 14 cadeiras divididas em 3 secções, secção medica, secção cirurgica e secção accessoria, cada uma com 2 substitutos. Essa lei denominou as Escolas de: Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, e conferiu o titulo de doutor em Medicina aos que terminassem o curso e defendessem these. Esta reforma foi sanccionada pela Regencia, composta de Francisco de Lima e Silva, José da Costa Carvalho, João Braulio Muniz. O primeiro Director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro foi o Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, Physico Mór e Cirurgião Mór, formado pela antiga Escola Cirurgica do Rio de Janeiro e Doutor em Medicina pela Faculdade de París, onde estudou a expensas do Imperador D. Pedro I. Foi nomeado Director em 31 de Maio de 1833, e nomeado Lente da Cadeira de Physiologia. O Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto foi um medico notavel e distinguiu-se na Universidade de París, onde defendeu these. Foi o medico da Imperial Camara que assistiu ao nascimento de D. Pedro II e de suas irmãs, e aos ultimos momentos da primeira Imperatriz, tendo sempre recusado titulos de nobreza offerecidos pelo primeiro Imperador D. Pedro I, sendo-lhe não obstante conferido por D. Pedro II o titulo de *Barão de Iguarassú.*

As cadeiras creadas foram:

Physica medica;

Botanica medica e principios elementares de Zoologia; Clinica medica e principios elementares de mineralogia;

Anatomia geral e descriptiva;

Physiologia;

Pathologia externa;

Pathologia interna;

Pharmacia, Materia medica, especialmente a brazileira, Therapeutica e Arte de formular;

Anatomia topographica, Medicina Operatoria e Apparelhos; Partos, molestias de mulheres pejadas e paridas e de meninos recem-nascidos;

Hygiene e Historia da Medicina;

Medicina Legal ;

Clinica externa e Anatomia Pathologica respectiva ;

Clinica interna e Anatomia Pathologica respectiva.

O curso era de seis annos.

O Decreto de 16 de Setembro de 1834 mandou pôr em execução a seguinte resolução da Assembléa Legislativa :

«Artigo 1.º Ficam autorizadas as Escolas de Medicina e os cursos juridicos do Imperio a conferir o gráo de *doutor* nas materias respectivas áquelles de seus lentes proprietarios e substitutos já despachados que não tiverem esse titulo. »

Posteriormente, por Aviso de 26 de Outubro de 1842, mandou o Ministro do Imperio executar um Regulamento provisorio.

Por Decreto n. 1.387, de 28 de Abril de 1854, foram dados novos Estatutos ás Faculdades de Medicina. Foi elevado a 18 o numero de cadeiras do curso medico, divididas em tres secções, com dous substitutos e com o numero de Oppositores que foi indicado pela Congregação e approvados pelo Governo.

Por este Regulamento ficou o Governo autorizado a supprimir os lugares de Substitutos á proporção que fossem vagando, substituindo-os por Oppositores.

Continuaram incorporados as Faculdades de Medicina e os Cursos de Pharmacia e Obstetricia.

Foram estabelecidas regras para as provas de habilitação de profissionaes estrangeiros, incluindo os Dentistas e Sangradores, segundo o Decreto n. 714 de 19 de Setembro de 1853.

Por Decreto de 30 de Junho de 1855 foram concedidas aos Lentes das Faculdades de Medicina do Imperio as honras de Desembargador.

O Decreto de 21 de Abril de 1860 approvou o modelo das vestes *(beca)* que os Directores, Lentes, Cathedraticos, Oppositores, Secretarios das Faculdades medicas deviam usar nos actos solennes e bem assim os doutorandos na collação do gráo, e o annel respectivo.

Por Decreto n. 9.311, de 25 de Outubro de 1884, foram dados novos Estatutos ás Faculdades de Medicina (reforma Dr. Saboya), ampliando-se cadeiras, creando-se novas e bem assim o

Curso de Odontologia annexo ás Faculdades, dividido em tres annos.

Por Decreto n. 1.159, de 3 de Dezembro de 1892, foi approvado o Codigo das disposições referentes ao ensino superior, dependentes do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores.

Por Decreto n. 1.482, de 24 de Julho de 1893, foi approvado o Regulamento das Faculdades de Medicina e Pharmacia e creadas 28 cadeiras divididas em 12 secções e reduzido a dous annos o Curso de Odontologia.

Por Decreto n. 3.902, de 12 de Janeiro de 1901, foi dada nova reforma ás Faculdades de Medicina (reforma Dr. Francisco de Castro).

Foram creadas novas cadeiras e supprimidas outras.

Surgiu finalmente a ultima reforma das Faculdades de Medicina e ensino superior, tão almejada e ardentemente esperada.

O Decreto n. 8.661, de 5 de Abril de 1911, sanccionou esse acto conhecido pela reforma Dr. Hilario de Gouveia. Foram creadas novas cadeiras, transformadas umas e restabelecidas outras, accommodados paternalmente todos os que, colligados sob a denominação de *Mão Negra,* em artigos pela imprensa diaria, procuravam demolir o Edificio da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, essa secular e tradiccional instituição, com accusações injustas increpadas ao digno Director e a provectos professores.

Essa reforma, que muito em breve terá talvez de ser reformada, teve o seu periodo de gestação durante uma phase revolucionaria e cheia dos mais tristes episodios de que ha memoria nos annaes da historia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Contra a demissão do antigo Director Dr. Luiz da Cunha Feijó, que durante nove annos de exercicio dotou o edificio da Faculdade com importantes melhoramentos, insurgiu-se a maioria dos Lentes e alumnos.

A posse do novo Director foi largamente hostilisada e scenas tumultuarias attingiram ao seu auge. Foi mister o emprego da força publica, e a Brigada Policial teve o ensejo de ser a escolhida para manter a ordem.

O edificio da Faculdade foi convertido em praça de guerra e em dependencia da Chefatura de Policia. As suas portas foram guardadas por praças de armas embaladas e no interior aquartelou forte contingente de armas ensarilhadas, aguardando o momento para agir.

Essas tristes scenas, por mais que as quizeramos encobrir, infelizmente foram registradas pelos orgãos da Imprensa diaria, e gravaram-se no espirito da mocidade e de todos os que della foram testemunhas. Pertencem, pois, ao dominio da nossa historia.

Apoz esse periodo de angustias e vexames, que só despertou odios e vinganças, veio á luz a nova reforma, que, segundo se affirma, foi elaborada na cidade serrana emballada pelas caricias das brisas fagueiras no principio de risonha Primavera, ainda mais risonha para os felizes nella contemplados.

A nova reforma tornou autonomas as Faculdades de Medicina e a illustrada Congregação da Faculdade do Rio de Janeiro elegeu, em sessão de 18 de Abril do corrente anno, seu Director o Dr. Antonio Augusto de Azevedo Sodré, que tomou posse perante a mesma Congregação em 4 de Maio do corrente. Mudaram-se as scenas e hoje, graças á prudencia e á urbanidade do novo Director, a Faculdade caminha desassombrada para o grande objectivo almejado. Parodiando o eminente poeta lusitano, diremos

> Depois de procelosa tempestade,
> Nocturna sombra e sibilante vento,
> Traz a manhã serena claridade,
> Esperança de porto e salvamento...

Exerceram os cargos de Directores, de 1808 a 1911, os seguintes medicos :

Dr. José Corrêa Picanço, Barão de Guyana.
Dr. Vicente Navarro de Andrade.
Dr. Domingos Ribeiro Guimarães Peixoto.
Dr. Joaquim José da Silva.
Dr. Manoel de Valladão Pimentel, Barão de Petropolis.
Conselheiro Dr. Manoel Feliciano Pereira de Carvalho.

Dr. Francisco de Paula Candido.
Dr. Joaquim Vicente Torres Homem, Barão de Torres Homem.
Dr. José Bento da Rosa.
Dr. Luiz da Cunha Feijó, Visconde de Santa Izabel.
Dr. Vicente Candido Figueiredo Saboya, Visconde de Saboya.
Dr. Erico Marinho da Gama Coelho.
Dr. Albino de Alvarenga, Visconde de Alvarenga.
Dr. Francisco de Castro.
Dr. Luiz da Cunha Feijó Filho.
Dr. Hilario de Gouvêa.
Dr. Antonio Augusto de Azevedo Sodré.
Serviram de Secretarios durante aquelle periodo :
Dr. José Joaquim da Silva.
Dr. Luiz Castro da Fonseca.
Dr. José Maria Lopes da Costa.
Conselheiro Dr. Antonio Felix Martins, Barão de S. Felix.
Dr. Carlos Ferreira de Souza Fernandes.
Dr. Antonio de Mello Muniz Maia.
Dr. Eugenio do Espirito Santo de Menezes.

Estas linhas não são mais do que a reproducção do historico do quadro representando a fundação da primeira Escola de Medicina do Rio de Janeiro, que escrevi ha annos nas columnas do *Jornal do Commercio*, para satisfazer aos desejos do Dr. Feijó Filho.

Convidado para reproduzir esse insignificante trabalho na *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, entendi amplial-o addicionando-lhe o historico da nossa Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sem nutrir comtudo a pretenção de fazer um trabalho completo.

Com os dados que consegui colher em fontes seguras e officiaes não fiz mais do que coordenál-os chronologicamente, satisfazendo por essa fórma as ordens recebidas de amigos. Representa o fructo de algumas horas de trabalho roubadas ao meu lazer.

Dedico-o ao illustrado ex-Director da Faculdade de Medi-

*

cina do Rio de Janeiro, Dr. Luiz da Cunha Feijó Filho, ao meu bom amigo Dr. Eugenio Espirito Santo de Menezes, aos dignos Lentes, substitutos e aos manes daquelles que compuzeram a Congregação que tão benevolamente me acolheu e conferiu o seu *veredictum* unanime no concurso que, perante ella, prestei em 13 de Agosto de 1896, como testemunho do meu reconhecimento e gratidão.

A. G. PEREIRA DA SILVA.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

(SUBSIDIOS PARA A SUA HISTORIA)

(1838-1911)

PELO

DR. JOSÉ VIEIRA FAZENDA

(Bibliothecario do Instituto)

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

(SUBSIDICS PARA A SUA HISTORIA)

Satisfazendo a um convite do Ministro da Justiça e Negocios Interiores, o Sr. Dr. Amaro Cavalcanti, escreveu, em 1897, o saudoso Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Presidente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, curiosa monographia sobre esta instituição scientifica, abrangendo-a desde os seus primordios até aquella data.

São passados quasi tres lustros, durante os quaes novos e notaveis acontecimentos se desenrolaram no seio da antiga companhia.

Alterações se operaram em seus estatutos, numerosos scientistas têm vindo occupar as vagas de outros, a quem a morte levou, e o proprio edificio séde do Instituto desde 1849 soffreu importantes modificações.

O trabalho, pois, do Conselheiro Olegario, não obstante os copiosos subsidios que encerra, está hoje longe de exprimir o verdadeiro estado do Instituto.

E por ser de necessidade reunir os elementos que possam, num momento dado, tornar patentes as condições da velha associação, foi que do actual 1.º Secretario Perpetuo, Sr. Max Fleiuss, recebemos a incumbencia, com a qual está de pleno accôrdo o Sr. Barão do Rio-Branco, Presidente Perpetuo do Instituto, de synthetizar a existencia da associação, no periodo decorrido de 1838 a 1911.

O que se vai ler é, pois, a resenha de setenta e tres annos proficuamente vividos pelo Instituto Historico e Geographico Brazileiro, reconhecido de utilidade nacional em 10 de Dezembro de 1907 pela Camara dos Srs. Deputados.

Em linguagem filha da verdade ficará demonstrado ter sido até hoje o escopo do Instituto reunir os materiaes necessarios a erigir-se um monumento condigno da nossa historia tetra-secular.

§ 1.º

FUNDAÇÃO

No dia 28 de Fevereiro de 1828 celebrava, nesta cidade, a *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional* a sua primeira sessão ordinaria. Encetava os trabalhos em uma sala baixa e sem forro, do pavimento terreo do antigo Museu Nacional, edificio situado no terreno em que hoje funcciona o Archivo Publico Nacional.

Fôra, como é sabido, o Museu creado por D. João VI, por decreto de 6 de Junho de 1818.

Pela quantia de 32 contos foi indemnizado João Rodrigues Pereira de Almeida, depois Barão de Ubá, proprietario do immovel situado no quarteirão do Campo de Sant'Anna, entre as antigas ruas dos Ciganos e do Conde, actualmente da Constituição e Visconde do Rio-Branco, onde foi installado o Museu.

Ao nome de D. João VI liga-se tambem a fundação da *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional,* suggerida em 1820 por Ignacio Alvares Pinto de Almeida.

Acontecimentos politicos, succedidos após a partida da familia real, interromperam a realização dessa idéa proficua e patriotica.

Proclamada a Independencia, outra era a trajectoria do Brazil.

Em 1825 renovou Pinto de Almeida seu projecto, dirigindo ao Imperador D. Pedro I extenso requerimento no qual apresentou suas idéas, animadas de verdadeiro espirito de patriotismo.

Ouvidos o Director do Museu e o Tribunal da Junta do Commercio, Agricultura e Navegação, teve o requerente favoravel despacho.

Em 31 de Outubro de 1825 eram approvados os estatutos da *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional,* os quaes seriam

examinados, corrigidos e addicionados pelos membros da Sociedade depois de estabelecida.

Ainda em 1827 instava Pinto de Almeida pela necessidade do definitivo estabelecimento da mesma Sociedade. Afinal em 18 de Julho desse anno nomeou o Governo os membros componentes da administração.

Foram elles: Presidente, o Visconde de Alcantara (João Ignacio da Cunha); Vice-Presidente, Brigadeiro Francisco Cordeiro da Silva Torres Alvim; Secretario, Ignacio Alvares Pinto de Almeida, e Thesoureiro João Fernandes Lopes.

Inaugurada a *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional* em 19 de Outubro de 1827, encetou seus trabalhos, tendo em mira o progresso da agricultura, lavoura e industria agricola e pastoril do nosso paiz.

Passaram-se quasi dez annos e do seio da Sociedade Auxiliadora surgiu a idéa da fundação de outro gremio scientifico, destinado a colligir, methodisar, publicar ou archivar os documentos necessarios para a historia e geographia do Brazil.

Celebrava em 18 de Agosto de 1838 o Conselho Administrativo da Sociedade Auxiliadora a sua 195.ª sessão, sob a presidencia do notavel scientista Frei Custodio Alves Serrão, quando á Mesa foi apresentada extensa proposta assignada pelo 1.º Secretario da Sociedade, Marechal Raymundo José da Cunha Mattos e pelo Conego Januario da Cunha Barbosa, Secretario Adjunto, e acompanhada das necessarias bases para a creação de um Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Pediram os signatarios fosse a proposta sujeita á assembléa geral da mesma *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.*

Convocada no dia seguinte, 19, a alludida assembéa, foi unanimemente approvada a idéa do Marechal Cunha Mattos e do Conego Januario, os quaes deste modo ficaram sendo considerados os verdadeiros fundadores do Instituto Historico.

No domingo, 21 de Outubro de 1838 ás onze horas da manhã, reuniram-se 27 illustres cavalheiros na modesta sala do Museu Nacional e inauguraram o novo gremio dedicado ás lettras historicas.

Foi esse acto presidido pelo Marechal Francisco Cordeiro da

Silva Torres Alvim, procedendo-se logo á eleição de um Presidente e dous Secretarios interinos, que serviriam até a organização definitiva dos Estatutos e sua competente approvação. Foram eleitos para taes cargos o Visconde de S. Leopoldo (José Feliciano Fernandes Pinheiro), Presidente; Conego Januario da Cunha Barbosa, 1.º Secretario, e o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, para 2.º Secretario.

Antes de proseguir, porém, manda a gratidão que fiquem para sempre lembrados os nomes dos 27 primeiros socios fundadores do Instituto Historico, os quaes tomaram parte nessa memoravel reunião inicial.

Dentre elles destacam-se os de alguns que figuraram nos successos da nossa emancipação politica, e outros distinctos por seu saber e hombridade de caracter, todos unidos pelo amor ao estudo do passado do Brazil.

Eil-os:

1. Marechal de Campo Francisco Cordeiro da Silva Torres Alvim, depois Visconde da Jerumirim, Conselheiro de Estado.

2. José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de S. Leopoldo, Conselheiro de Estado e Senador do Imperio.

3. Marechal de Campo Raymundo José da Cunha Mattos, vogal do Supremo Conselho Militar.

4. Conego Januario da Cunha Barboza, prégador Imperial e chronista do Imperio.

5. Candido José de Araujo Vianna, depois Marquez de Sapucahy, Senador e Conselheiro de Estado.

6. Coronel Conrado Jacob de Niemeyer, engenheiro.

7. Pedro de Alcantara Bellegarde, Marechal de Campo e Lente da Academia Militar.

8. Dr. Joaquim Caetano da Silva, professor do Collegio Pedro II.

9. Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, idem.

10. Desembargador José Antonio da Silva Maia, Procurador da Corôa, Soberania e Fazenda Nacional, Senador e Conselheiro de Estado.

11. Caetano Maria Lopes Gama (Visconde de Maranguape), Senador e Conselheiro de Estado.

12. José Clemente Pereira, Senador e Conselheiro de Estado.

13. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho (Visconde de Sepetiba), Senador do Imperio.

14. Desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes.

15. Francisco Gê Acayaba de Montezume (Visconde de Jequitinhonha), Senador e Conselheiro de Estado.

16. Joaquim Francisco Vianna, Senador e Conselheiro.

17. Bento da Silva Lisboa (Barão de Cayrú), Conselheiro.

18. Antonio José de Paiva Guedes de Andrade, chefe da Secretaria dos Negocios do Imperio, Conselheiro.

19. Alexandre Maria de Mariz Sarmento, chefe da Contadoria Geral do Thesouro, Conselheiro.

20. Ignacio Alves Pinto de Almeida, Secretario da Junta do Commercio.

21. João Fernandes Tavares, Physico-mór (Visconde de Ponte Ferreira).

22. José Antonio Lisboa, Deputado da Junta do Commercio, Conselheiro.

23. José Lino de Moura, Contador da Caixa de Amortização.

24. Dr. José Marcellino da Rocha Cabral, Advogado.

25. Dr. Antonio Alves da Silva Pinto, Advogado.

26. José Silvestre Rebello, Negociante.

27. Thomé Maria da Fonseca, Administrador da Recebedoria do Municipio.

Desta lista destacam-se, além dos nomes dos fundadores do Instituto, os de Ignacio Alvares Pinto de Almeida, Visconde de S. Leopoldo, Araujo Vianna, Niemeyer, Bellegarde, José Clemente, Joaquim Caetano da Silva, Aureliano Coutinho, Rodrigo da Silva Pontes, Bento da Silva Lisboa, Silva Maia e Lino de Moura, sendo que a bolsa deste ultimo esteve sempre franca para as despezas mais urgentes da nascente associação.

§ 2.º

ESTATUTOS, ALTERAÇÕES E REFORMAS

No domingo 25 de Novembro de 1838, de novo se reuniram os socios fundadores do Instituto. Lidos e approvados os Esta-

tutos, procedeu-se á eleição do primeiro conselho, bem como das quatro commissões.

Em seguida o 1.º Secretario Perpetuo, Januario da Cunha Barboza, leu o discurso inaugural, publicado integralmente no tomo I da *Revista*, pags. 10-21.

São estas, em resumo, as disposições dos primeiros estatutos:

— O Instituto tinha por fim colligir, methodizar, publicar ou archivar os documentos necessarios para a historia e geographia do Imperio do Brazil e assim tambem promover os conhecimentos destes dous ramos scientificos por meio do ensino publico, logo que os cofres sociaes o permittissem. Procuraria corresponder-se com as sociedades congeneres do velho mundo e da America. Devia publicar, de tres em tres mezes, um numero da *Revista,* contendo, além das actas, memorias dos socios, noticias ou extractos de historia e geographia dados pelas outras sociedades e pessoas lettradas nacionaes ou extrangeiras. O quadro social constava de 50 socios; 25 pertencentes á secção de historia e outros tantos à de geographia. Haveria numero illimitado de socios correspondentes e de honorarios. Para esta ultima classe só seriam admittidas as pessoas que por sua avançada idade, consummado saber e distincta representação estivessem no caso de dar credito ao Instituto. As vagas em algumas das duas secções poderiam ser preenchidas por apresentação de proposta assignada por algum membro da secção a que o candidato pretendesse pertencer. Tal proposta era enviada á mesa administrativa com o parecer da secção competente. Era votada por escrutinio secreto e depois submettida á assembléa geral para ser definitivamente approvada.

Era de dez mil réis a joia de admissão. Além d'esta contribuição o socio pagava a quantia de tres mil reis, em cada semestre. Eram quinzenaes as sessões. A mesa apresentava programmas de historia e de geographia, discutidos tanto por escripto como verbalmente. Esses programmas eram extrahidos de uma urna para tal fim preparada.

Pondo de parte minucias, citaremos o artigo 37, assim concebido:

« Os socios terão a faculdade de ler na bibliotheca do Instituto as obras que ahi forem depositadas, não só impressas, mas tambem em manuscripto, fazendo dellas os extractos necessarios, mas nunca levando essas obras para fóra da casa em que estiverem arrecadadas. »

Tão salutar providencia não foi até 1906 fielmente cumprida. Si tal houvesse acontecido, o Instituto não se veria privado de obras importantes, offerecidas nos primeiros tempos de sua fundação.

Deste modo se regeu o Instituto até que em sessão de 8 de Novembro de 1850 o 1.º Secretario Dr. Manoel Ferreira Lagos, como relator da Commissão de Estatutos, propôz varias emendas. Depois de importantes discussões nas sessões de 1850 e 1851, appareceu a nova lei regulamentar em 10 de Junho de 1851. Na folha de rosto occorrem os seguintes dizeres: « Novos Estatutos do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Fundado Debaixo da Immediata Protecção de S. M. I. o Senhor D. Pedro II ». Foram impressos na Typographia de Francisco de Paula Brito, Praça da Constituição n.º 64.

Assignaram estes Estatutos os Srs. Candido José de Araujo Vianna, Presidente; Francisco Adolpho de Varnhagen, 1.º Secretario, e Francisco de Paula Menezes, 2.º Secretario, e constam de 46 artigos.

Mantidas as antigas disposições, apresentam os Estatutos de 1851 differenças dignas de menção. Foram supprimidas as promessas de cursos publicos de historia e geographia. O quadro social foi modificado, continuando a ser de 50 o numero de socios effectivos, sem classificações de secção. Prevaleceu a antiga disposição quanto ao numero indeterminado de socios correspondentes e honorarios. Foi estabelecida a classe de Presidentes Honorarios, titulos que apenas caberiam aos Principes da Familia Imperial Brazileira e aos soberanos e principes extrangeiros. Podiam ser admittidos socios tanto os naturaes como os extrangeiros. Estes, quando residentes fóra do Imperio, eram dispensados de qualquer contribuição. Os socios effectivos e correspondentes que residissem no paiz eram sujeitos ao pagamento de uma joia no valor de vinte mil réis e de prestações

semestraes de seis mil réis. Foram abolidos os cargos perpetuos. A Directoria compunha-se do Presidente, tres Vice-Presidentes, 1.º Secretario, 2.º Secretario, o Orador e o Thesoureiro. Havia 10 commissões. Exigia-se para provimento dos cargos de Presidente e Vice-Presidente maioria absoluta. A sessão magna anniversaria celebrava-se a 15 de Dezembro. (Nesse dia, em 1849, assistiu o Imperador D. Pedro II, pela primeira vez, a uma sessão no Instituto).

Dos Estatutos de 1851 destacaremos o art. 6.º, que tem dado margem a varias interpretações e muitas discussões.

Dispunha esse artigo que para ser socio effectivo deveria o candidato apresentar trabalho proprio acerca da historia, geographia ou ethnographia do Brazil, quer esse trabalho fosse inedito, quer já estampado, uma vez que elle abonasse a capacidade do autor, o qual estando completo o numero de socios effectivos seria recebido na qualidade de correspondente.

Para socio correspondente, além da sufficiencia litteraria do candidato, era preciso que elle offerecesse ao Instituto uma obra de valor sobre o Brazil ou outra parte da America, ou alguma dadiva importante para o Museu do Instituto.

Mais tarde, em 1861, entendeu o Instituto annexar aos Estatutos disposições que discutidas e approvadas no seio da aggremiação scientifica o foram tambem pelo Governo Imperial, por decreto n. 2.482, de 2 de Novembro daquelle anno.

Entre as novas disposições notavam-se: a admissão de socios honorarios reclamava proposta assignada por tres socios effectivos e parecer favoravel da commissão respectiva. O parecer não podia ser votado na mesma sessão.

Para a approvação exigia-se dous terços de votos dos socios presentes. Era dispensado de contribuição o socio honorario. O Instituto poderia, por deliberação tambem tomada por dous terços de votos e por proposta do Presidente, passar para a classe de honorarios qualquer socio effectivo ou correspondente. O Instituto ficava autorizado a reconhecer como filiaes as sociedades congeneres que se fundassem, mas depois de seis annos de existencia e tendo os Estatutos approvados pelo Governo. Entre o Instituto e as sociedades filiaes foram estabelecidas cinco condições,

que dispensam transcripção. Podiam ficar remidos os socios do Instituto admittidos desde essa época, mediante o pagamento de 240$000. Os que contassem menos de 10 annos pagariam pela remissão 180$000 ; os que contassem de 10 annos para cima, porém menos de 15, pagariam 120$000, e 60$000 os que já contassem mais de 15 annos.

Em sessão de 25 de Setembro de 1868 o Dr. Perdigão Malheiro, como relator da Commissão de Admissão de Socios, fundamentou e enviou á mesa o seguinte requerimento :

« Requeiro que o Instituto, ouvida a Commissão de Estatutos, resolva sobre as seguintes duvidas : 1.ª Si em vista do artigo 6.º dos Estatutos basta a sufficiencia litteraria do candidato para ser admittido socio effectivo ou correspondente. 2.º No caso negativo se devem ser preferidos para titulo de admissão trabalhos proprios do candidato e especiaes sobre historia e geographia do Brazil e sobre ethnographia, archeologia e lingua dos seus indigenas, tendo-se em attenção o fim do Instituto e o que dispõe o final do art. 13, combinado com o art. 6 dos Estatutos. 3.º Si a offerta para titulo de admissão deve ser feita pelo proprio ou basta que o seja por algum dos socios ou por terceiro. »

Só em sessão de 17 de Novembro de 1871 a Commissão de Estatutos, composta de D. Francisco Balthazar da Silveira, Dr. Olegario Herculano de Aquíno e Castro e Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, apresentava o respectivo parecer unanimemente approvado.

Ficou deliberado fosse este junto aos Estatutos, afim de ser executado como parte integrante delles. A commissão, depois de largas considerações, concluiu pelo modo seguinte :

« 1.º Não basta para ser admittido como socio effectivo ou correspondente, a sufficiencia litteraria do candidado, demonstrada em trabalhos de ordem extranha aos fins do Instituto. Em um ou outro caso é mister que se offereça algum trabalho proprio, nas condições definidas no citado artigo, pronunciando-se préviamente sobre o merecimento do escripto o juizo do Instituto, depois de ouvida a commissão respectiva.

2.º Póde, porém, ser admittido como socio correspondente, provada a indispensavel sufficiencia litteraria e offerecida qual-

quer obra de valor de producção propria ou alheia, sobre assumpto relativo ao Brazil, ou outra parte da America, o candidato que, por ser residente fóra do Imperio ou outro semelhante motivo, não tiver de passar a effectivo, em conformidade do disposto dos Estatutos.

3.º A offerta para titulo de admissão de socio effectivo ou correspondente poderá ser feita directamente pelo candidato ou por algum dos socios em seu nome.

4.º Nas propostas observar-se-ha restrictamente o disposto no artigo 8.º dos Estatutos, para o effeito de não serem acceitas sem que contenham as precizas informações sobre as qualidades do candidato. E' extensiva a disposição da parte 1.ª artigo 2.º dos Estatutos de 2 de Novembro de 1861 aos socios effectivos ou correspondentes. »

Em 20 de Setembro de 1887 a Commissão de Estatutos deu parecer favoravel á proposta apresentada por varios socios em 11 de Julho de 1884. Versava sobre o ceremonial da posse do novo socio. Approvado este parecer, passou tambem a fazer parte das leis estatutarias do Instituto.

Em sessão de 18 de Setembro de 1885, apresentou o socio Alfredo d'Escragnolle Taunay, proposta neste sentido: — « Nenhum socio correspondente passaria a effectivo sem frequentar as sessões pelo menos durante um anno, sem ler algum trabalho original, ou fazer parte de algumas das Commissões por espaço de dous annos.

Nenhum trabalho impresso ou manuscripto seria considerado titulo de admissão, sem que o autor manifestasse por officio á Mesa o desejo de pertencer á Associação.

Seria dispensada tal formalidade em se tratando de notabilidades indiscutiveis. »

Em sessão de 30 de Outubro de 1885, sendo relator o Dr. Teixeira de Mello, apresentou a Commissão de Estatutos seu parecer a respeito, opinando fossem aceitas as duas propostas, modificando o artigo 7.º ou accrescentando-se ao artigo 8.º a nova disposição.

Entrando em discussão, em sessão de 27 de Novembro, o referido parecer, deliberou o Instituto voltasse de novo o mesmo

á Commissão de Estatutos. Não a mesma Commissão, mas a que lhe succedeu apresentou novo parecer em 21 de Setembro de 1887, firmado pelos socios Franklin Tavora e Augusto Fausto de Souza.

O parecer estuda completamente o assumpto e vem publicado na respectiva acta, pags. 325 a 338 da *Revista,* tomo L.

Tão extenso foi esse parecer que o Instituto resolveu mandar publicál-o em separado, e distribuir pelos socios antes de submettel-o a discussão.

Foi esta iniciada em sessão de 16 de Novembro de 1887. O parecer opinava: pela suppressão, por não se ajustarem com o disposto no artigo 4.°, das seguintes palavras do art. 6.°:

«...o qual estando completo o numero de socios effectivos será recebido na qualidade de correspondente».

Aconselhava a suppressão no art. 13:

« Que as vagas actuaes de socios effectivos sejam preenchidas com a nomeação de socios correspondentes que residirem na Côrte. Que para as vagas que fossem occorrendo sejam nomeados os socios correspondentes que ao tempo da vacatura ainda residam ou tiverem vindo residir depois na Côrte. Que não existindo nenhum socio correspondente seja posto a concurso o lugar vago afim de serem recebidos os escriptos impressos ou as memorias ineditas que os candidatos houvessem de apresentar.»

Houve vivo debate em que tomaram parte os socios Henrique Raffard, Alencar Araripe, Taunay, Severiano da Fonseca. O primeiro propoz o adiamento, que foi recusado.

Sujeito o parecer á votação, foi approvado unanimemente a 1.ª conclusão. Antes de votar-se a 2.ª foi lido o artigo 13 dos Estatutos. Foi approvada a suppressão do artigo 13 sómente quanto á primeira parte, deixando de subsistir o 2.° periodo do mesmo artigo, a partir das palavras « quando, porém, as necessidades... »

Foram em seguida approvadas as 3.ª e 4.ª conclusões, com declaração de ficarem resalvados os direitos dos socios correspondentes existentes.

Á 5.ª conclusão apresentou um substitutivo o socio Escra-

gnolle Taunay, que foi unanimemente approvado e assim dispunha:

« Que dentre os trabalhos apresentados como titulos de admissão seja escolhido o autor daquelle que, segundo juizo final, depois dos pareceres das commissões, fôr julgado melhor. »

Foi tambem approvado o additamento apresentado pelo socio Severiano da Fonseca:

« Proponho que ninguem seja admittido socio sem que apresente uma memoria imprensa ou inedita, de accordo com o exigido no artigo 1.º dos Estatutos. »

Em data de 4 de Outubro de 1889, o então Presidente Joaquim Norberto de Souza e Silva apresentou esta proposta:

« Além do disposto nos artigos dos Estatutos, relativamente á nomeação de presidentes e socios honorarios, será julgada toda proposta referente a pessoa altamente collocada por sua posição social, talentos, virtudes e reputação, uma vez que se apresente assignada pelo Presidente e todos os socios presentes ás sessões. »

Na recepção de socios os discursos seriam lidos, entendendo-se préviamente o recipiendario com o orador.

Em virtude de deliberação do Instituto, o socio Conselheiro Alencar Araripe apresentou em sessão de 4 de Julho de 1890 a consolidação dos Estatutos de 1.º de Julho de 1851 e das alterações posteriores.

Em sessão de 25 desse mez ficou resolvido que uma commissão, composta do referido Conselheiro Araripe e dos Conselheiros Olegario e Corrêa, refundisse essa consolidação com as reformas convenientes. Assim se fez, sendo apresentado em 1 de Agosto o projecto de reforma, que foi approvado e constituiu a lei pela qual o Instituto começou a se reger.

Em sessão de 14 de Outubro de 1898, apresentou o Conselheiro Corrêa uma proposta creando a classe de socios bemfeitores.

A commissão competente lavrou parecer, que foi lido a 25 de Novembro, opinando pela apresentação da proposta á assembléa geral que se reuniria proximamente. Nesta assembléa, realizada a 23 de Dezembro do mesmo anno, foi a proposta appro-

vada contra os votos dos Srs. Barão Homem de Mello e Aristides Milton.

Em 10 de Novembro de 1899 o Dr. Castro Carreira apresentou proposta e emendas sobre o pagamento de joias.

Em 8 de Dezembro a Commissão de Estatutos e Redacção apresentou parecer, com modificações que foram approvadas em assembléa geral de 23 do mesmo mez.

Em sessão de 4 de Dezembro de 1903 o socio Max Fleiuss, então 2.º Secretario, consultou o Instituto se nas sessões de eleição podia ser admittida a votação por meio de procuração ou de carta dirigida ao Presidente.

Submettida á votos a consulta, deliberou o Instituto não ser admissivel nos termos indicados, sendo essencial a presença dos socios na sessão de eleição.

Antes, em sessão de 20 de Novembro, veiu á Mesa extensa proposta no intuito de reformar os Estatutos em pontos capitaes.

Em sessão de 1 de Junho de 1904 o 2.º Secretario Max Fleiuss propôz ainda novas alterações aos Estatutos (pags. 432-434, tomo LXVII da *Revista*).

A commissão respectiva deu parecer favoravel, sendo adiada a votação para a primeira assembléa geral extraordinaria. Todas as emendas constituiram objecto da assembléa geral de 6 e 16 de Abril de 1906, dando em resultado os novos Estatutos que ainda vigoram.

Nestes Estatutos figura uma disposição inteiramente nova, suggerida pelo Conselheiro Olegario, de « poder o Presidente oppôr veto ás deliberações tomadas nas sessões ».

Constam de 72 artigos divididos em oito capitulos e mais disposições transitorias.

Mais tarde foram ainda em assembléa geral de 17 de Outubro de 1907 apresentadas pela Commissão de Estatutos e Redacção algumas alterações aos Estatutos. Approvados, foram impressos e registrados os Estatutos no Registro Especial de Titulos.

Finalmente, o Dr. Norival Soares de Freitas apresentou uma indicação, approvada unanimemente em asssembléa geral de 30

*

de Novembro seguinte. Consistiu no exacto cumprimento do artigo 62 dos Estatutos, não devendo subsistir a pratica de serem alguns socios admittidos por occasião da sessão magna anniversaria de 21 de Outubro, sem que cumprissem as disposições do mesmo artigo.

§ 3.º

DIRECTORÍAS

PRESIDENTES — Durante o longo estadio percorrido pelo Instituto Historico e Geographico Brazileiro tem tido elle á frente de sua administração sete presidentes eleitos e um provisorio — o Marechal Francisco Cordeiro da Silva Torres Alvim, Presidente da *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional,* o qual dirigiu os trabalhos de installação no domingo 21 de Outubro de 1838. Descendente do grande Condestavel Nuno Alvares Pereira, serviu Silva Torres á marinha portugueza, a principio, depois passou ao Exercito. Falleceu no posto de Marechal de Campo, a 8 de Maio de 1856.

Dous annos antes fôra agraciado com o titulo de Visconde de Jurumirim.

Dotado de alto valor intellectual, escreveu compendios de mathematica e importantes memorias sobre ramos de engenharia. Serviu como Ministro da Guerra desde 15 de Junho de 1828 a 24 do mesmo mez. O elogio historico de tão prestante varão foi feito pelo orador Manoel de Araujo Porto Alegre na sessão magna de 15 de Dezembro de 1856.

O Instituto grato á memoria do Visconde de Jurumirim conserva o seu retrato na sala de leitura ou de D. Pedro II. Os sete presidentes eleitos têm sido José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de São Leopoldo), Candido José de Araujo Vianna (Marquez de Sapucahy), Luiz Pereira do Couto Ferraz (Visconde do Bom Retiro), Joaquim Norberto de Souza e Silva, Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, João Lustosa da Cunha Paranaguá (Marquez de Paranaguá) e Dr. José Maria da Silva Paranhos (Barão do Rio-Branco).

José Feliciano Fernandes Pinheiro, (Visconde de São Leopol-

do) eleito presidente perpetuo em 21 de Outubro de 1838, serviu o cargo até seu fallecimento no Rio Grande do Sul em 6 de Julho de 1847. Desse notavel homem de Estado existem noticias biographicas escriptas por Manoel de Araujo Porto Alegre, Conego Fernandes Pinheiro, Barão Homem de Mello, Drs. Joaquim Manoel de Macedo, Sacramento Blacke e Antonio da Cunha Barbosa. Com sua assiduidade, com o enthusiasmo proprio das grandes almas de eleição, foi o Visconde de S. Leopoldo poderoso elemento do Instituto nos primeiros tempos de vida da associação. Ao lado do Conego Januario continha o desanimo de uns, a indifferença de outros e não deixou morrer a obra começada a 21 de Outubro de 1838.

Foi elle que em patriotica e vibrante memoria asseverou ser o Instituto Historico e Geographico Brazileiro o representante das idéas de illustração que em differentes épocas se manifestaram em nosso continente. Para attestar o zelo e cuidado com que estudava as cousas brazileiras ahi estão seus escriptos esparsos pelos primeiros tomos da *Revista,* sobre os limites do Brazil, vida e feitos de Alexandre Gusmão e Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

São varios tambem os trabalhos de grande valor escriptos por São Leopoldo antes de pertencer ao gremio de que foi fundador.

Sua vida, emfim, está reproduzida na memoria que escreveu e o Barão Homem de Mello compillou.

Por motivo de serviço publico teve de abandonar, por varias vezes, a sua cadeira de Presidente. Mas longe da séde da veneranda companhia, jámais se esqueceu de dar vida ao Instituto, enviando copia de documentos ineditos, memorias, trabalhos, mappas e objectos raros para o seu museu. Servem de prova suas cartas escriptas do Rio Grande do Sul pouco tempo antes de fallecer. Nesses manuscriptos, que tivemos a felicidade de compulsar, patenteava sempre sua dedicação ao gremio que o escolhera para seu Presidente perpetuo.

Vaga a cadeira da presidencia pelo fallecimento do Visconde de São Leopoldo, occupou esse cargo interino e depois effectivamente o Conselheiro Candido José de Araujo Vianna (Marquez

de Sapucahy) unanimemente eleito em Assembléa Geral Extraordinaria, celebrada em 12 de Agosto de 1847.

Successivamente reeleito Presidente, este illustre mineiro dirigiu os destinos do Instituto até o dia de seu fallecimento, occorrido a 23 de Janeiro de 1875.

O elogio historico do Marquez de Sapucahy foi lido pelo orador Dr. Joaquim Manoel de Macedo na sessão magna de 15 de Dezembro de 1875. Desta peça literaria se conclue: ter sido o Marquez de Sapucahy bacharel em direito pela Universidade de Coimbra, gentil-homem da Imperial Camara do Conselho do Imperador, Ministro aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, dignitario da Ordem do Cruzeiro, cavalleiro de Christo e da Rosa, gran-cruz da ordem portugueza da Torre e Espada e da Ordem Ernestina, da Saxonia. Tomou assento na Constituinte em 1823, como deputado por Minas e figurou nas quatro legislaturas subsequentes. Em 1839 foi nomeado Senador ainda pela provincia de Minas. Presidiu Alagoas e Maranhão. Occupou as pastas da Fazenda, da Justiça e do Imperio. Foi professor do Imperador D. Pedro II e mais tarde das Princezas D. Isabel e D. Leopoldina.

Do discurso do Dr. Macedo podemos citar as seguintes phrases que dão em resumo os serviços do, em 1875, unico sobrevivente dos 27 benemeritos fundadores do Instituto: «Elevado á cadeira de Presidente desta sociedade tornou-se o nosso venerando director e guia; a estrella que nos conduzia e animou na marcha pelo deserto da indifferença geral durante annos de adversidade, de constancia e entrado o Instituto na era de seu desenvolvimento e da sua prosperidade pela protecção augusta e pelo concurso activo e constante do Imperador, o venerando Marquez continuou sempre com unanime votação a ser o nosso esclarecido, amado, paternal presidente até o dia funesto em que a morte o riscou do numero dos vivos.»

Ao Marquez de Sapucahy deve o Instituto, além de outros serviços, a poderosa coadjuvação do Imperador.

Foi, é hoje bem sabido, cedendo ás suggestões de seu sabio professor, a quem o monarcha votava respeito e amizade filiaes, que D. Pedro II desde 15 de Dezembro de 1849 começou a fre-

quentar as reuniões do Instituto com assiduidade, só interrompida quando se ausentava do paiz.

Isto bastaria para tornar querido o nome desse homem de Estado.

Em Assembléa Geral de 21 de Dezembro de 1875 foi eleito o Visconde de Bom Retiro, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, que occupou a presidencia até o dia de sua morte, em 12 de Agosto de 1886. Este notavel carioca foi tambem verdadeiro homem de Estado, excellente administrador e emerito representante da profissão de advogado, a principio por elle abraçada. Na politica do paiz representou especial papel nos successos do segundo Imperio. Formou-se em direito pela Faculdade de S. Paulo, nella foi professor, havendo sido mais tarde jubilado. Obteve depois o titulo de Desembargador honorario.

Do Conselho do Imperador, Senador do Imperio, Conselheiro de Estado, exerceu o Visconde do Bom Retiro altos cargos com brilho e hombridade de caracter.

Fez parte de diversas associações nacionaes e estrangeiras. A provincia do Rio de Janeiro, da qual foi Presidente, deve-lhe immensos serviços. Ornavam-lhe o peito as insignias da Ordem da Rosa e da do Cruzeiro, a gran-cruz da Ordem de Christo do Brazil e da de Portugal, a gran-cruz da Conceição de Villa Viçosa (de Portugal), da Legião de Honra (da França), da Ordem Austriaca de S. Leopoldo, da Ordem italiana de S. Mauricio e S. Lazaro e da Ordem dinamarqueza de Danebrog. Eleito deputado á Assembléa pela provincia do Rio de Janeiro, foi em 1845 presidir a provincia do Espirito Santo, que o elegeu seu representante na Assembléa Geral na 7.ª e 8.ª legislaturas. Na 9.ª e 11.ª representou a provincia do Rio de Janeiro, que o fez depois Senador. Fez parte do primeiro Ministerio da conciliação, presidido pelo Marquez de Paraná. Melhor avaliará a personalidade desse verdadeiro benemerito da Patria quem ler o seu elogio historico pronunciado pelo orador Franklin Tavora, na sessão de 15 de Dezembro de 1886.

Era-lhe verdadeiro amigo o Imperador D. Pedro II. Gravemente doente, o Visconde de Bom Retiro recebeu a visita do monarcha.

Junto do leito do agonizante demorou-se D. Pedro II durante longas horas; ao retirar-se, disse com lagrimas á sua comitiva: « *É a consciencia mais pura que tenho conhecido* ».

Foi admittido ao Instituto em 14 de Setembro de 1855. Em 1859 fez parte da Commissão de Redacção. Eleito Vice-Presidente em 1867 passou, como dissemos, a Presidente em 1876. Não apresentou o Visconde do Bom Retiro trabalhos sobre historia e geographia do Brazil. Na *Revista* apparecem os seus discursos nas sessões magnas, ponderados e expressivos do muito que lhe merecia a associação.

Dignificou com seu alto prestigio a cadeira de Presidente, fez importantes offertas e no Poder, ou fóra delle, jámais deixou de, com galhardia, attender aos desejos dos seus confrades nos emprehendimentos por estes projectados.

Para succeder ao Visconde de Bom Retiro foi eleito em 21 de Dezembro de 1886 Joaquim Norberto de Souza e Silva.

Cabem aqui as eloquentes palavras do Sr. Conde de Affonso Celso, proferidas no Instituto em 1908:

« A sua eleição para Presidente, cargo que condignamente exerceu por cinco annos, até fallecer, prova não prevalecerem no Brazil exclusivismos nem desigualdades, sendo dado a quem quer que seja, com esforço e merecimento, ascender ás mais cubiçadas posições.

« Mero chefe de secção burocratica, aposentado, sem diploma academico, outr'ora pobre caixeiro, succedera a ministros e senadores, titulares e grandes do Imperio! Mas esse singelo particular era um laborioso, um erudito, um patriota, um homem de bem, autor de dezenas e dezenas de composições em todos os generos da actividade mental — poesia, theatro, critica, romance, historia, algumas das quaes se tornaram classicas. »

Tão justos conceitos encontram plena confirmação na extensa lista de trabalhos de Joaquim Norberto, apresentada pelo Dr. Sacramento Blake (*Dicc. Bibliographico,* tomo IV, pags. 212 a 217).

Admittido em 12 de Agosto de 1841, tornou-se logo pelo enthusiasmo e amor ao Instituto digno imitador do Conego Januario, de quem foi intimo amigo e sincero admirador. Apezar dos

desgostos que soffreu, jámais Joaquim Norberto se acobardou diante das vicissitudes da ingrata sorte. Trabalhou sempre. Na *Revista* são innumeras as suas memorias conscienciosas, theses discutidas, discursos pronunciados em occasiões solennes, pareceres de commissões, bem como poesias. Dentre todas as suas producções historicas destaca-se a «*Memoria historica e documentada das Aldeias de Indios da Provincia do Rio de Janeiro*», laureada na sessão magna de 15 de Dezembro de 1852, com o premio imperial. Consistia esse premio em uma medalha de ouro conferida pelo Imperador D. Pedro II por Aviso do Ministerio do Imperio, de 11 de Janeiro de 1842, «á pessoa que sobre o Brazil ou alguma de suas provincias apresentasse melhores trabalhos estatisticos, outra a quem melhores trabalhos historicos offerecesse ao Instituto no mesmo anno e ainda outra a quem apresentasse a melhor geographia do Brazil».

Estes tres premios, por Aviso de 23 de Novembro do mesmo anno, continuaram a ser mantidos como assumptos fixos para todos os annos.

E' da lavra de Joaquim Norberto a *Historia da Conjuração Mineira,* cujos primeiros capitulos foram lidos em sessão do Instituto. Foi mal recebida por alguns escriptores esta monographia. Deu-lhes resposta Joaquim Norberto escrevendo — *Tiradentes perante os historiadores oculares de seu tempo* — resposta a um injusto reparo dos criticos da *Historia da Conjuração Mineira,* trabalho impresso na *Revista,* tomo XLIV.

Sobre Joaquim Norberto póde-se lêr o elogio feito pelo Commendador José Luiz Alves em sessão magna de 1892 e um estudo de João Damasceno Vieira Fernandes, socio do Instituto, escripto em Porto Alegre, em 31 de Março de 1891, publicado no tomo LVI da *Revista.*

Nascido na Capital do Imperio a 6 de Junho de 1820, falleceu o Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva em Nitherohy a 14 de Maio de 1891.

Ainda não cahiu no olvido a data de 10 de Agosto de 1906. Nesse dia de luto e tristeza para o Instituto fallecia em sua residencia, á rua dos Invalidos, o Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Presidente do Supremo Tribunal Federal e

tambem do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, cargo para que fôra eleito em assembléa geral de 28 de Dezembro de 1891.

O que foram para o Instituto os quatorze annos de gestão do Sr. Conselheiro Olegario melhor do que o obscuro escriptor destes subsidios já o disseram os venerandos Marquez de Paranaguá e Visconde de Ouro Preto na sessão de 13 de Agosto do precitado anno; o 1.º Secretario Max Fleiuss, nas sentidas palavras pronunciadas á beira da sepultura do grande Brazileiro, e o então orador official, o Sr. Desembargador Pitanga, na sessão magna commemorativa do 68.º anniversario da fundação do Instituto, realizada em 21 de Outubro, tambem de 1906, data essa de novo escolhida para a festa annual do Instituto.

Nasceu o Conselheiro Olegario na capital de S. Paulo em 30 de Março de 1828. Formado em direito pela Faculdade de S. Paulo em 1848, tomou o capello de doutor no anno seguinte. Abraçando a carreira da magistratura, exerceu multiplos e honrosos cargos, desde promotor da comarca da capital de S. Paulo até o de Presidente do Supremo Tribunal Federal, eleito em 1894 e reeleito sempre por unanime vontade de seus pares. Pela provincia de S. Paulo foi eleito deputado e serviu nas 13.ª e 17.ª legislaturas. Em 1884 presidiu a provincia de Minas Geraes. Fez parte de commissões nomeadas pelo Governo para o exame da reforma da policia (1881), da reforma judiciaria (1882), do concurso para officiaes de Justiça (1883), para formar um projecto do Codigo Civil Brazileiro (1889) e para se regular a lei n.º 1.030, de 1890. Como se desobrigou da incumbencia referente ao Codigo Civil narram as actas da Commissão Organizadora do Projecto do referido Codigo, offerecidas em original pela Ex.ma Baroneza de Sobral e impressas na 1.ª parte do tomo n.º 68 da *Revista*. Como um dos nossos maiores jurisconsultos publicou obras que se tornaram classicas. Verdadeiro e enthusiasta cultor das lettras, ahi estão os seus discursos, pronunciados como orador e depois como Presidente do Instituto nas sessões solennes, ouvidos sempre com attenção e coroados com applausos. De seus conhecimentos historicos dão sobejo testemunho os pareceres como relator de varias commissões. Entrou para o Ins-

tituto em 1871. Serviu-lhe de titulo á admissão o *Elogio historico do Conselheiro Manoel Joaquim do Amaral Gurgel,* notavel Paulista que tomou parte nos successos da nossa emancipação politica.

O trabalho historico do Conselheiro Olegario mereceu justos elogios da commissão subsidiaria de historia, no parecer firmado em 1 de Junho de 1871 e assignado pelos Dr. João Ribeiro de Almeida (relator), Dr. José Maria da Silva Paranhos (depois Barão do Rio-Branco) e Alfredo de Escragnolle Taunay. Como bem disse o Sr. Desembargador Pitanga, na gestão da Presidencia exerceu o Conselheiro Olegario missão especial, tornando-se o seu principal sustentaculo, após a mudança do regimen politico de nossa patria.

« Com pasmosa actividade em sua aliás robusta velhice, com um criterio que só a um velho philosopho de direito é dado desenvolver em situações delicadas e por vezes embaraçosas, soube o Conselheiro Olegario conjurar difficuldades e remover embaraços porventura antepostos á corrente moral da vida economica do Instituto. »

De facto, além do mais a elle deveu o Instituto os melhoramentos materiaes de sua parte interna, auxiliado pelo então 1.º Secretario Max Fleiuss. E, — capricho da sorte ! — ao inclyto Presidente não foi dado contemplar a restauração do Instituto e vêr, em lugar de tectos a desabar e cubiculos sem luz, vastos salões, extensa galeria, novos moveis, etc.

Durante as obras, as sessões do Instituto foram celebradas no Gabinete Portuguez de Leitura, gentilmente cedido pela benemerita Directoria. Por esse tempo adoeceu gravemente o Conselheiro Olegario. Quando o Instituto, voltando de novo á antiga séde social, realizava a sua segunda sessão, ouviu a noticia da catastrophe que o privou de seu assiduo e benemerito *primus inter pares.*

Ainda vivo, recebeu o Conselheiro Olegario provas de gentileza e gratidão por parte de seus confrades. Foi elevado á classe de honorario e depois á de benemerito. Teve retrato collocado na nova sala da Secretaria. Nenhuma manifestação, porém, mais o commoveu do que a mensagem congratulatoria assignada por 46 socios e enviada em 30 de Março de 1905, dia do anniversa-

sario natalicio do dedicado Presidente. Impressa em pergaminho, illustrada pelo artista Rodolpho Amoedo, e emoldurada em quadro, essa mensagem é conservada no Museu do Instituto, conforme desejo do illustre dignificado.

Pela reforma dos Estatutos em 1906 o Instituto estabeleceu um premio «em attenção aos notaveis serviços prestados pelo Presidente Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro». Consiste em uma medalha de prata concedida á melhor memoria lida no anno anterior.

Amigo acatado do Imperador, nunca disto fez alarde, nunca solicitou honrarias e condecorações.

Na toga impolluta que amortalhou o Conselheiro Olegario só se notavam a Grã-Cruz da Ordem de Christo, do Brazil e a de Nossa Senhora de Villa Viçosa, de Portugal.

Vive felizmente o digno successor do Conselheiro Olegario-o Sr. Marquez de Paranaguá (João Lustosa da Cunha Parana, guá), eleito em assembléa geral de 21 de Novembro de 1906.

Todos os annos no dia de seu anniversario—21 de Agosto—recebe o venerando titular, de todos os angulos do paiz, as homenagens a que tem direito pelos seus serviços, hombridade de caracter e dotes de coração do melhor quilate. A imprensa registra com todas as minucias as phases dessa vida de 90 annos, toda votada ao progresso e bem-estar do Brazil. Para o nosso fim basta salientar o seguinte: nascido em 1821, o Marquez de Paranaguá formou-se em Olinda em 1846. Foi deputado geral em varias legislaturas pelo Piauhy (terra do seu berço) e Senador em 1864. Presidiu as provincias do Piauhy, Maranhão e Pernambuco. Distinguiu-se em altos cargos da magistratura. Occupou a pasta da Justiça no Gabinete de 9 de Agosto de 1859, a da Guerra em 1866 e 67, e no Gabinete de 5 de Janeiro de 1878. Presidiu o Gabinete de 23 de Julho de 1882, em que occupou a pasta da Fazenda. Depois foi Ministro dos Extrangeiros no Gabinete de 6 de Maio de 1885. E' dignitario da Ordem da Rosa e Commendador da Ordem Romana de S. Gregorio Magno e Membro de varias associações scientificas. Foi o fundador da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, a qual conta hoje 26 annos. Foi admittido no Instituto Historico como socio correspondente em 31 de

Agosto de 1888. Tomou posse em 7 de Dezembro do mesmo anno. Passou a honorario em 12 de Maio de 1899 e em assembléa geral de 21 de Novembro de 1908 foi elevado a benemerito. Tem sido sempre eleito para a Commissão de Geographia. Eleito Presidente do Instituto em 21 de Novembro de 1906, foi reeleito unanimemente em 1907, renunciando a investidura por motivos attendiveis.

Da maior e melhor prova de consideração que o Marquez de Paranaguá recebeu de seus confrades nos dá noticia a acta da sessão de posse da Directoría e das Commissões Permanentes, celebrada em 30 de Janeiro de 1908. Nessa noite memoravel foi inaugurado o retrato do Marquez na sala da Secretaria. Dava-se assim execução ao que o Instituto deliberára, por unanimidade de votos, em assembléa geral de 21 de Novembro de 1907.

Na ceremonia de inauguração orou o novo Presidente, Sr. Barão do Rio-Branco. Em brilhante discurso S. Ex.ª fez inteira justiça ao velho servidor da patria e alludiu aos importantes serviços por este prestados ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Acceita a renuncia do Marquez de Paranaguá, continuou o processo dessa assembléa geral de 21 de Novembro de 1907. Foi eleito Presidente o Barão do Rio-Branco.

Bem conhecida é a biographia do benemerito Brazileiro que até hoje preside os destinos do Instituto Historico. Basta lembrar o seu nascimento nesta cidade em 20 de Abril de 1845. Cursou durante seis annos o Collegio de D. Pedro II. Começou depois o seu curso juridico na Faculdade de S. Paulo e foi concluil-o na do Recife, onde recebeu o gráo de bacharel. Por Matto-Grosso foi deputado em duas legislaturas, na 14.ª (1869-1872) e na 15.ª (1872-1875). Exerceu varios cargos no extrangeiro, taes como o de Delegado do Governo Imperial na Exposição Internacional de Horticultura de Petersburgo (1884), de Consul Geral do Brazil em Liverpool e Superintendente Geral de Immigração na Europa até 1892. Depois foi nomeado Ministro Plenipotenciario e Enviado Extraordinario em Missão Especial perante o Governo dos Estados-Unidos no processo de arbitragem, na questão de limites entre o Brazil e a Republica Argentina. Posteriormente

foi nomeado Ministro Plenipotenciario junto do Governo da Suissa para tratar da questão do *Oyapock*.

Era representante do Brazil no Imperio da Allemanha quando teve de regressar á Patria para vir occupar a pasta de Ministro das Relações Exteriores, cargo que tem exercido nas presidencias dos Conselheiros Rodrigues Alves e Affonso Penna, do Dr. Nilo Peçanha e do Marechal Hermes da Fonseca. Durante o extincto regimen gosou as honras de moço fidalgo, do Conselho de S. M. o Imperador. Recebeu a dignitaria da Ordem da Rosa, os officialatos da Ordem franceza da Legião de Honra, da Ordem da Corôa da Italia e de Leopoldo da Belgica, e Grã-Cruz de Cavalleiro da Ordem de Christo de Portugal, e 2.ª classe e placa da Ordem de S. Estanislau da Russia. Foi proposto para socio correspondente em 22 de Novembro de 1866, servindo de titulo para sua admissão o *Esboço Biographico do General José de Abreu, Barão do Serro Largo,* impresso no tomo XXXI da *Revista,* parte 2.ª (pags. 62 e 135).

Este trabalho, escripto em S. Paulo em 1865, quando seu autor era ainda estudante, mereceu do Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro os mais justos encomios. Eleito e proclamado em sessão de 7 de Novembro de 1867, tomou posse a 19 de Junho de 1868. Foi elevado a socio honorario em 5 de Maio de 1875 e a benemerito em 21 de Novembro de 1906; Presidente perpetuo do Instituto desde 27 de Novembro de 1909.

Frequentando com assiduidade as sessões do Instituto, fez parte de diversas commissões, taes como a Subsidiaria de trabalhos historicos de 1869 e 1873 e da de Trabalhos historicos de 1874 e 1876. Retirando-se do paiz, continuou a ligar a maior importancia ao gremio, que o considera um dos seus melhores ornamentos.

Para prova ahi estão no archivo do Instituto suas missivas pedindo informações, dando noticia de obras, manuscriptos e mappas geographicos, photographias com referencia á nossa historia patria. São da lavra do Barão do Rio-Branco importantes trabalhos historicos: *Episodios da Guerra do Prata* (1825-1828); *Luiz Barroso Pereira, commandante da fragata «Imperatriz», morto em abordagem desse navio pelo almirante Brown, no porto*

de Montevidéo, em 28 de Abril de 1826; A Guerra da Triplice Alliança, obra de L. Schneider, traduzida do allemão por Manoel Thomaz Alves Nogueira e annotada pelo Barão do Rio-Branco; Le Brésil, par E. Levasseur, trabalho monumental em que muito collaborou o actual Presidente do Instituto; *Le Brésil en 1889, Ephemerides Brazileiras, Navegação entre o Brazil e os portos de dependencia do Consulado Geral do Imperio do Brazil,* bem como *Informações dos agentes diplomaticos e consulares do Imperio,* etc.

Cumpre não esquecer tambem o exacto, minucioso e incomparavel artigo sobre o Brazil, que figura na *Grande Encyclopedia Franceza,* vol. 7.°, pag. 1.077 a 1.127, e o livro de Benjamin Mossé, escripto ás suas expensas e sob a sua inspiração.

Victorioso o Brazil na questão do *Amapá,* resolveu o Instituto, em 7 de Dezembro de 1900, mandar collocar o retrato do Barão do Rio-Branco numa das salas do Instituto. A effigie de S. Ex.ª, feita pelo artista Teixeira da Rocha, está hoje na sala da Secretaria.

Em uma placa collocada na moldura lê-se: — *Missões e Oyapock.*

Ao ter conhecimento de seu regresso á patria, resolveu ainda o Instituto em 10 de Outubro de 1902 nomear uma grande commissão para receber o integralizador do nosso territorio. O desembarque do illustre diplomata foi verdadeiro successo e occorreu a 1 de Dezembro de 1902.

Ainda em 6 de Maio de 1909 recebeu o Barão do Rio-Branco suggestiva prova do quanto lhe respeita e admira o Instituto.

Por lembrança do Sr. Fleiuss, 1.° Secretario Perpetuo, foi inaugurado o retrato do Presidente na sala do 1.° Secretario. O trabalho foi executado pelo talentoso artista brazileiro, Sr. Rodolpho Chambelland, que graciosamente o offereceu ao Instituto. Nessa ceremonia foi orador official o Dr. Alexandre José Barbosa Lima.

Grande é o prestigio que advem ao Instituto, tendo á sua frente o Barão do Rio-Branco, de fama mundial, pois a antiga instituição tem sido alvo de sinceras sympathias, não só dos nossos compatriotas, como tambem das nações sul-americanas.

Em todos os seus discursos o diplomata das Missões e do

Oyapock, desejando sempre a grandeza do Brazil, tem-se constituido o apostolo sincero da paz entre os varios povos que constituem a parte sul do continente americano.

VICE-PRESIDENTES — Marechal Raymundo José da Cunha Mattos, um dos fundadores do Instituto, eleito em 21 de Outubro de 1838. Falleceu em 2 de Março de 1839. Deste anno até 1843 figuram como: 1.º Vice-Presidente: Candido José de Araujo Vianna (depois Morquez de Sapucahy); 2.º Vice-Presidente, Aureliano de Souza de Oliveira Coutinho (depois Visconde de Sepetiba).

Das actas de 1844 a 1846 não consta eleição alguma para os annos subsequentes. Em 16 de Setembro de 1847 foram eleitos: 1.º Vice-Presidente, Aureliano Coutinho; 2.º, Candido Baptista de Oliveira. Das actas de 1848 a 1850 nada consta. Em 23 de Maio de 1851 encontramos: 1.º Vice-Presidente, Aureliano Coutinho; 2.º, Candido Baptista de Oliveira; 3.º, Manoel Ferreira Lagos. Conservaram os seus lugares até 22 de Dezembro de 1854. Na eleição realizada em 24 de Dezembro do anno immediato foram eleitos: 1.º Vice-Presidente, Candido Baptista de Oliveira; 2.º, Manoel Ferreira Lagos; 3.º, Manoel de Araujo Porto Alegre. Na eleição de 1856 foram conservados os 1.º e 2.º Vice-Presidentes, entrando para 3.º, Dr. Joaquim Manoel de Macedo. Não houve modificação até 21 de Dezembro de 1858, quando Macedo passou a 2.º, e entrou para 3.º Joaquim Norberto de Souza e Silva, continuando a occupar o lugar de 1.º, Candido Baptista de Oliveira. Até 21 de Dezembro de 1866 não se deu alteração alguma. Na eleição desse anno entrou para 1.º Vice-Presidente Luiz Pedreira do Couto Ferraz (depois Visconde de Bom Retiro), sendo conservados nos seus cargos Macedo e Joaquim Norberto. Nas eleições de 1867 a 1874 não houve modificação. Em 1875 Macedo passou a 1.º Vice-Presidente e Joaquim Norberto a 2.º, entrando para 3.º, Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello (Barão Homem de Mello), assim se conservando até 1881. Em 1882, Joaquim Norberto e Homem de Mello passaram respectivamente a 1.º e 2.º Vice-Presidentes e entrou para 3.º Olegario Herculano d'Aquino e Castro.

Foram todos reeleitos até 1886 (eleição de 18 de Fevereiro). Na eleição de 21 de Dezembro de 1886, Olegario passou a 1.º Vice-Presidente e entraram para 2.º e 3.º Henrique de Beaurepaire Rohan e Joaquim Pinto Machado Portella. Até 1888 não houve alteração. Em 1889, entrou para 3.º Vice-Presidente Cesar Augusto Marques, que em 1890 foi substituido pelo Dr. João Severiano da Fonseca. Em 1891 Beaurepaire Rohan passou de 2.º a 1.º Vice-Presidente e Severiano da Fonseca de 3.º a 2.º. Entrou para 3.º o Conselheiro Manoel Francisco Corrêa. Continuaram todos em 1892. Por deliberação de 15 de Janeiro de 1894 foi prorogado o mandato da mesa eleita em 1892. Em 28 de Dezembro de 1893 passou a 2.º Vice-Presidente Manoel Francisco Corrêa, entrando para 3.º o Marquez de Paranaguá, continuando o Dr. Severiano da Fonseca como 1.º. Houve completa reeleição em 1895 e 1896. Em 1897 passaram Corrêa e Paranaguá, respectivamente a 1.º e 2.º Vice-Presidentes, entrando para o 3.º o Barão Homem de Mello. Foram reeleitos até 1904. Em 1905 passaram: o Marquez de Paranaguá a 1.º Vice-Presidente e o Barão Homem de Mello a 2.º. Entrou para o 3.º o Visconde de Ouro Preto. Em 1906 passou o Visconde de Ouro Preto, de 3.º a 1.º Vice-Presidente; foi conservado como 2.º o Barão Homem de Mello e eleito para 3.º o Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga, todos reeleitos até 1911.

Destes Vice-Presidentes alguns exerceram a Presidencia por morte dos respectivos titulares; assim o Visconde de Sapucahy substituiu ao Visconde de São Leopoldo, o Visconde de Bom Retiro ao Marquez de Sapucahy, Joaquim Norberto ao Visconde de Bom Retiro, Olegario de Aquino e Castro a Joaquim Norberto e o Marquez de Paranaguá a Olegario.

1.os SECRETARIOS — Conego Januario da Cunha Barbosa (1838-1846). Fundador do Instituto com o Marechal Cunha Mattos, eleito 1.º Secretario desta instituição, um dos proceres da Independencia, ardente politico, operoso publicista, poeta de merecimento e notabilissimo orador sacro, foi o Conego Januario durante os seis primeiros annos de vida do Instituto o seu apoio, « a columna monumental de sua fundação », como disse Porto

Alegre. Era o piloto que dirigia do fundo do gabinete essas viagens scientificas, o depositario que recolhia e espalhava os thesouros occultos de nossos annaes, o mais zeloso conservador de sua gloriosa e digna existencia.»

Destes justos conceitos dão prova os sete volumes da *Revista,* até o momento em que a morte o arrancou do numero dos vivos, aos 66 annos. Nesses volumes se patenteiam os fructos da sua actividade irreprehensivel, e o zelo com que se dedicava ao progresso da aggremiação de que foi alma. Biographias de brazileiros illustres, relatorios, investigações sobre antiguidades americanas, discussões do programma sobre pontos de colonização de indios, sobre a escravidão de africanos, tudo, emfim, tendente a esclarecer pontos obscuros da nossa historia foi pelo eminente sacerdote estudado e analysado com o maior criterio e imparcialidade. Fóra do Instituto não foi menor o espirito de combatividade scientifica do Conego Januario. Basta ler a extensa lista de suas producções no *Diccionario Bibliographico* do Dr. Sacramento Blake, 3.° volume, pags. 295-300, relação completada na biographia do illustre 1.° Secretario Perpetuo, escripta por seu sobrinho o saudoso Dr. Antonio da Cunha Barbosa, socio do Instituto, e impressa no tomo 65, parte 2.ª, pags. 197-284. Foi um dos primeiros cuidados do Conego Januario tornar o Instituto conhecido de centros scientificos do velho mundo. Basta lêr a correspondencia trocada nessa época entre o Secretario do Instituto e os directores daquellas aggremiações.

De relações tão amistosas resultou que o Instituto inscreveu como correspondentes honorarios notabilidades da ordem de — Martius, Monglave, Saint-Hilaire, F. Dénis, Pedro de Angelis, Humboldt Castelnau, Guizot, Frei Francisco de S. Luiz, Ternaux Compans, Letronne, Debret, Mezzofaai, Milliet de Saint Adolphe, Costa e Sá, Navarrete, Molé, Southey e outros muitos, para não citar sinão estrangeiros. Dos nacionaes, de cujo concurso poderia advir o progresso do Instituto, o Conego Januario pediu e obteve fossem seus nomes incluidos no numero dos associados. São curiosas as cartas existentes no archivo do Instituto, nas quaes os nomeados agradecem ao Conego Januario a honra da

nomeação e promettem todo o esforço em bem da nascente companhia.

Perspicaz como todos os espiritos bem preparados, receou com razão o Conego Januario que passados os enthusiasmos dos primeiros tempos viesse o Instituto a sucumbir ante os obstaculos criados por uns, desanimo ou differença de outros. Solicitar a protecção do Imperador, collocar o joven monarcha á frente do Instituto, tal foi a resolução tomada e approvada, a qual teve optimos resultados.

Ás 7 horas da manhã de 22 de Fevereiro de 1846 falleceu o benemerito fundador do Instituto. O abalo causado pela morte do emerito cidadão foi com sinceridade patenteado por Manoel de Araujo Porto Alegre, na sessão de 8 de Maio de 1846, em que o cantor do *Colombo* leu com lagrimas o discurso pronunciado á beira da sepultura do Conego Januario, nas antigas catacumbas de S. Francisco de Paula. Por proposta de Porto Alegre, unanimemente votada, ficou deliberado que se mandasse fazer o busto do fallecido 1.º Secretario perpetuo, afim de ser inaugurado em sessão solenne, juntamente com o do finado Marechal Raymundo José da Cunha Mattos, os dous fundadores do Instituto. A ceremonia deste publico reconhecimento realizou-se em 6 de Abril de 1848 na presença do Imperador, da Imperatriz e de mais de quatrocentos espectadores nacionaes e estrangeiros, todos notaveis por suas posições sociaes. Oraram o Conselheiro Araujo Vianna, Francisco Manoel Raposo de Almeida, Dr. Francisco de Paula Menezes, Conselheiro José Feliciano de Castilho, Joaquim Norberto de Souza e Silva, Dr. Joaquim Manoel de Macedo e Luiz Antonio de Castro.

Antes, em sessão de 9 de Setembro de 1847, teve, ainda por parte de Porto Alegre, o Conego Januario merecidos encomios á sua memoria no elogio historico dos socios fallecidos e na detalhada biographia lida pelo socio Dr. João Francisco Sigaud. De tudo se conclue que o Instituto guardou sempre o maior acatamento pela personalidade do seu 1.º Secretario Perpetuo.

Além do busto collocado na sala de leitura (sala D. Pedro II) possue o Instituto o retrato a oleo do Conego Januario, offerta de pessoa de sua familia, collocado na Secretaria.

Ainda hoje em todas as solennes reuniões do Instituto o nome do Conego Januario da Cunha Barbosa é referido com saudade, gratidão e reverencia.

Manoel Ferreira Lagos (1846-1851). Para a vaga deixada pela morte do Conego Januario da Cunha Barbosa foi, em sessão de 8 de março de 1846, eleito por maioria de votos para o cargo de 1.° Secretario Perpetuo o 2.° Secretario, tambem Perpetuo, Manoel Ferreira Lagos.

Seu nome apparece pela primeira vez na acta de 15 de Junho de 1839, na qual aceita e agradece a nomeação para socio correspondente. Occupou aquelle cargo até a eleição de 23 de Maio de 1851. Extincta pela reforma dos Estatutos a perpetuidade dos cargos, foi eleito então Ferreira Lagos 3.° Vice-Presidente, sendo reeleito até Dezembro de 1853.

Nasceu este prestante cidadão no Rio de Janeiro, em 1816, e aqui falleceu em 25 de Outubro de 1871. Seu elogio historico foi feito pelo orador Joaquim Manoel de Macedo, na sessão magna anniversaria deste ultimo anno. Cursou durante 6 annos a Faculdade de Medicina. Não recebeu, porém, o gráo de doutor, pois não quiz sustentar these. Dedicou-se ao funccionalismo publico. Por seus serviços foi condecorado com a dignitaria da Ordem da Rosa. Além desta condecoração, ornavam-lhe o peito as veneras de Cavalheiro da de Christo, da Ordem portugueza de S. Thiago da Espada, da Legião de Honra e da Imperial Turca de Medjidié, de 3.ª classe. Teve tambem o gráo de official da Instrucção Publica de França.

No seio do Instituto deve ser elle considerado verdadeiro benemerito. Foi um dos poucos que durante a crise por que passou o Instituto não deixou apagar o fogo sagrado. Ahi estão os numeros da *Revista,* da qual era redactor principal. Como 1.° Secretario escreveu numerosos relatorios, seguindo os exemplos de seu successor. Durante as sessões prendia a attenção de seus confrades, com memorias onde se revelou o espirito investigador, imparcial e principalmente patriota, sem os preconceitos de infundado bairrismo.

Quem não admira os profundos conhecimentos de Lagos, lendo a *Analyse* da viagem de Castelnau pelo interior do Brazil ;

o elogio historico do grande botanico franciscano Frei José Mariano da Conceição Velloso?

São tambem da sua penna a traducção da «Memoria sobre o descobrimento da America no seculo x por Carlos Christiano Rafn e os trabalhos da Commissão Scientifica de Exploração no Ceará — Introducção — I a III partes».

Encarregou-se Lagos da parte zoologica, em que era profundissimo como director da respectiva secção do Museu Nacional.

De regresso desta commissão, em que teve como companheiros Freire Allemão e Capanema, leu ao Instituto longo trabalho de observação, de costumes, de preconceitos, de usos, festas populares e até de palavras usadas pela população dos sertões daquella antiga provincia.

Infelizmente o autor não entregou o manuscripto, o qual devia figurar muito bem nas paginas da *Revista*.

De seu antigo 1.° Secretario Perpetuo guarda o Instituto com carinho pequena lembrança — a photographia offerecida em dias do anno de 1910, por uma filha do operoso consocio.

Quem contempla a effigie de Lagos acha exactissima a pintura que delle fez seu amigo e fiel companheiro nos annos difficeis do Instituto, o Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

Francisco Adolpho de Varnhagen (depois Visconde de Porto Seguro) (1851). Eleito 1.° Secretario em 23 de Maio de 1851, serviu o cargo até Dezembro desse anno, sendo interinamente substituido pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo, durante o anno de 1852.

Motivou este facto a partida de Varnhagen para a Europa, nomeado Encarregado de Negocios do Brazil junto á Côrte de Hespanha. Nasceu em S. João de Ipanema em 17 de Fevereiro de 1819 e falleceu em Vienna d'Austria em 20 de Julho de 1878 sendo Visconde de Porto Seguro, Grande do Imperio, Cavalheiro da Ordem de Christo, Commendador da Ordem da Rosa, Grã-Cruz da Imperial Ordem Russiana de S. Estanislau e Austriaca da Corôa de Ferro, Commendador de numero da Americana Real Ordem Hespanhola de Izabel a Catholica e de numero extraordinario da Real e Distincta Ordem Hespanhola de Carlos III. Seria impossivel nestes subsidios apreciar a grandeza da personali-

dade de Varnhagen. Como enumerar as obras importantissimas com que o preclaro Brazileiro de universal renome illustrou a nossa litteratura, conquistando gloria immorredoura, que o ha de perpetuar nos fastos dos que mais trabalharam pelo progresso de sua patria. Historiador, chorographo, geographo, poeta, dramaturgo, biographo e mathematico, foi elle um dos grandes e incansaveis obreiros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Admittido em 1840, foi em 1851 elevado a socio honorario.

O que elle fez em prol do Instituto o provam as *Revistas*. Não ha um volume em que não venha detalhada memoria sobre assumptos de historia patria, minuciosas biographias, informações colhidas aqui e fóra do Brazil, cópia de documentos ineditos e larga somma de offertas de livros raros. Occupando altos cargos diplomaticos, jámais se esqueceu do Instituto, por quem trabalhou até fallecer.

No «Diccionario Bibliographico», de Sacramento Blake, encontra-se no tomo 2.º a summula de todas as producções do descobridor da obra de Gabriel Soares e do *Roteiro* de Pero Lopes de Souza.

Quem quizer saber quem foi o emerito Brazileiro leia o discurso pronunciado pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo, em sessão do Instituto, de 15 de Dezembro de 1878 e o discurso que na sessão solenne da Academia de Lettras, de 17 de Julho de 1903, proferiu o Dr. Manoel de Oliveira Lima.

Máo grado a curta passagem de Varnhagen pela Secretaria do Instituto, deixou o infatigavel consocio prova de seu grande amor ao trabalho. Refiro-me ao *Indice Geral Alphabetico das Memorias e biographias nos anteriores quatorze tomos da Revista*. Occorre elle no tomo XIV (1851).

Como prova de grande veneração pelo Visconde de Porto Seguro, o Instituto conserva o busto do illustre e inesquecivel autor da *Historia do Brazil*. Na Sala de Leitura (Sala D. Pedro II) delle existe tambem bella lithographia, obra de Madrazzo.

Dr. Joaquim Manoel de Macedo (1852-1855). Nasceu em Itaborahy, na antiga Provincia do Rio de Janeiro e falleceu na cidade deste nome, então Capital do Imperio, a 11 de Abril de

1882. Formou-se em medicina, mas pouco se utilizou da profissão. Romancista, dramaturgo, poeta, historiographo, orador fluente, emfim, verdadeiro homem de lettras, foi o Dr. Macedo um dos mais populares escriptores do seu tempo. Trabalhador infatigavel, colheu sempre merecidos triumphos em varios departamentos da intelligencia humana. Foi tambem politico militante, advogando sempre os principios da escola liberal. Deputado provincial em varias legislaturas e Deputado geral sempre pela Provincia do Rio de Janeiro (1864-68, 78-81), recusou a pasta do Imperio no Gabinete organizado em 31 de Agosto de 1864 pelo integro Francisco José Furtado.

E' esse um dos bellos traços de seu caracter despretencioso e alheio ás ambições a que não raro curvaram a cabeça politicos não tão illustres como o autor da *Moreninha*. De todos os jornaes litterarios foi Macedo operoso collaborador e nas paginas da *Revista* figuram continuos testemunhos do seu talento. Basta ler os meticulosos relatorios apresentados como 1.º Secretario do Instituto para o qual entrou a 21 de Agosto de 1845. Poucos annos depois era eleito Secretario supplente e fazia parte de varias commissões, principalmente da de Historia. Mais tarde vemol-o occupar o cargo de orador do Instituto. Seus elogios funebres dos socios são, além da belleza da fórma, seguras fontes de dados biographicos de brazileiros e extrangeiros illustres que fizeram parte do Instituto.

Macedo, socio de varias aggremiações, foi condecorado com as commendas da Ordem da Rosa e da de Christo.

Trabalhou até fallecer. Só descansou para morrer. Desprendido sempre das realidades da vida, o *Macedinho*, como era conhecido por numerosos amigos e admiradores, morreu pobre.

Tive a honra de conhecel-o de perto. Seu antigo discipulo de Historia do Brazil no Collegio de Pedro II, o autor destes subsidios não póde ao mestre elevar, nestas linhas, condigno monumento. Suppra a sinceridade o que nellas falta de *grandiloquo e sonoroso.*

Manoel de Araujo Porto Alegre (1855-59). (Em 1874 Barão de Santo Angelo). Nasceu na cidade do Rio Pardo, na então provincia do Rio Grande do Sul. Falleceu em Lisboa em 29 de De-

zembro de 1879. Alli serviu como Consul Geral do Imperio. Era grande do Imperio, dignatario da Ordem da Rosa, cavalheiro da de Christo, Commendador da Ordem Hespanhola de Carlos III, professor jubilado de architectura da Escola Militar, ex-professor de pintura historica da Academia de Bellas Artes, socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, membro de outras vinte associações artisticas e scientificas nacionaes e extrangeiras. Não pretendemos dar aqui nem sequer pallido resumo da vida deste homem genial, eximio artista e um dos grandes sacerdotes da litteratura brazileira. E' Porto Alegre eloquente testemunho do que obtem o poder da vontade. Nascido pobre, lutando ás vezes com a indigencia, poude á custa de seus proprios merecimentos subir á altura em que todos o contemplaram como uma das estrellas de primeira grandeza do nosso céo litterario, artistico e scientifico. Delle não conheço melhor biographia do que o seu elogio historico lido pelo Conselheiro Olegario na sessão magna de 15 de Dezembro de 1880. Nestes subsidios cabe-me apenas lembrar os nomes venerandos dos que se sentaram nas cadeiras da administração do Instituto Historico. Como a de Macedo, é a effigie de Porto Alegre guardada pela associação com todo o respeito.

Dos dous inseparaveis amigos existem bustos na galeria dos proceres do Instituto. Ha, além desta memoria, pequeno quadro suggestivo na sala da Secretaria. E' uma photographia em que se vêm reunidos os poetas Domingos José Gonçalves de Magalhães, Antonio Gonçalves Dias e Porto Alegre. Na parte inferior ha as tres assignaturas autographas. Tem esse quadro, além de outros, um merecimento. Na camaradagem dos tres ha uma proficua lição. Attesta a amizade reciproca que ligava os tres homens de lettras e de que davam constantes provas no proprio gremio do Instituto.

Da inteireza de caracter de Porto Alegre e de seu amoroso coração dão testemunho as palavras dictadas em seu testamento. Nunca provocou lutas. Nunca amou os homens pela posição. Jámais adorou o dinheiro. Só alimentou uma ambição : ter um nome sem mancha. Teve-o.

Foi um dos primeiros associados do Instituto. Seu nome marcou o n.º 43 dos primeiros cadastros.

Já em 1839 o encontramos Secretario supplente, depois orador, Vice-Presidente, mais tarde de novo, orador. Por agora só nos cabe apreciar o modo como nos seus detalhados relatorios, em cujas paginas, além de noticias sobre o progresso do Instituto, ha pontos de verdadeira eloquencia, se revela a alma do scientista, do artista e do pintor das grandezas brazileiras.

Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro (1859-76). Nasceu no Rio de Janeiro em 17 de Junho de 1825 e ahi falleceu a 15 de Janeiro de 1876. Abraçou a carreira sacerdotal. Serviu como secretario particular do Bispo Conde de Irajá. No Seminario Episcopal regeu diversas cadeiras. Foi a Roma e lá obteve o gráo de doutor em theologia. No regresso exerceu os cargos de vice-reitor e capellão do Instituto dos Meninos Cegos. Foi depois, por largo tempo, professor de rhetorica, poetica e litteratura nacional do Collegio de Pedro 2.º Era Commendador da Ordem de Christo, membro do Instituto de França, da Academia das Sciencias de Madrid, da de Lisboa, das Sociedades de Geographia de Pariz e de Nova York. Teve tambem o titulo de chronista do Imperio. Foi assiduo collaborador de diversos periodicos litterarios, principalmente da *Revista Popular*. Escreveu obras didacticas e entre ellas devem ser mencionados o *Curso Elementar de Litteratura Nacional* e o *Resumo da Historia Litteraria*.

Foi admittido no Instituto Historico a 10 de Dezembro de 1854. Na sessão de eleição desse anno foi suffragado Secretario supplente e membro da Commissão de Revisão de Manuscriptos. No primeiro destes cargos foi conservado até 1858, anno em que passou a 2.º Secretario, continuando sempre a fazer parte de diversas commissões.

Na sessão magna de 1859 substituiu a Porto-Alegre, lendo competente relatorio. Na de 1860, apezar de titular do cargo, foi substituido por molestia pelo Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras.

Da lavra do Conego Pinheiro são os relatorios de 1861 a 1868, inclusive. Em 1869 e 1870 foi substituido pelo Dr. José Ri-

beiro de Souza Fontes. De 1871 a 1875 continuou a figurar como 1.º Secretario nas sessões magnas.

Trabalhador insano, o Conego Pinheiro deixou varias e curiosas memorias impressas na *Revista* do Instituto Historico. Da patriotica associação fallava sempre com enthusiasmo. Meu professor no internato do Collegio de Pedro 2.º, recordo-me do interesse com que elle convidava seus alumnos a lerem sempre a *Revista,* cujos volumes se encontravam na pequena bibliotheca do Collegio. Foram elle e o Dr. Macedo os que despertaram em meu espirito joven o interesse pelas cousas de nossa historia, tão cheia de episodios brilhantes e suggestivos!

Não se esqueceu o Instituto do seu bom servidor e mandou fazer-lhe busto, que ainda está na galeria, servindo aos nossos associados de bom exemplo e de incitamento á labuta pelo progresso do Instituto, faina eminentemente patriotica.

Na vaga occasionada pela morte do Conego Pinheiro occupou o cargo de 1.º Secretario interino o Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, que leu o relatorio dos trabalhos do Instituto durante o anno de 1876.

Dr. José Ribeiro de Souza Fontes (1876-1880). Nasceu no Rio de Janeiro em 9 de Agosto de 1821 e falleceu nesta cidade a 14 de Março de 1893. Formado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, foi na reforma desta Faculdade em 1855 nomeado substituto da secção cirurgica. Passou depois a lente cathedratico de anatomia descriptiva, lugar em que se jubilou. Dedicou-se tambem á cirurgia militar no Exercito, occupando varios postos até ser reformado em 1890 no posto de Marechal de Campo. Era do Conselho do Imperador, medico da Casa Imperial, membro de varias associações scientificas, Cavalleiro da Ordem de S. Bento de Aviz, dignitario da Ordem da Rosa, Commendador da de Christo e da Ordem portugueza da Conceição de Villa Viçosa, Grande Official da Ordem da Corôa da Italia, Commendador da Ordem do Santo Sepulchro de Jerusalem e official da Legião de Honra da França, primeiro Barão e primeiro Visconde de seu nome. Gozou de fama como distincto operador e nos hospitaes da Misericordia, da Penitencia, Carmo e S. Francisco de Paula deu provas de sua pericia.

Prestou relevantes serviços na guerra do Paraguay na qualidade de chefe do Corpo de Saude do Exercito Brazileiro. Acompanhou D. Pedro II em uma de suas viagens ao extrangeiro. Entrou para o Instituto em 26 de Março de 1848. Serviu em diversas commissões, foi Secretario supplente durante alguns annos e depois 2.º Secretario. Elevado ao cargo de 1.º Secretario, occupou-o de 1876 a 1880. Foi mais tarde (1889) socio honorario. Elaborou e leu os relatorios da Secretaria relativos aos annos de 1877 a 1880.

São de sua lavra a memoria—*Quaes os animaes introduzidos na America pelos conquistadores?* (Tomo XIX da *Revista*) e o estudo e analyse dos ossos exhumados da sepultura existente na capella-mór da igreja dos Capuchinhos do Castello, restos mortaes que a tradição dizia pertencerem à Estacio de Sá, primeiro Capitão-Mór e fundador da cidade do Rio de Janeiro.

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo (1880-1886). Nasceu na villa de S. João de Itaborahy, a 7 de Julho de 1832 e falleceu no Rio de Janeiro em 8 de Abril de 1903. Bacharel em lettras pelo antigo Collegio de Pedro II e Doutor em Medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, foi medico adjunto do Corpo Policial da Côrte e em 1863 nomeado professor de Historia Antiga e Moderna do Collegio de Pedro II e depois professor do internato do mesmo Collegio.

Pertenceu a diversas associações scientificas. Romancista, comediographo, historiador, autor de diversas biographias, polygrapho, o Instituto o contou no numero de seus infatigaveis obreiros. Da lavra do Dr. Moreira de Azevedo nomeram-se nos volumes da *Revista* para mais de 25 memorias sobre assumptos de historia patria, escriptas com minucias e particularidades dignas de nota. Além dessas memorias outros trabalhos existem do modesto e consciencioso historiographo.

No acervo do Dr. Moreira de Azevedo avulta como obra principal a intitulada : « *Rio de Janeiro — Sua Historia, Monumentos, Homens Notaveis, Usos e Curiosidades* », 1877, 2 volumes, ampliação de outro trabalho mais modesto *O Pequeno Panorama*, impresso em 5 volumes, 1861-1867.

Entrou para o Instituto em 5 de Dezembro de 1862 e logo

na sessão de 22 do mesmo mez e anno foi eleito para a Commissão subsidiaria de Historia.

Nas eleições seguintes foi sempre seu nome suffragado para outras importantes commissões. Foi Secretario supplente e 1.º Secretario.

Quando falleceu era socio honorario. Como 1.º Secretario exerceu com assiduidade e devotamento os deveres de tão arduo e importante cargo.

Organizou o catalogo das materias contidas nos volumes 1 a 44 da *Revista,* bem como dos objectos existentes no Museu do Instituto. Ao Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo fez completa justiça na sessão magna de 1903 o orador do Instituto, Desembargador Souza Pitanga.

Dr. João Franklin da Silveira Tavora (1886-1888). Natural da provincia do Ceará, nasceu a 13 de Janeiro de 1842. Falleceu no Rio de Janeiro em 18 de Agosto de 1888. Formado em direito pela Faculdade do Recife, serviu diversos cargos publicos na provincia de Pernambuco, no Ceará e na capital do Imperio. Dotado de muita illustração, foi uma das figuras em destaque do nosso mundo litterario.

Foi fundador da extincta Associação dos Homens de Lettras e um dos mais operosos collaboradores da *Revista Brazileira,* 1879-81. A personalidade do Dr. Tavora foi proficientemente estudada pelo orador do Instituto, Dr. Alfredo de Escragnolle Taunay, na sessão de 15 de Dezembro de 1888. Entrou para a Associação em 17 de Setembro de 1880. Nesse anno foi membro da commissão de pesquizas de manuscriptos, cargo que exerceu até 1882, em Dezembro do qual foi eleito orador, como adeante se dirá.

Quando o Instituto deliberou commemorar o quinquagenario de sua fundação, o seu jubileu, foi o Dr. Tavora o iniciador desta bella idéa e a seus esforços conseguiu o Instituto levar a cabo a referida commemoração.

Não permittiu a morte que a ella assistisse o illustre iniciador, cujo nome não será esquecido, pois ahi está o volume especial devido em grande parte ao concurso do notavel cearense.

Na sessão magna de 1887 foi, por molestia, substituido pelo

Coronel Augusto Fausto de Souza e na de 1888 pelo Dr. João Severiano da Fonseca.

Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello (Barão Homem de Mello) (1888-1889). Nasceu em S. Paulo em 1 de Maio de 1837, em Pindamonhangaba. Vive felizmente, e, em ordem de antiguidade, é o primeiro dos socios do Instituto Historico.

Dados completos sobre a biographia deste notavel homem de lettras, politico, professor e distincto geographo, encontram-se na biographia inserta no trabalho — *Pindamonhangaba — Apontamentos historicos, geographicos, genealogicos*, etc., da lavra de Athayde Marcondes e impresso em S. Paulo, em 1907. Formado em Direito pela Faculdade de S. Paulo, em 1858, logo em 1861 foi nomeado professor de historia antiga e de idade média no Collegio de D. Pedro II, depois de um concurso que se tornou celebre e no qual obteve o primeiro lugar, tendo por antagonistas concurrentes scientistas de talento e fama.

Em 1864 foi nomeado Presidente de São Paulo e depois, do Ceará, do Rio Grande do Sul, onde prestou relevantes serviços por occasião da guerra do Paraguay.

Em 1874, foi presidir a provincia da Bahia.

Representou sua provincia natal na legislatura de 1867 a 70 e de 1878 a 81. Occupou a pasta de Ministro do Imperio no gabinete de 28 de Março de 1881.

Exerceu interinamente o cargo de Inspector da Instrucção Publica.

Proclamada a Republica foi nomeado professor do Collegio Militar e fez parte da Intendencia Municipal da Capital Federal.

E' dignitario da Ordem da Rosa e pertence a grande numero de associações scientificas nacionaes e extrangeiras.

São seus notaveis trabalhos: *Estudos Historicos Brazileiros, A Constituinte perante a historia, Esboços biographicos, O Atlas do Imperio do Brazil*, que já conta duas edições, e muitas outras que tornam o venerando ancião paladino dotado de espirito de combatividade scientifica que os annos não têm podido quebrantar.

O Barão Homem de Mello foi proposto para socio correspondente em sessão de 22 de Outubro de 1858, servindo de titulo á admissão seu trabalho *Estudos Historicos Brazileiros* e admittido

em 3 de Julho de 1859. Tomou posse em 27 do mesmo mez e anno. Em virtude da reforma dos Estatutos de 1 de Junho de 1851 passou a socio effectivo em 1861, anno em que foi eleito para fazer parte da Mesa. Em 6 de Julho de 1877 foi proposto para socio honorario e proclamado nesta classe em 23 de Novembro do mesmo anno. Em 1906, passou a socio benemerito; Secretario supplente, 1862-65; 1.º Secretario, 1888-89; 3.º Vice-Presidente, 1875-1881 e 1897-1905; 2.º Vice-Presidente, 1882-1885 e 1906 até hoje.

Serviu em varias Commissões: Subsidiaria de Historia, Admissão de Socios, Trabalhos Historicos, Fundos e Orçamento, Subsidiaria de Trabalhos Historicos, Estatutos e Redacção.

Nas paginas da *Revista* encontram-se diversos trabalhos do Barão Homem de Mello.

Dentre estes citarei: *Excursões geographicas; Indice chronologico dos factos mais notaveis da historia da Capitania depois provincia do Rio Grande do Sul; Juizo critico sobre a historia do Ceará; Memorias do Visconde de S. Leopoldo; Memoria sobre a estructura geologica de terrenos da parte austral do Brazil, etc.; Oyapock, divisa com a Guyana Franceza; Viagem ao Paraguay em Fevereiro e Março de 1869.*

São tambem da sua lavra diversas biographias, taes como a do Conselheiro Paulino José Soares de Souza, do Marechal Beaurepaire Rohan e Francisco Antonio Martins, antigo bibliothecario do Instituto. Além deste acervo conta mais o Barão Homem de Mello nas paginas da *Revista* longos e minuciosos pareceres sobre assumptos de historia e geographia patria.

Dr. João Severiano da Fonseca (1889-1890). Nasceu em Alagôas a 27 de Março de 1836. Falleceu no Rio de Janeiro em 7 de Novembro de 1897. Formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Tendo entrado para o Corpo de Saude do Exercito, prestou serviços na campanha do Estado Oriental e na guerra do Paraguay. Neste corpo attingiu o posto de general de Brigada, em que se reformou, havendo exercido o cargo de Inspector Geral da Repartição Sanitaria do Exercito. Foi Commendador da Ordem da Rosa, Cavalheiro da do Cruzeiro e de Christo e official de S. Bento de Aviz, condecorado com as me-

dalhas da campanha oriental de 1865 e da guerra do Paraguay. Fazia parte da Imperial Academia de Medicina, e era official da Academia de França. Eleito Senador á Constituinte Republicana, renunciou o cargo. Sua biographia foi feita pelo Dr. Alfredo Nascimento Silva na sessão magna de 15 de Dezembro de 1897 e consta do tomo LX da *Revista*.

Entrou para o Instituto em 1 de Outubro de 1880, servindo-lhe de titulo a memoria *A Gruta do Inferno*, na provincia de Matto-Grosso, junto ao forte de Coimbra. Além desta escreveu: *Os indios do Guaporé, Os Palmellas, Os brazões das cidades de Cuyabá e Matto-Grosso, Novas investigações sobre a provincia de Matto-Grosso,* lidas no seio da aggremiação de que foi successivamente socio correspondente, effectivo, honorario, 2.º e depois 1.º Secretario, e finalmente 1.º Vice-Presidente.

Na sessão magna de 1880 leu como 1.º Secretario interino o competente relatorio.

O seu trabalho de maior folego é, sem duvida, a *Viagem ao redor do Brazil,* impresso em dous volumes, obra em que se revela grande erudição.

Para concluir: o Dr. João Severiano da Fonseca foi um scientista, patriota, modesto, e que sempre se distinguiu no cumprimento do dever e pelos dotes de coração e caracter.

Dr. José Alexandre Teixeira de Mello (1890-1891). Nasceu em Campos a 28 de Agosto de 1833 e falleceu no Rio de Janeiro a 10 de Abril de 1908. Formado em medicina, exerceu por algum tempo a clinica em sua cidade natal. Transferindo sua residencia para a então Capital do Imperio, foi nomeado chefe da secção de manuscriptos da Bibliotheca Nacional, passando depois para a secção de impressos e mais tarde a Director desse importante estabelecimento, cargo em que se aposentou. Publicista e litterato, collaborou em diversos jornaes daqui e de Campos. Pertenceu a varias associações, inclusive á Maçonaria e á Academia de Lettras. Poeta muito considerado entre seus pares. Escreveu diversos trabalhos, entre os quaes se destacam: *Ephemerides Nacionaes, Limites do Brazil, Subsidios existentes na Bibliotheca Nacional para o estudo da questão de limites do Brazil pelo Oyapock, Claudio Manoel da Costa, Laurindo José da Silva Rabello, Cata-*

logo por ordem chronologica das Biblias, existentes na Bibliotheca Nacional.

Algumas destas memorias occorrem nos « Annaes da Bibliotheca Nacional», provando o zelo e cuidado com que o operoso Director se esforçava para mostrar a importancia desse vasto departamento da sciencia.

Entrou para o Instituto como socio correspondente em 24 de Novembro de 1882. Serviu-lhe de titulo á admissão o trabalho *Ephemerides Nacionaes*, obra sempre com proveito consultada pelos estudiosos.

Infelizmente, não logrou o Dr. Teixeira de Mello apresentar uma segunda edição melhorada, correcta e accrescentada desse paciente e erudito trabalho, pois dessa faina o tirou a morte. Seus herdeiros, segundo é notorio, pretendem levar a cabo a intenção patriotica do meticuloso historiographo que era o Dr. Teixeira de Mello.

Da classe dos socios effectivos do Instituto passou mais tarde á dos honorarios. Fez parte de varias commissões. De 1886 a 1888 foi eleito Secretario supplente e em 1889 2.º Secretario. Na sessão magna de 1890 leu como Secretario interino o relatorio dos trabalhos do Instituto, em substituição ao Dr. João Severiano da Fonseca. Em sessão de 25 de Setembro de 1891 pediu dispensa do cargo de 1.º Secretario por accumulo de trabalhos, como por incommodo de saude, dando como resolução inabalavel.

O Instituto attendeu ás razões expostas e aceitou a exoneração. Assumiu as funcções de 1.º Secretario o Sr. Henrique Raffard.

O Dr. Teixeira de Mello tambem concorreu para as paginas da *Revista* e apresentou trabalhos de que fez edição em separado o Instituto.

Basta referir os seguintes: *Campos dos Goytacazes, Traços Biographicos de litteratos e estadistas chilenos socios do Instituto; O Dr. Joaquim Caetano da Silva; O Barão de Villa Franca; O Dr. José Bernardino Baptista Pereira de Almeida.*

Henrique Raffard (1891-1905). Nasceu no Rio de Janeiro a 26 de Dezembro de 1851. Falleceu nesta cidade em 4 de Agosto

de 1906. Seguiu aos 8 annos para a Europa. Alli estudou humanidades. Em Pariz seguiu um curso de mathematica, não o concluindo por ter ordem paterna para se preparar para o commercio. A essa nova profissão dedicou-se, depois de ter viajado dous annos pela Allemanha e Belgica.

De regresso ao Brazil, percorreu diversas provincias. Fundou casa commercial em S. Paulo. Mais tarde levantou uma usina de assucar e alcool, em Capivary (S. Paulo), fundando alli a villa Raffard. Fez parte da Companhia Agricola Brazileira. Por duas vezes geriu interinamente o Consulado Geral da Suissa, substituindo seu pai Eugenio Emilio Raffard, que por muitos annos foi o decano do Corpo Consular no Brazil. Escreveu diversos trabalhos de historia e outros concernentes á elucidação de problemas da actualidade com relação ao commercio, industria, colonização, immigração e viação publica. Demonstram estas memorias ser Henrique Raffard um industrial preparado e estudioso de assumptos praticos. Dotado de espirito de observação não lhe escapava a menor circumstancia para dar ao que escrevia um cunho de utilidade.

Destes trabalhos destacam-se *La colonie Suisse de Nova Friburgo et la Société Philantropique Suisse de Rio de Janeiro* e *Industria Saccharifera no Brazil,* que lhe deram entrada no Instituto em 16 de Novembro de 1885.

Era condecorado por Portugal e Hespanha. Tinha as palmas da Academia Franceza. Depois de ter feito parte de commissões foi em 21 de Dezembro de 1889 eleito Secretario supplente, 2.º Secretario em 23 de Dezembro de 1890 e 1.º Secretario em 29 de Dezembro de 1891.

Na crise por que passou o Instituto com a mudança das instituições, Henrique Raffard não voltou costas ao passado. D. Pedro II não teve amigo mais dedicado de que o 1.º Secretario do Instituto. E tanto mais valor tem esta dedicação quasi fetichista pelo monarcha desthronado quanto é certo não ter Raffard recebido de D. Pedro II nenhum favor. Era com lagrimas que Raffard contava a todos o trato ameno e cavalheiroso do monarcha para com elle por occasião dos preparos para a expo-

sição Chilena, realizada no Paço da Cidade, pouco antes da revolta de 15 de Novembro.

Encontram-se na *Revista* trabalhos de Raffard que provam : apezar das contrariedades da vida, quanto elle se dedicava por amor ao venerando Instituto. Basta citar *Alguns dias na Paulicéa*, o *Jubileu de Petropolis*, etc.

Em 1898, publicou *Pessoas e Cousas do Brazil*, onde reuniu noticias esparsas sobre acontecimentos e personagens do tempo do Rei D. João VI e dos dous Imperadores. Dou testemunho de que este interessante trabalho é lido por muita gente que de suas paginas tem informações preciosas e sobretudo authenticas.

Promoveu e acompanhou a publicação do livro *Homenagem do Instituto Historico e Geographico Brazileiro á memoria de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II*.

Nessa curiosa collectanea estão compiladas todas as noticias publicadas nesta cidade com relação á morte do Imperador do Brazil.

A' *Homenagem* servem de prologo CXXXIX paginas nas quaes se encontram noticias sobre o inicio e progresso do Instituto, paginas que de muito têm valido ao autor destas linhas na confecção dos desprestigiosos subsidios que ora apresenta.

Combalido pela molestia que o levou ao tumulo Raffard trabalhou sempre.

Possuidor de terras em Paraty-mirim, emprehendeu escrever uma memoria historica e geographica sobre esta zona fluminense. Aqui no Instituto, na Bibliotheca Nacional e no Archivo Publico, procurou reunir documentos. Leu-me alguns capitulos deste trabalho que ficou inedito. Si o terminasse prestaria assignalado serviço aos que tivessem de se occupar desta parte do nosso territorio.

Henrique Raffard foi um espirito activo e operoso. Cheio sempre de esperanças, elle que era um bom, lutou continuamente contra os precalços de sua boa fé. Falleceu ás portas da indigencia! Disse-o o Desembargador Pitanga ao fazer o elogio historico deste amigo dedicado que em grande conta tinha os titulos de socio do Instituto e maximé o de 1.° Secretario durante tão largo espaço de tempo.

Max Fleiuss (1905). Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 2 de Outubro de 1868. Estudou humanidades no Collegio Abilio, desta cidade, e na succursal em Barbacena. Fez até o 3.º anno o curso de direito. Depois dedicou-se ao funccionalismo publico, percorrendo todos os cargos até o de elevada graduação em que funcciona. Foi redactor do Annuario do Club de Litteratura (1887), redactor da *Provincia de S. Paulo,* nesse mesmo anno, redactor-gerente e depois director d'*A Semana* (1893-95) e mais tarde tambem da *Rua do Ouvidor,* d'*O Seculo XX* e da *Renascença,* e redactor correspondente do *Commercio de S. Paulo,* durante a direcção dos Srs. Drs. Eduardo Prado e Affonso Arinos.

Foi redactor dos debates do Senado Federal em 1897.

Tem publicado: *Férias,* anthologia, 1.ª edição, 1897 e 2.ª edição, 1902; *Os Centenarios do Brazil,* 1900; *Elementos de Historia Contemporanea,* 1900.

E' socio correspondente do Instituto Archeologico Pernambucano, do Instituto Historico de S. Paulo, do Instituto Historico de Minas Geraes, do Instituto Geographico e Historico da Bahia e effectivo da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro; academico de numero da Real Academia de Madrid.

Por Portugal foi condecorado com o grão de Cavalleiro da Ordem de Christo.

Entrou para o Instituto em 3 de Agosto de 1900. Serviu-lhe de titulo o trabalho «Os Centenarios do Brazil». Em 24 de Dezembro do mesmo anno foi eleito 2.º Secretario, sendo reeleito até 1905. Nas eleições deste anno reeleito o Sr. Raffard renunciou o cargo, sendo o Sr. Max Fleiuss eleito então 1.º Secretario.

Neste ultimo cargo foi reeleito até 1907. Em assembléa geral extraordinaria de 9 de Março desse anno foi nomeado 1.º Secretario Perpetuo do Instituto, em virtude de uma proposta assignada pelo Conde de Affonso Celso, apresentada em sessão de 4 de Fevereiro de 1907. Neste cargo tem permanecido até hoje. Além de seus relatorios apresentados nas sessões anniversarias, enumeram-se nas paginas da *Revista* varios pareceres firmados pelo Secretario Perpetuo, nas diversas commissões de que tem feito parte. Percorrendo-se a importantissima collectanea constituida pela publicação annual do Instituto,

*

notam-se nos numeros destes ultimos annos os serviços prestados pelo hoje 1.º Secretario Perpetuo, serviços reconhecidos e applaudidos pelos seus pares. Ainda em assembléa geral de 21 de Novembro de 1911 ficou deliberado que o Instituto mandasse collocar na sala da Secretaria o retrato do Sr. Max Fleiuss. A elle se deve a restauração interna e externa do edificio onde funcciona a vetusta instituição.

Para iniciar essa cruzada de verdadeiro pedinte teve o 1.º Secretario carta branca do Conselheiro Olegario, que muito duvidava do exito desse emprehendimento.

Na reorganização dos serviços internos é preciso não esquecer a reforma da Secretaria, a nova catalogação dos livros, mappas e manuscriptos, nova disposição dos objectos do Museu, compra de mobiliario, etc.

Não descança o 1.º Secretario emquanto não dotar o Instituto com um edificio proprio, com installações modernas e condignas da considerada associação.

Nessa faina continúa elle ao terminar o anno de 1911.

E tem esperança de vêr realizado o que elle chama o seu ultimo *desideratum* no Instituto.

Oradores — Dr. Pedro de Alcantara Bellegard (1838-1840). Nasceu a bordo de um dos navios da esquadra que conduzia para o Brazil a familia real. Falleceu no Rio de Janeiro em 12 de Fevereiro de 1864, no posto de Marechal de Campo. Era lente jubilado da Escola militar. Vogal do Conselho Supremo Militar, do Conselho do Imperador e Vereador da Imperatriz Dona Thereza Christina Maria. Ornavam-lhe o peito a commenda da Ordem de São Bento de Aviz e a insignia de Cavalleiro da Ordem da Rosa. Matriculou-se em 1821 e obteve em concurso o posto de 2.º tenente em 1823. Completou o curso no posto de capitão. Passou depois para o Corpo de Engenheiros. Foi, quando tenente, nomeado lente de mathematica e de fortificação em Angola. Em 1834 foi nomeado, por concurso, lente substituto da Escola Militar do Rio de Janeiro. Mais tarde elevado ao gráo de lente cathedratico e de director daquelle antigo estabelecimento scientifico. Em commissão especial esteve no Paraguay durante os

annos de 1848 a 1851. Exerceu o cargo de Director do Arsenal de Guerra em 1852. No anno seguinte teve a pasta da Guerra no Ministerio de 6 de Setembro, presidido pelo Marquez de Paraná. Em 9 de Fevereiro de 1863 occupou a pasta da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, no Ministerio organizado a 30 de Maio de 1862 pelo Marquez de Olinda.

Não vem de molde salientar todas as importantes commissões que o Conselheiro Bellegarde exerceu com exacção e patriotismo militar de summa competencia. Espirito illustrado, escreveu tambem muitos livros elementares: « Livros pequenos, disse seu biographo, o Dr. Joaquim Manoel de Macedo, mas preciosos, verdadeiros pharóes que illuminaram o caminho da mocidade estudiosa. »

Como geographo, citam-se muitas plantas, mappas sobre diversos pontos do nosso paiz e tambem ácerca de limites com paizes visinhos. Pertenceu a diversas associações scientificas e litterarias. Fundou a escola de architectos da provincia do Rio de Janeiro, tendo como companheiros Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, Diogo Soares da Silva Bivar, Joaquim Gonçalves Ledo e Dr. Francisco Gê Acayaba de Montezuma. Foi um dos fundadores do Instituto Historico, e na lista dos primeiros consocios tem o numero seis. Eleito orador em 21 de Outubro de 1838, exerceu este cargo até 5 de Dezembro de 1840. São de sua lavra os elogios historicos dos socios Marechal Cunha Mattos e Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde.

Como membro de diversas commissões, são valiosos os pareceres firmados pelo Dr. Bellegarde. Provam profundo conhecimento em assumptos de historia e geographia e denotam sincero culto ás bellas lettras.

Ao Conselheiro Bellegarde deve o Instituto a offerta de valiosas obras, opusculos e folhetos raros que vieram enriquecer a bibliotheca da associação nos seus primeiros tempos.

Dr. Diogo Soares da Silva de Bivar (1840-1843). Nasceu na villa e praia de Abrantes (Portugal), em 6 de Fevereiro de 1785. Falleceu no Rio de Janeiro em 14 de Outubro de 1865. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, do Conselho do Imperador, Cavalleiro da Ordem da Rosa e da de Christo, foi funda-

dor e director do Conservatorio Dramatico do Rio de Janeiro. Por exercer o cargo de Juiz de Fóra da villa de Abrantes, durante a invasão franceza, foi preso e sujeito a processo, e, deportado, obteve fixar residencia na Bahia.

Perdoado pelo Principe Regente Dom João, continuou a residir nessa cidade, ahi exerceu a advocacia e depois no Rio de Janeiro. Serviu o lugar de inspector das aulas do commercio, as quaes reunidas passaram a formar o Instituto Commercial da Côrte. Jornalista, redigiu a *Idade de Ouro do Brazil,* jornal da Bahia, 1811; geographo, o Dr. Bivar muito escreveu sobre assumptos commerciaes.

Entrou para o Instituto em 3 de Dezembro de 1838, e nos primeiros tempos foi um dos mais assiduos sustentaculos desta associação.

Não se deixou empolgar pela indifferença, provocadora da crise que tentou derrubar o edificio construido pelos esforços de tantos patriotas. Devia-lhe, além de outros, o Instituto este serviço. Honrado pela confiança de seus confrades, fez sempre parte de diversas commissões. Eleito orador, foi substituido na sessão magna de 1841 pelo socio Dr. Thomaz José Pinto Cerqueira. Na festa anniversaria de 1842 leu o elogio historico de Francisco Agostinho Gomes, membro correspondente do Instituto.

Por enfermo deixou de fazer, na sessão magna de 1848, o elogio historico dos socios fallecidos durante aquelle anno. Foi essa a razão dada em seu relatorio pelo Secretario Perpetuo, o Conego Januario da Cunha Barboza.

Entre os trabalhos do Dr. Bivar, os quaes occorrem na *Revista,* além do parecer sobre a 2.ª parte da *Chronica* de Jaboatão, é curioso lembrar o parecer sobre o *Indice chronologico* do Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.

O Dr. Bivar atacou com demasiado vigor o *Indice chronologico*. Em defesa do Dr. Perdigão sahiu seu antigo professor, o Dr. Joaquim Caetano da Silva. Os commentarios feitos pelo Dr. Silva são dignos de attenta leitura. Denotam o valor scientifico desse illustre Brazileiro, autor da obra *O Oyapock é nosso.* (Vide *Revista,* tomo XV).

Manoel de Araujo Porto Alegre (1843-1856). Proferiu os elo-

gios historicos dos socios fallecidos, nas sessões magnas de 1844, 1845, 1850, 1854, 1855 e 1856. São peças oratorias de alto merecimento e reputadas por Joaquim Nabuco verdadeiros modelos de eloquencia academica. Por doente foi Porto Alegre substituido na sessão anniversaria de 1853 pelo Dr. Francisco de Paula Menezes.

Dr. Joaquim Manoel de Macedo (1856-1881). São tambem importantes os discursos proferidos por esse distincto homem de lettras, sobre o qual já dei pallido esboço de seus merecimentos quando o considerei como 1.° Secretario. Em seus discursos se encontram seguras fontes e minuciosas informações sobre os socios fallecidos durante tão longo estadio.

Na sessão anniversaria de 1870 foi o Dr. Macedo substituido pelo orador interino Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay, na de 1872 pelo orador interino Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, na de 1876 pelo Dr. José Tito Nabuco de Araujo, na de 1880 pelo Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro e finalmente na de 1881 e 1882 pelo Dr. João Franklin da Silva Tavora. Este, eleito em 21 de Dezembro de 1882, occupou o cargo até 1886 e proferiu o elogio historico dos socios fallecidos durante os annos de 1883, 1884, 1885 e 1886.

Dr. Alfredo de Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay) — 1886-1891. Descendente de nobres, de famosos artistas e de apreciados homens de sciencia, nasceu no Rio de Janeiro a 22 de Fevereiro de 1843 e nesta cidade falleceu em 25 de Janeiro de 1899. Bacharel em lettras pelo Collegio de Pedro II (1858), cursou depois as aulas da antiga Escola Central, onde em 1863 recebeu o gráo de bacharel em mathematica. Em 1864 era promovido a 2.° Tenente por haver completado na Escola Militar o curso de engenharia. Declarada a guerra entre o Brazil e o Paraguay, fez parte da expedição que, percorrendo os nossos sertões, devia atacar o Alto Paraguay nos seus limites com a provincia de Matto-Grosso. Regressando ao Rio de Janeiro, leccionou durante quatro mezes na Escola Militar. Com Caxias seguiu para o theatro da guerra e ahi permaneceu até 1870, tendo como chefe, não já aquelle inclyto militar, mas o Conde d'Eu, genro do Imperador.

Terminada a guerra, veio em 1871 Taunay completar o seu curso na Escola. Serviu diversos cargos de magisterio. Obteve, por fim, demissão do Exercito, achando-se então no posto de Major. Por seus serviços militares foram-lhe conferidas, além das medalhas de Merito Militar, as da Campanha do Paraguay, da Expedição de Matto-Grosso e das Republicas da Argentina e do Uruguay. Tinha ainda o gráo de official da Ordem da Rosa, de Cavalleiro de S. Bento de Aviz e da de Christo.

Na Camara Temporaria representou a provincia de Goyaz na 15.ª legislatura e a de Santa Catharina de 1881 a 1884 e 1886. Em 1875 presidiu a provincia de Santa Catharina. Dez annos depois seguiu como Presidente para a provincia do Paraná. A 29 de Agosto de 1886 tomava assento no Senado como representante da provincia de Santa Catharina. Com o advento da Republica retirou-se da vida activa da politica em que tão nobre papel representou.

Entregou-se então á continuação de estudos litterarios, paixão dominante desde a juventude de seu espirito de artista.

Fundando-se na Capital a Academia Brazileira de Lettras, occupou nesta sábia aggremiação uma das quarenta cadeiras destinadas aos proceres da intellectualidade brazileira. Scientista, romancista, publicista, chronista e poeta, é copioso o acervo deixado por Alfredo Taunay. Seus trabalhos o sagraram um dos nossos maiores homens de lettras dignamente acatado pelos nacionaes, e tornado popular na velha Europa. Seria temeridade querer nestes modestos subsidios analysar a personalidade desse talento de verdadeiro encyclopedista de que deu sempre provas o immortal autor da *Retirada da Laguna,* essa odysséa de soffrimentos e martyrios pintada ao vivo pelo testemunho de quem fazia parte da expedição, igual, se não superior á celebre *Retirada dos dez mil,* de Xenophonte. A outros mais competentes coube patentear o papel de Taunay no nosso mundo intellectual. O primeiro a executal-o foi Joaquim Nabuco, proferindo com lagrimas as sentidas palavras á beira do tumulo onde ia se abysmar para sempre o envolucro terrestre que encerrou durante 56 annos aquelle espirito genial, sempre dedicado ao culto do bello e aos progressos politicos e sociaes de seu torrão natal.

Como socio correspondente foi Taunay admittido no Instituto Historico em 28 de Maio de 1869. Serviu-lhe de titulo á admissão a memoria *Scenas de viagem — Exploração entre os rios Taquary e Aquidaban, do districto de Miranda.* Compareceu pela primeira vez ao Instituto na sessão de 17 de Junho de 1870. Deste anno em diante fez parte das seguintes commissões: Subsidiaria de Historia, de Geographia, de Admissão de Socios. Em 1870 serviu de orador interino, substituindo Macedo na sessão magna. Além de seus discursos como distincto orador, a *Revista* do Instituto contém em suas paginas excellentes memorias, provas do peregrino talento de Taunay.

Entre elles, seja-me licito salientar: *Caldas da Imperatriz; Cidade de Matto-Grosso (antiga Villa Verde) e o rio Guaporé e sua mais illustre victima; Extrangeiros illustres e prestimosos que concorreram com todo o esforço e dedicação para o engrandecimento intellectual, artistico, moral, militar, litterario, economico, industrial, commercial e material do Brazil; Curiosidades naturaes da Provincia do Paraná; Expedição do Coronel Langodox no interior do Brazil; Indios Caigang (Coroados de Guarapuan); Relatorio geral da commissão de engenheiros junto ás forças em expedição para a Provincia de Matto-Grosso* (1865-1866); *Viagem de regresso de Matto-Grosso á Côrte; Vocabulario da lingua Guaná,* etc.

Em 1889 Taunay despediu-se do Instituto, disse o Conselheiro Manoel Francisco Corrêa, presidindo a sessão de 30 de Maio de 1889 «por motivo de uma deliberação que não lhe agradou, mas nós nunca nos despediremos delle».

E assim bem o entendeu o erudito e operoso Dr. Alfredo Nascimento, quando, no elogio historico dos socios fallecidos durante o anno de 1899, incluiu o nome do Dr. Alfredo Escragnolle Taunay.

Deste prestimoso e inesquecivel consocio guarda o Instituto em sua arca de sigilo volumoso envolucro com a condição do mesmo Instituto só abrir tão precioso deposito em 1943.

«Reflectida calma, diz o Dr. Alfredo Nascimento, mostrou-lhe mais tarde que a tanto não merecia tel-o conduzido o incidente a que só deu vulto o seu demasiado zelo sobremodo disposto a taes susceptibilidades pelas circumstancias de então, e

nobre e leal, como sempre fôra, acercou-se novamente do Instituto, deixando mesmo sentir por ultimo que não se recusaria a voltar ao seu gremio, se para isso se offerecesse ensejo. »

Não permittiu infelizmente a morte tão abnegada resolução.

Das glorias de Alfredo Taunay são dignos successores seu filho o Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay e seu sobrinho, o Dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria. Do primeiro destes, socio correspondente do Instituto, tem a nossa *Revista* publicado já dous trabalhos e vai inserir interessante estudo sobre a *Missão Estrangeira de 1816*; do segundo, os artigos recentemente publicados no *Jornal do Commercio* e o inserto no tomo LXXI, da *Revista do Instituto* constituem segura prova do que deixamos dito.

Commendador José Luiz Alves — 1891-1894. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 12 de Julho de 1832 e nella falleceu a 25 de Setembro de 1908.

Depois de estudar humanidades entregou-se á carreira commercial. Foi em tempo importante e conceituado negociante da nossa praça, como chefe de conhecida casa. Por actos de generosidade praticados durante a guerra do Paraguay, foi condecorado com a commenda da Ordem da Rosa. Antigo membro da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, fez tambem parte do Atheneu de Lima, da Associação Promotora da Instrucção Publica, do Instituto Fluminense de Agricultura e de varios sodalicios religiosos desta cidade, em os quaes exerceu altos cargos administrativos. Collaborou em diversos jornaes, para os quaes escreveu versos satyricos que me foram recitados por vezes de memoria pelo Commendador José Luiz Alves.

Desde moço teve predilecção pelos estudos biographicos e seu espirito investigador descia a minucias e pormenores.

Disto são prova o elogio historico do Visconde de Guaratiba, Joaquim Antonio Ferreira, no acto solenne da inauguração de seu retrato (obra de Victor Meirelles), na igreja de Santa Rita, e a biographia do Conde de Itaguahy, Antonio Dias Pavão. O mais importante trabalho do Commendador Alves foi, sem duvida, a memoria «Claustros e o Clero no Brazil», monographia que lhe deu entrada no Instituto em 13 de Agosto de 1888.

Logo em Dezembro deste anno foi o Commendador José

Luiz Alves eleito para fazer parte da Commissão de Fundos e Orçamento, sendo sempre reeleito nos annos successivos. Em 1891 foi eleito orador, tendo interinamente substituido o Visconde de Taunay na sessão magna de 1890, em que leu o elogio historico dos socios fallecidos de 15 de Dezembro de 1888 a 15 de Dezembro de 1890.

Como orador effectivo fallou nas sessões anniversarias até a de 1894. A muita gente pareceu extranho ter o Instituto, associação scientifica e litteraria, mantido no importante cargo de orador um simples negociante não diplomado por qualquer das nossas academias. E o que é mais, succeder na cadeira de orador a Porto Alegre, Macedo, Tavora e Taunay.

O Commendador José Luiz Alves, porém, sahiu-se sempre galhardamente de tão espinhosa missão. Alli estão os elogios historicos pronunciados pelo modesto orador. São elles preciosas fontes commentadas por muita gente sobre a vida de preclaros brazileiros e extrangeiros que o Instituto contou em suas fileiras. Como orador pronunciou tambem o Commendador José Luiz Alves o elogio historico de D. Pedro II na sessão extraordinaria celebrada a 4 de Março de 1892, em homenagem ao seu desvelado amigo e protector. Ainda nesse mesmo anno de 1892 o Commendador Alves pronunciou em 12 de Outubro o elogio historico de Christovão Colombo, na sessão solenne com que o Instituto celebrou a commemoração do descobrimento da America.

No seio do Instituto leu o Commendador José Luiz Alves, com o titulo «Senado Brazileiro», a biographia de quasi todos os representantes desse ramo da representação nacional, quer no 1.º, quer no 2.º Imperio.

Occorre na *Revista,* além de outros trabalhos do Commendador Alves, a sua interessante memoria sobre os *Nuncios e Internuncios da Santa Sé no Brazil, desde 1808 a 1898.*

Dr. Alfredo do Nascimento Silva — 1894-1897. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 18 de Janeiro de 1866. Cursou as aulas do Collegio D. Pedro II e neste estabelecimento concluiu quasi todos os preparatorios. Em 1888 recebeu o gráo de doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Sua these, sob o titulo *Da receptividade morbida,* mereceu a nota de distincção. Du-

rante seu tirocinio academico leccionou no Lyceu Litterario Portuguez mathematicas e grammatica portugueza.

Em 1888 publicou um livro didatico sob o titulo *Grammatica Portugueza Elementar.* Antes, em 1885, quando cursava o terceiro anno medico, escreveu um trabalho sob o titulo *Historia Moderna*, elogiado por toda a imprensa. Em 1890 foi o Dr. Nascimento nomeado lente substituto da Escola Superior de Guerra e em 1896 foi occupar a cadeira de lente cathedratico de zoologia e botanica naquelle importante estabelecimento.

Mais tarde, passou a reger a cadeira de chimica e botanica na Escola Militar do Brazil. Membro da mais antiga associação scientifica do Brazil, a *Academia Nacional de Medicina,* tem nella representado papel notorio e feito parte da alta administração desse gremio. Entre os seus muitos estudos e trabalhos citarei apenas o *Mimetismo do Cholera.* Faz parte tambem o illustrado medico de diversas associações scientificas e litterarias. Infatigavel apostolo da sciencia, o Dr. Nascimento é actualmente redactor da importante *Revista Syniatrica.* Proposto para socio effectivo do Instituto em 14 de Novembro de 1890, foi admittido em 12 de Dezembro do mesmo anno, servindo-lhe de titulo de admissão a *Historia Moderna,* que mereceu justos gabos por parte das commissões de trabalhos historicos e de admissão de socios. Tomou posse em 3 de Abril de 1891. Nas eleições de Dezembro de 1891 foi eleito 1.º Secretario Supplente e nas de 1892 foi 2.º Secretario, cargo em que se manteve até Dezembro de 1894, sendo então eleito orador. Foi reeleito até Dezembro de 1897. Fez parte de diversas commissões, taes como: Subsidiaria de Historia, Ethnographia, Biographias, Estatutos e Redacção — de Historia. Além dos eloquentes discursos pronunciados pelo Dr. Nascimento Silva a *Revista* imprimiu, entre outros, os seguintes trabalhos: *Christovão Colombo perante a Historia, Um atomo de historia patria, Historia da Sociedade Amante da Instrucção.*

O Dr. Alfredo Nascimento Silva tem, pois, brilhantemente correspondido ás justas apreciações que sobre elle fez o Visconde de Taunay, membro da Commissão de Admissão de Socios.

Na corporação medica do Rio de Janeiro occupa o Dr. Nas-

cimento lugar distincto pelos seus talentos, pelo seu caracter e pelo mais acendrado espirito de caridade.

Dr. Joaquim Aurelio Barreto Nabuco de Araujo — 1897-1899. Nasceu no Recife a 19 de Agosto de 1849. Falleceu em Washington a 17 de Janeiro de 1910 no alto e importante cargo de Embaixador do Brazil junto ao Governo da Republica dos Estados Unidos. Em 1860 entrou para o segundo anno do internato do Collegio de Pedro II. Recebeu o gráo de bacharel em lettras no dia 8 de Dezembro de 1865. Depois de um convivio de cinco annos em que eramos ao todo 17 irmãos verdadeiros — separei-me de Joaquim Nabuco para muitos annos, vindo depois encontral-o no Instituto Historico como homem de fama mundial e eu como bibliothecario da antiga associação. Formou-se em Direito (1870) pela Faculdade do Recife. Serviu depois como addido das legações brazileiras em Londres e Washington (1876-1879).

Representou a provincia de Pernambuco nas 17.ª, 19.ª e 20.ª legislaturas.

Em 1900 foi nomeado Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Republica dos Estados Unidos do Brazil junto ao Governo da Inglaterra.

Pertenceu a diversas aggremiações litterarias e scientificas e era membro da Academia Brazileira de Lettras. Não é possivel, nem tenho competencia para analysar tudo que produziu Joaquim Nabuco, poeta, prosador, propagandista, orador, parlamentar e diplomata, deixou trabalhos que tornam seu nome respeitado do mundo civilisado..

Desse egregio brazileiro a quem o Conde de Affonso Celso ha poucos mezes chamou de « ser extraordinario, um genio super-homem, extraordinario pelos predicados physicos, extraordinario pelo talento, extraordinario pela cultura, e extraordinario pelos serviços aos grandes ideaes, extraordinario pela educação que delle emanava », só me cabe agora tratar da rapida passagem de Joaquim Nabuco pelo Instituto Historico.

Admittido socio effectivo em 27 de Setembro de 1886, foi em 1898, nas eleições de Dezembro, eleito membro da Commissão Subsidiaria de Historia.

Antes, nas de Dezembro de 1897, foi eleito orador e pronun-

ciou na sessão magna de 1898 notabilissimo discurso de elogio aos socios fallecidos, na presença de grande numero de socios, selecto auditorio, entre o qual se distinguia o Presidente da Republica, Dr. Campos Salles. Este discurso é um monumento de verdade, justiça e patriotismo.

Dr. Alfredo Nascimento Silva — 1899-1900.

Em sessão de 12 de Maio de 1899 foi lido um officio do Dr. Joaquim Nabuco participando sua partida para a Europa e pedindo exoneração do cargo de orador.

O Presidente, Conselheiro Olegario, nomeou para servir interinamente o precitado cargo o Dr. Alfredo Nascimento Silva, que a 23 de Dezembro deste mesmo anno foi eleito orador.

Deste cargo pediu exoneração por officio lido na sessão de 31 de Agosto de 1900. Foi nomeado para substituil-o o Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga.

Nesta segunda phase leu o Dr. Nascimento o elogio historico dos socios fallecidos em 1899. Não pode ser esquecido o seu suggestivo discurso proferido em 20 de Abril de 1900 no salão da Academia de Medicina (rua do Passeio) na Sessão Extraordinaria Magna Commemorativa em a qual o Instituto Historico e Geographico Brazileiro celebrou o quarto centenario do descobrimento do Brazil.

Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga — Interino 1900 — Effectivo 1900-1906.

Nasceu a 2 de março de 1850 na cidade do Salvador, da Bahia. Formou-se em direito na Faculdade do Recife em 1871. Muito moço, seguiu a magistratura, sendo nomeado promotor publico em Ilheos (Bahia).

Serviu depois o cargo de Chefe de Policia na antiga provincia do Espirito Santo. Actualmente é Desembargador, membro da Côrte de Appellação. Além disto occupa o cargo de Presidente da Commissão que tem a seu cuidado os patrimonios dos differentes estabelecimentos dependentes do Ministerio da Justiça e Negocios Interiores. Poeta, prosador, jornalista e jurisconsulto. Durante a vida academica escreveu poesias dignas de nota.

Em 1886 deu á imprensa ponderado trabalho com o titulo a *Pena de Açoites.*

Collaborador de diversos jornaes tem nelles escripto memorias sobre assumptos juridicos, dentre os quaes se destaca o *Indio perante o Direito*. Em 1907 deu a lume um trabalho curioso e erudito pela materia amplamente estudada — *Organização Penitenciaria nos paizes latino-americanos*.

Proposto para socio effectivo do Instituto em 23 de Março de 1900, foi admittido em 20 de Julho e tomou posse em 17 de Agosto daquelle mesmo anno, sendo saudado pelos Drs. Felisbello Freire (orador *ad-hoc*) e Zeferino Candido.

Tem feito parte das seguintes commissões: Pesquizas de Manuscriptos, Biographias, Admissão de Socios, Archeologia.

Desde 1907 até hoje tem exercido o cargo de 3.º Vice-Presidente. Actualmente gosa do titulo de socio honorario, posto a que foi justamente elevado em 22 de Junho de 1911.

Tratando do valor intellectual do Desembargador Souza Pitanga, basta referir o parecer da Commissão de Historia, firmado pelos Barão Homem de Mello, Conde de Affonso Celso e Miguel Archanjo Galvão, com allusão aos trabalhos que serviram de titulo de admissão ao digno e probo magistrado.

O trabalho do Sr. Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga *A pena de Açoites*, publicado na cidade do Recife em 1886, revela alto criterio no modo de comprehender a questão social, obra mais importante sobre o assumpto que ainda houve no Brazil, a par de illustração e talento juridico pouco vulgares. E' valioso documento para a historia do elemento servil.

A monographia *O selvagem perante o Direito*, inserta no *Jornal do Commercio* de 13 de Maio de 1899 colloca o Desembargador Pitanga no numero dos mais distinctos indiologos. O autor observa de perto os indios em Olivença, Bahia e em Coritybanos, Santa Catharina.

Occupou-se na sua catechese em artigo vindo a lume n'*O Globo*, de 27 de Julho de 1882.

Conhece perfeitamente o assumpto, sobre o qual manifesta sensatas idéas.

Ambos os escriptos dão mostra de um espirito esclarecido, conhecedor e amigo das cousas nacionaes, muito no caso a fazer parte do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Tanto basta para dar idéa da personalidade do digno successor do General Couto de Magalhães nessa cruzada nobre, patriotica e Humanitaria em pról dos nossos selvicolas.

O Conselheiro Olegario dava-se parabens por ter nomeado o Desembargador Pitanga para succeder Nabuco na cadeira da oratoria, indicação amplamente sanccionada pelas eleições do orador effectivo, cargo que durante mais de um lustre deram ao Desembargador Pitanga os suffragios de seus confrades.

Como o jurisconsulto indiophilo se desempenhou ahi estão os seus discursos, em um dos quaes (o ultimo) fez com lagrimas o elogio do Conselheiro Olegario, seu amigo e collega no sagrado sacerdocio da magistratura.

Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo (Conde do Affonso Celso) — 1906. Nasceu em Ouro Preto a 31 de Março de 1860. Em 1881 recebeu o gráo de Doutor pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Deputado pela provincia de Minas Geraes de 1881-1889; é poeta, prosador, romancista, jurisconsulto e professor.

E' um dos nossos mais conhecidos e apreciados homens de lettras e sciencias e occupa lugar de destaque na nossa Academia de Lettras, da qual foi um dos primeiros quarenta fundadores. No magisterio superior é o Director da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes, de que tambem é lente.

Pelo seu espirito essencialmente catholico e pelos serviços prestados á Igreja, foi agraciado pelo Summo Pontifice com o titulo de Conde.

E' official da Legião de Honra e da Ordem Pontificia *Pro Ecclesia et Pontifice.*

Tem o collar da Real Academia Scientifica de Lisboa, a medalha do Collegio dos Advogados de Lima e o collar da Sociedade de Geographia de Lisboa. Grande e rico é o escrinio litterario do Conde de Affonso Celso. Entre os seus trabalhos, todos de maior quilate, citam os entendedores os seguintes: *Preludios* (poesias), *Devaneios* (poesias), *Telas Sonantes* (poesias), *Poemetos, Exposições industriaes, Camões, Commemoração do Centenario, These para obter o gráo de Doutor em Direito, Discursos parlamentares, Vultos e Factos, Minha Filha, Lupe, O Imperador no exilio, Notas e Ficções, Rimas de outr'ora, Um invejado, Guerrilhas, Contradictas*

monarchicas, Giovannina, O assassinato do Coronel Gentil de Castro, Da Imitação de Christo, Porque me ufano do meu paiz, Versos escolhidos, Oito annos de parlamento e *Aventuras de Manoel João.*

Collaborador de diversos jornaes e revistas, o Conde de Affonso Celso escreve diariamente no *Jornal do Brazil* importantes e curiosos artigos sob o titulo de *Cotas aos Casos.* Orador fluente, gracioso, natural, e de estylo facilmente comprehendido, tem o Conde de Affonso Celso os applausos de todos que o ouvem com verdadeira attenção e sympathia manifesta. Seus discursos são sempre recitados e elle os reproduz no dia seguinte para a imprensa sem falta da menor minucia de circumstancias, de factos e de datas. Em uma palavra, conhecido dentro e fóra do paiz, o actual orador do Instituto Historico é um dos vultos primaciaes do nosso meio intellectual.

Para o seio do Instituto entrou na qualidade de socio effectivo a 2 de Dezembro de 1892. Fôra proposto em sessão de 23 de Setembro desse anno, servindo-lhe de titulo *Uma Viagem ao Jequitinhonha* e *Vultos e Factos.* Em sessão de 14 de Outubro foi lido o respectivo parecer da Commissão de Historia e na de 25 de Novembro o da Commissão de Admissão de Socios.

De 1892 até a actualidade tem feito parte das seguintes commissões: de Admissão de Socios, de Historia, Subsidiaria de Historia, de Estatutos, Redacção. Como já vimos, foi eleito orador em 21 de Novembro de 1906.

Em 31 de Agosto de 1909 foi elevado á classe de Socio Honorario.

Em todos estes cargos tem o Conde de Affonso Celso prestado muitos e relevantes serviços. Tal é, em pallido resumo, a fé de officio desse incansavel, dedicado e illustre socio. Do que fica relatado dão provas seus empolgantes discursos, suas eruditas conferencias, suas palavras dirigidas com enthusiasmo e fé aos novos milicianos que vêm preencher as vagas deixadas pelos que a morte arrebatou. E isto basta para fazer o elogio do Conde de Affonso Celso, sagrado pela opinião publica como um de nossos grandes brazileiros e de quem se póde dizer — « *de tal pae, tal filho se esperava* ».

THESOUREIROS — José Lino de Moura — 1838-1845 (?). Nasceu em Sabará (Minas Geraes) em 1775 e falleceu no Rio de Janeiro em 19 de Março de 1855. Em 1788 foi mandado servir na Casa dos Contos. « Com a chegada da familia real, em 1808, foi José Lino de Moura nomeado contador dos Armazens da Fazenda Real e na criação do Arsenal de Marinha foi incumbido da Organização da Contadoria Geral, assim como no estabelecimento do Arsenal de Guerra, onde deu provas de sua pericia, methodo e zelo no trabalho, o que lhe valeu ser agraciado em 1816 com a Ordem de Christo e com a circumstancia singular de ser condecorado perante todos os empregados, por assim o haver ordenado o Principe Regente. »

« Na creação da Caixa de Amortização foi ainda empregado como contador e nesse posto se aposentou com louvor.»

Taes são as palavras com que Porto Alegre honrou em sessão magna a memoria desse digno servidor da patria e honesto funccionario publico. Depois de haver prestado serviços á *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional*, foi tambem um dos fundadores do nosso Instituto Historico. Na primeira lista de socios occupou o n.º 5.

Eleito thesoureiro, cargo que exerceu com rara dedicação, foi Lino de Moura quem de sua bolsa forneceu os meios para não cessar a publicação da *Revista*. O Instituto vivia então só de seus exiguos recursos.

Se não fosse a generosidade de Lino de Moura à associação teria talvez morrido em seu nascedouro.

A esse desvelado consocio caberia sem duvida a primazia do titulo de verdadeiro bemfeitor, se nesse tempo já houvesse sido criada similhante classe.

Deixando o cargo de thesoureiro, occupou lugares nas commissões.

E tal era a consciencia deste bom compatricio que, alquebrado pelas molestias, communicou em carta não poder cumprir as disposições do art. 17 dos Estatutos. Pedia, por isso, demissão. Lida a missiva do antigo thesoureiro, foi elle elevado á categoria de socio honorario por proposta unanimemente approvada em 5 de Dezembro de 1851.

Thomé Maria da Fonseca e Silva [1] — 1845 (?) — 1850. Foi tambem um dos fundadores do Instituto. Na primeira lista de associados seu nome está em 12.º lugar.

Em 1838 exerceu o cargo de Inspector da Recebedoria do Municipio. Sobre elle pouco disse Porto Alegre na sessão magna de 1852. E a razão é obvia.

Durante quatro annos não havia sido possivel celebrar a solenne sessão annual.

Grande era, pois, o numero de socios fallecidos durante tal estadio. Á memoria de cada um dedicou o orador alguns conceitos, que só por si valem um discurso.

— O Instituto deve, disse Porto Alegre, grandes serviços ao seu honrado membro Thomé Maria da Fonseca e Silva, que occupou o logar de thesoureiro por muitos annos e nos deixou na *Revista* um documento de seu amor pela prosperidade nacional... Foi um membro zeloso em todas as sociedades a que pertencia e tinha sentimentos patrioticos que o constituiram um verdadeiro Brazileiro: a colonização foi o seu sonho de amor e o trafico da carne humana — o seu constante pesadelo.

O documento a que allude Porto Alegre é a memoria da lavra de Thomé da Fonseca — *Breve noticia sobre a colonia de Suissos fundada em Nova Friburgo.*

João José de Souza Silva Rios — 1850 (?) — 1856. Nasceu no Rio de Janeiro a 4 de Julho de 1810 e falleceu a 12 de Agosto de 1886.

Concluidos os cursos de humanidades e mathematicas entrou para o funccionalismo publico. Exerceu diversos cargos até o de Contador da Contadoria Geral da Guerra, em que se aposentou.

Do Banco Rural e Hypothecario foi por muito tempo Secre-

1 Á gentileza do provecto e erudito Dr. Barão de Studart, socio do Instituto, devo a noticia dos seguintes dados biographicos com relação ao Thesoureiro Thomé Maria da Fonseca. Nasceu em Aracaty (Ceará) a 21 de Dezembro de 1788. Era filho legitimo do Sargento Mór Bento Francisco da Silva e de D. Thereza de Jesus Maria, neto paterno de Manoel Francisco e de D. Thereza da Silva, naturaes da freguezia de Vatizim de Coimbra e materno de Francisco José da Fonseca, natural de S. Martinho de Travassos, arcebispado de Braga e de D. Francisca Xavier, natural do Recife.

*

tario, bem como membro do Conservatorio Dramatico. Teve o officialato da Rosa e o grão de Cavalleiro da Ordem de Christo. Cultor das bellas lettras dedicou-se ao drama, á comedia, ao romance, á novella, a ballata. Collaborou no *Guarany, Semana Illustrada*, *Bazar Volante* e na *Revista Popular*.

Entrou para o Instituto em 21 de Agosto de 1845. Irmão de Joaquim Norberto de Souza e Silva, o imitou no amor ao Instituto. Pretendeu apresentar ao Instituto o *Ensaio sobre a Estatistica do Imperio*. Infelizmente esse trabalho do respeitado funccionario não viu a luz da imprensa.

Antonio Alvares Pereira Coruja — 1856-1880. Nasceu em Porto Alegre (Provincia do Rio Grande do Sul) a 31 de Março de 1806. Falleceu no Rio de Janeiro em 4 de Julho de 1889, na avançada idade de 83 annos. Dedicou-se em seu torrão natal ao exercicio do magisterio. Leccionou grammatica portugueza e philosophia racional e moral.

Por desgostos politicos fixou residencia em 1837 no Rio de Janeiro. Aqui fundou um collegio *Lyceu de Minerva*, que gozou de fama como perfeita casa de educação. Mais tarde abandonou o magisterio para se entregar a emprezas mercantis. Não vem a ponto narrar as contrariedades soffridas pelo velho pedagogo.

Era official da Ordem da Rosa e Cavalleiro da de Christo. Fez parte da Maçonaria, onde occupou altos postos. Muito fez pela *Sociedade Amante da Instrucção*. Foi fundador da *Sociedade Beneficente e Humanitaria Rio Grandense*, da qual foi presidente effectivo durante um quatriennio e depois presidente honorario. Escreveu muitos compendios didaticos que se tornaram afamados e pelos quaes muitos dos nossos grandes homens estudaram. Era socio effectivo do Instituto desde 19 de Dezembro de 1839. Do honrado, activo e meticuloso thesoureiro existem nas paginas da *Revista* varios trabalhos — taes como: *Algumas annotações ás Memorias Historicas do Rio de Janeiro, de Monsenhor Pizarro — Collecção de vocabulos e phrases uzados na Provincia do Rio Grande do Sul — Notas á memoria escripta pelo Tenente-Coronel José dos Santos Viegas sobre o Governo do Rio Grande do Sul.*

O Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, tambem foi thesoureiro, de 1880 a 1881.

Nesse cargo, como em todos os outros, deu o Conselheiro Olegario provas do seu grande interesse pelo Instituto.

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe — 1881-1885 — 1886-1898. Nasceu na cidade de Icó (Ceará), a 7 de Outubro de 1821. Falleceu no Rio de Janeiro em 4 de Julho de 1908. Formado em direito pela Faculdade de S. Paulo em 1845; dedicou-se á magistratura, na qual exerceu diversos cargos com independencia de caracter, probidade e justiça.

Chegou a ser Ministro do Supremo Tribunal de Justiça e depois Federal, em que se aposentou. No antigo regimen teve as honras de Conselheiro e o officialato da Ordem da Rosa. Representou sua provincia natal em varias legislaturas, filiado sempre ao Partido Conservador. Presidiu as Provincias do Pará e do Rio Grande do Sul.

No Ministerio Lucena, do Governo do Marechal Deodoro da Fonseca, occupou o cargo de Ministro da Fazenda e depois o de Ministro da Justiça e Negocios Interiores.

É impossivel dar aqui a lista dos trabalhos do Conselheiro Tristão de Alencar Araripe desde os seus primeiros annos até fazer parte do Instituto. Politico, polemista, litterato, jornalista, escreveu sempre tendo por lemma os grandes interesses do paiz, a sorte dos fracos e dos opprimidos.

Disse-me por vezes que tinha intenção de escrever as memorias de sua vida. Desse util proposito foi tolhido pela enfermidade e pela morte. Grande é o acervo litterario deixado por esse illustre Brazileiro. Serve de prova o que escreveu seu distincto filho Dr. Araripe Junior, tambem socio do Instituto ha pouco igualmente roubado á vida.

Pouco tempo antes desta catastrophe, o Dr. Araripe Junior havia offerecido, ao Archivo do Instituto, grande numero de papeis, apontamentos e notas da lavra do venerando ex-thesoureiro do Instituto.

Vida laboriosa, cheia de actos de benemerencia, não póde ser completamente descripta em trabalhos como são estes simples subsidios. Para o Instituto entrou o Conselheiro Araripe em 21 de Outubro de 1870. Por seus notaveis serviços foi um dos raros socios benemeritos,

Poucas são as paginas da *Revista* em que se não encontre uma memoria ou uma observação de tão profundo conhecedor da nossa historia, na qual figuraram com distincção seus progenitores e demais parentes.

Era um prazer ouvir o velho magistrado tratar da analyse dos successos do primeiro e segundo Imperio e especialmente da questão do *Quero já!*

Muito se esforçou o Conselheiro Araripe pela prosperidade do Instituto: na bibliotheca, no archivo e na impressão da *Revista,* como tratarei mais adeante.

Na galeria dos vultos consulares que tiveram assento na antiga instituição, occupou um dos mais salientes lugares. Delle sempre se falla com gratidão e saudade.

Barão de Teffé (Antonio Luiz von Hoonholtz) — 1885-1886. — Em 18 de Setembro communicou o Conselheiro Araripe ter de retirar-se para assumir a presidencia da provincia do Pará. Para substituil-o foi nomeado o Barão de Teffé, que exerceu interinamente o cargo de thesoureiro durante o resto do anno de 1885. Em 18 de Fevereiro foi effectivamente eleito para tal cargo, até 21 de Dezembro de 1886, em que volveu áquelle cargo o Conselheiro Araripe, até 27 de Janeiro de 1898, em que pediu demissão.

Nasceu o Barão de Teffé no Rio de Janeiro, a 9 de Maio de 1837. Abraçou a carreira da marinha, da qual é hoje Almirante reformado. Foi um dos heróes da guerra do Paraguay. Tem feito parte de commissões importantissimas. Como Director Geral da Repartição Hydrographica da Marinha, provou a sua alta capacidade. É actualmente o unico Brazileiro membro do Instituto de França. É Grã-Cruz da Ordem de S. Bento de Aviz, official da Ordem da Rosa, da do Cruzeiro e da de Isabel a Catholica, de Hespanha. Tem a medalha da batalha do Riachuelo e a da guerra do Paraguay e duas de Bravura. Entrou para o Instituto em 27 de Outubro de 1882. No extrangeiro, onde foi Ministro do Brazil na Belgica, Italia e na Austria, nunca deixou de se corresponder com seus confrades.

Em 1889 o Barão de Teffé, delegado do Brazil no Congresso Internacional Aerostatico, reunido em Pariz, pronunciou o elogio

de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, reivindicando para o glorioso Paulista a prioridade na invenção dos balões.

Em sua mappotheca, o Instituto guarda com carinho mappas e plantas hydrographicas desse illustre compatricio que, além de ser aguerrido official de mar e guerra, é profundo scientista e notavel tambem pela galhardia de suas maneiras de verdadeiro diplomata.

Dr. Liberato de Castro Carreira (1898-1903). Nasceu em Aracaty (Ceará), a 24 de Agosto de 1820 e falleceu em 12 de Julho de 1903, em Nitherohy. Formou-se em medicina em 1844. Exerceu, de regresso á sua provincia, a clinica, com verdadeira caridade. De 1847 a 1852 occupou diversos cargos. Como membro da Junta de Hygiene Publica, foi commissionado para debellar em Aracaty, S. Bernardo e Sobral as epidemias de variola e de febre amarella. Escreveu sobre essa calamidade diversos relatorios. Voltou ao Rio de Janeiro. Exerceu diversos cargos publicos e commissões profissionaes. Por seus serviços, foi condecorado com o gráo de Cavalleiro das Ordens da Rosa e de Christo. Pertenceu a diversas associações medicas, commerciaes e mercantis, onde o seu voto era sempre acatado. Desde a primeira vez que vi o Dr. Carreira conquistei-lhe a amizade ao alludir a tudo quanto se passára no Ceará.

Notaveis foram os melhoramentos que deveu o Ceará a esse prestimoso filho. Muito escreveu; o seu mais importante trabalho, porém, é a *Historia financeira e orçamentaria do Imperio do Brazil desde a sua fundação*, publicado em 1889. Mas o que torna o Conselheiro Carreira venerando e digno de larga memoria é o papel que representou como Presidente do Asylo de Santa Leopoldina, em Nitherohy. «Ao vel-o, disse o Desembargador Pitanga, no meio das orphãsinhas, com sua longa sobrecasaca, o seu largo chapéo de Chile, a brincar no recreio, tendo nos labios aquelle riso innocente e brejeiro, dirieis que era o proprio São Vicente de Paulo a derramar a alegria entre as miseras criancinhas abandonadas!»

E aquelle homem bom, santo e generoso, tinha sido senador do Imperio. Fez parte do Instituto desde 22 de Abril de 1892, ao qual sempre se dedicou com assiduidade e honradissimo cumpri-

mento de seu cargo, tão cheio de responsabilidades. ao qual serviu interinamente durante o anno de 1898, sendo eleito effectivo ao fim desse anno.

Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro — 1903-1905.

Nasceu na villa de Mirandella, na comarca de Bragança, em Portugal, a 4 de Setembro de 1841. Muito joven veio para o Brazil. Aqui estudou humanidades. Formou-se em direito pela Faculdade de S. Paulo no anno de 1865. Advogou no fôro desta Capital. Entregou-se depois ao commercio. Foi Director do Banco Rio e Matto-Grosso, e tambem chefe da Secretaria da Irmandade do Sacramento, da qual foi provedor e onde prestou bons serviços. Pertenceu a diversas instituições como a Associação de Soccorros á Invalidez, da Associação Litteraria e Scientifica Culto á Sciencia. O Lyceu Litterario Portuguez contou o Dr. Marques Pinheiro em o numero de seus fundadores. Escreveu sobre jurisprudencia commercial, biographia de José Estevão, sobre pontos differentes da Constituição do Brazil e a Carta Constitucional do Reino de Portugal, etc. Proposto para socio effectivo em 21 de Julho de 1894, foi admittido em 11 de Agosto de 1895. Tomou posse em 22 de Setembro deste ultimo anno. Serviu de 2.° Secretario de 1895 a 1897 e supplente de Secretario em 1903. Em 1899 fez parte da Commissão de Historia. Nomeado interinamente para substituir o Dr. Castro Carreira, em 24 de Julho de 1903 foi eleito thesoureiro effectivo nas eleições desse anno.

Occupou a thesouraria até 10 de Junho de 1905.

Ao Dr. Marques Pinheiro serviu de titulo de admissão ao Instituto a sua monographia a *Irmandade do Santissimo Sacramento da Candelaria e repartições annexas*, trabalho minucioso e cheio de utilissimas informações acerca da segunda freguezia creada nesta cidade.

No tomo LX da *Revista* occorre outra memoria do Dr. Marques Pinheiro e que tem por titulo *A Irmandade do Sacramento da Candelaria e o emprestimo de credito pelo alvará de 13 de Março de 1797* — e no tomo LXV a *Biographia de Guilherme Pinto de Magalhães.*

Em todos esses trabalhos o Dr. Marques Pinheiro revela grande discernimento e segura orientação historica.

Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães — 1905.

Tendo o Dr. Marques Pinheiro pedido exoneração em 10 de Junho de 1905, foi-lhe esta concedida, sendo nomeado interinamente o Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, que passou a effectivo na assembléa do fim daquelle anno, tendo sido sempre reeleito.

Nasceu no Rio de Janeiro em 9 de Março de 1871. Entregou-se ao commercio, tendo sido desde 1883 a 1906 empregado e socio de importantes firmas.

Foi Presidente do Centro Commercial do Rio de Janeiro, secretario do Centro do Commercio de Café, secretario da Associação dos Empregados no Commercio e membro da Associação Commercial. Actualmente é representante da Companhia Economizadora Paulista e Director da Companhia Indemnizadora.

Redigiu a revista *O Café*. Litterato, romancista, comediographo, dramaturgo e economista, tem collaborado em varios jornaes e publicado obras de real merecimento, elogiadas não só pela imprensa brazileira como pela extrangeira. E' representante do conceituado periodico portuguez a *Mala da Europa*.

Foi proposto para socio effectivo em 21 de Outubro e admittido e empossado em 9 de Dezembro de 1904. Serviu de titulo á sua admissão o trabalho — *Questões economicas nacionaes*.

Fez parte da commissão de Fundos e Orçamento em 1905, da de Geographia e da de Subsidiaria de Historia em 1906, da de Estatutos e Redacção em 1907 e da de Manuscriptos desde 1908.

Este e todos os outros thesoureiros têm propugnado incessantemente pelos creditos e vida economica do Instituto.

2.os SECRETARIOS E SUPPLENTES — Desde 1838 até hoje têm occupado o cargo de 2.º Secretario, além dos socios já mencionados e que exerceram outros cargos, os seguintes membros do Instituto:

Felizardo Carneiro de Campos, Lino Antonio Rabello, Santiago Nunes Ribeiro, Francisco de Paula Menezes, Antonio Pereira Pinto, Luiz Antonio de Castro, Caetano Alves de Souza Filgueiras, Carlos Honorio de Figueiredo, José Tito Nabuco de Araujo, Antonio Henriques Leal, Joaquim Pires Machado Portella,

Augusto Fausto de Souza, João Severiano da Fonseca, José Alexandre Teixeira de Mello, José Egydio Garcez Palha, Feliciano Pinheiro Bittencourt, Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, Joaquim José Gomes da Silva Netto, João Xavier da Motta, Evaristo Nunes Pires, Alcibiades Furtado (actual Director do Archivo Publico), Augusto Olympio Viveiros de Castro (Director do Tribunal de Contas), Gastão Ruch Sturzenecker (professor do Collegio Pedro 2.º) e Norival Soares de Freitas.

E desse modo fica concluida a parte relativa ás directorias.

COMMISSÕES PERMANENTES — A subdivisão de trabalho pelos membros componentes das aggremiações scientificas deu sempre favoraveis resultados. Seguindo o exemplo dos gremios do velho mundo, o Instituto Historico creou desde o inicio de seus proficuos trabalhos varias commissões.

Dellas fizeram sempre parte notabilidades do nosso paiz.

Apreciação de obras offerecidas, critica de trabalhos ineditos, de manuscriptos, de mappas e de vetustos documentos, analyse de obras apresentadas pelos candidatos desejosos de fazer parte da milicia que tomou por lemma *pacifica scientia occupatio,* tudo consta de pareceres firmados pelos membros das commissões e constitue farto manancial de noticias e sérias investigações. Delles darei resumida exposição.

De 1838 a 1851, teve o Instituto as seguintes commissões: — De Fundos e Orçamento, de Redacção, de Historia e de Geographia.

Neste periodo cumpre salientar o *Relatorio sobre a inscripção da pedra da Gavea,* pelos Conego Januario da Cunha Barboza e Manoel de Araujo Porto Alegre, o Juizo sobre a Historia do Brazil, publicado em Pariz pelo Dr. Francisco Solano Constancio, devido a Rodrigo de Souza da Silva Pontes e Candido José de Araujo Vianna; Juizo sobre a obra intitulada « Histoire de Relations Commerciales entre la France e le Brésil », por Bento da Silva Lisboa (depois Barão de Cayrú, e José Domingues de Attahide Moncorvo; Juizo sobre os Annaes da Provincia de S. Pedro, publicados por José Feliciano Fernandes Pinheiro (Visconde de S. Leopoldo), por Gustavo Adolpho de Aguilar Pantoja e Candido José de Araujo Vianna; Juizo sobre a obra *Noticia descriptiva*

da Provincia do Rio Grande do Sul, por Nicoláo Dreys, pelos socios José Silvestre Rebello e Dr. Lino Antonio Rabello; Juizo sobre a obra *Examen critique d'Histoire de la Géographie du Nuveau Continent,* por Humboldt, por Silvestre Rebello e Dr. Lino Antonio Rabello; Parecer de Rodrigo de Souza da Silva Pontes, Thomaz José Pinto Cerqueira e Candido José de Araujo Vianna, sobre a obra *Reflexões criticas,* da lavra de Francisco Adolpho de Varnhagen, sobre o escripto do Seculo 16.º, impresso no tomo III da Collecção de Noticias Ultramarinas; Parecer da Commissão de Geographia, (José Silvestre Rebello e Dr. Lino Antonio Rabello), sobre dous mappas offerecidos ao Instituto; Juizo da Commissão de Historia (Araujo Vianna, Gustavo Pantoja e Silva Pontes), sobre a obra *Compendio das Eras da Provincia do Pará,* por Antonio Ladisláo Monteiro Bàena; Parecer sobre a II parte da *Chronica de Jaboatão,* dado pelo Dr. Diogo Soares da Silva de Bivar; Parecer de Bento da Silva Lisboa e J. D. de Attahide Moncorvo, sobre a obra de Debret; Juizo submettido ao Instituto por F. A. de Varnhagen acerca do compendio de Historia do Brazil, por José Ignacio de Abreu e Lima; Parecer do Dr. Duarte da Ponte Ribeiro, Dr. João Francisco Sigaud e Dr. Theodoro Villardebo, sobre os ossos fosseis remettidos de Cantagallo por Jacob Van-Erven; Parecer acerca da criação de uma Arca de Sigillo; Parecer sobre o merito das duas memorias que se offereceram ao concurso do premio proposto sobre a historia antiga e moderna do Brazil; Parecer sobre o opusculo de Ferdinand Dénis, acerca de uma festa celebrada em Ruão, no anno de 1550.

Pelos novos Estatutos de 1851 foram criadas dez commissões: — De Fundos e Orçamentos, de Estatutos e Redacção da Revista, de Revisão de Manuscriptos, de Trabalhos Historicos, Subsidiaria de Trabalhos Historicos, de Geographia, subsidiaria desta, de Archeologia, Ethnographia e Lingua dos Indigenas, de Admissão de Socios, de Pesquiza de Manuscriptos e Documentos.

De 1889 até 1895 houve 12 commissões, porque foram criadas a de Ethnographia, separada da de Archeologia e a de Biographia. De 1895 a 1906 passou o numero a ser de 11, pois ficaram as duas, de Ethnographia e Archeologia formando uma. Com a reforma estatutaria de 1906 ficaram as commissões reduzidas a

7: — Fundos e Orçamento, Estatutos e Redacção, Historia, Geographia, Archeologia e Ethnographia, Manuscriptos e Admissão de Socios.

Durante tão grande espaço de tempo fizeram parte dessas commissões socios de grande nomeada, taes como Alexandre Maria Mariz Sarmento, Dr. Thomaz Gomes dos Santos, Barão de Cayrú, José Maria da Silva Paranhos (Visconde do Rio-Branco), Dr. Ludgero Ferreira Lopes, Dr. José Manoel Pereira da Silva, Jeronymo Francisco Coelho, Ricardo Jardim, José Antonio Pimenta Bueno (Marquez de S. Vicente), Marechal Francisco José de Souza Soares de Andréa, Dr. Joaquim Caetano da Silva, Frei Rodrigo de São José, Barão de Capanema, Josino do Nascimento e Silva, Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, Dr. Claudio Luiz da Costa (Visconde de Maranguape), José Maria do Amaral, Miguel Calmon du Pin e Almeida, Visconde depois Marquez de Abrantes, Dr. Francisco Freire Allemão, Angelo de Souza Franco, Antonio Gonçalves Dias, Dr. Francisco de Paula Menezes, João Francisco Lisboa, Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, Conselheiro José Maria Fernandes Pereira de Barros, Marquez de Monte Alegre, Caetano Alves de Souza Filgueiras, Dr. Candido de Azeredo Coutinho, Conrado Jacob de Niemeyer, Henrique de Beaurepaire Rohan, Antonio Deodoro Paschoal, Manoel Felizardo de Souza e Mello, Dr. Antonio Maria de Miranda Castro, Manoel Antonio Vital de Oliveira, Thomaz Pompeu de Souza Brazil, José da Costa Azevedo (Barão de Ladario), Candido Baptista de Oliveira, Tito Franco de Almeida, Sebastião Ferreira Soares, Dr. João Saldanha da Gama, Dr. João Ribeiro de Almeida, Dr. Francisco Balthazar da Silveira, Dr. Maximiano Marques de Carvalho, Epiphanio de Souza Pitanga, Duarte da Ponte Ribeiro, João Baptista Callogeras, Pedro Torquato Xavier de Brito, Braz da Costa Rubim, Dr. Candido Mendes de Almeida, Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior, Philippe Lopes Neto, Dr. Ladisláo de Souza Mello Neto, Dr. Manoel da Costa Honorato, Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Dr. José Vieira Couto de Magalhães, Dr. Joaquim Pires Machado Portella, Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, Dr. Cesar Augusto Marques, Dr. Rozendo Moniz Barreto, Dr. Antonio Henriques Leal, Dr. Luiz Francisco da Vei-

ga, João Barbosa Rodrigues, Coronel Augusto Fausto de Souza, Barão de Wildick, Baptista Caetano de Almeida, Dr. Alfredo Piragibe, Candido Guillobel, Francisco Calheiros da Graça, Vicente Quesada, Pedro Paulino da Fonseca, João Capristano de Abreu, Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, Manoel Francisco Correia, João Vicente Leite de Castro, Luiz Cruls, Torquato Xavier Monteiro Tapajoz, Alfredo Ernesto Jacques Ourique, Arthur Indio do Brazil, Antonio Joaquim de Macedo Soares, Dr. Americo Braziliense de Almeida e Mello, João Carlos de Souza Ferreira, Dr. José Maria Velho da Silva, Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimenta, Dr. José Hygino Duarte Pereira, Barão de Alencar, José Verissimo de Mattos, Padre Bellarmino José de Souza, Joaquim José Gomes da Silva Netto, José Egydio Garcez Palha, Barão de Loreto, Conselheiro João Alfredo Correia de Oliveira, Commendador Miguel Archanjo Galvão, Dr. Amaro Cavalcanti, Cardeal Arcebispo D. Joaquim Arcoverde de Cavalcanti Albuquerque, Commendador Luiz Alves da Silva Porto, Dr. Antonio da Cunha Barbosa, Dr. Antonio Zeferino Candido, Levy de França Almeida e Sá, Dr. Paulino José Soares de Souza Junior, Francisco Raphael de Mello Rego, Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Dr. Antonio de Paula Freitas, Commendador José Antunes Rodrigues de Oliveira Catramby, Dr. José Americo dos Santos, José Francisco da Rocha Pombo, Commandante Carlos Vidal de Oliveira Freitas, Dr. Felisbello Freire, Dr. Manoel Alvaro de Souza Sá Vianna, Dr. Evaristo Nunes Pires, General Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, Monsenhor Claro Monteiro do Amaral, Dr. Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes, Belisario Pernambuco, Eduardo Marques Peixoto, Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho, Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Monsenhor Vicente Lustosa, Conselheiro Candido Luiz Maria de Oliveira, Dr. Epitacio Pessoa, Dr. Manoel de Mello Cardoso Barata, Dr. Affonso Arinos, Barão de Paranapiacaba, Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva, Dr. Alcibiades Furtado, Conselheiro Joaquim da Costa Barradas, Sylvio Roméro, Dr. Leopoldo de Bulhões, Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho, Dr. Antonio Jansen do Paço, Dr. Orville Derby, Dr. Euclydes da Cunha, Dr. Gastão Ruch, Dr. José Carlos Rodrigues, Dr. Joaquim Xavier da Silveira

Junior, Dr. Alexandre José Barbosa Lima, General Emygdio Dantas Barreto, Dr. Norival Soares de Freitas, Dr. José Pereira Rego Filho e Dr. Alfredo Rocha.

Para o anno de 1911-1912 foram eleitos para as sete Commissões os seguintes socios:

Fundos e Orçamentos

1 Visconde de Ouro Preto
2 Dr. Clovis Bevilaqua
3 Coronel Jesuino da Silva Mello
4 Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho
5 Coronel Ernesto Senna

Estatutos e Redacção

1 Conde de Affonso Celso
2 Dr. Alexandre José Barbosa Lima
3 Max Fleiuss
4 Dr. Gastão Ruch Sturzenecker
5 Dr. Norival Soares de Freitas

Historia

1 Visconde de Ouro Preto
2 Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão
3 Dr. Antonio Jansen do Paço
4 Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa
5 General Emygdio Dantas Barreto

Geographia

1 Marquez de Paranaguá
2 Barão Homem de Mello
3 Capitão de Mar e Guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira
4 Dr. Oville Adalbert Derby
5 General Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo

Archeologia e Ethnographia

1 Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga
2 Dr. José Pereira Rego Filho
3 Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque
4 Dr. Sylvio Roméro
5 Dr. Amaro Cavalcanti

Manuscriptos

1 Dr. José Carlos Rodrigues
2 Dr. Alfredo Rocha
3 Dr. Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes
4 Eduardo Marques Peixoto
5 Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães

Admissão de Socios

1 Barão de Alencar
2 Amirante Arthur Indio do Brazil
3 Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho
4 Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva
5 Dr. Joaquim Xavier da Silveira Junior.

Difficil, para não dizer impossivel, seria desentranhar dos restantes sessenta volumes da *Revista* os pareceres mais importantes. De taes escriptos, uns mais minuciosos, outros mais breves e todos merecedores de attenção pela materia estudada ou assumpto analysado, darei rapida resenha: Parecer sobre o Indice Chronologico do Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro, apresentado pelo Dr. Diogo Soares da Silva Bivar. Segue um appendice da lavra do erudito Dr. Joaquim Caetano da Silva que tomou a defesa do candidato Dr. Perdigão, nullificando magistralmente as duvidas do Dr. Bivar.

O referido parecer é acompanhado de uma nota apresentada pelo Conselheiro Candido Baptista de Oliveira com relação á população do Brazil em 1851; Parecer do Barão de Cayrú sobre a

viagem de S. A. Real o Principe Alberto da Russia; Parecer de Antonio Gonçalves Dias sobre a Historia do Brazil de Salvador Henrique de Albuquerque; Parecer de Luiz Antonio de Castro sobre a obra do Padre Ridder relativa ao Brazil; Parecer de Miguel Maria Lisboa sobre o Relatorio ácerca dos manuscriptos de Alexandre de Gusmão; Parecer do Conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro ácerca da Memoria Historica sobre os limites entre o Brazil e Montevidéo; Parecer do Conselheiro Candido Baptista de Oliveira sobre a Memoria Historica de Joaquim José Machado de Oliveira sobre a questão de limites entre o Brazil e Montevidéo; outro parecer sobre a mesma Memoria por Antonio Gonçalves Dias; Parecer do Dr. Perdigão Malheiro sobre o exame de manuscriptos do Dr. Balthazar da Silva Lisboa; Parecer de João Duarte Lisboa Serra sobre o compendio de geographia do Dr. Thomaz Pompeu de Sousa Brazil; Parecer do mesmo sobre a incorporação ao Instituto da Sociedade Velloziana; Parecer do Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia sobre os manuscriptos de Manoel Joaquim Henrique de Paiva; Parecer do mesmo sobre a Memoria do Dr. Gonçalves Dias desenvolvendo o programma dado pelo Imperador — Oceania e Brazil; Parecer do Dr. Gonçalves Dias e Lagos sobre a obra do Dr. Ivan — Voyage et Recit; Parecer do mesmo Dr. Gonçalves Dias sobre a Memoria de Domingos Alves Branco Moniz Barreto, ácerca do Plano de Civilização dos Indios do Brazil; Parecer do Dr. Claudio Luiz da Costa sobre documentos relativos á conquista de Cayenna; Parecer do mesmo ácerca de um volume manuscripto enviado ao Instituto pelo Ministro do Imperio contendo a cópia e toda a correspondencia do Governador do Pará, José Narcizo de Magalhães e Menezes e o Tenente-Coronel Manoel Marques; Parecer do Conselheiro José Ildefonso de Souza Ramos sobre o manuscripto — Considerações sobre o estado de Portugal e do Brazil desde a sahida de El-Rei de Lisboa em 1807 até Julho de 1822; Parecer sobre a relação de uma viagem pelas Republicas de Venezuela, Nova Granada e Equador nos annos de 1852 e 1853 por Miguel Maria Lisboa, assignado pelo Visconde de Maranguape, Barão de Souza Franco, Joaquim Norberto, Marquez de Abrantes, José Antonio Pimenta Bueno; Parecer sobre a geographia historica, physica do Brazil pelo candidato

a um dos premios Francisco Nunes de Souza, assignado por Joaquim Norberto, Candido Baptista de Oliveira e Conego F. Pinheiro; Parecer da Commissão Subsidiaria de Historia (1859) sobre a pretenção da Viscondessa de Santo Amaro de collocar no Instituto Vaccinico o busto de seu pai o Marquez de Barbacena, bem como sobre os documentos offerecidos por Antonio Mendes Ribeiro em que este pretendia mostrar ter sido seu pai o cirurgião-mór Francisco Mendes Ribeiro de Vasconcellos (bisavô materno de Max Fleiuss), o introductor em 1798 da vaccina de Jenner; Idem (1860) do Dr. Perdigão Malheiro acerca dos trabalhos de José Franklin de Massena e Silva; Idem (1861) do Conselheiro Bellegarde sobre a bandeira da Confederação do Equador (1824); Idem (1861) de Joaquim Norberto sobre — Memorias do extincto Estado do Maranhão, colligidas pelo Dr. Candido Mendes de Almeida; Idem (1861) do Conego Pinheiro acerca do projecto de uma associação que no anno de 1827 pretendeu se estabelecer na hoje cidade de S. João d'El-Rey com o nome de Sociedade Philo-Polytechnica; Idem (1862) do Conego Pinheiro sobre a Historia da Republica Jesuitica do Conego João Pedro Gay; Idem (1863) de Ricardo Gomes Jardim e Giacomo Raja Gabaglia sobre o mappa da fronteira do norte do Imperio organizado pelo Conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro e Major Izaltino José Mendonça de Carvalho; Idem (1863) do Dr. Joaquim Manoel de Macedo sobre a proposta do Dr. Felizardo Pinheiro para que houvesse no Instituto um livro com o titulo: «Fastos do Feliz e Glorioso reinado do Sr. D. Pedro II»; Idem (1865) do Dr. Capanema sobre a carta do Conde de la Hure, sobre Sambaquis no litoral do Sahy, em S. Francisco do Sul; Idem (1865) do Dr. Perdigão Malheiro sobre os apontamentos para o Diccionario Historico, Geographico, Topographico e Estatistico do Maranhão; Idem (1865) do Dr. Raja Gabaglia sobre a Memoria do Conde de la Hure — Exploration du Rio Parahyba do Sul, etc.; Idem (1865) do mesmo Gabaglia sobre as cartas do engenheiro Pedro Torquato Xavier de Brito, sendo uma dellas da Republica do Paraguay; Idem (1865) sobre a Estatistica da Provincia de Santa Catharina e viagem da corveta «Imperial Marinheiro», trabalhos do Dr. João Ribeiro de Almeida, (foi relator Ricardo José Gomes Jardim); Idem (1866) do Conego Fernandes

Pinheiro sobre a Memoria do Conde de la Hure relativa ás inscripções achadas nas ruinas de uma cidade incognita que se diz existente nos sertões da Bahia; Idem (1866) de Braz da Costa Rubim sobre o Diccionario Tupico-Portuguez e Portuguez-Tupico, manuscripto offerecido pela familia do consocio Lourenço da Silva Araujo e Amazonas; Idem (1866) do Dr. José Saldanha da Gama Junior sobre o trabalho do Conde de la Hure relativo a dioritos encontrados no valle do Parahyba; Idem (1867) do Conego Pinheiro acerca de 26 volumes manuscriptos propostos a compra do Instituto Historico; Idem (1867) do Dr. Perdigão Malheiro acerca dos trabalhos do Dr. José Maria da Silva Paranhos, hoje Barão do Rio-Branco; Idem (1867) do Dr. Capanema sobre o itinerario da Cruz Alta ao Campo Novo da Provincia do Rio Grande do Sul por Pedro Ambauer Schutel.

Seria alongar os limites deste resumo se houvessemos de dar os pareceres que se lêm em todas as actas de 1868 em deante.

Para mostrar que as commissões seguiram sempre a mesma orientação, estudando com criterio os trabalhos offerecidos ou apresentados para admissão de novos socios, bastará dar uma synopse dos mais importantes apresentados nestes ultimos dez annos.

Parecer do Barão de Capanema, da Commissão de Geographia, sobre as obras do Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão (sessão de 6 de Abril de 1900).

Parecer do Dr. Paulino José Soares de Souza Junior, da Commissão Subsidiaria de Historia, sobre os trabalhos do Sr. Max Fleiuss (sessão de 22 de Junho de 1900).

Parecer do Barão Homem de Mello (Commissão de Historia), sobre os trabalhos do Sr. Rocha Pombo (sessão de 6 de Julho de 1900).

Parecer do Barão Homem de Mello, da Commissão de Historia, sobre a monographia do Dr. José Antonio Ismael Gracias (sessão de 20 de Julho de 1900).

Parecer do Marquez de Paranaguá (Commissão de Geographia) sobre as obras do Coronel Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo (sessão de 3 de Agosto de 1900).

Parecer do Commendador Miguel A. Galvão (Commissão de

Historia) sobre o livro do Dr. Rodrigo Octavio — *Felisberto Caldeira* (sessão de 17 de Agosto de 1900).

Parecer do Marquez de Paranaguá (Commissão de Geographia) sobre a obra do Sr. Francisco Bofarull y Sanz — *Antiga Marina Catalana* (sessão de 31 de Agosto de 1900).

Parecer do Conselheiro Tristão de Alencar Araripe (Commissão de Archeologia) sobre os trabalhos de Monsenhor Claro Monteiro do Amaral — *Memorias sobre usos e costumes dos Guaranys, Cairás e Botucudos* (sessão de 12 de Outubro de 1900).

Parecer do Dr. Paulino de Souza Junior (Commissão Subsidiaria de Historia) sobre o « Municipio do Ouro », trabalho do Dr. Augusto de Lima (sessão de 22 de Novembro de 1900).

Parecer do Dr. José Americo dos Santos (Commissão Especial) sobre o « Projecto de Carta Geral do Brazil pelo Estado-Maior do Exercito » (sessão de 12 de Abril de 1901). O Sr. Barão Homem de Mello, conforme consta de acta, assignou esse parecer « com restricções quanto á parte technica final ».

Parecer do Marquez de Paranaguá (Commissão de Geographia) sobre o livro *Chorographia do Paraná*, do Dr. Sebastião de Paraná de Sá Sottomaior (sessão de 21 de Junho de 1901).

Parecer do Dr. Affonso Celso (Commissão de Historia) sobre os trabalhos do Conselheiro Manoel da Silva Mafra (sessão de 5 de Julho de 1901).

Do mesmo, na mesma sessão, sobre o Dr. Sylvio Romero.

Parecer do mesmo (Commissão de Historia) sobre as obras do Dr. Pedro Lessa (sessão de 26 de Julho de 1901).

Parecer do Almirante Francisco Calheiros da Graça (Commissão de Geographia) sobre o livro de Horacio de Carvalho (sessão de 20 de Setembro de 1901).

Parecer do Dr. Affonso Celso (Commissão de Historia) sobre os trabalhos do Dr. Affonso Arinos (sessão de 22 de Novembro de 1901).

Do mesmo, na mesma sessão, sobre o Dr. Ernesto Quesada.

Parecer da commissão incumbida de estudar a obra do Dr. Felisberto Freire, escripta para concorrer ao premio estabelecido pela Prefeitura do Districto Federal (datado de 21 de Janeiro de 1902 e assignado por T. de Alencar Araripe Junior,

Amaro Cavalcante e Antonio Joaquim de Macedo Soares). A este parecer foi apresentado um substitutivo, assignado por Henrique Raffard e Max Fleiuss e lido em sessão de 27 de Junho de 1902.

Parecer da Commissão Subsidiaria de Historia, assignado pelo Conde de Affonso Celso e Max Fleiuss, relativo aos trabalhos do Dr. Martim Francisco (sessão de 26 de Setembro de 1902).

Parecer da Commissão de Estatutos e Redacção, datado de 13 de Setembro de 1902 e assignado por T. Araripe e Henrique Raffard sobre a proposta para que possam usar de um distinctivo os socios do Instituto.

Parecer do Dr. Affonso Celso (Commissão de Historia) sobre o livro *Os Sertões,* do Dr. Euclydes da Cunha (sessão de 20 de Março de 1903).

Parecer do Dr. Affonso Celso sobre os trabalhos do Dr. Leite Velho (Commissão de Historia, sessão de 20 de Março de 1903).

Parecer do Visconde de Ouro Preto sobre as obras do Dr. Anselmo de Andrade (Commissão de Historia, sessão de 20 de Março de 1903).

Parecer do Visconde de Ouro Preto sobre as obras do Dr. J. M. Cardoso de Oliveira (Commissão de Historia, sessão de 3 de Abril de 1903).

Parecer do Barão Homem de Mello sobre os trabalhos do Dr. Augusto de Siqueira Cardoso (Commissão de Historia, sessão de 22 de Maio de 1903).

Parecer do General Francisco Raphael de Mello Rego sobre os trabalhos do Dr. José Maria Pereira de Lima (Commissão subsidiaria de Historia, sessão de 5 de Junho de 1903).

Parecer do Barão Homem de Mello (Commissão de Historia), sobre os trabalhos do Coronel Ernesto Senna (sessão de 21 de Agosto de 1901).

Parecer do Visconde de Ouro Preto (Commissão de Historia sobre os trabalhos do Visconde de Sanches de Baena (sessão de 21 de Agosto de 1903.)

Parecer do General Mello Rego (Commissão Subsidiaria de Historia) sobre a obra do Sr. Victor Ribeiro, intitulada — *A Santa Casa de Misericordia de Lisboa* (sessão de 21 de Agosto de 1903).

Parecer do Dr. Leite Velho sobre a obra do Sr. José Feli-

ciano de Oliveira (Commissão de Historia, sessão de 9 de Outubro de 1903).

Parecer do Sr. Max Fleiuss sobre a obra do Sr. Francisco de Campos Andrade (Commissão Subsidiaria de Historia, sessão de 6 de Novembro de 1903).

Parecer do Dr. Affonso Celso, lido em sessão de 19 de Fevereiro de 1904, opinando pelo pagamento dos premios em dinheiro e não os fazendo consistir em medalhas, parecer suscitado pelo concurso aberto sobre o Governo de D. João VI no Brazil.

Parecer do Sr. Max Fleiuss (Commissão Subsidiaria de Historia), sobre o trabalho do escriptor portuguez Alberto Pimentel, denominado — *A Côrte de D. Pedro IV* (sessão de 26 de Maio de 1905).

Parecer do Conde de Affonso Celso sobre os trabalhos do Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva (Commissão de Historia) sessão de 26 de Maio de 1905).

Parecer do Sr. Rocha Pombo sobre os trabalhos do Sr. Barão de Paranapiacaba (Commissão Subsidiaria da Historia, sessão de 23 de Junho de 1905).

Parecer do Visconde de Ouro Preto (Commissão de Historia) sobre os trabalhos do Sr. Bernardo Horta de Araujo (sessão de 7 de Junho de 1905).

Parecer do mesmo sobre as obras do Dr. Diogo de Vasconcellos (sessão de 21 de Julho de 1905).

Parecer do mesmo sobre o trabalho do Dr. João Pandiá Calogeras — *As Minas do Brazil e sua legislação* (sessão de 4 de Agosto de 1905).

Parecer do Conselheiro Candido de Oliveira (Commissão de Historia) sobre os trabalhos do Dr. Arthur Orlando (sessão de 17 de setembro de 1905).

Parecer do Visconde de Ouro Preto (Commissão de Historia) sobre os trabalhos do Sr. Gonzalo de Quesada (sessão de 17 de Setembro de 1906).

Parecer do Dr. Leite Velho (Commissão de Historia) sobre os trabalhos do Dr. Clovis Bevilacqua (sessão de 1 de Outubro de 1906).

Parecer do Dr. Alcibiades Furtado (Commissão de Ethno-

graphia) sobre os trabalhos do Dr. Paulo von Ehzenreilch (sessão de 15 de Abril de 1907).

Parecer do Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque (Commissão de Geographia) sobre os trabalhos do Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro (sessão de 29 de Abril de 1907).

Parecer do Dr. Orville Derby (Commissão de Geographia) sobre os trabalhos do Dr. Gastão Ruch (sessão de 20 de Maio de 1907).

Parecer do Chefe da Carta Maritima sobre a consulta do Sr. Luiz Leitão sobre o ponto mais a Este da Costa do Brazil (sessão de 3 de Junho de 1907).

Parecer do Dr. Leite Velho (Commissão de Historia) sobre os trabalhos do Dr. Augusto Tavares de Lyra (sessão de 8 de Julho de 1907).

Parecer do mesmo sobre os trabalhos do Dr. A. J. Barbosa Lima (sessão de 16 de Setembro de 1907).

Parecer do Visconde de Ouro Preto (Commissão de Historia) sobre o livro do Dr. Euclydes da Cunha — *Peru versus Bolivia* (sessão de 7 de Outubro de 1907).

Parecer do Conselheiro Candido de Oliveira (Commissão de Historia) sobre o trabalho do Dr. Alfredo Rocha (sessão de 11 de Junho de 1908).

Parecer do Dr. Leite Velho (Commissão de Historia) sobre os trabalhos do Sr. Richard Edner (sessão de 11 de Junho de 1908).

Parecer do Dr. Ramiz Galvão sobre o trabalho do General Dantas Barreto (sessão de 11 de Junho de 1908).

Parecer do Dr. Antonio Jansen do Paço sobre os trabalhos do Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto (Commissão de Historia, sessão de 11 de Junho de 1908).

Parecer do Dr. Leite Velho (Commissão de Historia) sobre o trabalho do Dr. Norival Soares de Freitas (sessão de 29 de Agosto de 1908).

Parecer do Dr. Pedro Lessa (Commissão de Historia) sobre os trabalhos do Dr. João Coelho Gomes Ribeiro (sessão de 29 de Agosto de 1908).

Parecer do Dr. Euclydes da Cunha (Commissão de Geographia)

sobre os trabalhos do Sr. F. A. Georlette (sessão de 10 de Setembro de 1908).

Parecer do Dr. Leite Velho (Commissão de Historia) sobre os trabalhos de D. João Nery (sessão de 6 de Maio de 1909).

Parecer do Dr. Pedro Lessa (Commissão de Historia) sobre os trabalhos do Dr. João Baptista de Moraes (sessão de 6 de Maio de 1909).

Parecer do Dr. Orville Derby (Commissão de Geographia) sobre os trabalbos do Dr. Lassance Cunha (sessão de 6 de Maio de 1909).

Parecer do Dr. Xavier da Silveira Junior (Commissão de Admissão de Socios) sobre a eleição do Sr. Conde de Affonso Celso, a socio honorario (sessão de 20 de Agosto de 1909).

Parecer do Dr. Ramiz Galvão (Commissão de Historia) sobre a obra do Sr. Felix Pacheco (sessão de 12 de Outubro de 1909).

Parecer do Dr. Antonio Jansen do Paço (Commissão de Historia) sobre os trabalhos do Dr. Ramon J. Cárcano (sessão de 28 de Junho de 1910).

Parecer do Dr. Ramiz Galvão (Commissão de Historia) sobre o livro do Dr. Eurico de Góes — « Os Symbolos Nacionaes » (sessão de 1 de Agosto de 1910).

Parecer do Dr. Orville Derby (Commissão de Geographia) sobre os trabalhos do Commandante Antonio Coutinho Gomes Pereira (sessão de 1 de Agosto de 1910).

Parecer do Commandante Indio do Brazil e do Dr. Orville Derby (Commissão de Geographia) sobre os trabalhos do Dr. Justo Jansen Ferreira (sessão de 1 de Agosto de 1910).

§ 4.º

PRESIDENTES HONORARIOS

Pelas primeiras leis estatutarias do Instituto Historico foi creada uma classe especial de socios com o titulo de « Presidentes Honorarios ». Este titulo podia ser conferido aos Principes da Familia Imperial Brazileira e aos Soberanos e Principes extrangeiros a quem o Instituto quizesse conferir essa alta distincção.

O primeiro, pois, a gozar de tal honraria foi o Principe de Joinville, filho do Rei dos Francezes — Luiz Philippe I.

Na 103.a sessão celebrada em 20 de Abril de 1843, o socio Manoel Ferreira Lagos apresentou a seguinte proposta, unanimemente approvada:

« Havendo o Instituto estabelecido uma classe de socios « Presidentes Honorarios » reservada aos Principes Brazileiros ou aos Soberanos e Principes extrangeiros, com os quaes queira ter essa contemplação, e achando-se actualmente nesta Côrte Sua Alteza o Senhor Principe de Joinville, o qual tem de esposar brevemente a Serenissima Princeza, Senhora D. Francisca, estreitando desta arte os vinculos que unem as duas Dynastias e as relações amigaveis já existentes: proponho que se confira ao Senhor Principe de Joinville o titulo de Presidente Honorario do Instituto e com toda a brevidade possivel se mande preparar o respectivo diploma, autorizando-se ao Senhor Thesoureiro a satisfazer a despeza que para isso fôr de mister ». Dessa honra gozou o Principe Conde d'Aquila, irmão da Imperatriz D. Thereza Maria Christina, o qual casou depois com a Princeza Brazileira D. Januaria. A proposta para tal eleição, unanimemente approvada, foi suggerida pelo Secretario Perpetuo, Conego Januario da Cunha Barboza.

Com o andar dos tempos e reformas de Estatutos restringiu-se a concessão desse titulo.

Pelos Estatutos de 1906, artigo 15, ficou estabelecido — que a qualidade excepcional de Presidente Honorario só poderia ser conferida em assembléa geral aos Chefes de Estado, mediante proposta assignada por toda a Directoria do Instituto e tambem por todos os demais socios presentes á sessão. A proposta assim apresentada, considera-se approvada e confere ao candidato a qualidade honorifica da presidencia. Esta distincção será communicada ao agraciado por officio do Presidente do Instituto, enviando-lhe o respectivo diploma.

Com relação ao actual Presidente da Republica, o Marechal Hermes da Fonseca, foram cumpridas estas prescripções regimentaes, em sessão de assembléa geral de 21 de Novembro de 1911. A commissão para entrega do diploma foi composta pelos Srs.

Barão Homem de Mello, Coronel Jesuino da Silva Mello, e Capitão-Tenente Francisco Radler de Aquino.

Têm occupado esse alto cargo, além dos dous principes hoje fallecidos, os seguintes illustres mortos: D. Fernando, Rei de Portugal; D. Affonso, Principe imperial do Brazil; D. Sebastião (neto de D. João VI), Leopoldo I, Rei dos Belgas; Duque de Saxe (genro do Imperador D. Pedro II), Grover Cleveland, Presidente dos Estados Unidos; Christiano IX, Rei da Dinamarca; D. Carlos I, Rei de Portugal; Miguel Juarez Celman, Presidente da Republica Argentina; Sadi Carnot, Presidente da Republica Franceza; Walther Hanser, Presidente da Suissa; Marechal Manoel Deodoro da Fonseca e Dr. Affonso Augusto Moreira Penna, Presidentes da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

Gosam ainda desse já citado privilegio o Sr. Conde d'Eu, D. Julio A. Roca, ex-Presidente da Republica Argentina; Dr. Roque Saenz Peña, actual Presidente da Argentina; Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves e Dr. Nilo Peçanha, ex-Presidentes da Republica Brazileira, e o actual Presidente, o Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca.

§ 5.º

O IMPERADOR

Nos fastos do Instituto Historico o nome do Sr. D. Pedro II está ligado a esta patriotica instituição desde o dia 1 de Dezembro de 1838.

Em sessão celebrada nessa data, o Conego Januario apresentou uma proposta para que o Instituto pedisse ao Imperador, então ainda menor, que aceitasse o titulo de Protector da instituição recentemente constituida. Esta proposta, dil-o a acta, foi unanimemente approvada.

Na 7.ª sessão, celebrada em 16 de Março de 1839, o Presidente do Instituto, Visconde de S. Leopoldo, communicou que o Marquez de Itanháen, tutor do Imperador, fizera sciente a elle, Visconde, de que o joven monarcha havia marcado o dia 19, pelas 10 horas da manhã, afim de receber a deputação do Instituto.

Em sessão de 23 ainda o Presidente Visconde de S. Leopoldo deu conta de como a commissão especial satisfez á honrosa incumbencia. Disse o Imperador que agradecia e aceitava o titulo de Protector do Instituto Historico Brazileiro.

Desde então o Sr. D. Pedro II foi sempre o protector de todos os dias e o amigo estremecido do Instituto; já o têm dito á saciedade os grandes homens imparciaes e independentes, que têm pertencido a este congresso.

Até 1889 não ha acta alguma em que não exista maior ou menor referencia honrosa ao monarcha.

Para muita gente parecerá serem taes expressões ou conceitos filhos só da lisonja ou de adorações ao sol no horizonte. A fria justiça da historia confirma hoje plenamente o que disseram com exhuberancia de coração, homens sobre cujas memorias não pesa a pécha de aulicismo. Nem as vicissitudes da politica fizeram diminuir em D. Pedro a dedicação votada ás cousas do paiz que lhe serviu de berço e do amor nunca desmentido, em prol do engrandecimento do Instituto.

Em compensação, este não tem regateado todas as homenagens sinceras e não fetichistas a seu dedicado protector.

Sessões commemorativas, livro de homenagens dão prova de que o Instituto se preza de ser agradecido. A cadeira em que D. Pedro II se sentava, nunca mais foi occupada.

Por toda parte, nas salas do Instituto, se vêm retratos do grande Brazileiro, para quem já começou a justiça da historia.

Na nova sala das sessões está em tamanho natural a effigie de D. Pedro II, com a imagem serena a convidar o Instituto a jámais olvidar patrioticos commettimentos.

Aos elogios constantemente e com justiça expendidos sobre o Imperador, venho accrescentar notavel somma de serviços, á primeira vista menos consideraveis, mas que, estudados, patenteiam o incessante desvelo material daquelle Soberano pelo Instituto. Alludo, sem peccado de lisonja, á munificencia particular de D. Pedro, da qual dão testemunho aqui e alli trechos de actas em que constam gestos generosos desse homem de renome mundial e o qual se orgulhava de ser simples socio da primeira instituição scientifica de sua patria.

Logo em 1839, franqueou o Paço da cidade para a celebração da primeira sessão magna anniversaria da creação do Instituto. Depois, em 1840, concedeu á instituição creada sob seus imperiaes amparos uma sala do mesmo Paço da cidade, para celebração das sessões ordinarias.

Em 1842, estabeleceu os premios de que já fallei de um medalhão de ouro á pessoa que sobre o Brazil ou algumas de suas provincias apresentasse melhores trabalhos estatisticos: de outro de prata a quem melhores trabalhos historicos offerecesse ao Instituto naquelle anno e ainda outro terceiro, a quem apresentasse a melhor geographia do Imperio.

Os primeiros a obter essas recompensas foram o Dr. Carlos Frederico Martins, Francisco Adolpho de Varnhagen (depois Visconde de Porto Seguro), Tenente Coronel José Joaquim Machado de Oliveira, Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães (mais tarde Visconde Araguaya), Coronel Conrado Joaquim de Niemeyer e annos depois, Joaquim Norberto de Souza e Silva.

Em 15 de Dezembro de 1849, assistiu o Imperador a uma sessão ordinaria do Instituto e para commemorar esse facto deliberou a associação fossem nesse dia celebradas as sessões magnas anniversarias. Esta pratica foi seguida até 1905. No anno seguinte, aquella solennidade passou a ser realizada em o dia 21 de Outubro, por ser verdadeiramente o da fundação do Instituto.

Em 1856, fez D. Pedro II valiosa e importante dadiva da bibliotheca que pertenceu ao celebre Dr. Martius.

Sabe-se que custou 10 contos de réis esta rica collecção, constando de 800 volumes de obras relativas á America, em varios idiomas e algumas de manifesta raridade.

Em 1857, offereceu D. Pedro o catalogo da collecção de manuscriptos relativos ao Brazil, feito por ordem do Governo Imperial, a dissertação sobre a historia ecclesiastica do Brazil recitada em 1724 na *Academia dos Esquecidos* pelo Padre Gonçalo Soares da França.

Em 1860, enviou diversas obras adquiridas durante a viagem delle, Imperador, ás provincias do Norte.

Nem é preciso fallar em manuscriptos, medalhas e moedas para a bibliotheca e museu do Instituto. Basta citar a offerta da

Razão de Estado do Brazil, uma das preciosidades do Instituto, obra composta em pergaminho e constante de texto e diversos mappas rarissimos, consultada constantemente pelos estudiosos.

Cumpre tambem não ser esquecida a cópia mandada fazer por D. Pedro nos diversos archivos de Portugal, e que contêm muitos dos seguintes codices cujo catalogo foi organizado pelo professor João Capistrano de Abreu.

Póde ser lido no tomo LXVII da *Revista.*

Encarregou-se das cópias o Dr. Antonio Gonçalves Dias. Mais adiante, quando houver de tratar das riquezas do Archivo, darei a summula destes importantes documentos.

Resumindo, pois, o que pallidamente foi referido, o Instituto Historico e Geographico Brazileiro tem razão de ser grato á memoria do Snr. D. Pedro II e repetir sempre com o *Ecclesiastico: «Non recedet memoria Ejus, et nomen Ejus requiretur ageneratione in generationem».*

Falleceu D. Pedro II em Pariz á 1 hora e 20 minutos da madrugada de 5 de Dezembro de 1891. Logo no dia 7 reuniu-se o Instituto Historico em sessão extraordinaria, sob a presidencia do Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro. Em sentidas phrases communicou o Presidente o lamentavel fallecimento do Immediato Protector do Instituto. Disse que já transmittira em nome do mesmo Instituto um telegramma de pezames a S. A. a Sr.ª Condessa d'Eu, mandou ficassem cerradas as portas do edificio durante sete dias e fez convocar uma sessão extraordinaria para se tratar de resolver como seriam manifestados os sentimentos de profunda magua de que se achava possuido o Instituto pelo infausto passamento de S. M. o Sr. D. Pedro II. Accrescentou parecer-lhe, que se devia mandar suffragar a alma do illustre finado e que os consocios tomassem luto pelo espaço de tempo que entendessem conveniente.

Usaram da palavra diversos socios e as propostas apresentadas, depois de resumidas pelo Presidente, foram adoptadas nos termos seguintes:

I. Foram approvadas as providencias tomadas;

II. Os socios tomariam luto pelo tempo que julgassem conveniente;

III. O Instituto mandaria celebrar uma missa de setimo dia pelo eterno descanso do pranteado morto, sendo convidado para o acto o distincto consocio Sr. Bispo de Olinda;

IV. A Mesa ficava constituida em commissão para assistir ás solennes exequias mandadas celebrar pelo Sr. Bispo Diocesano;

V. Cobrir-se-hia de crepe, durante um anno, a cadeira em que se sentava Sua Magestade para presidir as sessões do Instituto;

VI. Corôas de louros seriam collocadas sobre o busto do Sr. D. Pedro II;

VII. Os socios Conde da Motta Maia, Barão de Penedo e Barão do Rio-Branco seriam nomeados para assistirem ás exequias em Pariz e depositarem corôas sobre o feretro em nome do Instituto;

VIII. Os socios Manoel Pinheiro Chagas, Major Serpa Pinto e Wenceslau de Brito Aranha seriam nomeados para assistirem ás exequias em Lisboa e depositarem corôas em nome do Instituto;

IX. Em 5 de Janeiro, trigesimo dia do fallecimento, seria celebrada uma sessão commemorativa na qual, depois de aberta pelo Presidente, que em breve allocução declararia o fim especial da mesma sessão, seria dada a palavra ao orador para fazer o elogio do venerando finado e em seguida a quaesquer outros membros do Instituto, que, com antecedencia de 15 dias, avisassem a Mesa;

X. A sessão anniversaria que devia ter lugar no dia 15 de Dezembro seria realizada no mez de Janeiro futuro; quanto á sessão de eleições geraes seria effectuada no dia marcado pelos estatutos;

XI. O Instituto concederia um premio, uma medalha de ouro, a quem apresentasse dentro do prazo de oito mezes, a contar de 5 de Janeiro de 1892, o melhor trabalho historico e biographico sobre o illustre fallecido, devendo a Mesa pronunciar-se sobre a preferencia que houvesse de ser dada dos trabalhos apresentados. O preferido seria publicado pelo Instituto;

XII. Os secretarios da Mesa ficariam encarregados de fazer em um livro especial a compilação de todos os artigos que

houvessem de ser publicados com relação á pessoa do Imperador;

XIII. Seria consignado em acta o voto ardente que fez o Instituto para que o mais breve possivel, os restos mortaes do pranteado cidadão brazileiro fossem trasladados para a terra da patria que tanto amava;

XIV. Ficaria o Presidente autorizado a providenciar, como julgasse mais acertado, a respeito da execução das deliberações tomadas.

Sómente em 4 de Março de 1892 realizou-se a sessão extraordinaria, commemorativa. Nesta solennidade occuparam a tribuna o Conselheiro Olegario (Presidente), o Conselheiro Manoel Francisco Corrêa (Vice-Presidente), o Dr. Cesar Augusto Marques, lendo uma breve noticia no impedimento do autor o Barão de Capanema e o Commendador José Luiz Alves (Orador Official), um estudo biographico de Pedro II.

A acta dessa sessão foi publicada em separado e fórma um volume in-4.º de 132 paginas.

Quanto ao livro especial em que fossem compilados os artigos publicados com relação a D. Pedro II. tomou a si semelhante tarefa como já foi dito, o 1.º secretario Henrique Raffard.

Foi dado á estampa sob o titulo « Homenagem do Instituto Historico e Geographico Brazileiro á Memoria de Sua Magestade o Senhor D. Pedro II ». Consta de CXLIII paginas de introducção a breve noticia e mais 803 de texto.

No topo da mesa do salão de leitura (sala D. Pedro II) existe antiga cadeira de jacarandá, em cujo espaldar foi fixada uma lamina de prata com os seguintes dizeres: « Cadeira em que se assentava S. M. o Senhor D. Pedro II, quando presidia ás sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro ».

A este modesto movel prende-se recordação perpetua consagrada á memoria do segundo Imperador do Brazil. Tem uma historia e vem de molde recordal-a para satisfazer a curiosidade de todos quantos frequentam a bibliotheca do Instituto e indagam a significação dessa cadeira sempre vasia e collocada sobre pequeno estrado em lugar saliente. Dias depois de 15 de Novembro e em sessão de 29 desse mesmo mez, o Dr. João Severiano

da Fonseca propoz « emquanto fosse vivo S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara a cadeira se conservasse inoccupada e coberta por um véo », proposta essa approvada unanimemente.

Como já referi, em sessão de 7 de Dezembro de 1891, entre varias medidas demonstrativas de pezar do Instituto, approvou esta a de cobrir-se de crépe durante um anno a cadeira em que se sentava o Imperador. Em sessão de 9 de Dezembro, o Dr. Cesar Augusto Marques apresentou um requerimento no qual dizia: que estando acabado o anno de luto pela morte de D. Pedro, requeria se tirasse o crépe que envolvia a columna, onde na sala principal está o busto do mesmo Sr. D. Pedro II, e que o mesmo se fizesse á cadeira onde elle se sentava, sendo esta e o estrado em que se acha removidos para o salão D. Thereza Christina. Requeria mais que nas costas da cadeira se collasse um rotulo assignado pelo Presidente, declarando o fim que haviam tido esses objectos emquanto residía aqui D. Pedro II. Requeria ainda mais que, da segunda sessão em diante o Presidente do Instituto occupasse a cabeceira da mesa. Suscitando-se longa discussão, ficou resolvido deixar por emquanto tudo como estava e só posteriormente deliberar sobre o que conviesse fazer.

Ora, nos estatutos approvados em sessão de 1 de Agosto de 1890, havia a seguinte disposição: « Em todas as sessões o Presidente occupará o primeiro lugar á direita da mesa, tendo ao seu lado o 1.º e 2.º Secretarios, o Thesoureiro e o Orador, e ficando em frente os tres Vice-Presidentes, por sua ordem e os Secretarios supplentes. Todos os outros membros se assentarão promiscuamente ».

Tudo continuou como anteriormente até 1906, anno em que passou o edificio do Instituto por uma reforma radical.

A antiga sala das sessões ficou destinada á leitura e consultas.

Foi melhorada incomparavelmente no duplo aspecto de segurança e da belleza, ficando a referida cadeira occupando o antigo lugar de honra. Ainda por força das referidas reformas materiaes houve necessidade de crear-se um salão especial destinado não só ás sessões ordinarias, como ás commemorativas ou magnas.

Dando-se ao nosso salão disposições apropriadas, os estatutos approvados em 9 e 16 de Abril de 1906 estabeleceram terminantemente o modo por que occupariam á mesa os seus lugares os altos funccionarios da associação, tendo por detraz a effigie em corpo inteiro de D. Pedro II, obra do artista Vinnot, executada em 1868. Nem são ellas sómente as provas de verdadeiro culto á memoria de D. Pedro II, tributadas pelo Instituto. Outras ha mais suggestivas e repassadas de verdadeiro espirito christão. E' assim que sobre a rubrica de « Commemoração e premios », os Estatutos de 1906 regulam o seguinte: Art. 65. No dia 5 de Dezembro, anniversario do fallecimento do seu inesquecivel protector o Sr. D. Pedro II, o Instituto estará fechado. Art. 66. Além dos premios constantes do paragrapho 6.° do art. 58, ficam creados dous premios annuaes sob as denominações premio Pedro II e premio Conselheiro Olegario. Deste já tratei quando em pallido bosquejo tracei a vida do benemerito Presidente Conselheiro Olegario.

Quanto ao premio que tem o nome do Imperador, será para recompensar a melhor monographia dos que concorrerem ao mesmo emprehendimento, e constará de uma medalha de ouro.

Um caridoso membro do Instituto, grato á memoria de seus confrades fallecidos desde 1839, cedeu ao Instituto duas apolices. Com o rendimento desses titulos será celebrada annualmente, uma missa em suffragio por esses illustres e nunca esquecidos mortos.

A Directoria, de accordo com o doador, cujo nome não estou autorizado a declarar, deliberou mandar celebrar esse acto de religião no dia 5 de Dezembro, reunindo por esse modo a lembrança de tantos altos varões á do grande homem que entre os associados foi o « primus inter pares ».

Ainda ha dias recebeu o Instituto um exemplar da medalha cunhada para commemorar a inauguração em Petropolis da estatua de D. Pedro II.

A veneranda companhia guardará em seu Museu, com verdadeiro carinho, essa prova da realização de uma idéa cuja prioridade na iniciativa pertence, de facto, ao Instituto Historico, que pretendeu erigir nesta cidade grandioso monumento por meio de subscripção nacional.

§ 6.º

A « REVISTA »

Setenta e quatro tomos dados á estampa desde 1839 até hoje com uma perseverança e continuidade, raras em nossa vida, constituem verdadeiro thermometro pelo qual se póde com justiça, aferir a intensidade de vida do Instituto Historico.

A annual publicação tem merecido o titulo de inestimavel bibliotheca, grandioso monumento levantado ás tradições, ao caracter, ás benemerencias do Brazil, padrão de sabedoria, de applicação e de competencia.

Desafiam a malevolencia, dizia o Conego Pinheiro em um dos seus discursos ás paginas da *Revista*, o mais vasto e completo archivo historico que possue o idioma portuguez e cada vez mais cobiçado pelas academias, sociedades e individuos de todas as nacionalidades.

« Vasta encyclopedia util e farta bibliotheca, disseram outros, a collecção da *Revista* dá o aspecto imponente de uma galeria de quadros raphaelicos e de estatuas do mais fino ouro, cinzeladas por mão de afamados mestres. »

« A *Revista Trimensal*, escreveu o Dr. Mello Moraes Filho, é o livro mais notavel que se ha publicado em nossa terra. »

« Todas as catastrophes, disse o inolvidavel Eduardo Prado em seu discurso de posse, podem ser imaginadas, mas imperecivel será a memoria de vossos serviços, porque sempre haverá quem no mundo queira saber o que foi o Brazil e nenhum estudo da nossa historia será uma obra de boa fé, se deixar em olvido os vossos serviços ou prescindir dos materiaes inestimaveis que tendes reunido. »

Verdadeiros, reaes e justos estes conceitos sobre a tão riquissima collectanea, os quaes a cada passo são citados nas festas magnas da associação ou brotam sinceros, dos labios enthusiastas dos recipiendarios. Phrases empolgantes e suggestivas podem parecer ao observador imparcial filhas de exagerado patriotismo e por isso trazendo o peccado da suspeição.

O verdadeiro gráo de merecimento, que tem por si a *Revista*

do Instituto é dado pela imprensa imparcial, nacional e extrangeira pelo conhecimento e apreço em que é tida a antiga publicação brazileira por parte dos mais notaveis centros scientificos, do Velho e Novo Mundo. Para isto basta ler a correspondencia, trocada entre o Instituto e as maiores celebridades de fama mundial. Que a tão opulenta publicação ninguem nos paizes sul-americanos nega a primazia da benemerencia, basta entre muitas e muitas provas a carta com que ha poucos dias o Presidente da Republica Argentina, o Dr. Roque Saenz Peña, agradecia a sua nomeação de Presidente honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Do Repertorio organizado em 1898 pelo Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, e isto será sincera homenagem a tão prestimoso socio, resumiremos o que elle escreveu sobre a publicação da *Revista*.

Era publicada por trimestres, formando annualmente um volume de numeração e paginas seguidas.

De 1864 por diante, foi publicada em duas partes, com a designação de 1.ª e 2.ª parte, tendo cada parte paginação especial. Comprehendia a 1.ª parte, documentos relativos ao Brazil, e a 2.ª os trabalhos de socios, as actas das sessões ordinarias, das extraordinarias e magnas commemorativas, bem como os discursos do Presidente e do orador, e o relatorio annual do 1.º Secretario, e tambem os documentos annexos, taes como, lista de offertas, pareceres de commissões, balanços e documentos comprobatorios e mais as offertas de obras impressas, manuscriptas, mappas e objectos para o Museu.

O 1.º tomo da Revista sahiu com o titulo de « Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil ». Tinha na folha de rosto o seguinte lemma: « *Hoc facit ut longos durent bene gesta per annos. Et possint sera postcrita fruite* ». O 2.º tomo appareceu com o titulo « Revista Trimensal de Historia e Geographico » ou « Jornal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro ». Este titulo permaneceu até 1858, e no anno seguinte começou a ser publicada com a denominação de « Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil », titulo que depois, em 1887, foi modificado para o de « Revista Trimen-

sal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro », conservado até o tomo LXVI, sendo que do tomo LXVII em deante passou a denominar-se « Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro ».

« Nota-se nos primeiros tomos da *Revista* e na folha de rosto das edições principaes, uma vinheta, reproducção do antigo sello do Instituto. Tem a forma circular e em derredor a seguinte legenda : « Laus Virtuti Ubique Quando cumque ».

No centro vêem-se a figura de duas jovens symbolisando a Historia e Geographia.

Do tomo LII (1889) em diante, este emblema foi substituido pela reproducção dos novos sellos do Instituto.

Constam de duas figuras de fórma circular, em uma das quaes vê-se a effigie da Historia, com corôa mural tendo o joelho direito em terra e segurando com a mão esquerda uma pedra tosca, escreve nella a data 21. Na parte superior ha os seguintes dizeres: *Auspice Petro Secundo,* e na inferior *Pacifica Scientiæ Occupatio.* Na outra figura ha a seguinte epigraphe : *Institutum Historico Geographicum In Urbe Fluminensi Conditum Die XXI Octobris,* A. D. MDCCCXXXVIII. Estes sellos adoptados desde aquelle anno, 1889, são por sua vez a reproducção e anverso e verso das medalhas, uma de ouro e quatro de prata, que o Instituto mandou cunhar em memoria de sua fundação, e as quaes foram offerecidas ao Imperador D. Pedro II, e a suas irmãs, D. Januaria e D. Francisca, na sessão magna de 27 de Novembro de 1840. Essas medalhas haviam sido cunhadas pelo illustre artista Zeferino Ferrez.

Aproveitando ainda o prefacio escripto pelo Conselheiro Araripe no seu Repertorio, direi que alguns indices geraes das materias contidas na *Revista* têm sido organizados e publicados na mesma *Revista.* Foi o primeiro elaborado pelo consocio Francisco Adolpho Varnhagen, depois Visconde de Porto Seguro. Está publicado no tomo XIV, sob o titulo — « Indice geral alphabetico das memorias e biographias publicadas nos anteriores quatorze annos da *Revista* ». No fim da primeira pagina occorre a seguinte nota: « Não se comprehende no Indice a parte do tomo XI (IV da 2.ª série, que ainda não foi até agora (fim de 1851) impressa). Cita-

*

mos os volumes seguidos sem attender á separação das séries: assim quando dissermos tomo VIII ou IX, entende-se I ou II da 2.ª série, etc.

As biographias vão juntas no fim por ordem alphabetica dos nomes; as memorias devem ser buscadas pelo nome dos seus autores ou pela primeira palavra de seus titulos — F. A. de V. »

O segundo indice sem declaração de nome do autor, foi publicado no tomo XXII da *Revista*. Tem o titulo — « Indice alphabetico das memorias, documentos e biographias publicados nos volumes I a XXII da Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro ».

O terceiro foi organizado pelo consocio Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo. Está publicado no tomo XLV, sob o titulo: « Indice alphabetico das memorias, documentos e biographias publicados nos volumes I a XLIV da Revista Trimensal do Instituto Historico ».

O quarto foi organizado pelo socio Coronel Fausto Augusto de Souza. Está publicado no tomo LI. Tem por titulo: « Indice dos artigos contidos nos cincoenta tomos da Revista Trimensal do Instituto Historico, com relação a cada uma das provincias do Imperio ».

O quinto, finalmente, é da lavra do Commendador Manoel Joaquim do Nascimento e Silva, pae do socio, ex-Orador, Dr. Alfredo do Nascimento Silva. Tem por titulo: « Indice da Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro » (Volumes I a LXVII). Está publicado no tomo LXVIII.

O Commendador Manoel Joaquim do Nascimento e Silva é chefe de secção aposentado da Secretaria da Guerra e autor de varias obras de justa nomeada como a *Synopsis da Legislação Brazileira*, em nove volumes, e a *Compilação das Consultas do Conselho de Estado* (Secção de Marinha e Guerra). Offerecido este minucioso indice ficou em manuscripto guardado por alguns annos nos archivos do Instituto. Tendo, porém, a Commissão de Redacção lido e apreciado o trabalho do Commendador Nascimento, deliberou publicál-o sem demora, prestando com isso um serviço aos estudiosos, pois nelle encontrarão subsidio completo para qualquer consulta nos 67 volumes já publicados.

Tratando-se de indices da Revista, não póde ser olvidado o organizado pelo Dr. José Carlos Rodrigues. Occorre na monumental collectanea sob o titulo *Bibliotheca Braziliense, Catalogo annotado dos livros sobre o Brazil e alguns autographos e manuscriptos pertencentes a J. C. Rodrigues. Parte 1.ª — Descobrimento da America, Brazil Colonial, 1492-1822, Rio de Janeiro. Typ. do «Jornal do Commercio», de Rodrigues & C., 1907.*

Deste monumental trabalho o primeiro em seu genero, publicado no Brazil, foi tirada edição limitada a 200 exemplares. Ao Instituto offereceu o Dr. José Carlos Rodrigues o exemplar que tem o n.º 5.

Pois bem, nesse volumoso trabalho de VI-680 pags., occorre sob o titulo «Instituto Historico Brazileiro» um indice geral das materias da *Revista* feito com todo o rigor bibliographico e com cuidado verdadeiramente benedictino.

Abrange desde o 1.º volume de 1839 até 65 (de 1902) e occupa no precitado catalogo da *Bibliotheca Braziliense* de paginas 316 a 337.

Referir aqui, sem lisonja, o nome do illustre Dr. José Carlos Rodrigues, é pagar divida de gratidão. Bem sabido é quanto o Instituto deve ao benemerito director do *Jornal do Commercio* por inestimaveis serviços que são do dominio publico.

Seria sem grande necessidade alongar esta despretenciosa synopse, prescindindo mesmo dos muitos e muitos trabalhos já citados, dar um resumo de tudo quanto de valor occorre nos 74 tomos da *Revista.*

São tantos os elementos bibliographicos sobre a nossa historia politica, social, financeira, ecclesiastica, militar e diplomatica, que se torna difficil a escolha de assumptos, comprehendendo um lapso de tempo decorrido desde 1500 até 1911.

Memorias ineditas, documentos copiados de diversos archivos de Portugal, da Hespanha, da França e da Hollanda; roteiros, itinerarios, viagens, cartas particulares, documentos officiaes, relatorios, cartas de Governadores, Vice-Reis, Prelados e Bispos, pareceres do Conselho Ultramarino, leis e regimentos emanados do Governo napolitano, estudos e noticias topographicas sobre os hoje differentes Estados do Brazil e acerca dos seus primitivos

habitantes, tal é o acervo representado pela publicação do Instituto. Só em biographias de brazileiros illustres ha farto manancial de dados precisos sobre a vida dos que por seus feitos, virtudes e saber engrandeceram a nossa patria. Nessa collectanea de 74 annos podem se lêr as cartas de Pero Vaz de Caminha, do Mestre João, de Americo Vespucio, dos Jesuitas (Nobrega, Anchieta, Blagner, Antonio Pires e outros), do Bispo Sardinha, do 2.º Governador Geral Duarte da Costa, de Diogo Garcia, de Diogo Leite, Diogo Nunes, de Luiz Ramirez, de Vasco Fernandes Coutinho, do Dr. Lund e muitos outros.

São de alto valor, o roteiro de Pero Lopes, a relação das Capitanias, o tratado descriptivo do Brazil por Gabriel Soares, a relação das viagens de Lery, Hans Staden, Anton Knivet, o descobrimento e fundação do Rio de Janeiro, a fundação da igreja de S. Sebastião, a historia da fundação da Prelazia e Bispado do Rio de Janeiro, a nobiliarchia paulistana, notas sobre João Ramalho, os trabalhos de Alexandre Rodrigues Ferreira, os padrões de marmore da Cananéa, as muitas memorias sobre limites do Brazil com os paizes visinhos, bem como dos diversos rios e seus confluentes, que formam as grandes bacias fluviaes do Brazil, os documentos sobre todo o periodo hollandez e as notícias sobre as differentes phases desta grande luta que durou 30 annos e tambem sobre a Republica dos Palmares.

São dignas de manuseio, as correspondencias dos Governadores e Vice-Reis com a Metropole, as memorias sobre as lutas dos jesuitas em S. Paulo, Rio de Janeiro e Maranhão, os escriptos do Padre Antonio Vieira, os de Bettendorff, os referentes ás Missões do Paraguay e ás entradas das bandeiras paulistas pelo interior do Brazil, as leis e decretos promulgados por Pombal, a descripção completa das guerras entre Portugal e Hespanha a proposito da Colonia do Sacramento, etc.

Sobre a inconfidencia mineira, a vinda da familia real para o Brazil, o monumento da Independencia, os movimentos revolucionarios de 1817, 1824 a 1835 no Rio Grande do Sul, e 1837 na Bahia, ha magnificas paginas da *Revista*, cheias de esclarecimentos a quem quizer estudar todos esses factos.

Ainda mais: o mesmo se póde applicar aos documentos da

ilha da Trindade, aos processos de Antonio José da Silva, do padre Manoel de Moraes, e sobre os extrangeiros illustres que em diversas épocas visitaram o Brazil.

Não são de menor importancia os subsidios ministrados com referencia á escravidão dos indios e ao trafico africano e os que dizem respeito ás nossas antigas questões diplomaticas, e finalmente uma grande variedade de assumptos sobre todos os departamentos da nossa historia e ethnographia, de sorte que, na collecção desses 74 volumes os estudiosos encontrarão sempre motivos para sérias locubrações e producções de novos trabalhos ou monographias.

Recebem regularmente a *Revista* do Instituto Historico as seguintes associações extrangeiras, com as quaes o mesmo Instituto mantem activa correspondencia:

Na America:

American Geographical Society.
International Union of American Republics.
New-York Public Library.
The National Geographic Magazine.
The Pennsylvania Magazine of History and Biography.
University of Missouri.
University of California.
Bibliotéca Nacional de México.
Museo Nacional de Arqueologia, Historia y Etnologia de México.
Archivo y Bibliotéca Nacional de Honduras.
El Guatemalteco.
Academia de la Historia de Venezuela.
Universidad Central de Venezuela.
Bibliotéca del Ministerio de Fomento de Venezuela.
Bibliotéca del Ministerio de Obras Publicas de Venezuela.
Bibliotéca Municipal de Guayaquil.
Ateneo de Lima.
Bibliotéca Nacional de Santiago de Chile.
Economical and Social Progress of the Republic of Chile.

Sociedad Chilena de Historia y Geografia.
Universidad de Chile.
Bibliotéca Nacional de Buenos Aires.
Bibliotéca Publica de la Provincia de Buenos Aires.
Instituto Geográfico Argentino.
La Nacion, Buenos Aires.
Museo Nacional de Buenos Aires.
Sociedad Cientifica Argentina.
Universidad de Buenos Aires.
Diario Official de Asunción.
Secretaria del Ministerio del Interior de la Republica del Paraguay.
Instituto Paraguayo de Geografia.
Museo Nacional de Montevidéo.
Universidad de Montevidéo.

Na Europa:

Academia Polytechnica do Porto.
Academia dei Lincei.
Academia Real das Sciencias de Lisboa.
Academia delle Scienze Fisiche i Matematiche di Napoli.
Académie des Sciences Morales et Politiques de Pariz.
Académie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux-Arts de Belgique.
Annales de Géographie (de Pariz).
Archivo Historico Portuguez.
Bibliotheca da Universidade de Coimbra.
Bibliotheca Nacional de Lisboa.
Bibliotheca Publica de Berlim.
Bibliotheca Publica de Vienna.
Bibliotheca Publica do Porto.
Bibliotheca Publica Eborense.
Bibliotheca Nazionale Centrale di Firenze.
Bibliothèque Universelle et Revue Suisse (Lausanne).
Bibliothèque de l'École de Chartes.
British Museum (Londres).

Direcção Geral de Instrucção Publica de Lisboa.
Die Woche (Berlim).
Geographische Blatter (Bremen).
Institut Géographique International de Berne.
Institut International de Bibliographie de Bruxelles.
Journal des Savants.
Je sais tout (Revue).
Le Brésil.
Le Tour du Monde.
La Revue (ancienne Revue des Revues).
Nuova Antologia (Roma).
Real Academia de la Historia de Madrid.
Real Sociedad Geografica de Madrid.
Real Academia de Ciencias de Madrid.
Revue Critique d'Histoire et de Littérature.
Revue des Deux Mondes.
Revue Générale de Bibliographie Française.
Revue de l'Instruction Publique de Bruxelles.
Revue Universelle.
La Revue Hebdomadaire (Pariz).
Royal Geographical Society.
Sociedade de Geographia de Lisboa.
Sociedade de Geographia de Anvers.
Societá Geográfica Italiana.
Société de Géographie de Pariz.
Société des Études Historiques de Pariz.
Société de Géographie de Genêve.
Société de Sciences de l'Yonne.
Société des Bollandistes de Bruxelles.
The Fortinight Revew (Londres).
The Studio (Londres).

Nas possessões portuguezas fóra da Europa:

Archivo dos Açores (Ponta Delgada).
Commissão Archeologica da India Portugueza (Nova Gôa).

Antes de terminar o presente capitulo, daremos, a titulo de curiosidade, a seguinte

TABELLA DAS PRIMEIRAS EDIÇÕES DA REVISTA TRIMENSAL

Tomo	Anno da 1.ª edição	Impressor
1	1839	Typ. da Ass. do «Despertador».
2	1840	» de João do Espirito Santo Cabral.
3	1841	» » » » » »
4	1842	Impr. Americana de I. Pereira da Costa.
5	1843	» » » » » » »
6	1844	» » » » » » »
7	1845	» » » » » » »
8	1846	Typ. Universal de Laemmert.
9	1847	» » » »
10	1848	» » » »
11	1848	» » » »
12	1849	» » » »
13	1850	» » » »
14	1851	» » » »
15	1852	» » » »
16	1853	» » » »
17	1854	» » » »
18	1855	» » » »
19	1856	» » » »
20	1857	» » » »
21	1858	» Braziliense, de Maximiano Gomes Ribeiro.
22	1859	» Imparcial, de J. M. Nunes Garcia.
23	1860	» de Domingos Luiz dos Santos.
24	1861	» » » » » »
25	1862	» » » » » »
26	1863	» » » » » »
27	1864	» » » » » »
28	1865	» B. L. Garnier.
29	1866	» » » »

Tomo	Anno da 1.ª edição	Impressor
30	1867	Typ. B. L. Garnier.
31	1868	» » » »
32	1869	» » » »
33	1870	» » » »
34	1871	» » » »
35	1872	» » » »
36	1873	» » » »
37	1874	» » » »
38	1875	» » » »
39	1876	» » » »
40	1877	» » » »
41	1878	» de Pinheiro & C.ª
42	1879	» » » » »
43	1880	» Universal de E. H. Laemmert.
44	1881	» » » » » »
45	1882	» » » » » »
46	1883	» » » H. Laemmert & C.ª
47	1884	» » » » » » »
48	1885	» » » » » » »
49	1886	» a vapor de Laemmert & C.ª
50	1887	» » » » » » »
51	1888	» » » » » » »
52	1889	» » » » » » »
53	1890	» » » » » » »
54	1891	» » » » » » »
55	1892	» » » » » » »
56	1893	Companhia Typographica do Brazil.
57	1894	» » » »
58	1895	» » » »
59	1896	» » » »
60	1897	» » » »
61	1898	Imprensa Nacional.
62	1899	» »
63	1900	» »

Tomo	Anno da 1.ª edição	Impressor
64	1901	Companhia Typographica do Brazil.
65	1902	» » » »
66	1903	Imprensa Nacional.
67	1904	» »
68	1905	» »
69	1906	» »
70	1907	» »
71	1908	» »
72	1909	» »
73	1910	1.ª parte Imprensa Nacional. 2.ª parte Typ. do *Jornal do Commercio.*
74	1911	1.ª parte » » » » » 2.ª parte » » » » »

TABELLA DEMONSTRATIVA DA SÉRIE DOS TOMOS DA REVISTA TRIMENSAL

Tomo	Anno		Observação
1	1839		Considerados como da 1.ª série
2	1840		
3	1841		
4	1842		
5	1843		
6	1844		
7	1845		
8	1846	1.º	Da 2.ª série. O tomo II, supplementar, interrompe a numeração, que coincidia com os annos,
9	1847	2.º	
10	1848	3.º	
11	1848	4.º	
12	1849	5.º	
13	1850	6.º	

Tomo	Anno	Observação
14	1851	1.º } Da 3.ª série.
15	1852	2.º
16	1853	3.º
17	1854	4.º
18	1855	5.º
19	1856	6.º
20	1857	Torna-se a contar a numeração geral daqui em deante, comprehendidas as séries. E já no *Indice* impresso no tomo 14 desprezou o seu autor (Francisco Adolpho de Varnhagen) a citação das séries, como se lê á pag. 497, nota, e segue a numeração geral.
21	1858	
22	1859	
23	1860	
24	1861	
25	1862	
26	1863	
27	1864	
28	1865	
29	1866	
30	1867	
31	1868	
32	1869	Continúa a numeração geral; mas desde o 1.º numero de 1864, tomo XXVII, em deante divide-se em partes 1.ª e 2.ª, tendo cada uma destas partes numeração propria.
33	1870	
34	1871	
35	1872	
36	1873	
37	1874	
38	1875	
39	1876	
40	1877	
41	1878	
42	1879	
43	1880	
44	1881	
45	1882	
46	1883	
47	1884	
48	1885	
49	1886	
50	1887	

Tomo	Anno	Observação
51	1888	No anno de 1888 imprimiu-se um supplemento, contendo a sessão do jubiléu em homenagem ao quinquagenario da existencia do Instituto.
52	1889	Em 1889 imprimiu-se outro supplemento sob o titulo « Brazil e Chile ».
53	1890	
54	1891	
55	1892	Em 1892 imprimiu-se outro supplemento relativo ao 4.º centenario do descobrimento d'America, em memoria de Christovão Colombo.
56	1893	
57	1894	Em 1894 imprimiu-se tambem um volume supplementar sob o titulo « Homenagem do Instituto Historico e Geographico Brazileiro á memoria de S. M. o Sr. D. Pedro II ». Todos estes supplementos têm paginação propria, formando volumes addicionaes.
58	1895	
59	1896	
60	1897	
61	1898	
62	1899	
63	1900	
64	1901	
65	1902	
66	1903	
67	1904	
68	1905	
69	1906	
70	1907	
71	1908	Em 1908 publicou o Instituto dous tomos consagrados á Exposição Commemorativa do Primeiro Centenario da Imprensa Periodica no Brazil, promovida pelo mesmo Instituto, e divididos em 2 partes: a 1.ª comprehende — Genese e Progressos da Imprensa Periodica no Brazil (XIII-89); a 2.ª parte dividida em 2 volumes: o 1.º, Annaes da Imprensa Periodica Brazileira, 813 pags., e duas não numeradas. Comprehende os jornaes dos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Piauhy, Ceará, Rio G. do Norte, Parahyba, Pernambuco e Sergipe (1808-1908). O volume 2.º da 2.ª parte devia comprehen-
72	1909	
73	1910	
74	1911	

der os Estados do Espirito Santo, do Rio de Janeiro, o Districto Federal, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Minas Geraes, Goyaz e Matto Grosso, e se achava em adeantada composição na Typographia Nacional, desapparecendo com o incendio que em 15 de Setembro de 1910 devorou essa repartição.

TABELLA DA REIMPRESSÃO DA REVISTA TRIMENSAL

Tomo	Anno da 1.ª edição e reimpressão	Impressor
1	1839—1856—1908	Typ. Universal de Laemmert e Imprensa Nacional.
2	1840—1858	Typ. Imparcial, de J. M. Nunes Garcia.
3	1841—1860	» de Domingos L. dos Santos.
4	1842—1863	» » João Ignacio da Silva e Typ. Universal de Laemmert & C.ª.
5	1843—1864—1885	Typ. de João Ignacio da Silva.
6	1844—1865	» » » » » »
7	1845—1866	» » » » » »
8	1846—1867	» » » » » »
9	1847—1869	» » » » » »
10 (Supplementar)	1848—1870	» » » » » »
11	1848—1871—1891	» » » » » » e Imprensa Nacional.
12	1849—1874	Typ. de João Ignacio da Silva.
13	1850—1872	» » » » » »
14	1851—1879	» » » » » »
15	1852—1888	» Universal de Laemmert.
16	1853—1894	Imprensa Nacional.
17	1854—1894	» »
18	1855—1896	» »
19	1856—1900	» »

Do tomo XXI tirava-se 3.ª edição na Imprensa Nacional. Não foi levada a effeito devido ao incendio daquella repartição em 15 de Setembro de 1910.

Tomos esgotados: 2.º, 20.º, 21.º, 22.º, 26.º e 32.º

A publicação annual do Instituto está regularmente em dia.

§ 7.º

SÉDES DO INSTITUTO

Modestos, ou, antes, mais que humildes foram os primeiros locaes onde funccionou o Instituto Historico.

Quando, em 1838, dizia o orador Manoel de Araujo Porto Alegre, « fundamos o Instituto, faziamos nossas sessões em uma sala baixa, escura e sem forro, despida de moveis e de todo o necessario; mas no meio desta pobreza tinhamos o coração ardente dos fundadores; as nossas sessões eram numerosas e os nossos trabalhos, o que mostra a « Revista »...

« Tenho saudades, meus nobres collegas, daquelles varões respeitaveis, d'aquelles velhos que por amor da patria se privavam do descanso e de seus conchegos nas horas de repouso.

« Como eram alegres e bondadosas aquellas faces venerandas do Visconde de S. Leopoldo, do Conego Januario, de Rodrigues Pontes, de Aureliano, como ellas se harmonizavam com a gravidade melancolica da dos nossos benemeritos finados José Silvestre Rebello, Thomé Maria da Fonseca, José Lino de Moura e Conselheiro José Antonio Lisboa! »

O local descripto pelo illustre autor do *Colombo* era simplesmente uma sala do pavimento terreo do antigo Museu Nacional, situada do lado da antiga rua dos Ciganos, hoje da Constituição.

Era ali que, ao cahir da noite e á luz dubia das velas de cêra se reuniam na *pacifica scientiæ occupatio* varões illustres, uns que fizeram a historia, estes que a presenciaram e aquelles que a escreveram.

Approvados pelo Governo, em 26 de Fevereiro de 1839, os estatutos da nova associação, deixou esta a sala em que tambem por emprestimo funccionava a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

Foi transferida a séde do Instituto Historico para o pavimento tambem terreo do edificio occupado então pelo almoxarifado do Paço. Era um casarão demolido, havia poucos annos. Tinha frente para o lado do antigo Paço Imperial e faces para o largo da Assembléa e rua de D. Manoel. Como bem é sabido nesse immovel construido no tempo do Marquez do Lavradio, funccionou até muito depois da chegada da Familia Real, o theatro chamado de Manoel Luiz.

Em 1840, foi de novo o Instituto transferido, e desta vez para a primeira sala á esquerda da Portaria das Damas, no Paço da cidade. Nesse local houve, anteriormente, prisões mandadas construir pelo Vice-Rei Conde da Cunha.

Em uma dellas e em 1789, esteve por algum tempo encarcerado o Tiradentes, preso por ordem do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza.

Em uma das janellas do pavimento superior á sala onde funccionou o Instituto deram-se factos historicos que convém lembrar. De uma, assistiram Gomes Freire de Andrade e o Bispo D. Antonio do Desterro ao embarque, em Março de 1760, dos Jesuitas expulsos em 1759 por Pombal e effectuado no chamado trapiche da Cidade, edificio collocado hoje na rua do Mercado, onde ora funcciona um posto de bombeiros.

Na 7.ª janella, em 9 de Janeiro de 1822, apresentou-se ao povo agglomerado no largo do Paço José Clemente Pereira, annunciando que o Principe D. Pedro deliberara ficar no Brazil.

Em outra, em 1888, no grande dia 13 de Maio, apresentou-se Joaquim Nabuco, ainda ao povo que atulhava a referida praça. Ia annunciar que a Princeza Regente, a Sr.ª D. Isabel, havia sanccionado a lei da emancipação. Este facto jámais esquecido, foi primorosamente descripto pelo orador do Instituto, o Sr. Conde de Affonso Celso, na sessão magna anniversaria de 1910.

Em 1840 mandou o Imperador D. Pedro II preparar uma sala no terceiro pavimento do Paço, ao lado da Capella Imperial. Neste edificio annexado ao Paço pelo Principe Regente funccionara por muito tempo, até 1808, o Convento dos Carmelitas.

Dalli foram estes religiosos transferidos para o Hospicio dos Capuchinhos Italianos e depois para o antigo Seminario da Lapa.

Na referida sala, pois, e convenientemente alfaiada, ficou installado o Instituto para celebrar suas sessões ordinarias e guardar o archivo e bibliotheca.

Neste edificio, considerado sempre proprio nacional e em que tem tido até hoje sua séde o Instituto Historico, o Governo autorizou, por vezes, como adeante se verá, melhoramentos materiaes, em prol da patriotica e erudita companhia.

Antes de proseguir convem lembrar: desde 1839 até 1888 as sessões magnas anniversarias do Instituto foram sempre celebradas em um dos salões do Paço da Cidade, na face que olhava para as antigas casas chamadas dos Telles. A' de 39, que se realizou a 3 de Novembro, não assistiu, por motivo de molestia, o Imperador, mas á segunda, effectuada em 27 de Novembro de 1840, compareceram o joven monarcha e suas duas irmãs, as Princezas D. Januaria e D. Francisca.

O chefe da Nação recebeu das mãos do Presidente uma rica caixinha contendo uma medalha de ouro e duas de prata, em memoria da fundação do Instituto e as princezas, duas de prata.

Neste mesmo salão do Paço Imperial reuniu-se o Instituto em sessão publica no dia 6 de Abril de 1848 para inaugurar solennemente os bustos de seus fundadores o Marechal Raymundo José da Cunha Mattos e o Conego Januario da Cunha Barboza.

Voltemos, porém, á sala das sessões, situada no terceiro pavimento do antigo Cenobio Carmelitano. Celebrava alli o Instituto Historico a sua 212.ª sessão ordinaria, em 15 de Dezembro de 1849, quando, diz a acta respectiva, « abre-se uma das portas que dá ingresso para o interior do Paço Imperial e immediatamente apparece Sua Magestade o Imperador, que sendo recebido com todo o respeito, que lhe é devido, toma a cadeira da presidencia e ordena que se dê começo á sessão. »

A D. Pedro II dirige o Presidente Conselheiro Candido José de Araujo Vianna palavras de sincero agradecimento pela honra que a Associação acabava de receber.

O Imperador tomando a palavra, respondeu nos seguintes termos: « Penhorado sobremaneira dos sentimentos e respeitoso reconhecimento que me manifestaes por intermedio do vosso Presidente, ainda em signal de minha gratidão como primeiro so-

cio e primeiro interessado no progresso do Instituto, não posso deixar de fallar-vos um pouco deste estabelecimento, ou antes, de sua *Revista,* indeclinavel testemunho do que houverdes feito a bem da historia e geographia do Brazil.

« Sem duvida, senhores, que a vossa publicação trimensal tem prestado valiosos serviços, mostrando ao velho mundo, que tambem no novo merecem as applicações da intelligencia; mas para que esse alvo se attinja perfeitamente é de mister que não só reunaes os trabalhos das gerações passadas, ao que vos tendes dedicado quasi que unicamente, como tambem, pelos vossos proprios, torneis aquella a que pertenço, digna realmente dos elogios da posteridade; não dividi, pois, as vossas forças: o amor da sciencia é exclusivo, e concorrendo todos unidos para tão nobre e já difficil empreza, erijamos assim um padrão de gloria á civilização da nossa patria.

« Congratulando-me desde já comvosco pelas felizes consequencias do empenho, que contrahistes, reunindo-vos em meu palacio, recommendo ao vosso Presidente que me informe sempre da marcha das commissões, assim como me apresente quando lhe ordenar, uma lista, que espero será a geral, dos socios que bem cumprem os seus deveres; comprazendo-me, aliás, em verificar por mim proprio os vossos esforços todas as vezes que tiver a satisfação de tomar parte em vossas locubrações.

Ardua é a tarefa que emprehendestes, senhores, mas por meio de vossa constancia, alcançareis a palma da victoria e das recompensas devidas aos amigos das lettras, coroando tantas fadigas, despertarão ainda vossos brios. »

Esta douta allocução, já tantas vezes citada e commentada, não perde jámais o seu valor — por isso não me eximi de transcrevel-a *in totum.*

Mereceu os elogios de Porto Alegre, na revista mensal *Guanabara.* Foi lithographada na *Revista,* tomo XII, de 1849 e despertou interesse por parte dos socios.

As sessões presididas pelo Imperador tornaram-se concorridas por grande numero de confrades. Deu, emfim, em resultado importante modificação nos Estatutos, em 8 de Novembro de 1850.

Desde então até 1905 as sessões magnas em memoria desse

*

dia foram celebradas a 15 de Dezembro. Esta praxe, bom é lembrar, deixou de ser executada de 1906 em diante. Desse anno até hoje as festas commemorativas do Instituto têm lugar como outr'ora, a 21 de Outubro, data rigorosa da fundação do Instituto.

Para assistir ás sessões ordinarias do Instituto Historico, o Imperador sahia da parte principal do Paço, atravessava o passadiço construido em 1808 e que ligava a antiga residencia dos Vice-reis ao vetusto Convento dos Carmelitas. Percorria o primeiro pavimento, onde residiu e falleceu a Rainha D. Maria I e por uma communicação entre os dous andares, apresentava-se na sala das sessões.

«O Imperador, escreveu, em Novembro de 1893, o primeiro Secretario Henrique Raffard, acompanhado de um de seus semanarios e precedido de um dos criados particulares conduzindo uma serpentina com luzes, vinha ao Instituto pela escada central que punha em communicação os dous andares superiores do edificio, escada que servira anteriormente aos frades para se recolherem ás suas cellas e que não existe mais, tendo sido retirada pela Repartição de Estatistica, creada ha tres annos e installada no primeiro andar e pavimento terreo do referido edificio, tambem occupado pelo Instituto, que ficou desde então (1891) com todo o segundo andar, aproveitando-se de salas que Sua Magestade promettera conceder-lhe depois de concluidos os trabalhos da Commissão do Codigo Civil, dissolvida em 1889.

«No topo da referida escada interna ainda subsiste uma porta de grade, a qual só se abria para dar passagem ao Monarcha nos dias de sessão.

«Era ahi que os membros do Instituto aguardavam ou se despediam do seu Augusto Protector, salvo no dia da sessão de 7 de Novembro de 1889, ultima a que assistiu o Sr. D. Pedro II, que veio como de costume pela dita escada e penetrou na sala das sessões pela porta na qual se acha inscripta a gloriosa data de 15 de Dezembro de 1849 e por cima está collocado o retrato de Sua Magestade naquella época — mas nesse dia 7 de Novembro o Imperador retirou-se do Instituto pela porta geral, na outra extremidade da sala junto á portaria, porta pela qual nunca viera e só della uma vez sahiu... »

Citando todas estas particularidades, quiz apenas mostrar disposições internas da séde do Instituto, as quaes todas foram modificadas pelas ultimas e radicaes reformas.

Além destas salas que o Instituto pouco a pouco adquiriu, convem lembrar que a Associação obtivera em 1856 outra dependencia e em 1831 mais tres, graças sempre á generosidade do Imperador.

Impropria desde o principio fòra a installação do Instituto Historico no velho casarão do Convento dos Carmelitas, annexado aos bens da casa real e depois pelo tratado de 1825 aos proprios nacionaes, dos quaes, pela Constituição, tinham os monarchas o simples usofructo.

Eis como antes de 1808 descreve esse edificio o Padre Luiz Gonçalves dos Santos: « pouco adiante da esquina da rua da Cadêa, está o convento de Nossa Senhora do Carmo, que se extende por toda a largura da praça até á entrada da rua Direita, incluindo nesta extensão quasi todo o Dormitorio, Torre e Igreja dos Religiosos.

« Foi este convento fundado no anno de 1592 neste mesmo sitio, que era uma vargem, na qual havia uma pequena Capella de Nossa Senhora do Ó, onde os Monges Benedictinos tinham feito o seu primeiro estabelecimento, mas melhorando estes de situação no monte, que actualmente occupão, cederão aos Carmelitas o lugar e a Capella.

« Este convento pela frente da Prainha, vistoso, com duas ordens de dormitorios, cujas janellas têm balcão de ferro com rotulas de madeira, mas interiormente he tristonho, sem regularidade e pela maior parte muito velho. »

Era tão velho o edificio, que o Principe Regente D. João, temendo o desabamento da parede que olha para a rua do Carmo, mandou, por segurança, construir dous gigantes ou botavéos que ainda hoje se notam.

Tinha razão o Principe; pois que o primeiro pavimento da antiga casa claustral teria de servir de residencia á Rainha de Portugal, D. Maria II, e o segundo de accommodações de damas, criados e açafatas empregados no serviço de Sua Magestade Fidelissima.

Foram estas as primeiras bemfeitorias executadas no edificio que ficou até 1889 fazendo parte, a principio do palacio real, e depois imperial.

Depois seguiram-se outras modificações internas que não vêm de molde lembrar.

Apesar destes concertos e remendos realizados no primeiro e segundo Imperio, era indecente o local onde tinha séde o Instituto. Visitado por notabilidades extrangeiras, teriam ellas verdadeira desillusão ao contemplar aquelles quartinhos escuros, paredes internas desaprumadas, com signaes de chuva e por toda parte o aspecto tristonho de uma casa em ruinas. E tudo isto para guardar thesouros de inestimavel valor.

Foi essa tambem a impressão que se apoderou do espirito do autor destes subsidios quando, em 1898, por solicitação do Conselheiro Olegario de Aquino e Castro, teve de aceitar o cargo de bibliothecario do Instituto.

O aspecto externo do edificio era então ainda o mesmo descripto pelo Conego Luiz Gonçalves dos Santos, á excepção das rotulas de madeira, ha muito retiradas.

No pavimento terreo notava-se tambem o arco que dava entrada para a celebre ucharia e outras officinas do paço.

Uma estreita porta, collocada do lado da rua da Assembléa, servia de ingresso para o Instituto. Fôra aberta no tempo da Rainha. Subia-se até o primeiro pavimento por uma larga escada, solidamente construida com madeiras do paiz. Por alli descia a Rainha para os seus passeios vespertinos.

Para as salas do Instituto subia-se por estreita escada de tres lances, escura e de degráos já muito gastos. Passado pequeno vestibulo, entrava-se na sala de leitura, que era tambem a das sessões. Alli via-se a grande mesa, em cujo topo e em um estrado sentava-se o Imperador. Neste salão, com tres janellas para a praça, existiam duas portas, uma que abria para pequena sala do lado esquerdo, e outra na extremidade por onde, por um corredor escuro, se penetrava no interior do edificio.

O estuque do salão de leitura estava fendido em diversas partes, ameaçava ruina e deixava passar a agua de algumas gotteiras do telhado.

Na sessão magna de 1899, celebrada em noite tormentosa, chovia até sobre a mesa da sessão, allumiada por grandes candelabros alugados, pois o edificio não tinha illuminação a gaz.

Pois bem, presente o Presidente Campos Salles, este teve de afastar a cadeira em que estava sentado para evitar que a agua lhe cahisse em cima.

Verificou-se mais tarde que os barrotes em que se suspendiam os lustres por occasião das sessões commemorativas estavam de tal fórma carcomidos, que podiam dar logar a sério desastre!

Ao lado do sombrio corredor abriam-se as portas dos quartinhos a que já alludi, escuros, pois a luz vinha de pequenas janellas, cuja esquadria não resistia ao impulso do menor vento. Eram estas dependencias restos das antigas cellas carmelitas.

O que se apontava em melhor estado era o salão denominado de D. Thereza Christina, onde assiduamente se reunia a Commissão do Codigo Civil, presidida pelo Imperador. Eram mais que rudimentares as installações hygienicas. Faltava sempre agua e esta só foi com regularidade obtida quando, por interferencia do Dr. José Americo dos Santos, a repartição competente fez a respectiva canalisação para o edificio.

Cumpre não esquecer que actualmente o Instituto dispõe de dous registros de incendio, collocados na calçada da frente do edificio, providencia esta tomada a pedido do actual 1.º Secretario, depois da visita que, por solicitação do mesmo, fez ao Instituto o digno commandante do Corpo de Bombeiros, Coronel Dr. Feliciano Benjamin de Souza Aguiar.

Reatando o fio do que ficou narrado, direi: eram urgentes as obras de restauração do antigo edificio occupado pelo Instituto.

O Conselheiro Olegario encarregou o consocio Dr. Antonio de Paula Freitas de estudar a questão e apresentar um orçamento das obras, pautado pela mais rigorosa economia.

Tenho á vista o parecer do Dr. Paula Freitas, firmado em 30 de Janeiro de 1900. Foram as referidas obras orçadas em 9:270$000. Da planta apresentada por aquelle engenheiro vêm-se perfeitamente as alterações lembradas para a escada, salões, corredores, pintura, estuque, caiação, forração, etc.

Comquanto as referidas modificações não attingissem ás divisões internas e grossas paredes do edificio, entendeu o Conselheiro Olegario dar de mão a semelhante projecto.

Receiava pôr em risco a solidez da casa, pertencente á Nação, e onde o Instituto, só por emprestimo, exercia suas funcções.

Demais começava a acção proposta ao Governo pela Mitra,

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO
(Antiga fachada)
Rio de Janeiro — Praça 15 de Novembro

que se considerava proprietaria do immovel, situado na antiga praça de Nossa Senhora do Ó, fundando as razões do seu direito em um commodato que vinha do tempo de D. João VI!

Ao tomar posse em 1906, do cargo de 1.º Secretario, comprehendeu o Sr. Max Fleiuss não poder por mais tempo ser posta de lado a completa reorganização material do Instituto.

Obtido o apoio incondicional do Conselheiro Olegario, que ao Sr. Fleiuss autorizou «a fazer o que entendesse, só querendo

saber das obras depois de concluidas», o 1.º Secretario metteu hombros ao commettimento, que a muitos parecia irrealizavel.

Por infatigaveis diligencias, por suas maneiras insinuantes, como disse o Visconde de Ouro Preto, conseguiu o 1.º Secretario que os auxilios promettidos anteriormente ao Instituto fossem augmentados.

Tudo quanto de bom se fez então deve a velha instituição aos Srs. Presidente da Republica, Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, Drs. Leopoldo de Bulhões, Ministro da Fazenda; José Joaquim Seabra e Felix Gaspar de Barros e Almeida, Ministros do Interior.

Na pessoa do Dr. Leopoldo de Bulhões encontrou o Instituto o bemfeitor de que carecia. Acolhido como socio honorario por haver feito varias concessões relevantes, o Dr. Bulhões depois de

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

(Actual fachada)

Rio de Janeiro — Praça 15 de Novembro

ter observado *de visu* o triste estado das installações do Instituto, pediu ao illustre deputado Pandiá Calogeras, membro tambem do Instituto, que apresentasse na Camara dos Deputados uma emenda ao Orçamento do Interior autorizando a despeza de 50:000$000 a fazer-se com as obras no edificio occupado pelo Instituto Historico.

Não parou ahi o interesse do Dr. Leopoldo de Bulhões pela associação: varias vezes veio examinar as obras, mostrando-se sempre plenamente satisfeito.

Ao Dr. Seabra deve tambem o Instituto notaveis serviços. Foi S. Ex.ª quem immediatamente autorizou o contrato das obras e assegurou ao 1.º Secretario Fleiuss um auxilio. Dos Drs. Felix Gaspar e Lauro Müller, então Ministro da Viação, recebeu igualmente o Instituto favores nunca esquecidos. O primeiro, pelo concurso prestado com relação ás novas despezas necessarias e o segundo porque cedeu ao Instituto o espaço sufficiente para a nova escadaria.

Quanto ao Presidente Dr. Rodrigues Alves tornou-se notoria a boa vontade com que adheriu á restauração da vetusta e patriotica aggremiação. Visitou tambem por vezes as obras e ao deixar o mandato, que exerceu com patriotismo, fez a ultima visita ao Instituto, mostrando-se contente por haver concorrido para tão imprescindiveis melhoramentos.

Assignado o contracto das obras entre o engenheiro do Ministerio do Interior, o Dr. Francisco Augusto Peixoto, e o constructor Miguel Bruno, a 19 de Março, logo no dia seguinte tiveram inicio os trabalhos com a demolição de paredes divisorias. Prolongaram-se as referidas obras até principios de Outubro de 1906, embora desde Agosto já o Instituto pudesse celebrar suas sessões na antiga séde e no novo salão.

Como já foi referido, o Instituto aceitou em 13 de Março o offerecimento do então Presidente do Gabinete Portuguez de Leitura, o Commendador José Vasco Ramalho Ortigão, para celebrar as suas sessões no sumptuoso edificio pertencente áquella illustre e patriotica instituição.

D'ora avante ficou o Instituto com uma installação condigna. Não ha luxo, mas conforto e asseio. Já não se terá de córar ante

a presença de algum visitante extrangeiro. Ao contrario do que antes acontecia, não terá elle para o anterior descaso pungentes sarcasmos offensivos ao nosso pundonor.

Enorme é a differença entre o que foi e hoje é o interior do Instituto. Mais adeante daremos rapida noticia das varias dependencias inauguradas em 1906. Por agora cabe-nos commemorar o que no anno seguinte se passou com relação á antiga fachada do Convento dos Carmelitas. Neste referido anno, graças á boa vontade do Presidente da Republica o Dr. Affonso Augusto Moreira Penna, de saudosa memoria, e do Ministro da Justiça e Negocios Interiores, Dr. Augusto Tavares de Lyra, conseguiu o Instituto renovar o frontispicio da sua antiga séde. Dentre os projectos apresentados foi preferido o do Engenheiro civil Hermann Fleiuss, escolhido pelo já referido Dr. Francisco Augusto Peixoto. Calculadas as respectivas despezas, dirigiu-se o 1.º Secretario Perpetuo ao Senado, onde na occasião se discutia o Orçamento do Ministerio do Interior. Obtido o apoio do Conselheiro Ruy Barbosa, foi este coadjuvado pelos Srs. Senadores Nilo Peçanha, Pinheiro Machado, Francisco Glycerio, Urbano de Gouvêa, Rosa e Silva, Alvaro Machado, Indio do Brazil e outros. Obtido o credito de 75:000$000, com elle se levou a cabo a idêa de aformosear um dos predios das principaes praças desta Capital, a primeira a ser procurada pelo extrangeiro que nos visita.

Manda a verdade se confesse, muito tem devido o Instituto nestes ultimos tempos aos altos poderes do Estado. O que tem sido gentilmente obtido, já não basta. A antiga associação carece ainda de maior espaço para bem accommodar suas ricas collecções bibliographicas. Não ha lugar de parede em que se possam collocar vistas panoramicas, quadros historicos ou retratos de socios ou daquelles a quem o mesmo Instituto deve pagar perpetuo tributo de gratidão. É impossivel formar-se uma galeria de brazileiros illustres por lettras, armas e virtudes. Os opusculos, folhetos ou brochuras, se bem que catalogados, estão colleccionados em 486 maços na grande galeria.

A mappotheca, movel de alto preço e de bella construcção

está collocada em um vão, por baixo da escada principal! Augmentam de dia para dia as offertas de livros e jornaes não só do extrangeiro como do Districto Federal e de varios Estados, graciosamente enviados por suas redacções. Estão cheias as prateleiras e não ha onde accommodal-os. Para testemunho do que vae dito basta citar este facto: O digno e operoso consocio, o Sr. André Vernek, fez a importante offerta de 1.323 volumes de livros impressos e opusculos. Pois bem, foi preciso improvisar local para a installação de tão farta e escolhida collectanea.

Impõe-se, portanto, como urgente necessidade a construcção de um edificio adequado ao desenvolvimento constante do Instituto.

É preciso cessar o tempo das concordatas, principalmente agora que o Supremo Tribunal Federal deu ganho de causa á Mitra, mandando por sentença entregar-lhe, como propriedade della, o edificio do convento carmelitano, annexado em 1808 ao Palacio Real.

De difficuldades futuras tirou ao Instituto Historico, em boa hora, o Congresso Nacional.

Pela lei n.º 2.544, de 4 de Janeiro de 1912, ficou o Governo autorizado a despender a quantia de 196:000$000 com a construcção de um edificio proprio destinado ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Vem de molde citar aqui, com relação ao assumpto, os justos conceitos da illustre escriptora brazileira, a Sra. D. Julia Lopes de Almeida.

De uma visita feita ao Instituto, estampou n'*O Paiz* suas impressões. Ao terminar brilhante e suggestiva chronica disse a mesma escriptora:

« Já nada resiste á onda do modernismo e do conforto!

« O proprio passado requer para sua moradia uma installação mais digna de seus meritos; e como cada vez elle será maior, porque o passado é um defunto que engorda com o correr dos annos, é justo que se lhe dê o que elle com tamanha justiça requer. »

§ 8.º

DEPENDENCIAS DO INSTITUTO

A Bibliotheca. — Comprehende a Bibliotheca do Instituto Historico e Geographico Brazileiro as seguintes secções: a de livros encadernados, a de livros in-folio, a de manuscriptos ou do Archivo, a Mappotheca e o Museu. Fórma secção á parte a bibliotheca dos livros doados pelo Imperador e existentes na sala especial que tem o nome de *Thereza Christina.* Esta importante collectanea tem historia separada, a qual será em tempo terminada.

Quem com attenção lêr as actas do primeiro decennio de vida do Instituto e notar o grande numero de offertas recebidas, quer de nacionaes quer de extrangeiros, supporá que a velha associação deve possuir hoje farta e opulenta bibliotheca. Assim seria se com todo o rigor se cumprissem as clausulas do art. 37 dos primeiros Estatutos. Resavam o seguinte: « Os socios terão faculdade de lêr na bibliotheca do Instituto as obras que ahi forem depositadas não só impressas, mas tambem em manuscripto, fazendo dellas os extractos que precizarem, mas nunca levando essas obras para fóra da casa em que estiverem arrecadadas. »

Infelizmente esta ultima exigencia necessaria foi sendo pouco e pouco mal cumprida.

Já nos Estatutos de 1851 lê-se o seguinte no art. 39: « Os socios terão a faculdade de lêr na bibliotheca as obras, quer impressas, quer manuscriptas, ahi depositadas, e fazer os extractos de que precizarem. Outrosim poderão levar alguma dellas para suas casas, de intelligencia com o 1.º Secretario.

« Art. 40 — Haverá um livro de obrigações onde os socios, tanto effectivos, como correspondentes, passarão recibo dos livros que levarem, e nenhum poderá reter em sua mão qualquer objecto por mais de tres mezes. »

De como esta condição foi tambem pouco cumprida existe no archivo um livro pelo qual se póde vêr que obras recebidas por emprestimo jámais voltaram.

Para testemunho do desfalque que se foi operando basta

comparar as actas primitivas com o catalogo confeccionado em 1860 e este com os feitos posteriormente. Assim não é pois de admirar que livros pertencentes ao Instituto andem por mãos alheias, figurem em leilões particulares ou no inventario de colleccionadores de obras raras.

Continuaram, porém, os abusos, aos quaes era preciso pôr barreira, do que cogitam os Estatutos de 1890. O art. 51 declara peremptoriamente — não ser permittida a sahida de livros, mappas, manuscriptos ou objectos do Museu, podendo unicamente a Commissão de Redacção retirar os manuscriptos ou impressos para a publicação na *Revista Trimensal,* ficando uma nota dos mesmos manuscriptos ou impressos, datada e assignada por qualquer dos membros da commissão ».

Mas já em 1892, referem as actas, continuou com seus máos resultados o conhecido systema de tolerancia. Em cumprimento da lei, o obscuro signatario destes subsidios teve de lutar com as exigencias de alguns Srs. consocios. Felizmente teve o bibliothecario do Instituto o apoio do Presidente, Conselheiro Olegario, que sempre approvou o procedimento do mesmo bibliothecario. Felizmente o mal ficou hoje de todo sanado pelas prescripções da reforma de Estatutos de 1906. Só á Commissão de Redacção é permittida a retirada de livros e manuscriptos, obedecendo, porém, ás clausulas impostas pelo art. 57 da precitada reforma.

Por muito tempo foi a bibliotheca do Instituto privativa dos socios; mais tarde, porém, foi ella franqueada a alguns consultantes, mediante autorização de ingresso do 1.º Secretario, H. Raffard. Quando tomei posse do cargo de bibliothecario era muito diminuto o numero de consulentes.

De 1898 em diante tornou-se publica sem restricções a consulta, sendo então muito frequentado este departamento, quotidianamente, por notabilidades litterarias, jornalistas, medicos, advogados, sacerdotes, engenheiros, estudantes e artistas, como tudo consta dos relatorios annuaes dos primeiros secretarios.

É o acervo da Bibliotheca, comprehendendo a primeira e segunda secções, constituido por cerca de 30.000 volumes (não contando o *stock* das revistas), competentemente catalogados por

meio de cartões, de sorte que entre o pedido do consulente e o encontro da obra medeiam apenas alguns minutos.

Não é completa a bibliotheca do Instituto. Por deficiencia de meios a associação durante longo tempo não fez acquisição de obras necessarias. Contentava-se com as que lhe eram offerecidas.

Ultimamente, porém, têm-se comprado obras modernas importantes e o Secretario Perpetuo trata de pouco a pouco adquirir obras raras sobre a historia e geographia do Brazil, para com ellas constituir completa collecção.

As obras encadernadas estão collocadas, grande parte, na Sala Pedro II, em 27 altas estantes com 7 prateleiras cada uma. Outra parte figura nas estantes da grande galeria de 60 metros que corre pela parte posterior do edificio. Nesta galeria, construida em 1906, estão hoje collocados os bustos dos Viscondes de S. Leopoldo de Sapucahy, do Bom Retiro, do Barão de Santo Angelo, de Varnhagen (Visconde de Porto Seguro), Gonçalves Dias, Dr. Joaquim Manoel de Macedo, Conego Fernandes Pinheiro, Joaquim Norberto, Senador Candido Mendes, Conego Marinho e Dr. João Mendes de Almeida.

Contam-se nesta galeria, com installação de luz electrica e gaz, como as demais dependencias do Instituto, 73 grandes estantes feitas em 1906. Tornando-se estas installações insufficientes, foram preparadas mais 16 pequenas, as quaes se acham collocadas nos vãos das janellas que olham para a antiga cerca dos Carmelitas.

Como se deduz de todo o referido, a Sala de Leitura ou Pedro II soffreu tambem modificações em todo o seu mobiliario. É um salão amplo, decente e arejado, onde a luz entra por tres grandes janellas que deitam para a actual praça Quinze de Novembro.

No topo da sala notam-se além dos antigos bustos de D. Pedro II, do Conego Januario e do Marechal Cunha Mattos, um magnifico retrato do Imperador, tirado a *crayon* do natural, obra do artista Valle e adquirido em 1911 pelo 1.º Secretario Perpetuo.

Nas paredes lateraes vêem-se, além de um quadro offerecido pelo General Thaumaturgo de Azevedo, representando a familia

imperial do Brazil, retratos do Visconde de Jurumirim, João Francisco Lisboa, Varnhagen, Saint-Hilaire, Marechal Jardim, Roberto Southey e Ferdinand Dénis, o amigo do Brazil e dos brazileiros, sobre o qual escreveu ha pouco suggestivo artigo o Dr. Escragnolle Doria, membro do Instituto.

Além da cadeira historica, o Instituto conserva como lembrança do Imperador a grande mesa de leitura, generosa offerta do protector do Instituto. Eis o que se encontra a respeito no prologo do livro elaborado pelo 1.º Secretario Henrique Raffard, no já tantas vezes citado livro Homenagem : « Neste anno de 1881 contribuiu o Imperador com cerca de tres contos de réis para pagamento da mesa, das estantes e armarios, assim como das caixas de folha, nas quaes tinham de ser conservados os manuscriptos. O apparelhamento da bibliotheca e as compras das mobilias feitas anteriormente o foram igualmente a expensas do Augusto Protector do Instituto, que foi tambem quem mandou fornecer os castiçaes e serpentinas usados em todas as sessões, etc. » Destas primeiras offertas ainda conserva o Instituto alguns escabellos de gosto grego, moveis muito apreciados pelos entendedores, por terem pertencido ao palacio real no tempo de Dom João VI.

Até 1859 os livros pertencentes á Bibliotheca do Instituto não estavam catalogados. Naquelle anno o 1.º Secretario Conego Dr. Fernandes Pinheiro, foi autorizado a contractar com pessoa competente aquelle util e necessario serviço. Fel-o com o bibliographo Francisco Antonio Martins, que desta incumbencia se desempenhou em menos de um anno. Assim o declarou o 1.º Secretario interino, Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras, em sessão de 15 de Dezembro de 1860 : « Zelosa a nossa Secretaria do augmento, fiscalização e methodo da nossa rica bibliotheca, alcançou o nosso prestimoso consocio Dr. Conego Fernandes Pinheiro autorização para organizar e publicar um catalogo minucioso e systematico do nosso cabedal bibliographico e eu, a impressão de livros regulares e insuspeitosos para sahida e entrada das obras e mappas que o compõem. Uma e outra medida acham-se executadas e póde o Instituto chamar a si a gloria de ter realizado em menos de um anno, com a perfeição possivel, um me-

lhoramento que por longo tempo foi esperado e que só se deve ao zelo do seu 1.º Secretario e á dedicação nunca desmentida do intelligente e honrado empregado Francisco Antonio Martins. » Tem por titulo este trabalho: *Catalogo dos livros da Bibliotheca do Instituto Historico e Ethnographico Brazileiro.* Rio de Janeiro. Typ. de Domingos Luiz dos Santos, travessa do Ouvidor numero 20, 1860. Consta de VI pags. de introducção, 203 numeradas, XXII. Foram catalogadas 1.842 obras, incluindo jornaes politicos e litterarios e 128 mappas, cartas, plantas, planos de batalha, etc.

Neste catalogo os livros são divididos em tres classes: Communs, Raros e Rarissimos. Os raros estão marcados com o signal * e os rarissimos ⨯ ⨯. Os destas duas ultimas classes, nunca poderiam sahir da bibliotheca. Apezar de estar isto provenido em lei estatutaria, foram estas preciosidades desviadas de seu lugar e a elle jámais voltaram!

Até 1860 não teve o Instituto funccionario especial encarregado da bibliotheca e archivo.

Limitados como até então foram os rendimentos da associação por muito tempo, teve esta reduzido pessoal de empregados. Eram: um cartorario ou escripturario, um porteiro e um agente da Thesouraria ou cobrador.

Findo, porém, o catalogo organizado por Francisco Antonio Martins, foi este nomeado bibliothecario do Instituto, cargo em que se manteve até o dia de seu fallecimento, occorrido em 12 de Setembro de 1890.

Deste antigo funccionario escreveu o Barão Homem de Mello interessante noticia biographica, impressa no tomo LXII da *Revista,* parte 2.ª, pags. 277-282.

Nascera Martins no mar, mas em aguas brazileiras. Desde moço manifestou decidida vocação para conhecer tudo que se referia á Historia e Geographia do Brazil. Desde então, disse o illustre biographo, Martins começou a colleccionar periodicos, folhetos e publicações sobre o nosso paiz.

O Barão Homem de Mello confessa publicamente a variedade e extensão dos conhecimentos bibliographicos do velho Martins, chronica viva de pessoas e factos antigos. « Em assumptos de bibliographia brazileira era Francisco Antonio Martins a nossa

primeira autoridade. Qualquer consulta que sobre essa materia lhe era dirigida, recebia immediata solução, trazendo elle logo o livro ou edição respectiva tudo elucidando, taes ainda as formaes palavras do Barão Homem de Mello.

Narra tambem este illustre paladino das lettras o seguinte facto: Martins habitava com sua familia um aposento no edificio da Bibliotheca Fluminense, da qual o provecto bibliographo era tambem bibliothecario.

O Imperador D. Pedro II resolveu visitar em 1889 aquella importante instituição. Fel-o, demorando-se por muitas horas, examinando as principaes obras e collecções de jornaes. Tomando então o livro de visitantes, D. Pedro II nelle escreveu as seguintes palavras: « *Indocti discant, ament meminisse periti.* » Antes de retirar-se, o monarcha foi ao compartimento habitado pela familia de Martins, entrando com esta em amistosa palestra.

Ao bibliothecario do Instituto e tambem da Bibliotheca Fluminense deveu a nossa litteratura uma segunda edição das *Noticias Curiosas do Brazil e Chronica da Companhia de Jesus,* obra do Padre Simão de Vasconcellos.

Esta segunda edição, que veio a lume em 1864, appareceu com uma introducção e notas historicas e geographicas escriptas pelo Conego Dr. J. Caetano Fernandes Pinheiro, cujo nome tem sido por tantas vezes citado nestes subsidios.

Fallecera Francisco Antonio Martins em época de crise financeira para o Instituto. Em sessão de 26 de Setembro de 1890, o thesoureiro Conselheiro Alencar Araripe propunha que se suspendesse o exercicio do bibliothecario e do escripturario, permanecendo sómente o porteiro do Instituto, até que, melhorando suas condições financeiras, pudesse executar-se o art. 45 dos novos Estatutos.

Parecerá á primeira vista inexplicavel semelhante proposta. O thesoureiro para equilibrar o orçamento propunha semelhante medida economica, é certo, porém, que por esse tempo era dispensavel o cargo de bibliothecario, pois quem o exercia era o proprio thesoureiro, o qual quotidianamente vinha ao Instituto, nelle se demorava por muitas horas, trabalhando em catalogos como adiante se verá.

Na nota para o orçamento de 1891 encontro a quantia de 1:200$000 marcada como vencimento do escripturario servindo de bibliothecario. Parece, pois, que a precedente proposta do Conselheiro Araripe foi em parte posta em execução e esta tão sómente com relação ao cargo de bibliothecario.

Melhor do que nós, pinta o estado da bibliotheca do Instituto em 1891 a allocução proferida na primeira sessão desse anno pelo Presidente Joaquim Norberto: «Com o accrescimo que tem tido a bibliotheca, o archivo, a cartatheca, o museu e o deposito das revistas sem lugar para trazer tudo em ordem, inventariado e catalogado, é impossivel dar ao Instituto a ordem conveniente a um estabelecimento de seu genero, que precisa de um logar para cada cousa, bem como ornamentado convenientemente juntando o util ao agradavel, de modo a ser visto por nacionaes e extrangeiros.

O que contentava aos nossos antepassados já não nos contenta. Convem pois, melhorar tudo e na phrase do Sr. Conselheiro Corrêa conservar o que nos deixou a incuria.

O auxiliar do secretario Joaquim Borges Carneiro, apezar de suas quasi quotidianas promessas, não compareceu até hoje para se empossar no lugar e dar começo ao catalogo.

Ajudado pelo escripturario Adolpho Garcia, comecei a estudar o que havia a esse respeito para aproveitar o trabalho feito pelo bibliothecario Francisco Antonio Martins, mas, creio que o que existe se resume a um pequeno numero de livros, sendo o methodo seguido o peior possivel.»

Fallecendo o Presidente Joaquim Norberto, occupou o seu lugar o 1.º Vice-Presidente Conselheiro Olegario.

Este, em sessão de 8 de julho de 1891, depois de uma curta exposição sobre o estado em que se achava a bibliotheca do Instituto, lembrava a conveniencia de ser contratada pessoa habilitada para reorganizar a bibliotheca, fazendo o respectivo catalogo e accrescentava que a mesa havia encarregado o Sr. Thesoureiro de se entender nesse sentido com o Dr. Antonio de Castro Lopes.

O Sr. Thesoureiro Conselheiro Araripe respondeu haver fallado com o mesmo doutor, o qual acceitara a incumbencia. Foi este serviço contratado mediante a quantia de 200$000 mensaes.

Dando por finda sua missão, o Dr. Castro Lopes entregou ao Instituto o trabalho de catalogação. Foi este impresso em 1893 aqui no Rio de Janeiro, na *Companhia Typographica do Brazil*, rua dos Invalidos 93. Em uma advertencia lê-se o seguinte:

« Este catalogo não comprehende: 1.º, as obras não encadernadas, que aliás são em avultado numero; 2.º, as obras doadas pelo finado ex-Imperador, que devem constar de catalogo especial; 3.º, as obras manuscriptas que constam de catalogo especial, com additamento; 4.º, os mappas geographicos, que formam catalogo especial ».

Do referido se conclue que a catalogação apenas se limitou á sala Pedro II, onde, então, o Instituto celebrava suas sessões.

Está esse catalogo dividido em 51 chaves de classificação e comprehende 4.325 livros repartidos por 17 estantes. Os livros tinham cada um seu numero de ordem, a estante e a prateleira em que se achavam collocados.

Houve quem taxasse o catalogo do Dr. Castro Lopes de trabalho sem importancia, simples relação de livreiro e muito áquem do que se esperava dos talentos e proficiencia litteraria do mesmo Dr. C. Lopes. E' uma injustiça. Havia urgencia, e o que fez o Dr. Castro Lopes foi em virtude do contracto celebrado.

Em todo caso, este catalogo sem minuciosas notas bibliographicas ou historicas, prestou durante muito tempo bons serviços, pela facilidade com que a obra pedida pelo consultante era promptamente apresentada, apezar da falta de um indice de autores.

Tão conhecida é a biographia do Dr. Antonio Castro Lopes, que nos dispensamos de dar particularidades sobre sua vida tão cheia de serviços á patria, no terreno das sciencias, das lettras, e á educação da mocidade.

Em Setembro de 1893 fallecia o escripturario Pereira Garcia, a cuja guarda estavam a bibliotheca e mais objectos de valor pertencentes ao Instituto.

Até Janeiro do anno seguinte, de 94, tudo isto ficou confiado aos cuidados do porteiro, unico empregado que então existia!

Para o lugar deixado por Adolpho Garcia, foi nomeado Bruto Belli di Leonardi, que então procedia á revisão e classificação dos livros dados pelo Imperador.

Em sessão de 19 de Agosto de 1894, communicava o Presidente do Instituto achar-se vago o lugar de escripturario e que a mesa nomeara Francisco Martins Guimarães, com o vencimento de 120$000 mensaes. A cargo, pois, do novo funccionario continuou o serviço da bibliotheca, archivo, museu e tambem da secretaria.

Pouco tempo depois (30 de Setembro de 94), apresentava o General Dr. João Severiano da Fonseca uma proposta cujo principio era o seguinte: « Estando na consciencia do Instituto, que, devido sobretudo á sua escassez de meios, se deve o estrago que vae tendo a sua bibliotheca, por não se ter podido conserval-a como fôra de mister, já pelo estrago, já pelo extravio de livros e documentos e isso devido á falta de pessoal apropriado e responsavel, certo o Instituto de que essa conservação é imprescindivel e inadiavel e tão urgente que não ha sacrificio que se não deva fazer, porquanto trata-se de salvar parte de riquissimo cabedal de sciencia e de importantes e valiosissimos documentos da historia patria, convencido de que o serviço especial da secretaria é por si só sufficiente, senão demasiado para pretender-se de seu digno funccionario o encargo e responsabilidade da bibliotheca, archivos e museu, resolve crear a mesa administrativa o lugar de bibliothecario. » O exercicio deste cargo era por dez annos, ficando o funccionario responsavel pelas faltas, repondo o objecto que faltasse ou seu equivalente em moeda, faria um regulamento para sua repartição.

Devia organizar o catalogo methodico e receber do 1.º Secretario livros e objectos. Poderia dispensar nos seis primeiros mezes até 500$000 e depois 300$000 mensaes, servindo com esse funccionario um conservador e dous serventes, etc.

Esta proposta foi remettida ás Commissões de Redacção e de Orçamento, sendo relator o Conselheiro Araripe. Este em longo parecer, provou que a approvação da proposta acarretaria para o Instituto grande despeza e que o orçamento do Instituto não a comportava. Ficou, pois, adiada a discussão da proposta do General Severiano da Fonseca.

Por essa occasião, o consocio major Gomes Neto offereceu-se para servir gratuitamente o cargo de bibliothecario, comtanto

«que se lhe désse no edificio um commodo necessario, independente e decente, pois que para seu sustento diario tinha os recursos necessarios.»

Parece que o offerecimento do major Neto não foi tomado em consideração, porquanto, segundo depois observamos, o Instituto não poderia dispor, naquella época, de aposento conveniente para residencia do desinteressado offertante.

Continuou, pois, o serviço da bibliotheca como dantes. Em sessão, porém, de 3 de Fevereiro de 1896 declarava o Presidente, Conselheiro Olegario, ser urgente necessidade a creação do lugar de «bibliothecario-archivista» do Instituto. Lembrou para esse cargo o Coronel Joaquim da Costa Mattos. Discutido o assumpto, foi a proposta approvada. Ao nomeado foi marcada a gratificação annual de 3:000$000. Serviria sob a direcção do 1.º Secretario. Ficou tambem o Presidente encarregado de formular o regulamento provisorio das attribuições e deveres do bibliothecario, devendo a Commissão de Estatutos apresentar em tempo o regulamento definitivo para ser discutido e approvado. Esse regulamento provisorio foi apresentado em sessão de 8 de Março de 1896 e enviado á referida commissão.

O Coronel Costa Mattos entrara em exercicio em 10 de Fevereiro. Exerceu o cargo até Dezembro do anno seguinte, como se lê na acta de 6 de Dezembro desse anno, em que o 1.º Secretario participava haver o Coronel Mattos pedido exoneração.

Durante esse lapso de tempo o referido coronel, como mais tarde veremos, lembrou de fazer parte do catalogo das obras doadas pelo Imperador, servindo-se das simples listas organizadas por Bruto Belli di Leonardi, auxiliado por seu filho.

Em sessão de 6 de Março de 1898 foi proposto pelo presidente, Conselheiro Olegario, e unanimemente aceito, o Dr. José Vieira Fazenda, para exercer o logar vago de bibliothecario. No dia seguinte tomou posse o nomeado. Quando ainda houver de tratar da generosa doação feita por D. Pedro II, o autor destes subsidios mostrará quaes os seus primeiros serviços ao gremio, o qual, ha 13 annos, lhe tem prestado a maior consideração e estima.

O que tem feito o actual bibliothecario consta dos discursos

dos presidentes e oradores do Instituto, bem como dos relatorios dos primeiros secretarios. Nas palavras destes illustres cavalheiros ha sempre a exaggeração propria da benevolencia e da gentileza.

Quando em 1906 o Instituto passou por modificações radicaes, foi mister tambem attender á bibliotheca e suas dependencias.

Procedeu-se pouco a pouco a novo catalogo e á collecção dos livros nas novas estantes, então adquiridas. Foi adoptado como mais facil para o serviço de consultas o systema de cartões, inaugurado na Bibliotheca Nacional pelo então director Dr. Ramiz Galvão.

De cada obra ha dous cartões: um com o titulo e outro tendo o nome do autor, com os appellidos por que elle é conhecido.

Por generosa offerta do illustre consocio Dr. Oliveira Lima, tem o Instituto para seus livros um «ex-libris», feito em Bruxellas. Representa uma bella figura de mulher com os symbolos da historia e da geographia. Está sentada junto a um terraço, em cujo parapeito se vêem as armas da Republica. Ao fundo a bahia do Rio de Janeiro, vendo-se o Pão de Assucar e uma caravella, para lembrar a descoberta dessa bahia em 1502. Em uma orla circular a inscripção «Instituto Historico e Geographico Brazileiro». No fecho dessa orla as armas do Imperio e a data de 1838.

§ 9.º

MAPPOTHECA

O inventario regular e methodico dos mappas do Instituto só foi levado a cabo em 1885. Com effeito, neste anno appareceu um trabalho impresso na Typographia Perseverança, rua do Hospicio n.º 85, Rio de Janeiro.

Tinha por titulo *Catalogo | Das | Cartas Geographicas, Hydrographicas, Planos e Vistas | Existentes | Na Bibliotheca do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico Brazileiro.*

Consta de 118 paginas de texto, incluindo o indice alphabetico dos autores e tres de introducção.

Sobre esta catalogação, assim se exprimiu o 1.º Secretario do Instituto, Dr. Moreira de Azevedo, na sessão anniversaria de 15 de Dezembro de 1885:

« Publicou o Instituto o catalogo dos seus mappas, organizado pelo antigo e intelligente empregado Francisco Antonio Martins.

Feito segundo as exigencias bibliographicas, mostra este trabalho não só a competencia daquelle empregado, como o adiantamento da nossa cartographia, e póde prestar valioso auxilio áquelles que se dedicam ás sciencias geographicas, encontrando ahi o inventario de muitos mappas brazileiros. »

Entretanto, o Barão Homem de Mello, na *Noticia Biographica sobre Martins,* fazendo o elogio deste, escreveu:

« Tive occasião de melhor conhecer a variedade e extensão de seus conhecimentos bibliographicos, quando em 1881 organizei o Catalogo dos Mappas Geographicos do Instituto. Para este trabalho prestou-me o mais valioso concurso, que mais uma vez me felicito de tornar saliente. »

Que o trabalho de 1885 é de summa importancia; basta analysar o seu contexto. Foram catalogados 540 mappas, cartas, etc., distribuidos por VI secções e estas divididas em sub-secções, das quaes salientarei as que se referem ao Brazil, tanto ás antigas provincias como ás Cartas Geraes e Atlas, Cartas parciaes, Cartas e Limites do seu vastissimo paiz. Occorre tambem uma sub-secção referente á Guerra do Paraguay. Falta-me espaço para mostrar os thesouros de cartographia patenteados e commentados nessa vasta collectanea. Sirvam apenas de exemplo o *Atlas em lingua Catalã, o mappa-mundo de Fra Mauro,* 1459, o *Atlas organizado pelo Visconde de Santarem, as cartas da Guyana Franceza, Ingleza e Hollandeza, do Chile, Argentina, Estado Oriental e Paraguay, do Livro Que Dá Razão do Estado do Brazil,* preciosidade offerecida por D. Pedro II, contendo 22 cartas e 16 folhas de texto, os *Atlas do Brazil de Candido Mendes de Almeida e de Homem de Mello* (1.ª edição), *os trabalhos de Capassi, Niemeyer, Bellegarde, Xavier de Brito, Beaurepaire Rohan, de Mouchez,* etc., etc., e para terminar o grande mappa da *Capitania do Rio de Janeiro, mandado organizar pelo Conde da Cunha e feito por Manoel Vieira de Leão.*

Á proporção que iam depois sendo offerecidos outros mappas foram estes sendo catalogados em relações não publicadas.

Em 1906 tratou-se tambem da mappotheca. Todos os mappas, cartões, plantas, foram catalogados mediante cartões, sendo aquelles cuidadosamente guardados em um movel especial.

§ 10.º

ARCHIVO

Este importantissimo departamento da bibliotheca andou por muito tempo descurado. Fracassára o arranjo feito pelo socio Varnhagen. Manuscriptos, documentos raros e curiosos andavam a granel, sem um inventario ou catalogação necessarios e imprescindiveis. Tambem de pouco serviriam elles pela ausencia de consultantes estranhos ao Instituto, mesmo porque o Instituto não era aberto todos os dias. Dizia-se que este, como o avarento, guardava thesouros e os furtava á vista dos curiosos.

Desta situação inexplicavel foi tirado o velho gremio pela actividade scientifica do Conselheiro Alencar Araripe. Este operoso consocio, em 1884, publicára na Typographia Perseverança, da rua do Hospicio n.º 85, Rio de Janeiro — *O Catalogo dos Manuscriptos do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, existentes em 31 de Dezembro de 1883. É dividido em Quatro Partes, 1.ª Biographias. 2.ª Documentos. 3.ª Memorias. 4.ª Poesias.*

Na 1.ª foram catalogados 67 manuscriptos, na 2.ª 817, na 3.ª 908, na 4.ª 55.

Segue-se extensa lista de papeis e livros do archivo da secretaria, divididos pela seguinte maneira : *Natureza dos papeis — Avisos do Governo Imperial — Cartas de socios e varias outras pessoas — Contas da Receita e Despeza do Instituto nas thesourarias de José Lino Moura, Thomé Maria da Fonseca, Antonio Alvares Pereira Coruja, Conselheiros Olegario e Alencar de Araripe — Officios de Presidentes de Provincia — Pareceres das commisões — Propostas para socios — Eleições,* etc., etc.

É interessante e suggestiva a exposição feita pelo Conselheiro Araripe sobre o methodo usado no seu precitado catalogo

dos manuscriptos (*Revista*, tomo XLVII, 1884, pags. 547-552). Por ahi se vê que a collecção desses manuscriptos foi, a principio, em gavetas, depois em latas, mais tarde em armarios. Hoje voltou-se ao systema de latas de folha de Flandres, contendo substancias destruidoras da traça. Convem não esquecer: O Dr. Moreira de Azevedo publicou tambem em 1884 *A Relação dos Autographos e Originaes do Instituto Historico*, contidas em 10 maços.

Em 1889 publicou o Conselheiro Araripe, na Typographia Laemmert & C.ª, rua do Ouvidor 66, o 1.º additamento ao catalogo de 1884.

Dividiu-o tambem em quatro partes. Sommados os manuscriptos de ambos os catalogos, vê-se que os dous abrangem 2:277 manuscriptos, sendo 80 biographias, 996 documentos, 1.196 memorias e 55 poesias. « Muitos desses manuscriptos são de grande valor, dizia em 1889 o Conselheiro Araripe, como conhecerá quem os consultar, já pela importancia das noticias, já por sua raridade, o que assás inculca não ter sido infructifera a diligencia dos nossos predecessores e dos nossos actuaes consocios. »

Estão de pé ainda hoje as palavras do grande benemerito. Dellas dão constante testemunho os que frequentam a bibliotheca do Instituto, em busca de informações, de elucidar duvidas historicas e geographicas e esclarecer questões de propriedade, de usos, costumes, e até as que se referem simplesmente ás bellas artes.

Por falta de espaço e de accommodações, os manuscriptos, depois de relacionados, eram a principio guardados em saccos, retirados daqui para ali, conforme o exigiam as aguas das chuvas cahidas do telhado !

Desde 1907 que se procede á catalogação geral de todos os manuscriptos, por meio tambem de cartões, tendo um o nome do manuscripto e outro o nome de quem o escreveu. Abandonou-se a classificação do Conselheiro Araripe, de documentos e memorias, de sorte que actualmente ha facilidade em encontrar o que é pedido pelo consultante.

É pequeno o espaço destinado ao Archivo, que tende a augmentar.

Ainda no anno de 1911 foram encontrados cerca de 5.000 autographos guardados no archivo particular da Secretaria.

Foi preciso catalogal-os com commentarios resumidos. Ia adiantado esse trabalho quando fui interrompido para dar principio a estes subsidios.

Terminada aquella catalogação, é intento do 1.º Secretario Perpetuo mandar imprimir os cartões, de módo a ficar constituido o catalogo systematico de todos os manuscriptos pertencentes ao Instituto até essa data, os quaes presentemente attingem a cerca de 20.000.

§ 11.º

MUSEU

Cogitaram, em boa hora, os fundadores do Instituto da creação de um departamento em que fossem depositados objectos curiosos, moedas e medalhas.

A falta de adequado aposento, a pouca segurança do que fôra destinado a esse Museu explicam o desapparecimento de muitas curiosidades de que se vê privado hoje o Instituto Historico.

Não inventamos. O que fica dito é apenas éco das palavras de alguns presidentes e secretarios. Arrumados sem ordem e methodo os objectos do Museu, que poderia ser hoje notavel por suas variedades, é relativamente pobre, tendo-se em conta o muito que pelos socios foi offerecido para o enriquecer.

Foi para evitar o total descalabro do Museu que em 1885 o infatigavel 1.º Secretario Dr. Moreira de Azevedo metteu hombros á empreza de inventariar os *Objectos do Museu.* Delles organizou um catalogo que occorre no tomo XLIX, 2.ª Parte (1886). Quem lê este minucioso repositorio vê, com pezar, é bom repetir, que muitos objectos offerecidos durante grande lapso de tempo não figuram no precitado catalogo.

Em sessão de 28 de Abril de 1893 o socio Henrique Raffard apresentou os catalogos dos objectos existentes no Museu das moedas, organizadas graciosamente pelo consocio Commendador João Xavier da Motta. Este trabalho foi enviado á Commissão de Redacção para o fazer imprimir.

Ignoro os motivos por que não foi levada a effeito semelhante resolução. E mais curioso é o seguinte: o manuscripto não voltou ao archivo para ser consultado e servir de verificação. Por mais pesquizas por mim empregadas jámais pude lobrigar o trabalho feito por pessoa competente como era o Commendador Motta.

Terminadas as obras interiores do Instituto em 1907, verificou-se que apezar do maior cuidado entrara tambem a desordem no pequeno Museu do Instituto. Mister foi fazer um novo e minucioso inventario, do qual se encarregou o Dr. Norival Soares de Freitas, que da Europa regressara, depois de ter galhardamente cumprido a missão de percorrer os archivos de Portugal, em busca de documentos para a nossa historia. O actual 1.º Secretario Perpetuo aguarda opportunamente para mandar imprimir o trabalho do Dr. Norival.

Occupa o Museu pequena sala, em que está tambem o archivo dos documentos.

As moedas e alguns objectos menores estão guardados em um grande armario. Outros, por falta de espaço, estão collocados pelo chão. Ainda outros mais preciosos ficam fóra do Museu, guardados em um cofre de segurança, existente no gabinete do 1.º Secretario Perpetuo.

Felizmente encontrou-se espaço para no Museu collocar-se um movel de gosto moderno e adrede preparado para o *Mascario*.

É esta uma secção muito apreciada pelos visitantes, que com verdadeira admiração contemplam as mascaras tiradas dos cadaveres de grandes homens, taes como: José Bonifacio de Andrada e Silva *(o Velho)*, Antonio Carlos, Francisco Manoel da Silva, Drs. Pertence, Dias da Cruz, Joaquim José Ignacio (Visconde de Inhaúma), Zacharias de Góes e Vasconcellos, o celebre baixo João dos Reis, Padre José Mauricio Nunes Garcia, Miguel de Frias Vasconcellos, Conego Barbosa Franco, Evaristo Ferreira da Veiga, José Antonio da Silva Maia, Conego Marinho, Napoleão Bonaparte, Visconde do Rio Comprido, Joaquim de Barros Cabral, etc.

Entre as preciosidades do Museu, basta citar o craneo do homem primitivo da Lagoa Santa, enviado ao Instituto em 1844 pelo Dr. Lund.

Quando o Instituto houver de dispôr de casa sua, construida com todas as exigencias modernas, poderá até com facilidade em seu recinto reservar espaço para um museu de arte retrospectiva brazileira.

§ 12.º

ARCA DE SIGILLO

Em sessão de 9 de dezembro de 1847 apresentou o Dr. Francisco Freire Allemão a seguinte proposta:

« Proponho que no Instituto haja uma arca fechada com duas chaves, uma das quaes guardará o Ex.mo Ministro do Imperio ou o Director do Archivo Publico Nacional, para que nella se conservem debaixo de sigillo as noticias historicas contemporaneas que alguem queira enviar ao mesmo Instituto, noticias que virão lacradas em cartas e só serão abertas no tempo que seu autor o determinar. »

Eis a origem da chamada *arca de sigillo*, da qual cogitam os Estatutos. Foi approvada a referida proposta e enviada a uma commissão especial afim de apresentar parecer sobre o melhor meio de levar a effeito.

A commissão composta dos Drs. Freire Allemão, Manoel Ferreira Lagos e Manoel de Araujo Porto-Alegre leu o competente parecer em sessão de 16 de Fevereiro de 1850. Optava pela creação de um deposito particular para os escriptos cuja publicação não se devia fazer antes de um tempo determinado.

Entrava em longas considerações acerca da utilidade da *arca de sigillo*, sobre a qual accrescentava: « Vai ser o deposito da consciencia intima de muitos escriptores que não levarão á sepultura verdades essenciaes á historia do nosso paiz; vai ser o juiz posthumo do caracter de todos os actores principaes da scena do nosso mundo e revelar factos que tornariam a historia obscura, forçando os escriptores a tactearem no mundo das conjecturas e das probabilidades. Além d'isto, o temor dos escriptos secretos, da divulgação de crimes documentados e o presentimento de uma funesta herança para os descendentes daquelles que souberam illudir os seus contemporaneos, fará com que

muitos homens recuem e procedam mais assizadamente nos seus actos, alistando-se de preferencia no mundo do idealismo, no dominio da razão, do que num pernicioso e temporario individualismo. »

Occorrem na acta de 30 de Agosto de 1850 os 16 artigos regulamentares da *arca de sigillo,* apresentados pela commissão, os quaes são com pouca differença os mesmos que regem o assumpto, como se poderá verificar com as ulteriores reformas estatutarias.

Parecia á primeira vista que desde logo deviam affluir memorias que seriam depositadas na *arca de sigillo.*

Tal, porém, não aconteceu. Percorrendo as actas de diversos annos chega-se á conclusão de que quem primeiro se serviu da referida arca foi o Conselheiro Manoel Francisco Corrêa. Em sessão de 26 de Setembro de 1890, este illustre e saudoso consocio apresentava um envolucro lacrado que devia ser guardado na *arca de sigillo* para ser aberto tres mezes depois de seu fallecimento. Em 10 de Outubro deste mesmo anno apresentou o mesmo Conselheiro outro envolucro que devia ser retirado da arca logo depois da morte do Imperador D. Pedro II.

Ainda em sessão de 3 de Março de 1893 o Commendador José Luiz Alves entregou ao Presidente Conselheiro Olegario, em nome do Sr. Conselheiro Corrêa, mais outro envolucro lacrado para ser guardado na *arca de sigillo* e o qual seria aberto quando o mesmo Conselheiro deixasse de ser Presidente do Tribunal de Contas.

Com as formalidades regulamentares foi o primeiro envolucro aberto em sessão de 5 de Março do 1906. Era uma extensa memoria que foi fielmente publicada no tomo LXXIII, Parte 2.ª, pags. 7-34.

O segundo envolucro foi aberto e lido na sessão de 8 de Abril de 1892. E' um exemplar da obra de E. de Pressencé — *Les Origines,* annotado, a lapis, pelo Imperador e por este offerecido ao Conselheiro Corrêa, o qual sobre o livro escreveu tambem algumas considerações. Estas e as anteriores foram reproduzidas no Tomo LV, Parte 2.ª, pag. 13.

O terceiro foi retirado da arca em 30 de Setembro de 1894 e na sessão desse dia o Presidente Olegario procedeu á leitura do conteúdo. Como de praxe, essas memorias foram remettidas ás

commissões para sobre ellas dar parecer, como consta das competentes actas.

Em sessão de 26 de Agosto de 1892 foi lido um officio do Visconde de Taunay pedindo para, preenchidas as diversas prescripções, serem guardados na *arca de sigillo* do Instituto quatro volumes que, junto remettia, contendo as *Memorias* que havia escripto e continuaria a escrever, devendo ser abertos e publicados depois do anno de 1943.

Esses preciosos autographos estão com todo o cuidado guardados em um cofre de segurança.

§ 13.º

DOAÇÃO DO IMPERADOR

Com relação a este assumpto encontram-se valiosos subsidios nas actas do Instituto, das quaes consta o seguinte:

Em sessão ordinaria de 31 de Julho de 1891 o Presidente do Instituto, o Conselheiro Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro communicou haver recebido, por intermedio do Conselheiro Dr. José da Silva Costa, o officio do teor seguinte:

« Il.mo e Ex.mo Sr. Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro. Em nome de Sua Magestade o Imperador, e conforme suas ordens, peço a V. Ex.a, que, de accôrdo com os Ex.mos Srs. Visconde de Taunay, Visconde de Beaurepaire Rohan e Dr. João Severianno da Fonseca, se sirva separar dentre os livros do mesmo Augusto Senhor, aquelles que possam interessar ao Instituto Historico, afim de fazerem parte da respectiva bibliotheca, devendo esses livros ser collocados em lugar especial com a denominação de D. Thereza Christina Maria; sendo os outros livros destinados á Bibliotheca Nacional, que os collocará em lugar especial tambem e com igual denominação. Sua Magestade dôa, além d'isso, ao mesmo Instituto o seu museu, no que tenha relação com a ethnographia e a historia do Brazil; destinando ao Museu do Rio de Janeiro a parte relativa a sciencias naturaes, a mineralogia, bem como os herbarios, o que tudo deve ser collocado em lugar especial sob a denominação de Princeza Leopoldina. Na esperança

de que V. Ex.a acceitará esta incumbencia, antecipo os devidos agradecimentos e subscrevo-me com a segurança de minha distincta consideração. De V. Ex.a attento venerador, criado e obrigado, *Dr. José da Silva Costa,* Rio de Janeiro, 6 de Julho de 1891.»

«O Presidente accrescenta que em officio posterior datado de 8 do mesmo mez, foi feita a seguinte rectificação : — A denominação que deve ser dada á collecção de ethnographia e historia e parte da bibliotheca é da Imperatriz Leopoldina e não Princeza D. Leopoldina.

« Em desempenho desta honrosa commissão, diz o Presidente, que os acima nomeados estão tratando de levar a effeito a separação ordenada, afim de terem em tempo tão preciosos objectos o devido destino ; corre-nos agora o dever de agradecer ao nosso augusto e sempre generoso protector, mais esta prova de interesse, de favor e de consideração com que se digna de honrar o Instituto Historico, que se preza de ser grato e reconhecido a quem por tantos titulos é credor de toda a nossa estima, respeito e profunda veneração.

O Presidente observa que a offerta está feita, o beneficio recebido e apenas falta fazer-se a arrecadação, que depende do Instituto, e assim desde já deve elle manifestar o seu agradecimento por tão precioso e raro donativo e neste intuito propõe, que se dirija a S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara o officio cuja leitura faz, sendo approvada a redacção para ser assignada pela mesa e pelos demais socios, que o queiram fazer.

O Conselheiro Manoel Francisco Corrêa propõe ainda que na acta de hoje se lavre um voto do mais profundo reconhecimento do Instituto Historico e Geographico Brazileiro a seu excelso protector por esta dadiva tão grande como excepcional e por isso sem exemplo até hoje, o que é approvado.

Em seguida o Presidente deu interessantes informações sobre a raridade e riqueza dos objectos offertados, que vêm opulentar a nossa bibliotheca e museu, concorrendo para que com estes bons auxilios possa o Instituto bem desempenhar as funcções a que se destina. Os livros e objectos serão colleccionados e collocados nos novos salões, que acabam de ser cedidos ao Instituto. »

De accôrdo com a deliberação tomada foi dirigido ao Protector do Instituto o seguinte officio de agradecimento:

« Instituto Historico e Geographico Brazileiro — Rio de Janeiro, 31 de Julho de 1891 — A S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara. — O Instituto Historico e Geographico Brazileiro acaba de ter conhecimento, por intermedio do Presidente, da importantissima doação de numerosos e apreciados livros e raros objectos de valor historico que se digna de fazer-lhe o seu immediato e generoso protector. Tão significativa prova de interesse e obsequiosa benevolencia foi pelo Instituto recebida com a mais viva satisfação e justo apreço; é, por si só penhoraria de todo a gratidão do Instituto, se, por outros titulos de inestimavel valia, já não fosse elle devedor do mais profundo reconhecimento a quem de longa data lhe tem prodigalizado os inesgotaveis thesouros da mais extremosa bondade.

« Não tem o Instituto meios de condignamente corresponder a tanta delicadeza e grandiosa munificencia, e ante o novo favor agora recebido nada mais faz do que reiterar os protestos de seu sincero acatamento ao excelso e illustrado bemfeitor, que no fastigio da gloria, como nas agruras do exilio, jámais tem deixado de manifestar o nobre empenho de honrar as lettras, promover a instrucção e concorrer por todos os modos para o desenvolvimento e progresso desta patria, que agora, como sempre, lhe é tão cara.

« Hão de ser cuidadosamente recolhidos e classificados os livros e mais objectos que vão enriquecer a bibliotheca e o museu do Instituto, de conformidade com as recommendações recebidas, e os augustos nomes da saudosa mãi dos Brazileiros, a pranteada Imperatriz D. Thereza Christina Maria e a virtuosa e veneranda Imperatriz Leopoldina hão de ornar as preciosas collecções que em todo o tempo exaltarão a memoria das inclytas senhoras que vivas se acham sempre no pensamento e no coração de todos os brazileiros.

« O Instituto Historico, que se orgulha de continuar a merecer a benevola e particular attenção do seu desvelado chefe, e que por longos annos foi guiado pelo seu exemplo, instruido pelas suas lições e engrandecido pelos seus beneficios, ha de procurar,

quanto em si couber, desempenhar a honrosa missão a que se destina e para a qual vem concorrer efficazmente a opulenta dadiva que ora lhe é feita; e na effusão dos sentimentos que o animam, é com o maior prazer que ainda uma vez cumpre o dever de tributar ao seu magnanimo protector as puras homenagens da mais respeitosa estima e profunda veneração. — *Olegario Herculano d'Aquino e Castro Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. João Severiano da Fonseca, Tristão de Alencar de Araripe, Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, Henrique Raffard, José Egidio Garcez Palha, Luiz Rodrigues de Oliveira, José Domingues Codeceira, Barão de Campanema, Joaquim José Gomes da Silva Netto, Manoel Francisco Corrêa, José Luiz Alves, Arthur Sauer, Guilherme A. Seoane, João Manoel Pereira da Silva, José Verissimo, Dr. Augusto Victorino A. Sacramento Blake, Francisco Calheiros da Graça, Barão de Miranda Reis, Dr. Alfredo do Nascimento Silva, Marquez de Paranaguá, Joaquim Pires Machado Portella, Antonio Joaquim de Macedo Soares, Barão do Ladario, João Alfredo Corrêa de Oliveira.*»

Com referencia aos trabalhos da commissão nomeada para a escolha dos livros e mais objectos destinados ao Instituto assim se exprimiu o Presidente, em sessão de 9 de Outubro de 1891:

« Tem a commissão tratado de dar cumprimento á incumbencia de que foi encarregada, e brevemente poderá ser colhida a parte que tem de pertencer ao Instituto. Na ultima reunião da commissão, a que estive presente, foi resolvido, pela maioria dos membros que a compõem, quanto aos livros, viriam para o Instituto sómente as obras relativas á historia e geographia da America. Pela sua parte oppuz-me a tal deliberação, entendendo que deviam vir igualmente para o Instituto, cuja bibliotheca não é exclusivamente americana, as demais obras de historia universal; e assim opinei, não só porque mandára o generoso doador que o Instituto, em primeiro lugar, separasse para si as obras que lhe pudessem interessar, sem fazer a restricção pretendida pela maioria da commissão, como porque se acham, sem duvida, comprehendidas na condição de interesse para o Instituto as obras de historia e geographia universal; bastando attender-se a que, com a historia politica de muitas nações estrangeiras, além da America, se acha intimamente ligada a do nosso paiz; e só por

isso seria da maior conveniencia que nos archivos do Instituto se conservasse tudo quanto pudesse ter relação, no presente e no passado, com tão importante assumpto. É sabido que nesta especialidade a bibliotheca de Sua Magestade contém verdadeiras preciosidades que constituem, talvez, a parte mais valiosa da mesma bibliotheca. Entretanto, comprehendendo o Instituto que não sendo explicita a manifestação da vontade de Sua Magestade no ponto controvertido, e, não restando ao membro divergente da commissão, meio de fazer valer o seu voto, motivado no grande apreço que o Instituto liga á doação que lhe foi feita, força era sujeitar-se á deliberação da maioria, abstendo-se de proseguir na separação encetada; assim terá o Instituto de receber o que a maioria da commissão julgar que deve pertencer-lhe, sendo certo que, ainda com a restricção feita, será de grande valor a parte que houver de ser cedida ao Instituto, attenta a subida importancia da bibliotheca de Sua Magestade.

« Taes são as informações que no momento tem por conveniente trazer ao conhecimento do Instituto. »

Obtendo a palavra o 1.º Secretario, [1] declara concordar com as razões que firmam a opinião do Sr. Presidente, lhe parecendo, além disso, que o fim do acto de Sua Magestade foi fazer doação principal ao Instituto, o que claramente se revela a quem faz attenta consideração, já ás constantes attenções e preferencias que o monarcha sempre deu a esta instituição, já ao facto de lhe deixar a livre escolha daquelles livros como se deduz da leitura das cartas do seu procurador, o Sr. Conselheiro Silva Costa, já finalmente á circumstancia de designar para executor da sua vontade quatro illustres cavalheiros, dos quaes tres são membros do Instituto e um ha pouco tempo deixou de o ser. Mesmo prevalecendo a decisão da maioria da commissão, observa que muitos volumes contendo subsidio importante para a historia patria, como trabalhos historicos de varias colonias, relatorios de diversos ramos da nossa administração publica, collecções de leis geraes e provinciaes, que já foram levados para a Biblio-

1 O Sr. Raffard, então 1.º Secretario interino.

theca Nacional, devem ser removidos para o Instituto, que não póde por certo receber apenas duplicatas alli desprezadas. Declara que da parte do Sr. Director da Bibliotheca não ha que receiar duvida alguma; pois que S. S. dissera ficar alheio á separação dos livros, limitando-se a agradecer o que lhe fôr entregue e do que dará recibo. Accrescenta-se, que diversos livros e objectos já se acham na bibliotheca do Jardim Botanico, que outros, em grande numero, estão apartados para a Academia de Bellas Artes, estabelecimentos que não foram contemplados por Sua Magestade, e que, portanto, julga sem direito a um quinhão qualquer. Acredita que o Sr. D. Pedro d'Alcantara muito se desgostará com a noticia de serem disputados os livros que generosamente resolveu doar ao Instituto e á Bibliotheca Nacional, e que, portanto, entende dever o Instituto protestar contra a falsa interpretação dada á sua vontade.

Segue-se com a palavra o Commendador José Luiz Alves, que propõe lançar-se na acta um protesto contra essa decisão da maioria da commissão.

A pedido do Dr. Cezar Marques, o Sr. Presidente faz proceder á leitura das cartas do Sr. Conselheiro Silva Costa, já transcriptas na acta de 31 de Julho passado.

Continuando com a palavra o Dr. Cezar Marques, pondera ser de extranhar que os termos claros em que se acha feita a doação, tenham sido obscuros para a maioria da commissão, e lembra ao Sr. presidente escrever a Sua Magestade, afim de obter do augusto doador a ratificação das suas verdadeiras intenções. O Instituto não só tem direito pela doação á melhor parte da bibliotheca particular de Sua Magestade, como ainda preferencia na escolha dos livros, e pouco importa averiguar a maior ou menor conveniencia da sua remoção para qualquer outra instituição não contemplada pelo Sr. D. Pedro de Alcantara.

O Dr. Sacramento Blake desiste da palavra, que pedira, porque o que disse o Dr. Cezar Marques é proximamente o que pretendia dizer, e apenas observa que, dando o devido apreço á dadiva do ex-Imperador, o Instituto não se póde mostrar indifferente ao modo de se interpretarem as suas palavras.

O Presidente propõe que se escreva ao nosso consocio Sr.

Conde de Motta Maia, para consultar a vontade de Sua Magestade em relação á duvida que occorre, ao que annue o Sr. Conselheiro Alencar Araripe, lembrando que se officie primeiramente á commissão no sentido das reclamações apresentadas, protestando contra a interpretação dada aos topicos das cartas referentes á doação do ex-monarcha.

Esta proposta foi approvada, resolvendo-se que todos os membros da meza assignassem o protesto.

Em seguida, o 1.º Secretario Henrique Raffard fez considerações relativas á remoção dos livros para o Instituto, trabalho que não poderá ser terminado este anno, sem o auxilio de mais um empregado para coadjuvar, aos da Bibliotheca Nacional e do Instituto, e depois de fallarem o Dr. Cezar Marques, Dr. Sacramento Blak, Conselheiro Alencar Araripe e o Presidente, é autorizado o Sr. 1.º Secretario a proceder como entender conveniente, contratando esse auxiliar e fazendo as necessarias despezas».

Conforme a proposta approvada, a mesa do Instituto dirigiu á commissão encarregada da distribuição dos livros o seguinte officio:

«Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 9 de Outubro de 1891. Ex.mos Srs. Visconde de Taunay, Visconde de Beaurepaire Rohan e General Dr. Severiano da Fonseca. O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, sendo informado de que a commissão encarregada da separação dos livros e mais objectos doados por S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara, resolveu, pelo parecer em maioria dos membros que a compõem, entregar ao mesmo Instituto sómente os livros relativos á historia e geographia da America, tem por conveniente pedir a attenção da mesma commissão para os termos expressos na carta dirigida pelo Conselheiro Silva Costa, communicando a intenção que tinha o generoso doador de beneficiar o Instituto, sem a limitação agora imposta pela mesma commissão.

Sua Magestade mandou em primeiro lugar separar dentre os livros de sua bibliotheca aquelles que pudessem interessar ao Instituto Historico, afim de fazerem parte da referida bibliotheca; ora, não sendo feita, por quem só podia fazel-a, a restricção lembrada pela maioria da commissão, parece que deve ser deixada

ao Instituto a liberdade de escolher os livros que, de qualquer modo, possam interessar-lhe.

A Bibliotheca do Instituto não é exclusivamente americana: não se compõe sómente de livros de historia e geographia, e muito menos de historia e geographia da America; as obras que possue abrangem diversos ramos de conhecimentos humanos, e entre essas avultam as que tratam de historia e geographia universal.

Ainda tomando-se por fundamento da restricção a condição de interesse para o Instituto, parece inquestionavel que as obras de historia e geographia universal são do maior interesse litterario para o mesmo Instituto; basta vêr que com a historia politica de muitas nações extrangeiras, além da America, se acha intimamente ligada á do nosso paiz, e só por essa razão seria da maior conveniencia que nos archivos do Instituto se conservasse tudo quanto pudesse ter relação, no presente ou no passado, com tão importante assumpto.

Assim que, estando o Instituto convencido de que a intenção de Sua Magestade foi directamente favorecer a instituição litteraria que em todo o tempo mereceu a sua especial e immediata protecção, e ainda como prova de grande apreço que liga á valiosa doação que lhe foi feita, julga de seu dever reclamar, perante a commissão, contra a deliberação tomada, afim de que lhe sejam entregues as obras que possam, no seu entender, interessar-lhe, e em cujo numero se acham principalmente as de historia e geographia universal.

« O Instituto acredita que a commissão não tem outro empenho que não seja executar fielmente a honrosa commissão de que foi encarregada, e assim espera ser attendida em sua reclamação; salvo sempre a ulterior deliberação de Sua Magestade, que será solicitada, para ser exactamente cumprida, quando se pronuncie no sentido da limitação feita pela maioria da commissão. — *Olegario Herculano de Aquino e Castro*, vice-presidente; *Henrique Raffard*, 1.° secretario; *José Egydio Garcez Palha*, 2.° secretario; *Tristão de Alencar Araripe*, thesoureiro; *José Luiz Alves*, orador; Dr. *Feliciano Pinheiro de Bittencourt*, 1.° secretario supplente; Dr. *Alfredo do Nascimento*, 2.o secretario supplente ».

Lido e approvado em sessão de 23 de Outubro o supracitado officio, o capitão de fragata Garcez Palha, pedindo a palavra, lembra ao Instituto a necessidade de officiar-se de novo á referida commissão, pedindo-lhe que se detenha até ulterior deliberação de Sua Magestade na distribuição dos livros, e neste sentido dirige á mesa uma proposta que é unamimemente approvada.

Nesse sentido, o Instituto dirige-se á maioria da commissão do seguinte modo:

«O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, em additamento ao officio que, com a data de 9 do corrente, dirigiu á maioria da commissão encarregada da separação dos livros e mais objectos doados por S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara, e em attenção ás razões já ponderadas, pede á mesma commissão que, sem prejuizo da separação já encetada, se sobr'esteja na retirada e entrega dos livros e objectos separados, até que seja conhecida a resolução de Sua Magestade sobre a duvida que, a tal respeito, occorreu, e de que trata o já citado officio».

(Acta da sessão de 6 de Novembro de 1891).

Em principio de Dezembro de 1891 fallecia em Pariz o Imperador, e o Instituto, não tendo obtido resposta dos officios dirigidos á maioria da commissão e ante esse triste acontecimento, entendeu não mais fazer questão desse assumpto e se resignou a passar de herdeiro a simples legatario, na phrase do Sr. Henrique Raffard.

Apezar, porém, das declarações do Visconde de Beaurepaire Rohan e do General Dr. João Severiano da Fonseca, membros da commissão, os quaes se mostraram surprezos, pois estavam certos de que a divisão se fizera de pleno accôrdo e de conformidade com a vontade do doador, declarando o segundo delles, com toda a lealdade, em sessão de 9 de Dezembro de 1892, ter havido da parte da commissão má interpretação, importando em grande prejuizo do Instituto, foi a partilha feita, apezar dos protestos desta instituição.

O serviço de descriminação e entrega durou de 4 de Agosto de 1891 a 12 de Março de 1892, realizado pelos empregados da Bibliotheca Nacional, sob a direcção do illustre chefe de secção Dr. José Alexandre Teixeira de Mello, o qual, em sessão de 25

de Setembro de 1891, pedira dispensa do cargo de 1.º secretario do Instituto, lugar que até então occupára com muita distincção.

Vem aqui de molde transcrever as palavras do relatorio (1892) do 1.º secretario Henrique Raffard, as quaes dão uma noticia acerca da primeira remessa dos livros e objectos doados ao Instituto.

« Deprehende-se de uma noticia inserida no *Jornal do Commercio* de 1 de Março de 1892, ministrada, sem duvida, por pessoa muito bem informada, que a bibliotheca particular do Imperador, além de enorme quantidade de brochuras, opusculos, mappas, etc., então ainda por classificar, comprehendia 31.670 volumes, que tiveram o seguinte destino:

A Bibliotheca Nacional recebeu:

Da 1.ª sala de cima.	2.691
» 2.ª.	4.798
» 3.ª.	4.705
Da sala de despacho	2.313
Do gabinete particular.	1.558
Da bibliotheca da Imperatriz.	8.185
Obras de Camões	20
	24.270

O Instituto Historico:

Das tres salas e do gabinete.	3.571
Da sala do despacho	1.811
Da bibliotheca da Imperatriz.	1.656
	7.038
O Museu Nacional	352
	31.660

Posteriormente, o *Jornal do Commercio* voltou a occupar-se com o *quinhão* que tocou ao Instituto e sob a epigraphe « Collecções do Imperador » deu mais detalhes nestes termos:

« Dessas collecções recebeu o Instituto Historico e Geographico Brazileiro o seguinte;

Livros encadernados: — Da bibliotheca do Imperador, 7.048 volumes; da bibliotheca da Imperatriz, 936; total, 7.984.

Estampas: — Gravuras e photographias 147, lithographias 9, total 156.

Estampas historicas e retratos em grandes volumes, encadernados, seis volumes.

Panoramas da cidade do Rio de Janeiro, dos quaes dous iguaes e um diverso (oleo-gravura), tres estampas.

Vista da cidade de Sorocaba (colorida) uma estampa.

Vues pittoresques de la Republique (in-folio imperial), 14 estampas.

Mappas historicos. — Exemplares (grandes volumes encadernados) com 14 mappas, quatro cada um, além de alguns avulsos, planos e campos de batalha, plantas de baterias, fortalezas, etc.

Mappas geographicos. — 54 volumes (grandes e pequenos encadernados) contendo 390 mappas.

Avulsos. — Classificados 105 mappas, por classificar 328, apparelhados para parede 32, em moldura tres, emmassados (grandes e pequenos) 814 *collection class,* Preiss (Cartas do Brazil) 66 mappas celestes sete, mappas da America do Sul, em pontos para cegos dous, total 1.345.

Brochuras. — Grande numero ainda não contadas. »

Cumpre não esquecer os serviços prestados nessa occasião pelo secretario Raffard que, coadjuvado por empregados do Instituto, acompanhando a distribuição, pôde pouco a pouco para ahi transportar tantas preciosidades, as quaes foram convenientemente collocadas nos salões e mais dependencias, obtidas por interferencia do Sr. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, thesoureiro do Instituto e Ministro do Interior.

Em 1893 deram os srs. Belli di Leonardi, pae e filho, começo á catalogação dos livros, collocando-os nas estantes vindas do palacio de S. Christovão, numerando-os e fazendo delles simples relações, seguindo a chave de classificação adoptada em 1892 para o catalogo dos livros do Instituto (Sala D. Pedro II) pelo Dr. Castro Lopes. Tornando-se patente a necessidade de um bibliothecario effectivo, foi nomeado pelo Instituto para exercer esse cargo o Sr. General Joaquim da Costa Mattos, conhecido

autor do Catalogo da Bibliotheca do Exercito. O Sr. General Costa Mattos, acceitando a classificação do Dr. C. Lopes, durante os annos de 1896-1897 deu inicio a novo catalogo, fazendo-o por modo mais desenvolvido e scientifico. Infelizmente, pedindo demissão do cargo de bibliothecario, deixou por metade esse trabalho que foi por nós terminado, procurando seguir de perto a classificação do nosso antecessor, cuja aptidão somos os primeiros a reconhecer.

Tomando posse do cargo a 7 de Março de 1898, conseguimos, apezar de grandes e constantes interrupções, devido ao affluxo de consultantes, organizar o catalogo de todos os mappas, cartas geographicas, albuns, photographias, provenientes da generosa doação de D. Pedro II, afim de dar-lhes melhor collocação e ultimar a parte do catalogo, deixada pelo Sr. General Mattos, forçado a seguir, por diversas circumstancias, o mesmo methodo por elle adoptado.

O primeiro catalogo tem o titulo *Catalogo dos atlas, cartas, planos geographicos, hydrographicos, cartas astronomicas, mappas historicos e panoramas e vistas photographicas, pertencentes á bibliotheca do Imperador, e por elle doados ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional* — 1901.

E' um volume de VII — 90 paginas. A classificação foi dividida em quatro secções, seguindo nós mui de perto o plano de que já falei, adoptado pelo Barão Homem de Mello no catalogo dos mappas propriamente do Instituto.

Conseguimos classificar 609 mappas, cartas, etc. Por algum tempo estiveram estes mappas guardados em lugar separado. Depois, porém, dos melhoramentos por que passou o Instituto, delles se tiraram os titulos em cartões e foram guardados na mappotheca geral. Uma pequena etiqueta distingue perfeitamente os mappas da doação imperial dos já possuidos pelo Instituto.

O trabalho iniciado pelo General Costa Mattos e por nós concluido tem por titulo *Catalogo dos livros encadernados doados pelo Protector do Instituto o Sr. D. Pedro II — Salas D. Thereza Christina Maria e Imperatriz Leopoldina — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional* — 1901.

E' um volume XIV — 512 paginas. Todos estes volumes estão

guardados na nova sala especial que tem o nome de *Sala D. Thereza Christina Maria.*

Estão estes livros, em numero de 5.604, collocados em 16 grandes estantes, as mesmas que vieram do paço de S. Christovão, embora já reformadas. Delles tiraram-se os competentes cartões em duplicata, um com o nome mais conhecido do auctor e outro contendo o titulo da obra. Taes cartões acham-se guardados, como dissemos, em um movel especial, de sorte que se torna muito facil encontrar-se o livro pedido pelo consultante.

§ 14.º

SECRETARIA

Os poucos recursos de que dispoz por muito tempo o Instituto, não lhe permittiram ter, como fôra para desejar, bem montado o serviço da Secretaria.

Os antigos secretarios, com a mais decidida abnegação e com sacrificio de seus proprios interesses, se encarregavam de todo o expediente. Nos primeiros livros do archivo encontram-se officios, cartas e outros papeis registrados por letra do Conego Januario e do Dr. Manoel Ferreira Lagos.

Quando havia necessidade de se tirarem copias de documentos para serem impressos na *Revista*, eram chamados *ad nutum* auxiliares, os quaes por esse trabalho extraordinario recebiam modica recompensa. Tambem cumpre lembrar: diminuto era o movimento da associação, cujo edificio, além dos dias de sessão, realizadas á noite, só era aberto para o serviço de limpeza, duas ou tres vezes na semana. Em tempos mais proximos de nós, muito fez em prol da escripturação do Instituto o seu Thesoureiro Conselheiro Alencar Araripe, que, sendo tambem membro da commissão de redacção da *Revista*, com a maior paciencia copiou importantes documentos para a respectiva publicação.

Deste facto existem provas no Archivo.

Quando, porém, foram mais favoraveis as condições financeiras desta casa, pôde ella crear o lugar de escripturario. Entre

os que, por muito tempo, bem desempenharam tal cargo, citaremos o nome de João Thomaz Coelho Antão, funccionario da Bibliotheca Publica e tambem escripturario da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.

Desse serventuario, que com intelligencia e devotamento cumpriu suas obrigações, fallou com louvor o Conego Fernandes Pinheiro, no seu relatorio lido em sessão de 15 de Dezembro de 1866.

Falleceu Coelho Antão em 24 de Fevereiro desse anno. Sobre a vida deste modesto empregado, possuidor de illustração, escreveu o Dr. Mello Moraes Pai ligeiros traços biographicos, estampados no *Brazil Historico*. Delles se conclue haver sido Antão um excellente espirito, um «bom», na mais genuina accepção deste termo.

De outros escripturarios já fallamos ao tratar da Bibliotheca, cuja fiscalização alguns delles assumiram de par com as suas funcções na Secretaria.

Approvados os estatutos em Abril de 1906, e modificados em Outubro de 1907, deu-se nova e mais completa organização aos multiplos e sempre crescentes serviços desse departamento do Instituto Historico. Hoje ha tres officiaes de Secretaria, sendo dous primeiros, um dos quaes exerce as funcções de chefe.

Ha mais dous collaboradores effectivos e um extraordinario, que privativamente auxilia os serviços da Bibliotheca.

Em 28 de Outubro de 1907 foi dado á Secretaria o competente Regimento Interno. Os funccionarios sabem os deveres ordenados nesse regimento, reproduzido no tomo 70 da *Revista*, pags. 917-920.

§ 15.º

FINANÇAS

Subvenções — Favores recebidos — Patrimonio — Legados. — Sociedade scientifica fundada sem patrimonio e só contando com as annuidades de seus membros, o Instituto Historico teria succumbido, como tantas outras aggremiações, ante obstaculos com que teve de lutar. Tal, porém, felizmente não succedeu; visto

como de 1838 até hoje o velho e patriotico gremio tem sempre encontrado o necessario auxilio dos altos poderes do Estado para desempenhar suas funcções nestes 74 annos proveitosamente vividos.

Bem é de ver que me refiro ás subvenções autorizadas pelo Corpo Legislativo e concedidas pelo Thesouro Nacional. Logo em 1839 foi ao Instituto concedida a subvenção annual de 1:000$000. Em sessão de 4 de Maio desse anno o infatigavel Secretario Perpetuo, Conego Januario, propoz «que se pedisse ao Corpo Legislativo um subsidio qualquer, dado em loteria ou por outro qualquer meio, para ajuda das grandes despezas que o Instituto tenha a fazer, afim de melhor poder preencher os importantes deveres que tinha a cumprir.» Esta proposta foi approvada e remettida a uma commissão especial, composta dos socios Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho e Candido José de Araujo Vianna, para dar o seu parecer sobre os meios por que se poderia melhor pedir este subsidio.

Em sessão de 7 de Junho, os dous illustres associados apresentaram o seu juizo. Aureliano leu um requerimento a respeito, dirigido ao Corpo Legislativo, solicitando-lhe um subsidio para o Instituto, sem marcar comtudo a quantia. A redacção do requerimento foi approvada.

Foi o Instituto de parecer que se pedisse dous contos de réis, ou o que outr'ora se concedeu á Commissão de Estatistica. Na sessão magna desse anno de 1839 annunciava satisfeito o Conego Januario que a Assembléa Legislativa, «attendendo benignamente ás supplicas e convencida da importancia da associação, acabava de votar um não pequeno subsidio pecuniario, visto que os fundos do Instituto, só provenientes de joias e mesadas de seus socios, não se proporcionavam as despezas de interessantes publicações, compra de livros, mappas e manuscriptos que eram indispensaveis.»

Neste primeiro anno de sua existencia foi a despeza do Instituto de 1:236$610, e a sua receita de 1:248$000. No anno seguinte (1840) foi elevada a dotação a 2:000$000, tendo o Instituto a receita de 2:261$390, e a despeza de 2:144$350. Pautando sua vida pela mais estricta economia, o Instituto até 1856, em que a

dotação foi augmentada para 4:000$000, lutou sempre com difficuldades em seus orçamentos.

É o que se deprehende das seguintes palavras do Secretario Dr. Souza Fontes, na sessão magna do anno de 1869:

« O estado de finanças do Instituto é prospero. Ao patriotismo do Corpo Legislativo que consigna todos os annos no orçamento geral do Imperio uma subvenção para occorrer ás despezas desta associação; bem como á solicitude e zelo com que o nosso mui digno thesoureiro o Sr. Antonio Alvares Pereira Coruja desempenha esse encargo, satisfazendo todos os compromissos e ainda mais por meio de severa e bem entendida economia, promovendo um fundo de reserva possivel para acudir a qualquer emergencia, deve o Instituto o estado de prosperidade que acabo de affirmar-vos. »

Já então a referida dotação havia sido augmentada para 5:000$000, em 1857, e a 7:000$000 em 1865. Mais tarde, em 1882, teve ella o augmento para 9:000$000, sendo reduzida a 4:500$000 em 1893, restabelecida em 1894, de novo elevada a 12:000$000 em 1896 e a 14:000$000 em 1897. Convém declarar que a partir de 1882, essas subvenções consistiam em quotas tiradas dos beneficios da companhia de loterias, sommas que variavam por obedecerem ao calculo do rateio entre as associações beneficiadas.

Antes de ir além cumpre recordar aqui a situação angustiosa em que se viu o Instituto em consequencia dos acontecimentos que mudaram as instituições politicas do paiz.

Em 1889 chegára ás aguas da nossa bahia o vaso de guerra chileno *Almirante Cochrane*. O Instituto, que muito apreciava os obsequios recebidos no Chile pelos officiaes do nosso navio *Almirante Barroso*, resolveu celebrar uma sessão extraordinaria. Esta ceremonia teve feliz e esplendida execução. Foi tambem suggerida pelo Imperador a idéa de uma exposição de livros e mais objectos historicos com referencia á Republica chilena, commettimento que foi levado a cabo, publicando-se então um livro sob o titulo *Chile e Brazil*. Ora, D. Pedro II promettêra concorrer de seu bolsinho com as despezas feitas pelo Instituto com a referida exposição, que terminou em 5 de No-

vembro de 1889. O Barão de Loreto, Ministro do Imperio, comprometteu-se tambem a auxiliar o Instituto.

Poucos dias depois dava-se a proclamação da Republica. Esperou o Instituto por algum tempo a satisfação do compromisso tomado pelo ultimo Governo da monarchia. Em sessão de 6 de Junho de 1890, presidida por Joaquim Norberto, foi lido no expediente um officio do Ministerio da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos. Declarava esse documento que, sendo o Instituto subvencionado com a quantia de 9:000$000, e não havendo compromisso expresso do Governo, quanto á despeza com a sessão solenne realizada em 31 de Outubro de 1889, não era possivel autorizar fosse a dita despeza paga pelo Thesouro Nacional.

Estava, pois, imminente verdadeira crise financeira. Para conjural-a apresentou o Presidente Joaquim Norberto uma proposta creando a classe de socios bemfeitores. São curiosas as razões apresentadas pelo antigo consocio para justificar semelhante proposta. Podem ser lidas a pags. 455 a 457 do tomo 53.

Seriam aceitos *socios benemeritos*, sob proposta da Mesa, os cidadãos que, não sendo tidos por homens de lettras, se achassem, comtudo, pela sua elevada posição e independencia, no caso de prestar ou tivessem prestado serviços relevantes ao augmento do patrimonio da Bibliotheca, do Archivo e do Museu do Instituto, e bem assim á fundação de edificio adequado, que se devesse levar ávante.

Seja-nos licito abrir aqui pequeno parenthesis para pôr em destaque mais um serviço importantissimo prestado ao Instituto pelo seu inolvidavel Thesoureiro o Conselheiro Alencar Araripe.

Incorrêra o Instituto na antipathia de certo Ministro do Governo Provisorio. Ex-monarchista e depois republicano da propaganda, entendia esse funccionario ser a antiga instituição «*um ninho de sebastianismo*», «*um centro disposto a combater as novas instituições*». Deliberou, pois, dissolver o Instituto. Seus livros e manuscriptos seriam recolhidos á Bibliotheca Nacional e os objectos do museu ao Museu Nacional. Estavam lavrados os competentes avisos quando, com toda a energia, protestou o Conselheiro Araripe. O attentado não foi por deante e o Instituto viveu, tendo que lutar com a crise de que acima fallamos.

E venceu-a.

Pelos balanços apresentados se verificava que no anno de 1888 a receita importava em réis 12:009$540, e a despeza em 10:173$130, deixando um saldo apparente de 1:836$410, pois estava sujeito ao pagamento da impressão da *Revista* referente ao mesmo anno. Em 1889, a receita arrecadada foi de 12:818$400 e a despeza fôra de 12:096$840, havendo o saldo de 721$570, que não bastava para a impressão da 2.ª parte da *Revista* relativa áquelle anno. Pelo balancete apresentado em 22 de Agosto de 1890, o estado economico da associação denunciava aspecto mais desanimador. Accusava o *deficit* de 7:931$000!

Em sessão de 18 de Julho de 1890, a commissão encarregada de dar parecer ácerca da proposta apresentada pelo Presidente Norberto, deu opinião favoravel á criação da nova classe de socios. Dessa commissão fizeram parte o Conselheiro Araripe e o Dr. Teixeira de Mello. Ficou vencedora a idéa do Presidente Norberto. Nos estatutos approvados em 1 de Agosto de 1890, foi consignada a classe de *socios benemeritos*, podendo ser como taes admittidas as pessoas que fizessem donativos de importancia superior a 2:000$000 em dinheiro ou outros objectos de valor. Nesse anno de 1890 entraram, de Setembro a Dezembro, nove socios benemeritos.

Em 1893, dessa classe se contavam 25 socios, muitos dos quaes são hoje fallecidos, existindo apenas 16.

Com a medida posta em pratica, o Instituto pôde, em 1893, conjurar a difficuldade de ter sido a subvenção diminuida para 4:500$000. Percorrendo-se os balanços dos annos posteriores, vê-se que graças á actividade e economia dos dignos thesoureiros, o Instituto tem satisfeito os seus compromissos, sujeito, é certo, á maior economia. Mas ainda hoje estão de pé as expressões do Conselheiro Olegario em sua memoria de 1907: « As fontes de receita do Instituto não bastam para a indispensavel compra de livros, encadernações, impressões e reimpressões, estantes, moveis, guarda e conservação dos objectos possuidos e mais serviços do estabelecimento. »

Como em 1897, ainda hoje os meios escasseiam.

O Instituto não póde ter presentemente um pessoal de Secretaria bem remunerado e cujo expediente fosse das 10 ou 11

ás 3 ou 4 da tarde. Servem os differentes cargos desse departamento empregados publicos e outros que têm diversas occupações. Trabalham apenas 2 horas, mediante remuneração por demais exigua. E muito é o serviço; basta attender á grande copia de memorias, opusculos, publicações, etc., brochuras que precisam ser relacionadas.

Fallámos acima em *quotas lotericas*. Pois bem, em 1906, á vista da crise por que passou a Companhia de Loterias, o Instituto foi obrigado a contrahir um emprestimo com o Banco do Brazil de 9:000$000!

O Instituto não tinha outra subvenção do Governo além das quotas que não foram distribuidas. Estas, orçadas em 14 contos e pagas segundo o rateio, nunca deram mais de 11 contos. Por esforços do actual 1.° Secretario Perpetuo obteve elle que pelo novo contracto feito pelo Governo com a Companhia de Loterias, essas quotas fossem elevadas a 24 contos annuaes. A larga distribuição de beneficios e a reducção na venda de bilhetes só permittem que cada conto de réis seja computado em 410$000! Para remover esses inconvenientes, ainda o 1.° Secretario Perpetuo conseguiu do Congresso que o Instituto obtivesse 20:000$000 de subvenção, paga directamente pelo Thesouro. Esta somma figura invariavelmente nos orçamentos até 1911.

No ultimo anno de 1911 o Congresso elevou a subvenção a 25 contos, retirando o favor de impressão gratuita da *Revista*, na Imprensa Nacional.

Nos seus 74 annos de vida, sempre cheia de patrioticos serviços, teve apenas o Instituto um legado por verba testamentaria. Deveu-o ao Marechal Ricardo José Gomes Jardim, fallecido em 1884. Deixou como prova de apreço á instituição de que se gloriava de ser socio, duas apolices da divida publica de conto de réis, além de seus livros não militares, mappas e mais papeis. Em signal de gratidão o Instituto conserva o retrato do illustre e generoso militar no salão de leitura.

Tambem o Instituto não se olvidou dos favores recebidos por dignos consocios com o fim de augmentar o fundo social.

Nesse caso estão o Conselheiro Manoel Francisco Corrêa, Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Visconde Rodri-

gues de Oliveira, Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro, Henrique Raffard, Conselheiro Martins do Amaral, Commendador Figueira de Mello, Commendador Luiz Alves da Silva Porto, Visconde de Moraes, Barão de Quartim, José Joaquim França Junior e Coronel Antonio José Dias de Castro.

Do Corpo Legislativo, quer no antigo quer no actual regimen, recebeu sempre o Instituto os mais assignalados favores, já mencionados aliás no correr destes simples subsidios.

O mesmo tem acontecido com os representantes do Poder Executivo. Basta repetir os nomes do Visconde de Ouro Preto, Drs. Felisbello Freire, Francisco de Paula Rodrigues Alves e Leopoldo de Bulhões, quando Ministros da Fazenda; Drs. José Joaquim Seabra e Felix Gaspar de Barros e Almeida, Ministros do Interior, Rivadavia Corrêa, actual Ministro.

Cumpre tambem lembrar os grandes e especiaes favores recebidos pelo Instituto do Presidente da Republica, o Sr. Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves. E' dispensavel mencional-os porque todos esses beneficios prestados por tão illustres cavalheiros, em prol da antiga aggremiação estão archivados com expressões de profunda gratidão nas paginas dos annaes do Instituto.

§ 16.º

DISTINCTIVOS

Por decreto de 2 de Março de 1860 o Governo Imperial, sendo Ministro do Imperio João de Almeida Pereira Filho, houve por bem, attendendo ao que representou o Instituto, approvar o figurino para servir de modelo ao uniforme dos membros do Instituto. Consistiá tal uniforme em: 1.º, farda de casemira preta com bordados de retroz imitando as folhas de *ibirapitanga* (páo Brazil); 2.º, collete de casemira branca de gola em pé; 3.º, calça de casemira preta com bandas bordadas imitando a mesma folha da farda; 4.º, chapéo de pasta com presilhas de galão dourado e guarnecido de arminho; 5.º, gravata branca de cambraia; 6.º, luvas de pellica branca; 7.º, espada-florete.

Quando se publicou o decreto acima apontado, diz a nota da

Commissão de Redacção, 13 de Setembro de 1896, alguns socios, talvez tres ou quatro apenas, usaram do uniforme assim autorizado, comparecendo em solennidades do Instituto; mas este uso por limitado e parcial, cahiu logo em esquecimento até agora.

Em 10 de Outubro de 1867 alguns socios propuzeram que se representasse ao Governo Imperial pedindo modificações no uniforme approvado em 1860.

Eram estas as modificações: Farda azul escuro com bordado de ouro singelo na gola e nos canhões e botões dourados no peito, tendo no centro uma esphera e circularmente o distico — *Inst. Hist. e Geog. do Brazil;* calça de casemira branca com galão estreito nas bandas, collete branco, gravata branca, luvas brancas de pellica, chapéo de pasta com presilha dourada e guarnecido de arminho, espadim.

Ao que parece semelhante representação nunca foi approvada pelo Governo, talvez porque não chegasse ao seu conhecimento.

Em 1896 reviveu o Dr. Cesar Augusto Marques a questão do distinctivo. Ouvida a Commissão de Redacção, que expôz os factos acima narrados, o Dr. Cesar Marques ponderou que, sendo a farda dispendiosa, se devia, de preferencia, usar uma medalha com cordão.

Seria um distinctivo geral, não se confundindo com o que era devido aos socios benemeritos. A questão parou nesse ponto. Ao que consta, só continuou a usar da farda approvada em 1860 o socio João Barbosa Rodrigues, illustre e apreciado scientista, Director do Jardim Botanico.

Voltou-se em 1906 a tratar da questão dos distinctivos. Em um projecto de reforma de estatutos apresentado em sessão de 5 de Março daquelle anno, lia-se o seguinte:

« Artigo 14. Os socios do Instituto, além da farda creada por decreto de 2 de Março de 1860, têm como distinctivos uma medalha e collar de ouro e uma roseta da côr azul celeste. »

Entrando em discussão o referido projecto, a Commissão de Redacção e Estatutos foi de opinião que se eliminasse o uso da farda. Approvada semelhante emenda, foi ella conservada ainda nas alterações por que passaram os Estatutos em 1907. Entre-

*

tanto desconheço o modelo do collar e medalha de ouro, objectos que por dispendiosos ainda não foram usados.

Quanto á roseta de côr azul celeste, só um ou outro socio a usa em occasiões solennes, como são as sessões magnas anniversarias.

CONCLUSÕES

Fundado em 1838, tratou logo o Instituto Historico de travar relações com todos os principaes gremios scientificos do globo. Do Secretario Perpetuo do Instituto de França, Eugenio de Monglave, recebeu fervorosos encomios que serviram de incitamento ao novo gremio, pois cada vez se tornava mais conhecido entre seus co-irmãos. Desses factos dão minuciosas noticias os bem elaborados relatorios do Secretario Perpetuo, o Conego Januario da Cunha Barbosa.

Ao Instituto de França seguiram-se a Academia Real de Sciencias de Lisboa, a Sociedade de Geographia de Pariz, a Sociedade Real dos Antiquarios do Norte e muitas outras associações da Prussia, Baviera, Napoles, Perú, Chile, Hespanha, Estados Unidos da America, etc.

De uma carta escripta de Pisa em 26 de Outubro de 1839 pelo socio Luiz Moutinho de Lima Alvares e Silva, manuscripto existente no Archivo do Instituto, se vê que este pela primeira vez se fez representar em um conclave scientifico.

Esta carta dá ampla noticia da reunião do Congresso Scientifico, o primeiro que viu a Italia, sob os auspicios do Grão Duque da Toscana e a que compareceram 421 membros de diversos paizes, os quaes se dividiram em 6 grandes secções, correspondentes aos diversos ramos de saber humano. Nesse congresso Moutinho representou o Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

De então em diante o Instituto representou sempre com honra a intellectualidade brazileira em paizes extrangeiros.

Bastava citar suas commissões ou representações nos seguintes Congressos: Archeologico e Historico de Antuerpia, em 1866; dos Americanistas de Luxemburgo, em 1878, em que o Instituto foi representado pe'o futuro Barão de Rio Branco, como se infere de

uma carta sua escripta ao Dr. Jaguaribe e impressa no *Paiz* de 27 de Fevereiro de 1912; de Veneza, onde primou pela sua escolhida collecção de mappas e obras geographicas, em 1881; na Exposição da Industria Nacional, em que foi distinguido com um diploma de honra, em 1881; bem como na Continental Sul Americana de Buenos Ayres, em 1882; na Exposição Pedagogica e no Congresso de Instrucção Publica, em 1883; na Exposição de Geographia Sul Americana, em 1888; na Universal de Pariz, em que foi contemplado com duas medalhas de ouro, em 1889; no Congresso Italiano de Geographia, em Genova, para commemoração do 4.º centenario da descoberta da America, em 1892; na Exposição Colombiana de Chicago, em que foi honrosamente distinguido com um premio pelas publicações expostas, em 1893; no Congresso dos Orientalistas, em Genova, em 1894; no 6.º Congresso Internacional de Geographia, em Londres, em 1895; e no 9.º Congresso de Geographia, reunido em Genebra, no anno de 1908; no Congresso de Americanistas de Vienna, em 1908; no Congresso de Sciencias Historicas de Berlim, reunido em Berlim, tambem em 1908.

Em 1911 o Instituto commissionou o Dr. Pedro Souto Maior, para, em Lisboa, no Convento Luzo Brazileiro, tratar do intercambio intellectual entre Portugal e Brazil, idéa suggerida pelo illustre e mallogrado Consiglieri Pedroso. De Lisboa, ainda commissionado pelo Instituto, o Dr. Souto Maior dirigiu-se aos archivos da Hollanda e de lá trouxe por elle traduzidos varios e importantes documentos totalmente desconhecidos e os quaes muita luz derramam sobre muitos pontos do dominio hollandez no Brazil.

Nesse commettimento seguiu o Dr. Souto Maior os exemplos de Varnhagen, Drumond, Gonçalves Dias, Joaquim Caetano, J. F. Lisboa e Porto Alegre.

Como bem disse o Conselheiro Olegario, o Instituto por diversas vezes tem com louvavel franqueza patenteado os sentimentos elevados e patrioticos que o animam, propondo significativas demonstrações de apreço e considerações devidas por dignidade nacional á memoria de grandes vultos que abrilhantam a nossa historia; suggerindo a adopção de medidas favoraveis ao desen-

volvimento e realce das lettras, das sciencias e das artes entre nós; compartilhando os trabalhos nesse empenho tentados; commemorando em sessões solennes factos gloriosos do passado, dignos de serem perpetuados na lembrança dos vindouros e por actos de inesquecivel adhesão, associando-se ás manifestações de justo contentamento por successos que ennobrecem o caracter nacional.

Basta entre outros, citar um facto occorrido ha poucos annos.

Alludimos á grande Exposição Nacional de 1908. A esse grande certamen se associou o Instituto.

Aventou para isso a idéa de uma exposição de todos os jornaes publicados no Brazil desde 1808 até fins de 1907, conseguindo reunir em um dos Salões do palacio da Praia Vermelha cerca de 30.000 jornaes de todos os Estados do Brazil, facto esse que foi uma das notas mais em destaque da referida Exposição.

Levada a cabo por iniciativa do Instituto a Exposição da Imprensa, mereceu os elogios de todos quantos se enthusiasmam pelas nossas cousas passadas.

Fez ainda mais o Instituto. Encarregou a diversos de seus membros o cuidado de catalogar os jornaes de cada um dos Estados. Finda esta tarefa, confiou á Imprensa Nacional tres volumes, o 1.º contendo a *Genese e Progresso da Imprensa Periodica no Brazil.* O 2.º dividido em duas partes: Uma com o catalogo dos jornaes dos Estados do Norte até Sergipe; e outra, contendo os catalogos dos jornaes dos Estados restantes. A primeira parte foi publicada. A 2.ª composição, ficou totalmente perdida por occasião do incendio que devorou quasi todo o edificio da Imprensa Nacional, na noite de 15 de Setembro deste anno.

*
* *

Escusado é lembrar a iniciativa em parte tomada pelo Instituto nesses monumentos erguidos ao dia 7 de Setembro no Ipyranga, a D. Pedro I, José Bonifacio, Visconde de Rio Branco, Osorio, Alencar, Caxias, em cujas commissões figuram sempre conspicuos membros do Instituto.

Para as questões de limites entre o Brazil e a Republica

Argentina, Inglaterra, França, Bolivia, Perú, etc., foi de reconhecido proveito a consulta feita aos trabalhos da *Revista* e aos documentos do Archivo do Instituto.

O mesmo tem acontecido com os litigantes sobre questões de limites entre alguns dos Estados do Brazil. Advogados de uma e outra parte têm encontrado no Instituto documentos e provas para sustentação de suas idéas.

Mas urge terminar estes despretenciosos subsidios ou simples apontamentos. Seu autor não se propoz a fazer a historia critica e synthetica do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Outros mais competentes no futuro a farão com justiça, verdade e imparcialidade.

Ainda não ha muitos annos e em occasião solenne, dizia no gremio da velha associação o grande Brazileiro Joaquim Nabuco: «Ainda não pesou sobre uma geração brazileira responsabilidade como a que pesa sobre a actual. Nenhuma precisou de tanta prudencia, de tanta abnegação, de tanto discernimento, de tanta coragem, para conservar o seu posto entre as nações. Nenhuma viveu em um tempo como o que está começando, em que toda raça doente do patriotismo é logo uma raça interdicta... O barometro politico está cahindo em toda parte... Pois bem: no meio de tantos naufragios provaveis, só o que não sossobrará será o patriotismo. A nação patriotica, sã, profunda, virilmente patriotica, essa, por menor que seja, não desapparecerá... Nesta casa aprende-se a collocar a patria acima de tudo. Aqui está o velho *palladium*. Ah! E' hoje que é preciso recordar o que nos disse o nosso magno orador Manoel de Araujo Porto Alegre: «Um povo só é grande quando tem grandes exemplos e grandes reminiscencias; a palavra reflectora do passado é uma harmonia fugitiva quando não edifica uma virtude no futuro.»

Eis em poucas palavras o que tem feito o Instituto.

E tem sido esta, ha tres quartos de seculo, a orientação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, fiel sempre ao seu programma traçado em 1838 e ao suggestivo lemma que adoptára: «*Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos. Et possint sera posteritate frui*».

O CONSELHEIRO DR. JOSÉ ANTONIO DE AZEVEDO CASTRO

ENSAIO BIOGRAPHICO

PELO

DR. AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

Socio do Instituto

Conselheiro Dr. José Antonio de Azevedo Castro

Nascido no Rio de Janeiro a 19 de Fevereiro de 1839.
Fallecido em Londres a 1.º de Janeiro de 1911.

JOSÉ ANTONIO DE AZEVEDO CASTRO

(1839-1911)

Filho do honrado commerciante da praça do Rio de Janeiro, José Antonio de Azevedo Castro, portuguez de nacionalidade, e de D. Anna Thereza de Jesus de Azevedo Castro, fluminense, nasceu o Conselheiro Dr. José Antonio de Azevedo Castro na cidade do Rio de Janeiro a 19 de Fevereiro de 1839.

Desde muito se havia parte da familia Azevedo Castro estabelecido no Rio de Janeiro; um ramo, porém, se mantivera em Portugal; a elle pertencia o pae do Conselheiro: José Antonio de Azevedo Castro, nascido a 8 de Outubro de 1812 [1] e primo-irmão de D. Anna Thereza, nascida a 20 de Agosto de 1815, com quem se casára, a 5 de Maio de 1838, esta já fluminense e filha do abastado commerciante José Joaquim de Azevedo Castro, estabelecido á rua Direita, esquina da das Violas, com importante casa importadora. Chamavam-lhe o *José Joaquim da manteiga,* por commerciar especialmente, e muito, neste genero; possuia a Ilha do Raymundo, outr'ora pertencente aos Jesuitas e onde ia, ás vezes, passar temporadas com a familia ou onde mandava passear, algumas vezes por anno, os seus caixeiros, o que lhe grangeára, entre outros motivos, a fama de excellente patrão, pois naquelle tempo de commercio, *á antiga portugueza,* os infelizes empregados viviam adstrictos ao mais ferreo regimento, prohibidos sequer de sahir á rua, limitando-se-lhes as permissões de sueto a uma escassa meia duzia de occasiões annuaes.

---

1 Fallecido no Rio de Janeiro a 13 de Junho de 1880.

Casára-se José Joaquim, [1] açoriano, nascido em 1778 e fallecido no Rio de Janeiro em 1838, com Anna Thereza de Azevedo Castro, brazileira, nascida no Rio em 1792 e ahi fallecida em 1866, na sua casa da rua do Areial, filha de José Rodrigues da Rosa, açoriano do Fayal, (este filho de José Pereira de Mendonça e de D. Maria da Rosa) e de Anna Theodora de São Joaquim, lavradores no porto velho de Irajá, onde possuiam um sitio chamado *Saquinho*.

Anna Theodora tinha por paes João Francisco da Silva, portuense e D. Anna Maria da Conceição, fluminense, baptisada na Candelaria.

A vida patriarchal do Brazil colonia, não apresentaria talvez melhor espelho do que a existencia da familia Azevedo Castro. Austero, grave e melancolico como é commum ver-se em portuguezes, José Antonio de Azevedo Castro, successor do sogro, mantinha com o maximo rigor as tradições da casa commercial do velho José Joaquim, num culto absoluto á probidade, ao respeito á palavra, á lealdade, e, ao mesmo tempo, educava os filhos com grande cuidado, inculcando-lhes as noções daquella inteireza que tanto o caracterisava.

« Portuguez de antiga tempera, desses de antes quebrar que torcer, diz o Visconde de Taunay, nuns ineditos que temos á vista, peccava um pouco, talvez, pela rispidez, usando de dominio rigoroso sobre toda a familia. Era um homem de aspecto severo e bellas feições, irmão de outros homens igualmente bem parecidos, a um dos quaes meu Pae chamava: *o romano*, pela correcção dos traços physionomicos.

Todos nós, amigos do Castro, lhe tinhamos muito respeito, ao velho, logo ao entrar no Pedro II, ia eu, timidamente, perguntar-lhe se meu amigo estava em casa, á rua da Ajuda e depois á rua do Sacco do Alferes, num predio velho, motivo ainda por cima

---

1 Á obsequiosa bondade do eminente erudito que o Instituto tem a honra e a ventura de possuir como bibliothecario, o Dr. José Vieira Fazenda, devemos estes apontamentos sobre os Azevedo Castro, uma das velhas familias fluminenses. Completou-os a Ex.ma Sr.a D. Anna de Azevedo Castro de Andrade, filha do nosso biographado.

de diuturno processo. A mãe era uma excellente senhora, sympathica quanto possivel, uma physionomia em que se estampava a maior bondade».

Teve o casal seis filhos, dos quaes o primogenito era o nosso biographado. Foram os demais: D. Carolina, nascida em 1843; D. Julia, em 1845; Eduardo de Azevedo Castro, nascido em 1848, e fallecido em 1893; Henriqueta e Antonio, fallecidos em creança.

Desde muito menino manifestou Azevedo Castro o mais forte pendor pelas letras. O pae, homem intelligente e esclarecido, que lhe seguia os estudos com extrema vigilancia, fe-lo entrar no Collegio Tautphœus, dirigido pelo illustre erudito e sabio mestre, que tantos annos regeu a cathedra de Historia no Collegio de D. Pedro II. Em 1855 matriculava-se elle no 5.º anno do externato do Collegio de D. Pedro II, onde, no anno seguinte, ia ser collega de banco do grande amigo de toda a vida: Alfredo d'Escragnolle Taunay.

Era a turma numerosa e turbulenta e não reinava grande ordem, então, nos cursos do Externato; um grupo de gaiatos e trocistas deste sexto anno, trazia o curso em polvorosa.

«Nas aulas de inglez, regidas pelo professor Cumberworth, que mal sabia algumas phrases de portuguez, havia inacreditavel desordem. Os lentes que não usavam processos violentos viviam dominados pela turbulencia de um bando de desalmados estudantes, conta o Visconde de Taunay, numas reminiscencias de infancia que estão ineditas. Assim succedia por exemplo aos dois illustres monges Fr. Camillo de Montserrate e Fr. Francisco de Santa Maria Amaral e ao barão de Tautphœus; o reitor Dr. Manuel Pacheco da Silva não conseguia conter a endemoninhada rapaziada.

O unico professor desta serie realmente respeitado era um certo bacharel Gonçalves, lente de historia, que se impunha aos rapazes, graças a processos especiaes. «O bacharel Gonçalves, dispondo de muita audacia e pretenção, tinha, comtudo, reaes aptidões para o professorado. Conhecia de prompto os bons estudantes, sabia estimula-los e encaminha-los, aproveitando os vadios e madraços para exemplo e contraste. Fazia-nos á vontade rir ou tremer, chegando a contar historias mais que familia-

res, mas de repente parando e assumindo, sem transição, o seu papel de lente e lente feroz e intransigente. Nesse caracter não nos poupava epithetos violentos. A sua linguagem era estudadamente emphatica e teria sido ridicula se nos não enchesse de verdadeiro terror.

—Sr. alumno, bradava, por exemplo, o Sr. é um miseravel verme que rasteja á base da montanha de cujo cume eu o contemplo, triste e compassivo. Uma nuvem negra me separa do Sr. Suma-se já e já, suma-se da minha vista que me nausêa!

E fazia um gesto largo e ameaçador para que a causa de tanto desgosto sahisse incontinente.

Nesse tempo, meiados de 1856, é que começaram as minhas relações com o José Antonio de Azevedo Castro, alimentadas pela troca continua de romances, pois eramos insaciaveis devoradores de livros, furor começado para mim, em fins de 1852, causando-me o primeiro romance que li verdadeiro deslumbramento: *Ivanhoe.* Aquillo me pareceu sublime, estupendo. Quando pois comecei a conversar com o Azevedo Castro, bons elementos havia de completa identificação intellectual. Não nos cansavamos de lêr romances e de conversar sobre elles, fazendo contínuas trocas. Nas aulas, sobretudo na do Cumberworth, muito lêmos, ás vezes no mesmo livro, emquanto infernal barulho roncava em torno de nós ».

O final do curso de 1856 foi caracterisado por mil scenas da mais absoluta desordem nas aulas, « no meio de grande balburdia no professorado, pela desunião que nelle lavrava e pelo pouco apoio que recebia da primeira autoridade do collegio. Não occultavam os lentes, porém, que haviam de saber tirar a sua desforra.

— « Meus amiguinhos, dizia aos estudantes apavorados o Dr. Souza, lente de latim, em palavras de que bem me recordo ainda hoje — tão gravadas me ficaram — breve chegará para vocês o *dies irae, dies illa, calamitates et amara valde*. Com effeito, nos exames, o desforço dos lentes foi completo; o castigo estrondoso. Estavamos em dias de Novembro de 1856. O Imperador assistia aos actos e por isto vieramos todos de casaca, contrictos e assustados, como criminosos diante de severo jury. »

Apenas cinco alumnos conseguiram promoção na turma, quiçá composta de quarenta estudantes. « Azevedo Castro teve o primeiro premio, unico approvado com distincção em todas as materias ». Continuando o curso com brilhantismo, bacharelava-se Azevedo Castro em sciencias e lettras, no anno seguinte de 1857, decidindo-se a sua partida para S. Paulo, onde devia formar-se em direito.

Assim, pois, em principios de 1858, estava elle a frequentar o primeiro anno do Curso Juridico. Era então a Faculdade paulista dirigida pelo Conselheiro Dr. Manuel Joaquim do Amaral Gurgel e entre os seus lentes mais notaveis citavam-se por ordem de antiguidade os Drs. Avellar Brotero, Clemente Falcão, Vicente Pires da Motta, Dias de Toledo, Chrispiniano Soares, Ramalho (Barão de Ramalho), Couto Ferraz (Visconde do Bom Retiro), Carrão, Martim Francisco, Ribas, José Bonifacio, Justino de Andrade e João Theodoro Xavier; os dous ultimos, mais tarde tão conhecidos, acabavam de ser nomeados substitutos.

Na restricta capital paulista, que quando muito contaria então quinze mil almas e não podia offerecer grandes diversões, entregou-se Azevedo Castro de corpo e alma ao estudo, cioso de manter a tradição adquirida no Pedro II, o rosario de plenamentes e distincções que lhe ornara o curso do bacharelado.

E assim o fez; nos cinco annos de faculdade alcançou sempre a nota de plenamente, então muito parcimoniosamente distribuida pela congregação. Muito boas amizades lhe vieram do convivio com os collegas. Affeiçoara-se desde a sua chegada a um *veterano*, mais adiantado no curso de dous annos, Manoel Vieira Tosta, o filho e homonymo do illustre homem de estado que tanto serviu ao Brazil: o Marquez de Muritiba, e que mais tarde tanto se devia distinguir na magistratura, pela impeccabilidade do exercicio de melindrosas funcções; o juiz integerrimo que certamente ao mais alto tribunal do paiz deveria um dia levar o prestigio de sua rectidão e capacidade, se acima da carreira, ou de qualquer preoccupação pessoal, não collocasse os sentimentos de fidelidade a ideiaes politicos e apegos a dictames do coração. Não ha, com effeito, quem ignore a que ponto chega a dedicação do Barão de Muritiba, e sua affeição profundissima á casa impe-

rial brazileira, a quem, cortezão do exilio e da desgraça, amigo dos tempos nebulosos de que nos fala o poeta, acompanha desde a revolução de 15 de Novembro.

Outro bello espirito a quem muito se ligou então Azevedo Castro, intimamente, foi Francisco Belisario Soares de Souza, este quasi seu companheiro de bancada, apenas distanciado de um anno.

Em 1862, após os mais brilhantes actos, em todas as series do curso juridico formava-se Azevedo Castro, cuja turma constava de oitenta e nove graduados. Nesse conjuncto destaquemos: Florencio de Abreu, Ignacio de Assis Martins, França Junior, Vieira de Carvalho, Cesario Alvim, Manuel Euphrasio Correia, como os que mais altas posições occuparam dentre numerosos e reputados politicos, magistrados, diplomatas, advogados, etc. Ainda como estudante collaborara Azevedo Castro em varios periodicos, quer fluminenses quer paulistas, affiliados ao partido conservador, como *A Lei* e o *Constitucional* de São Paulo, escrevendo numerosos artigos de feição politica, sobretudo; artigos estes desde logo muito apreciados pelo criterio dos conceitos, clareza e moderação das ideias, excellente vernaculidade e cunho litterario. Uma das feições da robusta intellectualidade de Azevedo Castro era o pendor natural para as linguas. Figurava entre os mais robustos manejadores do portuguez do seu tempo e o seu conhecimento do francez aferia-se quasi pelo do idioma materno. Sabia esta lingua a fundo, escrevia-a e falava-a com a maior correcção e o mais puro sotaque.

A' amizade nascida no Pedro II não abalaram as interrupções causadas pelas ausencias de Castro em S. Paulo, emquanto Taunay proseguia no seu curso de engenharia militar. Com que alegria se reuniam os amigos durante as ferias! Unidos a Manuel Thomaz Alves Nogueira formavam inseparavel trio. Acerca destas relações ouçamos o Visconde de Taunay, ainda num excerpto dos ineditos a que nos referimos:

«Um dos maiores encantos da minha adolescencia foi a convivencia intima que tive com dous companheiros do Collegio de D. Pedro II, Manuel Thomaz Alves Nogueira e José Antonio de Azevedo Castro. A este ultimo dominava um pouco um genio

pointilleux; mas que altas qualidades de lealdade e profunda honestidade e pundonor! Aquella convivencia já mantida entre elles dous, Thomaz Alves e Castro, se esboçara em 1855 e se travou, logo forte e exclusiva, no anno seguinte de 1856. Já antes, quanto nos prendia a mim e ao Castro, a leitura contínua de romances que reciprocamente nos emprestavamos, sendo o meu amigo já assignante da Bibliotheca Fluminense e portanto dispondo de muitos mais livros do que eu. Iamos muito visitar Thomaz Alves, na sua casa da rua do Senado, quasi junto á barreira que, naquelle tempo, quasi não dava passagem, de tão alta que era. Os commodos que occupava eram num sobradinho independente, onde amontoava quanto livro lhe comprava o pae em livrarias, belchiores e leilões e os havia em grande porção. Sempre que lá nos ajuntavamos divertiamo-nos a valer, pois além do muito que nos entendiamos, conversando sobre um sem numero de assumptos, alguns até serios e scientificos, não poucas vezes nos esperava lá em casa alguma peixada, fritada de camarão ou outro prato excellentemente preparado por um escravo da casa, um tal João, crioulo capengo, a quem appellidaramos Vulcano.

« O Thomaz Alves após haver pensado em estudar medicina, verificando que não tinha vocação para a carreira medica dedicava-se de corpo e alma ao allemão e a estudos serios. »

Formado o Azevedo Castro em S. Paulo em fins de 1862, estabeleceu-se advogado como praticante no cartorio do Dr. Perdigão Malheiro, procurador fiscal dos feitos da Fazenda, e estudando eu os annos da Escola Central, muito se apertaram, as nossas relações emquanto o Thomaz Alves ia á Allemanha e de lá voltava com o titulo de Doutor em philosophia e com uns enthusiasmos germanicos inexcediveis e que sempre procuravamos contrariar, com grandes argumentos em favor da superioridade da França e da supremacia da raça latina. E, com effeito, naquelle tempo os gloriosos annos do reinado de Napoleão III facilmente nos davam ganho de causa.

Já então tinha eu assentado praça e era de ver-se aquella nossa trindade, em que a minha farda de alumno pertencente á arma de artilheria destoava no meio dos paletós mais ou menos caprichosos dos meus indefectiveis companheiros, cuja alegria

não tinha senão bem passageiras nuvens. Quanto nos divertiamos e sempre bem innocentemente! Um dos maiores prazeres era irmos aos domingos ou, melhor, em dias de semana ao Passeio Publico, nessas occasiões quasi de todo deserto e conversarmos, sem parar um momento, debaixo dos frondosos massiços.

Tudo era assumpto de interminaveis palestras e motivo de engraçados commentarios e gostosas gargalhadas. Quanto nos riamos, como aquellas horas nos corriam ligeiras e alegres! Voltavamos para casa cansados de tanto rir.

« Tão estreitas eram as minhas relações com o Azevedo Castro que não contente de estar em commum o dia inteiro lhe escrevia, ao chegar á casa, longas cartas em que desenvolvia com humorismo os episodios e observações mais salientes do dia. Tudo era pretexto para assumptos comicos.

Depois da morte do pae do Thomaz Alves mudara-se este para a rua Detraz da Lapa, num sobrado sombrio. Que bellas gargalhadas ahi demos á espera das petisqueiras preparadas pelo João Vulcano. »

« Em 1863 foi o Azevedo Castro chamado a redigir o jornal politico de feição conservadora: o *Constitucional,* figurando o seu nome no cabeçalho da folha, cujo director era o Senador Firmino Rodrigues Silva. Deu-se então violento incidente, um pugilato entre este e o Dr. Ferreira Jacobina, incidente motivado por um quiproquo, attribuindo o aggressor ao Senador Firmino a autoria de uma serie de artigos injuriosos, escriptos realmente pelo... que, no momento de perigo, cobardemente se occultou atraz da redacção do *Constitucional,* quando o offendido julgou dever pedir uma satisfação. O certo é que o Senador Firmino era completamente alheio a elles.

O Azevedo Castro, em todo este incidente se portou com a maxima hombridade, atacando então com a maxima violencia o governo do Marquez de Olinda, que preparava a evolução politica para o lado liberal. »

Continuava Azevedo Castro a advogar no escriptorio do illustre Perdigão Malheiro, de quem era aparentado por alliança e amigo intimo. Exercia Malheiro o cargo de Procurador dos Fei-

tos da Fazenda Nacional, lugar que em 1864 deixou, sendo substituido pelo amigo que ahi se manteve até 1883.

A 28 de Janeiro de 1865, desposara este D. Maria de Queiroz, filha do Desembargador Francisco de Queiroz Coutinho Mattoso e D. de Rita Maria Pinto Moreira Mattoso, irmão aquelle do illustre Eusebio de Queiroz. O consorcio tornou-o felicissimo, pois á joven esposa ornavam as maiores prendas e qualidades.

Occupava então lugar de destaque entre os conservadores. Manejava, como já lembrámos, a penna com extraordinaria dextreza, profundo conhecedor da lingua, purista que era; dispondo de excellente cabedal quer humanistico quer juridico, figurava entre os primeiros polemistas do partido.

Assim é que, já em 1868, contribuira para o triumpho da situação conservadora, victoriosa com Itaborahy.

Logo depois se ventilava a magna questão da libertação dos nascituros, com Rio-Branco, e na ardentissima pugna politica dalli originada tomou parte Azevedo Castro, publicando artigos diarios, incisivos, a ferir fundamente o partido adverso com a sua phrase tão facil quanto convincente e aguda, a argumentação cerrada, a logica perfeita.

Identificado com as ideias de Perdigão Malheiro, cuja *Escravidão no Brazil* produzira prodigiosa impressão, repercutindo na Europa a ponto de merecer ao autor as mais vehementes palavras de applauso de philosophos, philantropos e sociedades anti-escravagistas, figurou Azevedo Castro na phalange dos paladinos a quem se deve a victoria de 28 de Setembro de 1871. A modestia levou-o a collocar-se na segunda plaina dos abolicionistas, quando lhe cabia uma posição de real destaque entre os grandes, os mais pertinazes e activos combatentes da nefanda instituição. Verdade é que neste intenso labor a que se submettera entrara tambem o afan com que procurava embalar profunda magua: a 6 de Dezembro de 1869 morria-lhe a esposa, a quem tanto amava, e lhe dera curtos dias de ventura, deixando-lhe no lar vasio tres orphãsinhas... [1]

---

1 Nascera D. Maria de Queiroz Mattoso de Azevedo Castro a 17 de Março de 1844 e do seu consorcio houvera: D. Maria Carlota Mattoso de Azevedo Castro, nas-

Tinha-o em grande conta e amizade o Visconde do Rio-Branco, que, desejando de algum modo galardoar-lhe os serviços ao partido, pensou em fazel-o deputado geral; escusou-se Azevedo Castro, sob pretexto de que tinha pouco apego á politica e pronunciada aversão á tribuna.

Não pôde, porém, eximir-se ao convite que lhe foi dirigido, quasi peremptoriamente, para presidir o Rio Grande do Sul; teve de obtemperar aos desejos dos *leaders* conservadores e para aquella provincia partiu, tomando posse do governo a 11 de Março de 1875.

Administrador tão habil quanto operoso revelou-se desde o primeiro dia. Comprehendendo as verdadeiras necessidades de sua circumscripção, estudou com afinco o problema do povoamento do vasto territorio semi-deserto do Rio Grande do Sul e deu vigoroso impulso á obra colonisadora. De 1875, com effeito, datam estas duas soberbas ex-colonias — Caxias e Bento Gonçalves, antigamente D. Isabel — que em 1908 contavam 50.000 habitantes e uma cidade de 5.000 almas, Caxias, produzindo generos diversos no valor de onze mil contos, segundo as estatisticas officiaes.

A ambas favoreceram immenso as sábias medidas do presidente Castro.

Foi ainda elle quem inaugurou a estrada de ferro de Porto Alegre a Nova Hamburgo, que, em 1869, o presidente Sertorio concedera e cuja construcção, muito demorada, começara em Novembro de 1871.

Em repetidas consultas ao governo geral insistia Azevedo Castro para que se traçasse um plano geral de viação ferrea provincial, e se promovesse a construcção da estrada de Rio Grande a Pelotas, Bagé e Alegrete, concedida pela assembléa regional em 1871.

---

cida a 11 de Dezembro de 1865 e fallecida a 29 de Agosto de 1882; D. Rita de Azevedo Castro Vasconcellos, nascida a 2 de Junho de 1867, casada em 1897 com José Moreira de Vasconcellos, hoje fallecido; D. Anna de Azevedo Castro Andrade, nascida a 31 de Julho de 1868, casada em 1892 com o Dr. Eugenio de Andrade, engenheiro civil, nascido a 18 de Setembro de 1857.

Entre muitos serviços prestados á provincia, fóra os citados, lembremos ainda o estabelecimento da bibliotheca do Atheneu em Porto Alegre e a construcção de um asylo para alienados, que até então eram recolhidos ás prisões civis.

Ao despedir-se da circumscripção, que com tanta superioridade de vistas e isenção de partidarismo administrára, recebeu Azevedo Castro demonstrações de apreço de todas as classes, de amigos e correligionarios e de adversarios politicos.

E sabem todos com que estreiteza de vistas são tratadas as questões de politica nos meios provinciaes...

De todo o Brazil era o Rio Grande do Sul a provincia onde mais poderoso se mostrava o partido liberal; nas camaras temporarias de 1872-1875 e 1875-1878 a opposição liberal constituia-se exclusivamente de riograndenses; dos sete membros: seis riograndenses, toda a representação da provincia, em 1872; na assembléa provincial a superioridade dos liberaes se mostrava igualmente esmagadora.

Preciso se tornara por parte do presidente conservador immenso tacto para governar de acordo com os ardentes adversarios, chefiados por homens do valor do Marquez de Herval, de Silveira Martins, Florencio de Abreu, Conde de Porto Alegre, Visconde de Pelotas, etc.

Sahira-se Azevedo Castro admiravelmente da ardua commissão.

Ao deixar a presidencia, em principios de 1876, mandava-lhe a camara de Alegrete uma mensagem em que, fazendo notar a sua arregimentação, unanimemente liberal, lastimava que tão distincto e correcto presidente deixasse a direcção dos negocios da provincia.

Substituiu-o o Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, empossado do cargo em Abril de 1876.

Sentia-se Azevedo Castro tão avesso á politica que, após este periodo de administração, resolvera deixar, uma vez por todas, os engodos da vida publica.

Regressando ao Rio de Janeiro, desposou, a 3 de Fevereiro de 1877, a Ex.ma Sr.a D. Isabel Maria de Azevedo Castro, senhora riograndense que durante quasi trinta e cinco annos lhe foi a

mais dedicada das esposas, e fiel companheira de todos os instantes. [1]

Preferiu proseguir a carreira administrativa e occupar-se com as queridas letras, postas um pouco de lado durante os treze annos em que se consagrara ao jornalismo e á politica.

Da Procuradoria dos Feitos da Fazenda Nacional passou-o o Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira para o cargo de Ajudante do Procurador Fiscal do Thesouro. Da capacidade e do saber, da consciencia com que desempenhava os altos cargos que lhe haviam sido confiados dão testemunho numerosos documentos officiaes, sobretudo os avisos de ministros em que a sua conducta vem elogiada, em termos altamente honrosos.

Conferira-lhe o Imperador, em 1875, o officialato da Ordem da Rosa; pouco depois de regressar da presidencia do Rio Grande do Sul agraciou-o com a Commenda da Ordem de Christo.

Na qualidade de Procurador da Fazenda iniciara o processo da libertação de escravos pelo fundo de emancipação; houve-se de modo tão elevado nesta tarefa que o monarcha lhe concedeu em 1882 o titulo de Conselho. Sabem todos que não barateava esta distincção, á qual ligava talvez mais importancia do que aos dous primeiros titulos da hierarchia nobiliarchica, quando lhes não ajuntava os privilegios da grandeza.

Em 1885 teve o governo imperial de nomear um novo delegado do Thesouro Nacional em Londres, cargo desde Dezembro de 1872 desempenhado pelo Dr. Odorico José da Costa.

Varios pretendentes se apresentaram ao lugar, alguns muito amparados por elementos politicos de primeira ordem. Mostrou-se D. Pedro II inflexivel: « Tenho um candidato melhor do que qualquer, disse categoricamente: é o Azevedo Castro. »

E' preciso acrescentar que não houve ministro nem chefe politico que não concordasse plenamente com o monarcha.

E não era só a impeccavel honestidade do candidato do Im-

---

1 A' Ex.ma Viuva do Conselheiro A. Castro devemos grande numero de apontamentos acerca daquelle cuja memoria vive a rodear de perenne culto, presa de inconsolavel dôr.

perador que a todos impunha, era tambem a sua capacidade superior, o perfeito conhecimento que possuia dos assumptos mais difficeis e tão variados dos diversos ramos do departamento da Fazenda, o renome que angariara de provecto jurisperito, de autoridade em assumptos administrativos e regulamentares, a intelligencia com que chegara ao termo de delicadas e difficeis commissões. Nas lettras juridicas estreara com applaudido *Repertorio da Novissima Reforma Judiciaria* (1871), a que se haviam seguido o *Repertorio da Lei do Elemento Servil* (1872), o *Commentario do Regulamento de 31 de Março de 1874 para a arrecadação do imposto de transmissão* (1875), numerosos artigos e monographias publicadas em revistas de jurisprudencia.

Em 1885 appareceu o *Livro das Convenções Consulares*, contendo todas as que regulavam no Brazil, até á data, a materia de successões de estrangeiros, acompanhados da respectiva legislação dos decretos de Novembro de 1851 e Junho de 1859 e annotados de decisões do governo (B. L. Garnier, Rio de Janeiro).

Era um livro que esgotava o assumpto e foi saudado com viva satisfação, e grandes encomios, por advogados e magistrados. Modestamente dizia o autor que apenas pretendera remover algumas das difficuldades e embaraços que continuamente surgiam na execução das convenções celebradas entre o Imperio e diversos paizes, no intuito de regular as successões dos nacionaes respectivos. Á legislação nacional addicionou a de varios paizes estrangeiros, que por força da letra das mesmas convenções teria de ser applicada pelos tribunaes do Brazil.

As notas e commentarios do autor foram em extremo louvadas pelos diversos criticos e especialistas que lhe analysaram a obra. Era mais um titulo apresentado por Azevedo Castro á distincção que lhe conferia o governo Imperial, escolhendo-o para a Delegacia do Thesouro em Londres.

Referendado o seu decreto de nomeação a 4 de Abril de 1885 pelo Conselheiro José Antonio Saraiva, partia Azevedo Castro pouco depois para a Inglaterra; ao deixar a Patria, sentiu-se commovido ao ultimo ponto, agitava-o quiçá o presentimento que nunca volveria ao solo natal, nunca mais tornaria a vêr as magicas paragens fluminenses nem as feições da extremosa Mãe, das Irmãs

e do Irmão, a quem muito e muito queria, dos bons e queridos amigos, entre os quaes contava, além de Taunay, Francisco Belizario, o Dr. José Antonio de Souza Gomes, o Barão do Ladario, o Dr. Vieira Fazenda, o Dr. Manoel Euphrasio Correia, e diversos outros; fieis, leaes e antigas amizades.

Assumindo a direcção da Delegacia do Thesouro Nacional, reorganizou-a Azevedo Castro admiravelmente, com o alto bom senso e o lucido e pratico criterio. Ficou, desde os primeiros dias, o que permaneceu até hoje, uma repartição cuja ordem e contabilidade são irreprehensiveis e modelares.

Entendeu, ao mesmo tempo, dar publico documento de quanto fôra bem inspirado o governo brazileiro mandando-o para Londres, quanto conhecia os negocios do seu departamento, nas menores minucias, e, neste sentido, imprimiu em fins de 1888 o seu *Manual do Delegado do Thesouro Brazileiro em Londres.*

Na *parte doutrinal* expoz as questões relativas á natureza das funcções, attribuições, vencimentos, substituição de Delegados, ajuntando-lhe abundantissima documentação respigada em avisos, decretos, consultas ministeriaes, etc., trabalho de compilação intelligente, digno de um benedictino.

O titulo segundo, *legislação,* compendía um grande numero de actos officiaes, tudo quanto diz respeito ás relações do governo brazileiro com a Delegacia de Londres, desde 1867, anno em que foi fundada a repartição.

O titulo terceiro transcreve contractos de emprestimos externos effectuados graças á interferencia da casa Rothschild, e o quarto consta de tabellas de vencimentos dos corpos diplomatico e consular, valores de moedas de diversos paizes, taboas de cambio, modelos de formulas, etc.

Tres edições teve esta obra util, a segunda appareceu em 1891 e a terceira em 1898, muito augmentada, pois ao livro ajuntou o autor volumosa correspondencia, que historía diversos incidentes passados com a Delegacia e varios personagens officiaes, em commissão do governo brazileiro na Europa, incidentes a que nos havemos de referir, pois alguns documentam de modo muito interessante a desordem que tanto caracterisou a administração publica nos penosos primeiros annos do regimen republicano,

Apezar dos grandes, notaveis conhecimentos litterarios e apurado gosto pelas bellas lettras, nunca quizera o Conselheiro Azevedo Castro, até então, produzir qualquer cousa no terreno da litteratura. Desconfiança, sem motivo, das proprias forças, modestia exaggerada, timidez? Certo é que se não abalançava a sahir das lettras juridicas ou das compilações administrativas, quando muito, de longe em longe, publicava um ou outro artigo de critica litteraria.

A morte de Perdigão Malheiro, por quem professava incondicional e tão justa admiração, levou-o a escrever excellente estudo bio-bibliographico ácerca do vulto illustre do amigo; brochura de 177 pags., in-4.º, impressa no Rio de Janeiro, em 1883; assim mesmo encobriu o proposito com o pretexto de prefaciar ineditos do grande jurisconsulto. Esta biographia, vasada num vernaculo excellente, tem um estylo encantador. Acompanhando as diversas phases da vida do seu biographado, fez Azevedo Castro um apanhado summamente claro e synthetico da questão servil, dos graves problemas que se debateram de 1868 a 1871, examinou os homens e as cousas á luz de superior criterio. O seu livro é de indispensavel consulta para quantos estudem a historia da época do segundo imperio, em que brilharam os talentos superiores de Perdigão Malheiro.

Saudado, geralmente, com palavras muito elogiosas deu-lhe entrada como socio correspondente no Instituto Historico e Geographico Brazileiro, a 24 de Julho de 1885. « De tão distincto escriptor e notavel brazileiro espera o Instituto avantajados serviços », dizia-lhe o 1.º Secretario, Dr. Moreira de Azevedo, ao communicar-lhe a eleição.

Em 1888 publicava Azevedo Castro a sua magnifica edição das *Obras poeticas e oratorias de Pedro Antonio Corrêa Garção* (Roma, Irmãos Centenari), luxuosa obra de 622 paginas, soberbamente impressa e ornada de vinhetas e cercaduras, em que ha uma introducção sua, de setenta e quatro paginas. Dedicado o livro a D. Pedro II, nelle figura o fac-simile da carta que o monarcha escrevera ao Conselheiro Paulino de Souza, recusando a annuencia ao projecto de creação de uma estatua que em sua honra devia ser collocada numa das praças do Rio de Janeiro.

Difficil e cuidadosamente reunira o autor tudo quanto de authentico lhe parecera na obra, aliás extensa, attribuida ao poeta portuguez: sonetos, odes, epistolas, satyras, dithyrambos, motes e glosas, cantigas, endechas, peças theatraes, dissertações, orações academicas, etc.

Foram os textos das diversas edições de Garção cuidadosamente cotejados, as variantes citadas e annotadas no fim do volume.

O offerecimento a D. Pedro II dictou-a o caracter nobre de um amigo dedicado, isento de qualquer pecha desse cortezanismo que aliás tanto repugnava ao monarcha. A *introducção* revela quanto conhecia bem o autor a historia da litteratura portugueza, qnanto se movia a vontade, e com segurança, no alambicado periodo das arcadias e das pastoraes.

Acolhida foi a edição das obras de Garção, pela critica portugueza, sobretudo, com palavras encomiasticas quanto possivel e merecia sel-o: pois constituia relevante serviço prestado á litteratura lusa a resurreição da figura do autor da *Cantata de Dido*.

A revolução republicana de 1889 muito veio affligir o Conselheiro Azevedo Castro, grande admirador e fiel amigo do imperador deposto.

Contou-nos, de modo singelo, que chorara *todas as suas lagrimas* ao saber da morte do illustre exilado.

Continuou, porém, com a mesma lealdade de sempre, a prestar os relevantissimos serviços costumeiros á Patria, ao Brazil, na nova phase de sua vida politica.

Bem sabia o Governo Provisorio o que valia a inteireza de Azevedo Castro; muitos, porém, e bem apadrinhados, eram os que lhe cubiçavam o lugar; começaram pois a echoar no Rio de Janeiro as accusações que lhe faziam de impenitente *sebastianismo*. Calaram no animo dos novos proceres da situação estas imputações. Chegou pois o governo a demittil-o, acto que logo foi sustado, á vista do grande numero de pedidos recebidos, de pessoas altamente collocadas e influentes, e da má impressão causada ao publico.

Quantas difficuldades, aborrecimentos e contrariedades de toda a especie, angustiosas espectativas e decepções, iam trazer

ao inatacavel funccionario os primeiros annos do novo regimen?!

Pundonoroso como era, por diversas vezes se viu obrigado a recorrer quasi á violencia, pelo menos a empregar grande energia de palavras e actos, para manter a integridade do decoro do seu cargo e sobretudo resguardar os fundos da Delegacia dos numerosos assaltos de individuos que surgiam em Londres, pretendendo, com o auxilio de documentos suspeitos e de empregos em commissões irregulares sacar do Thesouro sommas por vezes não pequenas.

Na vice-presidencia do marechal Floriano Peixoto a situação do Conselheiro Azevedo Castro tornou-se afflictiva. Mal podia o governo attender ás exigencias da politica interna, no paiz assolado pelos pronunciamentos, e afinal pela guerra civil, de modo que o Delegado do Thesouro viu muitas vezes os seus telegrammas urgentes, consultas e pedidos de informações, sem resposta alguma, dias e semanas, quiçá mezes a fio.

Emquanto isto se dava rondavam a Delegacia varios personagens civis e militares, que, no velho Mundo, se diziam em commissão do governo, a comprar armamentos, em missão financeira ou diplomatica, etc., tendo mil e uma occupações, emfim, mas no fundo, só cuidando em gozar da estada na Europa e surripiar gordas quantias aos depauperados cofres publicos. Era a época do expressivo *pague-se! mas que ladrão!* Contra esta malta de flibusteiros insurgiu-se, vehemente, o Conselheiro Azevedo Castro e deu-lhe tremendo combate, mostrando-se o mais feroz dos cerberos, em defeza dos dinheiros do Brazil. Meticuloso e formalista como já era, entrincheirou-se formidavelmente atraz das subtilezas e minucias de uma burocracia incontentavel: as exigencias redobraram, tornaram-se as formalidades exasperadoras; o Delegado abroquelava-se ora com a falta de instrucções expedidas do Rio, ora com a espera de um ultimo requesito de processo administrativo ou do beneplacito dos superiores para effectuar os pagamentos de saques que lhe pareciam suspeitos, emfim oppunha os recursos da mais patriotica chicana aos appetites ferozes de muitos dos famelicos commissionados daquelles tempos de anarchia.

— « Certo dia, contou-nos elle em 1909, vi chegar ao meu gabinete um individuo que me exhibiu documentos mais ou menos comprobatorios de sua nomeação para certa missão especial na Europa e contou-me que ia sacar, immediatamente, muitos milhares de libras, para certos *pagamentos urgentissimos*. Respondi-lhe, immediatamente tambem, que lhe não daria um penny emquanto não recebesse instrucções formaes, oriundas do gabinete do ministro da fazenda.

Era o homem paciente e labioso, quiz levar-me pela persuasão, perguntou-me se me recusaria obedecer a ordens emanadas directamente do Marechal Floriano. Disse-lhe de novo, categorico, que só obedecia ao meu superior, ao ministro da Fazenda, a quem ia telegraphar incontinente. Esgotados os recursos da labia passou-se o aventureiro para o terreno da ameaça e afinal para o dos insultos mais soezes: preveniu-me de que eu seria demittido a bem do serviço publico, dentro de algumas horas, chamou-me sebastianista, traidor á republica, etc., etc. Contentei-me em lhe dizer que só me consideraria demittido por acto vindo do Rio de Janeiro, e que eu percebesse provindo authenticamente do gabinete do secretario de Estado, não ligando grande credito ao telegrapho; quanto aos saldos do thesouro que se tranquilisasse, estavam ao abrigo dos seus botes, entregal-os-ia intactos ao meu successor legal. Exasperou-se o assaltante a ponto de me parecer que, se não fôra salutar receio das forcas britannicas, me teria estrangulado.

Alguns dias mais tarde, chegadas as instrucções do Rio, effectuava eu, directamente, os pagamentos a que alludira o *patriota*, verificando então, o que já tinha como fóra de duvida: as despezas ficaram muito aquem da importancia por elle annunciada ».

Normalisaram-se no fim de algum tempo as cousas, cessando desde o governo de Prudente de Moraes, estas tão graves irregularidades; veio, porém, logo depois, o periodo dos apuros financeiros, da carencia de fundos, que affectou, não menos penosamente, o velho e rigido Delegado.

Offendia-lhe o amor-proprio e muito dolorosamente, affectando-lhe os sentimentos de patriota, que os tinha em grau muito

sensivel, a falta de pontualidade a que o governo brazileiro se via obrigado nos seus pagamentos, graças aos terriveis cambios que afinal impuzeram o *funding loan*.

Nas duras contingencias por que passou manteve sempre com a maior dignidade o prestigio do cargo, sua attitude valeu-lhe as mais lisongeiras e honrosas palavras dos nossos diversos ministros da fazenda, augmentando a amizade e o respeito que lhe tributavam os banqueiros e financeiros inglezes.

Por diversas vezes teve o Conselheiro Azevedo Castro grandes difficuldades com funccionarios em commissão na Europa; escrupulosissimo e exigente, em materia do serviço, não autorisava um unico pagamento que não tivesse a serie completa das autorisações e dos tramites legaes, observados até o ultimo *iota*. Chefes de missões militares, diplomatas, funccionarios nesta ou naquella commissão, frequentemente com elle tiveram serios attrictos; precisando sacar determinadas quantias com certa rapidez, vinham esbarrar ante as suas immutaveis normas do processo de contas. Dahi correspondencias asperas, insolentes recados, queixas profundas enviadas ao Rio de Janeiro e mesmo despachos insultuosos, transmittidos, em termos que tendiam a attribuir-lhe a mais completa senilidade ou frisavam claramente a possibilidade de desforços materiaes.

Assomado era certamente o Conselheiro Azevedo Castro, mas, nem por isto, nestas occasiões, deixava a serenidade de caracter, respondia paciente e calmamente aos aggressores e mais tarde delles tirava uma vingança de homem de espirito: publicava-lhes a correspondencia, por extenso, em documentos officiaes, ou á propria custa, as cartas de injurias e as ameaças de pugilatos, palavra por palavra, e certamente não era das cousas mais agradaveis, nem das mais honrosas, para os contendores saber o publico que haviam ameaçado aggredir alguem a quem chamavam *macrobio caduco* e *septuagenario decrepito,* como succedeu a diversos.

Quando muito, numa ou outra nota maliciosa e incisiva, dava-se o Conselheiro Azevedo Castro o prazer de pequena represalia.

Na sua longa estada de quasi vinte e seis annos na Europa

frequente o assaltou a nostalgia, intensamente; recorreu diversas vezes ao governo solicitando-lhe licença para visitar a familia; certa occasião allegou o desejo de se avistar com a velha Mãe, doente e alquebrada. Não a obteve, promettendo-lhe os ministros, desta e outras vezes, satisfazel-o, logo que houvesse alguma folga no serviço da Delegacia. Das saudades da patria consolava-se, um pouco, mantendo activissima correspondencia com varios amigos fieis. Em 1889 abateu-o muito o subito desapparecimento de Belisario de Souza, admirava o talento deste homem de Estado e muita affeição lhe dedicava. A seu respeito publicou sentido necrologio; antes, em 1881, fizera a critica enthusiasta do livro do eminente financeiro: *Notas de um viajante.*

«Sua memoria querida sempre viverá em mim, e se não tive a consolação de o vêr á extrema hora, entendo ser do meu dever pagar este tributo de homenagem tornando patentes as impressões dolorosas que o seu fallecimento me causou».

Pouco antes finara-se outro bom e leal amigo, o Dr. Manuel Euphraso Correia, o talentoso parlamentar paranaense que a morte colheu em 1888, na provincia de Pernambuco.

Um a um se iam indo os parentes, os amigos, no decorrer deste longos annos passados fóra da Patria. De longe, angustiado ao ultimo ponto, acompanhava Azevedo Castro a marcha da implacavel molestia que, a 25 de Janeiro de 1899, lhe devia roubar o mais querido dos amigos, Taunay. Inexpremivel foi o abalo por que então passou; pôde, dez annos mais tarde, o autor destas linhas verificar ainda a intensidade de tal choque.

Esta mesma dôr inspirou-lhe as paginas repassadas de saudade e affeição do *In Memoriam*, opusculo de 29 pags. escripto em francez para o jornal *Le Brésil* (Pariz, Kugelmann, 1899) e consagrado á memoria daquelle que, em 1872, lhe dizia, na dedicatoria de *Innocencia*, que «se lhe fôra possivel, como nos antigos tempos da Grecia, levantar custoso templo, haveria de dedical-o á Amizade para em seu frontão escrever o nome querido do Amigo».

Sempre modesto, historiou Azevedo Castro esta affeição, collocando-se no segundo plano.

«Foi no collegio de D. Pedro II, onde se matriculára em

1855 que nos vimos pela primeira vez e travámos uma amizade que se manteve indestructivel, apezar das vicissitudes da sorte, durante mais de quarenta annos, elle seguindo como triumphador a via das honrarias, conquistadas pelos meritos, eu a mourejar obscuramente nos meus deveres officiaes. A este sentimento affectuoso manteve-se elle fiel até a ultima hora, pois nas immediações do seu desapparecimento ainda me mandava *saudoso adeus* ».

« Desde logo me senti attrahido pela vivacidade do seu espirito e a originalidade do talento que o caracterisavam, reunidos a um fundo de alegria realmente inesgotavel. Meu genio, propenso á melancolia, encontrava no contraste de nossos caracteres poderoso attractivo.

A diversidade das profissões que abraçámos não conseguiu affrouxar o liame dos primeiros annos; pelo contrario elle só se robusteceu e desenvolveu. Ainda recentemente recordava eu, grato, um grande favor que me prestara, defendendo-me, em determinada occasião, de certos ataques pela imprensa, lembrei-lhe então as palavras do philosopho dos *Ensaios* ácerca de Estevam de la Boëtie: *Nos âmes ont charié si uniement ensemble, elles se sont considerées d'une si ardente affection, descouvertes juqu'au fin fond des entrailles e une de l'autre que non seulement il cognoissoy la sienne comme la mienne, mais il me feusse certainement plus volontiers fié á luy de moy qu'a moy.* Respondia-me elle em nota repassada de tristeza: Ah meu amigo, o teu pobre La Boëtie vae bem mal. Foram olhos alheios os que leram o que sobre elle escreveste! »

Traçando a biographia do amigo em suas linhas geraes e com a segurança de vistas que lhe dava o conhecimento exacto da vida do biographado, e o bello talento litterario, deixou o conselheiro Azevedo Castro uma obra encantadora, sobretudo quanto della resumbra um perfume de commoção sincera, a expressão de uma amizade tão idealista, tão nobre!

« A noticia da morte do caro companheiro da minha infancia causou-me funda dôr. Os que nos conheceram, ligados tão intimamente, comprehendem-na facilmente. Senti qualquer cousa quebrar-se em mim; acabava de partir-se a corda que nos ligava os

corações. Chorei amargamente a desapparição daquelle a quem amava como a um irmão. As recordações da mocidade me surgiram innumeras á mente; as infindas palestras sob os bosques verdejantes da pittoresca Tijuca, a discorrer sobre os nossos autores queridos: Rabelais, Montaigne, La Fontaine; as noitadas em minha casa, quando corrigiamos as provas dos seus romances, o enthusiasmo ardente com que acolhemos o *Guarany*, primicias do bello talento de Carlos Gomes, a admiração apaixonada pelo genio de Shakespeare, que conheceramos por intermedio das magistraes interpretações de Salvini, Ristori, Rossi... e depois... muitos annos mais tarde... o ultimo adeus a bordo do paquete que me devia levar á Európa.

A commoção varias vezes deteve-me a penna emquanto traçava estas linhas consagradas á memoria de meu saudoso amigo. Precisei dominal-a para chegar ao fim da triste tarefa, homenagem do coração, que eu queria a todo o transe cumprir, não tendo podido fechar-lhe os olhos e acompanhal-o á ultima morada. »

Fiel a esta affeição tão antiga, pouco antes de desapparecer do mundo, della ainda quiz dar publicas arrhas.

Formára valiosa bibliotheca, tão volumosa quanto bem escolhida e doou-a á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro para que servisse de fundo á « Collecção Visconde de Taunay », regio presente que foi a mais solenne demonstração da amizade dedicada ao querido companheiro de infancia.

Reservara o destino, no anno de 1899, outra e dolorosissima prova ao coração affectuoso de Azevedo Castro. A 11 de maio, tres mezes e meio após a perda do amigo, era-lhe roubada a veneranda Mãe, a quem sempre quizera apaixonadamente, de quem sempre fôra o mais dedicado, o mais exemplar dos filhos, admirador ardente das qualidades e virtudes que tanto animavam aquella nobre e placida figura de matrona brazileira. Soffreu, e muito, com este novo golpe, pareceu-lhe, disse-nos uma vez, que se desapegava de todo do passado.

Refugiou-se no consolo que o catholicismo proporciona aos seus fieis, afervorando crenças firmes desde a infancia.

Desde os mais verdes annos animara-o profunda fé, sentimento que os annos robusteceram cada vez mais.

Nos meios catholicos inglezes, cuja piedade é tão notavel, distinguiu-se logo, e muito apreciado foi entre o clero e os catholicos londrinos, adquirindo numerosas e optimas relações. Assim é que ao illustre Cardeal Vaughan frequentava e a diversos prelados britannicos, delles merecendo especial sympathia e benevolencia. Apresentados que fomos ao actual arcebispo de Westminster, hoje Cardeal, o Dr. Bourne, em 1909, disse-nos este, amavel, ao saber que eramos brazileiro: «aqui temos um distinctissimo catholico brazileiro: o Conselheiro Castro».

Obedecendo aos sentimentos de fervor organisou o nosso biographado excellente *Manual de Missa* «contendo em latim e portuguez o ordinario do Santo Sacrificio, seguido das Epistolas e Evangelhos dos Domingos e dias santificados». (Tournai, Desclée, Lefebvre e C.ª, 1907). [1]

Neste livro, primorosamente impresso e luxuosamente adornado, fez Azevedo Castro solenne demonstração de Fé; dedicou-o, «humilde e devotado filho» á Santa Madre Igreja e, num pequeno prefacio, saudava a Missa «como um sol de graças, que todos os dias nasce e cujos raios puros e luminosos se dividem no prisma das sete côres dos Sacramentos e formam o arco-iris da paz que prende os thesouros do ceu ás miserias da terra.»

Disposto sob um plano muito racional refere-se o *Manual*, exclusivamente, ao S. Sacrificio da Missa, para todos os domingos e festividades do anno, reunindo, para cada dia, os trechos variaveis das Epistolas, Evangelhos, prefacios, etc. Approvado pelo Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, teve o livro excellente aceitação no Brazil.

Os ultimos annos de vida passou-os o Conselheiro Azevedo Castro tranquilla e suavemente. Era a tarde do dia radioso do poeta, a sua velhice; nada lhe perturbava o final de existencia, entregue, sempre inflexivel ante as instigações do dever, ás obrigações do cargo, ao perfeito desempenho de funcções exer-

---

1 Em 1904 recebera Azevedo Castro um retrato do Papa Pio X com dedicatoria autographa acompanhando a Benção Apostolica, demonstração provocada pela sua attitude nos meios catholicos inglezes, de que fôra informada a Santa Sé.

*

cidas com entranhado patriotismo, rodeado dos carinhos da familia, da consideração absoluta dos governos e dos concidadãos. A unica cousa que lhe pesava era o exilio, o afastamento de vinte e muitos annos da patria, a ausencia das queridas Filhas, tão affectuosas, casadas no Rio de Janeiro, e das carinhosas Irmãs. Iam-lhe, um por um, desapparecendo os amigos; sempre fiel ás suas affeições saudava-os Azevedo Castro com um derradeiro adeus, ora em jornaes do Brazil, ora nos periodicos brazileiros de Pariz. Assim é que escreveu sentidos artigos necrologicos sobre o Barão de Ladario, o Visconde de Ourem, o Conselheiro Silveira Martins, etc., em termos dictados pelo coração magoado.

Em 1910 sentiu-se fraco, adoentado; pensou em solicitar da Patria o direito ao repouso, elle que por ella tanto trabalhára por espaço de quasi meio seculo; ao mesmo tempo ainda podia prestar serviços á Nação, não se sentia perfeitamente exonerado dos compromissos assumidos ao aceitar a sua nomeação. Queria ver as carinhosas e queridas filhas e irmãs, os netinhos, os parentes, os amigos que lhe restavam no Brazil, dizia-se á beira do tumulo e o presentimento do proximo fim o agitava.

Ainda assim, não se decidiu a retirar-se do serviço publico. Continuou a trabalhar, a viver a sua vida methodica e modesta de intellectual, no seu *cottage* de Ealing, que baptisara Carioca, rodeado das lembranças caras de tempos já longinquos, de valiosas provas de affecto de muitos personagens illustres, brazileiros e inglezes, fazendo da casa um centro de attracção para muitos dos membros da colonia brazileira de Londres e numerosos inglezes de destaque nas rodas intellectuaes. Os Rothschild por elle professavam a maior amizade e respeito e o mesmo se dava com todos os grandes financeiros que, por seu intermedio, haviam tido transacções com o Brazil, de quem fôra o representante para a conclusão das negociações dos emprestimos de 1886, 1888, 1889 e 1895.

Pelo Natal de 1910 sentiu muito diminuidas as forças e com a clarividencia e a tranquillidade dos justos viu muito vizinha a extrema hora. Piedosamente preparou-se para a morte, embora não houvesse demonstração de que ella se achava imminente. A 31 de Dezembro aggravou-se-lhe o mal: pediu os ultimos sacra-

mentos, recebendo-os christãmente com a maior uncção e resignação; pela manhã de 1.º de Janeiro de 1911 veio a fallecer, diagnosticando-lhe os medicos como *causa mortis* a arterio esclerose.

Ao annunciar o desapparecimento do integerrimo servidor do Brazil dizia um articulista do *Diario Popular* de S. Paulo, a 4 de Janeiro de 1911: «que os primores do caracter de Azevedo Castro a todos impunham a maior admiração» e recordava, de modo frisante, o facto de que milhões e milhões de libras esterlinas lhe haviam escoado pelas mãos, sem que jamais pensasse aquelle grande homem de bem em tocar sequer num *penny;* e no emtanto commissões lhe eram devidas; sem a menor indelicadeza poderia ter ajuntado grande fortuna, mas nunca, nunca lhe passara de leve pela mente a ideia de ficar com um vintem do thesouro brazileiro.

«Felizes, os que como elle, após dilatada peregrinação pelo mundo, só de si deixam as mais vivas saudades, as mais nobres recordações, os mais elevados ensinamentos de caracter, a lembrança de uma personalidade illuminada pela intelligencia e pela rectidão do espirito.»

«Homem de honra por excellencia, terminava o articulista, foi Azevedo Castro, um justo na extensão da palavra; deste brazileiro illustre a patria guardará a memoria como a de um prototypo de inteireza moral, verdadeiro e magestoso vulto socratico, guiado pela sublimidade do catholicismo, cuja grandeza d'alma impressionava a quantos delle tiveram a ventura de se approximar e a elle hão de dedicar sempre a mais grata e a mais profunda das saudades, a maior, a mais absoluta veneração.» [1]

---

1 Ler sobre a pessoa do Conselheiro Azevedo Castro o bello e commovido necrologio que o Sr. Oliveira Lima lhe consagrou em Março de 1911 e em que o illustre escriptor lhe põe em nobre e luminoso destaque as virtudes e qualidades. Ler tambem o discurso do Conde de Affonso Celso, elogio dos socios do Instituto fallecidos em 1911; peça igualmente, do mais alto valor e repassada daquelles sentimentos elevados que tanto assignalam a obra do autor dos *Vultos e Factos*. Ambos estes documentos corroboram plenamente o nosso singelo estudo.

ACTAS

DAS

SESSÕES REALIZADAS NO ANNO DE 1911

ACTAS

PRIMEIRA SESSÃO ORDINARIA EM 15 DE MAIO DE 1911

PRESIDENCIA DO SR. DESEMBARGADOR SOUZA PITANGA *(3.° Vice-Presidente).*

Ás 8 horas da noite foi aberta a sessão com a presença dos Srs. Desembargador A. F. de Souza Pitanga, Max Fleiuss, Gastão Ruch, Commendador Arthur Guimarães, Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, Eduardo Marques Peixoto, Drs. Joaquim Nogueira Paranaguá, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, Dr. Norival Soares de Freitas, Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Drs. Alfredo Rocha e Orville Adalberto Derby.

O SR. DESEMBARGADOR SOUZA PITANGA *(Servindo do Presidente)* communica, em sentidas phrases, que no interregno das sessões o Instituto perdeu tres consocios distinctos: Visconde de Ibituruna (Dr. João Baptista dos Santos), Dr. José Antonio de Azevedo Castro e Dr. João Baptista de Moraes.

Consoante a praxe adoptada, o Sr. Presidente declara que a acta da presente sessão registrará um voto de pezar pelo desapparecimento dos illustres companheiros.

O SR. FLEIUSS *(1.° Secretário Perpetuo)* diz que, entre outras, o Istituto recebeu as seguintes offertas:

O prato de que se serviu em Aquidaban o dictador Solano Lopez (offerta do Sr. Barão do Bananal, por intermedio do Dr. Vieira Fazenda);

Um exemplar da obra, muito rara, do Dr. L. P. Lacerda Werneck, intitulada — *Estudos sobre credito Rural e hypothecario* — 1857 — (offerta de seu filho e nosso consocio André Werneck);

Paizagens de Hespanha (offerta do autor, Dr. Thomaz Lopes);

Cuestiones y Juicios (offerta do autor, nosso consocio Dr. Ramon J. Carcano. Ha neste livro o discurso que o Dr. Carcano pronunciou quando tomou posse do seu cargo neste Instituto);

De Belem ao S. João do Araguaya (offerta do auctor, Dr. J. Ignacio B. de Moura);

La Ensenanza de la Historia (offerta do auctor, nosso consocio, Dr. Ernesto Quesada);

Por intermedio do consocio Sr. Lix Klett, o livro tambem do consocio Charles Wiener — « 333 JOURS AU BRÉZIL »;

Catalogo da Bibliotheca da Faculdade de Medicina da Bahia, em dous volumes.

Além dessas preciosas contribuições para a Bibliotheca do Instituto, recebeu este um exemplar da monographia que, especialmente para o Instituto, escreveu o Dr. Alipio Gama. Acompanhando a offerta desse trabalho, que mereceu distincção especial do Congresso de Geographia, a que concorreu, o Dr. Alipio Gama enviou o seguinte officio :

« Illustres Membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Com a natural timidez dos que se reconhecem fracos para as lides scientificas, compareço hoje, perante vós, pedindo venia para apresentar á sábia instituição de que sois conspicuos membros, o modesto trabalho que a custo elaborei para offerecer-lhe.

« Serve-me de attenuante e desculpa a tão grande ousadia a propria origem desse trabalho abaixo explicado, explicação esta por igual motivo reproduzida tambem em seu prefacio.

« Eil-a :

« Em principios de 1908 occupado andava eu com o estudo de uma questão que exigia não pequena pesquiza de dados scientificos de observação.

« Precisava colher em nossos archivos o que houvesse já sido colligido no Brazil sobre essa questão que se prendia ás explorações geographicas feitas no interior do nosso paiz.

« É bem de vêr que para tal fim me não deveria esquecer, maximé attenta a confiança que me inspira, de vosso « Instituto

Historico e Geographico Brazileiro », veneranda instituição que, muito se interessando pelas cousas patrias, reaes serviços tem prestado a nosso paiz, concorrendo desde muito para seu progresso scientifico.

« Consultando então com esse fim os seus *Annaes*, encontrei casualmente uma these que havia sido por elle proposta antes do anno de 1850.

« Attrahiu-me ella a attenção por versar sobre um assumpto muito interessante.

« Era o seguinte :

« Quaes as tradições ou vestigios geologicos que nos levem « á certeza de ter havido terremotos no Brazil ? »

(Revista do Inst. Hist. e Geogr. Braz., vol. XXII, pag. 135.)

« Foi desenvolvida em 1854 pelo erudito Sr. Barão de Capanema, um dos membros então mais illustres desse Instituto e um dos brazileiros cuja perda, ainda recente, muito é de lamentar.

« Embora estranho ao assumpto que eu então estudava, li com curiosidade o desenvolvimento todo dessa these em que seu autor mais uma vez confirmou o merecido renome que já tinha.

« Havia, porém, uma grande differença de datas, tendo-se já escoado mais de meio seculo depois dessa época em que fôra escripta, o que bem justifica algumas discordancias entre certas idéas, emittidas então e as que hoje devem ser acceitas.

« Durante esse longo periodo de 54 annos, foi o interior de nosso paiz varias vezes percorrido por differentes homens de sciencia, especialistas em assumptos de geologia, e em cuja opinião incontestavel se póde hoje firmar um juizo com mais segurança do que naquella época.

« Depois dos trabalhos de Hartt, Derby e outros que muito teem concorrido para o conhecimento da geologia do Brazil, não se póde ter mais duvida sobre a origem vulcanica de muitas rochas que constituem o nosso sólo em certas regiões de nosso territorio, nelle attestando a existencia de vulcões extinctos.

« Não tinha, assim, mais opportunidade a these nos termos em que fôra formulada; encerrando, porém, ella ainda um assum-

pto sobre o qual ha duvidas, e parecendo-me que a opinião corrente se firma falsamente em uma confiança exagerada, e tudo isto interessando-nos muito de perto, estudei-a de novo, dando-lhe outra direcção e formulando-a sob outra fórma:

« Serão impossiveis as manifestações vulcanicas no Brazil?

« Não só suscitava assim novamente uma questão de bastante interesse para nós, habitantes deste solo abençoado, como tambem me pareceu que seria de alguma utilidade tornar conhecidos os muitos dados que sobre nosso territorio havia já nessa occasião reunido.

« Sem abandonar, pois, a questão relativa a explorações geographicas, que estudava, fui colhendo ao mesmo tempo varios outros desses dados referentes ao assumpto da these, á medida que os encontrava esparsos em chronicas diversas, e tudo isso já com a intenção de, com vagar, aproveital-os mais tarde para, já coordenados, offerecel-os ao mesmo Instituto Historico e Geographico Brazileiro, que havia, antes de 1850, proposto essa these.

« Com tal intuito fui pouco a pouco estudando o assumpto e desenvolvendo-o nos momentos que tinha de lazer, ás vezes com grandes interrupções; e hoje, já prompto o trabalho, venho trazel-o a seu destino.

« Apresento-o, como já disse, formulando a mesma these em outros termos mais adequados, segundo me parece, aos recursos scientificos da época actual, sobretudo quanto ao conhecimento do interior de nosso paiz; e assim, em vez de perguntar: « Quaes as tradições ou vestigios geologicos que nos levem á certeza de ter havido terremotos no Brazil? » pergunto:

« O Brazil, conhecido apenas de 1500 para cá, estará de facto livre das erupções vulcanicas e grandes terremotos como geralmente se suppõe? »

« Tal foi propriamente a these que desenvolvi, tendo para isto, como disse algures, préviamente reunido varios dados de observação referentes ao nosso paiz.

« São estes, além dos trabalhos de especialistas experimentados, os muitos tremores de terra que aqui já se teem manifestado; e, buscando antigos e modernos documentos, consul-

tando chronicas de autores diversos, consegui fazer uma relação, em ordem chronologica, de todos os principaes terremotos observados no Brazil desde 1724 até 1906.

« Não abrange provavelmente a totalidade dos occorridos em nosse paiz, mas sim os mais importantes; e seu numero é já sufficiente para que se verifique não terem sido tão raros nem tão insignificantes como em geral se pensa.

« Difficil e trabalhosa foi essa pesquiza para conseguir tal collecção que, agora já organizada, poderá, creio, na falta de outra mais completa, ser de alguma utilidade.

« Representa mesmo talvez a parte principal, quiçá o unico valor do modesto trabalho que tenho a honra de apresentar, e peço venia para offerecer ao muito respeitavel e abalisado « Instituto Historico e Geographico Brazileiro ».

« Peço licença para apresentar tambem as minhas sinceras homenagens de alto apreço e mui subida consideração. Saude e fraternidade.

« Rio de Janeiro, 29 de março de 1911. — *Alipio Gama* ».

Continuando, o sr. Fleiuss diz que o dr. Affonso Taunay remetteu para serem publicadas na nossa *Revista* as cartas trocadas entre o maestro Carlos Gomes e o pae do offertante, o nosso saudoso consocio Sr. Visconde de Taunay. Egualmente para a *Revista* remetteu-nos o illustre collega Dr. Alfredo de Carvalho um novo trabalho que escreveu.

O Sr. Presidente diz que o Instituto muito agradece a todos os offertantes.

Passa depois o sr. Fleiuss (1.º *Secretario Perpetuo)* a lêr os seguintes pareceres da Commissão de Historia:

— Sobre a proposta relativa ao professor Henry R. Lang:

« Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal. Zum ersten Mal vollständig herausgegeben und mit Einleitung. Anmerkungen und Glossar versehen von Henry R. Lang. *Halle afs Max Niemeyer,* 1894, in-8.º, 1 fl. — CXLVIII — 174 pp. — Eis a obra apresentada como titulo de admissão do professor Lang á classe de socio correspondente do nosso Instituto.

« O autor é tido hoje pelos mais eminentes especialistas neste genero de estudos como uma autoridade philologica no

dominio das linguas romanicas, e o presente livro assás comprova o alto mérito do professor da Universidade de Yale.

« Até seu apparecimento tinhamos das *Cantigas d'el-rei dom Diniz* conhecimento pela edição que publicou o dr. Caetano Lopes de Moura em 1847, — pelo « Cancioneirinho de trovas antigas », que o nosso eminente Varnhagen deu á estampa em Vienna no anno de 1870, — e pela publicação do «Cancioneiro do Vaticano », que fez Ernesto Monaci em 1875.

« A tentativa de C. Lopes de Moura já foi justamente classificada como « edição defeituosissima » por Carolina Michaelis ; a de Varnhagen, revelando, aliás, melhor erudição, foi ainda incompleta ; só a edição do illustrado Monaci tornou a todos accessivel a apreciação e o estudo do precioso texto. « A edição « de Monaci, diz o illustre philologo João Ribeiro, marca a phase « nova e mais importante do conhecimento exacto dos textos « poeticos medievaes ».

« Com o auxilio deste material, e mais do *Cancionere portoghese Colocci-Brancuti* dado á estampa por Henrique Molteni, em 1880, o professor Lang, excellentemente preparado para taes investigações litterarias, realizou a tarefa difficil de uma edição critica e definitiva do *Cancioneiro* de D. Diniz.

« A obra comprehende o texto com introducção, notas e glossario.

« O texto compõe-se de 138 poesias, classificadas em tres secções : *Cantigas d'amor* (I-LXXVI), *Cantigas d'amigo* (L-XXVII-CXXVIII) e *Cantigas d'escarneo e de maldizer* (CXXIX-CXXXVIII). Ha nelles pequenas infidelidades e leves erros de metrica, segundo observa o nosso distincto patricio professor João Ribeiro, e já advertira D. Carolina Michaelis de Vasconcellos na erudita noticia publicada na *Zeitschrift für romanische Philologie*, vol. XIX. Isso, porém, não lhe tira o grande merito philologico reconhecido pelos mais competentes romanistas.

« Esse texto é precedido de uma longa introducção, na qual, diz João Ribeiro, são tratados com grande proficiencia muitos dos problemas, ainda hoje não inteiramente resolvidos, da Historia litteraria daquella época, até agora mal conhecida, sem embargo do numeroso material historico explorado.

« Assim é que examina a doutrina da « origem provença-
« lesca da antiga poesia portugueza, analysando com rigorosa
« critica as provas e os documentos apresentados em favor
« daquella conclusão ; ao mesmo tempo considera os argumen-
« tos em favor de uma origem nacional e popular, ou de pro-
« cedencia franceza.

« Em verdade, accrescenta o abalisado critico cujo parecer
« ouvimos com acatamento, em verdade as convicções de H.
« Lang não são muito seguras e profundas, e elle tem a habili-
« dade de nunca optar por nenhuma das doutrinas, deixando o
« leitor em verdadeira perplexidade. »

« Certamente isto é para lamentar ; entretanto cumpre con-
signar tambem que o autor promette estudo mais completo so-
bre o assumpto, e, dada a sua indiscutivel competencia, não
padece duvida que o teremos magistralmente explanado. E' pro-
prio de sabios abster-se de concluir emquanto fallecem provas
cabaes.

« Quanto ao estudo da metrica das « Cantigas », que occorre
nas ultimas paginas da Introducção, — esse é excellente, reve-
lando o mais paciente exame dos textos e o admiravel tacto do
philologo.

« Egual elogio merecem as annotações (An merkungen) de
pags. 113 a 142, que precedem o Glossario.

« Em summa, são palavras de João Ribeiro : O Cancioneiro
« de D. Diniz achou no professor H. Lang o seu verdadeiro e
« mais competente editor. A nossa lingua e a sua Historia litera-
« ria devem-lhe esta contribuição, que é uma das mais brilhan-
« tes e valiosas que possuimos ».

« A obra é pois de subido merecimento e lhe daria direito
sem duvida á entrada em uma academia de lettras ; mas o nosso
Instituto só póde honrar-se com a admissão do eximio professor
Lang no quadro de seus socios correspondentes. A historia litte-
raria é ainda um capitulo do grande livro da Historia, a cujo
estudo nos devotamos.

« A commissão opina pela approvação da proposta.

Sala das sessões do Instituto Historico, 8 de maio de 1911.

— Dr. *B. F. Ramiz Galvão,* relator. — *Antonio Jansen do Paço.* — Dr. *B. T. de M. Leite Velho* ».

E' approvado. Vae á Commissão de Admissão de Socios, relator o Sr. Barão de Alencar.

Sob a proposta relativa ao Dr. Braz Hermenegildo do Amaral:

— Em numero especial, e no anno de 1909, a *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia* publicou « A Sabinada. Historia da revolta da cidade da Bahia em 1837 », da lavra do Sr. Dr. Braz do Amaral.

« Esse trabalho, que occupa um volume in-8.º de 211 paginas, é apresentado como titulo para a admissão de seu autor em nosso gremio.

« A narrativa do Sr. Braz do Amaral é seguida da transcripção de 51 documentos, alguns delles valiosos e pela primeira vez dados á luz da publicidade.

« A exposição é minuciosa e dá-nos pormenores, que até aqui não constavam de trabalho algum. Escripta com imparcialidade e notavel criterio, si não desvenda completamente quaes os verdadeiros instigadores desse lamentavel movimento sedicioso que custou tanto sangue, enchendo de luto a Bahia e os corações brazileiros, offerece comtudo um quadro fiel e empolgante dos tristes acontecimentos.

« O Dr. Sabino da Rocha Vieira, como vulto intellectual superior aos seus companheiros do governo revolucionario, deixou o nome ligado áquella dolorosa tragedia, que se urdiu sem moveis perfeitamente definidos, e que erradamente foi tida por algum tempo como uma tentativa de independencia da provincia, a similhança da Republica de Piratinim.

« Está agora bem provado que, si alguem cogitou então em republica, teve de recuar deante da opinião da maioria e ante a necessidade de angariar adeptos no povo e na tropa. A inclusão do 7 de novembro, entre as festas da Bahia republicana, foi portanto um erro que pede correcção. Para proval-o basta ler e ponderar a acta da sessão solenne da Camara Municipal, datada de 11 de novembro e outros documentos do governo sedicioso, que a presente *Memoria* transcreve.

« As operações militares que deram em resultado o anniqui-

lamento da revolta pelas forças legislativas em março de 1838, estão larga e habilmente descriptas. Apenas o episodio de Itaparica mereceria desenvolvimento maior e para isso o autor da *Memoria* poderia valer-se de um curioso artigo publicado em 1862, na *Revista Popular* do Rio de Janeiro pelo illustrado Sr. conego Francisco Bernardino de Souza, filho daquella localidade e que teve informações fidedignas de pessoa respeitavel de sua familia, além de outras testemunhas oculares dos successos.

«O autor da *Memoria*, verbera com muita justiça o caracter do Dr. Sabino Vieira, offerecendo provas e considerações que respondem cabalmente á defesa lida pelo nosso fallecido collega Dr. Sacramento Blake, na sessão de 21 de novembro de 1884 e, que saiu estampada no tomo XLVIII (parte 2.ª) da nossa *Revista*.

«Em summa, o trabalho do Sr. Dr. Braz do Amaral, ponderado, judicioso e documentado, é um titulo que faz jús á entrada do seu autor para o seio do Instituto e até poderá com vantagem passar para as paginas da nossa *Revista*, como um feliz complemento da Memoria que a este respeito publicou em 1844 o laborioso collega Dr. Moreira de Azevedo (tomo XLVII, parte 2.ª).

«Dest'arte ficaria archivada em nossa publicação trimensal tudo quanto de mais completo se tem escripto sobre aquelle luctuoso episodio da historia bahiana, — fructo amargo das agitações politicas desse periodo de lutas, incertezas e ambições, a que felizmente poz termo o patriotismo dos grandes homens do 2.º Imperio.

«Tal é o parecer da Commissão de Historia.

Sala das Sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 30 de abril de 1911. — Dr. *B. F. Ramiz Galvão,* relator. — *Antonio Jansen do Paço.* — Dr. *B. T. M. Leite Velho*».

«E' approvado. Vae á Commissão de Admissão de Socios, relator o Sr. Barão de Alencar.

Relativo ao Sr. Dr. Carlos de Laet:

— «Não conhecia do notavel candidato Sr. Dr. Carlos de Laet trabalho algum de merecimento historico que pudesse amparar o meu voto de admissão, salvo o que me foi enviado para justificar a proposta: a monographia publicada no 2.º volume da «Decada Republicana», sobre «A Imprensa». Conhecia o Sr. Dr.

Carlos de Laet como polemista de folego, tenaz, corajoso na defeza de suas idéas e aggressivo para com os contradictores, ou que suppõe taes, não lhes poupando remoques e dichotes, algumas vezes em discordancia com os preceitos da urbanidade.

« Examinando, pois, esse trabalho incluido no volume da « Decada », effectivamente bem escripto, e no estylo castiço em que o autor se esmera, cheguei á convicção de que lhe faltam os caracteristicos essenciaes que permittam classifical-o no grupo dos estudos historicos, visto como se estreita nos limites de um indice de factos occorridos no periodo agitado a que se refere. Constitue sem duvida um subsidio que poderá ser precioso ao futuro historiador que, sem compromissos de ordem politica, explane taes acontecimentos. Os commentarios que o exornam deram-lhe, porém, uma feição accentuadamente partidaria, incompativel com a indispensavel neutralidade das obras puramente historicas. E' um bello trabalho de polemica; não uma exposição historica.

« Não milita o distincto escriptor, de certo, no campo scientifico em que professava o grande T. Huxley — *science and hebrew tradiction* — mas não ignorará o luminoso conceito : *nor can the most impartial wholly escape the influence of the personal equation generated by his temperament and by his education :* pois é dahi que deriva a qualificação que ouso dar ao trabalho que me foi remettido para examinar. Sobre elle formularia o meu parecer negando meu voto á admissão do Sr. Dr. Carlos de Laet.

« Os illustres collegas do Instituto, com os quaes tenho tido, ha annos a honra, de collaborar na mais espinhosa commissão, poderão dizer si teem noticia de haver eu emittido parecer com o intuito de agradar ao pretendente ou receando queixas e apodos.

« Redigido estava o parecer sobre o trabalho que instruiu a proposta do Sr. Dr. Carlos de Laet, quando, por acto de um amigo, deparou-se-me o livro do mesmo autor que tem por titulo «EM MINAS». Percorri rapidamente as primeiras paginas e, attrahido pelo estylo, fui fixando a attenção e li-o todo, firmando-se em meu espirito o conceito de que o autor nos premeditára uma cilada, mandando a descoberto o trabalho que lhe não abriria

as portas do Instituto, para depois nos apresentar esse «EM MINAS» que lh'as abriria á força.

«São primorosos os capitulos em que descreve a terra mineira, que eu tambem adoro, e onde passei alguns mezes durante a triste quadra que para lá levou o autor, os seus costumes, a sua vida nas diversas faces que apresenta.

«Essa sim, póde e deve ser tida como verdadeira monographia historica, digna de um cultor dessa ordem de estudos.

«E por isso muito francamente dou o meu voto pela admissão do Sr. Dr. Carlos de Laet.

«Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1910. — *Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho*, relator. Concordo, *Antonio Jansen do Paço*. Concordo com o parecer relativo ao livro «EM MINAS». — *B. F. Ramiz Galvão.*»

E' approvado. Vae á Commissão de Admissão de Socios, relator o Sr. Capitão de mar e guerra Indio do Brazil.

Lê depois o mesmo Sr. 1.º Secretario Perpetuo o seguinte parecer da Commissão de Geographia, relativo ao Sr. Dr. Justo Jansen Ferreira:

«Para ser admittido como membro do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o Dr. Justo Jansen Ferreira apresentou tres obras de sua lavra: *Uma Carta Geographica do Estado do Maranhão, Fragmento para a Geographia do Maranhão e a Barra de Tutoya.*

«Foram-me entregues, para interpor, como relator, parecer sobre ellas, afim de ver si o seu valor garantia a admissão do Dr. Jansen Ferreira no Instituto.

«As duas obras tratam de estudos geographicos e chorographicos do Estado do Maranhão, sendo uma dellas escripta especialmente para o levantamento da carta geographica daquelle Estado. E' facil comprehender a importancia do assumpto e as difficuldades com que luctou o seu autor na pesquiza de elementos e fontes bôas e seguras de informação, para chegar ao resultado definitivo a que chegou. Não ha duvida de que, em relação ás cartas geographicas já existentes do Estado do Maranhão, como a de Candido Mendes, o trabalho do Dr. Jansen Ferreira traz muitos aperfeiçoamentos. Muitos pontos foram corri-

*

gidos, referentes á direcção de rios e montanhas, localização de povoações, etc., e outros foram trazidos como novidades, por não existirem nos mappas anteriores.

«Podemos mesmo asseverar que o trabalho do Dr. Jansen é mais perfeito e completo do que o do Dr. José Ribeiro do Amaral, que, entretanto, muito serviu-lhe de orientação. Faz nelle importantes rectificações e aperfeiçoamentos em pontos essenciaes á geographia do Estado.

«O terceiro trabalho apresentado é um estudo sobre a barra de Tutoya, de valor historico e geographico. A obra tem por fim demonstrar o direito que pensa o autor assistir ao Estado do Maranhão sobre aquella bahia, na pendencia de limites de antiga data com o de Piauhy.

«Não nos compete entrar na apreciação do valor juridico dos documentos. Só temos que apreciar o methodo e clareza da obra, seu valor, como uma concepção de historiador.

«Não só ella, como as duas atrás citadas, demonstram a alta cultura historica e geographica do autor, e merecedoras de dar-lhe o titulo de socio deste Instituto.

«E' esse o meu parecer.

«Sala das Sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. — *A. Indio do Brazil,* relator; *Clovis Bevilaqua, Leite Velho* ».

A esse parecer foi offerecida a seguinte opinião divergente :

«Os tres opusculos offerecidos ao Instituto Historico pelo Dr. Justo Jansen Ferreira tratam de pontos relativos á geographia e á historia do Maranhão e do Estado vizinho do Piauhy.

«O primeiro é relativo a um mappa do Estado do Maranhão, preparado para o uso das escolas, mas como vem expressamente declarado, sem as dimensões desejaveis para um mappa mural. E' portanto um mappa destinado á carteira de cada alumno, e não para a parede de cada escola, e debaixo do ponto de vista pedagogico é discutivel o criterio da escolha do seu typo. O mappa em si é confessadamente a reproducção de um preexistente de outro autor, com alguns retoques que, conforme a enumeração no texto, se limitam a umas duas ou tres dezenas, das quaes a grande maioria de natureza administrativa,

como seja a mudança de um nome para outro, elevação de uma povoação á categoria de villa, ou de villa á cidade, etc. Assim, comquanto seja presumivel que o mappa e folheto constituam uma contribuição de certo valor para o ensino no Estado, a sua importancia como contribuição á geographia nacional é bastante limitada.

«A mesma observação se applica ao segundo folheto, que é declaradamente uma compilação reunida e modernizada, como convém para o uso das escolas, a que é destinado, do Diccionario Historico e Geographico, do Dr. Cesar Augusto Marques.

«O terceiro folheto é uma discussão de uma questão de limites entre os Estados do Maranhão e do Piauhy, para a qual o autor adverte ao leitor que é necessario ter perfeito conhecimento do escripto do adversario.

«Sem este conhecimento é difficil formar opinião cabal do merecimento da obra, que é visivelmente escripta com a calma desejavel em taes polemicas e apparentemente com bom criterio historico.

«Como porém, não ha a pretenção de trazer elementos novos e valiosos para a discussão, o seu valor como contribuição á historia nacional é tambem limitado.

«Rio de Janeiro, 2 de junho de 1910. — *Orville A. Derby.* — *Thaumaturgo de Azevedo.*

O Instituto approvou o parecer emittido pelo Sr. Dr. Indio do Brazil. A proposta é remettida á Commissão de Admissão de Socios, relator o Sr. Dr. Joaquim Xavier da Silveira Junior.

Nada mais havendo a tratar, levanta-se a sessão ás 10 $^{1}/_{2}$ da noite.

O 2.º secretario, *Gastão Ruch.*

2.ª SESSÃO ORDINARIA EM 30 DE MAIO DE 1911

PRESIDENCIA DO SNR. DR. BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO.

Ás 8 horas da noite, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos seguintes socios: Drs. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Augusto de Lima, Rodrigo Octavio, Norival Soares de Freitas, Orville Derby, Alfredo Rocha, Max Fleiuss, Sebastião de

Vasconcellos Galvão e Coroneis Honorio Lima e Jesuino da Silva Mello.

O Snr. Dr. Ramiz Galvão assume a presidencia, nos termos do art. 29 dos Estatutos, e convida para 2.º Secretario, na falta do effectivo, o Dr. Norival Soares de Freitas.

O Sr. Fleiuss *(1.º Secretario Perpetuo)* procede á leitura da acta da sessão anterior, a qual é sem debate approvada.

Em seguida o mesmo Sr. Fleiuss lê uma carta do Sr. Conde de Affonso Celso, Orador do Instituto, remettendo uma photographia muito antiga do Imperador D. Pedro II e de outros notaveis personagens do Imperio, offerecida pelo Dr. Egas Muniz, e 15 documentos antigos enviados pelo Dr. Rodolpho Faria, Juiz Seccional Substituto do Acre.

O Sr. Presidente diz que o Instituto muito agradece as valiosas offertas, que terão o destino conveniente.

O Dr. Norival de Freitas, *(servindo de 2.º Secretario)* lê o seguinte parecer da Commissão de Historia, relativo ao Dr. Pedro Souto Maior:

«A memoria apresentada pelo Sr. Dr. Pedro Souto Maior, como titulo de sua admissão ao gremio do Instituto, intitula-se «Fastos da Historia de Pernambuco», comprehende oito capitulos, assim denominados:

«1.º — Fundação da Capitania e a invasão hollandeza.
2.º — Octennio do Principe Mauricio em Pernambuco.
3.º — Insurreição Pernambucana.
4.º — Guerra dos Mascates.
5.º — A Revolução pernambucana de 1817.
6.º — A Confederação do Equador, 2 de Julho de 1824.
7.º — Revolução Praieira.
8.º — Porto de Pernambuco.»

«Á excepção dos n.os, 5.º e 8.º, já publicados algures, todos os mais são inéditos.

«Destes capitulos o tratado com mais amplitude e minuciosidade é o que se refere á invasão e occupação hollandeza.

«Para o estudo desta celebre campanha, que não seria descabido intitular-se «a epopéa pernambucana do seculo XVII», abundavam materiaes na obra de Brito Freire, Frei Raphael de

Jesus, Frei Manoel Calado, Netscher, Varnhagen e varios outros de menor tomo e valia. O autor aproveitou-os discretamente, concretizando aqui, ampliando acolá, e compondo um trabalho que resume com lucidez os factos desse brilhante e curioso periodo da nossa Historia.

« Cremos que o seu espirito investigador e criterioso, applicado a perscrutar e desenvolver um só dos capitulos da sua memoria, poderia dar-nos subsidio ainda mais valioso do que esse que nos acaba de offerecer.

« A dispersão de sua attenção por tantos episodios que não teem de commum sinão o facto de haverem tido por theatro o nobre Estado de Pernambuco, obrigou-o, naturalmente, a não aprofundar as variadas e importantes questões de que se occupou.

« Obedecendo talvez aos impulsos do amor patrio, quiz o auctor enfeixar em uma memoria os lances gloriosos dos annaes de seu torrão natal.

« Parece á Commissão incumbida de a julgar que mais proveitoso fôra concentrar o historiador toda a luz de seu talento em um só ponto, esclarecendo-o com amplitude e esgotando de vez o assumpto. E' com taes monographias minuciosas sobre curtos periodos ou sobre vultos isolados da nossa Historia que comporemos mais tarde o grande livro, ainda não escripto até hoje, mas para o qual este Instituto vem reunindo desde 1839, com indefesso patriotismo, os materiaes indispensaveis.

« Seria, pois, de alta conveniencia que os candidatos ao nosso gremio, os que cultivam com amor e talento esta seara, preferissem escolher assumptos mais restrictos, que pudessem ficar definitivamente esmerilhados e elucidados.

« Posta de parte esta ponderação, a Commissão folga de reconhecer no Sr. Dr. Pedro Souto Maior provada competencia, elevado criterio historico e predicados que o recommendam á sua admissão no quadro dos Socios do nosso Instituto. Sala das Sessões. — Dr. *B. F. Ramiz Galvão,* relator. — *Antonio Jansen do Paço.* — *B. T. de Moraes Leite Velho.* »

O parecer é approvado e vae á Commissão de Admissão de Socios, sendo relator o Sr. Barão de Alencar.

O Sr. Fleiuss *(1.º Secretario Perpetuo)* lê em seguida os pareceres abaixo da Commissão de Admissão de Socios:

« A Commissão de Admissão de Socios, solicitada a emittir parecer sobre a proposta de elevação á categoria de honorario, do socio effectivo e actual 3.º Vice-Presidente do Instituto, o Sr. Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga, tem o comprazer de ratificar essa proposta, prestando o seu inteiro apoio a essa obra meritoria de summa justiça, de reconhecimento dos altos serviços que ás lettras historicas, tanto quanto á magistratura patria, ha dispensado o nosso digno 3.º Vice-Presidente, como reintegrador da individualidade juridica e social dos nossos aborigenes, na missão de civilizamento dos indios. O agraciado, que já desempenhou cargos do mais relevante destaque na Directoria do Instituto, como os de orador effectivo durante seis annos, membro de varias Commissões e actualmente 3.º Vice-Presidente, é indiscutivelmente credor da dignidade que lhe é conferida. Sala das Commissões, 26 de Maio de 1911. — *Barão de Alencar,* relator. — *Miguel J. R. de Carvalho.* — *Xavier da Silveira Junior* ». Fica sobre a Mesa para ser votado na proxima sessão.

« A Commissão de Admissão de Socios, tendo examinado a proposta indicando para Socio Correspondente deste Instituto o Dr. Rodolpho Schüller e verificando que o mesmo senhor está nas condições exigidas pelos Estatutos, é de parecer que lhe cabe com direito um logar na classe referida. Sala das Commissões, 29 de Maio de 1911. — *Barão de Alencar,* relator. — *Miguel J. R. Carvalho.* — *Xavier da Silveira Junior* ». Fica sobre a Mesa para ser votado na proxima sessão.

« A Commissão de Admissão de Socios, tendo em vista os reconhecidos meritos do Dr. Justo Jansen Ferreira, é de parecer que o mesmo senhor se acha nas condições exigidas pelos Estatutos de ser acceito entre os membros deste Instituto, na classe dos socios correspondentes. — Sala das Commissões, 29 de Maio de 1911. — *Xavier da Silveira Junior,* relator. — *Miguel J. R. de Carvalho.* — *Barão de Alencar* ». Fica sobre o Mesa para ser votado na proxima sessão.

« A Commissão de Admissão de Socios, tendo em considera-

ção os notorios merecimentos do Sr. Dr. Braz Hermenegildo do Amaral, é de parecer seja o mesmo recebido como socio correspondente deste Instituto. Sala das Sessões, 29 de Maio de 1911. *Barão de Alencar,* relator. — *Miguel J. R. de Carvalho.* — *Xavier da Silveira Junior.*» Fica sobre a Mesa para ser votado na proxima sessão.

«A Commissão de Admissão de Socios, tendo examinado a proposta indicando para socio correspondente deste Instituto o professor Henry L. Lang e verificando que o mesmo senhor está nas condições exigidas pelos Estatutos, é de parecer que lhe cabe com direito um logar na classe referida. Sala das Commissões, 29 de Maio de 1911. — *Barão de Alencar,* relator. — *Miguel J. R. de Carvalho.* — *Xavier da Silveira Junior.*» Fica sobre a Mesa para ser votado na proxima sessão.

O mesmo Sr. Secretario lê as seguintes propostas:

« Propomos para socio correspondente ou effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o distincto Capitão-Tenente de nossa Armada, Sr. Francisco Radler de Aquino, autor dos seguintes trabalhos, muitos dos quaes entendem de perto com a geographia patria, já consagrados pelos applausos dos competentes:

— «O Methodo de Marcq Saint Hilaire — Principios em que se baseia e vantagens praticas de seu exclusivo emprego. — Typ. Imp. Nac., 1902.

— «Estudo Elementar de Trigonometria Espherica — 1903.

— «A Navegação sem Logarithmos — Imp. Nac., 1904.

— «Resolução Nomographica do Triangulo de Posição pelo Dr. Giuseppe Pesci — Traducção do Italiano pelo Capitão-Tenente Radler de Aquino. — Imp. Nac., 1908.

— «Nomograms for Deducing Altitude and Azimuth and for Star Identification and Finding Course and Distance in Great Circle Sailing. — Washington, March 24, 1908.

— «Altitude and Azimuth Tables for Facilitating the Determination of Lines of Position and Geographical Position at Sea. — Washington, October 4, 1908.

— «A Nomogram for Compass Deviation, with an Elementary Exposition of The Two Parallel Scale Nomograms, by professor

Giuseppe Pesci, Italian Navy — Transladed by Lieutenant Radler de Aquino, Brazilian Nevy. — Livorno, Italy, May, 1909.

— « Altitude and Azimimuth Tables. — London, 1910.

— « Taboas para achar alturas e azimuths, facilitando a determinação de rectas de posição e o ponto observado no mar. — Typ. Imp. Nac., 1909.

— « Estudo Theorico e Pratico dos Instrumentos Nauticos de Lord Kelvin — Magnetismo dos Navios, Compensação e regulação das agulhas com e sem azimuths, Sondagens no mar. — Typ. Imp. Nac., 1909.

— « Taboas para achar Alturas e Azimuths facilitando a determinação de rectas de posição e o ponto observado no mar — Taboas esphericas para resolver todos os problemas de navegação. — Imp. Nac., 1910.

Sala das sessõos, 30 — V — 911. — *Max Fleiuss, Arthur Guimarães, Norival Soares de Freitas.* »

Vae á Commissão de Geographia, relator o Sr. Capitão de Mar e Guerra Gomes Pereira.

« Propomos para socio correspondente ou effectivo o Sr. Professor Dr. Aloysio de Castro, lente Cathedratico da Faculdade de Medicina, autor de varios trabalhos que lhe grangearam unanimes applausos. Para corroborar esta proposta apresentamos o seu trahalho — *Allocuções Academicas* — por elle offerecido ao Instituto. — Rio, 30 de Maio de 1911 — *Max Fleiuss, Arthur Guimarães, Norival Soares de Freitas.* »

Vae á Commissão de Historia, relator o Sr. Dr. Leite Velho.

O Sr. Presidente communica que na sessão de Agosto tomará posse do cargo de socio honorario deste Instituto o Dr. Alberto Torres, eleito em 3 de Outubro do anno findo, solennidade essa anciosamente esperada.

Levanta-se a sessão ás 10 horas da noite.

Norival Soares de Freitas, servindo de 2.º Secretario.

3.ª SESSÃO ORDINARIA, EM 22 DE JUNHO DE 1911

PRESIDENCIA DO SR. BARÃO HOMEM DE MELLO, *(2.º Vice-Presidente).*

Ás oito horas da noite, na séde social, foi aberta a sessão com a presença dos Srs. Barão Homem de Mello, Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga, Max Fleiuss, Gastão Ruch, Conde de Affonso Celso, Drs. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Orville Derby, Arthur Orlando, Antonio Olyntho dos Santos Pires, Norival Soares de Freitas, Sebastião de Vasconcellos Galvão, General Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, Drs. Jesuino da Silva Mello, André Peixoto de Lacerda Werneck e Eduardo Marques Peixoto.

O SR. FLEIUSS *(1.º Secretario Perpetuo)* faz a leitura da acta da sessão anterior, a qual é, sem debate, approvada, e depois justifica a ausencia dos consocios Arthur Guimarães e Antonio Jansen do Paço.

O mesmo Sr. Secretario dá conta das seguintes offertas — Pelo socio André Werneck, *Almanak do Espirito Santo* para *1884, Manuel Historique du systéme politique des États de l'Europe,* etc., por M. Heeren — Bruxelles, 1834 — 3 volumes. — Pelo bibliothecario Dr. Vieira Fazenda, a these de doutoramento do Dr. Wilhelm Kissenberth — ANTOINE D'HAMILTON, Berlin, 1907, e um exemplar-cópia do reconhecimento do rio Macacú de 1819. — Da respectiva direcção, *A Revista Americana,* anno II — Abril — n.º 4.

A proposito desse tomo da *Revista Americana,* o Sr. Fleiuss diz que o conceituado critico Sr. José Verissimo nelle publica interessante artigo sobre o *Movimento literario brazileiro em 1910.* Nesse artigo o provecto publicista diz á pagina 4 — « Fundou-se « em 1838 o Instituto Historico. Pela largueza com que com- « prehendeu os seus intuitos e programma, e liberalismo com « que entendeu realizal-os, foi uma especie de academia onde « tiveram entrada todos os principaes espiritos cultos e dirigen- « tes do paiz, todos os amadores ou cultores das bôas lettras, « independentemente de o serem especialmente de historia. E

« foi o Instituto Historico, associação ainda hoje viva e flores-
« cente, o centro impulsor e irradiador daquella cultura historica,
« geographica, ethnographica e de erudição litteraria importante
« para assentarmos o nosso sentimento e a nossa expressão lit-
« teraria na solida base de um nacionalismo esclarecido e con-
« sciente ».

« Essa homenagem ao Instituto que o illustre homem de letras reconhece ser uma associação ainda *hoje viva e florescente*, deve captivar-nos e por isso só a simples lapso se póde attribuir o que diz á pagina 20, quanto á pouca regularidade da *Revista do Instituto*.

« O facto é que a *Revista do Instituto* tem sido publicada com a maior regularidade e está completamente em dia. O tomo 73 está quasi concluido e os originaes do tomo 74, parte 1.ª, estão promptos. Si ha uma publicação digna do maior acatamento (o proprio eminente critico isso reconhece) e que tem sabido manter o brilho dos primeiros tempos é a *Revista do Instituto Historico*, que na opinião abalizadissima do Dr. Rodolpho Schüller é a maior riqueza bibliographica e historica da America Latina. »

Depois o mesmo Sr. 1.º Secretario Perpetuo diz que recebeu do illustre Sr. Dr. Joaquim Luiz Ozorio uma carta, datada de Pelotas a 1 do corrente, respondendo aos desejos manifestados, a pedido do orador, pelo prestimoso consocio Dr. José Pereira Rego Filho, de ser o Instituto Historico e Geographico Brazileiro o depositario do archivo do general Ozorio.

« O Sr. Dr. Joaquim Luiz Ozorio declarou ao Sr. Dr. Pereira Rego, que disso fez official communicação ao orador, que todo o archivo do seu glorioso avô seria recolhido ao Instituto uma vez publicado o 2.º volume, prestes a apparecer, da *Biographia do General Ozorio*.

O Sr. PRESIDENTE diz que o Instituto recebe com especial agrado essa noticia, pois serão ainda mais enriquecidos os nossos já preciosos archivos.

O Sr. FLEIUSS (*1.º Secretario Perpetuo*) diz que o *Jornal do Commercio,* em sua edição da tarde de 16 do corrente, publicou um artigo sob a epigraphe — UM INSTITUTO HISTORICO QUE DESAPPARECE — *Os trophéos de Pernambuco confiscados,* relativo ao

Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano. Nesse artigo diz o jornal: « E si nada vale appellar para a representa-
« ção pernambucana no Congresso, occupada com cousas outras
« que reputa de mór alcance, um appello dirigimos ao menos ao
« Instituto Historico Brazileiro. »

Entende o orador ser sua obrigação dar parte ao Instituto de tudo quanto se publicar a respeito da associação e esse dever sóbe de ponto em se tratando de um appello feito por um orgão tão importante como o *Jornal do Commercio*, credor de todas as attenções do Instituto.

O Sr. Dr. Viveiros de Castro faz sobre o caso algumas considerações.

O Sr. Dr. Arthur Orlando, pedindo a palavra, dá sobre o facto varias informações.

O Sr. Dr. Sebastião Galvão, por sua vez, adduz outras considerações e ministra esclarecimentos sobre os factos occorridos no Instituto Archeologico.

O Sr. Conde de Affonso Celso diz ter a honra de ser socio do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano e julga que traduz o sentimento dos seus consocios propondo que na acta da sessão se insira uma declaração neste sentido:

« O Instituto Historico deplora os contratempos que tem ultimamente soffrido o Instituto Pernambucano e faz votos cordiaes para que, breve dissipados esses contratempos, possa o emerito estabelecimento do galhardo Pernambuco proseguir na sua gloriosa carreira. »

O Instituto approva por unanimidade essa moção.

O Sr. Fleiuss (*1.º Secretario Perpetuo*) propõe que, a exemplo do que já se praticou e do que consta em nossos annaes, seja tambem incluida na *Revista* a parte historica da admiravel introducção do ultimo relatorio do Sr. Ministro da Marinha.

« E' uma narração fidedigna, leal, despretenciosa dos deploraveis successos de Novembro e Dezembro do anno passado. Deve ficar registrada como um exemplo e uma lição.

O Sr. Conde de Affonso Celso diz que apoia a indicação do Sr. 1.º Secretario Perpetuo, pois a mensagem dá o teste-

munho do civismo e da bravura com que procedeu a nossa distincta officialidade de mar.

O Instituto approva por unanimidade a proposta.

São lidos pelo 2.º Secretario os seguintes pareceres da Commissão de Historia:

« Foi presente á Commissão o seguinte opusculo: UMA FAZENDA HISTORICA *(Borda do Campo)*, da lavra do Sr. Dr. José Bonifacio, como titulo de sua admissão ao gremio do nosso Instituto.

« Esta breve memoria, já publicada aliás no tomo LXII da *Revista*, contém uma interessante noticia da celebre propriedade rural do inconfidente José Ayres Gomes.

« Foi alli, perto do *Sitio* e da cidade de Barbacena, junto á estrada geral que conduzia de Villa Rica ao Rio de Janeiro, que em fins do Seculo XVIII se ouviram conversações patrioticas e a voz do intemerato Joaquim José da Silva Xavier, (o *Tiradentes)*, a proposito da projectada insurreição mineira que o guante da metropole veio a abafar em sangue e com penas de insolito rigor. Essa fazenda da *Borda do Campo* prende-se pois de perto áquelle capitulo notavel da nossa Historia.

« O autor da memoria juntou-lhe uma curiosa arvore genealogica, em que se vê a descendencia numerosa do velho inconfidente José Ayres Gomes, tronco illustre de varias familias mineiras que têm dado lustre á Patria.

« Basta citar os Lima Duarte, Andrada, Penido e Miranda Ribeiro, que todos se prendem ao benemerito possuidor da Fazenda historica, morto infelizmente no exilio.

« O trabalho do Sr. Dr. José Bonifacio, posto que resumido e breve, contém, pois, um subsidio de valor, que o habilita a entrar para o quadro dos nossos consocios.

« Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 27 de junho de 1911. — *Dr. B. F. Ramiz Galvão*, relator. — *Antonio Jansen do Paço*. — *Conde de Affonso Celso* ».

E' approvado unanimemente o parecer, seguindo os papeis para a Commissão de Admissão de Socios, relator o Sr. Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva.

— « O livro do Sr. Professor Aloysio de Castro, denominado

Allocuções Academicas se não é rigorosamente um trabalho historico, encerra grandes subsidios dessa natureza, e por isso, póde muito bem servir de base a uma proposta de admissão em nosso gremio.

«Desde as primeiras linhas reconhece-se que o autor é, sem contestação, um dos mais bellos e fortes espiritos da moderna geração scientifica deste paiz.

«E ao par de altas qualidades technicas, as paginas das *Allocuções Academicas* revelam predicados literarios primorosissimos, tornando o livro um dos melhores modelos de elegancia e vernaculidade da linguagem.

«O seu discurso pronunciado na Academia de Medicina em 21 de Julho de 1904 desenha em traços fortes a figura admiravel de seu glorioso Pae, o saudoso Professor Francisco de Castro.

«O discurso proferido por occasião do centenario do ensino medico do Brazil a 3 de Outubro de 1908 póde ser acceito como brilhante monographia historico-litteraria e os seus outros trabalhos nas sessões solennes da Academia de Medicina offerecem egualmente fartas contribuições para a materia que constitue o nosso escopo diario.

«Acolhendo, pois, o Professor Aloysio de Castro, o Instituto conquistará poderoso auxiliar para as suas nobres tarefas.

«Dou, pois, a minha opinião inteiramente favoravel á admissão proposta.

«Rio, 17 de Junho de 1911. — *Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho,* relator. — Concordo. — *Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.* — Concordo. — *Antonio Jansen do Paço*».

Posto em discussão, é approvado sem debate o parecer, seguindo o processo para a Commissão de Admissão de Socios, relator o Sr. Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho.

Em seguida o mesmo 2.º Secretario lê o seguinte parecer da Commissão de Geographia, o qual é approvado e vae á Commissão de Admissão de Socios, relator o Dr. Xavier da Silveira Junior:

«O trabalho do Dr. Alipio Gama, intitulado «Serão impossiveis as manifestações vulcanicas no Brazil?» occupa logar saliente entre os apresentados ao primeiro Congresso Brazileiro de

Geographia, e que possuiram, na occasião, as tres qualidades que ordinariamente se exigem em certamens desta ordem, para que um escripto seja acceito para leitura em sessão publica, discussão e, eventualmente, publicação, a saber: a de ser inedito, de não se afastar do assumpto especial do Congresso e de constituir uma contribuição sobre esse assumpto.

« Sob o ponto de vista que deve tomar a Commissão de Geographia do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, a que este trabalho foi remettido para emittir parecer, é esta ultima qualidade a mais importante e por isto merece especial attenção por parte da Commissão o capitulo 1.º da segunda parte que trata dos tremores de terra no Brazil. Neste capitulo veem relacionados em ordem chronologica os poucos (33) tremores de terra que o autor conseguiu verificar nas suas pesquizas historicas, dos quaes apenas 13 tinham sido registrados na relação anterior do Barão de Capanema, que data do anno de 1859 e que tem um interesse especial para esta associação por ser trabalho de um dos seus mais prestimosos socios fallecidos, e por ter sido publicado na sua *Revista*. A colheita e registro dos dados accessiveis, relativos a estes phenomenos constituem uma contribuição de valor á historia e á geographia do Brazil, e, como tal, o livro do Dr. Alipio Gama merece sympathico acolhimento por parte do Instituto Historico.

« De passagem, e para acalmar temores que porventura possam ser despertados, pela natureza assustadora do assumpto, convem consignar aqui que, ao vêr desta Commissão, pelo pequeno numero e pela relativa insignificancia dos tremores de terra registrados neste capitulo, a probabilidade de que o Brazil virá algum dia soffrer grandes desastres por esta causa, parece ser bastante remota. Phenomenos desta ordem não podem ser previstos e nenhuma parte da crosta terrestre pode ser considerada isenta do risco de desastres de maior ou menor importancia produzidos por tremores de terra, sendo estes possiveis em qualquer parte. O mais que se pode estabelecer pelos registros historicos e pelos conhecimentos geologicos é que certas regiões, ás vezes a totalidade do territorio de um paiz, offerecem menor probabilidade de taes desastres do que outras. Avaliando

por estes dois criterios os riscos no caso do Brazil, a Commissão julga poder affirmar com segurança que nenhum territorio de igual area apresenta menores motivos de inquietação, por esta causa, aos seus habitantes.

« Embora o Dr. Alipio Gama reconhça plenamente que sómente em parte tremores de terras dependem das manifestações vulcanicas, no sentido restricto do termo, grande parte de seu trabalho é dedicado a dissertações sobre varias phases destas manifestações, nas quaes se acham condensados com apreciavel clareza e criterio os resultados dos seus estudos na litteratura do assumpto. Esta parte constitue uma boa contribuição á litteratura didactica nacional, na qual faltam, quasi por completo, escriptos sobre assumptos desta natureza, mas escapa dos intuitos deste parecer a sua apreciação sob este ponto de vista.

« Sala das Commissões, 22 de Junho de 1911. — *Orville Derby*, relator. — *Barão Homem de Mello*. — *Thaumaturgo de Azevedo*. »

Por ultimo lê o mesmo Secretario o parecer da Commissão de Admissão de Socios, relativo ao Dr. Pedro Souto Maior.

« A Commissão de Admissão de Socios, tendo em consideração os reconhecidos meritos do Dr. Pedro Souto Maior, é de parecer que o mesmo senhor se acha nas condições exigidas pelos Estatutos deste Instituto para ser acceito como membro do mesmo Instituto, na classe dos socios correspondentes.

« Sala das Commissões, em 20 de Junho de 1911.— *Barão de Alencar*, relator.— *Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*.— *Joaquim Xavier da Silveira Junior*.»

Fica sobre a Mesa para ser votado na proxima sessão.

Procede-se em seguida á votação dos pareceres da Commissão de Admissão de Socios, lidos na ultima sessão.

(*O Sr. Desembargador Souza Pitanga retira-se do recinto.*)

São successivamente approvados os pareceres relativos ao socio Sr. Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga, elevado á classe de honorario, e Dr. Rodolpho Schüller, Braz Hermenegildo do Amaral, Professor Henry R. Lang e Justo Jansen Ferreira, para socios correspondentes.

O Sr. Desembargador Souza Pitanga, reassumindo o seu

logar no recinto, agradece a nova distincção que lhe conferiu o Instituto e promette continuar a sua dedicação pela nobre sociedade, de que se orgulha de ser um dos mais modestos obreiros.

O Sr. Barão Homem de Mello *(2.º Vice-Presidente servindo de Presidente)*, felicita vivamente, em nome do Instituto, ao illustrado Desembargador Pitanga pela merecida distincção e annuncia que na proxima sessão o Instituto ouvirá a palavra do distincto consocio Capitão de Mar e Guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira.

Levanta-se a sessão ás 10 horas da noite.

Gastão Ruch, 2.º secretario.

Parte historica do Relatorio do Sr. Ministro da Marinha, mandada incluir na « Revista », em virtude da proposta, unanimemente approvada, do Sr. 1.º Secretario Perpetuo:

O RELATORIO DA MARINHA

INTRODUCÇÃO

Ex.^mo^ Sr. Presidente da Republica. — Tenho a honra de apresentar-vos o relatorio das principaes occorrencias havidas no Ministerio a meu cargo durante o anno findo.

Poucos dias teve o vosso Governo nesse periodo administrativo, mas dias de angustia e attribulação para o paiz.

A 16 de Novembro passado tomei posse do cargo de Ministro da Marinha com que honrou-me vossa confiança.

Resume-se essa posse em polida troca de cumprimentos e na apresentação, por parte de meu antecessor, de uma relação consignando os saldos das diversas verbas, embora sem cogitar do que havia ainda a pagar dentro do exercicio financeiro.

Fosse outra a organização da administração naval, tivesse ella a desnecessaria centralização, tivessem os chefes de seus diversos ramos a autonomia e a responsabilidade indispensaveis ao exercicio de suas funcções, e talvez fosse então sufficiente ao

novo Ministro o simples conhecimento da situação financeira de seu Ministerio.

Não era esse o caso. Numa administração em que tudo havia sido absorvido pelo Ministro; onde tudo se fazia directamente pelo seu gabinete, quer se tratasse do pessoal quer do material, difficil se tornava obter dos chefes informações completas sobre serviços que, embora regularmente distribuidos á sua alçada, eram, em grande numero de casos, de facto resolvidos á sua revelia.

Esse estado de cousas, além dos inconvenientes que apresentaria para uma administração já encaminhada, augmentava os affazeres e difficuldades de um inicio de Governo.

Assim, mal tendo iniciado a minha administração, no oitavo dia de vosso Governo, o levante das guarnições dos couraçados *Minas Geraes, S. Paulo* e *Deodoro* e do «scout» *Bahia,* iniciando-se com o massacre do bravo Contra-Almirante João Baptista das Neves e seus briosos companheiros no sacrificio pelo dever, marcou o começo de uma das mais delicadas crises por que tem passado a nossa Marinha de Guerra.

Com dolorosa surpreza, entre 10 e 11 horas da noite de 21 de Novembro, recebi a communicação de que o couraçado *Minas Geraes* se havia revoltado. Sem perda de tempo, fosse embora rude o choque recebido, ordenei por telephone que a esquadra puxasse fogos immediatamente, apresentando-se para combate.

«Ao chegar ao Arsenal da Marinha, já a minha ordem havia sido transmittida á esquadra pelo telegrapho sem fio, e alguns navios começavam a cumpril-a. Determinei então ao Commandante da Divisão de Couraçados, com sua insignia no *Minas Geraes,* que assumisse o commando de sua divisão para nella restabelecer a ordem.

Esse Commandante regressou sem ter podido chegar á sua capitanea.

A esse tempo, officiaes do *Minas Geraes* traziam noticia da sublevação da guarnição do *S. Paulo* e narravam que, logo após o regresso do Commandante do *Minas,* de bordo do cruzador francez *Duguay-Trouin,* onde assistira a um banquete, a guarnição amotinara-se, aggredindo e ferindo o official de quarto.

*

Vendo a inutilidade de seus esforços para persuadir os amotinados á abandonar a trilha errada que seguiam, o Commandante Baptista das Neves, unicamente secundado por seus bravos officiaes, lutou heroicamente até tombar morto em seu posto de honra, dignamente compartilhado pelo Capitão de Corveta José Claudio da Silva Junior que, com igual bravura, cahiu a seu lado.

Nessa noite de provação é ainda victima da sanha dos rebeldes de bordo do *Minas Geraes* o capitão de Corveta Mario Lahmeyer.

Pouco depois da chegada dos officiaes do *Minas,* apresentavam-se os do couraçado *S. Paulo.*

Nesse couraçado ao ser recebida a ordem de puxar fogos e preparar para combate, foram tomadas as necessarias providencias, accendendo-se as caldeiras e aprestando-se a artilharia.

Emquanto isso se passava, a guarnição attendendo aos appellos que lhe fazia a tripulação do *Minas Geraes,* rebellou-se, intimando seus officiaes a abandonar o navio ; destes só ficou a bordo o Capitão-Tenente Americo Salles de Carvalho, que, ferido gravemente, foi no dia seguinte remettido para o Hospital de Marinha, onde falleceu. Ainda nessa noite revolta-se a guarnição do couraçado *Deodoro.*

A bordo do «scout» *Bahia,* onde fermentaram os primeiros germens da insurreição, a guarnição amotinada intima o official de quarto, o Capitão-Tenente Mario Alves de Souza, a abandonar o navio.

Só, a peito descoberto, contra mais de 100 homens armados, o Tenente Alves de Souza, tendo em mira o valor de seus galões, com altivez e nobreza, rebate a insolita intimação e sustenta uma luta temeraria em que, vencido afinal, deixa-nos por sua morte, como legado, uma resistencia heroica, certamente digna de hombrear com as mais brilhantes da nossa historia.

Ainda antes de conhecer todos esses detalhes, expedi um radiogramma para bordo do *Minas Geraes,* indagando o que havia.

Em resposta, já me telegraphava a guarnição revoltada intimando a abolição dos castigos corporaes, a diminuição do traba-

lho e o augmento de vencimentos, sob a ameaça de bombardear a cidade.

Esse telegramma, levado ao vosso conhecimento, foi por vós respondido em termos energicos, lembrando aos rebeldes que as questões de direito e de justiça resolviam-se no terreno da disciplina.

Em réplica, novo radiogramma, já então assignado pelas guarnições do *Minas Geraes, S. Paulo* e «scout» *Bahia,* insistia pela satisfação immediata de seus desejos, ainda sob a ameaça de hostilidades á cidade e aos navios fieis á legalidade.

No momento não era possivel certeza absoluta sobre quaes eram os navios revoltados: sabia-se comtudo que o cruzador *Barroso,* os navios-escola *Benjamin Constant* e *Primeiro de Março,* o «scout» *Rio Grande do Sul* e a divisão de oito «destroyers» conservavam-se fieis ao Governo.

Pouco a pouco chegavam ao Arsenal de Marinha os officiaes que haviam sido chamados e os que, tendo noticia dos acontecimentos, espontaneamente iam offerecer seus serviços.

A um destes ultimos foi provisoriamente confiado o commando da Divisão de Destroyers, visto a urgencia do momento não permittir a espera do commandante effectivo, que ainda se não havia apresentado.

Pelo correr da noite, madrugada e manhã, á medida que chegavam e pelos meios de que se podia dispor, seguiam para seus postos os officiaes dos navios fieis ao Governo.

Entre as primeiras providencias que se indicavam como indispensaveis para a organização da resistencia, pela preparação dos «destroyers», achando-se sem duvida o fornecimento de cabeças de combate para seus torpedos, nessa mesma noite, pouco depois de chegar ao Arsenal de Marinha, ordenei a um official que as fosse buscar.

Esse official dirigiu-se ao deposito da Directoria do Armamento, na ilha do Boqueirão, sendo baldados seus esforços, por lá não se achar o material que fôra procurar, contratempo de que só tive conhecimento ás primeiras horas da manhã de 23.

Depois de já ter telegraphado ao Commando Geral das Torpedeiras, ordenando que aprestasse a torpedeira *Goyaz* muni-

ciada para combate, expedi novo telegramma a essa autoridade determinando que fizesse retirar do paiol da ilhota proxima á Ponta da Armação as cabeças de combate e mais petrechos necessarios aos torpedos dos « destroyers ».

Como a vigilancia exercida pelos navios revoltados em extremo difficultava tanto o transporte das cabeças de torpedo através da bahia como a ida dos « destroyers », de dia, ao paiol da ilhota junto á Ponta da Armação, tendo sido frustradas tentativas com esse fito iniciadas, telegraphei ao commandante das forças em Nitherohy, onde já estavam aquarteladas as guarnições do Commando Geral das Torpedeiras e cruzador *Tamandaré,* marcando lugar e hora ao cahir da noite para os « destroyers » receberem as cabeças de combate.

A Divisão de Destroyers que, durante o dia 23, se havia refugiado no fundo da bahia, durante a noite desse dia não conseguiu entrar em communicação radiographica com a estação da ilha das Cobras, o que a impediu de receber a ordem insistentemente repetida de comparecer ao ponto marcado para o recebimento das cabeças de combate.

A lancha em que foi transportado esse material não pôde ser avisada do contratempo e receber ordens de ir ao encontro dos « destroyers » no fundo da bahia ; tendo partido logo após o recebimento da ordem de seguir para o ponto marcado ao norte da ilha do Engenho, e não encontrando nesse ponto « destroyer » algum, debalde os procurou toda a noite pela bahia, só conseguindo desempenhar a sua commissão na manhã de 24.

Infelizmente outro lastimavel contratempo veio de novo atrazar o aprestamento dos «destroyers», pois as cabeças de combate enviadas e que haviam sido retiradas, já pela noite, de um acanhado paiol sem qualquer illuminação e onde se achavam depositadas munições diversas, não pertenciam aos novos torpedos com que são armados os nossos « destroyers ». Por essa razão, durante o dia 24, foi mandada uma lancha para buscar o material conveniente, que em pleno dia foi retirado do paiol da ilhota, não sendo, porém, transportado para os « destroyers » senão durante a noite desse dia, devido á approximação dos rebeldes e sua permanencia nas immediações de Mocanguê e Armação.

Apezar dessa precaução, durante a noite de 24 a 25, ao mover-se a Divisão de Destroyers, foi hostilizada pelo couraçado *Deodoro*.

Foram, pois, precizas cerca de 48 horas para que se pudesse dispor de menos de uma duzia de torpedos, nem todos préviamente regulados, distribuidos á Divisão de Destroyers e «scout» *Rio Grande do Sul*.

Esse reduzido numero não poderia ser elevado ao sufficiente para o simples municiamento sequer da Divisão de Destroyers, por motivo que tristes mas ponderosas razões mandam calar.

Voltando á manhã de 23, emquanto os navios revoltados evoluiam fazendo intermittentes disparos sobre a ilha das Cobras e outros pontos, alguns difficeis de precisar, o *Barroso*, o *Rio Grande do Sul* e o *Tamoyo*, este ultimo só com a sua guarnição, suspendem do poço, indo para o ancoradouro de S. Bento; o *Tymbira* e *Carlos Gomes* vão para Mocanguê, desembarcando as guarnições que, como a tripulação do *Tupy*, então em concerto na ilha do Vianna, são apresentadas ao commandante das forças em Nitherohy, emquanto as tripulações do *Floriano, Benjamin Constant, Primeiro de Março, Tiradentes* e algumas praças do *Republica* deixavam seus navios recolhendo-se ao Arsenal de Marinha.

Por occasião de ser desguarnecido o *Republica*, a maior parte da tripulação deste cruzador, abandonando o official que a dirigia, seguiu nos escaleres para bordo do *S. Paulo*, fazendo causa commum com a revolta.

No Corpo de Marinheiros Nacionaes, sob intimação e ameaça dos revoltosos, uma praça iça o signal de rebellião, que poucos momentos fluctua; incontinenti fal-o arriar o commandante que, já tendo recebido ordem minha, embora hostilizado pelos rebeldes, embarca e manda para o Arsenal de Marinha grande parte de sua guarnição.

Sendo grande o numero de homens já recolhidos ao Arsenal, numero esse mais tarde augmentado com o restante das praças que haviam ficado em Villegaignon com o seu commandante, de accordo com o meu illustrado collega o Sr. Ministro da Guerra,

mandei-os aquartelar na Villa Militar, na estação de Deodoro, sob o commando de um official superior.

Foi ainda na manhã de 23, quando vos achaveis no Arsenal de Marinha, que uma lancha mercante, trazendo içada a bandeira de parlamentario, conduziu os corpos do Contra-Almirante João Baptista das Neves e do Capitão de Corveta José Claudio da Silva Junior; nessa mesma lancha, portadora de um manifesto dos rebeldes que vos foi entregue, foi tambem transportado gravemente ferido o sargento Francisco Monteiro de Albuquerque, traspassado por barbaro golpe dos amotinados.

Não obstante a intervenção officiosa do Deputado José Carlos de Carvalho, pretendendo uma mediação junto aos rebeldes, continuou-se durante o dia 23 a organizar outros elementos de resistencia, em pouco mais podendo consistir que no aprestamento dos « destroyers ».

Com os parcos recursos que haviam ficado em mão do Governo, os elementos de resistencia reduziam-se á Divisão de Destroyers e à fragil flotilha constituida pelo *Barroso, Rio Grande do Sul, Tamoyo* e *Andrada,* cujas guarnições inspiravam relativa confiança.

Certamente era uma força ridicula para enfrentar os couraçados rebeldes em combate regular; a bravura dos officiaes e tripulantes seria inutilmente sacrificada, salvo na hypothese de uma surpreza dos « destroyers ».

Para essa operação, porém, era preciso a noite, e antes que mais o municiamento torpedico que uma série de contratempos já expostos impedia de ultimar.

Em tão angustiosa situação, como sempre succede quando a disparidade de forças obriga ao recurso de meios extremos, pensei na minagem do porto.

O Deputado José Carlos de Carvalho trouxera a noticia de que os rebeldes sahiriam a barra na noite de 23, e pareceu-me ser então occasião azada de minar-se o porto para esperal-os convenientemente em seu regresso.

Não me havia escapado o que me ponderaram alguns especialistas: o problematico do successo e as difficuldades da execução. Deixando de parte os sacrificios dos couraçados, que nos

custaria a adopção desse recurso extremo, e mesmo sem attender ás difficuldades da minagem de um porto franco, aberto ao commercio de todas as nações, a face technica do assumpto suggeria objecções dignas de attenção.

Não obstante isso e apezar do material de minagem estar armazenado de tal modo que, para ter-se uma mina completa, era preciso recorrer a diversos pontos da nossa bahia, distantes até oito milhas entre si, perserverei na idéa, conseguindo promptificar um pequeno numero desses engenhos.

Se para apparelhar os torpedos foram precisas 48 horas, estando as cabeças de combate em um só ponto, embora do outro lado da bahia occupada pelos rebeldes, facil é de suppor o tempo preciso para reunir e preparar o material necessario a uma minagem conveniente do porto do Rio de Janeiro.

Assim, quando dous dias e horas depois de se terem revoltado as guarnições, lhes era concedida a amnistia, não se tinha ainda podido executar a minagem projectada.

No dia 24, cogitando-se de um ataque aos rebeldes a effectuar-se mesmo de dia, pela Divisão de Destroyers, e prevendo-se provavel hesitação por parte das guarnições desses navios, providenciei para que tivessem elles foguistas extranhos ao serviço da Armada, pessoal que ficou prompto a ser utilisado na primeira emergencia; as praças de convez seriam tambem substituidas por officiaes que, releva dizer, em grande numero se apresentaram, desejosos de cumprir essa missão, e o proprio commandante, designado para conduzil-os, em meu gabinete esperou vossas ordens para execução do plano que fôra traçado.

Resolvido por vós o ataque aos revoltosos, por parte de todas as forças de terra e mar de que dispunha o Governo, pelas duas horas da manhã de 25 recebi ordem para tudo dispor com esse objectivo.

O ataque seria effectuado pelo «scout» *Rio Grande do Sul* e Divisão de Destroyers, sendo para isso dadas as necessarias instrucções, ao mesmo tempo que, em telegramma ao commandante das forças em Nitheroy, ordenei que se o cruzador-torpedeiro *Tymbira* e a torpedeira *Goyaz* dispuzessem do necessario municiamento torpedico, os fizesse guarnecer e conduzisse ao

ataque dos revoltosos, logo que este fosse iniciado pelos demais navios.

Poucos antes das 3 horas da manhã, nova ordem vossa me determinava que sustasse temporariamente o ataque projectado; não obstante, prosegui nas providencias já encetadas, entre as quaes a remoção do pessoal que se achava na ilha das Cobras, inclusive todos os doentes do Hospital de Marinha, serviço que foi terminado nessa mesma madrugada.

Como o ataque aos rebeldes fôra transferido para o momento de seu regresso a este porto, occasião em que deveriam ser hostilisados combinadamente pelas forças de mar e pelas fortalezas da barra e outros pontos então fortificados, antes do amanhecer de 25, mandei occupar o couraçado *Floriano,* immediatamente preparado para o ataque, e em seguida o *Republica, Benjamin Constant* e *Primeiro de Março,* que foram rebocados para o ancoradouro de S. Bento.

Embora fracos e não convenientemente apparelhados para o combate, cujo exito ninguem se abalançaria a garantir, estavam os navios que podiam agir na defesa do Governo promptos a levar a effeito a arriscada empreza, para o que só aguardavam o recebimento da ordem, já lavrada e assignada por mim.

Os revoltosos não entraram no porto essa manhã, e quando no correr do dia transpuzeram as fortalezas da barra, já encontraram activado o andamento do projecto de amnistia e definitivamente revogada a ordem de ataque que a principio só fôra sustada.

Nessa tarde de 25 foi sanccionado o decreto de amnistia, referendado pelo Ministro e Secretario de Estado da Justiça e Negocios Interiores, o Dr. Rivadavia da Cunha Corrêa.

A amnistia concedida pelo Congresso Nacional não restabeleceu a calma dos espiritos.

Desde essa mesma noite os radiogrammas trocados entre os insurrectos e tambem recebidos pelos postos do Governo claramente revelavam não só a desconfiança que lavrava entre esses homens como o incompleto das idéas de submissão.

No dia 26, depois do *S. Paulo* ter descarregado fóra da barra os seus canhões de torre, um capitão de mar e guerra, poste-

teriormente investido do commando do *Minas Geraes,* foi encarregado de communicar aos rebeldes as condições em que o Governo, de accôrdo com o decreto de amnistia, receberia a sua submissão.

Resumiam-se estas na apresentação de todos os rebeldes desarmados e dentro de um prazo fixado ao seu commandante geral, no Corpo de Marinheiros Nacionaes.

O emissario do Governo regressou trazendo os protestos de absoluta submissão dos insurrectos e o pedido de sua conservação a bordo dos respectivos navios, o que já vos haviam solicitado directamente em radiogramma.

Tendo esse pedido merecido a vossa acquiescencia, com a condição de serem os navios desarmados, foi ao pôr do sol arriado o signal da revolta, seguindo ao anoitecer os commandantes e officiaes a assumir os seus postos a bordo dos navios rebellados.

Sómente a bordo do *S. Paulo* não assumiram seus postos as autoridades nomeadas, que encontraram duvidas da parte da guarnição, devido a mal entendido só resolvido na manhã seguinte pela ida a bordo do meu então chefe de gabinete.

Com a occupação e desarmamento dos navios seguiu-se um periodo de calma exterior, coincidindo com a phase de mais intensa agitação dos espiritos.

As guarnições rebeldes, com a decretação da amnistia, haviam obtido o perpetuo olvido do massacre de seus officiaes e, sob as ordens dos companheiros das victimas que haviam trucidado, voltavam ao serviço ordinario nos mesmos navios em que se tinham rebellado.

Com essa situação difficilmente conformava-se a officialidade que, pelos meios mais equivocos, demonstrava seu desgosto e repugnancia pela permanencia no serviço da Armada.

Por outro lado, as guarnições amnistiadas não se sentiam tranquillas. Incitadas por exploradores que lhes incutiam a desconfiança e a insubmissão, julgando-se sob a perenne ameaça de um chimerico desforço, suspeitando não só da lealdade do Governo como da de seus immediatos superiores, as tripulações viviam á espera de uma traição pelo violento rompimento do

decreto de amnistia, dictado por motivos de ordem que escapava á sua comprehensão.

Assim, mais uma vez succedeu o que quasi sempre acontece após uma convulsão intestina: as aggressivas desconfianças de uns e o retrahimento de outros, sem poder constituir-se em circumstancia determinante de outras revoltas, todavia favorecem á fermentação de novas agitações.

Foi o que se deu. O paiz ainda mal sahido de uma extremada luta partidaria, a agitação dos ultimos acontecimentos, nem por todos apreciados com a devida imparcialidade, as paixões de rudes marinheiros encandescidas por condemnaveis lisonjas, em que se apresentava a amnistia como o equivalente de impunidade de triumphadores, foram os factores de que se formou nova revolta, cuja incitação, mal encoberta, se trahia sob a fórma de appellos aos mais nobres sentimentos humanos.

Desse periodo em que a situação sem ser normal não era tambem francamente revolucionaria, repellindo tanto os recursos extremos da força como a acção serena das leis, originou-se outro estado posteriormente accentuado e cujos effeitos ainda persistentes não são muito menos damnosos que os de uma franca revolta: o estado de desanimo e descontentamento.

Assim corriam os acontecimentos, quando, na noite de 9 de Dezembro, uma gréve que occorria a bordo de um navio mercante fundeado em Santos, fez-me ordenar a partida do «scout» *Rio Grande do Sul* para aquelle porto.

O meu então chefe de gabinete, mandado a esse «scout» para tomar diversas providencias, relacionando-se com a commissão ordenada, apenas chegado a bordo teve communicação do commandante de que esperava immediata revolta em sua guarnição.

De facto, algum tempo depois, ainda se achando a bordo o meu chefe de gabinete, rompeu nutrido tiroteio na ilha das Cobras, logo seguido do levante da guarnição do *Rio Grande do Sul*.

O commandante e officialidade desse navio, a tempo prevenidos do que se planejava, haviam podido tomar algumas providencias e, quando os rebeldes atacaram seus officiaes, foram por estes repellidos com cerrado tiroteio, em que perdeu a vida

o Capitão-Tenente Francisco Xavier Carneiro da Cunha, victimado em seu posto de honra.

Na ilha das Cobras havia-se revoltado o Batalhão Naval, onde não se conseguiram manter os officiaes, inferiores e algumas praças, que permaneceram fieis ao Governo.

Tambem permaneceu fiel ao Governo uma companhia daquelle corpo, que se achava de guarda no Arsenal de Marinha, de onde só desertaram alguns soldados.

De accôrdo com o pedido feito pelo commandante do «scout» *Rio Grande do Sul,* que com sua officialidade resistia ao ataque da guarnição, algum tempo depois embarcava um batalhão do Exercito, destinado a auxiliar a suffocação do levante.

Essa força não seguiu porque ainda não partira a embarcação que devia conduzil-a, quando chegava um official do «scout» *Rio Grande do Sul,* communicando-me, da parte de seu commandante, estar terminada a sublevação e pedindo ordens sobre a partida do navio.

Exclusivamente á calma e coragem do commandante e officialidade do *Rio Grande do Sul* deve-se a prompta debellação do levante e manutenção do principio da autoridade.

A lancha desse «scout», que ao estalar a revolta a bordo havia largado a todo vapor, seguiu em direcção ao *Minas Geraes,* levando a falsa noticia do seu navio ter sido atacado pelo Exercito, calumnia já transmittida em sua passagem á guarnição do couraçado *S. Paulo.*

Essa perversa falsidade foi o fogo communicado ao rastilho já preparado; as guarnições desses navios que só se haviam submettido apparentemente e sempre conservaram armas occultas, julgando verificadas suas desconfianças, outra vez se amotinaram, se bem que sem novo massacre de officiaes.

A esse tempo eram tomadas as providencias para a repressão da revolta do Batalhão Naval e retirados os menores da Escola de Aprendizes, que tinham quartel na ilha das Cobras.

Os doentes do Hospital de Marinha, que já haviam regressado a esse estabelecimento na ilha das Cobras, não poderam ser retirados, por se achar o mesmo Hospital encravado na fortaleza rebelde.

Emquanto o morro de S. Bento e outros pontos eram occupados por baterias do Exercito, aprestavam-se os navios para o começo das hostilidades, que foi marcado para as 5 horas da manhã de 10 de Dezembro.

A essa hora, depois dos necessarios avisos ao commandante da divisão ingleza então surta em nosso porto, romperam fogo contra a ilha das Cobras (fortaleza) as baterias de terra, o couraçado *Floriano,* cruzadores *Barroso* e *Tamoyo* e o «scout» *Rio Grande do Sul,* emquanto os «destroyers» eram empregados nos serviços de vigilancia e transmissão de ordens.

Ás 3 horas da tarde foram suspensas as hostilidades, sendo retirados os doentes do Hospital de Marinha, acompanhados pelo medico de serviço, que nunca os havia abandonado.

Não foram reencetadas as hostilidades e nessa mesma noite a quasi totalidade dos rebeldes é feita prisioneira quando procurava livrar-se na fuga.

Na manhã do dia 11 a fortaleza da ilha das Cobras foi sem resistencia occupada pelas forças do Governo.

No *Minas Geraes* e no *S. Paulo* as guarnições continuavam insubmissas; de bordo daquelle, na manhã do dia 10, fazem alguns disparos sobre a ilha das Cobras, utilizando-se da unica culatrinha que os amnistiados haviam dado como extraviada por occasião do desarmamento do navio, emquanto a guarnição, sem ordem alguma, suspende ferro, conduzindo o couraçado para o interior da bahia, com o fim de abastecel-o de combustivel, e em seu proprio nome nos telegrapha insistente e directamente, pedindo a restituição das culatrinhas e o rearmamento do navio. Iguaes desejos da guarnição do *S. Paulo* são transmittidos ao Governo.

A situação a bordo dos dous grandes couraçados torna-se cada vez mais tensa, já não sendo obedecidos os officiaes, que chegam a retirar-se de bordo. Na manhã de 11, dous marinheiros do *Minas Geraes* são presos no Arsenal de Marinha, um por aggressão e outro por insubordinação, o que provoca um radiogramma da guarnição do couraçado, a vós directamente dirigido, pedindo providencias sobre o caso.

O então commandante da Divisão de Couraçados, o mesmo

emissario do Governo em 26 de Novembro e o commandante do *Minas Geraes* pedem demissão de seus cargos, sob a allegação de não poderem manter a disciplina.

Nessa situação foi resolvida a occupação á viva força do *Minas Geraes* e do *S. Paulo*, para o que foram expedidas as necessarias ordens aos «destroyers» e outros navios.

Ultimavam-se as providencias para esse fim tomadas tanto por parte das forças de mar como de terra, quando ulterior deliberação vossa veio sustal-as.

No Arsenal de Marinha, cuja guarda era feita por praças do Exercito, de Policia e do Corpo de Bombeiros, ordenara-se o aprisionamento de qualquer embarcação do *Minas Geraes* ou do *S. Paulo*.

Tendo uma vedeta daquelle couraçado atracado a um caes do Arsenal, de accôrdo com a ordem expedida, a força de Policia alli destacada occupou-a, aprisionando a sua guarnição e respectivo armamento e munição; essa mesma vedeta, com a sua guarnição trazendo armas a tiracollo, já havia feito varias evoluções pela bahia, tendo mesmo se approximado do Quartel do Corpo de Marinheiros Nacionaes.

Ao ser apresentada essa guarnição ás autoridades de marinha, reconheceu-se ser seu patrão e chefe um dos principaes cabeças do levante de Novembro, de que se tornou figura mais saliente.

Era essa a situação quando foi designado para commandar o *S. Paulo* o official que até então commandava o «scout» Bahia.

Ainda no mesmo dia esse official recebe do seu antecessor, a bordo do *S. Paulo,* o commando desse couraçado, onde pernoita com parte da officialidade.

A guarnição desse navio, verificando a inverdade da communicação transmittida na noite de 9 pela lancha do «scout» *Rio Grande do Sul*, aos poucos vai adquirindo a calma, que a presença de espirito, tacto e natural singeleza do seu commandante, fortemente concorre para restabelecer.

No dia seguinte, a marinhagem já convicta do descabido de sua nova insubordinação, é resolvido o seu desembarque para

o quartel do Corpo de Marinheiros Nacionaes, o que se effectuou nessa mesma noite.

A bordo do *Minas Geraes* o estado dos animos era ainda bem diverso; não obstante os esforços de alguns officiaes só conseguiram elles trazer para o Corpo de Marinheiros uma parte da guarnição, constituida pelos elementos mais ordeiros.

O commandante do *S. Paulo,* mandado a bordo do *Minas Geraes,* leva á guarnição que ahi se achava a convicção do acerto na submissão e cumprimento das ordens de seus superiores e a faz desembarcar tambem para Villegaignon, onde já se alojava a guarnição do *S. Paulo.*

A guarnição do couraçado *Deodoro,* embora em menor escala, tambem se havia transviado; por isso o mesmo official que havia effectuado o desembarque das tripulações dos dous «dreadnoughts» foi encarregado de recolhel-a ao Corpo de Marinheiros, commissão de que se desempenhou cabalmente. Tinham, pois, novamente se amotinado as guarnições dos navios revoltados a 22 de Novembro, com excepção da do «scout» *Bahia,* que na propria noite de 9 foi conduzida para terra, em perfeita ordem, sob a direcção do official immediato.

Achavam-se recolhidas ao quartel do Corpo de Marinheiros Nacionaes as guarnições dos couraçados *Minas Geraes, S. Paulo* e *Deodoro.*

Esses homens, cujo processo de recrutamento havia sido, em geral, o mais pernicioso possivel, pois não só o Corpo de Marinheiros, como até as Escolas de Aprendizes, e estas em virtude de seu proprio regulamento, encontravam nos xadrezes da policia a maior fonte de alistamento de pessoal, acabavam de dar sufficientes provas de sua qualidade e da inconveniencia de sua manutenção nas fileiras.

Urgiam as providencias sobre o destino desses homens que, separados, a bordo de tres couraçados, haviam constituido serio perigo e reunidos em uma mesma fortaleza só eram mantidos em ordem á custa da energia de um commandante.

Não era cabivel excluir de chofre tão elevado numero de homens, para lançal-os sem trabalho entre a população de uma cidade.

Melhores se tivessem elles revelado e, ainda assim, seria uma perigosa resolução.

Por isso, embora se não tratasse de baixas communs, o Governo enviando os excluidos para seus Estados, não se limitava ao cumprimento de uma disposição regulamentar, tomava uma providencia de segurança geral.

Até 31 de Dezembro foram excluidos 900 homens, numero que se elevou a 1.216 nos primeiros quatro mezes do anno fluente; a 1.078 destes excluidos o Governo forneceu passagens nos paquetes do Lloyd Brazileiro para regressarem a seus Estados.

Emquanto se providenciava sobre a exclusão e transporte dos antigos tripulantes dos couraçados *Minas Geraes, S. Paulo* e *Deodoro,* minucioso exame a que se procedeu nesses navios revelou o estado em que os deixaram os rebeldes.

Armas e munições escondidas nos mais escusos recintos e até a tentativa de utilizarem os canhões mesmo sem culatrinhas, provaram a boa fé da apparente submissão dos amnistiados, ao mesmo tempo que avarias, saques e depredações de todo o genero davam uma exacta medida de sua correcção e competencia.

Alguns dias depois da occupação da ilha das Cobras, retiraram-se as praças do Exercito, voltando a alli aquartelar uma centena de praças que restavam do Batalhão Naval.

Os presidios da Marinha que haviam sido arrombados por occasião do levante de 9, recebiam os necessarios reparos para a sua segurança e a elles era recolhida grande parte dos evadidos e dos prisioneiros implicados na revolta.

A 26 de Dezembro recebi a extranha communicação do fallecimento de 16 detentos nas prisões da ilha das Cobras. Sabendo então que nas mesmas prisões ainda havia outros homens, incontinenti ordenei que fossem dellas retirados e installados convenientemente.

Infelizmente, porém, apesar da rapidez das medidas tomadas, ainda dous homens vêm a fallecer.

As extranhas circumstancias deste triste acontecimento impressionaram-me vivamente.

Determinei a abertura de um inquerito e posterior instauração de um processo, entregando á justiça a apuração das

responsabilidades. O commandante do Batalhão Naval foi exonerado das suas funcções por decreto de 28 de Dezembro.

Sob a dolorosa impressão dessas ultimas occorrencias que ainda mais perturbam a calma e normalidade, termina o anno de 1910.

O mal estar e o desgosto lavram cada vez mais fundo.

Uns por simples interesses contrariados, outros sem motivo definido, e todos sob a mesma influencia das mesmas causas geraes, inconscientemente aggravam a situação commum com esteril e perniciosa ostentação de descontentamento, considerando-se talvez, em boa fé, simples espectadores imparciaes de um estado de profunda perturbação. »

4.ª SESSÃO ORDINARIA EM 15 DE JULHO DE 1911

PRESIDENCIA DO SR. BARÃO HOMEM DE MELLO (*2.º Vice-Presidente*).

Ás 8 horas da noite, na séde social, presentes os Srs. Barão Homem de Mello, Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga, Max Fleiuss, Conde de Affonso Celso, Commendador Arthur Ferreira Machado Guimaraes, Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, André Vernek, Coronel Ernesto Senna, General Emygdio Dantas Barreto, Capitão de Mar e Guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, Dr. Orville Adalbert Derby, Dr. Alfredo Augusto da Rocha, Eduardo Marques Peixoto, Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, Dr. José Americo dos Santos, General Dr. Thaumaturgo de Azevedo, Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, abre-se a sessão.

O SR. BARÃO HOMEM DE MELLO *(2.º Vice-Presidente, servindo de Presidente)* convida o Sr. Eduardo Marques Peixoto a occupar o logar de 2.º Secretario, por ter faltado o effectivo.

(O Sr. Marques Peixoto assume o logar de 2.º Secretario).

O SR. FLEIUSS *(1.º Secretario Perpetuo)* lê a acta da sessão anterior, a qual é approvada sem debate.

O mesmo Sr. Fleiuss declara á Casa que o Ex.mo Sr. Barão do Rio-Branco, nosso inclyto Presidente, o incumbiu de justificar-lhe a ausencia, por motivo de enfermidade. Faz igual communicação em relação ao illustre Sr. Visconde de Ouro Preto, nosso muito estimado 1.º Vice-Presidente.

O Sr. Barão Homem de Mello *(2.º Vice-Presidente, servindo de Presidente)* diz que o Instituto fica inteirado.

Em seguida o Sr. Barão Homem de Mello communica em sentidas phrases o fallecimento do consocio honorario Emile Levasseur, salientando os seus notaveis trabalhos, alguns executados de collaboração com o nosso eminente Presidente, Sr. Barão do Rio-Branco. Em obediencia aos precedentes, faz inserir na acta da sessão de hoje um voto de profundo pezar por perda tão lamentavel.

O Sr. 1.º Secretario Perpetuo lê o expediente, que consta, entre outros papeis, de um telegramma do Consocio Senador Augusto Tavares de Lyra, communicando que por se ter mudado não lhe chegou ás mãos a participação da ultima sessão.

— Officio do Vice-Director na activa do Instituto Commercial desta Capital, communicando a sua eleição.

— Carta do Sr. Dr. Pedro Souto Maior, participando a recepção que lhe foi feita pela Sociedade de Geographia de Lisboa e o procedimento que teve, como delegado do Instituto, quanto ao convenio luso-brazileiro, de accôrdo com o programma de Consiglieri Pedroso.

— Officio do Secretario Perpetuo da Sociedade de Geographia de Lisboa, sobre o mesmo assumpto.

O mesmo Sr. Secretario dá conta das ultimas offertas feitas ao Instituto:

Pelo consocio Dr. Daniel Garcia Acevedo, *Documentos inéditos de Lozano, Montevidéo, 1909.*

Pelo consocio Victor Ribeiro *Feitos d'armas, I, Braz Pessoa. Notas documentaes sobre a campanha da Restauração no Alemtejo, 1642-1659. Lisboa, 1910.*

Pelo Conselheiro Ernesto de Vasconcellos, *Missão ao Brazil. A Cidade e o Estado de São Paulo. Conferencia realizada na sessão de 5 de junho de 1911. Lisboa, 1911.*

*

Pelo Dr. Manuel B. P. Diegues Junior, *A descoberta do Brazil. Maceió, 1910. A estrada do Anhanguerá, Allegações finaes da Fabrica da Matriz de Uberaba, por Alexandre de Souza Barboza e Silverio José Fernandes.*

Pelo respectivo Director, *Annuario do Observatorio Nacional para 1911.*

Pelo Bibliothecario do Instituto, Dr. José Vieira Fazenda, *Planta da Cidade do Rio de Janeiro. Editores e Proprietarios Julio Soares de Andréa, etc., 1910. Organizada e desenhada por Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos.* »

(Retira-se nesse momento do recinto o Sr. André Vernek).

Continuando a relação das offertas, o Sr. Secretario pede a attenção do Instituto para a seguinte carta do consocio Sr. André Vernek, que acaba de doar ao Instituto a sua bibliotheca particular, composta de mais de mil volumes.

« Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Presidente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro — Tomo a iniciativa de offerecer ao Instituto, para que com elles inicie uma collecção que terá o nome « VERNEK », uns poucos livros, sob as seguintes condições:

« Primeira — Será completamente vedada a retirada de livros dessa collecção, salvo ás pessôas que forem descendentes, por via legitima, do casal João Vernek (ou Berneque, como grapharam os escrivães da época) e de sua mulher Izabel de Souza, e que em mil setecentos e vinte, mais ou menos, « residiam no Pilar do Aguassú, do Couto, Caminho das Minas » ; isso de accordo com a genealogia da Familia, que estou organizando, e não outra, a qual oppurtunamente será entregue ao Instituto. Só poderão estar fóra do Instituto, mediante carga assignada pela parte, dous volumes, e nunca maior numero, e por prazo marcado em cada retirada; findo elle, não restituidos os volumes, nenhum mais poderá ter sahida, sob pretexto algum, deposito ou outra fórma de garantia, e na primeira sessão do Instituto, o Secretario levará ao conhecimento da Casa o nome da pessoa que assim tiver procedido, ficando independente de votação, e para sempre, revogada essa condição, o que constará da acta.

« Segunda — O Instituto só poderá receber para essa collecção, de pessoas da familia Vernek ou não, donativos de livros

que se sujeitem ás condições acima ; e de manuscriptos, objectos raros e historicos, e valores, com clausula, sem excepção, de não serem mais retirados sob qualquer motivo. Deus Guarde a V. Ex.ª por dilatados annos. Rio, 3 de Julho de 1911. — *André Vernek.*»

O Sr. 1.º Secretario diz já ter communicado o facto ao Sr. Presidente e acha que as condições impostas pelo Sr. André Vernek, sendo quasi as mesmas dos nossos Estatutos, podem ser plenamente acceitas pelo Instituto.

O Sr. Barão Homem de Mello *(2.º Vice-Presidente, servindo de Presidente)* diz que o Instituto recebe com a maior gratidão a generosa offerta do prestimoso consocio que já ha annos dedicou á nossa Bibliotheca um indice das leis do Brazil para os annos de 1821 a 1824, edição da Typographia Nacional, desse volume pôde elle, orador, como membro da Commissão de Redacção da *Revista,* publicar minucias sobre a *Primeira Viagem de D. Pedro I a Minas Geraes,* as quaes minucias figuram em um dos volumes da nossa *Revista.*

O Sr. Coronel Ernesto Senna, pedindo a palavra, offerece a biographia do inolvidavel Consocio Barão de Capanema, escripta pelo saudoso Consocio Dr. Antonio da Cunha Barboza, trabalho que se achava em poder da familia Capanema, que lh'o confiou para entregar ao Instituto.

O Sr. Presidente agradece essa afferta e diz que os originaes serão immediatamente enviados á Commissão de Redacção para serem impressos no tomo competente.

Procede-se logo depois á votação do parecer, lido na ultima sessão, da Commissão de Admissão de Socios e relativo ao Sr. Dr. Pedro Souto Maior. Corrido o escrutinio, o parecer é approvado por unanimidade de suffragios e acto continuo o Sr. Presidente proclama o Sr. Dr. Pedro Souto Maior socio correspondente do Instituto.

O Sr. 1.º Secretario Perpetuo lê após os pareceres seguintes:

Da *Commissão de Admissão de Socios,* os seguintes que ficam sobre a Mesa para votação na primeira sessão, de conformidade com os Estatutos :

«Opinando pela acceitação do Dr. Aloysio de Castro na classe dos effectivos, a Commissão de Admissão de Socios presta justiça aos meritos do illustre proposto, que satisfaz plenamente as exigencias dos Estatutos.

«Sala das Commissões, 5 de Julho de 1911. — *Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*, relator. — *Joaquim Xavier da Silveira Junior*. —*Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva*.»

— «Póde perfeitamente fazer parte do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, proposto para socio correspondente, pois preenche ampla e satisfactoriamente todas as exigencias dos Estatutos. Assim pensa a Commissão de Admissão de Socios.

«Sala das Commissões, 5 de Julho de 1911. — *Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva*, relator. — *Joaquim Xavier da Silveira Junior*. — *Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*.»

— «O Dr. Alipio Gama, indicado para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, preenche as condições exigidas pelos Estatutos e póde ser acceito na classe para que é proposto. É este o parecer da Commissão de Admissão de Socios.

«Sala das Commissões, 5 de Julho de 1911. — *Joaquim Xavier da Silveira Junior*, relator. — *Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho*. — *Dr. Manuel Cicero Peregrino da Silva*.»

O mesmo Sr. Secretario Perpetuo lê os seguintes pareceres:

Da *Commissão de Historia*:

«O trabalho do Sr. Dr. Homero Baptista intitulado *A Marinha Nacional* e consistente nos dous pareceres que na qualidade de relator de Orçamento da Commissão de Finanças da Camara dos Deputados apresentou para os annos de 1909 e 1910, é obra de valor que lhe deve dar ingresso no seio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. De facto, aproveitando-se o Sr. Dr. Homero Baptista da opportunidade, fez interessante excursão pelo passado da instituição, cujas necessidades financeiras, naquelles exercicios, tinha que estudar e assim produziu verdadeira monographia historica, sobre a organização, administração e material da força maritima brazileira, desde a Independencia até aos nossos dias.

« No intuito de defender o regimen politico vigente, do qual é partidario dedicado, da pecha de haver descurado do progresso da Marinha, estende a censura a tal descuido a algumas administrações do tempo do Imperio. Este, porém, si algumas vezes cahiu nesse erro, soube compensal-o com épocas de trabalho e actividade intelligente, que inscreveram na nossa historia patria paginas de ouro, como *Monte Santiago, Riachuelo, Humaytá.*

« Rio de Janeiro, 5 de Julho de 1911. — *Visconde de Ouro Preto,* relator. — *Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho.* — *Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.* »

E' approvado e vai á Commissão de Admissão de Socios, sendo relator o Sr. Dr. Manoel Cicero.

Da *Commissão de Geographia:*

« Á Commissão de Geographia deste Instituto foi submettida a proposta apresentada em sessão de 30 de Maio do corrente anno, relativa ao Capitão-Tenente Francisco Radler de Aquino para socio correspondente ou effectivo do mesmo Instituto, servindo de titulo para a sua admissão o livro *Taboas para achar alturas e azimuths.* Estas *taboas* são destinadas a facilitar a determinação da posição geographica do navio por um processo muito rapido, com a exactidão necessaria. O Capitão de Fragata (Commander) da Marinha Norte Americana G. R. Marvell, lente de Navegação da Academia Naval de Annapolis, conclue assim o seu parecer sobre esse trabalho: *« Em seu conjuncto, este livro não póde deixar de ser altamente recommendavel e todos os navegadores devem possuir um exemplar. »*

« Outras autoridades, nacionaes e extrangeiras, tambem o recommendam. O proposto tem-se dedicado ao estudo da navegação e astronomia e muito tem escripto sobre a primeira destas materias, com proficiencia, tratando sempre os problemas do ponto de vista pratico. São do mesmo autor as seguintes obras, tambem submettidas á Commissão: « *Estudos theoricos e praticos dos instrumentos nauticos de Lord Kelwin* », «*Resolução Nomographica do triangulo de posição* » (traducção), « *A Navegação sem logarithmos* », « *O Methodo de Marcq Saint Hilaire* », «*Nomograms for deducing altitude and azimuth and for star identification and fin-*

ding course and distance in great circle sailing», «*A nomogram for compass deviation with an elementary exposition of the two parallel scale nomograms*», «*Estudo elementar de trigonometria espherica e algumas das suas applicações á astronomia, navegação e geographia*».

« Esses trabalhos justificam cabalmente a proposta, e assim pensando, julga a Commissão de Geographia que o Capitão-Tenente Francisco Radler de Aquino está nas condições de ser admittido como socio correspondente ou effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

« Sala das Commissões, 8 de Julho de 1911. — *Antonio Coutinho Gomes Pereira*, relator. — *Gregorio Thaumaturgo de Azevedo.* — *Barão Homem de Mello.* — *Orville A. Derby.*»

E' approvado e vae á Commissão de Admissão de Socios, relator o Sr. Barão de Alencar.

O Sr. 1.º Secretario Perpetuo lê a seguinte proposta:

« Propomos para socio correspondente deste Instituto o Dr. Affonso de Escragnolle Taunay, engenheiro civil pela Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, lente cathedratico da Escola Polytechnica de S. Paulo. Filho de um grande homem de lettras que tanto destaque teve no nosso Instituto e descendente de varões illustres nas artes e sciencias, o Dr. Affonso Taunay herdou por atavismo o amor ás cousas do Brazil, á sua historia e á psychologia da nossa sociedade de antanho. Para prova basta citar o seu trabalho *Chronica dos tempos dos Philippes,* publicado sob o pseudonymo de Sebastião Côrte Real. Na nossa *Revista* figura firmado pelo distincto candidato um prefacio ao *Diario da viagem ao Alto Nilo*, feito pelo Imperador D. Pedro II. Tambem para a nossa *Revista* enviou o Dr. Taunay uma collecção de *cartas* do inesquecivel Carlos Gomes. Destinada ainda á nossa *Revista*, o Dr. Taunay vae mandar curioso trabalho sobre seu bisavô Nicolau Antonio Taunay, um dos fundadores da nossa Academia de Bellas Artes, e mais não só a biographia completa do mesmo Nicolau como dos demais artistas contractados em 1816 pelo Conde da Barca. Grande e copioso já é o acervo litterario do Dr. Affonso Taunay, o qual virá no seio do nosso Instituto continuar o renome do seu progenitor. Delle se poderá dizer como o poeta: « Sequiturque patrem passibus æquis ».

«Sala das Sessões, 15 de julho de 1911. — *Max Fleiuss.* — *André Vernek.* — *Eduardo Marques Peixoto.* — *Conde de Affonso Celso.* — *Arthur Guimarães.* — *Antonio Coutinho Gomes Pereira.*»

Vae á Commissão de Historia, relator o Sr. Dr. Ramiz Galvão.

Falla em seguida o Sr. Commandante Antonio Coutinho Gomes Pereira:

«Ex.mos Presidente e Senhores.

«Admittido na qualidade de socio correspondente na ultima sessão ordinaria do anno findo, compareci á festa anniversaria do Instituto para manifestar logo, com a minha presença, o meu reconhecimento por tão elevada distincção.

«Nesse dia designaram-me gentilmente um logar nesta mesa, assim fui empossado.

«Era meu intento, infelizmente contrariado por motivos imperiosos, na primeira sessão deste anno vir agradecer-vos à generosidade com que me acceitastes nesta douta associação, cujos serviços á Patria já a tornaram credora da gratidão nacional.

«Venho, pois, hoje pela primeira vez tomar parte nos vossos trabalhos, e é com grande emoção que vos dirijo estas primeiras palavras, lembrando-me que aqui sempre montaram guarda ás nossas caras tradições os vultos mais eminentes do paiz. Homens que pela somma de serviços prestados já haviam feito jus ao reconhecimento nacional e que pela idade avançada justo fôra que buscassem o repouso, aqui vinham dedicar á Patria as suas ultimas energias.

«Hoje, como hontem, no Instituto se encontram nomes aureolados, que já conquistaram logar na Historia.

«A' sua frente acha-se o patricio illustre, o habil advogado que, *no fôro internacional,* conseguiu liquidar o difficil inventario da familia brazileira; fixando com elevação de vistas, que honra tanto á nação como á humanidade, as nossas fronteiras — a nossa riqueza territorial.

«O seu nome será aprendido pelos nossos descendentes quando lhes forem ensinados os limites da Patria, a cuja grandeza ficará ligado.

«Vem, depois, na ordem dos vossos eleitos, a figura vene-

randa do estadista emerito cujo saber e caracter tanto o exaltaram na administração, como no Parlamento e na Imprensa, no passado regimen; do estadista, com gratidão o digo, que dirigiu a Marinha em uma das suas phases mais brilhantes.

«Preside esta sessão o historiador e geographo illustre, que neste Instituto é *the right man in the right place*. Segue-se-lhe o magistrado que pontifica na Historia como no Direito.

«Para que citar outros, cujos nomes vós os conheceis como os conhece a nação pelo muito que lhes deve ?

«A honra que me conferistes, a maior que hei recebido; sem duvida superior aos meus meritos, se os tenho, e aos pequenos serviços que, porventura, presto na modesta orbita em que exercito a minha actividade, não justificariam a vossa benevolencia, recebendo-me neste recinto. Explica-a, porém, a intenção que, de certo, tivestes de dar uma alta prova de apreço á classe a que me desvaneço de pertencer, prova essa que factos posteriores tornaram ainda mais grata.

«Não faltariam, felizmente, na corporação outros que pelo saber e serviços com mais direito pudessem vir occupar este logar; mas, chamando a um dos seus chefes illustres, o vosso intuito não ficaria tão claro: seria prejudicado pelo brilho do escolhido. Não haveria o contraste, que tanto realce lhe dá.

«Eu procurarei auxiliar-vos no vosso trabalho, como o modesto operario auxilia os grandes architectos na execução de seus projectos.

«A vossa tarefa é grande e difficil: comprehende a Historia e a Geographia.

«A Historia estende-se cada vez mais. Projecta sobre o passado um feixe de luz, através dos seculos procurando descobrir a róta seguida pela humanidade na sua marcha progressiva, afim de poder prever a sua trajectoria futura, com a segurança talvez, com que o astronomo prediz o apparecimento de um astro, cujá orbita conhece.

« Sem essa previsão, ella limitar-se-ia a satisfazer a curiosidade sobre o passado. Não seria a *mestra da vida,* como a chamava Cicero.

«Os methodos de fazel-a têm melhorado desde Vico, e

vão-se tornando mais racionaes, mais positivos. As sciencias que a servem progridem tambem.

« Com o auxilio da geologia, archeologia, philologia e ethnologia, ella procura penetrar nas trevas que envolvem a *prehistoria.*

« Uma nova sciencia apparelha-se para servil-a. A Oceanographia vae surgindo ; a despeito da indifferença do homem pelo mar, e, dentro em breve, poderá prestar valioso concurso ao historiador.

« Com o estudo systematico do relevo submarino, natureza, modo de deposição e induração das camadas sedimentarias dessa grande parte coberta pelo oceano, ella auxiliará a geologia na historia da massa bruta do planeta.

« A sciencia do *mar,* completará assim a obra da sciencia da *terra.*

« Determinando com precisão a intensidade, profundidade, direcção, etc., das correntes maritimas, esclarecerá talvez certos pontos da ethnographia, mostrando como os asiaticos trasladavam-se para os outros continentes, especialmente para o que mais nos interessa — a America.

« Não é impossivel que se encontrem, na maior bacia volcanica do mundo — o Pacifico — vestigios de ilhas desapparecidas, que tivessem facilitado as migrações.

« Com os conhecimentos que já possuimos, penso, podemos acreditar na vinda do homem asiatico pela contra corrente equatorial, que parte da Asia e vem parallelamente ao equador em direcção á America Central, e, antes de attingir a costa bifurca-se — um ramo segue para o Mexico e o outro passa pelo norte do Perú ; precisamente nesses dous paizes, mais do que nos outros, teem sido encontrados vestigios das civilizações asiaticas.

« Acredito tambem nas emigrações pelas regiões frias do Norte.

« Eu sei bem, senhores, que para entrar neste Cenaculo não é mister fazer profissão de fé ; mas permitti que justifique uma mudança de opinião.

« Por muito tempo acceitei as idéas em voga entre os poly-

genistas e já estava mesmo conformado com os ascendentes simios, quando uma visita á Asia modificou a minha orientação.

« Lá, eu senti que estava no berço da humanidade. A densidade daquella massa amarella impressionou-me vivamente.

« O elemento indigena sempre sobrepujando o extranjeiro.

« Shangay é a cidade mais européa do Oriente. As circumscripções *(concessões)* em que é dividida, são autonomas: policia, correio e administração das nações a que *pertencem.* O dominio extrangeiro é tão grande que, no portão de um jardim publico, ha um letreiro prohibindo a entrada de cães e de chinezes.

« Mas o chinez está em toda a parte, até no alto commercio.

« Em Singapura, ha o choque da corrente humana que desce do Norte, China, Japão, etc., com a que vem de Oeste. Ahi encontram-se representantes de todas as raças e castas asiaticas. Um museu!

« Em todas as cidades japonezas o elemento extrangeiro desapparece.

« O mesmo não succede na Africa. A Cidade do Cabo é puramente européa: nada denuncia o continente. Nella o elemento asiatico (malaio) era o mais sensivel quando a visitei em 1889.

« Na America, o indigena vae recuando e desapparecendo do litoral e centro habitados.

« Mas, devo dizer, não foi só a densidade trasbordante da população, que concorreu para a formação das minhas novas opiniões.

« Eu estive durante alguns dias com pescadores, que exerciam a sua profissão nas ilhas vizinhas do Japão e foram atirados a uma ilha a 1.600 milhas da costa nipponica pelos ventos e correntes.

« O modo frugal por que elles se alimentavam nessa ilha, exclusivamente com ovos de aves aquaticas e peixes; a despreoccupação e teimosia com que alguns desejavam nella permanecer, por julgarem-se muito proximos dos seus lares, concorreram tambem para fazer-me comprehender como poderiam ter vindo parar na America pescadores asiaticos, cruzando o Grande Oceano.

«Não sabendo voltar ao ponto de onde haviam partido, foram impellidos pelos ventos e correntes para este continente.

«Mais felizes do que taes pescadores, voltemos ao nosso ponto de partida — a oceanographia — para lembrar ainda que muito valioso tem sido o seu concurso á paleontologia, trazendo do fundo do mar elementos que confirmam ou invalidam theorias dominantes.

«Se ainda no inicio, já póde a nossa sciencia prestar serviços á Historia, mais importantes são os subsidios que levará á Geographia, estudando essa massa liquida que cobre cerca de tres quartas partes do globo.

«Infelizmente, senhores, a Oceanographia progride lentamente, porque o homem ainda não conhece o mar e por isso não o ama como devia.

«O mais benefico dos elementos é por elle considerado o mais terrivel dos monstros, sempre prompto a tragar vidas e propriedades.

«Esqueco que o oceano para servil-o transforma-se ora em vapor de agua, que fórma as nuvens, que o protegem do ardor do sol nos climas quentes; ora, em neve que se deposita nos cimos das montanhas para alimentar os rios, que fertilizam o solo; ora, em orvalho e chuvas que beneficiam as plantas.

«No seu seio correm rios que temperam climas, O *Gulf-stream* leva calor ao noroeste da Europa e a corrente de Humboldt, nascida nas regiões frias do Sul, torna menos calida a costa do Perú.

«A elle deve a civilização o seu rapido progresso.

«Onde não vae o mar, entram, de mãos dadas, a sêde, a fome e a morte, como accntece no sertão nortista quando não ha chuvas.

«As tempestades parecem o argumento irreductivel contra o oceano, mostram a sua furia.

«Os que o condemnam pelos damnos que ellas causam, esquecem que elle se agita em legitima defesa.

«O ar convulsiona-se, açoita-o; elle reage. Aggredido defende-se.

«A tempestade é no ar!

« As curas feitas pelo mar, contam-se, talvez, por milhões; mas nem assim o homem o estima; nem assim procura estudal-o.

« Infelizmente, povos e governos ainda não comprehenderam os grandes proveitos que poderão auferir do mar quando, á luz da Oceanographia, se tornar transparente o espesso véo que occulta tantas riquezas.

« Mencionei ligeiramente o concurso que a nova sciencia póde prestar á Historia e Geographia, cujo estudo constitue o objectivo deste Instituto; poderia indicar tambem, se me não faltasse tempo, as suas estreitas ligações com a Meteorologia e as contribuições valiosas que levará á Zoologia e Botanica.

« Mas o meu intuito hoje foi unicamente agradecer a vossa benevolencia; não devo, portanto, abusar por mais tempo da attenção com que me honrastes.

« O Instituto tem justa anciedade de ouvir um dos seus veteranos, que vae tratar de assumpto que muito o interessa.

« Antes de terminar, porém, seja permittido ao ultimo dos operarios desta officina em que a força motora é o patriotismo, exprimir o voto sincero e ardente que faz para que tão dignas, nobres e gloriosas sejam sempre as tradições do povo brazileiro, como o são as que fielmente guarda este Instituto até hoje.

« Tenho concluido. *(Applausos geraes.)*

Responde ao Commandante Gomes Pereira, o Sr. Conde de Affonso Celso, Orador do Instituto.

O Sr. Conde de Affonso Celso disse ignorar que o Commandante Antonio Coutinho Gomes Pereira tencionasse hoje, de par com a bella dissertação scientifica, ha pouco tão applaudida, referir-se ao seu ingresso para o Instituto, ingresso occorrido na ultima sessão solenne.

« Só á ultima hora foi disso informado, quando já não restava tempo para preparar uma resposta condigna dos altos meritos do conspicuo consocio.

« O orador não mais se acha na idade temeraria e feliz dos improvisos, nem de improviso se deve falar de assumptos que exigem ponderação, maximé quando, além de sentimentos individuaes, se expressam os de uma associação, como o Instituto.

« Indesculpavel, porém, seria deixar passar em silencio os nobres conceitos do Commandante Gomes Pereira.

« Dirá singelamente o orador a S. Ex.ª, que o Instituto o acolheu com ufania e jubilo, pois lhe conhece os variados e peregrinos meritos.

« Constantemente, teve o Instituto a fortuna de contar em seu gremio a officiaes de Marinha

« Eis entre os saudosos mortos o Barão de Ladario e Calheiros da Graça; e entre os preclaros vivos o Barão de Teffé, José Candido Guillobel e Indio do Brazil.

« Admittindo o Commandante Gomes Pereira, observou-se uma agradavel tradição.

« Neste official, exclama o orador, fulguram simultaneamente, um homem do mar, um administrador, um homem de lettras, um diplomata e um homem de guerra.

« Homem do mar, commandou S. Ex.ª o navio-escola *Benjamin Constant* na viagem de circumnavegação, durante a qual, em dezenas de portos do Atlantico, do Pacifico, do Oceano Indico, do mar do Japão, do Mediterraneo se elevou o pavilhão brazileiro e se fez admirar o garbo, disciplina e fortaleza da nossa gente, quando com idoneidade dirigida.

« Homem de lettras, escreveu S. Ex.ª no relatorio da viagem um trabalho deveras primoroso em seu genero.

« Nessa mesma viagem, assignalou-se ainda S. Ex.ª salvando os naufragos japonezes refugiados numa ilha deserta.

« Pena é que, como recordação e premio de tão bella acção não rutile no seu altivo peito a condecoração com que quiz o governo japonez agracial-o, e sim, apenas, a medalha de salvação, medalha esta que ao governo do Brazil não occorreu tambem conferir-lhe.

« Mas imperecivel será no reconhecimento dos dois povos a memoria do humanitario feito cujo brilho reflecte sobre o Brazil.

« Funccionario, efficazmente auxiliou S. Ex.ª a fecunda administração, na pasta da Marinha, do Almirante Julio de Noronha, e hoje superiormente chefia o Club Naval.

« Diplomata, representou da mais fina e competente ma-

neira, o Brazil, como addido naval perante a mais forte potencia naval do mundo, a Inglaterra.

« Homem de guerra, attingiu o heroismo o seu procedimento, durante os abominaveis successos do anno findo, o que lhe valeu um glorioso documento por parte do Governo Federal.

« Basta lembrar que, quasi só e desarmado, conseguiu pelo seu sangue frio, firmeza e denodo, impôr-se ao respeito de centenas, sinão milhares de brutos individuos propensos á revolta, sanguisedentos, muitos dos quaes co-autores, ou cumplices, talvez, do infame homicidio do insigne Baptista das Neves e seus dignos companheiros.

« O modo como o Commandante Gomes Pereira, então, agiu, suffocando, sobrepujando a revolta em Villegaignon, collocou-o entre os nossos mais bravos chefes militares.

« Factos dessa ordem é que compensaram o desgosto soffrido pelo paiz, em consequencias das sedições de Novembro e Dezembro, e lhe incutiram confiança em a nossa marinha do futuro.

« Instituto Historico, isto é, conhecendo as condições do nosso desenvolvimento social, economico e politico ; Instituto Geographico, isto é, sabedor das exigencias da nossa situação topographica e orographica ; Brazileiro, isto é, intensamente patriotico ; — o nosso velho sodalicio saúda no Commandante Gomes Pereira essa marinha do futuro que, sob quaesquer aspectos, deverá ser e será a primeira de todas nesta immensa parte do globo ». *(Palmas e applausos unanimes.)*

Tem em seguida a palavra o Sr. Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, que leu a seguinte prelecção :

« As difficuldades em achar as origens dos primeiros habitantes do Brazil, acastelladas na espessa escuridão da noite dos tempos que envolvem factos e costumes das gerações desapparecidas, deixam entrever, com os progressos dos estudos especiaes e descobertas archeologicas modernas, a possibilidade de se lerem phrases esclarecedoras neste livro da natureza.

« Este livro não tem caracteres, na phrase do Dr. Barboza Rodrigues, mas a esculptura, os monumentos, a tradição, as lendas e linguas illustram e enchem suas paginas, que, abertas, a ethnologia, a muito custo, é certo, e com sacrificio, illumina

com uma luz que, se não espanca de todo as trevas, esclarece ao menos os mysterios de muitos seculos.

« De accôrdo com esta verdade do distincto sabio brazileiro, bem cedo desapparecido, vemos a opinião do grande Humboldt que: a questão geral da primeira origem dos habitantes de um continente está além dos limites prescriptos á historia, e talvez mesmo não seja uma questão de philosophia.

« E, pois, baseados na archeologia e na historia, vejamos quaes foram os povos do antigo continente que effectuaram a passagem como primeiros povoadores do Brazil, tendo em conta a rusticidade dos aborigenes, a falta de monumentos e hieroglyphos.

« Conjecturas não faltam, e entre ellas algumas fabulosas e bizarras; e apezar de notaveis trabalhos que honram os nossos sabios americanos, a historia dos primeiros povos do Brazil e da America em geral, tem muito de incerto e de obscuro.

« Será possivel affirmar a origem dessas populações?

« Poderemos do homem selvagem dos sambaquis remontar ao selvagem nomade contemporaneo do megatherio e do mastodonte?

« Do mexicano e do peruano, cujas narrações attestam riqueza e civilização, poderemo-nos elevar aos *Mound-Builders*, que levantaram gigantescos tumulos aos seus deuses e aos seus antepassados?

« A ligação entre estes homens deve existir, embora de certo difficil de estabelecer-se; mas, mesmo conseguindo-se esta ligação, a nossa curiosidade e o nosso ardor scientifico não ficariam de certo satisfeitos, com a idéa de que estes homens tiveram seus antepassados tambem.

« Portanto, quaes eram estes antepassados que primeiro occuparam as immensas regiões banhadas pelos oceanos Atlantico e Pacifico?

« Vieram do antigo continente por immigrações, cujos traços são presumptivamente encontrados e explicam os caracteres tão differentes, que se notam entre os americanos desde o XVI seculo; ou devemos acceitar a ultima theoria do abbade Brasseur de Bourbourg, que colloca na America o berço primitivo da

humanidade, e de onde sahiram os povoadores do velho mundo, assim como todos os animaes domesticos, artes, industrias, hieroglyphos e mesmo os ritos religiosos?

«E esta opinião, por mais singular que pareça, não está isolada, pois, distincto escriptor moderno, Ameghino, sustenta uma these semelhante; e para esse tambem foram os habitantes da America que povoaram a China, e dahi espalharam-se para o resto do mundo.

Na ignorancia em que estamos, diz Nadaillac, todas as hypotheses são possiveis; mas as hypotheses teem uma existencia ephemera, e só os factos é que asseguram o verdadeiro progresso da sciencia.

«Analogias curiosas existem entre os monumentos, as inscripções, as armas, os utensilios e mesmo os costumes dos antigos egypcios, assyrios, etruscos e os mais antigos povos da America.

«Teem-se encontrado na America cylindros de pedra em tudo semelhantes aos de Babylonia e Persepolis.

«A cabelleira egypcia, chamada *Calantica*, encontra-se nas estatuas mexicanas e recentemente foi achada uma em Yahala, perto do lago Harris, na Florida.

«Esta estatua, porém, Putnam considera uma imitação moderna.

«Fragmentos de lamina de prata teem sido tiradas das boccas das mumias peruanas, uso semelhante ao dos antigos egypcios, que collocavam laminas metallicas na bocca dos cadaveres; e nesse sentido encontrou-se tambem uma escriptura hieroglyphica, na America Central.

«Seria immensa uma lista de monumentos encontrados em varias partes da America, em tudo recordando a construcção e detalhes dos monumentos do velho mundo.

«Embora se pense que exista um grande numero de formas dadas pela natureza que todos os povos adoptam, uma vez alcançado certo gráo de civilização, como sejam, a forma pyramidal para os templos, a forma ovoide para os vasos, os meandros ou as gregas, os terçados ou zig-zagues para a decoração, parece, comtudo, impossivel explicar tão facilmente taes seme-

lhanças; e tão notavel identidade de concepções não poderia provir da simples semelhança do genio do homem.

«As mais antigas tradições, que chegaram até nós, alludem a homens chegados do Oriente, de regiões frias e geladas através de um mar triste e nebuloso; e estas tradições ficaram gravadas tão profundamente entre os indigenas, que os mexicanos consideravam os primeiros hespanhóes desembarcados em sua terra como filhos dos seus antepassados.

«O mesmo se observa no Perú, no Yucatan, na Florida e na Luisiania.

«Os Tuscaroras possuem uma chronologia que remonta a perto de 3.000 annos.

«Na crença delles, os seus antepassados eram naturaes do extremo norte, das regiões situadas muito além dos grandes lagos: estabeleceram-se no S. Lourenço e tiveram de supportar longas e sangrentas guerras que lhes fez um povo estranho chegado pelo mar.

«E' provavel que todas estas tradições repousem sobre algum fundo de verdade.

«Na America Meridional, tambem se encontram narrações que filiam a origem do povo ou, pelo menos, da sua civilização a estrangeiros.

«Os Peruanos attribuem seus progressos a Manco-Capac e a Mama-Oello, sua irmã e mulher, os quaes atravessaram o mar para alcançar o seu paiz, conforme se lê em Squier.

«Segundo refere Avendano, em outra parte do Perú, acredita-se que do céo cahiram tres ovos: um de ouro, originando os *ouracos* ou chefes; outro de prata, os nobres; e o ultimo, de cobre, o povo.

«Os Guaranys contam que dous irmãos, Tupy e Guarany, desembarcaram, em consequencia de uma grande inundação, nas costas do Brazil, com suas mulheres e filhos, e delles sahiram as raças que teem o seu nome, segundo Guevara, na sua *Historia do Paraguay*.

«Das diversas lendas dos indios da America Meridional, particularmente do norte do Brazil, referidas pelo Dr. Barbosa Rodrigues em seu livro o *Muyrakitan*, podemos destacar a de

Bokan, da lenda amazonense, filho de *Piñon*, a grande serpente, que recebera do sol as leis que transmittiu a seu filho, e este a seus companheiros.

«A' força iam os companheiros de *Bokan* impondo a sua lenda aos povos que encontravam, destruindo os que não a acceitavam e fraternizando-se com os que deparavam da mesma seita; tal como fez o segundo apostolo Naui-naui, que se orgulhava em affirmar ser *filho do sol*, quando nascera de *uma virgem* fecundada pelas aguas de um rio, como foi o primeiro rei da Coréa, 223 annos antes de Christo *Tchumong*, que era filho do Sol e neto, por parte de mãe, do rio Ho, como refere o historiador chinez Matouan-Lin.

«Entre os objectos recebidos do Sol, para melhor firmar o seu poderio e reformar os usos dos povos com que se encontrava, figuram o *nanacy*, os espelhos magicos, e as *pedras verdes e escuras*, amuletos pelos quaes via tudo o que em sua ausencia e distancia se passava.

«Os Carajás do rio Itapirapé, no furo da Pedra e numa ilha um pouco abaixo da foz desse rio, no Araguaya, e com os quaes estive em Goyaz, em visita que me fizeram, usam de uma vareta fina de um centimetro, mais ou menos de diametro, e 60 a 80 centimetros de comprimento, a que dão o nome de *lau-a-atenan*. E' uma varinha magica, um verdadeiro talisman, que serve não só para afastar a chuva, a trovoada e os animaes perigosos, como tambem para os avisar de qualquer surpresa ou trahição de um inimigo.

«Iuaná, chefe desses Carajás do Itapirapé, usava essa varinha, assim como Capichana, cacique de uma pequena tribu *civilizada*, moradora em Leopoldina.

«Segundo a referencia desses dous chefes, com os quaes estive em épocas differentes, tambem usavam desse talisman os outros chefes Carajás: Crumaré, Tamanacó, Uáurê, Arádouma, Cumaera, Catemáre, Curi, Assaricá, e os fallecidos Iolô e Saná, penultimo cacique dos Javajés, da ilha do Bananal.

«A origem desse talisman dão-n'a os Carajás na parte mais septentrional do braço direito do rio Araguaya (*Berô*, no dialecto Carajá), muito pouco conhecida ainda, e onde vem desembocar

um grande rio, na margem direita, de tradições mysteriosas, tanto que é a cousa mais perigosa, no dizer dos sertanejos dahi, navegar-se n'esse ponto do braço.

«A vareta que gosa das virtudes e encantos de talisman é colhida só nesse logar, onde uma lenda muito antiga colloca figuras e mythos que a superstição dos indios de certo endeosam.

«Do diluvio universal, em todos os actuaes paizes da America septentrional e meridional, ha noticias, algumas muito curiosas, sempre com intervenção de entidades superiores, capazes de exterminar grande parte dos homens em punição de seus crimes, poupando apenas um pequeno numero delles.

«No Mexico, o casal que escapou do diluvio, estava dentro do ôco de um cypreste que parou no cume de uma montanha de Culhuacam; no Quito, os que escaparam refugiaram-se em uma casa de madeira, no alto do Pechincha; em Cuzco, o sol interveiu e fez esconder na ilha de Titicaca os que deviam ser preservados.

«No Brazil, um deus chamado Monan, irritado com o gráo de corrupção dos homens, destruiu a terra pela agua e pelo fogo. Só um homem escapou á destruição de todos os viventes: Monan compadeceu-se da sua miseria, deu-lhe uma mulher, elles repovoaram a terra depois destes acontecimentos terriveis, conforme Thevet.

«Esta tradição de um grande diluvio, em que os homens todos morreram, encontra-se espalhada em ambas as Americas, com maior ou menor vulto nas analogias das lendas.

«Sob o ponto de vista desta ligeira exposição, estas ficções teem grande valor, porque lembram a um tempo a Biblia e as religiões do Egypto e da India.

«Uma outra tradição refere que um homem branco, de barbas longas, ensinou aos habitantes a arte de edificar e de semear a terra.

«Elle desappareceu para viver 2.000 annos no retiro e na penitencia, antes de reapparecer na terra.

«É curioso que certos factos exprimem relações existentes entre a Asia e a America, depois da éra christã, e muito antes

que o Christianismo tivesse sido espalhado no Novo Mundo antes da chegada dos hespanhóes.

«Se não praticam os indigenas a religião tal como os catholicos, pelo menos certos dogmas christãos e mesmo fórmas de culto catholico, muito reconheciveis apezar das alterações que soffreram, como sejam o casamento dos nossos Carajás e outros indigenas, o baptismo, a eucharistia, a communhão no Mexico, a confissão auricular no Perú e o regimen monastico nestes dous paizes, no dizer de Desjardins.

«Talvez dahi tenham vindo tambem as varias versões do diluvio e do repovoamento do mundo por um casal.

«Mas, Maury acredita que uma tal infiltração das idéas christãs, depois da conquista, não poderia bastar para as explicar.

«É, pois, em factos anteriores, diz Nadaillac, que se deve procurar esta explicação, sem todavia exaggerar sua importancia, sob o ponto de vista da origem dos americanos.

«Pára supprir a insufficiencia das tradições e das legendas estão as immigrações; assim tambem, não faltam ao seu apoio as provas historicas e scientificas.

«Uma escola, pouco numerosa mesmo na America, tem a raça indigena como autochtone, apenas modificada pelos cruzamentos estranhos.

«Excepção feita desta escola, é geralmente admittido que o Novo Mundo foi povoado por immigrantes do Velho Mundo, embora não haja unidade de vista nem sobre a origem desses immigrantes, nem seu ponto de partida, nem os caminhos que seguiram.

«O mar de Bhering, o noroéste e nordéste, o oceano Atlantico e as ilhas de suéste do Pacifico, eis os caminhos geralmente indicados; e alguns, acompanhando as recentes pesquizas, acceitam a existencia da Atlantida, terra mysteriosa, tragada pelas ondas do Atlantico e cuja lembrança desappareceu da memoria dos homens.

«Kuntemann dá como provado que numerosos aventureiros haviam precedido a Colombo na America.

«Desde os primordios da navegação, algumas barcas, alguns individuos isolados, puderam attingir as costa da America.

« Entre a Asia e o extremo norte da America, as communicações devem ter sido sempre relativamente faceis.

« Nas condições actuaes, a navegação nessas paragens não apresenta difficuldade séria: é facilitada pelas calmarias de Kamtchatka, das ilhas Aleucianas, da peninsula de Alaska, e é com razão que o grande geologo Lyeel, comparava essa passagem com a do canal da Mancha, entre Dover e Calais. Ventos constantemente favoraveis veem ajudar esta navegação, e é um divertimento para os esquimáos realizar uma viagem de uma peninsula a outra, não só em barcas isoladas, mas tambem com grande flotilha de pescadores.

« Segundo Southall, ha o facto de um esquimáo que, partindo em sua embarcação para apanhar phocas, veio sossobrar nas costas da Escossia. A pequena canôa em que navegou está guardada no Muzeu de Mareschal College, em Aberdeen, como lembrança de tão perigosa aventura.

« Além disso, nos invernos rigorosos, o estreito de Bhering fica completamente gelado, e a communicação entre os dois continentes póde ter logar a pé enxuto.

« Brasseur de Bourbourg pretende mesmo que mais para o norte do estreito de Bhering tenha sido o Oceano Arctico atravessado de rochedo a rochedo.

« Darwin suppõe que essas immigrações terão sido mais faceis ainda se uma temperatura moderada porventura reinou, em épocas afastadas, nas regiões hyperboreas, e se a Siberia não teve os frios rigorosos de hoje.

« Entre o Brazil e a Africa a distancia pouco excede de 3.000 kilometros e da Islandia ao Labrador não será muito maior.

« A Noruega e a Islandia estão separadas da Groelandia apenas por 1.500 kilometros.

« A merecer inteira fé a narrativa de Plinio e de Plutarcho, alguns indigenas americanos, levados pela tempestade, alcançaram a Europa ou a Africa, por um desses caminhos.

« O *Gulf-stream* facilita as relações entre as Canarias e Venezuela, e a frota de Pedro Álvares Cabral, segundo conta a historia, foi auxiliada em sua derrota para o Brazil por uma corrente marinha.

«Sem duvida, é devido a estes factos que as cartas anteriores ao XVI seculo collocam no Atlantico ilhas além dos Açores, como a de Fra Mauro, de 1400, a de Picigano, de 1367, e a do veneziano André Bianco.

«Na de Martin Behaïm, de 1492, de Nuremberg, no mesmo anno da descoberta da America por Christovam Colombo, vê-se uma consideravel extensão de terra, no mesmo logar onde hoje está o Brazil.

«Estes factos, que se poderiam multiplicar, provam á evidencia o conhecimento vago e incerto de um continente além dos limites do mundo conhecido.

«Desde a mais remota antiguidade, as populações do Extremo Oriente frequentavam as costas occidentes da America.

« Quatrefages, que tratou desta questão com muita superioridade, pensa que o Novo Mundo foi povoado pelas tres raças — amarella, branca e preta.

« A raça branca habitava o noroéste ; a amarella é ainda hoje representada em nossos dias por differentes tribus ; e a preta, pouco numerosa, é certo, esteve no isthmo do Panamá, e no tempo da chegada dos hespanhóes, occupava a ilha de S. Vicente, na entrada do golfo do Mexico.

«Na opinião deste notavel scientista, ao Brazil tambem tocou um pouco dessas tres raças, de cuja mistura, em resumo, sahiram as raças que povoavam o novo continente no seculo XVI e que apresentavam, no mais alto gráo, os traços caracteristicos das raças misturadas em todos os paizes e em todos os tempos.

« Para os que acceitam a monogenia americana, o *muyrakitan*, descoberto a principio no Amazonas pelo finado Dr. Barboza Rodrigues e ao depois em diversos pontos, deve ser considerado como balisa de viajantes através do grande continente, durante longo tempo.

«Diversas lendas ligadas intimamente ao *muyrakitan* mostram que o mesmo idolo, o unico na especie, acompanhou desde o berço essas grandes immigrações.

« A lenda do Pahy-tunarê das margens do Amazonas é identica á do Yucatan e Perú, e o mesmo idolo figura desde o golfo

do Mexico até ao Amazonas e o Pacifico, tendo passado pelas Guyanas.

«O minerio de que é feito o *muyrakitan* só se encontra no Kotan, districto de Yuthian, no Turkestan, no dizer de Barboza Rodrigues; e o idolo com elle preparado, de fórmas differentes, tem sido apreciado desde os tempos biblicos, do centro da Asia até a America, sempre com os mesmos attributos e as mesmas propriedades.

«A sua generalização só póde ter sido feita por uma grande immigração.

«As variedades de jade, nephrite (minerio com que se fazem ou faziam o *muyrakitan)* tanto as que Barboza Rodrigues estudou como as que possuia, são as mesmas a que se refere Dutens, no seu livro sobre as pedras finas e preciosas; e o seu uso, com certa veneração desde os tempos primordiaes do genero humano, dá a esse amuleto o caracter de sobrenatural, em vista dos seus effeitos miraculosos.

«Guiado por esse verdadeiro talisman, diz Barboza Rodrigues, a America do Sul, recebeu o embate, por muitas vezes, das ondas de povos que desciam do Norte, com outros que subiam do Sul, vindo anteriormente da mesma fonte, não resta duvida, e desses embates nasceram costumes e dialectos modificados de uma parte e de outra corrompidos; mas, quasi todos, quando bem estudados, presos a uma só raiz, que as lendas, embora tambem enxertadas, nos illuminam.

«Da Asia, passou o *muyrakitan* á California e ao Mexico, deste ás Antilhas, ás Guyanas, á Columbia e ao Amazonas, vindo com elle as crenças do passado e da sua origem.

«Os primeiros homens que chegaram á America, europeos, asiaticos ou africanos, sem duvida pertenciam a povos differentes.

«Os especialistas nestes estudos fazem referencias aos siberios, chinezes, japonezes, indostanicos ou indianos, egypcios, phenicios, celtas, scandinavos e até aos judeus.

«Tudo isto é possivel; o que parece evidente, porém, é que são muitos os povos que contribuiram para o povoamento do Novo Mundo.

« Aristoteles affirma que os carthaginezes tinham achado no mar, além das Columnas de Hercules, uma grande ilha abundante de todas as cousas e onde alguns delles ficaram gozando os grandes regalos e delicias da terra; mas, com receio de que se não despovoasse Carthago, o Senado prohibiu, sob pena de morte, a navegação para aquellas partes.

« Deodoro da Sicilia faz referencia identica, quanto a phenicios, victimas de uma grande tempestade que os arrojára a uma terra desconhecida e que por seus caracteristicos parece ser o continente americano.

« Não falta mesmo quem tenha presumido ser o Brazil, o Perú, o Mexico, o famoso Ophir, de onde Salomão fazia extrahir ouro, prata, essencias, madeiras, pedras preciosas e animaes desconhecidos.

« Entretanto, a opinião actualmente dominante attribue aos asiaticos a origem primitiva de todas as nações americanas.

« O Dr. Lund encontrou, na Lagôa Santa, no Estado de Minas Geraes, um craneo fossil, que pertence a este Instituto, o qual mostra o homem americano contemporaneo dos grandes animaes extinctos, como se deduz dos modernos estudos.

« Será uma prova para a existencia de uma raça autochtone?

« Ou, como tudo induz a crêr, pela conformação geral do craneo e suas semelhanças com os da raça mongolica, signal do povoamento do Brazil só por esta raça?

« Estes estudos provam que, em tempos remotissimos, habitaram nesta parte do Novo Mundo povos da mesma raça dos que no tempo da conquista occupavam este paiz; e tambem que os esqueletos mostram terem pertencido a individuos de ambos os sexos e do tamanho ordinario.

« A conclusão que o sabio dinamarquez tirou em desfavor das faculdades intellectuaes dos individuos coevos daquelle a que pertenceu esse craneo, relativamente á capacidade do craneo, hoje não tem o valor que tinha no seu tempo, visto que outras são actualmente as relações da intelligencia com o cerebro.

« O estudo dos diversos dialectos como se infere dos trabalhos de Martius, Couto de Magalhães, Baptista Caetano, Barboza.

Rodrigues, Amaro Cavalcanti, Theodoro Sampaio e outros, talvez mesmo se possa dizer das diversas linguas, que tamanho incremento tem tomado nestes ultimos annos, não poude ainda formar um corpo de doutrinas e especificar cada uma das raças americanas actuaes, ou cada uma das divisões da raça primitiva colonizadora ou mesmo autochtone; e o que está feito, que já é bastante, honra os esforços e trabalhos de tão illustres investigadores.

«O gráo de civilização tão differente entre os habitantes do Brazil, antes da sua descoberta, e o dos outros povos da America, tanto meridional como septentrional, póde ser que ache explicação na concepção de Humbolat.

«Mas, o esforço da intelligencia de um povo da mesma raça, não poderá jámais mostrar tão grande desequilibrio como o que se observa entre os povos da parte oriental e da parte occidental da America do Sul.

«É verdade que lutar com as difficuldades de todo o genero, que apresentam os paizes occidentaes sul-americanos e a sua infertilidade, póde realmente fazer crêr no despertar e nos progressos da intelligencia humana, de modo a serem esses habitantes obrigados a fazer sumptuosos monumentos, vias de communicação que ainda hoje causam verdadeira admiração, tanto pela sumptuosidade como pela solidez e durabilidade dos mesmos monumentos.

«No Mexico, no Perú e em toda a parte da America, dominada pelos Andes e suas adjacencias, é, fóra de toda a duvida, a verdade do exposto.

«Mas, as regiões planas do Brazil, e em geral da America do Sul, tambem apresentam difficuldades de caracter diverso, nem por isso, capazes de abrandar os trabalhos e esforços dos habitantes.

«Os terrenos, em verdade, são de uma fertilidade assombrosa, na quasi generalidade do interior da America do Sul, particularmente do Brazil; os grandes e, ás vezes, muito largos rios, as suas taipavas e as cachoeiras crearam nauticos fluviaes de admiravel destreza e intelligencia incrivel aos trabalhos da navegação e ao mergulho, que poderemos, talvez sem hyperbole, considerar cada um delles como um intrepido marinheiro.

«A habilidade, destreza, coragem e resistencia dos nossos Carajás, provam o que venho dizendo.

«Em resumo, semelhanle odysséa confunde a imaginação e com difficuldade póde se conceber que povos inteiros abandonem a sua patria, e com suas mulheres, filhos, tendas, rebanhos, tudo, se abalem atravez de regiões inhospitas, onde a vida mesmo póde-lhes faltar, para attingir depois de longos annos de penosa marcha, regiões em que tudo era novo para elles.

«E' verdade, que esses povos eram nomades e tinham suas necessidades muito reduzidas; assim tambem, é verdade que a civilisação, em seu constante progresso e bem estar consequente, tem singularmente diminuido a energia viril e multiplicado as necessidades ficticias.

«Portanto, não devemos julgar estas migrações, collocandonos no nosso ponto de vista actual.

«E a sciencia e a historia attestam a sua possibilidade; e ellas foram sem duvida facilitadas por modificações operadas na fórma e na extensão das terras e dos mares, por emersões e submersões, cuja frequencia a geologia nos ensina.»

(Prolongadas palmas).

O Sr. General Thaumaturgo de Azevedo pede ao Sr. Presidente que consulte á Casa sobre o ser immediatamente convocada uma sessão extraordinaria, após a sessão ordinaria de hoje, para o fim especial de serem votados os pareceres da Commissão de Admissão de Socios, lidos ha pouco. Entre esses pareceres figura o relativo ao Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, a quem o Instituto deve os maiores serviços prestados como illustre representante da Nação. O facto encontra varios precedentes e, assim, tal convocação é perfeitamente razoavel, tanto mais quanto as nossas reuniões são actualmente mensaes.

Consultado, o Instituto resolve pela affirmativa e o Sr. Barão Homem de Mello *(servindo de Presidente)* declara que á sessão ordinaria seguir-se-ha a extraordinaria para o fim especial.

Levanta-se a sessão ordinaria.

1.ª SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 15 DE JULHO DE 1911

PRESIDENCIA DO SR. BARÃO HOMEM DE MELLO *(2.º Vice-Presidente).*

Presentes os mesmos socios que compareceram á sessão ordinaria, com excepção do Sr. André Vernek, abre-se a sessão.

O Sr. Presidente manda correr o escrutinio para votação dos pareceres da Commissão de Admissão de Socios, lidos na sessão ordinaria e relativos aos Srs. Dr. Aloysio de Castro, Dr. Alipio Gama e Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva.

Approvados por unanimidade, o Sr. Presidente proclama: socio effectivo, o Sr. Dr. Aloysio de Castro; socios correspondentes, os Srs. Drs. José Bonifacio de Andrada e Silva e Alipio Gama.

(O Sr. Conde de Affonso Celso deixa o recinto.)

O SR. FLEIUSS *(1.º Secretario Perpetuo)* propõe que se reproduza na *Revista* o admiravel discurso pronunciado pelo eminente Orador do Instituto, Sr. Conde de Affonso Celso, por occasião das festas do bi-centenario de Ouro Preto.

E' approvado unanimemente.

O SR. PRESIDENTE declara encerrados os trabalhos e communica que, na sessão de Agosto, tomará posse o illustre consocio honorario Dr. Alberto de Seixas Martins Torres.

Levanta-se a sessão ás 10 horas da noite. — *Eduardo Marques Peixoto,* servindo de 2.º Secretario.

5.ª SESSÃO ORDINARIA, EM 16 DE AGOSTO DE 1911

PRESIDENCIA DO SR. BARÃO HOMEM DE MELLO *(2.º Vice-Presidente).*

Ás 8 horas da noite abre-se a sessão, com a presença dos Srs. Barão Homem de Mello, Max Fleiuss, Conde de Affonso Celso, Eduardo Marques Peixoto, Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães, Dr. José Americo dos Santos, General Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá, Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel,

Capitão de Mar e Guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, Dr. Norival Soares de Freitas, Dr. Manoel Alvaro de Souza Sá Vianna, Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, Dr. Orville Adalbert Derby, Dr. Alfredo Augusto da Rocha, General Emygdio Dantas Barreto e Coronel Ernesto Senna.

O Sr. Fleiuss *(1.° Secretario Perpetuo)* procede á leitura da acta da sessão anterior, a qual é, sem debate, approvada, e depois justifica a ausencia do Sr. Barão do Rio-Branco (Presidente), Visconde de Ouro Preto (1.° Vice-Presidente), Dr. Gastão Rüch (2.° Secretario) e Commendador Figueira de Mello.

O Sr. Barão Homem de Mello *(servindo de Presidente)* convida o Sr. Eduardo Marques Peixoto a occupar a cadeira de 2.° Secretario.

(Toma assento na Mesa o Sr. Eduardo Marques Peixoto.)

O Sr. Fleiuss *(1.° Secretario Perpetuo)* lê o expediente, constante do seguinte:

Carta do consocio Dr. Aloysio de Castro, accusando a recepção do officio de communicação de socio effectivo do Instituto.

Em seguida o mesmo Sr. Fleiuss procede á leitura das offertas:

Apontamentos para a historia territorial da Parahyba, 1.° volume; *Estudos sobre a rebellião praieira*, 1911; a *Parahyba*, dous volumes, recebidos do Sr. João Tavares de Lyra, por intermedio do Consocio Senador Dr. Augusto Tavares de Lyra;

— *Refutação a Ferri*, tres conferencias do padre João Gualberto, recebidas do autor;

— *O Descobrimento do Brazil*, conferencia do Dr. Garcia Redondo, recebido do autor, nosso consocio;

— *Correios no Brazil*, apontamentos historicos colligidos por A. Marques de Souza, recebidos do autor.

O Sr. Barão Homem de Mello *(servindo de Presidente)* diz que o Instituto muito agradece essas offertas.

O Sr. Fleiuss *(1.° Secretario Perpetuo)* lê as seguintes indicações, approvadas unanimemente:

«Indicamos que na acta da sessão de hoje se insira esta declaração:

« Ao Instituto Historico causou summo regosijo o projecto apresentado á Camara dos Deputados, relativamente á trasladação dos restos mortaes de SS. MM. o Sr. D. Pedro II e sua Augusta Consorte para o territorio nacional.

« Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1911. — *Conde de Affonso Celso.* — *Max Fleiuss.* — *Arthur Guimarães.*»

— « O Instituto Historico e Geographico Brazileiro associa-se inteiramente ás geraes manifestações de apreço recentemente feitas ao seu inclyto Presidente, o Ex.^{mo} Sr. Barão do Rio-Branco.

— « Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1911. — *Dantas Barreto.* — *Max Fleiuss* — *Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel.* — *Arthur Guimarães.* — *Thaumaturgo de Azevedo.* — *Alfredo Rocha.* — *Antonio Coutinho Gomes Pereira.* — *Eduardo Marques Peixoto.* — *Orville A. Derby.* — *Conde de Affonso Celso.* — *Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires.* — *Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá.* — *Dr. José Americo dos Santos.* — *Dr. Norival Soares de Freitas.* — *Dr. Manoel Alvaro de Souza Sá Vianna.* — *Ernesto Senna.* »

— « O Instituto Historico e Geographico Brazileiro manifesta o seu contentamento pela doação que á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro acaba de fazer o Sr. Dr. Julio Benedicto Ottoni da preciosissima « Bibliotheca Braziliense », organizada pelo Sr. Dr. José Carlos Rodrigues, collecção que pela sua excepcional importancia relativamente á historia do Brazil, a que especialmente se dedica esta associação, seria para lamentar viesse a sahir do paiz, e congratula-se com o Sr. Dr. Julio Benedicto Ottoni pelo seu acto de grande patriotismo, bem assim com o Governo da Republica pela valiosa acquisição que esse acto lhe proporcionou effectuar.

« Sala das Sessões, 16 de Agosto de 1911. — *Barão Homem de Mello.* — *Orville A. Derby.* — *Thaumaturgo de Azevedo.* — *José Americo dos Santos.* — *Dr. Manoel Alvaro de Souza Sá Vianna.* — *Antonio Coutinho Gomes Pereira.* — *Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel.* — *Max Fleiuss.* — *Arthur Ferreira Machado Guimarães.* — *Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá.* — *Conde de Affonso Celso.* — *Alfredo Augusto da Rocha.* — *General Emygdio Dantas Barreto.* — *João de Oliveira Sá Camelo Lampreia.* — *Dr. Norival*

Soares de Freitas. — Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão. — Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires. »

O Sr. Marques Peixoto *(servindo de 2.° Secretario)* lê a seguinte proposta, que foi enviada á Commissão de Historia, relator o Sr. Dr. Ramiz Galvão :

« Propomos para socio correspondente deste Instituto o Sr. Dr. Luiz Gastão de Escragnolle Doria, natural do Rio de Janeiro, bacharel formado pela Faculdade de São Paulo, ex-professor da Faculdade Livre de Direito e lente de historia do Collegio Pedro II. Ha familias illustres em que por herança se transmittem dotes de intelligencia, espirito de combatividade e acendrado amor ás cousas patrias. Neste caso está o nosso candidato, em cujos ascendentes se encontram varões recommendaveis por todos os titulos. Basta dizer que o Sr. Doria é sobrinho do nosso pranteado Consocio Alfredo Escragnolle Taunay. Desde moço revelou o Sr. Luiz Gastão de Escragnolle Doria fulgurante intelligencia. Collaborou para varios jornaes e revistas, taes como o *Jornal do Commercio, O Paiz, A Noticia*, a *Gazeta de Noticias*, a *Revista Brazileira, A Semana, A Rua do Ouvidor*. Na precitada *Revista Brazileira* escreveu notavel trabalho — *Os artistas de outro tempo*, producção que, segundo abalizado critico, além de curiosa, é digna de ser lida com attenção e interesse. Do mesmo candidato figura em nossa *Revista*, tomo LXXI, parte II, o trabalho *Cousas do passado*. Nelle ainda se revela o Sr. Doria eximio estylista, fino observador e critico de bom quilate. Moço ainda, o Sr. Doria parece ter vivido ha 50 ou 60 annos, taes as precisas informações ácerca dos nossos costumes e personagens politicos. Basta dizer que são completos os estudos de psychologia do Visconde de Inhomerim e Souza Franco. Com taes e tão valiosos predicados, entendemos que o Sr. Doria está nos casos de pertencer á nossa aggremiação, para a qual trabalhará com zelo e enthusiasmo, apanagios do seu bello caracter.

« Sala das Sessões, 16 de Agosto de 1911. — *Gastão Ruch. — Max Fleiuss. — Eduardo Marques Peixoto. — Arthur Guimarães.* »

O Sr. Marques Peixoto *(servindo de 2.° Secretario)* em seguida lê o parecer da Commissão de Fundos e Orçamento sobre

o balanço de Receita e Despeza do Instituto Historico, no exercicio de 1910.

E' este o parecer, que foi approvado por unanimidade:

«A Commissão de Fundos e Orçamento, havendo examinado o Balanço de Receita e Despeza do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, no exercicio de 1910, assim como os documentos comprobatorios das despezas effectuadas, achou que todas as contas estavam em ordem perfeita, por isso propõe que sejam approvadas, como é de direito, e, attendendo-se ao zelo inexcedivel, á competencia reconhecida e á carinhosa dedicação do illustre Thesoureiro do Instituto, o nosso estimado Consocio Arthur Ferreira Machado Guimarães, acha tambem que é de justiça, na acta da sessão em que o Instituto tomar conhecimento destas contas, consignar-se-lhe um voto de agradecimento pelos assignalados serviços, que continúa, de coração, a prestar.

«Rio de Janeiro, 19 Julho de 1911. — *Clovis Bevilaqua*, relator. — *Ernesto Senna.* — *Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho.*»

O Sr. Fleiuss *(1.º Secretario Perpetuo)* lê após os pareceres abaixo da Commissão de Admissão de Socios, ficando ambos sobre a Mesa para terem votação na proxima sessão:

«A Commissão de Admissão de Socios, no desempenho do encargo que os Estatutos lhe conferem, examinou a proposta e os titulos que indicam para socio effectivo deste Instituto o Capitão-Tenente Francisco Radler de Aquino. Do exame feito concluiu a Commissão que, com toda a justiça, póde o distincto official de nossa Armada fazer parte do Instituto Historico, na classe para que é proposto, muito esperando a nossa associação dos seus innegaveis meritos, obtidos com notavel applicação ao estudo.

«Sala das Commissões, 26 de Julho de 1911. — *Barão de Alencar,* relator. — *Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel.* — *Dr. Manoel Cicero.*»

— «Os titulos apresentados pelo Sr. Dr. Homero Baptista para fazer parte deste Instituto, devidamente apreciados pela Commissão de Historia, recommendam sobejamente o illustre candidato. As demais exigencias dos Estatutos para o processo

de admissão de socios vence-os completamente o Sr. Dr. Homero Baptista, cujos exemplos de vida publica são notorios. Assim, está a Commissão de Socios de pleno accôrdo com a proposta que indica o Dr. Homero Baptista para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

« Sala das Commissões, 26 de Julho de 1911. — *Dr. Manoel Cicero,* relator. — *Barão de Alencar.* — *Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel.*

O Sr. Marques Peixoto *(servindo de 2.º Secretario),* lê o seguinte parecer da Commissão de Historia, que, approvado, foi á Commissão de Admissão de Socios, relator o Sr. Barão de Alencar:

« O Sr. Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay apresenta, como titulo á sua admissão no gremio do Instituto, o livro que ha pouco foi dado á estampa, *Chronica do tempo dos Philippes,* Tours, Impr. E. Arrault et C.^e^, 1910, in-8.º, de 2 fls. inn. 368 pp. 1 fl. inn..

« Sem ser uma obra historica propriamente dita, a referida composição traduz e revela cuidadosos estudos historicos na pintura dos costumes da época e em episodios notaveis, como a batalha naval que em 12 de Julho de 1631 travou a esquadra hispano-portugueza de D. Antonio de Oquendo com a hollandeza de Adriano Pater, assim como o ataque do famoso Arraial do Bom Jesus pelas forças de Remtach, em 1632.

« Sente-se em todo o livro o pulso de um investigador estudioso, que se não quiz limitar ás phrases banaes de intrigas galantes.

« Como estréa, é auspiciosa. O tempo e o estudo acabarão por libertal-o de alguns sinões e de certas demasias que a critica poderia descobrir neste trabalho — sem duvida alguma promissor de bellos e sazonados fructos.

« O joven autor já nos é conhecido pela traducção, que em 1908 offereceu ao Instituto, do curioso *Diario da Viagem* do illustre e saudoso Imperador D. Pedro II ao Alto-Nilo em 1876; essa traducção foi publicada no volume LXXII da nossa *Revista.*

« Filho do eminente Visconde de Taunay, que foi vulto distinctissimo nas letras patrias e operoso socio do Instituto, o Dr.

Affonso Taunay trabalha, como se vê, por honrar brilhantemente as tradições paternas e está no caso de vir prestar-nos auxilio valioso, occupando a nobre cadeira do auctor da « Retirada da Laguna », do Xenophonte brazileiro, cuja perda prematura ainda hoje lamentamos com viva saudade.

« Sala das Sessões, 24 de Julho de 1911. — *Dr. B. F. Ramiz Galvão*, relator — *B. T. de Moraes Leite Velho.* — *Antonio Jarsen do Paço.* »

O Sr. Dr. Antonio Pimentel communica que já lavrou parecer relativamente á proposta indicando para socio correspondente deste Instituto o Sr. Dr. Carlos de Laet. A deficiencia de tempo não lhe tem permittido passar a limpo semelhante parecer, afim de ser sujeito á assignatura dos outros membros da Commissão e depois á leitura em sessão, o que espera realizar na proxima reunião, podendo, porém, adiantar que conclue pela admissão do proposto.

O Sr. Fleiuss *(1.° Secretario Perpetuo)* pede ao Sr. Presidente que nomeie uma commissão para introduzir no recinto o Consocio honorario Dr. Alberto de Seixas Martins Torres, que vem tomar posse.

O Sr. Barão Homem de Mello *(2.° Vice-Presidente, servindo de Presidente)* nomeia os Srs. Secretarios para introduzirem o novo socio.

E' recebido o Sr. Dr. Alberto Torres, a quem o Sr. Presidente dirige os cumprimentos do estylo e que, pedindo depois a palavra, profere o seguinte discurso inaugural:

« Venho trazer-vos a expressão de meu reconhecimento pela honra que me conferistes, elegendo-me socio honorario deste Instituto. Posso affirmar-vos que ninguem ainda recebeu com mais apreço esta vossa distincção.

« Ha entre as tradições desta casa, entre a idéa formada em meu espirito a respeito de seu caracter e da indole de suas preoccupações e a linha geral de minha vida, tão grande distancia, que impossivel se me figuraria, outrora, a esperança de vir a ter assento entre os homens eminentes que aqui se reunem, monges eruditos de estudiosa congregação, para as serenas e demoradas pesquizas da analyse historica e geographica.

*

«Minha vida é, como a de toda geração que vai chegando á maturidade, um episodio da crise das ultimas décadas de nossa historia; mas, se as forças revoltas do periodo tiveram mais poder sobre seus destinos, do que a minha direcção, se o imprevisto dispoz quasi sempre das situações em que me achei, raro me senti, diante dellas, como em face de um premio ou de um prazer de victoria, sempre sob o imperativo de um dever.

«Sem ambições politicas, servi ao regimen de que fui propagandista á força de responsabilidade por crenças a que havia dedicado as energias de moço; e me fui vendo ascender, de posição em posição, com a frieza, quasi com a insensibillidade pessoal com que se acceitam encargos que não são eleitos pelas nossas preferencias, por nossos estudos e gostos intellectuaes. Privilegiado como poucos pela fortuna politica, jámais senti o prazer de amor proprio e as satisfações de gloria que a carreira costuma conferir. É que eu não segui a minha carreira, não tive mesmo uma carreira; fui tudo quanto não merecia ser, mas tambem tudo que não ambicionei.

«Chamei-vos de monges e creio que vos fiz justiça, lançando-vos sobre os hombros, com esta qualificação, o burel sob cujas dobras se curvaram, durante a extensão de seculos, tantos e tão modestos e nobres cultores da sciencia, da fé e do bem da humanidade; e, só porque vos pareceis com esses venerandos clavicularios das tradições e tenazes pesquizadores, é que me permitto, estendendo até a uma hypothese ligeiramente superticiosa, o nexo de uma logica nos imprevistos de minha sorte, encontrar em outro accidente de meu passado, talvez a predestinação á honra que me conferistes; aquelle, que, roubando-me um dia do meio das «gens d'épée», a que sempre cuidei pertencer, alistou-me, inesperadamente, na sociedade das «gens de robe».

«Foi esta a primeira vez que a sociedade me acenou com um gesto, que não valesse para mim a ordem de um posto de acção, escolhido e ditado por ella; esta a primeira em que a minha consciencia encontrou, na designação de meus patricios, impressão differente da honra de acceitar um trabalho e de me impôr um sacrificio.

«Dissestes-me, senhores, que, arredado da actividade publica, posso servir a minha patria, trazendo para esta casa, a contribuição do meu desejo de estudar. Permitti que vos replique que, para me dar a illusão da actividade e da efficiencia de meus esforços, eu preferira que me houvesseis designado um lugar entre os que laboram effectivamente nas pesquizas do Instituto; mas, pois que a vossa generosidade preferiu exalçar a honra, espero que a vossa lei e a vossa benevolencia me permittirão conviver comvosco, como estudante de nossa Historia e de nossa Geographia, já que não posso pretender a honra de lhes trazer contribuições.

«E, para corresponder com toda a minha gratidão á dignidade com que me surprendestes, quero escolher-vos para meus paranymphos, numa cerimonia, provavelmente nova: a profissão de fé de um aposentado; prestar, perante vós, á minha Patria, as contas de uma consciencia, não exonerada, nos lazeres da inactividade, de applicar suas energias ao serviço do Brazil e dos ideaes que conduziram, quasi desde a infancia, toda a sua vida.

«Ninguem se justifica de vir a publico senão pela convicção de trazer idéas e pelo dever de luctar por ellas.

«Não occulto, neste ponto, que devo ao acaso que me afastou da vida activa um particular reconhecimento.

«O estudo de mim mesmo e a observação de outros, me têm convencido de que, entre os propulsores do esforço humano, se deve contar, em primeira linha, a vocação. Creio firmemente que a ambição é, por seu estimulo, um factor do bem, em que se conciliam os dous moveis de acção pessoal — não sendo o elemento egoista mais do que a materia de nutrição do impulso altruista. E, pois, que a sociedade vai dividindo e subdividindo suas necessidades, seus fins e seus processos e a machina monopoliza, dia a dia, os trabalhos outr'ora confiados ás massas anonymas, é logico conjecturar que o curso da civilização tende a distribuir os homens por uma infinidade de funcções, segundo a indicação da infinidade das aptidões: a adaptar as vocações aos serviços.

«O afastamento da vida publica permittiu-me escolher o meu

trabalho, o que vale dizer que me permittiu trabalhar mais e com mais efficiencia.

«Sem procurar saber se foi tardia a emancipação, affirmo-vos que a aceitei como outro encargo, como um novo mandato de minha Patria a meu brio e a meu amor pelo estudo.

«Entre as visões da arte que, em moço, traduzi em versos, lembro-me de que, emquanto tinha a actividade empenhada na luta pelas duas idéas que dominaram a historia de nossa Patria, no fim do seculo passado : a abolição dos escravos e a Republica, a força impulsora do mesmo sentimento lançou em meu espirito o germen de uma aspiração e de outro curso de pensamento, que, expresso num soneto, me fazia ouvir

«os soluços plangentes dos vencidos»

« em meio de ruidosa e festival multidão,

«ondulante, febril, tumultuosa»

« que acclamava, em delirio, um exercito victorioso, de volta do combate.

« Este germen, em latente reserva em meu espirito, ao lado dos esforços para converter em factos as aspirações da propaganda; vívido, apezar de cuidados e fadigas, era, sem duvida, um producto espontaneo da minha organização, porque foi delle que me irrompeu a personalidade, restituida a seus proprios estimulos, na atmosphera das idéas e dos problemas que agitam a sociedade contemporanea.

« Toda a Historia é uma successão de lutas e todos os problemas da humanidade não têm sido senão theses de discussão e motivos de batalhas ; mas a luta é uma forma da actividade animal, não é nem o objectivo, nem o motor da natureza ; e um dos problemas que o espirito scientifico de nossa éra submette á civilisação é o de saber se as condições da vida humana não chegaram ao estado em que a luta physica entre as collectividades, classes ou nações, tem que deixar de ser tida por um meio normal da actividade, passando a ser vista como uma explosão dos

preconceitos e das paixões, como um crime contra a adaptação natural dos instinctos, das necessidades e dos interesses ao meio physico da Terra.

«Este problema submette á intelligencia da nossa época uma reforma dos costumes politicos, reforma que não pretende outra cousa senão o estabelecimento da ordem na Terra e em cada uma de suas divisões, sobre a base do desenvolvimento espontaneo, sem os abalos da guerra e da revolução, que valem, na vida collectiva, o mesmo que os choques traumaticos, na estructura e na vida individual.

«A luta do homem contra o homem não é uma imposição de nossos instinctos, nem de nossas necessidades. Nossos antepassados não conheceram, no começo da existencia da especie, nem o homicidio individual, nem os processos de concurrencia pela eliminação collectiva. Não se encontram vestigios do crime de sangue e da guerra entre os homens anteriores á época neolithica, nem entre os primatas, nem ainda entre muitas das especies animaes. A destruição do semelhante, pelo crime e pela guerra, surgiu em periodo posterior á transição da animalidade para a humanidade; e só se póde explicar pela força da paixão e da cubiça sobre a ignorancia, nos litigios da emulação, nos conflictos da rivalidade e nas lutas da concurrencia. Nas relações ordinarias das sociedades organizadas, a moral e o direito, com o poderoso auxilio das crenças religiosas, supprimiram, não só a pratica do homicidio, como o duello e as guerras privadas, de fórma que a luta physica, em suas duas fórmas existentes, a guerra e a revolução, em suas varias modalidades, resulta sómente de causas politicas.

«Porque se cogita da guerra, porque em cada paiz ha ainda classes e partidos em attitude de aggressão, em ameaça de luta armada?

«Porque a politica, na vida nacional e na mundial, é uma fórma atrazada da actividade humana, está alguns seculos áquem da civilização.

«Se se observa a geographia, vê-se a Terra dividida entre povos em diversos gráos de cultura, mas todos conhecidos, todos expostos ás influencias que tendem a entrelaçar raças e so-

ciedades e a assimilar interesses e costumes; examinando-se o quadro comparativo das estatisticas da população e dos meios de subsistencia, verifica-se que a producção do globo, contra as previsões de Malthus, de seus discipulos e dos fanaticos seleccionistas, a mão armada é mais que sufficiente para alimentar os mil e seiscentos milhões de habitantes da Terra e que o planeta possue vastas regiões inexploradas, bastantes para sustentar a vida e a multiplicação da especie; voltando os olhos para os progressos da sciencia applicada e das industrias, surprehendem-nos os mecanismos e inventos que permittem elevar a extraordinarias proporções o supprimento de meios de vida e de conforto; encarando-se os vehiculos de transporte e de locomoção, destaca-se a facilidade com que, de cada ponto do globo, se podem espalhar para todas as direcções, até aos antipodas, mercadorias de todas as especies. O homem contemporaneo não preciza combater para nutrir-se, nem para conquistar o bem-estar.

« Não ha que discutir a questão das necessidades intellectuaes, pelas quaes ninguem luta physicamente.

« Para a vida moral, a luta physica é uma affronta e uma ameaça: fere o sentimento de piedade, que se encontra no homem mais rustico das sociedades modernas; ameaça a paz do coração e os affectos mais profundos; revolta as crenças religiosas; confunde e divide, nas batalhas, amigos e inimigos, confrades e adversarios, irmãos na communidade do pensamento e da fé, e não deixa, após si, senão o espectaculo de duas sociedades, entre as quaes o odio levanta, durante dezenas de annos, contra todos os interesses, a muralha de uma incompatibilidade absoluta.

« Tomado isoladamente, o homem é, em toda a parte, um inimigo da guerra. Esteja onde estiver o torrão da terra natal ou da residencia, o sentimento, a razão e o interesse clamam unanimemente pela ordem. Seja qual fôr sua industria, para onde quer que se dirija sua ambição, sua sorte, como a sorte dos seus, está mais ligada á permanencia da paz, á estabilidade das relações entre os povos — que mantêm, no mundo inteiro, o equilibrio do credito, a circulação commercial, o intercurso economico,

que permitte e facilita os calculos de probabilidades no exito do trabalho — do que ás vantagens negativas e ás glorias fallazes das victorias militares.

« Para o homem contemporaneo, a imagem da patria reside na idéa da sociedade que ampara e protege, ao abrigo da lei e dos costumes, a sorte da familia e o futuro da prole. Como sociedade permanente das familias, a Patria tem que lhe garantir, acima de tudo, a segurança da ordem e do progresso, sobre a qual repousa o grande problema moral e economico do typo mais civilizado e mais culto da especie: o problema do futuro dos filhos.

« Como realidade pratica, como norma efficiente e geral da acção pessoal — e isso apenas nos limites da sociedade culta — não é audacia dizer que só a nossa idade chegou a conhecer o altruismo; mas esta fórma da alienação do individuo, em prol do semelhante, tem por eixo a dedicação á familia. Creada, embora, em phase adiantada do progresso, depois da aggremiação das primeiras hordas, e dos primeiros *clans,* a familia é a sociedade por excellencia.

« E' muito duvidoso que a concepção doutrinaria de uma hierarchia do sentimento altruista, na escala descendente da humanidade para a patria e da patria para a familia, seja um legitimo ideal e venha algum dia a formar um sentimento verdadeiro da alma humana. Ha, talvez, nesta idéa, uma confusão do phenomeno moral com a gradação quantitativa das tres sociedades, resultante do habito de systematizar e da tendencia para as classificações e para o methodo deductivo, do mais complexo para o mais simples — imperfeição do nosso poder de abstrahir, que nos não permitte abranger os conceitos mais vastos sem o auxilio de uma escala, de uma imagem, de um desenho, de um quadro, de uma arvore, de um schema...

« A vida social repousa sobre o altruismo, mas o altruismo tem por fórma primaria o amor á familia. A solidariedade collectivista, que excitou o patriotismo, não tinha fundamento na abnegação, mas na necessidade gregaria da segurança material: precedendo á familia, precedeu aos estimulos affectivos, aos moveis desinteressados, ao instincto de sacrificio e de esforço por

outrem. A illusão — se illusão existiu — da supremacia de um amor patriotico sobre o amor familiar, nutrida pelo interesse egoista da defeza pessoal, passou a ser, depois, um instrumento politico.

« A subordinação da dedicação á familia, a dedicação á patria, e, depois, á humanidade contraria á natureza, sophisma e meio de oppressão da politica, é a razão secreta dos scepticos contra os progressos do altruismo. O sentimento não se cria por theoria; desenvolve-se e cresce como o organismo.

« Seja, porém, realizavel essa aspiração, ha um corollario da subordinação do sentimento familiar, ao patriotismo e á solidariedade humana, imposto pela propria natureza: os tres sentimentos não podem admittir conflicto, por isso mesmo que presuppõem uma fórma superior, muito mais apurada do altruismo. Não se conceberia uma humanidade ou uma patria, dominada praticamente pela fraternidade sem limites, impondo o sacrificio de um sentimento mais simples, mais elementar.

« Para o movel profundo e intimo da natureza humana, radicado nas qualidades physicas e psychicas do homem, em nossa éra, que é a da realização effectiva e habitual do altruismo — de que foram, sem duvida, cooperadores, mas excepcional e accessoriamente, as doutrinas moraes e os fastos do martyrologio da fé e do martyrologio politico e militar — para o movel do amor familiar, a integridade, a independencia e a soberania da Patria são condições da vida em sociedade; o interesse que as dicta só se transfórma em affeição, como desenvolvimento do laço fundamental da pequena sociedade domestica. O trabalho, a luta pela familia é a regra da generalidade dos homens; o trabalho e a luta pela patria, a excepção de uma parte das populações; o trabalho e a luta pela humanidade, um caso raro.

« Se os interesses geraes importam para todos, é que elles encerram o outro interesse, o da sociedade fundada pela natureza sobre o amor e a hereditariedade. A patria inimiga da familia, que ameaça a sua segurança e a esperança do seu bem-estar, representa, aos olhos de homens normaes, uma imagem revoltante e odiosa.

« A patria guerreira, a patria que assenta os lemmas de seu

ideal e as regras de sua politica, sobre a necessidade da luta e sobre o exito das armas, levanta, aos olhos de seus filhos, a respeito da sorte da prole, um problema que elles não podem resolver com as previsões e os calculos de sua razão; não póde ser a sociedade de seu coração e de sua intelligencia.

«Entre as construcções da fantazia, dispersas todos os dias e todos os dias renovadas, a vida, com a brutalidade e a nudez dos factos, vai dando a prova da mentira das invenções; e os povos, não comprehendendo os systemas, mas sentindo os effeitos da pratica, não crêem nem na sciencia, nem na politica, nem nos sabios, nem nos governantes e seguem, desconfiados, a rota de um timido e hesitante senso commum.

«E tão verdadeira é a incompatibilidade entre os systemas e os factos, que os velhos systemas politicos não são mais praticos do que os novos. Em toda a parte onde a politica quiz transformar em factos theses de doutrinas, fez ideologia retrograda ou ideologia utopica...

«Dizei a um homem: Esta medida, esta providencia, este desejo, não convém, porque contraría as leis sociologicas, ou as leis economicas: e elle não vos comprehenderá; dizei-lhe e mostrai-lhe — o que é apenas questão de criterio e de exemplos — que elle não convém, porque dá em resultado, em troco do passageiro beneficio de hoje, um desastre futuro, porque arruinará a geração de seus filhos; e elle sentirá e verá, com os olhos do amor e do bom senso, a verdade simples da sciencia simples e clara da vida collectiva.

«Dizei ao mesmo homem: Amai a patria e humanidade mais do que a familia; e elle, sorrindo intimamente de vossa ingenuidade ou de vossa astucia, passará a suspeitar de vós, da patria e da humanidade e não cuidará senão de pôr em seguro a familia contra esses sentimentos.... literarios.

«A veneração prende-nos ao passado, ao apreço a nossas glorias e ao culto á memoria dos avós, por força de um sentimento que nada tem de commum com o mysticismo e o pavor do culto religioso dos antigos. O amor esthetico da paizagem natal dilata-se até onde vai o horizonte da terra do berço ou da habitação; até — quando muito — onde nos seguem o canto dos pas-

saros e o perfume das flores, que conhecemos. Mas as nossas almas ligam-se, na sociedade, por força dos costumes, das leis, dos interesses, das relações de commercio, mais intimas na patria, e, principalmente, pela sensação, de apoio e de mutualidade, da vasta visinhança moral — desenvolvimento do sentimento domestico — que nelle se inspira e delle tira as forças. Este é o sentimento dynamico, o sentimento propulsor que nos dirige, apontando-nos para o futuro, isto é, para a sorte da prole. A patria é, em sua ultima essencia, o lar da prole. O lar, os penates do homem moderno, estão ligados á immortalidade que elle tem na Terra, na perpetuidade da familia.

«Ha ainda, é certo, homens, para quem, aliás, o duello e as represalias materiaes a affrontas ao brio não passam de lamentaveis comedias sanguinolentas, que nos fallam da honra e do brio da patria, como se a honra e o brio da patria estivessem fóra de seus deveres de probidade e de civilização, com a gravidade dramatica de cavalleiros medievos. Não, essa honra litteraria do patriotismo foi a honra dos senhores, foi o brio feroz do feudalismo, foi a imagem do orgulho do dominador e da avidez do dono da terra e do servo. A verdadeira honra nacional, a honra inalienavel e imprescriptivel, não se repara com a vida ou com a morte, reside em dever mais alto que o de jogar a existencia na partida aleatoria das armas; é a honra que repousa sobre a missão de trabalho e a consciencia da responsabilidade, perante o futuro, pelo deposito de bem, de prosperidade e de civilização que devemos transmittir a nossos filhos.

«Felizmente, a moeda fiduciaria dos sentimentos e das idéas politicas vai sendo desvalorizada a ponto de não ser cotada perante o rude bom senso das massas.

«Nas relações da familia, o homem contemporaneo é absolutamente cosmopolita. Ao passo que, em cada paiz, quasi todos os individuos mantêm, na constituição da familia, os preconceitos de classe e de raça e os escrupulos de educação e de posição, ninguem repelle o extrangeiro de seu lar e do seio da familia. Cada um de nós é, por laços de estima moral mais fortes do que o da simples fraternidade, irmão, em espirito e em coração, de homens que nunca viu e que moram em remotas regiões do

globo; cada um de nós é socio, pela identidade de interesses, de homens de todas as zonas da terra, frequentemente dos adversarios de nossa Patria, ao mesmo tempo que tem por concurrentes os seus patricios. As convergencias e divergencias de interesses cruzam-se sobre as cartas geographicas como correntes de solidariedade ou de rivalidade tão fortes como as relações politicas; as religiões, as convicções philosophicas, politicas, moraes e sociaes estreitam, em familias, massas disseminadas pelo mundo; a navegação, as estradas de ferro, os correios, os telegraphos e o telephone, o automovel — daqui a alguns dias, provavelmente, a aeração — criam e desenvolvem, uma visinhança moral e pratica entre individuos e familias de todos os pontos da Terra. A sociabilidade já introduziu o habito gracioso das visitas por cartões postaes...

«Para responder aos politicos que prégam a necessidade da paz armada e da guerra em nome dos interesses economicos, o individuo não tem mais do que olhar para a vasta extensão do globo e escolher o canto da terra onde a fortuna e a prosperidade lhe são promettidas, sem as dôres e os riscos da guerra; para responder aos que appellam para o patriotismo, em nome da supremacia nacional e da ambição de hegemonia, basta-lhe voltar os olhos para a Suissa, para a Belgica, para a Hollanda, para a Suecia, para a Noruega, para a Dinamarca, para o Brazil, para outros paizes novos, onde a conquista do bem estar e a alegria serena da vida são fructos de uma prosperidade feita sem os resaibos da inveja e do odio.

«As forças de progresso que se vinham formando e definindo, nos ultimos cincoenta annos de nossa idade, estavam até, ha pouco, latentes, ou circulavam em centros restrictos de pensadores e de apostolos da paz. De subito, por um desses movimentos imprevistos que caracterizam a celeridade das conquistas, em nosso tempo, as idéas que não eram senão aspirações e convicções individuaes ou parciaes, surgiram na sociedade politica, passando da doutrinação para os programmas governamentaes. As duas extraordinarias nações do mundo, que se assignalam ao respeito da civilização como berços dos mais notaveis inventos da industria moderna e ao da cultura, como fon-

tes e modelos de quasi todas as instituições politicas da Terra — os Estados Unidos e a Inglaterra — fizeram da ordem mundial o programma de sua politica; e com ellas já se acham — póde-se sem receio affirmar — a Dinamarca, o Japão e a França.

« Este passo decisivo da Historia abre uma crise que se póde considerar como a gestação de uma nova éra para a Humanidade.

« E que éra, essa que se antevê!

« O ideal, que não se confunde com a utopia, não é senão o extremo indefinido do futuro que ha de ser alcançado por uma linha recta, tendo por ponto de partida um sentimento humano.

« Não ha quem possa duvidar de que o desejo da paz não fosse o anhelo constante, ainda que obscuro e reprimido, das multidões ignoradas, das massas anonymas e infelizes, cujo trabalho e cuja felicidade foram esmagados e atropellados, no correr das operações historicas, pelos cavallos dos invasores e pelas phalanges de conquista. As migrações primitivas, origem provavel do costume das guerras, não revelam o proposito deliberado da aggressão a mão armada; representam, antes, uma successão contínua, pela superficie da terra e para o futuro, de fugas, de retiradas e de exodos de povos, impellidos, a principio, pelas condições e por accidentes physicos do globo, transformados, depois, em perseguidos e perseguidores, por força da vida inculta em meios ignorados.

« Quando, porém, essas massas encontraram nos apostolos e nos philosophos humanitarios, os orgãos de seus sentimentos e de suas dôres, a idéa da paz surgiu com uma definição que rivaliza com as fórmas eloquentes do pensamento moderno.

«Ella assentou raizes na parte mais fertil do cerebro humano.

«Os povos selvagens, inteiramente isolados e protegidos das correrias de outros, não conhecem a guerra: assim certos *clans* de Esquimáos, das regiões Arcticas da America. A consciencia da anormalidade da guerra é attestada por esta confissão de um chefe Pelle Vermelha ao viajante Lahontan: « Os cães valem mais do que os homens, porque, qualquer que seja a nação a que pertençam, não se guerream ».

« Os egypcios, a mais classica das civilizações, a mais fiel ás

tradições, foram um povo de indole pacifica: só fizeram a guerra de conquista em idade avançada de sua existencia. A lenda do «Naufragio», perdido em viagem para as minas de Honhen e hospedado na «Ilha do Duplo», povoada de serpentes, pela serpente-rei, que o cérca de conforto e o faz voltar ao Egypto carregado de presentes para Pharaó, a quem o viajante narra as aventuras da viagem e entrega os dons da munificencia do extranho monarcha, não é senão um «épos» da hospitalidade.

«A consciencia da força do Direito estava reconhecida no codigo de Kammurabi, lei feita, diz a inscripção do monumento do rei, recebendo-a do Deus Shamash: «...para destruir o máo e o vil, para que o forte não opprima o fraco». A historia da Babylonia, na época dos sumerios e dos acadíanos, offerece, além deste, muitos outros exemplos de humanidade e de cordura nos costumes, em contrario aos habitos dos assyrios, dos persas, de quasi todos os povos, semiticos ou de outras raças, da Asia Occidental. Na «Descida de Ishtar ao Hades», Allatu, dona do mundo, depois de conter a irritação, ao saber que sua irmã estava á porta de seu reino, manda que lhe dêm entrada e que a tratem segundo as «leis antigas», phrase que concorda com a idéa, quasi universal, de uma vida primitiva, em que o homem viveu inspirado dos melhores sentimentos para com seu semelhante.

«A idéa da igualdade de todos os homens, da fraternidade entre nacionaes e extrangeiros, da injustiça e da crueldade da guerra, encontra-se expressa em quasi todas as religiões e philosophias.

«Que outra cousa exprime, no symbolismo de Zoroastro, a victoria final de Ormuzhd sobre Abrinan, senão o reino da paz pela eliminação definitiva do mal?

«Na India, o Codigo escripto das leis positivas, o Codigo de Manou, ordena «o respeito e o amor por todos os seres animados», como consequencia «do dogma da vida universal espalhada na natureza»; desbastado do animismo e do pantheismo proprios de todas as concepções espirituaes dos hindous, dir-se-hia que este principio encerra o primeiro esboço da idéa da unidade mecanica e da continuidade evolutiva da terra e de

seus habitantes. Suas applicações estendem-se, desde a vida do homem e dos animaes, do corpo e da saude do homem, ao respeito ao brio, á fraqueza, ao pudor, até á propria vida dos vegetaes.

« O brahmanismo e a philosophia de Boudha estão repletos de injuncções semelhantes ao espirito de humanidade e ao sentimento fraternal.

« As maximas de Confucio e de Mencio são impregnadas de um espirito de amor pelo proximo, elevado a tão alta quintaessencia que parecem sahir de um moralista contemporaneo.

« O manicheismo condemna a guerra, como toda destruição da vida—lei suprema do universo.

« No christianismo, a idéa da paz póde ser considerada um artigo de moral pratica, um compromisso politico. Christo mandou que « a paz estivesse com os homens; que elles se amassem uns aos outros; que amassem os seus inimigos ». Izaias previu a paz universal: « Um principe ha de vir que derrubará a arvore da discordia; as nações farão charruas de seus gladios e alviões de suas lanças».

« A Igreja repelliu e combateu a guerra declarando-a indigna do homem e só propria das féras, até Constantino. Assim se exprimiam padres da Igreja, como Clemente de Alexandria, Tertuliano, Origéne, Lactancio: « Nós somos filhos da paz, por Jesus-Christo », diziam elles.

« Em um estudo sobre o Pacifismo, o Sr. Emile Faguet, o eminente critico literario que de alguns annos para hoje, faz, de tempos a tempos, villegiaturas pelas questões sociaes, affirmou que a Grecia não conheceu o sentimento da igualdade humana, nem teve a noção da paz internacional. A affirmação approxima-se da verdade, tanto quanto se póde julgar do sentimento e do ideal de um povo pelas palavras habituaes de seus philosophos, de seus moralistas e de seus poetas mais conhecidos. Socrates, Platão e Aristoteles consignam a guerra como um facto da natureza e como um direito dos fortes; é precizo recorrer aos stoicos e aos cynicos para encontrar a manifestação de um ideal de igualdade humana, diz o Sr. Faguet.

« A civilização hellenica — está ligada, no conceito universal,

á apologia da força e da luta, dos direitos dos fortes e do exercicio desapiedado da victoria. O patriotismo era a noção mais larga que tinham os Gregos da sociedade humana, mas este sentimento se estreitava ainda no circulo de cada uma das cem cidades soberanas. Está provavelmente na singular situação do pequeno trecho de terra, povoado por um povo forte e intelligente, que representou, em curto periodo de poucos seculos, o apice de uma civilização em que o homem physico, o homem da natureza, installou e cultivou uma existencia feita para a gloria da força e dos sentidos, para o culto de Dyonisus, civilização em que o genio humano desenvolveu o maximo de sua energia na intellectualidade reflectida e na arte objectiva, culminada na paixão do nú, a explicação do esquecimento, pela alma grega, dos problemas do humanismo. Os outros homens eram as immensas massas barbaras que cingiam o pequenino recinto da Grecia com uma pressão formidavel. Era precizo que esse povo de heroes tivesse uma energia politica defensiva e uma permanente diplomacia guerreira para manter em pé de guerra o cidadão-soldado que os devia repelir.

«Na Grecia a vigilancia dos governantes e dos directores da opinião sobre a fidelidade nacional era uma necessidade imperiosa de salvação publica. As pequenas republicas, pulverizadas num parco territorio, sob a ameaça das legiões do «Grande Rei» e dos outros barbaros, dilaceradas constantemente por guerras internas, não se poderiam manter independentes sem o grito de alarme permanente, numa constante invocação ao patriotismo. E as sentinellas do ardor civico não podiam descuidar-se em theorias humanitarias, em tempos em que todos os partidos e todos os grandes homens se trocavam, no agora e nas assembléas do governo, os apodos de venalidade e de traição que Demosthenes e Eschines registaram, para a perpetuidade, em seus discursos.

«Não ha quem, perlustrando a historia, não tenha encontrado, a cada passo, casos dessas terriveis transacções de consciencia que impõem aos cerebros mais fortes, a renuncia da convicção.

«Mas, a verdade profunda e intima é que a Grecia possuiu o sentimento da affeição humana, tinha a consciencia de nossa

igualdade na natureza e previu que o homem caminhava para um destino de paz.

«E esta verdade transparece á sombra de mais de um conceito dos grandes espiritos da Grecia. «O homem nasceu para a sociedade», «o destino da humanidade é para um imperio unico», «não ha nada mais horrendo do que a injustiça armada», disse Aristoteles. Que é isto senão a paz internacional, pela organização do imperio humano?

«Platão, discretamente, pôz na bocca de Hippias esta incisiva profissão de fé: «Vós todos que estais presentes, eu vos considero como parentes, como irmãos e como concidadãos, — segundo a natureza e a despeito da convenção. Porque, segundo a natureza, o semelhante é parente do semelhante, mas a convenção, este tyranno da humanidade, nos violenta muitas vezes contra a natureza.»

«E' evidente o impulso de sinceridade, torcido nesta fórma de mera citação. Euripides considera: «O escravo honesto igual ao homem livre.»

«Quem quer que não respeite o direito, tenha por pai o proprio Zeus», dizia o grande poeta, «ou ainda um mais illustre, pertence para mim á gente ordinaria.» «Pouco faltou, diz Gomperz, em seu «Penseurs de lá Gréce», para que as barreiras da nacionalidade não fossem derrubadas e não se visse surgir o ideal do cosmopolitismo, que se encontra, em toda a sua amplitude, nos Cynicos.»

«Platão e Aristoteles combatem, emfim, a disciplina de Lycurgo, porque se basêa, sobre o principio exclusivo da educação para a guerra. A bravura militar não é a primeira virtude do cidadão; a guerra, de cidade contra cidade conduz á guerra de aldeia contra aldeia e á guerra de familia contra familia; á guerra, emfim, dentro do proprio coração do homem.

«Não obstante a cauta reserva, que esclarece a razão politica do patriotismo exclusivista dos Hellenos, e do empenho em seus homens superiores por dar força ao militarismo. Aristoteles desliza, na «Politica» de sua intransigente doutrinação guerreira e objecta aos Lacedemonios, discutindo a organização de seu Es-

tado: «Que vantagem terão os lavradores em supportar a dominação dos guerreiros? Que interesse os levará a supportal-a?»

«O genio do grande philosopho, que, na systematização das idéas politicas, comprehendeu, mais do que ninguem, que a politica é uma arte empyrica, que não é licito separar da vida real, não se póde furtar ao reconhecimento do phenomeno, já existente, da revolta dos homens do trabalho contra a organização militar. E elle passa a tratar dos meios de suavizar o onus do militarismo para as classes laboriosas e refere os expedientes empregados na ilha de Creta para conciliar as duas classes.

«Toda a obra de Aristophanes foi uma serie de hymnos e de invocações á paz; e Eschylo, o poeta-heroe, cuja passagem pela historia de Athenas projectou, em vez da sombra das memorias mediocres, o duplo reflexo do genio tragico e do laurel das batalhas, sentiu que as victorias de Marathona, de Salamina e de Platéa exprimiam um julgamento de Zeus, mais forte do que o selo pela sorte da Hellade: « Toda injustiça, exclamava elle, naufraga no escolho do Direito.» Deante da victoria da fragilidade grega sobre o molosso persa, elle viu a energia da força moral que cavalga e subjuga a massa bruta dos organismos. « Quando a força — notai que esta força eram as centenas de Marathona e os milhares de Platéa contra os milhões do «Grande Rei» — quando a força e o direito puxam juntos o mesmo carro, é possivel vêr mais admiravel parelha?»

« Era a justiça constructora do progresso, que se empenhava por fazer vingar, naquelle punhado de homens bravos e intelligentes, as sementes que deviam ir reproduzindo e multiplicando gerações melhores de homens, para o indefinido fim de perfeição, que nosso espirito divisou nos mythos de todos os credos, no sonho radioso dos paraizos de além-tumulo, fim de que toda a historia é lenta, mas evidente, successão de provas. As sementes — reconheçamol-o, para nossa tranquilidade perante os maus presagios dos seleccionistas armados de compasso anthropometrico — não estavam nos proprios homens; a herança desses definhou no desfallecimento da raça hellenica: estava nas virtudes, nos pensamentos, nas obras de arte, que, através da civilização romana e da idade média, chegaram aos tempos modernos, como

*

modelo e fonte da philosophia, das sciencias, da esthetica, da moral e da politica.

« Epicuro considera a paz condição essencial da vida, base do contrato firmado entre os homens para satisfação de suas necessidades; conhece o phenomeno do progresso e, com o progresso, o desenvolvimento desse contrato de assistencia mutua. Esta idéa domina em todos epicuristas. A paz de Epicuro era a paz da alma, a paz do espirito; mas, para attingil-a, era precizo realizar a paz material, a paz com os outros homens. E' o mesmo pensamento que se encontra, mais tarde, em Lucrecio, que, do estado selvagem da natureza, chega, por intermedio das idéas do contracto e do progresso, ao estado de sociedade e de paz. Transformada depois pelo utilitarismo, é essa idéa fundamento da concepção social de Hobbes; de D'Alembert, para quem « o proprio interesse do homem lhe recommenda preferir sua familia a si mesmo, sua patria a sua familia, o genero humano a sua patria », de onde resulta « o amor universal da humanidade, como espirito da virtude »; de d'Holbach, de Saint Lambert, que, no Catechismo Universal, proferia: « A Natureza vos prohibe prestar á vossa patria serviços que julgais funestos ao genero humano. »

« Fallei-vos dos cynicos. Numa assembléa de homens cultos, pode-se, tranquillamente, affrontar o prejuizo que a animadversão dos grandes philosophos e, depois, a caricatura mais do que a critica, levantou contra esse grupo de pensadores, typos de rigidas virtudes, que, por viverem com as massas populares, foram certamente os mais justos orgãos de seus sentimentos, de suas queixas e de seus ideaes. E' provavel que, em futuro balanço da mentalidade grega, melhor justiça se venha a fazer aos « philosophos do proletariado », á proporção que a victoria das idéas os fôr alistando entre os precursores, como hoje o evolucionismo restaura e illumina as figuras de Anaximandro e de Anaximenes, de Heraclito, de Empedocles e de Lucrecio. Diogenes, o « cidadão do mundo », professa a suppressão das barreiras que separam os homens, taes como as differenças de classe e de nacionalidade e os privilegios do sexo; a assimilação dos barbaros aos Hellenos foi proclamada por Erathostenes e por seu mes-

tre Ariston, stoico fortemente impregnado de cynismo. Prégando, conjuntamente com o regimen da igualdade, o governo absoluto, os cynicos foram inspiradores do Imperio Universal de Alexandre, discipulo de Aristoteles, que desviando-se de seu mestre, resolveu realizar a fusão de hellenos e asiaticos. Não é possivel encontrar melhor prova da efficiencia de uma doutrina philosophica.

« Os stoicos gregos, com seu principio de « unidade do genero humano » deduzido da lei mais ampla da ordem universal, da harmonia e correspondencia de todas as partes do universo, traziam uma bandeira franca de cosmopolitismo e de paz: prégavam a Republica Universal.

« Em Epirus, o pequenino reino tido por barbaro pelos Hellenos, mas ligado, desde o mais remoto passado, á Hellade, por sua influencia sobre o oraculo de Delphos, com varias colonias genuinamente hellenicas, mais grego do que a Macedonia, appareceu Cyneas, confidente e embaixador de Pyrrhus, discipulo de Demosthenes, talvez o primeiro conselheiro que ousou prégar a um rei as vantagens da conservação da paz, que fez conhecidas em Roma as idéas de Epicuro; e que foi, toda sua vida, durante as guerras de seu monarcha, advogado da paz e habil e tenaz negociador com os governos extrangeiros! Seu nome serviu depois de titulo a um projecto de paz geral.

« Ao passo que a Grecia evolue por divisão, multiplicando o numero de suas pequenas autonomias, enfraquece a nação e robustece as cidades, Roma desenvolve-se por absorpção, por incorporação — por epigenesis, diria um naturalista. O espirito da civilização grega está no individuo, na independencia, na cultura; o da civilização romana está na organização, no direito, na ordem.

« Roma produz o Direito e o Imperio; recebe e consolida o Christianismo; desenvolve, durante seculos, a cultura grega. Sua obra, sem originalidade, é a mais vasta e potente que a Humanidade tem contemplado.

« Augmentando por allianças, por adopções, por tutellas, por protectorados e por conquistas, ella tem o pulso forte mas a alma branda; impõe o governo mas respeita os costumes, as tra-

dições, a religião; a seu crescimento corresponde o alargamento da « civis romana »; o titulo de cidadão romano vai sendo dilatado, pouco a pouco, de fronteira a fronteira, até que ao cidadão de Roma succede o subdito do Imperio, á « civis romana » succede o « orbs romanus ».

« O romano, diz o Sr. Faguet, começou militar e acabou emprestando-se a illusão da « paz romana », decorando-se com as glorias da pacificação do mundo.

« Para destruir a jactancia — se este é o intuito do illustre critico — de uma finalidade consciente, nos primeiros romanos, é demasia contestar a necessidade de sua evolução. Roma acabou por fundar a paz, porque seu curso, como nação cohesiva, graças ás circumstancias do tempo e do lugar, tendia para crear uma ordem. Esta ordem devia evidentemente ser estabelecida á força de armas, mas só um espirito prevenido póde obscurecer a verdade de que as primeiras allianças romanas são verdadeiros phenomenos de gravidade politica, assim como as conquistas e imposições da conservação do Imperio á proporção que elle ia crescendo.

« Entre crescer ou ser esmagada, dilemma a ser decidido pelo unico arbitrio da espada, Roma cresceu, mas cresceu fundando uma ordem, que realizou uma paz e uma paz profundamente liberal em todas as suas instituições.

« Através de sua longa vida, a concepção consciente de uma ordem, fundada na fraternidade de todos os homens, viveu e fez echo entre os maiores vultos de seu pensamento.

« Os stoicos mantêm fidelidade aos principios dos fundadores gregos da escola, Epicteto, Seneca, Cicero e Marco-Aurelio professam e praticam a moral social da igualdade humana, proclamam os direitos dos povos e das nações extrangeiras.

« O extrangeiro, o barbaro, o liberto, o mercenario, o escravo, póde ser um homem e o cidadão póde não o ser. O sabio, que é o unico rei, é tambem o unico cidadão. » « Não era derrubar todo o systema do mundo antigo, procurar o titulo do homem fóra do direito da cidade? » pergunta Paul Janet, e accrescenta:

« Um outro principio stoico conduzia ás mesmas consequencias: o principio da unidade do genero humano, principio que

repousa sobre outro mais geral ainda: a ordem universal, a harmonia e a correspondencia de todas as partes do Universo.»

« O culto da paz romana, a idéa de uma grande democracia, organizada sob a tutela de Roma, diz Renan, estava no fundo de todos os pensamentos, no seculo I.

« Terencio grava a sentença da igualdade humana, na phrase immortal, cheia de melancholia e de caridade: « Homo sum et nihil humani a me alienum puto.» Antonino tinha aversão ao emprego das armas; assim, tambem, Marco-Aurelio, que escrevia, pensando em suas proprias batalhas e victorias: « A aranha tem orgulho quando apanha uma mosca; este rejubila de caçar uma lebre; aquelle de matar um javardo; outros, emfim, de vencer os Sarmatas: no ponto de vista dos principios, todos bandidos!» Vespasiano ergue um templo á Paz. Os « Fetiales » e o « jus gentium » estão impregnados da consciencia de um direito não só do homem extrangeiro, como das nações extrangeiras.

« Cicero, para quem o homem deve ser amado como homem, e não só como cidadão, reconhece o Direito Natural, que não vem dos editos dos pretores ou da lei das Doze Taboas, mas *ex intima philosophia*.

« Da razão commum para a lei commum, da lei commum para a lei universal, elle chega á concepção da justiça para com o inimigo, ao respeito das nações inimigas, á terminação da guerra, quando a paz não tem perigos.

« Em Marco-Aurelio desenha-se a figura mais expressiva da Roma pagã. Imperador e philosopho, concilía o interesse e a ambição da sua patria, com a mesma ponderação com que, dentro da alma, equilibra a philanthropia do pensador stoico com os deveres do soldado: faz a guerra como estadista e não como conquistador. Seu imperio é quasi um imperio constitucional, em que ha varíos centros governativos, officiaes e inofficiaes, como, por exemplo, o Senado e o grupo dos philosophos seus amigos — entre os quaes sua bondade e sua ponderação apuram uma média de acção benefica.

« Em seu reino e em sua pessoa definem-se, com mais nitidez, as differentes correntes que vêm impellindo o curso dos acontecimentos: a onda dos sentimentos e das idéas e a onda das ne-

cessidades e dos interesses, a força moral e a força politica, o secular e o espiritual, o pensamento e a vontade, o ideal e a contingencia do presente; desta convergencia de factores, resultam uma concepção e uma acção pratica, que se encontram na fórmula do opportunismo; sente-se já que as duas tendencias que equilibram o movimento da humanidade não são oppostas, mas que o factor-ordem é apenas tardo em seus movimentos.

« O homem tinha que caminhar para o Direito sob o jugo da força. A idéa do imperio, polida da escola da ambição pessoal e da violencia, contém em nucleo a elaboração da ordem. Para uma nação vigorosa e activa, a aspiração do imperio era a expressão politica do ideal philosophico da unidade do genero humano.

« A politica de Alexandre fôra, com os excessos de um temperamento morbidamente exaltado, o signal de uma politica de ordem, com a fusão eclectica de todas as philosophias gregas: a unidade do Imperio e o direito da força de Aristoteles com a tolerancia dos stoicos pelo barbaro, levada até á preferencia e ao desejo da fusão. Em Marco Aurelio, figura sã de homem, a politica é equilibrada e consciente.

« Esse tinha uma sciencia e uma arte a dirigir seus actos.

« O homem deve viver segundo a natureza, durante os poucos dias que lhe são dados sobre a terra; e quando chega o momento da retirada, submetter-se com doçura... Tudo que te convem, me convem, oh! «cosmos»; nada é prematuro, nem tardio, daquillo que surge, graças a tua força. Eu faço meu fructo do que trazem as tuas estações. De ti vem tudo; em ti está tudo; tudo vai para ti.

« Cidade de Cecrops, eu te amo! » disse o poeta; porque não dizer tambem:

« Cidade de Jupiter, eu te amo! »

« Oh! homem, tu foste cidadão da grande cidade... »

« Estas palavras contêm a synthese da philosophia e a synthese da pratica, a theoria e a arte, a noção da moral e o senso da conveniencia; resumem as normas da sciencia e as lições da experiencia; são o verbo da politica, para tudo dizer em um só termo.

« Dé então por diante, as duas correntes em que a evolução vai reunindo as contribuições de suas forças progressivas nunca mais desapparecem.

« O christianismo continúa a fazer, nas massas populares e na sociedade intellectual dos unilateraes da aspiração moral, aquelles que, no conceito de Mencio, são os verdadeiros sabios, porque « conservam a candura da infancia », a obra profunda da regeneração intima. Mystico e pratico, elle eleva pela fé e sustenta com a esperança; mas, quando seu ideal abnegado se encontra com as ambições e os interesses, produz, em Constantino, uma nova orientação do imperialismo. Presidindo o Concilio de Nicea e assumindo o titulo de Pontifex Maximus, Constantino manifesta, pela primeira vez, na christandade, a intenção de concentrar os dous poderes da politica humana, o poder das consciencias e o poder dos actos. Era, ainda, em summa, uma pretenção prematura da paz, pela reunião do ideal e da ordem nas mesmas mãos.

« A idade média é dominada, a principio, pelo duello entre a Igreja e o Imperio. A illusão da ordem, pela dominação universal, possuia forças bastantes na necessidade e maiores attractivos na ambição, para se manter, apezar de todas as decepções anteriores. Os principes e reis que pleitearam o sceptro do universo foram, quasi todos, homens avidos e violentos; alguns dos Papas não mereciam mais do que elles; mas, penetrando-se o pensamento intimo dos dous partidos, sente-se que, no fundo dessas lutas e debaixo de taes ambições, pulsavam as forças do pensamento e do interesse que iam cavando, nas rochas formadas por instituições, partidos, igrejas, o leito onde deviam assentar as formações definitivas da civilização. A guerra era uma fatalidade, mas a consciencia e os interesses bradavam por todos os lados. Qual é o pensamento dos grandes dominadores de homens? Accelerar o movimento, precipitar os factos, fazer pesar toda a energia da vontade e toda a força das armas sobre essa amalgama de povos baralhados, para attingir, o mais breve possivel a paz, pela unidade do mundo.

« O trabalho dos pensadores, de um e de outro lado, consiste, por isso, em justificar a guerra e regulamentál-a. Para servir

a causa do futuro, uns e outros submettem-se ás contingencias do presente. A definição da guerra e de sua legitimidade, em todas as obras, gyra em torno da idéa de que ella é um meio de reparar a injustiça; mas, como todos queriam organizar a humanidade, sob uma direcção singular, a éra havia de chegar em que toda a injustiça seria reparada pelo chefe unico, temporal ou espiritual, do genero humano. Os espiritos mais terra á terra, os utilitarios mais escravizados á idéa da pressão do egoismo e da paixão, propõem e aceitam fórmulas juridicas que importam o reconhecimento de uma acção efficaz do pensamento sobre a natureza brutal das nações, que elles presumem — não se comprehende bem porque — mais incorrigivel que a dos individuos.

« A theoria da separação dos dous gladios não teve força para conciliar os concurrentes em luta; de um lado e do outro era nitida a convicção da necessidade da ordem; e a certeza da possibilidade de fundar-se uma autoridade, tanto maior quanto era difficil, em meio das divisões e subdivisões de suzeranias, prover á constituição de forças nacionaes que se contrabalançassem.

« Os grandes Papas — Gregorio VII, Innocencio III, Gregorio IX, Innocencio IV — e os grandes pensadores da Igreja — Santo Agostinho, S. Thomaz de Aquino, S. Bernardo, Egydio Colona — vêem com clareza o problema e o interesse da Igreja; e por isso mesmo que o querem alcançar, contemporizam com os tropeços do tempo: os apostolos-estadistas, adhesos ao principio da unidade, querendo concentrar a humanidade no todo œcumenico, no corpo mystico da Igreja, precisavam dobrar o Imperio e vencer os infieis, mas, a guerra, diz o « Decreto » de Graciano, apoiado em Santo Agostinho, tem por fim a paz.

« Os grandes imperadores — Henrique IV e Frederico II — com seus jurisconsultos e conselheiros, enfrentam o Papado e os pequenos senhores. Ockam, João de Jeaudun e Marcilio de Padua sustentam a unidade e a paz. Aqui, tambem, se os caracteres submissos ás contingencias do presente e os espiritos mais timidos não se arriscam a querer ver todo o conjunto do problema, a vontade firme dos grandes monarchas mostra com clareza as suas ambições; em Constantinopla, os Bazileus continuam a sus-

tentar os titulos dos Cesares; e os pensadores de espirito lucido visam o alvo da unidade imperial do orbe.

«Na luta contra as guerras privadas, a idéa directriz dos dous partidos manifesta-se na activa repressão das lutas dos pequenos senhores e revela-se nas denominações dos periodos de ordem: «a paz do Rei», as «tréguas» ou «paz de Deus».

«No fim do seculo VII, a confraria dos Irmãos da Paz, fundada por um carpinteiro, toma a missão de fazer observar a paz. Um dominicano, João de Vicence, convoca, em 1233, uma assembléa das cidades de Lombardia, onde é assignado um acto de pacificação geral. Dominicanos, franciscanos, algumas seitas hereticas, fazem-se missionarios da paz. Ives de Chartres, Gerhoc, Nicolas de Cues prégam a paz. Os escriptores attribuem ao Papa ou ao Imperador, por missão principal, manter a paz.

«Em meio desta confusão, destes pleitos de diplomacia e de polemica, um vivo clarão illumina o scenario das lutas politicas, descobre o problema e mostra a sua solução: é a palavra de Dante, nas paginas immortaes de «De Monarchia».

«Este livro é o primeiro ensaio da sociologia, como synthese da evolução humana e de suas leis. Elle funda-se nas grandes leis que dirigem o entendimento universal, espalhado na multidão do genero humano e que se realiza, não no individuo, mas na totalidade dos homens, assim como a materia primeira se actualiza na multidão das cousas geraes e individuaes. Assim, o genero humano realiza necessariamente esta potencia indefinida que preexiste em cada homem em particular, mas que nenhum exprime em sua plenitude. Para que a humanidade obtenha a liberdade e a justiça, condições de sua felicidade, é precizo que seu entendimento collectivo attinja a sabedoria; e, assim como o individuo carece de repouso para alcançar a sabedoria, a humanidade carece da paz. A monarchia universal é o instrumento da paz, da sabedoria, da justiça e da liberdade.

«Toda a multidão que tem um fim unico preciza de um chefe unico; todas as faculdades do homem tendem para um só e unico fim; domina-o uma só força, a intelligencia. O homem, filho do céo, governado por um só movimento, deve ter um só director. Onde ha possibilidade de litigio, é preciso que haja um juiz;

entre muitos litigantes, impõe-se um juiz supremo. O mundo bem organizado é aquelle em que reina a Justiça; a Justiça é mais perfeita quando parte daquelle que tem mais boa vontade e mais poder; ora, o maior obstaculo á vontade está nas paixões. O senhor do mundo, não tendo o que desejar, não tendo paixões, não tendo inimigos, sua Justiça não encontra obstaculos.

« Destas premissas e através de outras deducções, Dante chega, com argumentos politicos e metaphysicos, á conclusão da unidade e do imperio; com argumentos historicos e theologicos, á conclusão da predestinação do povo romano para o Governo dos povos.

« Abstrahindo do methodo peripathetico de sua demonstração, de suas theses theologicas e metaphysicas, não é possivel desconhecer, no conjuncto desta concepção, mais de uma idéa que encerra o germen das noções da psychologia social moderna. A forma do pensador, raras vezes metaphorica, mas sempre ampla e majestosa, produz, ás vezes, uma impressão de vago e de indeterminado. Seus conceitos são grandes symbolos, vastos desenhos do mundo de concepções e projectos, em estado latente ou confuso, no espirito de seus contemporaneos. Não era possivel esperar, em obra escripta nesta época, a linguagem rigorosa e preciza com que hoje se exprimem os mesmos problemas e se indicam as suas soluções. Suas idéas recebem a adhesão de Cino e de Bartolo.

« Dante synthetisa, em « De Monarchia », o estado politico da alma da idade média, como, na « Divina Comedia », o estado moral e religioso. Seu livro é um quadro claro da sua época; e a perspectiva que elle projecta está no horizonte onde se encontram os principios fundamentaes da sciencia politica moderna.

« Prematuro o projecto, utopica a sua fórma, o ideal e o pensamento evoluiram.

« A nebulosa da sociedade medieval divide-se em fortes massas, concentradas nas grandes nacionalidades. A' idéa do imperio succede a idéa do concerto e do equilibrio; o cuidado da diplomacia e dos congressos passa a ser a resistencia a toda aspiração de supremacia.

« Wycliffe e os lallordistas, John Colet, Erasmo e Thomas

More, com o espirito mais livre, na ilha do norte, mantêm a aspiração da paz humana, em sua fórma menos contigente, mais idealista.

« No Direito das Gentes, a escola philosophica vai consolidando os principios da unidade do genero humano, da independencia e soberania das nações, procurando transformar o Direito em instrumentos da paz. Francisco Vittoria, Suarez, Grotius, Puffendorf, Leibnitz, Vattel, são organizadores de uma doutrina profundamente humana, de notavel influencia sobre a politica de suas épocas.

« Os homens da Renascença são humanistas, stoicos, partidarios declarados da paz.

« João de Vivès, preceptor da filha de Henrique VIII, escreve a Papas e Reis, dizendo-lhes : « Não digaes que sois impotentes para fazer a paz entre os principes. Tende a coragem de não procurar, como tantos papas e sabios, pretextos para defender a legitimidade da guerra ». Campanella, na *Monarchia Messiæ*, préga a paz, na unidade do principio papal.

« No principio do seculo XVII, as preoccupações do concerto europeu e da guerra aos infieis encaminham todos os espiritos para a idéa de um accôrdo mais solido entre as soberanias européas. Tudo faz suppor que o famoso plano attribuido por Sully a Henrique IV, de uma grande alliança européa, com uma assembléa permanente de 60 delegados, nomeados pelas nações, é apocrypho ; mas, se Henrique IV não concebeu nem projectou realizar esse plano, é mais que provavel que os problemas da época tivessem conduzido espiritos como o do emprehendedor bearnez e de seu ministro a cogitações desta ordem. Seja como fôr, Sully imaginou a idéa e a registrou nas « Memorias de Henrique, o Grande ».

« Que a idéa estava no ar prova-o a publicação, em 1623, do « Novo Cyneas ou discurso de Estado apresentando os meios e occasiões de estabelecer uma paz geral e a liberdade de commercio para todo o mundo », de Eméric Crucé.

« Esse livro, cujo titulo rememora o embaixador pacifista de Pyrrhus, attribue as guerras ás más paixões dos principes, sustenta a possibilidade da paz geral. Vale a pena expôr o meio pra-

tico suggerido por Crucé: «Uma cidade seria escolhida onde os soberanos teriam perpetuamente seus embaixadores, formando uma assembléa que julgaria todos os conflictos. Se algum soberano resistisse á decisão de tão notavel companhia, incorreria na desgraça de todos os outros principes, que teriam meio de o chamar á ordem.» Aqui estão, em rudimento, as idéas do tribunal internacional e da sancção ás suas decisões.

«Crucé propõe Veneza para séde da assembléa dos embaixadores, porque é um estado neutro e indifferente a todos os principes. Traço notavel deste projecto, para a sua época: o plano abrange todos os paizes, inclusive a Persia, a China, a Ethiopia, as Indias Occidentaes e Orientaes. Dous homens podem tomar a iniciativa perante os chefes de Estado: o Papa, no mundo Christão e o Rei de França, perante os infieis.

«Grotius inspira-se visivelmente em Crucé, em «De Jure belli ac pacis». «Pelo que acabo de dizer seria util e de algum modo necessario que as potencias christãs criassem entre ellas uma especie de corpo, em cujas assembléas os litigios de cada uma se terminassem pelo julgamento das outras não interessadas e que se procurassem os meios de forçar as partes a se accommodar, sob condições razoaveis.»

«Em 1660, o landgrave Ernesto de Hess-Rheifels publica um livro, em que propõe a creação de um tribunal da sociedade das nações, com séde em Lucerna.

«Em 1695, o grande William Penn, o «quaker», fundador da Pensylvania, propõe em seu «Ensaio de paz na Europa, no presente e no futuro» o projecto de um tribunal de arbitragem.

«O projecto do abbade de Saint Pierre, bem conhecido, propunha: «a alliança perpetua das nações, contribuindo cada uma, na proporção de suas rendas, para segurança e defeza communs da grande alliança; renuncia ao emprego das armas e recurso á conciliação e á mediação. Para os que se recusassem á cumprir os julgamentos e regulamentos da grande alliança, negociassem tratados contrarios, fizessem preparativos de guerra, a grande alliança armar-se-hia e procederia contra o estado recalcitrante, até submettel-o. Uma grande assembléa permanente tomaria as deliberações necessarias á manutenção da paz.

« Este projecto teve grande notoriedade em sua época, recebeu applausos e censuras, algumas satyras, mas parece haver exercido certa influencia sobre tratados internacionaes ulteriores.

« Kant retoma o ideal do bom Abbade; mas, aqui, não é mais um philanthropo, um idealista, é o pensador, cujo espirito gigantesco abrange toda a extensão dos conhecimentos humanos, que olha para as instituições e para os costumes do homem, no passado e no presente, com a mesma sagacidade genial do psychologo, do philosopho, do precursor de Laplace, na hypothese da nebulosa; de Darwin, no transformismo. Reconhece que a guerra foi uma necessidade do homem em sua infancia, mas sente a incompatibilidade nascente entre a paz armada e a organização do trabalho, que é o problema do futuro.

« Seu projecto contém clausulas que versam sobre varios grandes principios do Direito das Gentes e do Direito Publico. Prescripções prohibitivas: nenhum tratado de paz póde conter clausula de reserva do direito de fazer a guerra; nenhum estado independente (pequeno ou grande) póde ser adquirido por outro, por via de herança, troca, compra ou doação; os exercitos permanentes devem desapparecer com o tempo e é prohibido aos Estados contrahir dividas para applicar o dinheiro em negocios exteriores; nenhum Estado se deve immiscuir na constituição ou no governo de outros; nenhum Estado se deve permittir, durante a guerra, medidas odiosas que possam impedir o restabelecimento da confiança reciproca, taes como o assassinato, o envenenamento, a violação de uma capitulação, a excitação á traição. Prescripções positivas da paz: a constituição de cada Estado deve ser republicana; o direito das gentes deve ser fundado sobre uma federação de estados livres; o direito cosmopolitico (a expressão é de Kant) deve ser limitado ás condições de uma hospitalidade universal.

« Depois de Kant, Jeremias Bentham, a alma cosmopolita, « o legislador do mundo », cognome que lhe deu Bolivar, propõe a reducção das forças militares das potencias européas, a emancipação das colonias e a formação de um tribunal, composto de dous delegados por potencia. O tribunal teria poderes para decidir sobre os litigios internacionaes, para declarar o Estado recal-

citrante decahido de seus direitos perante a Europa, para fixar, finalmente, o contingente que os Estados deviam fornecer para executar suas sentenças.

« John Stuart Mill teve tambem a idéa de uma « Federal Supreme Court ».

« A estes nomes seria facil accrescentar centenas de outros para provár que a paz é uma esperança e uma confiança do entendimento collectivo da especie humana, expressa pelo escól de suas intelligencias, Leibnitz, Marbly, Voltaire, o Abbade Raynal, Volney, Condorcet, Diderot, Augusto Comte, Herbert Spencer, Littré, Victor Hugo, Cobden, Proudhon, Gladstone, Louis Guyau, G. Tarde, o Padre Gratry, Edouard Laboulaye, Gambetta, Joseph Garnier, Ernest Nys, Andrew Carneggie, Novicow, D. Pedro II, J. Kobler, são partidarios da paz, confiam em sua realisação, em época mais ou menos proxima.

« No começo do seculo XIX, as mais bellas palavras sobre a paz partem de Santa Helena. É Napoleão que as pronuncia. A amargura das decepções e do desterro fez do conquistador um propheta da fraternidade: « Se, para os fins do seculo XIX, diz elle, um monarcha se apresentasse á Europa, trazendo em suas mãos estes dous beneficios: a suppressão das despezas militares e a organização amphictyonica da Europa, esse homem seria por tal fórma senhor dos corações e das consciencias que obteria o poder absoluto na Europa. » O ultimo dos imperadores-generaes não podia conceber a paz senão como obra de um Cesar pacificador; mas elle previu que, em nossa época, essa seria a grande aspiração a realizar, o problema do momento.

« Das amphictyonias gregas aos « Fetiales », do tratado de Ramsés I, com os Hittitas, no anno XXI do reino do primeiro dos Ramessidas, ao Congresso de Vienna (1815), tratados, conferencias e congressos marcam os passos progressivos da paz; mas a humanidade ainda não estava de posse dos formidaveis instrumentos que deviam revolucionar a historia humana: a consciencia da liberdade politica, ensinada pela Inglaterra e pelos Estados-Unidos e posta á prova pela revolução franceza; o vapor, com a navegação e as estradas de ferro; a electricidade, com o telegrapho; o progresso assombroso da imprensa, com o jornal e

com o livro; a pratica frequente dos bons officios, da mediação e da arbitragem; o reconhecimento dos direitos sociaes do proletariado.

« A Terra possuia ainda vastas regiões desconhecidas e desoccupadas; a America e a Asia não pertenciam ao concerto das nações civilizadas.

« As assembléas da revolução haviam procurado assentar os principios pacifistas da nova democracia; em 1816, o Czar Alexandre da Russia, discipulo do suisso La Harpe, propõe a limitação dos armamentos navaes e militares, por accôrdo commum das potencias, idéa recebida com sympathia pela Inglaterra, pela Austria, pela França. Napoleão III retoma esse projecto em 1863 e 1870; suas propostas naufragam, entre respostas enthusiasticas e repulsas.

« Ainda da Russia parte a nova tentativa, de que resultam as duas conferencias da Paz; uma e outra realizam apreciaveis progressos no Direito das Gentes e emittem votos de sympathia a favor do desarmamento; estabelece-se o Tribunal de Presas e o Tribunal Permanente de Arbitragem.

« A progressão no numero de sentenças arbitraes foi, durante o seculo XIX, a seguinte: entre 1820 e 1840, oito; entre 1840 e 1860, trinta; entre 1860 e 1880, quarenta e quatro; entre 1880 e e 1900, noventa. O numero de tratados de arbitragem, assignados de 1903 para os nossos dias, sóbe a cerca de 120. O Brazil impõe-se, em sua Constituição, o dever de evitar as guerras de conquista e de tentar o recurso do arbitramento, antes de declarar a guerra; esta idéa partiu do Dr. Magalhães Castro, em seu projecto de Constituição; graças á acção do estadista que dirige a nossa diplomacia, occupa o primeiro lugar na lista dos paizes que têm tratados de arbitramento, já tendo conquistado posição saliente entre os que, nos pleitos arbitraes, deram provas de maior amor ao direito.

« Na ultima Conferencia da Haya coube-nos a gloria de sustentar e defender, pela palavra e pelo saber de Ruy Barbosa, o principio da igualdade dos Estados. A um brazileiro, o Dr. Sá Vianna, coube apresentar, no 2.º Congresso Scientifico Latino-Americano, a idéa de uma sancção para as violações de tratados geraes de

arbitramento: a perda do direito de exigir que as outras nações se mantenham na linha de rigorosa neutralidade; e sustentar o principio de que a arbitragem deve ser comprehensiva de todas as questões que occorrerem entre as nações, sejam quaes forem sua causa e natureza.

« Iniciada nos Estados Unidos, na Suissa e na Belgica, no começo do seculo XIX, a propaganda popular effectua-se hoje por ligas e associações internacionaes e locaes, conta innumeros jornaes e revistas e uma vasta litteratura.

« Este « instantaneo » do progresso da idéa da paz, verdadeiro vôo de aeronave sobre a Historia, serve para destacar que toda a vida de nossa especie póde ser resumida na solução deste problema: O homem está condemnado á luta contra seu semelhante?

« Sua historia tem sido uma historia de lutas, mas todas as conjecturas da sciencia conduzem a crêr que elle não herdou dos antepassados o costume da guerra e que não o teve, na infancia da especie. A guerra não estava no « instincto », não foi imposta pela « natureza »

« Resultou da necessidade? Sim, se por necessidade se entende uma contingencia; não, se por ella se entende uma predestinação, uma fatalidade.

« Essa contingencia resultou do estado da Terra, do estado do homem, do estado da sociedade. Nenhuma fracção da humanidade conhecia inteiramente a Terra, até quasi os nossos dias; para descobril-a, estudal-a, exploral-a, foram precisos oitenta seculos de vida historica, oitenta seculos de encontros e batalhas, entre homens ignorantes do terreno em que caminhavam e desconhecidos uns dos outros.

« Uma época houve em que a humanidade historica e civilisada viveu encerrada entre quatro mares e as montanhas que fórmam o diaphragma central da Asia, dividida em dous mundos: o mundo christão e o mundo dos infieis, pulverizada em uma multidão de povos. O cerebro humano, a parte desse vasto organismo que tinha intelligencia e saber, não conhecia o corpo da humanidade.

« Hoje, o mundo está estudado, trilhado, occupado e dividido entre os povos.

« As ultimas guerras são eloquentemente expressivas a respeito do caracter e do effeito das lutas armadas, em nossa era: depois da guerra de 1870, com a cessão da Alsacia e Lorena e da guerra do Chile e do Perú, com a de Tacna e Arica, a guerra dos Estados Unidos com a Hespanha, dá em summa, um resultado favoravel á liberdade dos povos: a independencia de Cuba; na guerra do Transvaal, para a incorporação de um territorio, accessorio de suas colonias sul-africanas, gasta a Inglaterra mais vidas e mais dinheiro do que se se empenhasse com uma grande potencia; na China, as potencias européas e o Japão fazem uma demonstração, que tem por effeito, em lugar da conquista, ou da partilha do Imperio do Céo, sua assimilação ao mundo occidental; duas dellas, empenhadas em guerra encarniçada, transigem num tratado que consolida a soberania chineza. A Italia é infeliz na Abyssinia. A incorporação virtual da Coréa ao Japão e a occupação do Egypto pela Inglaterra são prolongamentos de causas e factos lentos da politica. Se a Austria annexa a Bosnia e a Herzegovina, um novo estado surge: a Bulgaria. Confrontem-se estas transformações da geographia politica com as dos seculos anteriores, com as da primeira metade do seculo XIX e a evidencia da ruina da politica de conquista saltará aos olhos: ao lado dos progressos da arte da guerra, os progressos do direito se foram avolumando.

«O espectaculo actual de Marrocos é admiravel de expressão. Tres potencias em luta, em torno de um territorio de barbaros relativamente sem valor, encontram as ambições e armas paralysadas pela força do direito e da opinião publica, que lhes tornam timidas as vontades e tibios os movimentos. As cobiças desencontradas e os interesses divergentes só encontram um ponto de equilibrio: o do respeito ao direito.

« O sonho imperial, tantas vezes ensaiado, quantas abatido; annullado pelas nações diffusas da idade média; desfeito, acto continuo, na tentativa napoleonica, é impossivel, em face das solidas nacionalidades de hoje, das combinações de seus interesses, da volumosa e crescente sociedade, civilizada e culta, espalhada em todos os continentes.

« A politica internacional não é mais um jogo de monarchas, combinando arbitrariamente, na penumbra dos gabinetes, a sorte

*

dos povos; não ha mais segredos, nem talentos subtis, nas negociações diplomaticas. O argumento de Leibnitz contra o projecto do Abbade de Saint-Pierre: o accôrdo dos principes, não procede em nossos dias.

« Entretanto, o problema humano ergue-se, em meio da ruina das instituições do passado e de suas idéas, apresentando faces inteiramente novas. A sociedade, dividida, pelo criterio do progresso, em sociedade culta, sociedade civilizada, sociedade policiada, mundo barbaro e humanidade selvagem, separa-se, pelo criterio da energia e da iniciativa, em sociedade activa e sociedade retardada. A philosophia, a moral e a religião firmam, em toda a parte, as idéas da unidade do genero humano, da igualdade dos individuos; o facto sancciona as conclusões das sciencias moraes, com a abolição da escravidão. A terra é vasta e rica, mas a distribuição das populações, desigual. Neste vasto todo, dotado de vida e de espirito, ha um cerebro que possue idéas, aspirações, methodos e instrumentos de adiantamento: este cerebro, relativamente condensado nos velhos paizes, mais povoados, espalha-se por todos os centros do mundo, onde ha homens que estudam, que pensam, que concebem; este todo possue um caracter, na vontade e na ambição dos homens que querem e que trabalham.

« Aqui, como em todas as concepções, o habito de systematizar, de classificar, de dar imagem concreta ás idéas, tinha crystallizado, como unidades fixas, independentes, compactas e separadas, as nações, os paizes, os povos; mas as divisões politicas detacaram-se das funcções sociaes, intellectuaes, moraes, economicas do homem: a sociedade é um organismo complexo, com orgãos que não têm concentrações visceraes, mas exercem a vitalidade e a actividade através de innumeros apparelhos; só uma funcção se localiza: a funcção politica, nos governos; mas esta funcção é a unica que compete ás soberanias.

« Por entre a vida dos governos, que fazem a politica, a vida complexa dos povos apresenta questões e problemas, que exorbitam dos limites territoriaes das soberanias, ou lhes são moral ou intellectualmente superiores ou extranhos. A occupação dos territorios pertencentes a barbaros e selvagens, levanta a ques-

tão do direito desses individuos á terra, á vida, á saude, á civilização; a sociedade, que não os póde eliminar, nem escravizar, não póde tambem abandonal-os; uma casta de selvagens livres, confundidos em meios cultos, não se eliminaria sem outras graves perdas e sem remorsos; não permaneceria, sem riscos de regressão. A posição de povos e nações em estado intermedio, suggere identicos problemas, no interesse de sua conservação e de sua prosperidade. A incorporação de barbaros e de selvagens ao mundo politico, impõe aos povos superiormente collocados, ainda mais, o problema da conservação da civilização e da continuação do progresso, da segurança das conquistas do passado e da certeza do movimento para adeante. As selecções sociaes vão, ao lado disso, nivelando as sociedades civilizadas para elevação das classes baixas, pela ampliação constante das superiores. A área territorial e as riquezas naturaes não bastam, por outro lado, em cada paiz, para as populações que se multiplicam, para as necessidades e ambições que crescem, para os capitaes, para as capacidades...

« Como resolver estes problemas?

« Por acção das nações superiores, apoiadas na força, respondem os imperialistas; e neste grupo arregimentam-se dous exercitos: os militaristas classicos, partidarios das instituições e da disciplina social á força de armas e os seleccionistas litteraes, exegetas de Darwin, que, esquecidos das advertencias de seu grande mestre e de seus melhores discipulos, transportam, materialmente, para as sciencias moraes e sociaes os methodos da anatomia comparada e da anthropologia, sem reparar que, sobre as funcções psychicas e sociaes do homem, os seculos de vida em sociedade operaram transformações que os caracteres morphologicos e as proprias funcções physiologicas estão muitissimo longe de reproduzir e de exprimir.

«Pela revolução, respondem libertarios e socialistas. «Laissez faire, laissez passer, laissez aller», dizem os liberaes da escola classica, resposta que outros exprimem por outra fórma negativa: «Evoluamos»; a evolução é, para estes, uma especie de providencia, sem volição e sem fim. Pela força da civilização e da cultura, respondem por fim os fieis, os crentes, confiados na di-

recção consciente do progresso humano, conduzido por um destino, ou por uma Providencia.

« Mas o negativismo passivo e o negativismo finalista sabem que, no individuo, como na sociedade, todo processo evolutivo do espirito obedece, em cada instante, a uma determinação, que não é menos consciente e deliberada, porque resulta dos antecedentes, de modo que essa resposta se converte em mandar que o homem renuncie a tornar activas as idéas e energias accumuladas, até a sua geração, para preparar o futuro. Nenhuma sociedade e nenhuma época procedeu jamais assim.

« A acção deliberada das intelligencias, desde as lições do professor primario, até aos actos dos estadistas, é que distingue as sociedades que avançam das sociedades estacionarias; e mais ainda, quanto mais intensa e prompta é a acção das intelligencias, maior a probabilidade de reunir, de precizar, de consolidar as conquistas do passado, de ligar ás suas lições o movimento para adeante...

« Se as intelligencias se abstêm, se os estudiosos e reflectidos abandonam a actividade, os praticos, os politicos de acção, os efficientes por energia e por iniciativa, apossam-se do presente; e, sem conduzir os acontecimentos, deturpam e atrazam as soluções.

« A guerra, disse-se em começo, resultou da acção da cobiça e da paixão, conduzidas pela ignorancia. E, não só a guerra, mas a revolução e o retrocesso, os expedientes, as vacillações, os impulsos, a falsa pista e a falsa orientação da politica...

« Os problemas em via de solução annunciam-se por signaes inilludiveis e costumam trazer os seus homens.

« São estes, os que, neste momento historico, respondem ao preconceito dos partidarios da força: Não, o homem não é um ser condemnado a bater-se com seu semelhante. Ha seculos que elle não se bate, nas relações da vida privada, que não pega em armas para conquistar o pão, que não entra em liça por motivo de amor: estas foram as occasiões das lutas pessoaes do passado; o o homem tem supportado, em sociedade, a miseria, a fome, dôr, a a escravidão; os litigios irritantes da fortuna solvem-se por transacção ou perante as justiças; as necessidades e as ambições en-

contram, na vida pacifica, meios de trabalho e satisfação; logo não é cada individuo, nem são todos os individuos da sociedade, que impõem á politica o recurso ás armas; é a politica que crêa as causas das lutas armadas.

« Houve época em que a politica acenou ás dôres e ás miserias do homem com as esperanças da revolução; e as revoluções trouxeram novas crises politicas, novas agitações.

« Diz-se que as revoluções e guerras originam-se dos interesses e das necessidades economicas; é falso, a politica serviu-se de uns e de outras, como pretextos. Se é verdade que as sociedades prosperam, que augmenta o numero dos que têm conforto, esta conquista é a conquista vagarosa do trabalho, apezar da politica e de suas agitações. Cada movimento da politica levanta uma muralha, crêa uma nova divisão, novos odios, novas incompatibilidades.

« A humanidade, que já sabe lêr, começa a saber tambem a verdade de seus interesses e a illusão das idéas politicas; seus interesses são mais altos do que as fronteiras, do que as divisões da politica.

« A guerra é fructo de ambições, de paixões, de preconceitos, que o individuo civilizado ha muito aprendeu a dominar; que elle não tem em todas as sociedades em que vive, excepto na sociedade politica; logo, os processos e os costumes desta sociedade é que são incompativeis com a civilização, é que perturbam a ordem.

« Proseguir no caminho do imperialismo importaria renovar o ensaio tantas vezes frustrado, agora mais difficil, de politica de conquista. Cada paiz encerra, nos limites de suas fronteiras e no seio de sua sociedade, os mesmos problemas; as soluções naturaes e logicas estão fóra da sua jurisdicção. Os que representam a parte mais forte, mais culta, da humanidade, agindo isoladamente, ou nas transitorias allianças de hoje, dividem-se em forças que se equilibram; os seus interesses estão em conflicto, as proprias allianças não correspondem a correntes homogeneas de interesses geraes. Se uma tentativa de acção é inspirada pelo interesse, a reacção dos outros sancciona o protesto da opinião,

se funda em um intuito civilisador, a ambição ameaça perturbar os bons intentos, a emulação e as desconfianças os paralysam.

« Emquanto isso, as forças revolucionarias reunem as massas dos queixosos, dos sacrificados, dos verdadeiros infelizes e dos exaltados das multidões. A politica de inercia só póde ter por consequencia explosões violentas, parciaes ou geraes, a anarchia; a evolução dos povos novos irá seguindo a mesma tendencia de luta entre camadas antagonicas, aggravada pelo odio das raças. Na India, no Egypto, já se definem os prodromos deste phenomeno; na Allemanha, o excesso de população, a carencia de capitaes e a exhuberancia de energia, exigem espaço e terreno, horizontes de expansão e de actividade; na França, na Italia, na Hespanha, em Portugal, na Turquia fermentam o problema do trabalho e o problema da miseria, questões politicas, remanescencias de conflictos religiosos; o Japão e a China organizam-se, modelando a sua administração pelo typo das potencias militares e annunciando a sua intervenção, como forças materiaes, com o peso de suas populações formidaveis; na Inglaterra, a questão social, a autonomia da Irlanda, a questão politica do poder dos Lords, a dos interesses e da solidariedade das colonias, despontam, simultaneamente, na ordem do dia; nos Estados-Unidos, a questão social, os abusos do capitalismo, os conflictos de raças, as imposições do interesse nacional em crise entre dous oceanos, mostram as suas difficuldades.

« O conjuncto deste quadro ameaça renovar uma crise internacional, sobre o pequeno e quasi nullo territorio de Marrocos, que uma demoradissima conferencia não consegue resolver e que a diplomacia de expedientes vai protellando, impotente para um golpe decisivo, entre as exigencias da ambição e do amorproprio e sob o temor de uma leviandade, ou de uma explosão violenta.

« É tempo de resolver, concluem os espiritos prudentes; e, felizmente, seu convite, não se perde em um deserto.

« Mais uma vez, na Historia, se assignala o genio pratico dos anglo-saxonios. A Inglaterra percebe rapidamente o conjunto de seu problema e orienta com firmeza a sua politica: promove o «home-rule» para a Irlanda; convoca a Conferencia Imperial e

reune, em Londres, os representantes das colonias autonomas: é a federação que se inicia pelo mesmo processo pelo qual, ha seculos, se fundou o parlamento britannico; ataca os privilegios da Camara dos Lords; modifica a administração das colonias, promove mais intensamente a educação, nos dominios da corôa e nos territorios dos protectorados; procura assimilar os indigenas dessas regiões aos subditos britannicos e ligal-os pela communidade dos sentimentos e dos interesses, á sorte do Reino-Unido; define, finalmente, o liberalismo e o humanismo de sua acção, no conjunto do planeta, reunindo, em Londres, o «Congresso das Raças», destinado a estudar a vida e as aspirações de todos os seres da nossa especie.

«Os Estados-Unidos, por sua vez, sob a pulsação de um organismo repleto de seiva, combatem o milhonarismo, atacam seus processos abusivos de enriquecimento: fazem a policia da liberdade do commercio, prohibindo e limitando os monopolios; procuram soluções para o problema social; conciliam as raças immigradas e o negro com os homens de raça branca; mantêm, com firmeza, a politica de associar as Republicas americanas á obra da liberdade, de que são o «leader» natural no continente. Suas palavras ás Republicas americanas, são um convite permanente a que aceitem seu exemplo, sua cooperação, a direcção do idéal e o uso dos methodos que fizeram a sua grandeza. Seus actos, quando deixam de ser de solidariedade, valem por uma advertencia de que a America tem a sorte ligada a um programma de progresso humano e não o póde sacrificar por erros e culpas eventuaes.

«E de lá, desse foco, onde se concentram o calor e a luz mais forte da humanidade nova, porque é nova no aspecto ethnico, na fórma politica, na composição social e nas idéas, parte a iniciativa da orientação que lhe aponta o caminho a seguir para vencer os obstaculos, arredar os embaraços que se oppõem á sua marcha.

«O telegrapho informa um dia que o Presidente Taft resolvera propôr ao Congresso a nomeação de uma delegação para estudar os meios de estabelecer a paz entre as nações; o projecto é submettido a estudo; mas, nesse interim, o Governo americano

propõe á Inglaterra a renovação de seu tratado de arbitramento, excluida a clausula restrictiva dos casos de offensa á honra e de ataque á integridade, á independencia e aos interesses vitaes dos dous paizes. Era um passo avantajado, mas sua expressão politica visava muito mais que seu objecto directo. Seu intuito, disse o Sr. Taft, era iniciar com a Inglaterra a formação de uma liga, destinada a supprimir as guerras.

« A Inglaterra, pelo orgão de sir Edward Grey, acolhe com jubilo a proposta e ratifica a affirmação do Presidente Taft; é a politica da pacificação, officialmente proposta e proclamada pelos governos das duas potencias.

« A opinião publica emociona-se, nos dous paizes, associando-se á iniciativa; de toda a parte chegam adhesões e applausos; e, numa reunião solenne, em Londres, Sir Edward Grey, o Sr. Asquit, o Sr. Balfour, o Lord Mayor de Londres, as altas autoridades do Clero, representantes notaveis do commercio, perante uma multidão enthusiastica, renovam a adhesão da Inglaterra.

«A Dinamarca, acto continuo, propõe-se a firmar com a Inglaterra, um tratado identico; depois o Japão; o Governo americano conta com as sympathias da França e da Russia.

« Esta iniciativa põe a humanidade no caminho da solução de suas crises.

«As nacionalidades, associações politicas, não podem, entre as fronteiras da rivalidade, da desconfiança e da ameaça, solver os problemas da sociedade humana e de cada um de seus grupos, dependentes de forças e causas geraes; não podem conter e estreitar, nos moldes de uma politica isolada e de inspirações oppostas, vidas e negocios que se estendem e se entrelaçam, por toda a extensão do globo.

« Como para certos interesses especiaes: os telegraphos, os correios, a navegação, as estradas de ferro — todas as relações do direito e da economia tendem a impor accordos. O interesse das populações que excedem, a necessidade de prover á vida e ao futuro de todas, de explorar a Terra em proveito da totalidade de seus habitantes, de regular o uso de seus climas e a extracção de suas riquezas; de conservar e estimular a civilização; de resolver, com soluções humanas e moraes, os problemas da adapta-

ção, da educação e da hereditariedade, tudo impõe que o homem do presente se concentre e se concilie para fazer que o dia de amanhã seja um dia de alegrias para a prole, em vez de um dia de sangue e de luto.

« Para que a civilização cumpra seus deveres e use de seus direitos, para que exerça a policia universal da conservação de suas conquistas e da permanencia do progresso, livre dos perigos e dos desvios da ambição e da paixão particularista, é mister que se criem o repouso, a ordem, a estabilidade, que se dirija methodicamente a distribuição do genero humano pelas zonas incultas da terra; que se solvam, com a propriedade e pela producção, as crises da fome e da miseria, que excitem as paixões revolucionarias; que se funde a paz sobre o equilibrio entre os homens, em vez de a esperar do equilibrio entre grupos politicos.

« A volta á terra, o appello dos physiocratas, é o programma de bom senso da politica pratica. Essa politica, que os governos desejam realizar, é impossivel, em estado de conflicto, sob a ameaça de lutas, entre as ambições e as desconfianças.

« A guarda e defeza dos interesses e relações que exorbitam das fronteiras nacionaes, superiores aos fins das nacionalidades, exigem um orgão, um centro de acção. Este orgão não póde ser um mero orgão de justiça; tem que ser um instrumento de alta previdencia e policia. Para garantir o « repouso », ambicionado por Dante, é precizo fundar o poder cosmopolitico de Kant.

«Este poder, que já tem esboços rudimentares nas repartições internacionaes, nos tratados de commercio e de arbitragem, no Tribunal de Presas e no Tribunal Internacional de Arbitragem, será o complemento politico da vitalidade internacional, que se manifesta em todos os phenomenos da vida contemporanea: phenomenos de credito e de relações bancarias, de anonymato commercial, de viação — de que o automobilismo e a aeração são as manifestações materiaes mais visiveis — phenomenos de associação moral, intellectual e social, que se manifestam com intensidade crescente e predominante.

«Num interessante livro, recentemente publicado, o Sr. Angell Norman desenvolveu a demonstração de que, não sendo mais

possivel a apropriação integral do territorio do paiz vencido e o confisco da fortuna privada, a guerra entre duas grandes potencias, ainda que coroada por uma victoria esmagadora e seguida de uma forte indemnização, daria ao paiz vencedor prejuizos maiores do que os lucros, levando-se apenas em conta as despezas da guerra e os prejuizos immediatos das repercussões, no paiz vencedor, dos abalos do credito.

« Esta convicção vai ganhando a consciencia dos homens de Estado.

« Não tenho, por isso, a menor hesitação em affirmar perante vós, a declaração de confiança, que ha dous annos venho fazendo. Tranquillizemo-nos: a promessa de Izaias e o voto de Napoleão estão em vesperas de realizar-se. O passo do Presidente Taft e de Sir Edward Grey pertence ao numero desses movimentos decisivos que os acontecimentos produzem e de que a humanidade se apodera para não mais retroceder.

« A paz universal será conquista do nosso tempo.

« Nesta obra, uma das melhores esperanças, das mais vivas alegrias que diviso, é que ella será, mais do que para outra qualquer região do globo, a fortuna da nossa Patria.

« O objecto da luta de hoje é inconfundivelmente claro, resume os dous problemas capitaes de nossos dias: o do direito dos fortes de fazer a policia do mundo, para garantir a civilisação; o da igualdade moral e intellectual das raças.

« Os fortes são as potencias militares; a raça superior é uma só: a dos brancos puros do Norte da Europa, os dolicocephalos louros, de olhos azues e grande estatura, descendentes legitimos e impollutos do nobre povo indu-europeu, da casta semi-divina dos Aryas...

« Não é uma metaphora: é a simples posição do problema, como o collocam os imperialistas; e não ha illusão possivel sobre a verdade apparente e manifesta da doutrina. Quaes são as nações cultas, fóco da civilização, em todas as suas faces, senão os proprios paizes que representam a força militar? São elles os fautores das luzes da nossa éra, foram delles as civilizações de Roma e da Grecia; depositarios do espolio da cultura humana, herdeiros do melhor de seu sangue, fortes pela disciplina, pelas instituições

e pelo poder militar, quem competirá com elles na direcção do mundo, na superintendencia do progresso?

«Não é, felizmente, esse o programma de todos os homens, privilegiados com a herança do «aristoi» aryo-irariano. Ha, por essas regiões temperadas e frias da Europa e nas terras colonizadas pelos seus, outro modo de comprehender as vantagens relativas de uma raça, que representa a florescencia de um longo periodo da historia. Estes sabem attingir, no vasto e complexo phenomeno da selecção, toda a extensão dos factos da adaptação e da luta; vêm, que, ao lado dos documentos anthropologicos, das mensurações e dos confrontos craniometricos, um immenso conjuncto de caracteres sociaes e psychicos demonstra á evidencia que o dolicocephalo louro não é nem um typo superior, nem um typo mais forte, mas unicamente o typo victorioso, nas regiões do norte da Europa e nos climas iguaes, por que é o herdeiro do homem primitivo dessas zonas, do animal humano acclimado, accommodado, affeiçoado, cultivado, desde éras remotissimas, nas temperaturas frias e sob as rajadas polares dessas zonas.

«Mas essa raça tende a perder a vantagem da sua antiga posição — e os seleccionistas de logica metrica consignam e lamentam, aliás erroneamente, o triste phenomeno. Porque essa tendencia? Porque as selecções de nossa éra não se fazem mais sob a pressão rigorosa dos climas e das forças physicas da natureza, de costumes de luta violenta; exercem-se depois de gerações que vêm, de ha muito, submettendo os meios physicos ás modificações de sua vontade, de sua sciencia, de sua arte e suavizando os processos da acção social. O typo physico que não encontra mais as condições materiaes em que se elaborou, degenera, no calor das habitações, nos habitos de conforto, entre a multidão de cuidados com que a sociedade e a civilização vão protegendo a sua nova criatura, o animal desembrutecido, a figura apurada do homem espiritual.

«Por isso, os homens das outras raças, como os brachicephalos mediterraneos, de que somos, em grande parte, herdeiros, mais affeitos ao calor, mais ageis, mais nervosos, entram para a concorrencia com a vivacidade, a ductilidade, a imaginação, a rapida

percepção e o prompto juizo, mais proprios para as lutas intensas, os esforços rapidos, fulgurantes, da intelligencia e do caracter, em nossa éra.

« A adaptação physica e a social são o modelador ethnico do homem. E' preciso ter de todo extraviado o espirito no labyrintho dos pormenores morphologicos e nas confrontações dos esqueletos do homem moderno com os specimens primevos, para não perceber a evidencia que resulta de um simples e elementar confronto entre o homem primitivo e o selvagem de hoje, entre o selvagem de hoje e o arya, entre o arya e o negro ou o indio civilizado; entre o negro ou o indio civilizado e o branco civilizado; para não vêr que, por toda a parte, o individuo civilizado é o mesmo, no moral e na intelligencia; que o homem primitivo, tendo evoluido em diversas direcções, a civilização o conduz para uma unidade moral e intellectual.

« Nascida ás margens do Mediterraneo, a civilização teve inicio com uma raça que ninguem ainda assimilou ao heroico privilegiado do Norte: os egypcios; passou por povos, inteiramente eliminados do seio dos filhos dos Deuses: os semitas; floresceu e floresce em regiões, jámais perlustradas pelo pé dos aryas: as dos povos de origens mongolicas e polynesicas da China e do Japão. Só com instrumentos um tanto hyperbolicos é possivel crêr que ás raizes aryas das linguagens grega e latina correspondem, com exactidão, os globulos de sangue da maioria de quantos povos innundaram as duas peninsulas das civilizações classicas; só olhos realmente strabicos podem recuzar aos celtas valiosas contribuições á obra do bem e da cultura...

« Em nossa população mixta, a proporção germanica representa pequena fracção; o sangue hollandez do norte diluiu-se nos cruzamentos; á maioria latino-celtibera-tinta, ligeiramente tinta de germanico e um pouco mais de mouro, juntam-se uma boa fracção africana, outra indigena e muitos cruzamentos.

« E' esta a patria pela qual temos que lutar. E' a patria de nossos paes, é a patria de nossos filhos. Se fossemos fieis de algum mytho cosmico, poderiamos prender os affectos e as esperanças ao esqueleto territorial da patria e... « laissez faire, laissez faire, laisser aller, laisser passer », certos de que a Pro-

videncia ou a evolução viria trazer-nos, mais cedo ou mais tarde, para vestir os ossos nús da terra natal, a carne pura e o sangue rico do arya. Se nos embalassemos em uma adoração mystica, confiariamos á fé symbolica na magia da bandeira ou do hymno nacional, a missão de prescrever nossos destinos e defender nosso futuro. Mas, nós, somos um povo sensato e intelligente como poucos; podemos confiar ás qualidades que distinguiram os fautores da nossa historia e distinguem a nossa geração, a missão de defender, preservar e melhorar um trecho da terra e uma sociedade que representam, justamente pelos caracteres de sua formação, o typo mais approximado da sociedade ideal, no futuro de civilização e de cultura humanitaria que nos espera.

« Para isso, é necessario que, ao lado da confiança em nossas forças e da fé em nosso futuro, tenhamos a consciencia precisa da crise que vamos enfrentar e a coragem de affirmar o nosso caracter, de sustentar a nossa origem e a nossa indole; que não pactuemos com os nossos adversarios e com os nossos perigos, illudindo-nos, suppondo illudir aos outros. A illusão, neste caso, seria um triplo erro: não enganaria a ninguem de fóra; enganar-nos-ia, creando uma esperança vã e desnecessaria; impedir-nos-hia de seguir na organização de nossa vida e na politica internacional, a direcção que os factos nos aconselham.

« O problema das raças, como problema de selecção social, é materia julgada pela nossa experiencia e pela experiencia de outros. Nós sabemos, porque o temos verificado, em cinco seculos de vida, que as diversas variedades humanas, habitantes de nosso sólo, são capazes de attingir o gráo mais alto de aperfeiçoamento moral e intellectual, alcançado por qualquer outra raça. Sabemos que sua adaptação ao sólo produz uma vitalidade e uma média de longevidade e de fecundidade, melhores do que as de raças tidas por superiores. Podemos affirmar que o negro puro e o indio puro são susceptiveis da producção dos mais elevados typos humanos. Sem estatisticas, lembrando nomes proprios, chegariamos facilmente á conclusão de que, para o numero dos negros e indios que têm conseguido vencer as difficuldades sociaes e economicas da educação, os homens de valor representam uma boa proporção. Quanto ao mulato, o

mesmo processo nos levará a conclusão ainda mais segura: os typos de mestiços de alta intelligencia e elevado caracter moral são communs no Brazil.

« Ha aqui, como em toda a parte, contra o mulato do povo, um preconceito; mas, este preconceito resulta antes do facto que eu chamarei de « mestiçagem social » do que de « mestiçagem ethnica ». O mulato é o typo intermedio entre duas camadas da sociedade; elevado acima do meio dos pretos, não encontra apoio bastante para se incorporar aos brancos; e fica assim, « déclassé », entre nobre e « parias », desprezado por uns e invejado por outros. Do facto social resulta um estado psychico, que caracteriza o typo ambiguo e instavel do mulato das ruas. A cordura da alma brazileira vai destruindo estas distincções.

« Mas, a este factor moral cumpre juntar outros, mais importantes, que devem visar os nossos mais sérios problemas: a consolidação do caracter do povo pela educação; a defeza de sua economia physica, pela alimentação; a defeza de sua economia social, pela politica economica. A causa principal do exito de quasi todo immigrante é o estimulo da esperança, em novos meios, promettedores e ferteis; é um phenomeno verificado, de psychologia, na historia das migrações: é precizo que as novas sociedades mantenham, nos herdeiros, a ambição laboriosa.

« Aceitando e reconhecendo, franca e corajosamente, a nossa situação, no quadro ethnographico do globo, nada temos a perder: ficaremos em plano intermedio, na escala das raças; acima da metade, talvez, do genero humano; teremos tudo a ganhar com a consciencia e o estudo real do nosso problema ethnico.

«O homem nasceu entre os tropicos; o clima de seu berço é, necessariamente, o melhor dos climas; nossas terras offerecem regiões de adaptação, para todas as raças; numa concorrencia pacifica, os representantes das raças adiantadas contam com a vantagem da educação, do preparo pratico do espirito; os filhos dos brancos aclimados, dos pretos e dos indios, com a de uma adaptação mais antiga; supprindo a aptidão dos ultimos, mantendo com firmeza os meios de desenvolvimento mental e physico de todos, deixemos que a selecção faça a sua obra, dando a cada um seu lugar proprio na trama complexa da actividade social.

« Se, simultaneamente defendessemos e economizassemos a fertilidade de nossos terrenos, applicassemos em sanear as vastas regiões das nossas bacias, em defender esses preciosos depositos de alluviões da exploração destruidora e da erosão das aguas, empregando em taes emprezas — de que já nos deram exemplos, alguns mil annos antes da nossa éra, egypcios e babylonios — o dinheiro, o tempo e as energias ás vezes despendidos em obras mais brilhantes e outras dissipadas para contentar as queixas dos contemporaneos, accumulando difficuldades para o futuro, poderiamos ficar certos, então, de estar preparando, para nossos netos, a existencia mais feliz na mais prodiga das terras; a renovação, no occidente, do continente immerso do paraizo...

« Ao lado desse trabalho de conservação e de reparação das riquezas da terra, poderiamos resolver com calma o problema do progresso physico e mental da população.

« No estado actual dos povos, não vejo motivo para que nos inquietemos com o problema das raças — tanto que o não perturbe uma proposital agitação politica. Salvo raras populações do extremo norte da Europa, que conservam pura uma das variedades da raça branca todas incorrem na condemnação dos selecionistas intransigentes: são raças mestiças, e a nossa não deve estar abaixo da média dos povos do sul da Europa. Descontando os exaggeros dessa doutrina e apoiando-nos sobre a nossa experiencia e a nossa observação, teremos, então, que resolver o problema, no ponto de vista da difficuldade que elle apresenta, em face da sciencia, para os effeitos do aperfeiçoamento no futuro.

« A questão mais delicada é a dos cruzamentos. Debate dos mais renhidos da Heredologia, apresenta duas faces interessantes para o problema ethnico dos paizes novos: a da fecundidade das uniões de individuos de raças distinctas e das dos productos dessas uniões, um com os outros, ou com individuos das raças mãis; e a da harmonia e do equilibrio dos caracteres dos pais, no descendente hybrido ou mestiço.

« Meus estudos sobre o assumpto estão ainda incompletos; as theorias divergentes oppõem-se radicalmente; e os trabalhos mais recentes de Anthropologia e de Ethnologia consignam a

falta, que eu havia sentido, de estatisticas e de observações, scientificamente baseadas, para autorizar conclusões sérias.

« Nesse debate, em que os estudos de Darwin, de Wallace, de Weissman, de Mendell e de Hugo De Vries conduzem, ora a conclusões favoraveis, ora a conclusões contrarias á fecundidade e á vitalidade dos mestiços; onde o velho litigio entre os caracteres do genero e da especie intervém como elemento perturbador; parece que a sciencia tende a excluir as questões de systema e a concentrar o exame na verificação das hypotheses de Weissman e de Mendell, que procuram restringir o problema ás questões de fertilidade do germen masculino e das cellulas reproductivas femininas, nos mestiços; de fusão e unidade dos caracteres, nas cellulas fecundadas.

« Por essas theorias parece que os phenomenos da hereditariedade são determinados ou pela afinidade entre os germens fecundantes masculinos e as cellulas reproductivas femininas ou pela permanencia de uma herança predominante, com algumas variações de alternação.

«Só uma escola ousou até hoje assentar conclusões definitivas: a dos anthroposociologistas — Vacher de Lapouge e Ammon — representantes scientificos do seleccionismo historico de Gobineau e do seleccionismo heroico de Nietzsche.

« Para esses, as leis de Weissman levam a considerar o cruzamento como a melhor maneira de estragar a boa raça e a raça má...

« Felizmente, a theoria dos seleccionistas inglezes e americanos abre-nos uma perspectiva mais auspiciosa. Para elles, os caracteres que dão victoria, na selecção humana, são os que predominam, no individuo, não em seu favor, mas a favor da sociedade; o que exclúe a conclusão de uma sentença contraria a outras raças, fundada nos caracteres fixados em virtude de adaptações realizadas sob a acção da luta physica contra a natureza e contra outros individuos.

« Sem renunciar á esperança de realizar selecções progressivas — o ideal eugenico de Galton — estes seleccionistas não lançam sobre quasi toda a humanidade uma sentença de morte.

« Qualquer que seja a decisão do futuro a respeito do debate

scientifico, o que nos cumpre, na impotencia de conservar intacta a unidade das diversas raças, é elevar, com a educação e com a politica economica, o nivel social do homem do povo — seja qual fôr a sua origem: sustentar o seu valor, a conservação de suas energias e de sua capacidade.

« E, ainda aqui, a nossa experiencia demonstra que o progresso e o regresso da prole se manifestam, egualmente, em todos os typos ethnicos, conforme o meio em que vivem e a educação que recebem.

« Nossa geographia e nossa Historia nos impõem, assim, um destino e nos reservam uma gloria: realizar, em um vasto territorio, em uma completa união de raças, o typo moderno da nacionalidade, fundada na communhão moral dos sentimentos e na social dos interesses. Este destino é tanto mais honroso quanto nos aproxima da propria imagem da humanidade; elle constitue a difficuldade de nossa posição perante as lutas que se annunciam, mas nos dá tambem, as melhores forças e os estimulos mais efficientes.

« Póde-se dizer que nos encontramos, perante taes acontecimentos, na posição em que se achavam os Estados-Unidos, quando proclamaram a doutrina de Monroe. Qual era, então, a força material da grande nação?

« Não é na força dos canhões e de couraças que devemos apoiar a nossa causa: não será delles que virá a esperança de exito: nossa causa é a causa do homem, é a causa da grande maioria da nossa especie, seu melhor apoio é a sua justiça, é a consciencia moral dos civilizados, para quem o dever da cultura e a dignidade do aperfeiçoamento consistem no apuro do amor pelo semelhante e no esforço para eleval-o ao seu nivel. Esses são os civilisados que, quasi unanimemente, acclamam, nos dous paizes anglo-saxonicos, o ideal da paz.

« Apoiados na força moral, arma da continua victoria dos fracos contra os potentes, triumpho eterno do trabalho lento da Historia sobre os cataclysmos das guerras, poderemos seguir para o futuro, tanto mais confiantes no nosso destino quanto mais unidos estivermos em torno do ideal nacional.

« Os homens são sempre mais unidos do que se julgam. Theo-

*

ricamente, todas as crenças e doutrinas, despidas do que têm de systematico e de formal, convergem para um certo numero de idéas essenciaes, communs; praticamente, todos nos conduzimos por normas identicas de moral; nossas divergencias são divergencias de fórma ou de convenção. No terreno da politica patria os interesses e soluções encontram, em um regimen de tolerancia e de liberdade, o campo de convergencia. Unamo-nos ahi, contentes com a nossa sorte e certos da victoria, porque, para lutar pelo Brazil, basta que lutemos desinteressadamente pelo futuro da humanidade. A sorte do Brazil póde ser confiada ás ondas volumosas e mansas que rolam para o «orbis humanus»...

(*Palmas. O orador é muito felicitado*).

O Sr. Barão Homem de Mello (*servindo de Presidente*) dá a palavra ao orador do Instituto, Sr. Conde de Affonso Celso.

O Sr. Conde Affonso Celso diz que ao discurso cuja leitura acaba de deleitar a attenção da assembléa, grangeando-lhe calorosos applausos, bem se póde applicar, sem exageração ou lisonja, a qualificação de monumental.

« E' monumental pelas grandiosas proporções, harmonia das linhas architectonicas, magnificencia do conjuncto, elevada significação.

« Traçou-lhe o plano e executou-o mão de mestre.

« Na realidade, predicados magistraes possue quem, muito joven, exerceu com idoneidade e brilho, eminentissimas funcções, quaes as de deputado geral, ministro da Justiça e dos Negocios Interiores, presidente do Estado do Rio de Janeiro, membro do Supremo Tribunal Federal.

« Já, anteriormente, distinguira-se em campanhas politicas e sociaes, deixando, quer no jornalismo, quer na tribuna, os mais bellos attestados de um espirito fino, operoso, cúlto, devotado á causa do progresso, paladino de alevantados ideaes.

« Quando no governo, revelou, na sustentação de situações que reputava justas, uma firmeza rara em nosso meio, de onde lhe adveiu vehemente e inexoravel opposição.

« Teve esta opposição uma vantagem: a de patentear o que aliás se lia na consciencia de todos; a absoluta integridade, a irrestricta pureza de intuitos e de habitos do novo consocio.

«Declara-se elle agora um aposentado, um retrahido; entregue apenas, na penumbra, a estudos especiaes.

«Na imprensa, entretanto, vão apparecendo formosas demonstrações da sua actividade mental e de que continúa a acompanhar, com esclarecido interesse, os negocios da Patria e os do mundo policiado.

«Formulamos todos ardentes votos para que o seu afastamento da luta se assemelhe ao de Achilles, em sua tenda, da qual o heróe grego sahiu, mal um nobre sentimento o exigiu, para colher novos e mais preciosos laureis.

«Confessou-se S. Ex.ª, ha pouco, poeta e recitou-nos linda amostra do seu estro, felizmente ainda inextincto.

«Permitta que o orador declare: S. Ex.ª foi sempre e continuará a ser poeta, pela delicadeza da sensibilidade, pelo ardor da imaginação e pelos sonhos que lhe matizam a mente.

«Nada ha de depreciativo nessa designação — poeta.

«Entre os romanos, o poeta era o vate, o que prophetisava o futuro.

«Segundo Carlyle, em todo poeta de certa ordem existe um politico, um legislador, um pensador, um philosopho.

«De poeta pareceram ao orador os conceitos por S. Ex.ª enunciados sobre a familia e a Patria — familia e Patria das quaes affirmou outro poeta:

> «Um só amor por ambas me domina,
> Amor que se concentra, ou que se expande:
> A familia é uma Patria pequenina,
> Emquanto a Patria é uma familia grande.»

«De poeta é tambem a paixão de S. Ex.ª pela paz universal, a *princesse lointaine* da qual se arvorou cavalheiro medievo.

«Leva-o essa generosa paixão ao ponto de applaudir, talvez, a seita dos quakers, fundada no seculo XVII, e que, na phrase de um publicista, constituia a idéa mesma da paz erigida em doutrina viva, personificada nos membros de uma sociedade de amigos e irmãos, os quaes tornavam a guerra impossivel, pois renunciavam a defender-se até, em caso de serem atacados.

« Exactamente ha 120 annos, em Agosto de 1791, apresentou-se á Constituinte franceza um grupo de quakers, solicitando a honra de viver sob as leis de França, mas com a reserva de jámais se verem obrigados a tomar parte nas guerras em que a França se empenhasse.

« Presidia a sessão o grande Mirabeau que lhes respondeu, com geral adhesão: « Irmãos, si tendes o direito de ser livres, « tendes igualmente o direito de impedir que vos façam escravos. « Quereis a paz? Pois é a fraqueza que determina a guerra. Só « uma resistencia universal produziria a paz universal. »

« Ora, como organizar e manter tal resistencia sem o elemento da força?!

« Impossivel fôra ao orador seguir *paripassu*, o discurso do novo consocio, discurso que elle proprio bellamente denominou um vôo de aeronave sobre a historia universal, tanto mais quanto, nesse vôo, tratou, lá das alturas, de relevantes questões anthropologicas, ethnographicas, politicas, sociaes.

« Não é licito a todos tamanha ascenção.

« Sobrelevou a todas essas questões a da paz, chamada por alguem o sonho dos homens de bem em todos os tempos.

Não opporá o orador objecções ás generosas idéas de S. Ex.ª sobre o assumpto, pois não segue, neste ponto, a um dos seus doutrinadores, Joseph de Maistre, o qual sustenta:

« A historia prova desgraçadamente que a guerra é o estado « habitual do genero humano, no sentido de que o sangue do ho- « mem corre sempre aqui ou alli, em qualquer ponto do globo, « não passando do um intervallo a paz para cada nação.»

« Mais repetidos, no correr dos seculos, do que as imprecações contra a guerra só os dythirambos a favor da paz.

« Ha, entretanto, na guerra incontestavel grandeza e mesmo utilidade, assim para os individuos como para os povos, pois a guerra desenvolve as virtudes supernas, da abnegação, do sacrificio, do heroismo, da energia maxima, fazendo enormes multidões inteiras, sem medo, nem egoismo, antes com alegria, com enthusiasmo, fazendo multidões inteiras, por um principio, um nome, uma bandeira, se exporem a fadigas immensas, dôres incriveis, exterminio certo.

« Longe está o orador de subscrever semelhante apologia, mas a verdade, confessada pelo novo consocio, é que o mundo hodierno se equipara a um vasto acampamento.

« Armam-se todos os paizes; armam-se os Estados-Unidos; arma-se a modelar Suissa; arma-se o contemplativo Oriente.

« E ao canhão raiado succedem a espingarda de agulha, o *chassepot,* os krupps, as metralhadoras, os torpedos, os submarinos, os *dreadnoughts,* o mais formidavel e aperfeiçoado apparelho militar, ainda visto pela humanidade.

« Contra as manifestações anti-bellicosas e anti-militaristas erguem-se vozes insuspeitas, como a do subtil Anatole France, o qual recentemente escreveu:

« Quanto mais penso, menos ouso desejar o fim da guerra. « Receio que o desapparecimento desta grande e terrivel potestade « produza tambem o desapparecimento das virtudes della oriun- « das e sobre que ainda hoje repousa o nosso edificio social. Sup- « primi as virtudes militares e a sociedade civil desabará. »

« Enunciava-se de maneira analoga o ondulante Ernest Renan, chegando a declarar que aos militares competiam as primeiras situações no Estado.

« Napoleão III era sincero, quando proclamou, ao iniciar o seu reinado: « O Imperio é a paz! »

« E o Imperio, em menos de 20 annos, travou cinco guerras: a da China, a da Italia, a do Mexico, a da Criméa e a da Prussia, que lhe foi fatal.

« Escreveu-se um livro para provar que Napoleão I foi pacifista.

« Tambem a revolução de 1789 que incendiou e ensanguentou o Occidente, começou declarando, como innumeros monarchas, ministros, generaes, philosophos de todos os tempos e regiões, que cumpria e urgia instituir a paz universal.

« Entre os emeritos apostolos contemporaneos da paz, destaca-se o nonagenario Frederico Passy, eminente economista, que, ha largos annos, dedica indefessa actividade a propugnar o seu ideal.

« Recentemente, deixou elle escapar longo suspiro ou, melhor, tristissima queixa de amada esperança querida.

« Em eloquente communicação á imprensa parisiense, protestou Frederico Passy contra a applicação do aeroplano como arma de guerra, idéa submettida a debate pelo *Instituto de Direito Internacional.*

« Espantou-se elle de que o *Instituto* não houvesse repellido *in limine,* com horror tal idéa.

« Pois não só não a repelliu, como parece disposto a uma conclusão affirmativa.

« E o *Instituto* recebeu, não ha muito, o premio da paz constituido por Nobel !

« Comprehende-se a indignação do venerando propheta pacifista.

« Na realidade, causa repugnancia vêr o novo invento, que parecia só destinado a approximar os homens, convertido em instrumento de devastação, em terrivel machina de morte.

« Mas, infelizmente, sempre foi assim : todas as vezes que se manifesta progresso do poder do homem sobre a natureza, logo apparece um agente superior de soffrimento e de luto.

« De certo, affirma um critico, commentando a carta de Passy, de certo a guerra é uma cousa horrivel ; as patrias, porém, não se sustentam sem se apoiarem na força : — eis uma das mais claras lições dadas pela observação e pela experiencia.

« Querendo que as nações vivam em accôrdo perfeito, esquecem os pacifistas que essas nações se compõem de homens e que o homem é, elle proprio, um ajuntamento de forças hostis.

« Cada individuo, continúa o alludido critico, traz em si uma collecção de instinctos que não descansam de se guerrear.

« A vida humana *militia est,* ensina o livro de Job, resumindo, quanto a isto, a psychologia e a realidade de todos os tempos.

« Qual o programma dos pacifistas ?

« Esforçar-se por, de dia em dia, restringir as guerras e afastar, quanto possivel, as occasiões que as provocam.

« Muito bem.

« Mas advertia o mesmo Joseph de Maistre, que asseverou ser a guerra uma necessidade social, uma lei da natureza :

« Só ha um meio de comprimir o flagello da guerra, é comprimir as desordens que trazem essa terrivel purificação. »

« *Nil desperandum!* exclama o orador.

« Façamos reinar no mundo mais fé, mais esperança, mais amor, á luz do sublime *instaurare omnia in Christo;* convençamo-nos de que a sociedade hodierna se contorce conturbada, em consequencia de riquezas mal distribuidas, de actividades mal empregadas, de ambições mal dirigidas, de discordias intestinas, e, sobretudo, de ingratidão para com o christianismo que lhe conferiu as luzes e prosperidade de que ella abusou; confiemos, empenhando-nos em merecel-o, noutro mundo de verdade, de reparação, de justiça, o unico onde dominam perpetuamente a serenidade e a bemaventurança infinitas.

« *Inquire pacem*, recommenda o psalmista. Gloria a Deus nas alturas, paz na terra aos homens de boa vontade, — cantavam os anjos, annunciando o nascimento do Redemptor.

« Entre as expressões mais completas e possiveis de paz entre os homens, figura a tolerancia.

« Essa o novo consocio achal-a-ha no *Instituto Historico*, cuja divisa é — uma affirmação de paz — *Pacifica scienciœ occupatio.*

« No *Instituto*, encontrará S. Ex.ª confrades e companheiros de apostolado, como o illustre Dr. Sá Vianna a que, ha momentos, com merecido louvor, S. Ex.ª alludiu; encontrará no egregio presidente do mesmo *Instituto* um dos maiores fomentadores da paz em nosso continente e no mundo, já por haver terminado, por meio do arbitramento, melindrosos litigios internacionaes, já por ter alcançado para a nossa Patria o primeiro logar entre as nações signatarias de tratados conducentes a derimir por aquelle processo apaziguador quaesquer conflictos que as possam dividir.

« Encontrará aqui S. Ex.ª mais do que tudo isso, — conclúe o orador, encontrará carinhoso acatamento á sua sympathica individualidade, sincera admiração pelos seus talentos e ardentes votos para que aos seus cavalheirosos tentamens correspondam conquistas cada vez mais amplas, fecundas e gloriosas.

(*Vibrantes applausos e salvas de palmas.*)

O Sr. Barão Homem de Mello (*2.º Vice-Presidente, servindo de Presidente*) diz que sente ter de encerrar a presente sessão com uma nota triste, qual a da communicação do infausto passa-

mento do nosso respeitavel Consocio Commendador Angelo Thomaz do Amaral, occorrido a 7 do corrente.

«O Commendador Angelo Thomaz, socio effectivo do Instituto desde 10 de outubro de 1851, pertencia a essa triade brilhante que se illustrou na historia do Brazil por sua alta intellectualidade e pelos relevantes serviços prestados á nossa patria nas lettras, na diplomacia, na politica e na administração.

«O primeiro dos tres irmãos, Conselheiro José Maria do Amaral, escriptor eximio e notavel poeta, assignalou-se como diplomata, contando-se como um de seus mais memoraveis serviços a firmeza com que sustentou os direitos do Brazil ante a attitude provocadora do dictador do Paraguay, D. Carlos Antonio Lopez; o segundo irmão, Conselheiro Joaquim Thomaz do Amaral, Visconde de Cabo-Frio, director geral da Secretaria dos Negocios Estrangeiros, depois das Relações Exteriores, teve a fortuna de receber em vida a consagração de seus grandes serviços á causa do Brazil feita solennemente pelo nosso Presidente o Barão do Rio-Branco; a inauguração do busto em bronze do preclaro brazileiro no salão de honra do Ministerio das Relações Exteriores em sessão civica presidida pelo seu superior hierarchico o Barão do Rio-Branco; o terceiro irmão, nosso consocio Angelo Thomaz do Amaral, appareceu cedo na carreira publica, presidindo a provincia do Amazonas, dando exhuberante prova de sua capacidade administrativa. Mas a sua modestia e a sua propensão ao estudo o fizeram retrahir-se aos embates da vida politica, devotando-se como simples cidadão á causa da prosperidade e engrandecimento de sua Patria. Foi assim que, depois de fazer proceder aos respectivos estudos, contractar com o presidente de S. Paulo, Dr. José Fernandes da Costa Pereira, a construcção da Estradá de Ferro de S. Paulo a Cachoeira, complementar da Estrada de Ferro D. Pedro II, Parahyba acima.

«O Visconde do Rio-Branco, presidente do Conselho de Ministros, concedeu sobre representação do orador, então presidente da respectiva companhia, a fiança do Estado que permittiu levar a termo feliz a grande empreza; e no dia 7 de Julho de 1877 ligou-se solennemente á Capital do Imperio a Capital da prospera provincia de S. Paulo.

« Assim a tres brazileiros illustres cabe a gloria da realização desse grandioso acontecimento: O Visconde do Rio-Branco, o Conselheiro Costa Pereira e Angelo Thomaz do Amaral, este como o iniciador. Accedendo a pedido do orador, os dois primeiros honraram com sua presença o acto da inauguração. Angelo Thomaz, agradecendo o convite, deixou de comparecer por um rasgo escrupuloso de sua excessiva modestia.

« Dedicando-se sempre aos mais acurados estudos, Angelo Thomaz do Amaral assignalou-se como um dos nossos mais notaveis economistas de que dá testemunho o seu ultimo estudo sobre *A riqueza publica do Brazil,* publicada em um dos volumes da *Decada Republicana.*

« Cumprimos todos um dever de justiça e acatamento á memoria do nosso preclaro consocio, inserindo na acta da presente sessão o voto de nosso profundo pezar pelo seu infausto passamento. »

Levanta-se a sessão ás 11 3/4 da noite. — *Eduardo Marques Peixoto,* servindo de 2.º Secretario.

SESSÃO EXTRAORDINARIA, EM 26 DE AGOSTO DE 1911

PRESIDENCIA DO SR. BARÃO HOMEM DE MELLO *(2.º Vice-Presidente).*

Abre-se a sessão ás 8 horas da noite, com a presença dos Srs. Barão Homem de Mello, Max Fleiuss, Drs. Norival Soares de Freitas, Antonio Olyntho dos Santos Pires, General Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, Capitão de Mar e Guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, Dr. Orville Adalbert Derby, Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello, Drs. Alfredo Rocha, Augusto de Lima, Sebastião de Vasconcellos Galvão e Alberto de Seixas Martins Torres.

Não tendo comparecido, por motivo justificado, o Dr. Gastão Ruch, 2.º Secretario, o Sr. Presidente convidou para substituil-o o Dr. Norival Soares de Freitas, que tomou assento á Mesa.

O SR. FLEIUSS *(1.º Secretario Perpetuo)* justificou a ausencia

dos Srs. Barão do Rio-Branco, Presidente, e Visconde de Ouro Preto, 1.º Vice-Presidente.

Depois de lida e approvada a acta da sessão anterior, foi communicado o expediente, constando de:

Officio da Sociedade de Agricultura Alagoana, sobre eleição da directoria;

Carta do consocio Dr. Rodrigo Octavio, justificando o motivo de sua ausencia.

São em seguida votados os pareceres da Commissão de Admissão de Socios, lidos na ultima sessão e relativos á acceitação dos Srs. Capitão-Tenente Francisco Radler de Aquino, na classe dos effectivos, e Dr. Homero Baptista, na dos correspondentes.

Ambos são eleitos por unanimidade.

O Sr. Barão Homem de Mello *(2.º Vice-Presidente, servindo de Presidente)* proclama Socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Capitão-Tenente Francisco Radler de Aquino e Socio correspondente o Sr. Dr. Homero Baptista.

O Sr. Dr. Norival de Freitas *(servindo de 2.º Secretario)* lê o seguinte parecer da Commissão de Historia:

«*Historia de la Republica Oriental del Uruguay* — tal é o titulo da volumosa e detalhada obra em quatro tomos, dos quaes foram presentes á Commissão de Historia o primeiro, o terceiro e o quarto, declarando o autor por escripto estar esgotado o segundo. Esta falta foi supprida pelo Sr. Dr. Sá Vianna, que apresentou á Commissão o 2.º volume, no qual nada se encontra que possa alterar o juizo formado pela mesma Commissão sobre o trabalho. Com taes subsidios apresenta-se candidato a um logar de socio correspondente do nosso Instituto o escriptor oriental, Dr. José Salgado, lente cathedratico de Historia Americana e Nacional na Universidade de Montevidéo.

« Tratar com minucias de factos historicos referentes ao paiz limitrophe com o qual o Brazil felizmente mantem ha dilatados annos relações de boa amizade é despertar o interesse dos brazileiros.

« Em verdade nos nossos annaes figuram tambem os nomes de varios e importantes personagens que têm poderosamente influido

na historia da sympathica Republica situada á margem esquerda do immenso estuario do Prata. Vêm de longe os liames de nossas historias. A principio, questões entre hespanhoes e portuguezes a proposito de limites traçados pelo tratado de Tordezilhas. Depois lutas sanguinolentas entre esses dois povos motivadas pela celebre Colonia do Sacramento e terminadas pelo tratado de Santo Ildefonso.

« Em principios do seculo passado as guerras na Banda Oriental promovidas por D. João VI nas quaes parte saliente tomou um dos personagens de cuja vida e feitos se occupou o Dr. Salgado. Em 1821, a hoje Republica Oriental, ligou-se aos dominios portuguezes e depois ao Imperio Brazileiro; a presença de orientaes nas nossas primeiras Assembléas, as guerras de 1825 a 1828 no tempo de D. Pedro I, o reconhecimento da independencia da Republica Cisplatina, a intervenção do Brazil em prol do Uruguay contra as ambições de Rosas, emfim a triplice alliança são acontecimentos justificativos do interesse com que a Commissão de Historia leu tudo quanto escreveu o Dr. Salgado.

« Servem de assumpto desses volumes as presidencias de D. Fructuoso Rivera e D. Manoel Oribe.

« Eis ahi dois nomes confirmadores do acima referido, ambos prestaram em prol da sua patria grandes e importantes serviços. Amigos a principio tornaram-se implacaveis inimigos por exigencias da Circe, que se chama politica. Ambos combateram contra os nossos antepassados. Não quer isto dizer se possa olvidar a bravura desses notaveis generaes.

« Para dar conta de seus intuitos o Dr. Salgado manuseou documentos inéditos, leu jornaes da época, consultou todos quantos lhe podiam facilitar a patriotica tarefa. Nada escapou ao escriptor: lutas politicas, revoluções, movimento economico, litterario, scientifico e tudo quanto tem contribuido para o progresso do seu paiz, desde 1830 a 1838.

« Possue o Dr. Salgado imparcialidade, criterio, observação, qualidades de um verdadeiro historiador moderno.

« Tanto basta para o Instituto receber em seu seio tão operoso trabalhador.

« Accresce: o Dr. Salgado é professor além de Historia Nacional, de Historia Americana.

Dahi, naturalmente, grandes proventos advirão para o Instituto em se corresponder com este Historiographo, com o fim de tornar conhecida de todos a situação da actual Republica Oriental.

E' preciso que todas as Republicas Americanas estabeleçam um verdadeiro commercio intellectual com o intuito de, integralisando suas historias, mostrar aos pósteros os feitos passados dos paizes componentes hoje de grande continente descoberto por Christovam Colombo.

Sala das Sessões, 26 de Agosto de 1911. — *Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho*, relator. — *B. F. Ramiz Galvão.* — *Gregorio Thaumaturgo de Azevedo.*

E' approvado e vae á Commissão de Admissão de Socios, relator o Sr. Dr. Manoel Cicero.

O Sr. Dr. Norival de Freitas *(servindo de 2.º Secretario)* lê a seguinte proposta:

« Temos a honra de propôr para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Dr. Washington Luiz Pereira de Souza, illustre homem de lettras, candidato a esta distincção, Secretario da Justiça do Estado de S. Paulo e autor dos excellentes trabalhos historicos: *Contribuição para a Historia da Capitania de S. Paulo — Governo de Rodrigo Cezar de Menezes*, inserto no vol. VIII, pag. 22 da *Revista do Instituto Historico de S. Paulo* (1904) e *Antonio Raposo*, publicado no vol. IX da mesma *Revista* (1905).

Rio, 25 de Agosto de 1911. — *Max Fleiuss, Arthur Guimarães, Norival Soares de Freitas.* »

Vae á Commissão de Historia, relator o Sr. Dr. Ramiz Galvão.

O Sr. Barão Homem de Mello *(2.º Vice-Presidente, servindo de Presidente)* dá a palavra ao 1.º Secretario Perpetuo.

O Sr. Max Fleiuss *(1.º Secretario Perpetuo)* vae occupar por algum tempo a attenção do Instituto com um assumpto que é realmente interessante. Não abusará da paciencia dos seus distinctos collegas, embora a materia se preste a uma longa e sempre curiosa dissertação.

« No desempenho dos seus deveres de Secretario, acompanhando a nova catalogação do Archivo, teve ensejo de encontrar uma serie de maços antigos e de ha muito rotulados com os seguintes dizeres: « *Cartas de socios e outras pessoas* », com algumas indicações chronologicas. Abrindo esses maços deparou-se-lhe uma serie estupenda de cartas firmadas pelos socios fundadores do Instituto e muitas dellas apenas notificadas nas actas das primeiras sessões, quando deveriam ter sido publicadas na integra.

« São talvez 5.000 documentos importantes, dos quaes apenas estão já preparados pelo orador cerca de 300, exprimindo alguns delles predominantes traços de caracter dos signatarios. Não raros valem como testemunho, de excepcional relevancia, para o estudo da época ou da personalidade.

« E' sabido quanto hoje se considera esse capitulo dos estudos historicos. Sem documentos não ha historia, diz sentenciosamente Langlois.

« Como se sabe, a Allemanha estabeleceu um curso especial — o da *Euristk*, assim denominada a parte da historia que trata da busca e da selecção dos documentos.

« Diversas associações, como a *Sociedade dos Bollandistas*, de Bruxellas (que se communica com o Instituto), e a Academia Imperial de Vienna, possuem empregados especiaes, verdadeiros missionarios, para organizarem os catalogos dos documentos que lhes interessem. Diversos paizes igualmente não descuram o assumpto, antes a elle dedicam a maior attenção.

« A sociedade *Monumenta Germaniæ Historica* instituiu, ha muito, vastos inqueritos desse genero.

« A França possue o seu *Catalogo Geral dos Manuscriptos das Bibliothecas Publicas da França*, catalogo que, iniciado em 1885, já conta mais de 50 volumes.

« *O Corpus Inscriptionum Latinarum* foi levado a effeito em menos de cincoenta annos.

« Portugal tem, além dos *Archivos dos Açores* e do *Boletim da Academia de Lisboa*, os *Annaes da Universidade de Coimbra*.

« Tudo isso vem provar a importancia que se reconhece na pesquiza dos documentos, especialmente manuscriptos. O nosso Instituto, felizmente, comprehendeu sempre o valor dessas tare-

fas, já pelo estipendio do seu magnanimo e saudoso protector, o Sr. D. Pedro II, já pela generosa espontaneidade de consocios, já com os seus proprios recursos. Assim teve as missões Varnhagen, João Francisco Lisboa, Joaquim Caetano, Gonçalves Dias e em 1907, por deliberação do orador, a do hoje digno consocio o Dr. Norival de Freitas que nos archivos e bibliothecas de Portugal procedeu a fructuosas pesquizas, o que tudo consta do seu bem elaborado Relatorio, publicado no tomo LXX da *Revista.*

« Não sejam tambem esquecidos os trabalhos do illustrado consocio Dr. Manuel de Oliveira Lima que offereceu ao Instituto — e foi por este impressa — uma extensa *Relação dos manuscriptos existentes no Museu Britannico de Londres relativos ao Brazil.*

« No momento actual um digno consocio, o Dr. Pedro Souto Maior, procede, por sua propria conta, nos archivos hollandezes, a averiguações e exames interessantissimos.

« Mas, não só de hoje em nossa Patria, se liga grande apreço aos documentos. Na Bahia em 1724 fundava-se a *Academia Brasilica dos Esquecidos*, protegida pelo Vice-Rei, e em 1759 a *Sociedade Brasilica dos Recemnascidos*, dedicadas ambas ao estudo dos problemas do nosso passado, através dos documentos já então descobertos.

« Aqui, no Rio de Janeiro em 1736, com os mesmos fins, estabelecia-se a *Academia dos Felizes* e em 1752 a *Academia dos Selectos.*

« Finalmente ha o *Instituto Historico e Geographico Brazileiro,* que desde 1838, sem o menor desalento, reune preciosissimos repositorios.

« Revendo, pois, o orador a primitiva catalogação do Archivo, encontrou na parte privativa da Secretaria do Instituto os maços de cartas a que alludiu.

« Não se achava essa dependencia do Archivo sob a direcção do provecto bibliothecario do Instituto, o Sr. Dr. José Vieira Fazenda, e por isso foi para elle verdadeira surpresa e não menor prazer examinar com o orador taes manuscriptos.

« E o orador desde já proclama o auxilio efficaz que nesse particular lhe está prestando o Dr. Fazenda. Conhecesse o eminente bibliothecario os documentos ora encontrados e, como

muito bem disse o eximio orador official do Instituto, Sr. Conde de Affonso Celso, em notavel artigo publicado no *Jornal do Brazil* de 22 deste mez (extremamente bondoso para com o humilde Secretario), teria delles tirado todo partido para as suas chronicas modelares de erudição e graça.

« Esses papeis, porém, pertenciam ao archivo especial da Secretaria, divisão que o orador acaba de extinguir, pois entende que a Secretaria deve guardar os seus papeis apenas por um anno, passando-os depois para o Archivo Geral do Instituto.

« Dividiu o orador a sua exposição em tres partes. Tratará da primeira, exhibindo as cartas autographas em que conspicuos personagens agradeceram a investidura de socios do Instituto.

« Antes de tudo mostrará o documento a que se deve a fundação do Instituto. E' a proposta, toda do punho do Marechal Raymundo José da Cunha Mattos, por elle assignada e pelo Conego Januario da Cunha Barboza, apresentada por ambos á *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional* a 16 de Agosto de 1838.

Depois o orador lê cartas de Henrique Julio Wallenstein, Francisco Cordeiro da Silva Torres (Visconde de Jurumirim), Manoel Odorico Mendes, Felix Emilio Taunay, Joaquim Caetano da Silva, Balthazar da Silva Lisboa, Conego Luiz Gonçalves dos Santos *(o Perereca)*, Francisco Villela Barboza, 1.º Marquez de Paranaguá, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, Marquez de Baependy, Francisco Freire Allemão, João Francisco Sigaud, Joaquim Floriano de Toledo (sogro do illustre Sr. Visconde de Ouro Preto, 1.º Vice-Presidente do Instituto e avô do insigne orador, Conde de Affonso Celso), Bernardo Jacintho da Veiga, Januario da Cunha Barboza, communicando o fallecimento do Marechal Cunha Mattos; Miguel Calmon du Pin e Almeida (depois Marquez de Abrantes), Silvestre Pinheiro Ferreira, José Antonio Pimenta Bueno (depois Marquez de S. Vicente), Monsenhor Manoel Joaquim da Silveira, José da Costa Carvalho, Antonio Pereira Rebouças, Manoel Felizardo de Souza e Mello, Claudio Luiz da Costa, D. Maria Venancia de Fontes Pereira de Mello (viuva do Marechal Cunha Mattos), Antonio Ladislau Monteiro de Baena, Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva, Candido Borges Monteiro, Eugenio Garcy de Monglave, Diogo Duarte Silva, José Cesario de Miranda

Ribeiro, Visconde de São Leopoldo (1.º Presidente Perpetuo do Instituto), Roque Schuck, Francisco Adolpho Varnhagen (notavel carta em que dá noticias a respeito do *Roteiro* de Pero Lopes), Justiniano José da Rocha, Luiz Moutinho de Lima Alvares e Silva, Conde de Ney (terceiro filho do grande Marechal de Napoleão I e que se achava no Rio de Janeiro em missão diplomatica), do inconfidente José de Rezende Costa (acompanhada de documentos em que corrige o que escreveu Southey sobre a *Inconfidencia Mineira)*, José Paula Figueirôa Nabuco de Araujo, Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, Caetano Maria Lopes Gama, Theodoro Taunay, Ferdinand Denis, José Clemente Pereira, João Baptista de Almeida Garrett, todas essas do anno de 1839. E mais, de Antonio Feliciano de Castilho, cuja assignatura curiosissima bem exprimia a enfermidade que o cruciava; Duque de Palmella, Peter Wilhelm Lund, essas de 1845.

Mostra uma carta de Carlos Antonio Lopes, presidente do Paraguay, datada de Assumpção a 29 de Julho de 1845, agradecendo em termos calorosos a sua nomeação de socio honorario.

Ainda mais: do Conselheiro Tito Franco de Almeida (1857), Francisco Ignacio Marconces Homem de Mello (que neste momento dirige os trabalhos do Instituto) de 1858; do Dr. Carlos Frederico Martius (1859).

Lê depois a seguinte interessante carta do nosso actual Presidente, Sr. Barão do Rio-Branco, então Dr. José Maria da Silva Paranhos.

« Liverpool, 11 de Setembro de 1885. Ex.mo Amigo Sr. Visconde do Bom Retiro. Na *Revista* do Instituto de 1882, parte I, foi publicada uma *Relação* do Piloto Corrêa Lisboa sobre as operações da esquadra portugueza no Rio Grande e combates de 19 de Fevereiro e 1 de Abril desse anno. Não foram porém publicadas as *Plantas* ou *Mappas* a que se refere. Assim, a pag. 1 e 2 lê-se o seguinte: « ...foi dar fundo no logar notado no *Mappa* 2.º com A, onde está a embarcação n.º 7...» A' pag. 110, ultima linha, lê-se: « ...como tudo mostra o mappa ».

« Escrevi hoje ao Sr. Martins, bibliothecario do nosso Instituto e da Bibliotheca Fluminense, encarregando-o de pedir a V. Ex.ª que se digne de remetter-me copias desses mappas, ou que

obtenha do Instituto permissão para que me sejam confiados. Vindo em carta registrada não haverá perigo de extravio, e eu os poderei fazer copiar aqui.

«Desejo muito ver esses mappas ou plantas porque tenho em preparação um trabalho a que pretendo dar o titulo de «Annaes da Marinha Brazileira».

«Nelle tratarei tambem das campanhas navaes durante o tempo colonial, pois ha nesse periodo muita cousa interessante ignorada hoje, e que póde servir de lição aos nossos officiaes. Refiro-me a combates navaes no Rio Grande e no Rio da Prata.

«Nesse trabalho tratarei tambem da conquista de Cayena, das operações da esquadra portugueza no Prata durante a guerra contra Artigas, operações no Uruguay, combates com os corsarios de Artigas, guerra da Independencia, operações em Pernambuco em 1824. 1.ª guerra do Rio da Prata (1825-28), a 2.ª contra Rosas, e finalmente a da Banda Oriental e a do Paraguay. Sobre tudo isso tenho documentos e informações que reuni no Brazil, revolvendo os nossos archivos e consultando homens como Leverger (que me deu o seu *Diario* de Campanha), Inhaúma, Angra, Wenceslão Lisboa, Corrêa de Mello e muitos outros.

«Recolhi tambem muitos papeis particulares, entre os quaes as memorias ineditas de Sena Pereira e Antonio Pedro de Carvalho, sobre as operações no Uruguay em 1827.

«Como durante a menoridade do Imperador e mesmo durante os primeiros annos que se seguiram á maioridade as nossas forças navaes prestaram assignalados serviços no Rio Grande do Sul, Pará, Bahia e Pernambuco, defendendo a causa da integridade do Imperio, escrevi agora para o Rio pedindo copia de documentos officiaes que tratem dos acontecimentos desse periodo, pois até aqui só me occupei das nossas guerras exteriores. Chegando essas copias poderei completar o quadro do meu trabalho e penso que prestarei um serviço á nossa terra.

«Os Argentinos teem sobre a sua historia naval varios trabalhos, referindo as lutas com a Hespanha e com o Brazil. Nós nada temos, e muitos dos nossos officiaes ignoram os nomes de alguns homens que se illustraram no serviço do Brazil dirigindo as nossas forças navaes. Citarei um nome hoje esquecido, o de

Norton, que commandava a divisão do bloqueio de Buenos-Aires, que se bateu muitas vezes nessa guerra, e em 1828 perdeu um braço, como Grenfell dois annos antes.

« Conto que V. Ex.ª não esqueça o pedido que lhe faço dos mappas de Corrêa Lisboa. Eu tenho outras plantas desse tempo (copias), mas a descripção de Corrêa Lisboa é a mais completa e exacta que conheço, e, portanto, penso que as suas plantas serão muito melhores que as outras.

« Tambem vi ha annos no Instituto, examinando varios manuscriptos, um papel contendo desenhos coloridos dos navios da esquadra portugueza do sul do Brazil em 1776 ou 1777. Eu estimaria tambem muito poder fazer copiar esses desenhos.

« Como disse a V. Ex.ª, a remessa pelo correio não offerece perigo algum, e eu terei o cuidado de devolver os originaes sem grande demora.

« Acabo de ler nos jornaes que o Visconde de Barbacena offereceu ao Instituto uma memoria sobre a campanha de 1827. Não será possivel obter da Commissão da « Revista » a publicação da memoria este anno mesmo? Penso que sim, si V. Ex.ª se interessar por isso.

« Desejo muito ler esse trabalho, porque é natural que contenha informações novas extrahidas de documentos deixados pelo Marquez de Barbacena.

« Peço a V. Ex.ª que me mande as suas ordens. Bem sabe que tem em mim um amigo que não é de muitas cartas, mas que é muito dedicado e muito grato a V. Ex.ª

« Não tenho podido escrever ao nosso Visconde de Nioac, mas tenho tido noticias delle pelos jornaes. Em materia de cartas sou o homem dos adiamentos. É defeito de que não me pude ainda corrigir. O Visconde de Nioac, entretanto, sabe que mereço alguma desculpa, porque esse defeito não provém de vadiação minha, mas da vida muito atarefada que levo.

« Aqui fica ás ordens de V. Ex.ª o seu muito attento venerador, amigo e creado obrigadissimo. — *J. M. da Silva Paranhos.* »

« Esta curiosa carta, que bem exprime o *ubique patria memor,* foi apenas notificada na sessão de 13 de Novembro de 1885, assistida por S. M. o Imperador.

Passa agora o orador á segunda parte, a leitura dos documentos do Patriarcha da Independencia.

Lê os seguintes:

Carta de bacharel em Philosophia, passada a Josephus Bonifacius de Andrada e Silva, no dia 8 de Julho de 177...? (o documento está rasgado nesse ponto) pela Universidade de Coimbra;

— Diploma de socio da Real Academia de Sciencias de Lisboa, passada a Josepho Bonifatio de Andrada — Viro Clarissimo, datado de 4 de Março de 1789;

— Diploma de socio da Sociedade Philomathica de Pariz, datado de 29 de Janeiro de 1791, concedido ao Sr. D'Andrada;

— Certificado passado e assignado pelo Dr. Fourcroy, medico pela Faculdade de Medicina de Pariz, professor de Chimica, etc., em que declara ter o Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva seguido um curso particular de mineralogia e chimica em seu laboratorio, desde 17 de Setembro de 1790 até 1 de Janeiro de 1791, com toda a assiduidade e zelo possiveis — 16 de Janeiro de 1791;

— Diploma de socio da Sociedade de Historia Natural de Pariz, concedido a José Bonifacio de Andrada e Silva, em sessão de 4 de Março de 1791;

— Autorização a José Bonifacio de Andrada e Manoel Ferreira da Camara para inspeccionarem as minas e fundições da Saxonia, datada de Dresden a 13 de Outubro de 1792;

— Autorização a José Bonifacio e Manoel Ferreira da Camara para inspeccionarem as salinas austriacas, datada de Vienna 7 de Abril de 1794;

— Autorização a José Bonifacio para inspeccionar as minas e fundições da Austria, datada de Vienna a 11 de Outubro de 1795;

— Autorização a José Bonifacio, Manoel Ferreira da Camara e Joaquim Pedro Fragoso de Siqueira para examinarem as minas da Hungria, datada de Neusohl a 15 de Dezembro de 1795;

—Passaporte datado de Vienna em 1 de Setembro de 1796 e assignado por D. Laurent de Lima, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario junto ao Imperio da Austria, pedindo

livre passagem, garantias e auxilios para José Bonifacio de Andrada e Silva, que se dirige para Stockolmo;

— Salvo-conducto concedido a José Bonifacio de Andrada e Silva em 9 de Setembro de 1796 e assignado por Egidius, Barão de Collembach, e mandado passar por ordem do Imperador da Austria;

— Passaporte, datado de Copenhague de 17 de Maio de 1799 e assignado por Jean Rademaker, Encarregado dos Negocios da Côrte de Portugal no Reino da Dinamarca, pedindo passagem livre e segura para José Bonifacio de Andrada e Silva, que se dirige para a Allemanha e Inglaterra, e auxilios de que o mesmo possa necessitar;

— Diploma de socio da Real Academia de Sciencias de Stockolmo, conferido a José Bonifacio de Andrada e Silva em 25 de Outubro de 1797;

— Carta pela qual D. João, Principe Regente de Portugal, etc., ha por bem fazer Mercê ao Bacharel José Bonifacio de Andrada e Silva de nomeal-o Intendente Geral das Minas e Metaes do Reino e membro do novo estabelecimento publico, para a direcção das Casas da Moeda, Minas e Bosques, graduando-o com predicamento de Primeiro Banco e condecorando-o com a Beca Honoraria, datada de Lisboa de 25 de Agosto de 1801;

— Alvará datado de Lisboa de 29 de Agosto de 1801, mandando a qualquer cavalleiro professo da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo arme Cavalleiro, na Real Capella de Nossa Senhora da Ajuda, ou na Igreja da Conceição dos Freires, a José Bonifacio de Andrada e Silva;

— Carta de Padrão de onze mil réis de tença effectiva, cada anno, concedida a José Bonifacio de Andrada e Silva, a titulo do Habito da Ordem de Christo, datado de 30 de Março de 1803;

— Carta de Mercê de Dom João, Principe Regente de Portugal e dos Algarves, etc., concedendo ao Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, lente da cadeira de metallurgia, um logar ordinario de Desembargador da Relação e Casa do Porto, com exercicio no tempo das férias, datada de Lisboa de 8 de Agosto de 1806;

— Alvará pelo qual o Principe Regente ha por bem fazer Mercê do logar de Superintendente do Rio Mondego e Obras

Publicas da Cidade de Coimbra ao Desembargador da Relação e Casa do Porto José Bonifacio de Andrada e Silva, datado de Lisboa de 13 de Julho de 1807;

Carta de Mercê de Dom João, Rei de Portugal e do Brazil, etc., concedendo ao Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva o titulo do Seu Conselho, datada do Rio de Janeiro de 18 de Agosto de 1820;

— Portaria de 17 de Julho 1823, assignada por D. Pedro I, e referendada por Caetano Pinto de Miranda Montenegro, concedendo a José Bonifacio de Andrada e Silva a demissão que pediu de Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio e Estrangeiros «*e tendo sempre em lembrança seu zelo pela Causa do Brazil e os distinctos serviços que tem feito a esse Imperio*».

« Passa agora o orador á terceira parte da exposição, talvez a mais importante.

Lê doze cartas dirigidas pela primeira Imperatriz do Brazil, Dona Maria Leopoldina Josepha Carolina, filha do Imperador da Austria, Francisco I e irmã da segunda esposa de Napoleão I.

« São cartas do maior relevo historico e que servem como um attestado segurissimo de uma época do nosso paiz, projectando muita luz sobre acontecimentos ainda controvertidos.

« São escriptas em allemão, todas do punho da Imperatriz Leopoldina e dirigidas a um Senhor Schaeffer, que, segundo verificou o Dr. Vieira Fazenda, esteve no Rio de Janeiro, servindo como major das tropas de Pedro I, tendo residido na rua da Misericordia. Dessas cartas, que parece serem umas remettidas para esta cidade e outras para a Europa, fez a Imperatriz um extracto, um simples extracto, de seu proprio punho. Facilmente, porém, se percebe que o original é muito mais extenso, e assim, suppondo, o orador pediu a um distincto amigo, cujo nome declinará, entre os agradecimentos que lhe são devidos, o Sr. Paulo Labouriau, nosso patricio, que, conhecedor profundo da lingua allemã, fez uma traducção completa das mesmas cartas.

« Entre as cartas da Imperatriz que o orador lê, fazendo varias considerações sobre os personagens nellas citados, ha uma copia de uma outra de D. Pedro I, assignada por esse Imperador e que constitue um attestado do caracter voluntarioso daquelle Principe.

« Copia — Meu Schaeffer. Muito lhe agradeço a boa gente que tem mandado para Soldados. A Imperatriz já lhe mandou da minha parte encommendar mais 800 homens para Soldados; agora eu lhe ordeno que em logar de Colonos cazados mande 3.000 Solteiros para Soldados além dos oitocentos. O Ministro dos Negocios estrangeiros lhe mandou dizer que não mandasse mais, mas eu quero quo mande os que por esta lhe encomendo, e faça de conta que não recebeu ordem para não mandar. Mande mande mande pois lhe ordena quem o ha de desculpar e premiar pois he Seu *Imperador*, Boa Vista 13 de Junho de 1824. »

Faz o orador algumas considerações sobre esse documento e conclue dizendo que pensa ter prestado um serviço ao Instituto e á historia patria com a revelação de taes documentos. Lembrando-se de uma phrase de Taine, julga-se feliz porque conseguiu reunir uteis subsidios para os futuros historiadores. (*Palmas, muitos applausos. O orador é vivamente felicitado pelos consocios e pela assistencia.*)

O Sr. General Thaumaturgo de Azevedo propõe que os documentos encontrados pelo Sr. Fleiuss sejam submettidos a exame de uma commissão especial.

O Sr. Barão Homem de Mello, (*servindo de presidente*), resolve enviar os documentos ás Commissões de Historia e Redacção da *Revista*, afim de serem escolhidos os que devem ser publicados.

O Sr. Fleiuss (*1.º Secretario Perpetuo*) lê a seguinte proposta: « Proponho que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro convide a Academia Brazileira de Lettras, a Academia Nacional de Medicina, o Instituto da Ordem dos Advogados Brazileiros, o Club de Engenharia, a Sociedade de Medicina e Cirurgia, o Centro Positivista, a Sociedade de Geographia, as Congregações das Faculdades e Academias de ensino superior e dos Institutos officiaes de ensino secundario, a Sociedade Nacional de Agricultura, a Sociedade dos Homens de Lettras, o Centro da Imprensa, os redactores chefes dos jornaes e revistas publicados nesta Capital

para lhes submetter o projecto de fundação de uma associação, destinada a fazer o estudo dos problemas geraes e permanentes da nação e da sociedade brazileira. A projectada associação será denominada Universidade Brazileira, compor-se-ha de tantas secções quantos os ramos em que podem ser divididas as sciencias e artes e terá varias categorias de socios.

« A associação manterá permanentemente, nesta Capital, uma repartição incumbida de estudar os problemas, fazer as publicações e promover a execução das soluções adoptadas. Esta repartição denominar-se-ha « Centro de Estudo dos Problemas Brazileiros. »

« O objectivo da associação será procurar assentar, no estudo pratico de nossa terra e de nosso povo, as idéas fundamentaes da politica nacional, dar aos problemas moraes e materiaes da nossa patria soluções scientificamente assentadas, capazes de reunir os espiritos em torno de um programma conciliador de todas as doutrinas e opiniões sobre as bases amplas da liberdade e da ordem.

« Reunir os elementos intellectuaes do paiz, submetter á sua critica e apreciação as questões vitaes da nossa nacionalidade, indicar as soluções naturaes de nossos problemas geraes, procurando imprimir continuidade aos movimentos da opinião e dos orgãos politicos, orientar a marcha do progresso brazileiro e a solução dos incidentes que abalarem a sociedade — eis os meios habituaes de acção da Universidade.

« A projectada instituição terá, em summa, por missão fazer intervir efficazmente a intellectualidade brazileira na direcção da nossa vida social e politica.

« Os membros das associações fundadoras, as de todas as outras do paiz, que adherirem á Universidade, os homens de lettras e de sciencias, os artistas, os professores, magistrados, medicos, advogados, as pessoas que prestarem serviços de qualquer natureza aos estudos, trabalhos e fins da Universidade, serão classificados nas seguintes categorias :

Grandes Protectores
Protectores
Grandes Benemeritos

Benemeritos
Grandes Bemfeitores
Bemfeitores
Grandes Honorarios
Honorarios
Grandes Cooperadores
Cooperadores e
Contribuintes,
da Universidade Brazileira.

« Cada uma destas categorias dará direito a certas distincções estabelecidas nos Estatutos.

« Sala das Sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 26 de Agosto de 1911. — *Alberto Torres.* »

Vae á Commissão de Estatutos e Redacção, relator o Sr. Conde de Affonso Celso.

O Sr. Fleiuss *(1.º Secretario Perpetuo)* lê o seguinte parecer, que fica para ser votado na proxima sessão :

« A Commissão de Admissão de Socios, examinando a proposta que indica para Socio correspondente do Instituto Historico o Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay, é de parecer que a mesma deve ser approvada, visto preencher o proposto as condições estabelecidas pelos Estatutos, além de ser portador dum nome tão caro ao Instituto.

Sala das Sessões, 25 de Agosto de 1911. — *Barão de Alencar,* relator. — Dr. *Manoel Cicero.* — *Xavier da Silveira Junior.* »

Levanta-se a sessão ás 10 horas da noite. — *Norival Soares de Freitas* (servindo de 2.º Secretario).

6.ª SESSÃO ORDINARIA, EM 23 DE SETEMBRO DE 1911

Presidencia do Sr. Conde de Affonso Celso *(servindo de Presidente).*

Ás 8 horas da noite, presentes os Srs. Conde de Affonso Celso, Max Fleiuss, Eduardo Marques Peixoto, Drs. Manoel Alvaro de Souza Sá Vianna, Alfredo Rocha, Antonio Augusto de Lima, Orville A. Derby, José Americo dos Santos, Capitão de Mar

e Guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, Coronel Honorio Lima e Dr. Norival Soares de Freitas, abre-se a sessão.

Assume a presidencia o Sr. Conde de Affonso Celso, nos termos do artigo 29 dos Estatutos, por ser o mais antigo dos socios presentes e haverem faltado com causa justificada o Sr. Presidente e os Vice-Presidentes.

O Sr. Conde de Affonso Celso (*servindo de Presidente*) convida o Sr. Eduardo Marques Peixoto a servir de 2.º Secretario, na ausencia do Dr. Gastão Ruch, que, por enfermo, não compareceu á sessão.

O Sr. Marques Peixoto (*servindo de 2.º Secretario*) procede á leitura da acta da sessão anterior, a qual é, sem debate, approvada.

O Sr. Fleiuss (*1.º Secretario Perpetuo*) dá conta das offertas constantes: dos *Annaes da Sociedade Rural Argentina*, devidos ao consocio Sr. Carlos Lix Klett; das seguintes obras devidas ao consocio Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho: « Pièces principales de la correspondance échangée entre les ministres du Chili et des Estats-Unis d'Amérique »; « Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa », n.os 4 a 7 de 1901; « Voyage au Pays des Milliards », par Victor Tissot; « Voyage au pays annexé, par Victor Tissot, (estas duas ultimas obras trazem muitas annotações do offertante); « Plano do Combate e Passagem da Fortaleza de Humaytá em 19 de Fevereiro de 1868 », desenho encontrado em uma carta intima escripta pelo então Vice-Almirante Barão de Inhaúma ao pai do 1.º Secretario Perpetuo, que fez esse offerecimento ao Instituto.

O Sr. Conde de Affonso Celso (*servindo de Presidente*) agradece essas offertas e salienta a ultima dellas, recordando os serviços prestados pelo pai do offertante, Henrique Fleiuss, quer como director e desenhista da *Semana Illustrada*, quer como director e proprietario do Imperial Instituto Artistico.

Em seguida o Sr. Fleiuss (*1.º Secretario Perpetuo*) participa ao Instituto que no incendio da Imprensa Nacional, occorrido na noite de 15 deste mez, perdeu a associação preciosos originaes

que faziam parte do tomo da *Revista*, alli em adiantada composição. Attendendo á conveniencia de não prejudicar a sahida da nossa utilissima publicação, o orador diz que se entendeu com S. Ex.ª o Sr. Barão do Rio-Branco, nosso inclito Presidente, ficando resolvidas providencias que asseguram a rapida impressão da parte 2.ª do tomo LXXIII, que será distribuida no proximo mez, podendo apparecer em Dezembro a parte I do tomo seguinte.

O Sr. Conde de Affonso Celso *(servindo de Presidente)* diz que o Instituto lamenta a perda soffrida e confia no exito das providencias tomadas.

O Sr. Marques Peixoto (*servindo de 2.º Secretario*) lê depois os pareceres da Commissão de Admissão de Socios, relativos aos Drs. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho, elevado de socio effectivo a socio honorario, e Dr. José Salgado, para socio correspondente.

Taes pareceres, que ficaram sobre a mesa para ser votados na proxima sessão, estão lavrados da seguinte fórma:

« A' Commissão de Admissão de Socios foi presente a proposta pela qual é elevado a socio honorario do nosso Instituto o venerando Sr. Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho, admittido em 24 de Abril de 1903.

« Considerando que o Sr. Dr. Leite Velho além de merecimentos proprios tem prestado notaveis serviços á nossa associação, collaborando na *Revista* ;

« Considerando que durante muitos annos tem elle desempenhado com zelo e proficiencia diversos cargos nas Commissões Permanentes;

« Considerando que além de obras notaveis de sua lavra, tem o Sr. Dr. Leite Velho offerecido ao Instituto outras de summa raridade;

« Considerando, emfim, que o Instituto deve reservar titulos honorificos a quem delles com razão se mostrar merecedor: é a Commissão de Admissão de Socios de parecer que seja a mesma proposta approvada.

Sala das Commissões, 19 de Setembro de 1911. — *Barão de Alencar*, relator. — *Xavier da Silveira Junior*. — *Dr. Manoel Cicero.* »

«A Commissão de Admissão de Socios esposa os justissimos conceitos expendidos pela Commissão de Historia, relativamente aos meritos do Dr. José Salgado, lente cathedratico da Universidade de Montevidéo.

« Trata-se de uma figura eminente, digna por varios titulos.

« Quanto ás exigencias dos Estatutos, preenche vantajosamente o illustre proposto, sendo pois de inteira justiça que se lhe confira o diploma de socio correspondente.

Sala das Commissões, 22 de Setembro de 1911. — *Dr. Manoel Cicero*, relator. — *Xavier da Silveira Junior.* — *Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel.*»

Em seguida é corrido o escrutinio para julgamento do parecer da Commissão de Admissão de Socios, lido na ultima sessão, e relativo ao Sr. Dr. Affonso de Escragnolle Taunay.

O parecer é approvado unanimemente e o Sr. Conde de Affonso Celso, ao fazer a proclamação, recorda a brilhante figura que no Instituto desempenhou o pai do novo socio, que tanto se notabilizou tambem nas lettras patrias.

O Sr. Fleiuss (*1.º Secretario Perpetuo*) communica achar-se na Secretaria o novo socio effectivo Sr. Commandante Francisco Radler de Aquino, que foi admittido nos termos dos Estatutos.

O Sr. Conde de Affonso Celso (*servindo de Presidente*) nomeia uma commissão composta dos Secretarios e do Sr. Dr. Sá Vianna, para introduzil-o no recinto.

Dá entrada no recinto e toma assento o Sr. Commandante Francisco Radler de Aquino, que pronuncia o seguinte discurso:

«Ex.mo Sr. Presidente. Minhas senhoras. Meus senhores.

«E' com intima satisfação, que venho agradecer aos illustres membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro a alta prova de distincção que me dispensaram, proclamando-me unanimemente na sua ultima sessão, socio effectivo deste Instituto.

« Cumpro tambem um grato dever manifestando mais particularmente o meu sincero reconhecimento ás Commissões de Geographia e de Admissão de Socios pelos seus benevolos pareceres sobre os meus modestos trabalhos, bem como sobre o seu humilde autor.

« Guardarei esta demonstração, como a mais preciosa das recompensas que tenho recebido pelos pequenos esforços empregados no sentido de divulgar entre nós os assumptos de que tratei naquelles trabalhos.

« Dentro da limitada esphera dos meus parcos conhecimentos, procurarei, com dedicação, corresponder á prova de confiança e distincção que o Instituto acabou de dar-me, e se conseguir ser de alguma utilidade, darei por bem empregado o tempo despendido.

« Segundo fui informado, é de praxe os associados, por occasião da sua posse, dissertarem sobre determinado assumpto, de interesse historico e geographico.

« Tive grande embaraço na escolha deste assumpto.

« Tendo tratado ultimamente, por dever do meu encargo, da questão do « estabelecimento de horas legaes no Brazil », pensei que não seria destituida de interesse aos associados deste Instituto uma pequena palestra sobre esta palpitante questão, que merece ser resolvida quanto antes pelos poderes competentes.

« Pensei igualmente que, manifestando o Instituto a sua opinião sobre o assumpto, o peso da sua autoridade concorreria para a immediata resolução do problema entre nós.

« A necessidade de um systema horario nacional e internacional, simples e harmonico no seu conjunto, tornou-se cada vez maior, de anno para anno, á medida que se estendiam rapidamente as estradas de ferro, os telegraphos terrestres e submarinos, e os telephones, e que ganhavam incremento os negocios commerciaes e as relações internacionaes — scientificas, diplomaticas e sociaes, conduzidas por seu intermedio.

« Um exemplo: Quando um telegramma é expedido de um certo lugar é naturalmente importante saber qual a data e a hora correspondente no seu ponto de destino, afim de evitar a sua chegada durante a noite e a consequente demora na sua entrega. Certa confusão, e os consequentes erros, podem ser evitados, se a differença é unicamente uma questão de horas, em vez de determinado numero de horas, minutos e segundos.

« Ainda mais a questão da hora, é simplesmente uma parte da questão proveniente da necessidade de um primeiro meridiano

basico, de onde sejam contadas as longitudes. Até ao presente 90 % das cartas e mappas do mundo, são baseados no meridiano de Greenwich, e é da maxima importancia, na navegação e na geographia, que as cartas, mappas, roteiros e avisos aos navegantes contenham longitudes deste meridiano, exactamente como se faz com as latitudes que são contadas do Equador.

« Até ha pouco tempo quasi todos os paizes civilizados empregavam a hora média do meridiano das suas capitaes, tal e qual se pratíca ainda entre nós, que nem sequer possuimos hora legal no sentido estricto da palavra.

« Conjuntamente com a hora do Rio de Janeiro, fornecida pelo « balão » diariamente (salvo domingos e dias feriados) e empregada nas estações telegraphicas do Governo Federal, encontramos pelo nosso vasto territorio as horas mais variadas e disparatadas, bastando, para citar, o que se vê na cidade de S. Paulo, onde a Estrada de Ferro Central do Brazil utilisa nos seus horarios a hora média do Rio de Janeiro, e as estradas de ferro paulistas a hora média local, cuja differença é de cerca de 14 minutos.

« Os inconvenientes da existencia de duas horas e de dous horarios, numa mesma estação são evidentes, como se dá na estação da Luz, em S. Paulo.

« Consta-nos que em Santos a confusão é ainda maior, por ser utilizada além dessas duas horas, a hora média local.

« Dissemos acima, que o grande desenvolvimento das relações internacionaes tornou indispensavel a creação de um systema horario uniforme, nacional e simples no seu funccionamento, e na impossibilidade de adoptar-se uma hora universal unica, em vista dos seus inconvenientes praticos, foi imaginado o systema de fusos horarios, hoje adoptado por mais de 20 nações civilizadas.

« Antes de proseguirmos, seja-nos permittido abrir aqui um parenthesis, afim de definir o que seja a hora legal cujo estabelecimento entre nós deve ser feito quanto antes.

« A hora legal em determinada zona póde ser definida como a hora solar média, baseada num certo meridiano designado *pela lei*. Apresenta a vantagem de tornar a hora a mesma em toda a

zona, em vez de fazel-a differir de alguns segundos, ou mesmo de alguns minutos, em consequencia da differença em longitude entre os seus varios pontos.

« A hora legal, por conseguinte, facilita o estabelecimento seguro do trafego mutuo nas estradas de ferro, a comparação das datas dos despachos telegraphicos e quaesquer transacções commerciaes cujos contratos envolvam uma questão qualquer de tempo.

« Na escolha dos meridianos legaes, é para desejar que o afastamento um do outro não dê lugar a uma differença muito grande, entre a hora legal e a hora verdadeira local, e o systema de fusos horarios consiste em fazer as horas legaes differirem exactamente de *uma hora* correspondentes a cada 15º de differença de longitude.

« A superficie da terra ficará, assim, dividida em 24 fusos horarios, e todos os relogios regulados sobre a respectiva hora legal marcarão o mesmo numero de minutos e segundos, differindo apenas as horas, de accôrdo com o fuso horario, ou zona legal em que se acharem.

« Assim, a differença entre a hora legal e a hora média local, é de meia hora no maximo.

« Em vista, tambem, das razões já expostas, é para desejar igualmente por conveniencia internacional, e para maior harmonia no conjunto, que a hora legal seja baseada no meridiano de Greenwich, cujo uso é hoje universal.

« Além disso, a sua adopção tem a vantagem de fazer cahir a linha internacional da mudança de data no Oceano Pacifico.

« A titulo de curiosidade, lembraremos que dos 27 Estados representados no Congresso de Washington de 1884, sómente a França, o Brazil e S. Domingos se oppuzeram á adopção do meridiano de Greenwich como basico.

« Na vanguarda das nações que adoptaram a hora legal baseada no systema de fusos horarios, estão os Estados Unidos da America do Norte, que em 1883, de accôrdo com a iniciativa da « American Railway Association », adoptaram quatro horas legaes no seu vasto territorio, correspondentes aos quatro fusos horarios em que ficam divididos. Além disso as suas possessões Alaska,

Hawai, Samoa, Porto Rico, as Philippinas e Guam, têm todas as suas horas legaes.

« Numa interessante viagem que fiz em estrada de ferro, de Nova York a S. Francisco, e vice-versa, tive occasião de apreciar a mudança da hora, cada vez que chegavamos a entrar nos limites de um novo fuso horario.

« Em Nova York, e na costa leste dos Estados Unidos, a hora legal é a que corresponde á hora média do meridiano de 75° W de Greenwich, ou 5 h. a W. Assim, quando são 5 horas da tarde em Greenwich, é meio dia em Nova York. Ao chegar o trem expresso a Chicago, os relogios são atrazados exactamente de 1 h., pois esta cidade está situada no fuso de 90° W de Greenwich, ou 6 h. W. Chegando o trem a Denver, os relogios são novamente atrazados de 1 h., visto estarmos no fuso 105° W de Greenwich, ou 7 h. W, e finalmente ao chegar a S. Francisco, atrazamos outra vez o relogio 1 h., por nos acharmos no fuso 120° W de Greenwich, ou 8 h. W.

« Assim, entre Nova York e S. Francisco ha uma differença de quatro horas. Quando é meio dia em S. Francisco, são 4 h. da tarde em Nova York.

« Na viagem de regresso a Nova York, os relogios foram adeantados progressivamente da mesma maneira.

« Estas horas têm denominações especiaes, afim de serem distinguidas umas das outras.

« A de 5 h. W de Greenwich chama-se « Eastern Standard Time », a de 6 h. W, « Central Standard Time », a de 7 h. W, « Mountain Standard Time » e a de 8 h. W, « Pacific Standard Time ».

« Em 1 de Janeiro de 1888, o Japão adoptou para a sua hora legal a do meridiano de 135° E de Greenwich (9 h. E) e para Formosa, Pescadores, e as dos archipelagos de Yaeyama e Miyaco o meridiano de 120° E de Greenwich (8 h. E), a partir de 1 de Janeiro de 1896.

« Em 12 de Março de 1893, a Allemanha adoptou para a sua hora legal a hora média do meridiano de 15° E de Greenwich (1 h. E), e a 1 de Maio do mesmo anno, a Belgica, que está comprehendida inteiramente no primeiro fuso horario, que se estende

de 7º 30' a leste e a oeste do meridiano de Greenwich, adoptou a hora deste meridiano para a sua hora legal.

« Esta hora é chamada na Europa, a *hora occidental,* e é actualmente usada pela Inglaterra e Escocia, França, Belgica e Hespanha.

« Até recentemente, era a legal tambem na Hollanda, que a abandonou por se achar muito no limite extremo no 1º fuso horario.

« A que corresponde ao 2.º fuso horario, situado a 1 h. a léste do precedente, chama-se a *hora central*, usada pela Allemanha, Austria, Dinamarca, Grão Ducado de Luxemburgo, Italia, Ilha de Malta, Noruega, Suecia, Servia e Suissa.

« A hora do 3.º fuso a léste, corresponde a 3 h. E de Greenwich, chama-se a *hora oriental* e é usada unicamente pela Turquia.

« Fóra da Europa encontramos no Oriente, a Africa allemã, com 1 h. E de Greenwich, Egypto e a Africa ingleza, com 2 h. E de Greenwich, parte da China, a Australia occidental e as Philipinas, com 8 h. E de Greenwich; a Coréa com 9 h. E de Greenwich; a Australia meridional e Guam com 9 horas 30 m. E. de Greenwich; a Nova Galles do Sul, Queensland, Tasmania e Victoria com 10 h. E de Greenwich.

« No Occidente, além dos Estados-Unidos encontramos o Canadá com 4 h., 5 h., 6 h., 7 h. e 8 h., W de Greenwich, Porto Rico com 4 h. W de Greenwich, Panamá com 5 h. W de Greenwich, Honduras com 6 h. W de Greenwich, Alaska com 9 h. W de Greenwich, Hawai, com 10 h. 30' W de Greenwich e Samoa com 11 h. 30' W de Greenwich.

« A recente adhesão da França, adoptando para a sua hora legal a hora do primeiro fuso horario (que o amor proprio francez não permitte declarar explicitamente ser a de Greenwich) veio agitar nos poucos paizes rebeldes ou indifferentes a necessidade de estabelecerem a sua hora legal de accôrdo com o systema de fusos horarios ou zonas legaes.

« Esta adhesão da França veio igualmente mostrar ao Brazil o atrazo em que se achava, e começaram a apparecer na impren-

sa artigos tendentes a chamar a attenção do Governo sobre esse assumpto.

« O Club de Engenharia, depois de fructifera discussão, adoptou unanimemente em 30 de Maio do corrente anno, o parecer do illustre director do Observatorio Nacional e enviou-o ao Ministerio da Agricultura, solicitando a sua cooperação, no sentido de serem as conclusões desse parecer convertidas em lei.

« Em 23 de Agosto proximo passado, o Ex.mo Sr. Ministro da Agricultura apresentou ao Ex.mo Sr. Presidente da Republica uma exposição, pedindo a S. Ex.a se dignasse solicitar do Congresso Nacional uma lei para o estabelecimento da hora legal, baseada nas conclusões acima referidas.

« Por occasião de serem iniciadas estas discussões na imprensa e no Club de Engenharia, recebi ordem do Ex.mo Sr. Vice-Almirante Superintendente de Navegação, de prestar informações sobre o estabelecimento da hora legal em França e aproveitei esta opportunidade para apresentar em 13 de Maio do corrente anno uma exposição sobre o estabelecimento da hora legal no Brazil, acompanhada de um projecto de lei.

« Esta exposição foi publicada no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, de 18 de Maio, na *Revista Maritima Brazileira,* de Junho e na *Revista da Liga Maritima Brazileira*, de Junho, tudo do corrente anno.

« Nesta exposição diziamos: « Que devido á extensão territorial do Brazil não era possivel estabelecer uma só hora legal no paiz. Contam-se 39° de differença de longitude entre o extremo éste do Estado da Parahyba a 35° W de Greenwich e as nascentes do Javary a 74° W de Greenwich.

« As ilhas da Trindade, Fernando de Noronha, as Rocas e parte dos Estados de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte, acham-se comprehendidas no 2.º fuso horario a Oéste de Greenwich, correspondente ás longitudes de 22° 30', W — 37° 30' W. O resto do Brazil, exceptuando-se parte do Amazonas e o Acre, está comprehendido nos 3.º e 4.º fusos horarios a oéste de Greenwich, correspondente respectivamente ás longitudes 37° 30' — 52° 30' — 67° 30'.

« As referidas partes do Amazonas e o Acre estão comprehen-

didas no 5.º fuso horario a oéste de Greenwich, correspondente ás longitudes 67º 30' — 82º 30'.

« Sendo de toda conveniencia pratica que a hora legal na costa do Brazil e em cada um dos seus Estados seja a mesma, e estando a costa comprehendida entre 51º W (Cabo Orange) e 35º W (extremo E do Estado da Parahyba) e 35º W (foz do Chuy), a hora legal nas partes Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte, comprehendidas no 2.º fuso horario, seria a de 3 horas em vez de 2 horas.

«Como vemos, é necessario uma hora legal para as ilhas do Oceano Atlantico fóra da costa e tres outras horas legaes para a costa e certos Estados e porções de Estados na costa e no interior do Brazil.

« Assim, pensamos que deve ser pedida ao Congresso Nacional uma lei determinando que :

« 1.º As longitudes sejam contadas do meridiano de Greenwich desde 0º a 180º;

« 2.º A hora legal, conhecida por *hora oriental* nas ilhas da Trindade, Fernando de Noronha e Rocas, será a hora média do meridiano no 30º oéste de Greenwich (2 h. W); (*)

« 3.º A hora legal, conhecida por *hora central* no Districto Federal, nos Estados de Minas Geraes e Goyaz e nos Estados banhados pelo Oceano Atlantico, exceptuando-se a parte do Estado do Pará a oéste dos rios Xingú e Jary (Mapary), será a hora média do meridiano de 45º oéste de Greenwich (3 h. W);

« 4.º A hora legal, conhecida por *hora occidental,* nos Estados de Matto Grosso, Amazonas e a parte do Estado do Pará comprehendida na excepção do artigo precedente, será a hora média do meridiano de 60º oéste de Greenwich (4 h. W); (**)

(*) Alternativa para os nomes das horas legaes:
2 h. hora das ilhas.
3 h. oriental.
4 h. central.
5 h. occidental.

(**) Em vista da grande extensão do Estado do Amazonas, talvez seja melhor attribuir a certa parte oéste do Estado a hora local, no territorio do Acre (5 h. W. de Greenwich).

« 5.º A hora legal conhecida por *hora internacional*, no territorio do Acre será a hora média do meridiano de 75º W de Greenwich (5 h. W).

« Este projecto foi formulado depois de um estudo completo da questão, e de um exame consciencioso dos fusos horarios em que o Brazil se acha collocado, e das vantagens e inconvenientes que poderiam resultar da sua adopção, tendo em vista sempre a necessidade de approximar tanto quanto possivel a hora legal da hora média local, as exigencias administrativas e as relações commerciaes e sociaes dos Estados mais proximos.

« No dia em que for promulgada a nossa lei e os nossos relogios forem regulados sobre o meridiano de 45º W de Greenwich, será necessario adiantal-os 7 minutos 19 segundos e os cariocas *ipso facto* terão envelhecido outros tantos minutos e segundos.

« Concluindo, desejo reiterar aos illustres membros do Instituto as expressões do meu reconhecimento, e a todos os presentes agradeço a benevolencia com que me ouviram. »

(*Palmas prolongadas*).

Responde ao Recipiendario o Sr. Conde de Affonso Celso, Presidente.

O Sr. Conde de Affonso Celso diz que, no duplo caracter de Presidente *ad hoc* da sessão e de orador do Instituto, cumpre-lhe apresentar as saudações deste ao recem-vindo.

« Fal-o-á em breves mas cordialissimos termos.

« Abrindo as suas portas a um joven e auspicioso representante da nova marinha brazileira — marinha da qual, como Barroso em Riachuelo, a Patria espera que ella cumpra fielmente o seu dever (e esse dever é tão arduo, tão cheio de sacrificios na hora actual como naquella memoravel occasião) — dando ingresso em seu gremio a um official da Armada, o qual vai juntar-se a outros que já constituem um dos nossos padrões de desvanecimento, pratica-o o Instituto com sincero regosijo e confiança.

« Muitas razões suscitam estes sentimentos.

« O novo consocio traz um aureolado nome de familia, o de Aquino, a que gerações e gerações de compatricios nossos têm tributado a homenagem do mais reverente reconhecimento.

« Nome por elles ligado a saudosas recordações da adolescencia, á sua instrucção e educação.

« Allude o orador ao illustre tio do recipiendario, Dr. João Pedro de Aquino, benemerito entre os benemeritos mestres nacionaes.

« Delle herdou, porventura, o novo consocio o seu amor á sciencia e o seu ardor em diffundil-a.

« Muito joven, exerceu satisfatoriamente S. Ex.ª delicadas e altas commissões, qual a de servir como addido naval do Brazil nos Estados Unidos da America do Norte.

« Os seus trabalhos profissionaes e scientificos, varios redigidos em inglez e que mereceram elevados conceitos de officiaes superiores extrangeiros (o orador cita um delles, constante do parecer de admissão) — tornam-no uma das figuras de destaque, um dos *comingmen*, uma das solidas esperanças de nossa Armada, que, votadas como estão sendo, medidas reconstructoras, breve se tornará aquillo que lhe compete ser: um dos magnificos expoentes do nosso progresso, da nossa cultura e da nossa força.

« A monographia com cuja leitura o Sr. Commandante Radler de Aquino acaba de aprazivelmente instruir a assembléa, abona assim a sua capacidade intellectual como os seus sentimentos.

« Mostrou S. Ex.ª que o Brazil, em questão de horas, não regula bem, ou, numa expressão popular, não sabe a quantas anda e que, em certos pontos dessa materia, só tem como companheira a respeitavel, porém pouco exemplar Republica de S. Domingos.

« Infelizmente, não é esse o unico terreno em que conviria estabelecer entre nós uma regra legal e tornal-a executoria.

« Applica-se ao Brazil o famoso projecto de um philosopho sceptico: Artigo 1.º — Serão cumpridas todas as leis em vigor; Artigo 2.º — Revogam-se as disposições em contrario.

« Esforçando-se para que, na esphera horaria, cessem as anomalias e irregularidades, propugnando a decretação de um systema a um tempo nacional e internacional, obviamente vantajoso ao commercio, á industria, á navegação e outros ramos da actividade social, bem como cooperador na fraternização e solidariedade dos povos, na communhão de interesses universaes, na formação dessa sociedade humana, regida por um só direito,

com a qual sonhava Kant, trabalhando desinteressadamente por tudo isto, demonstra o Commandante Radler de Aquino o seu patriotismo, a elevação de seus intentos, a nobreza de seus ideaes.

«Teve elle a gentileza e a lealdade de nos prevenir que da adopção do seu projecto advirá o adeantamento dos nossos relogios e o consequente envelhecimento de cada um de nós em 7 minutos e 19 segundos.

«Se no Instituto houvesse senhoras (e os Estatutos a isso não se oppõem, formulando o orador votos para que ellas possam ser aqui candidatas, como recentemente á Academia de Sciencias da França o foi Madame Curie); se do Instituto fizessem parte senhoras poderia talvez apresentar certa gravidade esse annuncio de um envelhecimento, embora pequeno.

«Homens experimentados, afeitos a contrariedades, como os actuaes socios, recebem a noticia risonha e sympathicamente.

«Risonha e sympathicamente tambem, prestando-lhe as devidas continencias, acolhem elles o Commandante Radler de Aquino, a quem exclamam: Mil prosperidades e glorias depare a travessia para o futuro ao bello marinheiro que hoje ancora em nosso porto tranquillo; bello marinheiro que, entre outros meritos, possue o de não só bem conhecer o valor das horas como o de saber dignamente aproveital-as! (*Palmas prolongadas*).

O Sr. Fleiuss (*1.º Secretario Perpetuo*) diz que, como um dos membros da Grande Commissão Executiva da manifestação de apreço que será brevemente feita ao Sr. Barão do Rio-Branco, nosso benemerito Presidente, acha natural que o Instituto se associe a essa homenagem ao grande brazileiro, o que propõe.

O Sr. Conde de Affonso Celso (*servindo de Presidente*), diz que a proposta é tão justa que a dá por approvada por acclamação e nomeia para representar o Instituto uma commissão composta dos Srs. Drs. Sá Vianna, Augusto de Lima, Orville Derby, Antonio Pimentel e Commandante Radler de Aquino.

Levanta-se a sessão ás 9 $^1/_2$ horas da noite. — *Eduardo Marques Peixoto*, servindo de 2.º Secretario.

7.ª SESSÃO ORDINARIA EM 10 DE OUTUBRO DE 1911

PRESIDENCIA DO SR. BARÃO HOMEM DE MELLO (2.º *Vice-Presidente*).

A's oito horas da noite, na séde social, abre-se a sessão com a presença dos Srs. Barão Homem de Mello, Max Fleiuss, Conde de Affonso Celso, Dr. Theodoro Sampaio, Coronel Jesuino da Silva Mello, Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Dr. José Pereira Rego Filho, Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, Dr. Norival Soares de Freitas e Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães.

Tendo faltado com causa justificada o Sr. Dr. Gastão Ruch, 2.º Secretario, o Sr. Presidente designa para substituil-o o Sr. Dr. Theodoro Sampaio.

Depois de lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. Fleiuss, 1.º Secretario Perpetuo, justifica uma proposta exprimindo os desejos do Instituto para que melhorem as condições de saude do Sr. Visconde de Ouro Preto, prezado 1.º Vice-Presidente.

O SR. BARÃO HOMEM DE MELLO (*servindo de Presidente*) diz que a proposta traduz o sentimento do Instituto e, assim, considera-a unanimemente approvada.

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO agradece commovido o carinhoso voto do Instituto.

No expediente foi lido um officio do consocio Dr. Affonso de Escragnolle Taunay, agradecendo a sua eleição para o cargo de Socio correspondente e declarando que tomará posse na 1.ª sessão do anno vindouro, para o que, opportunamente, enviará o seu discurso inaugural.

Pelo 2.º Secretario interino é lido o seguinte parecer da Commissão de Admissão de Socios, sobre a proposta relativa ao Sr. Dr. Carlos de Laet :

« A proposta sobre o Sr. Dr. Carlos de Laet foi apresentada por illustres consocios em 12 de Agosto de 1907, sem ser observada a terminante disposição do art. 6.º dos Estatutos, de 16 de Abril de 1906:

« Apresentar directamente, ou por algum socio em seu nome, trabalho proprio acerca da historia, geographia, ethnographia ou archeologia do Brazil, quer esse trabalho seja inedito, quer já estampado, uma vez que abone a capacidade litteraria do autor. »

« Esta disposição já se continha no art. 7.° dos Estatutos de 1851. E', pois, uma regra que não mudou e considerada indispensavel.

« A proposta relativa ao Sr. Dr. Carlos de Laet veio acompanhada de 11 tiras de papel com apontamentos bibliographicos das differentes producções do Sr. Dr. Laet, indicações das suas conferencias, algumas das quaes impressas nas « Leituras Catholicas », dos Salesianos de Nitheroy, traducções diversas, nomes dos jornaes em que tem collaborado, e finalmente, seus titulos scientificos.

« A proposta, referindo-se a estas listas, diz claramente:

« Condensada no livro, essa obra de tantos dias, seria repre-
« sentada por dezenas de volumes. Foram-nos della fornecidos os
« apontamentos bibliographicos juntos e que deverão fazer parte
« integrante desta proposta. »

« Continúa a mesma proposta:

« Seria escusado, ante tão vasta exhibição justificar os titu-
« los em virtude dos quaes póde ter aqui assento o Dr. Carlos de
« Laet.

« Elles estão na consciencia de todos que se interessam pelo
« desenvolvimento litterario do Brazil, e não são extranhos á vida
« dos nossos homens de lettras. Cumpre, todavia, em obediencia
« aos Estatutos, *apontar* (o grypho é meu), entre muitos, os traba-
« lhos quasi exclusivamente historicos. São os seguintes: 1.° Em
« Minas, « Viagens, Litteratura, Philosophia », Rio de Janeiro, Cu-
« nha & Irmão, 1895. 1 vol. in-8°, de 335 paginas. 2.° « O ensino da
« historia ». Conferencia feita no Collegio Diocesano de S. José. 3.°
« A Imprensa », historia do jornalismo brazileiro no periodo de
« 1889-1899, *Apud* a « Decada Republicana », II volume, paginas
« 66-191. 4.° « O descobrimento do Brazil ». Succinta noticia his-
« torica do grande acontecimento e descripção do panorama do Sr.
« Victor Meirelles de Lima. »

« Diz mais a proposta a respeito das obras apontadas:

« São estas obras de caracter eminentemente historico, cada « uma dellas por si só bastando para legitimar a admissão do pro- « vecto escriptor. »

« Como vê o Instituto, a proposta de 12 de Agosto de 1907 cingiu-se apenas a *apontar* as valiosas producções do Sr. Dr. Carlos de Laet; mas, como determinam os Estatutos no citado art. 6.º não foi na occasião entregue ao Instituto uma só dessas producções, nem pelo Sr. Dr. Carlos de Laet directamente, nem por algum socio em seu nome.

« Foi encarregado de dar parecer o nosso digno consocio Sr. Coronel Jesuino da Silva Mello, que desejando, o mais breve, desobrigar-se dessa incumbencia, quiz ler pelo menos algumas dessas obras *apontadas* na proposta.

« Para isso, o nosso 1.º Secretario Perpetuo, em carta de 10 de Setembro de 1907 (vide parte II do tomo LXXII da *Revista,* pag. 341 a 346), dirigiu-se ao Sr. Dr. Carlos de Laet e pediu, directamente a S. S., as suas obras ou algumas dellas.

« Em data de 12 do mesmo mez e anno o Sr. Dr. Carlos de Laet, em carta, respondeu que:

« Não tendo absolutamente concorrido para a apresentação « da proposta, unicamente devida a exaggerada benevolencia de « alguns dos seus amigos e correligionarios politicos, de todo se « devia manter extranho aos tramites para a sua duvidosa admis- « são, escusando-se por isso de attender á carta do Secretario. »

« Além disso, declara na mesma carta o Sr. Laet:

« Ter sido informado que a exigencia agora formulada nem « é dos Estatutos, nem tem sido feita em relação a outras pro- « postas. »

« A improcedencia da primeira asserção ficou patente com a remessa feita pelo nosso Secretario de um exemplar dos Estatutos ao Sr. Dr. Carlos de Laet; quanto á da segunda, basta para mostral-a a presença de todos nós neste recinto.

« O nosso consocio Sr. Coronel Jesuino de Mello, para dar parecer conforme determinavam os Estatutos, obteve, por emprestimo, uma das obras do Sr. Dr. Carlos de Laet e formulou o seu juizo.

« Este parecer, porém, não chegou a ser apresentado, pois os

papeis foram entregues a outro membro da Commissão de Historia, o Sr. Dr. Leite Velho, que por escripto declarou ao Sr. 1.º Secretario Perpetuo querer lêr as obras do Sr. Dr. Carlos de Laet.

« Na sessão de 24 de Maio de 1909 o Sr. Conselheiro Candido de Oliveira offereceu o 2.º volume da *Decada Republicana*, em que vem o trabalho do Sr. Dr. Carlos de Laet sobre a *Imprensa*.

« No dia seguinte foi esse trabalho remettido ao Sr. Dr. Leite Velho, que depois de o examinar com o cuidado e a imparcialidade que todos nós reconhecemos, disse:

« Cheguei ao conceito de que lhe faltam os caracteristicos « essenciaes que permittem classifical-o no grupo dos estudos his- « toricos, visto como se estreita nos limites de um indice de factos « occorridos no periodo agitado a que se refere. »

« Termina o Sr. Dr. Leite Velho a sua apreciação dizendo:

« Sobre elle formularia meu parecer negando meu voto á « admissão do Sr. Dr. Carlos de Laet. Redigido estava o parecer « sobre a proposta do Sr. Dr. Carlos de Laet, quando por acto de « um amigo deparou-se-me um livro do mesmo autor que tem por « titulo: *Em Minas*. Percorri rapidamente as primeiras paginas e, « attrahido pelo estylo, fui fixando a attenção e li-o, firmando-se « em meu espirito o conceito de que o autor nos premeditára uma « cilada mandando a descoberto o trabalho que lhe não abriria as « portas do Instituto, para depois nos apresentar esse *Em Minas* « que lh'as abriria á força. »

« Esse parecer, que conclue pela admissão do Sr. Dr. Carlos de Laet, tem a data de 15 de Abril de 1910, concordando com elle o consocio Dr. Antonio Jansen do Paço, e tambem estando de accôrdo com o mesmo, na parte relativa ao livro *Em Minas*, o consocio Dr. Ramiz Galvão. Foi elle lido em sessão de 15 de Maio do anno actual, merecendo a approvação unanime e sendo enviado á Commissão de Admissão de Socios, com os demais papeis para o respectivo parecer, designado relator o Sr. Commandante Indio do Brazil.

« Tendo sido pelo Ex.^mo^ Sr. Presidente do Instituto designado para substituir o Sr. Commandante Indio do Brazil, foram-me presentes todos os papeis.

«Cabe á Commissão de Admissão de Socios nos termos do artigo 39 § 1.º dos Estatutos:

«Syndicar da individualidade do candidato, das suas condições de idoneiade e da conveniencia de sua admissão.»

«Quanto á individualidade do candidato, si assim se póde chamar a quem declarou por escripto: — *dever de todo manter-se extranho aos tramites para a sua duvidosa admissão, não tendo absolutamente concorrido para a apresentação da proposta.* — A sua notoriedade dispensa qualquer encomio, bem como as suas condições de identidade, são conhecidas e apreciadas.

«Quanto á conveniencia de sua admissão, á vista do exposto, decidirá o Instituto, com a costumada sabedoria e justiça.

Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 1911. — *Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel*, relator.»

«Discordo do parecer supra. Sou sem restricções pela admissão do Sr. Dr. Laet, em quem reconheço todas as condições para occupar uma cadeira neste Instituto. — Rio de Janeiro, 4 de Outubro de 1911. *Barão de Alencar*.

«O parecer está indiscutivelmente fundado na lettra dos nossos Estatutos quando affirma que para ser socio é preciso ser candidato; considerando-se *stricti juris* o relator tem razão; tambem não deixa de tel-a o Sr. Dr. Carlos de Laet quando diz não querer se vestir de branco para promover sua admissão no Instituto; honras e distincções agradam se vêm espontaneamente.

«A praxe, porém, alterou o processo de admissão; o que de ha muito vigora é a proposta para admissão de socios instruida com seus trabalhos e não me recordo que alguem tenha sido candidato «apresentando directamente trabalho proprio, ou por algum socio em seu nome.»

«Seja alterado o benefico uso e é de prevêr a decadencia do Instituto, pois raros quererão ser *candidatos*. E se me acho em erro poderá delle afastar-me a Commissão de Estatutos.

«Assim comprehendido o parecer, penso ser opinião unanime da Commissão de Admissão de Socios que o Sr. Dr. Carlos de Laet está nos casos de fazer parte do Instituto Historico.

Rio de Janeiro, 5 de Outubro de 1911. — *Miguel J. R. de Carvalho*.»

Na fórma dos Estatutos, o parecer fica sobre a mesa para ser votado na proxima sessão.

O Sr. Fleiuss (*1.º Secretario Perpetuo*) lê as seguintes propostas:

« Propomos para socio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, na qualidade de effectivo ou correspondente, o Sr. Capitão-Tenente Raul Tavares, autor das seguintes obras: *De Cavite a Santiago de Cuba* (*Guerra Hispano-Americana*); *Commentarios da Guerra Russo-Japoneza*; *Concurso Internacional Scientifico Literario* e *Conferencias pelo Instructor Capitão-Tenente Raul Tavares*, por elle offerecidas ao Instituto com a declaração de candidatura.

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1911. — *Conde de Affonso Celso.* — *Max Fleiuss.* — *Dr. José Pereira Rego Filho.* — *Radler de Aquino.*»

Vae á Commissão de Historia, relator o Sr. Dr. Ramiz Galvão.

« Propomos para socio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, na qualidade de effectivo ou correspondente, o Sr. Antonio Gomes Carmo, autor das seguintes obras: *O Estado Moderno e a Agricultura* e *O Problema da Producção do Trigo*, por elle offerecidas ao Instituto com a declaração de candidatura.

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1911. — *Conde de Affonso Celso.* — *Max Fleiuss.* — *Dr. José Pereira Rego Filho.* — *Radler de Aquino.*»

Vae á Commissão de Historia, relator o Sr. Dr. Jansen do Paço.

O Sr. Fleiuss (*1.º Secretario Perpetuo*), communica que se acham na Secretaria os consocios D. João Baptista Corrêa Nery, Bispo de Campinas, e Dr. João Coelho Gomes Ribeiro, que vieram tomar posse.

O Sr. Barão Homem de Mello (*servindo de Presidente*) nomeia os Srs. 1.º e 2.º Secretarios para introduzirem no recinto os novos socios.

Dão entrada e tomam assento os Srs. D. João Baptista Corrêa Nery e Dr. João Coelho Gomes Ribeiro.

O Sr. Barão Homem de Mello (*servindo de Presidente*), dirige uma saudação aos novos socios e em seguida toma a palavra o

Sr. Dr. João Coelho Gomes Ribeiro, que leu o seu discurso de posse, concebido nos seguintes termos :

« Referem as chronicas medievaes que, por vezes, em horas adeantadas da noite, resoava a sineta de um mosteiro, no pinaculo do monte ou na solidão do valle sombrio, vibrada pela mão timida de um peregrino, sedento de luz e de conforto.

« Ali, bem longe do fragor incessante das lutas da ambição e do furor guerreiro, que o mundo avassallava então, tudo emmudecia, como em placido remanso, em meio do oceano, e só se rendia culto a Deus e á sciencia, erguendo-se bem alto, a salvo dos attentados da multidão, os monumentos do saber humano, reliquias preciosas, que só assim lograram chegar até nós !

« E o peregrino, por humilde que fosse, por vezes um triste romeiro transviado, ou um simples estudante, foragido ao jugo ferreo das universidades, era acolhido fraternalmente pelos sabios monges e, por elles, doutrinado e confortado, em suas tribulações e duvidas, transfigurando-se em breve em um novo athleta da verdade.

« Hoje, os gremios scientificos, como este Instituto, quaes outros mosteiros medievaes, pairando acima do bulicio da vida social intensa, guardam e cultuam tambem o fogo sagrado do amor á sciencia, e neste momento, eu sou o peregrino que vem pedir guarida a este claustro magestoso, onde só se venera a tradição concretizada em documentos acrisolados pela critica. Venho em busca de luz e de quietação moral para o espirito combalido e incerto, deante das agitações da hora presente; venho em demanda da região serena e calma do passado, onde, em necropole secular, se ostentam os mausoléos esculpidos pelo genio dos Canovas, a par dos sepulchros rasos alcatifados de simples flores do campo, desde que, em uns e outros, se encerrem tradições de gloria e de civismo !

« E vós me acolheis benevolos, como outr'ora os monges do Cassino ao peregrino humilde... Graças vos sejam dadas pela confiança e honra immerecidas e só explicaveis pela nimia generosidade de homens da sciencia, quaes sois vós, que não desconheceis o valor da contribuição da propria turba anonyma, na grandiosa obra das pyramides egypcias. Eis, pois, mais uma razão

poderosa para que o neophyto, que hoje se inicia em vosso templo, cumpra com devotamento, os protestos de adhesão que faz, ao vosso programma de culto á tradição patriotica.

« Tradição! Palavra magica que, de per si, evoca um mundo de personalidades, de actos e de successos de toda sorte, os quaes, se entretecendo, ora por continuidade harmonica, ora por filiação causal, através dos seculos, fórmam a trama mysteriosa da historia! E' essa obra da lei social da solidariedade humana, actuando, no passado, e illuminando o futuro, que vós, aqui estudais, com carinho e constancia, sob a inspiração do lemma classico: «saber, para prever, afim de prover».

« Não sois os malsinados « laudatores temporis acti», isto é, idolatras incondicionaes do passado, simplesmente por odio ao presente; reverenciais, no espolio dos tempos idos, o que é digno de reverencia e condemnais o que é passivel de condemnação, no plenario augusto da Historia!

« Nem o optimismo utopico do progresso indefinido de um Condorcet ou de um Pelletan; nem o pessimismo desolador e incongruente de um Schopenhauer ou de um Gumplowicz, negando *in limine* o progresso humano; nem o materialismo economico de um Karl Marx, nem o determinismo mecanico de um Taine: nenhum desses conceitos unilateraes e extremes constitue, vós o sabeis, um criterio seguro e verdadeiro para a historia da humanidade.

« Sem o principio da «Finalidade» consciente, imperando no mundo superorganico, a par do de «Causalidade» fatal, dominando a natureza physica, dualidade cosmica, tão profundamente demonstrada por Ihering, não se podem comprehender as origens e a marcha da civilização, isto é, o proprio objectivo da historia, sob fórma e caracter scientifico.

«O sophisma de Stricker, identificando o «fim» com o « motivo » de agir, porque aquelle só impulsiona a vontade, por effeito da representação psychica de actos anteriores, quando mesmo fosse acceitavel, em casos individuaes, o que é contestado victoriosamente por Ihering, não é applicavel á historia ou melhor, á vida da sociedade em geral.

« O individualismo historico, concretizado na seductora theoria

dos grandes vultos de Carlile ou dos super-homens, de Nietzche, vai hoje decahindo no conceito dos competentes, que reconhecem a marcha avassalladora da theoria collectivista, fazendo surgir da massa das energias, das aspirações e dos progressos das sociedades, uma vontade solidaria, uma força consciente que movimenta a humanidade, a despeito dos tropeços e decepções que se lhe antepõem, orientando-a na trajectoria de um idéal de justiça e de liberdade — seu fim supremo!

« O nosso planeta, como se sabe, executa em sua orbita, no espaço, os dois movimentos de «translação» e de «rotação», com regularidade mathematica; além de taes movimentos, porém, está elle sujeito á acção mysteriosa da deslocação de todos os astros do systema a que pertence, na direcção de um ponto desconhecido da constellação de Hercules, segundo astronomos modernos; dahi segue-se que a propria orbita da terra soffre uma transformação constante, no espaço, sem alteração dos seus movimentos proprios.

« Si parva licet... » podemos equiparar a humanidade ao nosso planeta, em seus movimentos orbitarios e em sua trajectoria, no espaço livre, tendendo, porém, sempre para um ponto definido, que é o seu fim.

« A despeito de todas as perturbações retardatarias ou regressivas, que se podem equiparar aos movimentos orbitarios do planeta, impotentes para sustar sua marcha ascendente, ella caminha sempre na conquista do idéal, embora o patrimonio da civilização se desloque de um povo para outro, como o archote lendario passava de mão em mão, nas dansas sagradas da Hellade!

« Nós formamos a tripulação obrigada desse grande aerostato que é a terra voando através do espaço; e não ha força humana que o faça parar, ou sequer moderar sua marcha; abaixo de nós, acima, por todos os lados, fulgem os astros celestes, e esfuzilam os cometas e bolidos, ameaçando-nos de morte, mas o colossal aerostato segue sempre sua marcha triumphante; de momento a momento, centenas, milhares de tripulantes, como presos de vertigem, despenham-se no espaço e desapparecem de vez; o aerostato, porém, não pára, e a tripulação se recompõe logo, pelas leis garantidoras da especie!

« Espectaculo maravilhoso! Inopinadamente, do grande aerostato, destaca-se um minusculo aeroplano, elegantemente equilibrado por mão humana, em lucta, no espaço, com as correntes aereas desencontradas, mas subindo sempre. A força de attracção do planeta, entretanto, obriga-o a manter-se no meio atmospherico, e arrrasta-o com este, como satellite humilde em sua trajectoria desconhecida! Mas esse aeroplano, em sua ascenção, limitada embora, consegue desvendar alguns phenomenos, não estudados ainda pela sciencia e cuja descoberta vem attenuar as contingencias da vida social.

« Os grandes homens, comparaveis a esses aeroplanos, que se destacam do aerostado terraqueo, só exercem influencia directa na vida peculiar do povo ou povos, com que se relacionam, mas nenhum influxo real exercitam sobre a evolução geral da humanidade, antes são por esta inspirados ou dominados.

« Os tentames de uma fórma graphica para a evolução social, desde Vico até hoje, não têm logrado exito scientifico, porque a affectam, por todos os lados; são innumeros e variados, ora impondo a figura de uma « espiral », ora a de uma « helice », ora a de uma successão de linhas quebradas, em combinação com curvas.

« Concluir-se, porém, da intercurrencia de tantos elementos divergentes e antagonicos, a inexistencia da Historia, como disciplina scientifica actualmente, parece-nos temerario e pouco consentaneo com o caracter especifico das sciencias sociaes em geral. Importaria isso, a nosso vêr, negar-se a qualidade de sciencia á moral, ao direito, á economia politica e mais que a todas, á sociologia, porque, em todas estas disciplinas, o factor psychologico, o factor humano, com todas as suas incongruencias e surpresas, actúa preponderantemente.

« Para nós, com a devida vénia dos competentes, a historia é a « secção da sociologia que estuda a evolução retrospectiva dos povos cultos, no tempo e no espaço, por meio de documentos authenticados pela critica ».

« Sua formação genetica percorreu os seguintes cyclos: 1.º Historiographia (ou historia classica); 2.º Philosophia da Historia; 3.º Historia da Civilização; 4.º Sociologia dynamica.

« E' visto que, com a definição supra, eliminámos do dominio da Historia, no conceito moderno (da profana, entenda-se), todos os factos não fundados em documentos authenticados pela critica, isto é, os que se prendem aos tempos primitivos, ás lendas e tradições obscuras e não documentadas; por outro lado, contestámos a legitimidade das chamadas « Historia contemporanea e Historia Universal ».

« Os factos coetaneos escapam á analyse calma do historiador, autor e actor nelles, porque seus testemunhos são em geral suspeitos; por outro lado, só os povos cultos podem fornecer a materia prima das indagações historicas.

« Aliás, como prescindir-se do criterio sociologico para o estudo do passado historico da humanidade, e do processo historico ou comparativo, para estudar-se a evolução actual da sociedade, como ponto de partida de sua evolução futura, escopo ultimo da sociologia?

« De facto, actualmente, é tão intima a solidariedade entre a sociologia e a historia, que deixou ella de ser uma simples interdependencia, para assumir o caracter unitario de uma cohesão verdadeira, a exemplo da biologia, que tende a absorver a physiologia, como a chimica absorveu a alchimia e a astronomia a astrologia.

« Generaliza-se hoje, entre os sociologistas e historiadores mais notaveis, o empenho de organizar-se scientificamente a historia; variam, porém, os processos e factores, adoptados para esse objectivo.

« Até ha pouco, de facto, culminava, entre todos, pelo seu aspecto suggestivo e de facil applicação, o processo chamado da « interpretação economica da Historia », iniciado, como já o dissemos, por Karl Marx, desenvolvido por Loria, Labriola, Engels e outros e modificado por Worms e de Greef.

« Tem elle, porém, a falha visceral do exclusivismo, em seu criterio basico da preponderancia constante do factor economico, em todos os factos historicos.

« Realmente, applicando á Historia patria tal theoria, vemos que a muitos dos seus acontecimentos ella se adapta victoriosa, como entre outros, ás expedições que se seguiram ao descobri-

mento, ás luctas com francezes e hollandezes, ás incursões dos bandeirantes, ao captiveiro dos indios, ás questões com o fisco da metropole, etc.; mas, muitos outros factos, e aliás, os mais nobres e gloriosos, independeram do factor economico, como movel preponderante, e, pelo contrario, foram influenciados por causas moraes e por vezes abnegadas e puras, como entre outros: a catechese e defesa dos indios pelos jesuitas, nas primeiras épocas, a nobreza espartana do proceder de Amador Bueno, em S. Paulo, á libertação do ventre escravo, a abolição final da escravidão e muitos factos mais.

«Nem sempre, pois, o « primo vivere » preside, soberano, aos actos da vida social, dignos da consagração historica, e assim o reconhece Seligman, na recente analyse que fez, da theoria economica, salientando que nenhuma interpretação monista da humanidade póde ser aceita ainda hoje, e que, além das relações sociaes de caracter economico, muitas outras existem de caracter moral, religioso, juridico e politico, que é mister assignalar-se.

« Marx, socialista antes de tudo e extremado, impressionou-se em demasia com as crises do capital e do trabalho, na época actual, retrotraindo-as ao passado, para architectar sobre ellas sua theoria unitaria e materialista da historia.

« Outra escola, como sabeis, importante pelos subsidios scientificos que condensou, e pelo espirito profundamente analytico dos seus chefes, é a « ethnologia », tendo á sua frente Bastian e H. Post e collaborada, em muitas das suas conclusões, por Gumplowicz, H. Spencer e outros.

« Seu processo capital é o estudo exhaustivo do selvagem actual, para averiguar-se, por analogia, o estado cultual, os costumes e idéas do homem primitivo, e assim chegar-se ao conhecimento do que constitue o fundo psychologico e moral da humanidade, e, portanto, da sua evolução historica.

« Desde que, porém, se verifique, como se está demonstrando hoje, que o selvagem actual não representa um « simile » do homem primitivo, mas, sim, apenas caracteriza uma « degradação », uma « decadencia » profunda de povos civilizados outr'ora, sob a acção das emigrações successivas, das guerras de tribus e do isolamento, como até certo ponto o reconhece o proprio

Spencer, com relação aos povos da America do Norte, da Central e do Perú, é claro que a analogia, base da theoria, se annulla, e esta não póde disputar a primazia, nos processos historicos.

« E' justo, porém, reconhecer-se que tanto a escola materialista, como a ethnologica, falsas no fundo, contribuiram no emtanto, grandemente, em suas indagações meticulosas e vastas, para a organização scientifica da historia.

«O primeiro passo dessa grande conquista partiu da Allemanha, no proprio berço daquellas escolas, da « Alma mater » da sciencia moderna, da patria de Ihering, de Mommsen, de Ranke e de tantos outros vultos da philosophia e da historia.

«Na Universidade de Leipzig, em 1896, Karl Lamprecht iniciou o seu notavel curso de historia, revolucionando os methodos até então seguidos, e expondo theoria propria e comprehensiva de todos os phenomenos e factos do dominio daquella sciencia, sobre bases, em muitos pontos, aceitaveis.

« O nosso illustre consocio argentino, o Dr. Ernesto Quesada, essa gloria das lettras americanas, commissionado pela universidade de La Plata, em 1908, para estudar os methodos do ensino da historia, nas universidades allemãs, depois de visitar com detença nada menos de 22 destas, especialmente seus cursos de historia, publicou um volumoso relatorio a respeito, que constitue um livro exhaustivo e profundo sobre a materia, como titulo: « La enseñansa de la historia en las universidades allemanas ».

«Na carencia de traducção das obras de Lamprecht, vamos recorrer largamente ao subsidio desse livro notavel, que nos proporcionou o ensejo de vêr consagrada, por autoridade tão eminente, a theoria do consorcio intimo da historia e da sociologia.

« O conceito fundamental de Lamprecht, segundo Quesada, consiste em considerar a historia como o estudo successivo de épocas typicas da vida de cada nação, afim de caracterizar o desenvolvimento methodico de sua civilização, sendo que taes épocas, em todas as suas variadas manifestações, apresentam o sello (caracteristica) de uma disposição psychica geral, que elle denomina « diapasão » : a somma de todos os factores psychicos,

diz elle, em cada época, constitue uma unidade e por isso está submettida a uma divisão em periodos, entre si ligados. Taes épocas, quanto aos factores psychicos, se caracterizam successivamente, pelo «symbolismo natural», pelo «typismo», pelo «convencionalismo», pelo «individualismo», pelo «subjectivismo»; quanto ao regimen de occupação territorial, pela exploração natural, collectiva e individual; quanto aos factores economicos, pela exploração commercial, de caracter analogo.

«O principio dominante, nestas séries, é a marcha, na evolução espiritual, partindo da maior igualdade de todos os individuos de uma communidade, o que implica o desenvolvimento progressivo. O aspecto collectivo dos factos historicos é o essencial, porque só as manifestações collectivas são passiveis de leis regulares; a acção dos grandes homens é sempre a resultante do estado geral de desenvolvimento do meio.

«Comquanto coincidam muitas affirmações de Lamprecht com opiniões de Comte, de Buckle e de Spencer, afasta-se elle destes, em pontos cardiaes e expõe idéas proprias cómo dissémos em these e não podemos desenvolver aqui.

«A evolução, no mundo super-organico, segundo elle, toma caracteres typicos, em cada aggregado social, mas sempre constantes através dos tempos.

«No começo, nota-se uma dispersão espiritual de idéas e de sentimentos, apenas dominadas por alguns destes, isolados e sem contacto apparente; pouco a pouco, produz-se a concentração, a principio violenta relativamente, como consequencia dos movimentos isolados, mas intensivos; em seguida, o enthusiasmo cede o logar á reflexão e produz-se a concentração estavel, a qual conduz á synthese de todas as aspirações isoladas, e assim se alcança o momento culminante, na vida do phenomeno social, pela integração de todas as differenciações existentes; a concentração, porém, vai-se tornando mais rigida e exclusiva, até terminar, em uma quasi «petrificação», que assignala a ultima phase da vida desse povo, dessa sociedade, do phenomeno social, em summa, de que se trata. Eis a famosa lei sociologica de Lamprecht, que não se confunde com a de Spencer, o qual parte do homogeneo indefinido, como sabeis.

« Applicando-a, vemos que, no começo de todo o movimento politico, por exemplo, verificam-se movimentos isolados dos individuos, produzindo contraposições violentas, desordens e dissoluções parciaes; nesse periodo, o individuo só se submette á influencia estranha, que o fôrça a entrar em determinada synthese, sob a acção de ameaças ou penas de ordem religiosa, juridica ou de costumes. O predominio das tendencias individuaes vai-se attenuando, assoberbado pelo da synthese social organizada. Quando a influencia desta chega ao *maximum* de concentração, dá-se a dissolução dessa organização politica, volvendo a repetir-se o processo anterior pela dispersão das forças e idéas individuaes.

« Do estado critico de dispersão de hordas e tribus decorreu, no passado, a cohesão em povos e nações; dissolvendo-se estas, volvem a concentrar-se em outras nações; e isto se repete sempre, « adeantando-se, porém, incessantemente, a linha helycoidal » da evolução, isto é, « verificando-se estas successivas evoluções com gradual e lento predominio do justo e do tradicional. Nisto precisamente consiste a lei do progresso ».

«Aqui, diremos, justifica-se o novo « simile » do planeta, em sua evolução no espaço, executando os movimentos de « rotação » (ou de progresso limitado e regular) e de « translação » (ou de regresso tambem regular), mas sempre caminhando, em trajectoria desconhecida, para um ponto do espaço, cuja localização conjecturamos, e que representa, quanto á humanidade, — o idéal de justiça e de liberdade a que tendemos.

«Para que se avalie a consclenciosa probidade scientifica com que Lamprecht estuda a historia, basta referir-se o facto, narrado por Quesada, das indagações feitas por um alumno do seu curso, sobre a *mineração no Brazil*, e que o dito Quesada teve occasião de verificar certo dia; em falta de materiaes de informação, o alumno hesitava em escrever sua memoria, e Quesada não só o auxiliou, indicando-lhe as fontes mais competentes da nossa historia a respeito, como tambem aconselhou ao professor que se dirigisse á nossa chancellaria, solicitando livros sobre a historia do Brazil.

« Não sabemos se estes livros foram ou não enviados, mas a

obra scientifica de Lamprecht é de tal modo importante, de tão universal interesse, affecta-nos tão de perto, como nação nova e pouco conhecida na Europa, que, daqui desta tribuna, fazemos nossa a solicitação de Lamprecht ao nosso eminente ministro do exterior, que, por coincidencia feliz e honra para nós todos, é tambem o Presidente deste Instituto; e o fazemos, certo de que elle attenderá, benevolo, ao empenho do grande sabio de Leipzig. (*)

«É intuitivo que a historia jámais assumirá o gráo de certeza, a fixidez definitiva das sciencias mathematicas ou physicas, tão alardeada pelos especialistas, inimigos das hypotheses, em que pese a Poincaré e outros. Entretanto, para quem acompanha a obra scientifica de um Kant, de um Comte e de um Spencer, com attenção acurada, não é mysterio que todos esses grandes luminares da intelligencia chegavam ao termo da sua gloriosa carreira, negando o predominio soberano da razão pura, descrendo de suas affirmações especulativas mais profundas, e appelando para o sentimento, para a consciencia, como unica fonte de certeza moral, como verdade inconcussa! Se assim é, como rebaixar a historia, essa testemunha vivaz da consciencia moral da huma-

---

(*) Conoci, diz Quesada, alli trabajando en la division n.º 19, a un estudiante que preparaba su tesis historica sobre «la cuestion del oro y de los diamantes en el Brasil». No habia en el seminario ninguna obra fundamental impresa en el Brasil: indiqué, tanto á dicho estudiante como al sud-director Kohler, los catalogos de la exposicion historica y geografica, los anales de la Biblioteca Nacional de Rio, etc. Más aun, le revisti por escrito los titulos exactos y le aconsejé escribiera directamente al actual ministro de R. E. del Brazil, baron de Rio Branco», qui eu habia residido antes longo tiempo en Berlim, como representante diplomatico de su pais, y ciertamente atenderia en el acto el pedido; Kohler me escribió después que habia hecho el pedido a la «legacion brazilera em Berlin», y no desde que habiá sido debidamente atendido.» (Obr. cit., pag. 1.105). As aspas são nossas.

Eis um bom serviço que devemos a um consocio estrangeiro. Se todos os argentinos o imitassem, na Europa...

Convem notar que Lamprecht, por carta de 28 de Abril de 1909, solicita de Quesada sua interferencia, perante os governos sul-americanos, para obtenção de livros e publicações sobre a historia dos seus respectivos paizes, solicitação que elle, com empenho, reitera na obra citada, pag. 1.106.

O Brazil despresará propaganda, como esta, tão valiosa e facil ou preferiremos as «embaixadas de ouro»?

nidade, ao nivel de um simples instrumento material de indagação scientifica?

« O moribundo, dizem-no observadores fidedignos, tem a visão panoramica da sua vida passada, pouco antes de expirar, o que demonstra que a memoria é faculdade nobilissima que se não submette á atrophia gradual do organismo, antes subsiste a ella, como o « ultimum moriens » da vida psychica, a igual do coração; —o « ultimum moriens » do organismo physico.

« Esse facto, entretanto, que vem corroborar o argumento de Claude Bernard da persistencia do espirito, sempre o mesmo, no phenomeno da reminiscencia, através das phases da renovação successiva dos nossos orgãos, attesta, por igual, a alteza scientifica da historia, essa obra de selecção mental, presidida e estudada pela memoria do passado.

« Vós aqui reunidos, senhores Consocios, exerceis verdadeiro sacerdocio de abnegação e de patriotismo e cultivais, com amor, essa nobilissima sciencia, que é, ao mesmo tempo, um codigo de justiça humana sem appello. Comvosco em reunião e sempre attento aos vossos ensinamentos, eu procurarei auxiliar-vos, na esphera de minhas forças, com sincero empenho, grato á honra superior, que me conferistes, aceitando-me em vosso gremio de capacidades provadas e benemeritas.»

Em seguida toma a palavra o Sr. D. João Baptista Corrêa Nery, Bispo de Campinas, para lêr o seu discurso, assim concebido:

« Ex.mo Sr. Presidente, dignissimos consocios.—Arrancado da minha obscuridade e generosamente acceito como membro deste respeitavel Instituto, eu vos confesso que é de immensa confusão o sentimento que ora se apodera da minha alma.

« Em vão procuro em mim titulos pessoaes que expliquem tão elevada distincção; debalde peço a meus humildes e escassos trabalhos de curioso, sobre assumptos historicos e geographicos, meritos que justifiquem a excelsa honra que me conferistes. Ao meu espirito apenas se depara a fidalga generosidade do vosso procedimento, suggerida por informações de amigos que me são exaggeradamente dedicados.

« Uma só explicação se me afigura aceitavel: querer o Insti-

tuto Historico e Geographico honrar, em minha pessôa, mais uma vez, a Religião Catholica, cujos trabalhos pela nossa Patria são incontestaveis; trazer para o recinto desta casa, sem outra preoccupação que a da justiça e da lealdade, mais uma voz a recordar o elemento que tão poderosamente actuou no descobrimento do Brazil, que papel saliente sempre desempenhou na defesa da nossa integridade territorial e politica e, finalmente, foi companheiro dedicado e constante de toda a nossa evolução social.

« Assim explicado o acto que me deu ingresso neste Instituto, eu não tenho o direito de furtar-me a esta altissima distincção, e, porisso, aqui venho hoje tomar posse do logar que me indicastes, trazendo, na ausencia de qualquer outro merecimento, a simples energia de uma vontade, que quer collaborar modestamente comvosco na guarda e defesa de nossas tradições nacionaes.

*
* *

« Um povo, disse notavel orador, é um perfeito organismo, « vitalisado, é uma unidade viva derivando de uma multiplicidade « viva. A vida de um povo está na sua alma, e a alma desta está « na idéa e está na fé » [1].

« A vida dos povos é, pois, senhores, alimentada pela idéa, que é seu principio gerador, desenvolvida e fortificada pela idéa, que é seu principio conservador, avantajada, enaltecida e glorificada pela idéa, que é seu principio consummador.

« O Egypto surge da obscuridade, quando faz o occidente participante dos segredos e mysterios da sua existencia secular. A Phenicia attrae todos os olhares e põe em destaque o seu valor, quando, ufana, rasga a extensão dos mares, iniciando as relações mercantis, e quando substitue pelo alphabeto a rotina hieroglyphica. A Grecia cresce e avoluma-se pelos seus cerebros pensantes, pelas conquistas de seus cinzeis inimitaveis e pela sonoridade de suas lyras inspiradas, espargindo por toda parte os thesouros

---

1 Alves Mendes, *Discursos e escriptos*.

da philosophia e da arte. Roma torna-se a senhora do mundo, quando faz pesar sobre todos os povos sua espada gloriosa e, possuidora da sciencia politica, traça regras e uniformisa as nações na disciplina do direito. Portugal « torna-se a inveja e o « espanto do orbe quando, revigorado na rigeza da fé e faroli- « sado ao brilho da idéa, assignalou o orbe com um traço indele- « vel, com um sulco immortal — o sulco de suas inenarraveis « explorações, das suas lendarias descobertas, das suas incom- « paraveis emprezas, das suas façanhas gloriosas » [1].

« Por certo que, senhores, na constituição do organismo vitalisado dos povos, entram elementos mais ou menos poderosos, mais ou menos efficazes. Por sobre todos elles, porém, levanta-se uma cousa muito mais valiosa. E' a crença, é a fé, que lhe imprime sua força vivaz, suas tendencias cosmopolitas, seu espirito social, seu culto á unidade, seus habitos de organisação, seus processos de coherencia, seu prestigio civilisador e seus principios de disciplina.

« Onde quer que um pensamento grande, disse Herculano, « precisa toda a energia de uma unidade social para se desenvol- « ver e realisar, lá haveis de encontrar a religião produzindo essa « energia » [2].

« E foi essa crença, que em Portugal constituiu o segredo de todas as suas grandezas, o ponto de apoio de todas as suas conquistas e a explicação de todo o seu renome, que desenrolou aos olhos espantados do mundo esse painel maravilhoso que se chama Brazil.

« De facto, Pedro Alvares Cabral, recebendo das mãos de D. Manoel I a bandeira da Ordem de Christo, se transformou no Apostolo preparado por Deus para alargar as conquistas gloriosas da cruz [3].

---

1 Ibidem.

2 Citação do autor referido.

3 «Prompta a Frota... prégou Dom Diogo Ortiz, Bispo de Ceuta, dissertando sobre o objecto da sua empreza: e emquanto se officiou, *esteve arvorada sobre o Altar uma Bandeira com a Cruz da Ordem de Christo*, a qual o mesmo Bispo benzeu por fim, e El-Rey com sua propria mão entregou a Pedralvez Cabral.» P. Ayres de Casal, *Corografia Brazilica*, intr. pag. II.

« Não admira, portanto, que a preoccupação religiosa acompanhasse toda a historia do nosso descobrimento [1] e da nomenclatura dos nossos rios, montes e portos; [2] que a cruz fosse desde logo chantada em vez dos marcos do costume [3] e que sobre esse symbolo da fé fossem collocadas as armas portuguezas [4].

« Esta *posse divina*, como muito bem disse o Padre Dr. Julio Maria, « dá ao descobrimento do Brazil um duplo aspecto: o do « descobrimento material ou politico, que pertence a Cabral, e o « do descobrimento espiritual ou catholico, que pertence aos pri- « meiros religiosos que aportaram ás plagas brazileiras » [5].

« A gloria da primeira missa, da posse divina destas terras e da sua primeira evangelização, pertence aos Franciscanos [6], — razão bastante para que elles merecessem sempre o acatamento da posteridade, para que o Brazil lhes fosse não sómente justo, mas agradecido, fidalgo e generoso.

« Mas si foram os Franciscanos os *pioneiros* da nossa civilisa-

---

1 «... Fazendo Pedralvez sinal aos outros navios que aproassem á terra, foram surgir ao Sol posto em dezanove braças, obra de seis leguas arredadas desta, e *em respeito ao Oitavario* deu o Capitam á Montanha o nome de Monte Pascoal, que ainda conserva e á Terra o de *Vera Cruz.*» Op. cit.

2 A essa primeira expedição se deve o reconhecimento do cabo de Santo Agostinho (28 de Agosto), do rio S. Francisco (4 de Outubro), cabo S. Thomé (21 de Dezembro), Angra dos Reis (6 de Janeiro), ilha de S. Sebastião (20 de Janeiro), porto de S. Vicente (22 de Janeiro). *Vide* os historiadores da época. E ainda vigora o systema da adopção dos nomes dos santos para a nomenclatura geographica.

3 « Celebrou missa cantada duas vezes o guardião Frey Henrique: primeira no Domingo da Pascoela em um Ilheu... outra no primeiro de Mayo ao pé *d'huma grande Cruz*, que na mesma manhan, tinha sido collocada junto á praia... » P. Ayres de Casal, Op. cit., pgs. 31, 32, 33.

4 Como acima.

5 « Hiam sete Frades Franciscanos subordinados a hum Guardião por nome Frey Henrique, que depois foi Bispo de Ceuta. (P. Ayres de Casal, Op. cit.) « Frei Henrique era um homem de talento não vulgar. Tinha largado a toga de desembargador da Casa da Supplicação, em Lisboa, pelas asperezas do Instituto que abraçou no convento do Alemquer, onde seo noviciado foi tão fervoroso que deu logo indicios de virtudes eminentes. » Frei Vicente do Salvador, *Historia do Brazil*, e *Historia Seraphica*.

6 Vide P. Dr. Julio Maria, *Memoria* no *Livro do Centenario*, vol. I, pags. 26 e 27.

ção, não foram os unicos religiosos que acompanharam os primeiros passos vacillantes da nova christandade.

« Seguem-se os Jesuitas, cuja obra colossal transparece de todas as paginas da nossa historia, nesse periodo inicial.

« Vieram elles para o Brazil quando veio o primeiro gover-
« nador geral Thomé de Souza, e assim, diz o Dr. Eduardo Pra-
« do, na mesma occasião em que a ordem civil se regularisou pela
« sua centralização, o Brazil religioso começava a ter, por assim
« dizer, uma existencia real » [1].

« Todos esses valorosos paladinos da fé, em cujo seio surgiram como figuras de real destaque Nobrega [2], Anchieta [3] e Vieira

---

1 *Conferencia preparatoria*, por occasião do centenario do Veneravel Padre Joseph de Anchieta.

2 « Nobrega era um espirito activo, que as contrariedades providenciaes de sua vida tinham subjugado; coração repleto de ambições mundanas, que Deus não permittiu fossem satisfeitas; alma susceptivel, entretanto, das mais delicadas emoções da piedade, que se lhe desperta, ouvindo um prégador eloquente verberar o mundo e a falsidade de suas glorias. Nobrega sem repugnancia faz a Deus o sacrificio de seus talentos, de seus gestos, de sua vontade e entra, em 1542, na Companhia de Jesus, onde seu noviciado foi completo em virtude. » P. Dr. Julio Maria, Mem. cit.

« O Padre Nobrega foi o primeiro que amansou e domesticou aquellas gentes, mais féras que as mesmas féras; que as ajuntou em aldeias; que lhes deu leis; que as ensinou e doutrinou, tendo-lhe ellas tão grande affecto e obediencia que o que não podia acabar o governo por força das armas, acabava o Padre Nobrega só com a sua presença e poucas palavras. » P. Simão de Vasconcellos, *Chronica da Companhia de Jesus.*

« Fundou os collegios do Rio de Janeiro, Bahia, Piratininga, as casas de S. Vicente e Porto Seguro. Apenas senhor da lingua, dispoz-se a ir-procurar os gentios em seus proprios esconderijos. Galgou montanhas, atravessou florestas, transpoz planicies e desertos, soffreu o rigor das estações, sêdes e fomes. » Charles de Sainte-Foi, *Vie du Père de Nobrega.*

« Grande defensor da liberdade dos indios, que muito o amavam e que elle, nem mesmo na velhice, abandonou, Nobrega teve contra si o odio dos Portuguezes, que chegaram, mas debalde, a tentar contra a sua vida. » P. Dr. Julio Maria, Mem. cit.

3 « A vocação do Padre Anchieta foi uma das mais completas e bellas. Nasceram, por assim dizer, quasi juntos — Anchieta e a Companhia de Jesus, aquelle em 1533 e esta em 1534. E' um nome difficil de adjectivar. Tambem cada chronista, historiador ou escriptor, dá-lhe um epitheto. Personagem historico, legendario, quasi biblico, como se expressa Teixeira de Mello. Uns celebram nelle o evangelizador

ra [1], reduziram os indios pela doçura de sua palavra, pelo prestigio de sua pureza, pela belleza das ceremonias catholicas, em summa, por esse conjuncto de predicados superiores que só a fé sabe crear em almas de eleição.

Na phrase de um historiador insuspeito, « os jesuitas foram outros Orpheus que souberam humanisar as novas féras humanas».

Ocioso seria descrever aqui, pois que bem a conheceis, essa cruzada titanica do Jesuita em prol da civilização do Brazil.

Seu valor bem se evidencia diante das ruinas que sobrevieram á retirada desses abnegados missionarios.

«O abandono dos indigenas, a sua volta á vida selvagem, depois do desapparecimento dos jesuitas, diz o Dr. Theodoro Sampaio, é a melhor prova de quanto valiam aquelles padres, como civilizadores dos indios.

«Quando em 1886, continúa o citado escriptor, desci explorando as aguas encachoeiradas do Paranapanema, até onde,

---

das tribus selvagens, outros o genio da poesia e das lendas, outros, emfim, o patriarcha rodeado, no seio das florestas, de uma grande e bella descendencia espiritual, que elle gerara em Christo. A Historia diz delle que, desde 1553, foi o maior e o mais poderoso cooperador do padre Nobrega na catechese dos indios; e o denomina — *O apostolo;* que os seus milagres foram tão admiraveis como os seus trabalhos; e o denomina — *thaumaturgo.* A tradição nos traz o seu nome, através de tantos episodios e de luctas tão ardentes, e não obstante tambem as miserias e fraquezas do coração humano — superior a todas as ambições mundanas, tão estremes de toda a macula como si não tivesse pela carne pertencido á humanidade; e o denomina — *O santo.* Foi elle que formou nos campos de Piratininga, em 1554, o terceiro collegio regular do Brazil, sendo esse logar onde, pela primeira vez, se celebrou missa, em 25 de Janeiro, consagrado ao apostolo S. Paulo. Eleito provincial, a sua actividade já se não concentrava numa capitania; mas se estendeu a todo o territorio abrangido pelo Prata e pelo Amazonas.» P. Dr. Julio Maria, Mem. cit.

1 «Nascido em Lisboa, a 6 de Fevereiro de 1608, Antonio Vieira veiu para o Brazil com sua familia, a qual aqui estabeleceu domicilio em 1615. Frequentou as aulas da escola dos Jesuitas, tendo aos 15 annos fugido da casa paterna para o collegio, onde professou dois annos depois. Foi sacerdote em 1635, tendo já a esse tempo percorrido quasi todas as aldêas de indios do Brazil e já seu nome subia no conceito publico, entre os colonos, pelos seus sermões nas egrejas e arredores da cidade.» Dr. Braz do Amaral, conferencia no centenario de Vieira.

Ao diante diremos ainda dos feitos gloriosos deste illustre membro da Companhia de Jesus.

outr'ora, se estenderam as missões de Guayrá, tocou-me a alma naquelle deserto immenso, o bosque marginal das bravas e incultas larangeiras. Dos seus pomos de ouro, abundantes, bellos, pendidos sobre as nossas cabeças, não reçumavam entretanto sinão acidez e fel.

«O indio abandonado ou perseguido, ficou como essas larangeiras, esplendidas na sua grandeza selvagem, mas cujos fructos a corrente dispersou e corrompeu.

«Azedume e fel, desconfiança e odio, eis o que sobra hoje na alma do indio, contra essa civilização, cujo alvorecer apenas entrevira e que tão cedo lhe arrebataram»[1].

E agora, pergunto eu: conseguirá o esforço official os mesmos resultados brilhantes daquella evangelização que se apoiava exclusivamente na cruz? O futuro nol-o dirá. O que é certo, porém, é que nunca temos o direito de contradizer os ensinamentos da Historia.

*

* *

Elemento principal da formação da nossa nacionalidade, a fé soube ainda inspirar o valor necessario nos diversos periodos em que parecia periclitar a nossa integridade territorial.

De facto, quando foi necessario varrer os ultimos normandos do Rio de Janeiro, ao lado da figura de Estacio de Sá, vemos a do Padre José de Anchieta, que não só apresta reforços trazidos de S. Vicente, como anima com sua presença e com sua palavra essas memoraveis batalhas[2]. Quando as armadas dos mercadores

---

1 Dr. Theodoro Sampaio, conferencia anchietana, por occasião do centenario do Thaumaturgo.

2 «Em S. Vicente achava-se já o Capitão-Mór Estacio de Sá com sua armada preparada e prestes; seis navios de guerra, algumas barcas ligeiras e nove canôas de Mestiços e Indios. Com estes mandará o Padre Nobrega dois religiosos. Gonçalo de Oliveira e Joseph de Anchieta para animal-os e dirigil-os em uma e outra lingua, em que eram peritos. Partiram do porto a 20 de Janeiro, dia dedicado a S. Sebastião, que tomaram por patrono da empresa. Juntas as embarcações, entraram todas a barra do Rio de Janeiro: salta em terra a infanteria e começa a fortificar-se com

da Batavia assaltaram nossos portos e nos arrebataram a metropole colonial, secundando a acção das auctoridades civis, apparece D. Marcos Teixeira, que tanto contribuiu para o feito que reconduz victoriosas as nossas phalanges até dentro dos muros da cidade do Salvador [1].

---

trincheiras e fossos. Joseph e seu companheiro faziam praticas aos soldados europeus, não acostumados a tal modo de guerra e tambem aos indios. O primeiro assalto que deram os inimigos foi aos 6 de Março, sendo vencidos. Aos 12 do mesmo mez tiveram noticia os nossos, que os Tamoyos estavam em cilada com 27 canôas de guerra, em postos onde de força havia de ir a dar a nossa gente. Aprestaram dez canôas com duas lanchas de remo e foram acomettel-os, com tão boa fortuna que ao primeiro encontro se fizeram senhores de huma das principaes canôas, e as demais fugiram á força de remos.» P. S. de Vasconcellos, *Chron.* cit.

Sabe-se o desenlace desta lucta. Villegaignon tinha partido para a Europa 8 ou 9 mezes antes. Mas os 150 francezes restantes, alliados a cerca de 1.000 Tamoyos, apresentaram heroica resistencia aos nossos. Ao fim de tres dias de batalhar porfiado, esgotadas as munições de guerra e a provisão de agua, dos inimigos uns capitularam e outros fugiram. Men de Sá mandou arrazar a fortificação, encravar a artilheria e celebrar missa em acção de graças pela assignalada victoria. *Vide* os historiadores da época.

1 D. Marcos Teixeira, 5.º bispo do Brazil, governava a diocese ao tempo da primeira invasão dos hollandezes, na Bahia (1624-25). Por certo, a noticia de uma vinda provavel dos hollandezes ás terras do Brazil não era uma novidade para a colonia, dadas as luctas entre Hollanda e Hespanha, a que o Brazil estava sujeito.

São conhecidas as causas dessas invasões a que J. Ribeiro (*Hist. do Brazil*), denominou, muito justamente, «a guerra do commercio livre contra o monopolio».

Sabidos esses boatos de pretendidas excursões, ordenadas pela Companhia das Indias Occidentaes, armaram-se os povos do Reconcavo para repellir os invasores.

Como, porém, tardassem estes a apparecer, e a conselho do bispo, as forças armadas se dispersaram.

E' certo que o acto de D. Marcos tem sido criticado por alguns historiadores. Mas, si considerarmos que a sua missão era de paz e não de guerra; que o seu conselho dado tinha por motivo o estado da colonia, que periclitaria com o abandono das lavouras, estando os colonos em pé de guerra, veremos que as censuras ao illustre prelado são menos cabidas.

Entretanto, dava-se a 10 de Maio de 1624 o desembarque dos hollandezes, que se apoderaram facilmente da rica e florescente colonia, sem encontrar resistencia notavel, o que causa a admiração de Netscher (*Les Hollandais au Brésil*, pg. 174, nota 15), tendo o bispo tomado o unico partido razoavel no momento, como diz Southey (*Hist. do Brazil*, vol. II, pg. 154).

Mas não tardou a ser organizada a resistencia, ou melhor, a reinvindicação

Quando, finalmente, a nossa unidade territorial e politica sentiu-se fortemente combalida, no Pará e em S. Paulo, pelo despeito, pela cobiça e pelo impatriotismo dos homens, encontraram-se, ao lado dos que pugnavam pela victoria da legalidade, Padre Diogo Antonio Feijó, [1] D. Romualdo Antonio de Sei-

---

do territorio patrio. Abertas as *vias de successão,* recahiu, por fim, a escolha em D. Marcos Teixeira para capitão-mór das forças, tendo ás ordens dois logares tenentes, coroneis Antonio Cardoso de Barros e Lourenço Cavalcanti de Albuquerque.

Forma-se no Arraial do Rio Vermelho o nucleo dessa resistencia e o bispo, trocando o viver calmo da cidade pela vida agitada do acampamento, para alli se dirige.

Dita seu testamento, veste habito de penitente, faz preces publicas, deixa crescer a barba e pega em armas sem deixar o baculo. Além de dirigir os assaltos e escaramuças proprias do momento, faz sabias exhortações e dá conselhos sabios a seus commandados, e com elles partilha as agruras da existencia em campanha.

Tantos e tão grandes são os trabalhos destes seis mezes de luctas, que o illustre prelado, depois de entregar sem difficuldade o governo a Francisco Nunes Martinho de Eça, enviado de Pernambuco por Mathias de Albuquerque, fallece a 8 de Outubro de 1624.

Os conceitos emittidos a respeito de D. Marcos por Frei Vicente do Salvador, Tamaio de Vargas, Rocha Pitta e outros, destroem, por certo, a pecha de ambicioso vulgar que lhe foi dada por Varnhagen (visconde de Porto Seguro) em sua conhecida *Historia Geral.*

1 Após o 7 de Abril, surgem as sabidas insurreições parciaes do periodo regencial, convulsionando o paiz, de Norte a Sul.

«A grande reputação da Regencia será a de um estadista, o padre Feijó, que revelou a maior firmeza de caracter na repressão da anarchia militar (1831), a qual sobreveiu, como era de esperar, do pronunciamento do Campo de Sant'Anna.» J. Nabuco, *Um estadista do Imperio*, vol. I, pgs. 26 e segs.

«Nascido em 1784, Diogo Antonio Feijó ordenou-se sacerdote e em 1812 leccionou em Campinas. Deputado ás côrtes, em 1821, é obrigado a fugir com os seus collegas brazileiros e, de regresso á Patria, entrega-se com fervor á grande obra da Independencia Nacional. Eivado de liberalismo, combate o primeiro imperio em sua ultima phase; e após a Abdicação de D. Pedro I, já na Regencia Permanente, serve como Ministro da Justiça, revelando grande capacidade politica e energia. Conseguiu reprimir os tumultos militares do Rio, dissolvendo os corpos de linha amotinados, creando a Guarda Nacional e com esta submettendo um corpo de artilheria sublevado.» J. Ribeiro, *Hist.* pag. 361.

Menos feliz como regente uno (1835-37), assiste ao pronunciamento da revolução do Rio Grande, soffrendo grande golpe em sua popularidade. Nobremente renuncia ao alto cargo, a que o levara grande votação do povo e desce do poder pobre, vindo a morrer pobre, (1843).

xas [1] e Padre Antonio Joaquim de Mello. [2] Sim, senhores; si observardes, com attenção e sem preconceitos, a historia que enthesoura ás nossas energias e assignala a marcha da nossa civilização, verificareis que, junto do patriotismo que age, se levanta

---

1 D. Romualdo Antonio de Seixas, posteriormente marquez de Santa Cruz, nasceu em Cametá (Pará), a 7 de Fevereiro de 1787 e falleceu na Bahia a 21 de Dezembro de 1860.

Após estudos no seminario de sua provincia, foi para o Velho Mundo, a aperfeiçoal-os nas aulas da Congregação do Oratorio, em Lisboa.

De volta ao Pará, foi professor de varias disciplinas do referido seminario, recebeu ordens em 1810, parochiou em Cametá e, chamado a Belém, occupou varios cargos na administração ecclesiastica da diocese do Pará. Pertencia ao cabido, de que foi arcediago.

De 1821 a 1823 presidiu a Junta provisoria do governo de sua provincia, onde gosava de real e merecida influencia.

Deputado por ella, fez parte da legislatura de 1826; e representou depois a Bahia, nas de 1829 e 1841, dissolvida, como se sabe. Foi presidente da Camara dos Deputados em 1828.

A 26 de Outubro de 1826 era escolhido Arcebispo Metropolita da Bahia, confirmado por Breve de 20 de Maio de 1829, do SS. Padre Leão XII e sagrado a 28 de Outubro desse anno, em presença de D. Pedro I e de toda a côrte. Recebeu o pallio a 4 de Novembro seguinte. Empossado, com procuração ao conego José Candido Pereira de Mello, a 31 de Janeiro de 1828, fez a entrada solenne na séde do Arcebispado a 26 de Novembro desse anno.

Aos 30 de Maio de 1835 dirigia aos habitantes do Pará uma pastoral, *exhortando-os a não se separarem da União Brazileira*. E' um documento patriotico, escripto com muita vida e calor.

Grande orador, sabio profundo, optimo bispo, tal foi D. Romualdo de Seixas, que tanto brilho deu á Egreja no seu tempo. Fez sempre parte da Camara dos Deputados da Bahia. *Vide* pref. do conego Dr. Ildefonso Xavier Ferreira ás Const. do Arceb. da Bahia, pg. XIX; P. Galante — *Biographias de brazileiros illustres*, pgs. 135-36; *Rev. do Inst. Hist.*, de 1861, pg. 817.

2 D. Antonio Joaquim de Mello (1791-1861), ainda simples sacerdote, declarou-se francamente contra a rebellião de 1842; foi ao pulpito da egreja do Patrocinio, em Itú; tornou-se um Savonarola ituano e prégou com toda a força, procurando esclarecer o povo e afastal-o da revolução. Alguns amigos intentaram desvial-o do pulpito; queriam persuadil-o da grande responsabilidade que elle tomara e do quanto se compromettia com os revolucionarios; e disto lhe podiam vir graves incommodos. «Não, dizia elle, eu tenho o dever de esclarecer o povo; hei de cumprir esse dever, venha dahi o mal que me vier.» Continuou a prégar durante todo o tempo que a cidade esteve debaixo do poder absoluto dos revolucionarios. *Vide* Dr. Estevam Leão Bourroul — *O Doutor Ricardo Gumbleton Daunt*, an. 15 B.

sempre a Religião que aconselha e conforta, e que esses inseparaveis elementos constituiam o fogo sagrado em que se abrazavam sempre os nossos maiores e se inspiravam os feitos dos nossos heroes.

Evocae, num rastro de luz bem forte, toda a palpitação da vida Brazileira, em seus surtos de independencia. Contemplae, num fóco bem intenso, a existencia heroica desta Patria que se formava, e vereis D. Manoel Alvares da Costa a interessar-se, em Pernambuco, pela sorte nos nacionaes, na *Guerra dos Mascates;*[1] D. Fr. Manoel da Resurreição a erguer-se, em S. Paulo, contra a prepotencia lusitana;[2] Tiradentes a adoptar o triangulo como symbolo da sua projectada republica, em houra da S. S. Trin-

---

1 Ao Norte, as velhas animosidades entre Olinda e Recife se desenrolaram nos motins chamados *Guerra dos Mascates.* Era a reacção natavista contra a metropole (1710).

D. Marcos Alvares da Costa, bispo da diocese, eleito e proclamado governador, assume o posto para que fôra indicado pelo voto do povo, em vista de ter a capitania ficado acephala e sublevada.

Isto concorreu a fazer que o governo levasse menos a mal a deposição do governador effectivo, ao passo que conciliou os escrupulos dos que assentavam ter direito a escolher quem os governasse.

O bispo, apenas avisado, veiu a Olinda tomar posse, no dia 15 de Novembro. E logo, em nome do soberano, concedeu uma amnistia a todos os que por qualquer forma se pudessem julgar implicados na sublevação.

Recomeçando sete mezes mais tarde a lucta, depois de varias peripecias, D. Manoel, após quatro intimações seguidas, julgou indispensavel o recurso das armas, delegando todos os negocios desta natureza ao Senado de Olinda, conjunctamente com o mestre de campo, Christovam de Mendonça Arraes. Porto Seguro *Hist. Geral,* vol. II, pgs. 824, 26 e 27.

2 A capitania de S. Paulo, que fôra o berço dos bandeirantes, devassadores das mattas e descobridores das minas, ia em decadencia.

Depois da mallograda *Guerra dos Emboabas* (1708-1711), capitães generaes, com o proposito de abater o orgulho dos Paulistas, eram nomeados pela côrte, e as luctas entre os natavistas e a metropole se accentuam.

E' desse tempo o governo de Martim Lopes Lobo de Saldanha, o peior dentre todos elles, pela tyrannia que exerceu em S. Paulo, e teve auge com a morte do desventurado musico *Caetaninho* (1781).

Mas, contra a prepotencia lusa ha uma voz que se levanta: é a de um sacerdote, de um prelado, D. Frei Manoel da Resurreição, terceiro bispo de S. Paulo,

dade;[1] no proprio seio da *Conjuração Mineira*, encontrareis, ao lado do alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Vigario Carlos Corrêa de Toledo,[2] o Conego Luiz Vieira,[3] Padre José da Silva de Oliveira Rolim,[4] Padre José Lopes de Oliveira e Padre Manoel Rodrigues da Costa, sendo este ultimo um dos mais

---

confirmado por Breve de 17 de Julho de 1771. Fez a entrada solenne na capital a 19 de Março de 1774 e ahi falleceu a 21 de Outubro de 1789.

Logo após de empossado, levanta a estatistica da diocese, trabalho minucioso e completo, publicado a pgs. 351 e segs. do vol. IV da *Rev. do Inst. Hist.* de S. Paulo, e datado de 19 de Agosto de 1777.

Installa freguezias varias e, entre ellas, a da Conceição de Campinas.

E não tarda a entrar em lucta com Martim Lobo, que queria até intervir no governo diocesano. D. Frei Manoel da Resurreição contra elle defende o clero, os magistrados e o povo, como se vê por occasião do processo do citado *Caetaninho*, e é quem representa contra o despotico capitão-general, de accordo com a Camara e as pessoas gradas da capitania. *Vide* Azevedo Marques, *Apontamentos historicos*, etc., vol 1, pg. 69 e 80; *Docs. interessantes*, vol. XLIII, pags, 212, 251 e 253.

1 «Tiradentes, ponderando que Portugal adoptara por armas as cinco chagas de Jesus Christo, propôz que se adoptasse por armas da nova republica um triangulo significando as tres pessoas da Santissima Trindade.» J. Norberto Souza Silva, *Hist. da Conjuração mineira*, pgs. 115 e 116.

2 «O vigario Carlos Corrêa de Toledo e Mello, vigario collado da freguezia de Santo Antonio da villa de S. José do Rio das Mortes, era um homem de 58 annos, natural de Taubaté e vivia abastadamente em sua parochia. Seus paes, Thimoteo Corrêa de Toledo e Ursula Isabel de Mello, tinham vindo residir nessa povoação fundada pelo Taubateano João Affonso Cerqueira.» J. Norberto S. Silva, op. cit. pg. 103. «Em consequencia de sua parte activa na *Inconfidencia*, foi exilado, voltando mais tarde á Patria e morrendo em Paraty.» Op. cit., pg. 420, not. 1.

3 «Era sempre em casa do contractador das entradas que se hospedava o conego Luiz Vieira, quando ia a Villa Rica. Havia lido com avidez a Constituição dos Estados Unidos e a historia de sua independencia e não deixava de falar sobre a republica americana sempre que se lhe offerecia a discussão, etc.» Op. cit. pgs. 124 a 125.

«Exilado com o vigario Carlos Corrêa, com elle obteve a liberdade. Viu o conego Luiz Vieira a sua prophecia realisada com a inversão da séde da monarchia lusitana.» Op. cit., pg. 420.

4 «Veiu em seguida o celebre padre José da Silva de Oliveira Rolim, que pretextou ter entrado (no logar de reunião dos conjurados) por ver luz no gabinete.» Op. cit., pgs. 109 e 110. «Exilado com os outros ecclesiasticos, morreu quando se dispunha a voltar.» J. N. Souza e Silva, op. cit., pg. 420.

ardentes e intemeratos propugnadores da independencia do Brazil em 1822. [1]

Quando, em 1817, triumpha ao Norte a chamada *revolução pernambucana,* entre os membros do governo provisorio encontrareis Padre João Ribeiro Pessoa e, como ministro do interior, Padre Miguel Joaquim de Almeida. [2]

Não é meu intento apreciar a justiça ou o valor de todas as tentativas de independencia que, de uma fórma ou de outra, caracterisaram um longo periodo de nossa historia colonial; quero apenas evidenciar-vos que a Religião se fez sempre representar em todas essas phases da existencia do nosso povo.

Tinham chegado, porém, os ultimos instantes de nossa sujeição á metropole. Como a aguia que desfere seu vôo em busca de novos horizontes, mais vastos e illuminados, o Brazil se aprestava para entrar, desassombrado, no largo scenario de sua vida autonoma.

O Conego Januario da Cunha Barboza, um dos fundadores do Instituto que hoje tão carinhosamente me recebe, e Frei Francisco de Santa Thereza Sampaio, em brilhantes artigos no *Rever-*

---

1 Ainda destes inconfidentes resa a Historia, e principalmente no ultimo, Manoel Rodrigues da Costa. «Era ainda moço, pois tinha trinta e quatro annos; havia nascido na freguezia de Grijós, na comarca de S. João d'El-Rei.» Op. cit., pg. 88.

«O padre Manoel Rodrigues da Costa, que sabia que essas cousas estavam mais adiantadas do que geralmente presumia o Alferes (Tiradentes) receou-se de sua leviandade e tornou-se reservado para com elle, etc.» Ibidem.

De volta á patria, após o exilio, foi um dos mais ardentes collaboradores da Indepedencia. Fez parte da Constituinte, e falleceu em idade provecta, condecorado com as ordens de Christo e do Cruzeiro, e teve a dignidade de conego da Capella Imperial.

2 Em 1817, triumpha ao Norte a chamada Revolução Pernambucana, e não só padre João Ribeiro Pessoa é comtemplado entre os membro do Governo Provisorio, como é escolhido para ministro do interior padre Miguel Joaquim de Almeida. Em poucos dias a revolução obteve a adhesão da Parahyba, do Rio Grande do Norte e das Alagoas e foi empregando os meios possiveis para obter mais adherentes nas outras provincias. Sahiu-se mal no Ceará, sendo ahi preso padre José Martiniano de Alencar e executado o padre José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima. *Vide* historiadores do tempo.

béro, preparam com insistencia o espirito publico e apressam a aurora da independencia.

Em todas as peripecias que precedem, acompanham e seguem o memoravel brado do Ypiranga, como em todo o periodo conhecido na Historia pelo nome de *governo regencial,* encontrareis, de espaço a espaço, os esforços e os feitos de mais de um sacerdote, todos perfeitamente identificados com as aspirações nacionaes.

Levanta-se em 1840 a idéa da *maioridade,* e ao lado de Hollanda Cavalcanti, Costa Ferreira e Mello Souza, apparece a figura do Conego José Bento Leite Ferreira de Mello, que assigna a 12 de Maio de 1840 o primeiro e vencedor projecto que nesse sentido era apresentado á camara alta. [1]

---

1 Outra figura de destaque na politica do cyclo regencial é a do conego José Bento Leite Ferreira de Mello, nascido na villa de Campanha, aos 6 de Janeiro de 1785 e assassinado perto de Pouso Alegre a 8 de Fevereiro de 1844.

Padre, deputado, senador do Imperio, esteve ligado ás grandes questões sociaes da época e teve influencia no desenlace do golpe do Estado que a Historia appellidou — *A maioridade.*

Ordenado em S. Paulo, no primeiro momento o vemos parocho humilde, na novel freguezia de Pouso Alegre, a que presta bons serviços. Mas, accelera-se o movimento em prol da Independencia, e José Bento não é dos menos enthusiastas a favor desse ideal. Deixa o parochiato e, mesmo antes do grito do Ypiranga, vae fazer parte da primeira junta do Governo Provisorio da capitania de Minas, a 21 de Setembro de 1821.

Creado o Imperio, é chamado á representação nacional, como deputado (1826) e escolhido senador em 1834. Mas nem por isso deixa de influir nos destinos da então provincia, seu berço natal.

Funda a imprensa no Sul de Minas, com o apparecimento do *Pregoeiro Constitucional* e do *Recopilador Mineiro,* e munido dessa arma poderosa, vibra golpes rijos na monarchia bragantina, que descambara para o absolutismo.

E' da typographia do *Recopilador,* primeira installada na região e num sobrado de José Bento, em Pouso Alegre, que sahiu impressa a constituição chamada de Pouso Alegre «com que se queria substituir revolucionariamente a de 1824, cousa e que os conservadores se oppuzeram.» *Hist. da Revol. de Minas,* pg. 120.

Membro influente do conselho do governo em Minas, quasi victima da sedição militar de 1833, em Ouro Preto, promptamente abafada, fala sempre com energia e entra em todos os debates do periodo. Levantado o da *Maioridade,* assigna o projecto apresentado em 1840 á Camara alta.

E' vencedor o projecto e o papel de José Bento pode ser resumido naquella conhecida pagina de *Timandro Libello do povo,* ed. 1868 pg. 82:

«José Bento Leite Ferreira de Mello, a primeira figura desta *Journée de dupes,*

Estavam, portanto, vencidas as ultimas difficuldades. O glorioso monarcha, que por sessenta annos presidira aos destinos da joven nação, havia assumido sua direcção suprema.

Como fragil batel que, após longa e penosa viagem por um rio tormentoso, entra de plena vela a rasgar, com ufania, as aguas magestosas do oceano, o Brazil, depois de mil peripecias e incertezas, encetava definitivamente sua vida gloriosa ao lado das nações civilizadas. Restava-lhe, entretanto, resolver algumas difficuldades, corrigir alguns erros herdados da ex-metropole. Entre elles se avolumava a questão do elemento servil.

A legislação portugueza, como sabeis, tolerava a escravidão e o trafico de negros africanos em suas colonias da America, como, por muitos annos, permittira a *escravidão vermelha*, em dadas circumstancias.

Contra a escravidão vermelha, notabilissimos foram os trabalhos dos Jesuitas, atravez de um largo periodo de nossa historia, salientando-se nesse empenho Padre Antonio Vieira, o maior orador e melhor diplomata do seu tempo. [1]

---

occupava uma das janellas do Senado, e ahi abraçado com o busto do Imperador, exhortava o povo impaciente... Parece-me estar vendo ainda aquella physionomia mobil e ardente, em que se revelavam, como em um espelho, as nobres paixões de sua alma enthusiastica e patriotica.»

Quatro annos mais tarde, José Bento cahia victima de um bacamarte assassino, em caminho de Pouso Alegre para seu engenho da *Serra*, e sua morte se constituia um enigma historico ainda não decifrado. B. Octavio, *Aponts. para uma biographia de José Bento*, ms.

1 Em 1653, desembarca no Maranhão um homem extraordinario, grande defensor da raça opprimida, Antonio Vieira, o orador maior e um dos mais habeis diplomatas de seu tempo. Abandonara os favores e o valimento da côrte para entrar na vida da catechése.

«Tornou-se notavel na defeza dos indios escravisados. Dos sargentos móres a quem se dava o dominio dos indios mansos, uns faziam delles escravos que trabalhavam nas suas searas, outros vendiam-nos abertamenfe a terceiros. Quanto aos indios bravos, só se entendia para com elles a guerra barbara e feroz, em que eram legitimas todas as atrocidades, todas as traições e todas as torpezas. Contra tanta iniquidade e tanta injustiça se levantou imperterrita a figura homerica de Vieira e é força confessar que se bateu com sublime arrojo, em Portugal, onde foi buscar alvarás e leis para proteger os indios, e no Brazil onde veiu promover a execução dellas.» Dr. Braz do Amaral, conf. cit., pg. 28.

Estava, porém, de pé a *escravidão negra,* com todos os seus horrores. A Religião que, pela voz de Paulo III, [1] Urbano VIII [2] e varios outros pontifices, como pela acção dos citados religiosos, havia profligado a escravidão dos indios, pela voz de Gregorio XVI, [3] de D. Romualdo de Seixas, em 1826, [4] do Padre Antonio Ferreira Viçoso, em 1842, [5] de D. José Pereira da Silva

---

1 Breve Apostolico, dirigido em 29 de Maio de 1537 ao Cardeal-Arcebispo de Toledo.

2 Breve Apostolico, dirigido em 22 de Abril de 1639 ao collector da Camara Apostolica, em Portugal.

Nesses dois Breves são asperamente ameaçados especialmente aquelles que ousassem reduzir á escravidão os Indios occidentaes ou meridionaes, dando-os, comprando-os, trocando-os, separando-os de suas mulheres e filhos, roubando-lhes as suas propriedades e affectos, transportando-os ou mandando-os para outros logares ou privando-os da liberdade e conservando-os em escravidão por qualquer maneira que fosse. Estas determinações dos papas, foram confirmadas e renovadas posteriormente por Bento XIV, por meio de um Breve Apostolico que, em 20 de Dezembro de 1744, dirigiu aos Bispos do Brazil.

Quando Guiné, paiz habitado por negros, cahiu no dominio de Portugal, as determinações citadas tinham já sido postas em pratica por Pio II, por um Bréve de 7 de Outubro de 1442, ao Bispo de Rovigo.

3 Bulla de Gregorio XVI, que prohibe o trafico. E' datada de 3 de Dezembro de 1839 e assim termina: «Prohibimos que qualquer ecclesiastico ou leigo, sob qualquer pretexto que seja, se atreva a favorecer ou proteger o trafico da escravatura ou a prégar e ensinar em publico ou particular de qualquer maneira que seja cousa alguma contra o que nestas nossas letras apostolicas se acha determinado.»

4 D. Romualdo de Seixas em seu discurso parlamentar de 3 de Julho de 1826, assim conclue: «Ainda quando o Tratado exigisse a abolição do trafico já e já, eu subscreveria e approvaria esta salutar medida com infinito gosto e reconhecimento.» *Disc. parlam.*

5 Padre Antonio Ferreira Viçoso, depois bispo illustre de Marianna, em data de 29 de Dezembro de 1840, e em relação a um folheto sobre a escravatura, em forma de *Dialogo* e composto pelo padre Leandro Rabello, escreveu uma preciosa *Resposta,* que consta de quinze capitulos, versando as seguintes materias: Sentimento dos philosophos e jurisconsultos ácerca da escravatura; idem, dos theologos; injustiça com que se fazem os escravos na Africa; o que se conclue disso; leis brazileiras contra a escravatura e seus motivos; outros motivos da abolição; bulla de Gregorio XVI, que prohibe o trafico; exame das razões do adversario e resposta; resposta a um notavel argumento do adversario; o que deve fazer quem se occupa do trafico; uma palavra amigavel ao autor do *Dialogo.*

Sentimos não poder transcrever na intregra tão importante documento, que

Barros [1] e D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho em 1887, [2] fez sentir mais uma vez o interesse com que esposava a causa da fraternidade humana. E foi por entre os applausos do povo e as bençãos de Deus, que a aurea lei de 13 de Maio de 1888 apagou de vez aquella grande nodoa da nossa civilização.

Não ha, porém, como a guerra, para apurar o valor das instituições e dos homens. O falso patriotismo não resiste ao baptismo de sangue.

Um dia a joven nação foi perturbada pelos horrores de uma luta externa. Nosso exercito e nossa armada tiveram de concentrar todo o seu valor em um drama terrivel e assombroso, que teve o prologo em Riachuelo, o enredo em Humaytá e o desenlace em Aquidaban. E quando avançavam nossos batalhões, rompendo trincheiras á bayoneta e galgando heroicamente as mais arriscadas posições, ou quando os soldados, victimas do seu valor, iam buscar nos hospitaes de sangue o lenitivo para as suas feridas, a Religião pairava por toda parte, representada por Frei Seraphim d'Avola, Frei Fidelis d'Avola ou Padre Joaquim Lopes Rodrigues. E tal foi a dedicação desses benemeritos capellães, que o General Osorio, em mais de uma ordem do dia, lhes significou seus justissimos applausos, [3] corroborados por outros mili-

---

pertence á bibliotheca do Palacio Episcopal de Marianna e por especial favor nos foi emprestado por D. Silverio Gomes Pimenta. E' manuscripto original e inedito do saudoso D. Ferreira Viçoso, e bem merecia figurar nas publicações do Instituto Historico.

1 Pastoral de D. José Pereira da Silva Barros, de 25 de Março de 1887.

2 Em Junho de 1887, D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho creou uma Caixa Auxiliadora da Redempção dos Captivos. Sabemos que houve ainda outros bispos brazileiros que se manifestaram no mesmo sentido.

3 O Catholicismo não fica indifferente mesmo diante das guerras externas e pelos seus levitas vae ao campo da batalha falar aos feridos de uma outra vida benefica, de um Deus que recompensa os bons que soffrem.

Tal a sua missão no Paraguay, durante a longa campanha contra Lopez nesse ignoto paiz que foi a tumba de cerca de 100.000 brazileiros.

Alli se notabilizaram esses «abnegados sacerdotes que se chamaram Fidelis, Salvador, Seraphim e outros, verdadeiros discipulos de Christo, pela caridade evangelica, pela bondade sem limites e pelo valor que dá a fé profunda», fala-nos

tares de renome, como, por exemplo, o General Dionysio Cerqueira.

Dá-se, finalmente, a transformação do nosso regimen politico. «Um throno é afundado de repente no abysmo que principios dissolventes, medrados á sombra, em poucos annos lhe cavaram. Desappareceu o throno... mas o altar ficou de pé, amparado pela fé do povo e pelo poder de Deus, o altar ficou de pé, todo embalsamado com o odor do sacrificio, sustentando a cruz». [1]

Resta agora que a Religião, nesta nova phase, não negue sua cooperação á causa publica e não seja indifferente aos interesses

---

o general Dionysio Cerqueira a respeito. (*Reminiscencias da Campanha do Paraguay*, pg. 231).

Nas pugnas mais renhidas da guerra figuravam elles como verdadeiros anjos da paz, e não admira que as ordens do dia relatem seus feitos de caridade. Para comproval-o, basta a citação de algumas:

Diz o general Osorio, na ordem do dia n. 153, referente á batalha de Estero Bellaco:

«São tambem dignos de menção os sacerdotes que têm acompanhado nos hospitaes de sangue o corpo de saude, especialmente o revdo. frei Serafim d'Avola, que, com verdadeira caridade evangelica, consolou os feridos, prestando-lhes ao mesmo tempo, pessoalmente, todos os serviços tendentes a minorar os seus soffrimentos.» *Hist. da guerra do Paraguay*, com os docs. offs., vol. III, pags. 46 e segs.

O mesmo guerreiro, já barão do Herval, referindo-se á batalha de Tuyuti (primeira, a 24 de Maio de 1866), ordem do dia n. 156, relata:

«O revdo. missionario capuchinho frei Fidelis d'Avola é tambem credor de particular mensão, pela caridosa dedicação, desvelo e zelo que tem sempre consagrado a nossos feridos e enfermos.» Op. cit., pg. 73.

Da mesma batalha cita o chefe do estado-maior em sua parte, os capellães Frei Fidelis d'Avola e Padre João Cyrillo de Mello. Op. cit., pg. 75.

Ainda a respeito fala o visconde de Porto Alegre, em parte da tomada de Curuzú (2 de Setembro de 1866):

«O revdo. padre Jaoquim Lopes Rodrigues, sendo vigario da cidade do Jagarão, impellido por seus patrioticos sentimentos, offereceu-se para servir e prestar neste exercito os soccorros espirituaes de seu sagrado ministerio, sendo nomeado capellão-capitão, e os capellães dr. José Raymundo da Cunha e José Feliciano Castilho cumpriram os seus deveres com muito zelo, caridade e religião.» Op. cit., pg. 163.

E outros, que seria longo enumerar.

1 Pastoral Collectiva dos Bispos Brazileiros, de 19 de Março de 1890.

da Patria: «que faça da palavra de Deus, não só a estrella que conduz as almas ao céo, mas tambem a bussola que guie as sociedades, não só o ensino que regenera os corações, mas tambem a doutrina que ensina á patria os direitos e os deveres dos cidadãos». [1]

A missão do Catholicismo não está, portanto, terminada. «E' a elle, disse notavel publicista, não a um partido politico, que manifestamente, na hora presente, Deus convida á reconstrucção moral da sociedade». [2]

A fé que animou nossos descobridores, que inspirou os apostolos de nossa formação nacional, que defendeu a integridade do nosso solo, que bafejou até hoje os nossos grandes ideaes, foi, é e será sempre a grande esperança dos brazileiros no meio de todas as suas crises politicas e sociaes.

A' ideia de Patria, senhores, ha de sempre corresponder entre nós a de Religião, porque, elementos inseparaveis, são duas paginas do mesmo texto, dois raios do mesmo fóco, dois regatos da mesma nascente.

Separadas em nosso pacto fundamental, ellas se unem, entretanto, no coração do povo e na justiça da Historia.

Um dia, senhores, ao cahir da tarde, fui pedir á vossa encantadora bahia os refrigerios suaves da viração marinha.

Era á hora em que os ultimos raios do sol ruborisavam as montanhas e as aguas do mar, negras e mysteriosas, infundiam pensamentos severos.

Contornando, ao acaso, uma das vossas mais bellas enseadas, dominada pela branca e poetica capellinha da Gloria, avultou aos meus olhos, magestoso e eloquente, o monumento commemorativo do quarto centenario do descobrimento do Brazil.

De pé, a estatua de Cabral, empunhando a bandeira da Ordem de Christo, em attitude de victoria; e ao seu lado, não já a contemplar sómente as terras brazileiras, mas, num surto mais elevado, com o seu olhar a perscrutar a immensidade do oceano, destacava-se tambem a figura de Frei Henrique de Coimbra.

---

1 P. Dr. Julio Maria, na mem. cit.
2 Ibidem.

Era a justiça incorruptivel da Historia; era a affirmação official de que em terras brazileiras nenhuma commemoração patriotica póde ser feita, com justiça e lealdade, sem que se juntem, num mesmo amplexo, a Patria e a Religião, o civismo e a fé.

E sento-me agora, senhores, agradecendo a distincção que acabais de fazer-me, a mim e á Religião de que sou ministro, recebendo-me neste venerando e benemerito Instituto.

O Sr. Conde de Affonso Celso, orador do Instituto, responde aos recipiendiarios da seguinte maneira:

« Diz que, se em qualquer occasião muito se lhe faz mister a indulgencia da assembléa, hoje, mais do que nunca, precisa dessa indulgencia, e sinceramente a invoca, pois, tendo que prestar as honras da casa a um principe da Igreja e a um vulto consular das lettras, se acha em precarias condições de saude, como o som da sua voz o attesta, a ponto de só haver comparecido por imprescriptivel imposição do dever.

O Sr. Dr. João Coelho Gomes Ribeiro, no seu bello, erudito, elevado discurso, comparou a sua entrada para o Instituto ao acto do peregrino que, vindo de longa jornada, bate á porta de placido e legendario mosteiro.

Nas épocas de fé em que assim procediam romeiros, desilludidos do mundo ou levados de crença vivissima, não raro eram elles personagens notaveis, de fina estirpe, cumulados de distincções sociaes.

Houve até em Hespanha um imperador que, renunciando as pompas majestaticas, buscou num convento o refugio final.

E' um viajor de consideraveis meritos o que ora chega ao Instituto e a quem este dá o amplexo de fraternal acolhida.

O seu bordão foi uma penna vigorosa e elegante que, muita vez, levantada alto, fulgiu, como a espada de um paladino, á luz da verdade e da justiça.

Acceitando a qualificação de monge com que S. Ex.ª brindou os membros do Instituto (e, realmente, elles se assemelham a monges pela austeridade de suas normas, pureza de seus ideaes, união e concordia de sua communidade) exclamará o orador, em nome de taes monges, ao recem-vindo, que não é um oblato, ou um noviço, mas um professo consagrado: « *Dignus est intrare in*

nostro corpore. Que o Senhor lhe conceda neste regaço dilatados annos de jubilo e prosperidades ».

Passando a occupar-se do Bispo Conde de Campinas, declara o orador que, depois da magnifica peça oratoria por S. Ex. Rev.ma proferida, na qual rutilaram insignes predicados pareneticos e tribunicios, nada mais se deveria dizer, seguindo-se apenas o embevecido silencio, denominado o applauso das impressões profundas.

Desempenhando a obrigação estatutaria de responder algo, julga o orador que a uma resposta condigna cumpriria imitar um desses majestosos hymnos com que a Igreja acclama os seus proceres, cantando: *Ecce sacerdos magnus! Ave!*

Na impossibilidade de remontar a tamanha culminancia exprimirá o orador, com a cingeleza propria da sinceridade, e que o Instituto saúda respeitoso o egregio antistite de Campinas, o qual, pelos seus talentos e virtudes, bem como pela dignidade de suas funcções, ha jús a todas as homenagens do maior acatamento.

Catholico, como se preza de ser, o orador, se agisse, em caracter individual, iria além: oscularia o sagrado annel de S. Ex. Rev.ma, a quem supplicaria a graça de abençoar o Instituto e de impetrar para elle a protecção do Altissimo.

Ignora si todos os consocios compartem estes piedosos sentimentos; mas anima-o a certeza de que, unanimemente, admiraram elles o discurso do emerito recipiendiario, discurso transbordante de fé, do patriotismo, dos sãos preceitos da cultura, do patriotismo, peculiares aos trabalhos de D. João Nery.

Nas suas pastoraes, não se limita S. Ex.a Rev.ma a fazer admoestações e expôr a doutrina: — addiciona-lhes dados historicos e estatisticos, preciosas informações sobre a diocese (e nada menos de tres tem S. Ex.a Rev.ma inaugurado, — Espirito Santo, Pouso Alegre e Campinas) o que dá a essas pastoraes, além do valor religioso, o de excellentes monographias, proprias a vantajosamente serem compulsadas, não só pelos fieis como por quantos se interessam pelas cousas nacionaes.

Abonam taes documentos não só a capacidade de quem os subscreve, como a de todo o Episcopado brazileiro, composto na

realidade de prelados idoneos a apascentarem as mais cultas, a par das mais candidas almas, em qualquer região da christandade.

Ao orador já se deparou opportunidade de registrar que, entre centenas de Bispos, tem havido no Brazil Bispos de variadas feições: martyr o primeiro, Fernandes Sardinha; guerreiro, Marcos Teixeira; ardentes luctadores, Thimoteo do Sacramento, Francisco de S. Jeronymo; viajantes e escriptores, João de S. José, Caetano Brandão, Romualdo de Freitas; homem de sciencia, Azeredo Coutinho; pacificador de luctas civis, Perdigão; santo, Antonio Viçoso; Processados e presos, por honrosos motivos, Macedo Costa, Vital de Oliveira; Bispos oradores, poetas, administradores, politicos.

Não apontam, porém, os proprios inimigos da Igreja, tão fartos em calumnias e invencionices, não apontam, em tão extensa galeria, um só Bispo que no Brazil se mostrasse completamente mau, rebaixando as suas sublimes attribuições.

Honra e gloria ao Episcopado do Brazil!

D. João Nery mostra-se á altura de seus mais eminentes predecessores.

Recorda o orador alguns dos serviços de S. Ex.ª Rev.ᵐᵃ em Pouso Alegre, onde se demorou sete annos fecundissimos em ensinos e obras, quer no terreno espiritual, quer no material.

Assim, por exemplo, percorreu D. João Nery as cento e tantas parochias da diocese, hoje dividida em duas, manifestando-se em toda parte, o que promettera, ao tomar posse: o apostolo da caridade, o ministro do amor; criou um periodico; fundou um gymnasio, um hospital e uma escola normal; organizou a legislação diocesana; fundou uma associação de estudos ecclesiasticos; levantou varios edificios. Avulta entre esses e outros beneficios, o de haver assumido o Bispado, mediante accôrdo com o Governo de Minas Geraes, a direcção da colonia agricola «Francisco Salles», a qual, depois disso, muito prosperou e se transformou em fazenda modelo.

E' como se vê, uma brilhantissima fé de officio, continuada e ampliada no generoso solo de Campinas, feliz berço de S. Ex.ª Rev.ᵐᵃ, e onde, si se lhe accrescentaram os encargos e responsa-

bilidades, tambem se lhe augmentaram a benemerencia e a gloria.

Na sua magistral oração, demonstrou D. João Nery uma these que o orador sustentou no prefacio de um livro do Dr. Nelson de Sena, a saber: que a historia da religião no Brazil é a historia geral do mesmo Brazil.

Com effeito, o desenvolvimento de nossa Patria e o da nossa religião, tão intimamente entrelaçados se encontram ha quatro seculos, que tratar alguem da primeira importa occupar-se da segunda, e vice-versa.

Em virtude de bullas pontificias pertenceu a Portugal e não á Hespanha o territorio descoberto por Pedro Alvares Cabral e Vicente Pinzon.

Nas velas da frota cabralina estampava-se uma cruz.

Para formar uma cruz, cortaram, pela primeira vez, mãos europeas, madeiras das nossas selvas e encetaram o revolvimento do solo virgem afim de chantar essa cruz.

Em missa campal consistiu a primeira cerimonia publica realizada em nossas plagas e num sertão o primeiro discurso ahi proferido.

Terra de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz chamou-se primitivamente o Brazil, donde um poeta induziu:

> «Nossa terra baptisada
> Terra foi de Santa Cruz,
> Sendo assim predestinada
> Para o culto de Jesus.
>
> No horizonte brazileiro
> Quando reina a escuridão,
> Ha de estrellas um cruzeiro,
> Celebrando a Redempção.»

Abrange toda a evolução nacional a narrativa da expansão da nossa igreja, a principio dependencia da Vigararia de Thomar, mais tarde do Bispado de Funchal.

Quanto progresso, desde a criação do Bispado da Bahia, no seculo XVI, e sua elevação a Arcebispado, cem annos depois, tendo como suffraganeas as dioceses africanas de Loanda e S.

Thomé, até á situação actual: 40 Bispos, dos quaes 6 Arcebispos e um Cardeal, o que confere á igreja brazileira a primazia na America Latina e um dos excelsos lugares no mundo christão!

O Sr. D. João Nery citou varios nomes de ecclesiasticos benemeritos em nossos fastos. Poderia, se o quizesse, ter mencionado outros e outros, pois a lista é brilhante e interminavel.

Eis *verbi gratia,* Anchieta, que sobre os seus legendarios heroismos na cathechése, conseguiu, com a curiosa informação de 1583, o que os governos recentes não alcançaram: um recenseamento geral da população; eis Azpilcueta Navarro, o iniciador das investigações sobre os dialectos dos nossos indigenas; eis Vicente do Salvador, Manoel Callado, Raphael de Jesus, Ayres de Casal, chronistas, historiadores, chorographos; eis Santa Rita Durão, S. Carlos, Souza Caldas, eximios poetas; eis Mont'Alverne, inexcedivel orador; eis na Musica, José Mauricio; eis nas sciencias, Conceição Velloso; eis precursor de Santos Dumont, o Colombo, o Vasco da Gama dos espaços ethereos, — Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão.

Qual a conclusão?

A conclusão para todo espirito de boa fé é que a Igreja Brazileira, a devassadora dos sertões, protectora e civilizadora dos indios, semeadora do ensino, tem sido, entre nós, constante e esclarecida cultora das sciencias, letras e artes, propulsora do progresso, agente de elevação intellectual e moral, instrumento de paz, união, civismo, verdade e liberdade.

Conhecedor e apreciador de tudo isso, o *Instituto*, que conta entre seus fundadores um sacerdote, o Conego Januario da Cunha Barbosa, e entre os seus consocios, prelados como Sua Eminencia o Sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, e S. Ex.ª Rev.ᵐᵃ Monsenhor D. Julio Tonti, Arcebispo de Ancyra, e ex-Nuncio Apostolico, o Instituto regozija-se com o accesso a seu cenaculo de mais um inclyto ministro da Igreja Brazileira, cohorte valorosa dessa potestade, a Igreja Romana, que, no opinar de um pensador, ha 20 seculos prosegue, através a Historia, no seu aspero mas bemdito caminho, com os labios cheios de verdade, as mãos cheias de beneficios e o coração cheio de amor.»

(Palmas e applausos repetidos.)

O Sr. FLEIUSS (*1.º Secretario Perpetuo*) propõe, de pleno accôrdo com o honrado sr. Thesoureiro, a prorogação do orçamento, vigente para o futuro exercicio de 1912.

O Instituto approva por unanimidade essa proposta.

Por ultimo, procede-se á votação dos pareceres da Commissão de Admissão de Socios relativos aos Drs. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho, elevado de socio effectivo a honorario, e Dr. José Salgado, para socio correspondente.

Taes pareceres são approvados por unanimidade e feitas logo depois as respectivas proclamações.

Antes de terminada a sessão o Sr. Presidente communica que na proxima reunião, segunda-feira, 16 do corrente, o illustre consocio Dr. Affonso Arinos de Mello Franco fará uma conferencia sobre D. Pedro I.

Levanta-se a sessão ás 10 1/2 da noite.

Theodoro Sampaio, servindo de 2.º Secretario.

ACTA DA SESSÃO EXTRAORDINARIA DE 16 DE OUTUBRO DE 1911

PRESIDENCIA DO BARÃO HOMEM DE MELLO, (*2.º Vice-Presidente*).

A's 8 horas da noite, presentes os srs. Barão Homem de Mello, Max Fleiuss, Conde de Affonso Celso, Dr. Orville Derby, Eduardo Marques Peixoto, D. João Baptista Corrêa Nery, Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Conselheiro Candido de Oliveira, Dr. Augusto de Lima, Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Dr. José Pereira Rego Filho, Dr. Affonso Arinos de Mello Franco, General Dr. Thaumaturgo de Azevedo, Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro, Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel e Capitão Tenente Francisco Radler de Aquino, abre-se a sessão.

Tendo deixado de comparecer, com causa justificada o snr. Dr. Gastão Ruch, o sr. Presidente designou o sr. Eduardo Marques Peixoto para occupar a cadeira de 2.º Secretario.

Foi lida e approvada sem debate e acta da sessão anterior.

O SR. FLEIUSS (*1.º Secretario Perpetuo*) communicou que os srs. Conselheiro Camelo Lamprea e Dr. Alberto Torres deixavam de comparecer por motivo justificado e em seguida apresentou os seguintes trabalhos offerecidos ao Instituto.

— OLYMPIO DE CAMPOS *perante a Historia*, pelo Padre Antonio Carvalho;

A ULTIMA PAGINA DA INDEPENDENCIA (2 de Julho de 1823) allocução proferida na Associação Bahiana de beneficencia, pelo Desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga.

As referidas obras são recolhidas á Bibliotheca do Instituto.

Annunciou-se em seguida a votação do parecer da Commissão de Admissão de Socios, relativa ao Dr. Carlos de Laet.

Corrido escrutinio verificou-se ter sido o parecer approvado por maioria de suffragios.

O SR. PRESIDENTE communicou o resultado da eleição e proclamou socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o sr. Dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet.

Por ultimo teve a palavra o sr. Dr. Affonso Arinos de Mello Franco para fazer a sua annunciada conferencia sobre D. Pedro I.

O SR. DR. AFFONSO ARINOS disse o seguinte:

« De passagem por esta Capital, fiz, como de costume, minha visita de devoção ao nosso Instituto, asylo calmo e sereno em pleno bulicio da vida urbana, aonde póde a gente refugiar-se do tumulto dos interesses em luta, para ouvir em silencio e no recolhimento da meditação o nume tutelar da patria.

« Então, o nosso Secretario Perpetuo, a quem já tanto deve esta casa, e o nosso grande Bibliothecario, o paciente investigador que se transporta ao passado com o mesmo jovial alvoroço com que, finda a labuta do dia, o profissional operoso se recolhe á chacara onde o espera o carinho da familia, ambos me determinaram a fazer neste salão e na data de 12 de Outubro, anniversario natalicio de D. Pedro I, uma conferencia tendo por thema o heroe da nossa independencia.

« Não me foi possivel cumprir á risca o mandado porque só esta manhã cheguei ao Rio; mas venho de boa vontade dar esta prova da minha veneração ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, comquanto certo de não poder sequer fazer e esque-

leto do drama de que D. Pedro I, foi protagonista. Não deixo, porém, escapar o ensejo de dar publico e solenne testemunho da minha admiração pelo grande homem.

« Infelizes os que não podem admirar, porque estes tambem não podem crêr! Já tereis comprehendido que não pretendo, não posso, nem poderia apresentar-vos numa conferencia a biographia de D. Pedro I sacada dos milhares de documentos do tempo conservados nos nossos archivos e nos de Portugal, nem repetir o grande numero de testemunhos escriptos dos contemporaneos daquelle periodo, tão agitado e tão rico de acontecimentos memoraveis. Passa de um cento o numero de obras nacionaes e extrangeiras, mais ou menos conhecidas e reputadas, exclusivamente consagradas ao assumpto, que muito longe está de exgottar-se. E a razão é obvia: Pedro I foi figura central de um grupo de homens eminentes que agiram com elle, a seu lado ou contra elle e cuja historia se enfeixa na sua propria. Revoluções surgiram, esmagadas umas, vencedoras outras, que se desenrolaram em torno delle, qual constituindo capitulo dos mais importantes da historia patria, qual episodio interessante da historia da Europa contemporanea. Guerras se travaram nas nossas fronteiras, instituições ergueram-se e prosperaram, outras surgiram para desapparecer, discussões da mais alta relevancia sustentaram-se na tribuna e na imprensa, vultos assomaram á tona dos acontecimentos — militares, sacerdotes, civis — agitaram-se, influiram sobre o curso das cousas e passaram; usos e costumes iniciaram-se ou foram banidos: celebraram-se tratados; motins ensanguentaram ruas ou campos — toda uma vida febril se viveu e foi o meio em que se desenrolou a biographia do primeiro imperador, sendo, portanto, grande, o quadro onde a sua figura tem de ser pintada. Não tentarei semelhante empreza que guarda em si mesma vasta reserva de gloria para coroar os esforços de escriptores contemporaneos e futuros.

« Não espereis, pois, encontrar aqui um capitulo da historia do primeiro imperio, nem a synthese dos factos de palpitante interesse que durante meio seculo foram apaixonadamente discutidos, como a Constituinte e sua dissolução, a carta constitucional de 25 de Março e o 7 de Abril.

« Meu objectivo é differente. A historia escripta, a historia documentada e erudita corre não raro parallelamente á outra, á que se elabora lentamente no coração e na consciencia do povo pelo ensino oral transmittido de bocca em bocca sem cessar por processo semelhante ao das gottas d'agua na formação das grutas calcareas, tendo ao fim a mesma consistencia e revelando as mesmas construcções maravilhosas.

« É esta a historia eterna e definitiva, em que cada qual empresta ao heróe das virtudes que reputa heroicas e o heróe, tendo tido embora existencia real como Joanne d'Arc ou El Cid Campeador, vae se impessoalizando, vai perdendo as raizes terrenas no perpassar das eras, para destacar-se no alto e ao longe, como pintura bysantina, no fundo de ouro da lenda, até fundir-se no mytho.

« Não sei se nas classes cultas, principalmente nas das grandes cidades cosmopolitas á beira-mar, como esta, onde a vagá dos adventicios de todas as procedencias confunde as origens e os costumes, póde a tradição nacional formar-se e transmittir-se com facilidade.

« Provavelmente não. O povo, principalmente o que se chama povo miudo, é muito mais conservador nas usanças, mais fantasista e fertil na creação de seus idolos. Elle é quem sabe deveras aureolar os seus heróes, tecer-lhes mantos reaes ou corôas de santos.

« Neste ponto de vista, a historia severa, a critica, e a exegese seriam artes de destruição, pois que assim como ninguem póde ser heróe para seu criado de quarto, com maioria de razão ninguem poderá ser heróe á luz de veros documentos interpretados com rigor scientifico.

« A fraqueza de cada um iria muito além do confessado calcanhar de Achilles.

« Para colorir a biographia do fundador do Imperio seria interessante ver se o retrato de Pedro I que a imaginação popular pintou se parece com o original fornecido pelas fontes mais puras da critica documental.

« E haverá realmente esse retrato do heróe na fantasia ou na tradição popular? Para achal-o na mente do povo é preciso fazer

falar o povo, livremente, despreoccupadamente, nas horas de expansão, em que elle fala ou canta com a espontaneidade do passarinho na mata. Não é cousa facil saber ouvir o povo: preciso saber auscultal-o, o que requer disposição especial e tino, como o dos medicos para fazer o diagnostico.

« Em primeiro lugar, é preciso amal-o realmente nas suas dôres e nas suas alegrias, irmanar-se com elle no ramerrão da faina diaria, fazer-se, como elle, credulo e simples nas suas relações com a natureza.

« Sempre me attrahiu o desejo, a ancia de conhecer a alma da multidão e nunca por simples curiosidade de amador do pittoresco, mas por querer devéras descobrir as suas mais fortes aspirações, por compadecer os seus soffrimentos e por estar de coração a seu lado em todas as suas longas e porfiadas luctas, luctas no geral asperrimas e obscuras em defeza do seu lugar ao sol.

« E foi assim, levado por esse amor aos humildes e aos simples ou — e vem a dar no mesmo — guiado pelo culto ao que é realmente natural e sincero — que eu, desde menino, procurava a sociedade do povo miudo, ouvia-lhe com sympathia as confidencias nos serões ao luar, ou em volta das fogueiras, escutava-lhe as canções e os gemidos, seguia-o nas festas e nas danças de tão profundo symbolismo, conversava-o nos dialogos á porta das choupanas perdidas nas solidões e acompanhava-lhe o sonho nas longas horas de silencio das marchas monotonas.

« A primeira impressão de Pedro I, lembra-me bem, deu-m'a em menino certa octogenaria de minha terra, por nome D. Maria Ludovina, de quem se dizia ter sido nos seus verdes annos senhora de não pequena belleza e de egual faceirice.

« A paixão pela vida brilhante e as festas trouxe-a á Côrte, iniciou-a nas suas intrigas, fel-a participar da sua chronica e figurar nas suas anecdotas galantes.

« Sentada num desses toscos banquinhos de taboa de assento triangular ao lado das jovens mucamas, que dedilhavam os bilros das rendas, a velha gostava de relembrar com vaidade as grandes cousas que viu ou em que tomou parte. Foi assim que aos meus olhos curiosos e admirados de criança surdiu de uma feita a figura do moço principe e futuro inperador — alto, moreno, de

olhos negros, cheios de paixão, com o chapéo armado, mal cobrindo-lhe os cabellos annellados e abundantes, apertado numa fardeta azul, cavalgando arisco ginete em passeio pelas rùas da cidade.

« Acompanhava-o a princeza sua primeira mulher, loira e triste, como a previsão do seu merencorio destino. Parecia contrafeita a desditosa archiduqueza, e o seu cavallo não obedecia bem á cavalleira, a ponto de provocar em D. Pedro phrases enfurecidas e um gesto de violencia, tão de harmonia com o seu temperamento exuberante e o seu caracter assomado: elle vergastou o cavallo da princeza e, arrancando faiscas da calçada, cavalleiro e amazona desappareceram a galope na primeira esquina.

« D. Maria Ludovina fazia crêr ainda com malicia — e eu só mais tarde vim a comprehendel-o — que a sua presença á janella do sobrado, onde a chamára o tropel dos cavallos, concorrera para o gesto de violencia do Principe. Não lhe passára despercebida naquella tarde luminosa a figura ataviada e louçã de Maria Ludovina, no esplendor dos seus vinte annos, trazendo no rosto a frescura da montanha mineira, e tendo ao demais para destacal-a em terra de gente de côres carregadas, a sua tez clara, os seus olhos verdes e o seu cabello louro.

« Ao portuguez moço e ainda por cima soldado não é preciso chamar-lhe a attenção para vêr moça bonita á janella. E a nossa patricia, que sabia janellar como rapariga namoradeira do seu e do nosso tempo, de certo não falhava á sacada toda a tarde e de ponto em branco.

« Esta scena fugaz e sem importancia passava-se mais ou menos em 1820, quando o principe ensaiava apparecer na vida publica, da qual o haviam arredado ciosamente. Teria então seus vinte e dous annos, pois nascera em Lisboa a 12 de Outubro de 1798, mas devia estar perfeitamente abrazileirado na falla e nos costumes, visto que chegou aqui aos nove annos de idade, com a familia real, tocando terra do Brazil pela primeira vez na Bahia a 22 de Janeiro de 1808.

« De outra vez e mais tarde, tive segundo encontro com D. Pedro I na tradição popular. Viajava eu a cavallo de S. João d'El-Rey para Ouro Preto, onde ia fazer os primeiros exames de pre-

paratorios. Ao chegar a Ouro Branco, meu professor, que me acompanhava, pediu pousada ao Sr. Oscar von Sperling, filho de um nobre allemão, o Dr. Bruno von Sperling, que se estabeleceu entre nós, fundou familia e prestou grandes serviços a Minas, como funccionario consciencioso e activo. A' noite fomos passear pelo arraial e entramos numa loja. As lojas na roça são sempre ponto de reunião á noite. Emquanto o professor conversava na sala ao lado, deixei-me ficar junto ao balcão para ouvir os casos do povinho por alli acocorado. Um sujeito magro, alto, de tez pallida e nariz comprido, vestindo um ponche, que não lhe chegava aos joelhos, entretinha a roda. O diabo do homem tinha uma vivacidade, uma agilidade de movimentos e um gesto tão adequado para sublinhar as palavras que ninguem lhe dava apartes. O pai montára guarda ao palacio durante a estada de Pedro I em Villa Rica, Minas, e o homem falava do imperador como se tivesse privado com elle. Mas então, eram correrias nocturnas, eram aventuras a deshoras de embuçados, golpes de espada e gritos de álerta. O principe sahia sózinho, disfarçado, por uma porta discreta e ao recolher-se alta noite, ou pela madrugada, dirigia-se de proposito para a porta principal, onde estava o corpo da guarda, afim de tirar a prova da fidelidade dos seus soldados. A sentinella, á distancia regulamentar, bradava :

— Quem vem lá, faça alto !

O embuçado não respondia e continuava a approximar-se. Depois de bradar tres vezes, o soldado levava a arma á cara. Mas só quando via qne a sentinella ia fazer fogo devéras é que o principe se descobria. D. Pedro repetiu a manobra num dia em que estava de sentinella um soldado de cavallaria armado sómente de espada. Então, arrancou da sua e desobedecendo á voz de alto — acommetteu a guarda. A cousa ferveu á porta do palacio e o embuçado não dava um gemido ás pranchadas que o soldadão — mulato beiçudo e de olhar arrevezado — lhe vibrava de rijo. Só quando a guarda toda acudiu ao ruido foi que o embuçado se descobriu. No dia seguinte D. Pedro, com o corpo moido, mandava premiar o soldado fiel.

Mas não se limitava a essas provas perigosas. Queria estudar os costumes dos soldados, entrando disfarçado nas vendas onde

bebiam. Foi assim que, observando um camarada, viu que fumava, bebia e tomava rapé. Emparelhando com este numa venda, perguntou-lhe:

— O' camarada, como podes sustentar tanto vicio com o soldo?

— Assim! retorquiu-lhe o soldado, mostrando que até a sua espada fôra empenhada ao vendeiro e substituida por uma imitação em madeira, que lhe pendia do cinturão.

O interlocutor não tardou em sahir. No dia seguinte, o principe se apresentava no quartel do batalhão a que pertencia tal soldado para passal-o em revista. Chegando diante do camarada em questão, disse-lhe:

— Ouvi dizer que és mestre de armas. Eu não quero ficar atraz. Um passo á frente, vamos cruzar o ferro para me ensinares os teus botes e paradas.

— Eu, senhor, levantar a minha espada sobre a cabeça do meu principe? antes a morte.

— Vamos, se não queres apanhar um mez de solitaria.

O soldado hesitou ainda. Por fim, com um ar tragico, exclamou olhando para o céo:

— Virgem Nossa Senhora! Se algum dia esta espada tiver de ser desembainhada contra o meu principe, Nossa Senhora a faça virar numa espada de páo.

E num gesto largo, sacou da cintura a espada de madeira. D. Pedro desatou a rir e perdoou o soldado.

Ora este caso do nosso homem de Ouro-Branco, que eu ouvi admiravelmente contado e representado, soube ha muito pouco tempo ser attribuido tambem a Frederico, o Grande da Prussia, com um dos seu granadeiros.

Nem por isso perdeu para mim o sabor, pois tendo sido ouvido em menino, tanta impressão me causou, que nunca mais me sahiu da memoria.

Phrases de D. Pedro I são tambem repetidas, entre as quaes a seguinte, que ouvi do Visconde de Barbacena. Indo este á quinta da Boa Vista em 1827, despedir-se do Imperador, por ter de regressar á Europa, depois do insuccesso da missão secreta que lhe confiára seu pai, o Marquez de Barbacena, nosso então

representante em Londres, e a mandado de Canning, perguntou-lhe o Imperador ao retirar-se:

— Quer vêr o principe?

Detendo-se o Visconde á espera, o Imperador deixou-o por um momento para volver logo depois com uma criancinha pela mão: era o futuro D. Pedro II com dous annos incompletos.

Afagando o filho, ajuntou D. Pedro:

— Este será bem educado, has de vêr. Eu e o mano Miguel havemos de ser os ultimos malcreados da familia!

Mas, vejamos agora o que delle nos conta os livros nacionaes e extrangeiros, cujo thema é a sua historia.

A sua educação fôra mais desmazelada do que o tolerariam a época e o meio. Entretanto, seu amigo pessoal José Maria da Silva Lisboa, o grande Brazileiro Visconde de Cayrú, diz-nos que tendo sido confiada a educação litteraria do principe ao religioso da Ordem de S. Pedro de Alcantara, Frei Antonio de Arrabida, recebeu elle instrucção elementar e classica, esmerando-se o professor em incutir-lhe pios elementos da religião e moral publica, ao mesmo tempo que o fazia lêr os *Extractos Politicos* do parlamentar, historiador e philosopho inglez *Burke* em versão portugueza, feita pelo proprio Visconde de Cayrú, dada á estampa em 1812, na typographia régia do Rio de Janeiro, creação de D. João VI, e mãi legitima da nossa ultimamente queimada Imprensa Nacional.

Mas o rapaz, que sentia no sangue todo o enthusiasmo dos homens de acção, comquanto não aborrecesse os livros, não ambicionava glorias desse teor. Attrahia-o a acção, a vida, o ar livre e sem freio, os desportos violentos como a caça e todas as fórmas do hippismo. Para isso era realmente dotado como Achilles. Na equitação era mestre consumado e da sua resistencia á fadiga dão provas marchas forçadas feitas por elle através do Brazil com uma velocidade que o tornava digno emulo do Sultão Bajazet, o Raio. Diz um contemporaneo que D. Pedro guiava carros a quatro e a seis com a pericia dos que em bigas e quadrigas disputavam corôas nas corridas romanas. Tambem era destro no bilhar, passa-tempo que nos seus lazeres cedia o lugar sómente á musica, arte sobre todas amada por elle. Foi seu professor o

insigne Mestre da Capella Real Marcos Portugal e o principe revelou talento de composição, de que nos deixou, entre outras provas, o seu hymno da independencia do Brazil.

Fallando do seu caracter, assegura-nos o seu já citado contemporaneo, o consciencioso Cayrú, certamente uma das mais fortes capacidades brazileiras daquella época: « teve por dom do « Céo, além da magestosa estatura, espirito perspicaz, vigoroso, « resoluto e, sobretudo, talento de conciliar. »

Mas, até mesmo depois do seu casamento, em 1817, com a archiduqueza Leopoldina d'Austria, tendo elle apenas vinte annos, viveu apartado dos negocios, com estreitas mezadas. Apezar disso, para demonstrar a sua predilecção pela carreira das armas, poude elle tirar de sua bolsa exigua, dinheiro bastante para constituir doze premios aos mais distinctos alumnos do Real Collegio Militar, instituição fundada no Rio, depois da chegada da Côrte. Deu-se isso em 1821 e foi dos primeiros actos da vida publica de D. Pedro.

*
* *

Deste ponto em que começa e se precipita a carreira do heroe no turbilhão da historia, seria preciso lançar um olhar de conjunto ao Brazil nos treze annos em que foi séde da vasta Monarchia luzitana.

A chegada da Côrte ao Rio, em Março de 1808, com tres mil pessoas incluindo o que havia de melhor em Portugal e trazendo comsigo thesouros, encontrava o Brazil Vice-Reino, com séde nesta cidade.

A' administração central, de que dependia directamente o Rio de Janeiro, estavam subordinadas as provincias do Rio Grande e Santa Catharina. O paiz estava dividido em oito capitanias excluindo a séde: Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, São Paulo, Minas Geraes, Mato Grosso e Goyaz. A estas estavam subordinados oito Governos: Piauhy, Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Sergipe, Espirito Santo, Santa Catharina e Rio Grande do Sul.

A nossa população, que no fim do reinado de D. José I, se-

gundo as listas remettidas á Mesa de Consciencia e Ordens pelas parochias e dioceses, podia ser calculada em dous milhões de almas, excedia, trinta annos depois, a tres milhões e duzentos mil, dos quaes oitocentos mil Europeus de origem ou nascimento. Com o povoamento, a agricultura e o commercio se desenvolviam. E o commercio exterior augmentou tanto, que excedeu em muito ao de Portugal. De 1820 a 1821, por exemplo, a nossa exportação com a Grã-Bretanha tão sómente, segundo os dados da *Administration of the Affairs of Great Britain,* de 1823, citados na obra conscienciosa de La Beaumelle, da mesma data, subiu de £ 1.864.000 a £ 2.278.000, e a importação, respectivamente, de £ 952.000 a £ 1.294.000. Os mais importantes nucleos de população, já notaveis pelo seu luxo, eram Bahia, com cem mil habitantes, e Rio de Janeiro, calculada em 150.000 no anno de 1818. A transplantação da Côrte trouxe ainda para o serviço do Brazil uma serie de homens notaveis, como D. Rodrigo de Souza Coitinho, Conde de Linhares; Thomaz Antonio Villanova Portugal, o Conde da Barca, etc., etc. A côrte encontrou o vice-reino governado por estadista de valor, o Conde dos Arcos, ainda hoje popular no Rio.

Uma porção de medidas beneficas veio accrescer a prosperidade geral, como a abertura dos portos, a liberdade de industria, a creação de varios institutos de ensino, a de novos tribunaes, a da Imprensa Régia, a de quatro jardins botanicos para a acclimação e o cultivo de plantas exoticas, a construcção de estradas, o desenvolvimento da marinha mercante, a animação á agricultura, a colonização, etc.

A divisão ecclesiastica incluia um arcebispado primaz, creado desde 1676, o da Bahia, seis bispados e duas prelazias sem capitulo.

A divisão judiciaria comprehendia antes da chegada de El-Rei duas Relações — as da Bahia e Rio — e 24 comarcas com ouvidores.

A guarnição do Rio estava confiada a doze mil homens de tropas e a cerca de quinze mil milicianos.

Dado o adiantamento do paiz, era natural que a agitação da Europa fortemente repercutisse deste lado do Atlantico. Por outro lado, transportada para o Rio a séde da Monarchia, ficámos

tambem potencia européa. Foi assim que o Governo em guerra com a França, pela invasão de Portugal por Junot, fez occupar militarmente a Guyana Franceza; em guerra com José Bonaparte, rei intruso da Hespanha, e principalmente por causa da revolução de todo o Vice-Reinado do Prata, em pról da sua independencia, teve de limpar da caudilhagem as fronteiras do Sul, fazendo as brilhantes campanhas de 1812 e 1816, que terminaram pela occupação de Montevidéo e a incorporação da Banda Oriental ao Brazil.

No ponto de vista internacional, tivemos a gloria de, conjuntamente com Portugal, ter assento e voto no Congresso de Vienna de 1815, como grande potencia. Graças á iniciativa do Conde da Barca, amigo particular de Talleyrand, e ao concurso deste embaixador francez, o Brazil foi elevado á categoria de Reino. O decreto de D. João não fez mais tarde senão confirmar o facto.

Estava, portanto, decretada a nossa independencia, faltando sómente a separação de Portugal.

Mas a situação da Metropole, reduzida quasi a protectorado britannico sob a dictadura de facto de Lord Beresford e a propagação do liberalismo francez, de que Napoleão fôra o instrumento do destino através da Europa, produziram o movimento de 1817 em Portugal, ligado á revolução pernambucana do mesmo anno, incitada pela maçonaria.

Suffocados ambos, renasceram na revolução constitucional de 24 de Agosto de 1820, proclamada na cidade do Porto e seguida menos de um mez depois pela de Lisboa. O seu intuito era o restabelecimento do regimen constitucional representativo. Recebida a principio com grande enthusiasmo, a revolução portugueza alastrou-se rapidamente pelo Brazil inteiro. Em 1 de Janeiro de 1821 rebentava no Pará, seguiu-se-lhe Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro. Em toda a parte se organizavam juntas governativas, se convocavam eleitores, se tomavam medidas extraordinarias, em crescente exaltação. O rastilho revolucionario chegára aqui e a tropa estava em movimento, quando um facto extraordinario se produz: na madrugada de 26 de Fevereiro de 1821 apparece D. Pedro á frente das tropas alinhadas no largo do Rocio, flanqueado de artilharia, em face do theatro S. João. Vendo a irresolução da

côrte e a tibiez dos Ministros no paroxismo daquella crise, o Principe entrou violentamente em scena, obedecendo de certo ao impulso traduzido nestas palavras de Rivarol a Luiz XVI — « Se quereis evitar uma revolução, fazei-a vós mesmo. »

Mandou chamar á praça o Senado da Camara, o bispo capellão-mór e as principaes autoridades. O povo se juntara em confusão, sem saber o que iria succeder, quando D. Pedro, saltando do cavallo e rompendo a multidão, subiu ao terraço do referido theatro e proclamou em altas vozes que estava autorizado por El-Rei seu pai a jurar as bases da Constituição tal qual fosse feita pelas Côrtes de Lisboa. Singular anomalia de jurar uma Constituição que ainda não existia!

Todo o povo prorompeu em acclamações e, por volta do meio dia, a chamado do filho, desembocou na praça o coche real conduzindo D. João VI para confirmar o juramento. A multidão precipitou-se para o coche real, desatrelou os cavallos e conduziu El-Rei até a entrada do theatro aos gritos de « Viva a Constituição », « Viva El-Rei constitucional », etc. Ao ver esse espectaculo novo, conta-se que o pacato e astuto Rei disse ao seu camarista, sorrindo — « Emquanto andar eu de coche e elles a pé, podem dar vivas a tudo quanto quizerem... »

Já D. Pedro nesse dia representou o papel principal e dessa data em diante tornou-se o centro das attenções e das esperanças de dous partidos rivaes — o dos que pretendiam jugular as aspirações de independencia e o dos que se esforçavam por tornal-a effectiva, ou o dos Portuguezes e o dos Brazileiros.

Aquelle tnha como principal elemento de força a divisão a mando de Jorge d'Avilez. Ora, El-Rei fôra chamado para acudir ao desmantelo das velhas instituições portuguezas, quando começaram a murmurar não sem alguma razão que se tramava uma conspiração para forçar a partida de El-Rei com toda a sua Côrte, deixando o Governo do Brazil a D. Pedro. Diziam que a cabeça era o Conde dos Arcos, por causa da rivalidade deste contra o Ministro e Conselheiro de D. João VI, Thomaz Antonio Villanova Portugal. Devido á amizade do Principe pelo Conde dos Arcos, aquelle não seria extranho ao trama.

As tropas portuguezas da divisão auxiliadora depositavam

suas esperanças no Principe para manter a submissão do Brazil a Portugal. E ainda nas vesperas da partida de D. João VI, aproveitando-se da reunião tumultuaria de eleitores brazileiros na praça do Commercio para a indicação dos deputados do Rio de Janeiro ás Côrtes de Lisboa — reunião que tomara o caracter de assembléa constituinte deliberante — a divisão auxiliadora cercou o edificio, fez fogo sobre os eleitores inermes, matando alguns e expulsando o resto á ponta de bayoneta.

A cidade do Rio, que pouco tempo antes vibrara de enthusiasmo ao juramento prévio da Constituição Portugueza, celebrado por festejos ruidosos e nove dias de luminarias, accordou horrorizada diante da scena de sangue da praça do Commercio. Todos os patriotas viram a duplicidade do jogo das Côrtes e a rivalidade entre Brazileiros e Portuguezes chegou ao auge.

El-Rei partiu com a Côrte, deixando como Principe Regente e seu lugar-tenente no Governo Provisorio do Brazil o Principe D. Pedro.

A situação que ficava ao Principe não podia ser mais difficil. A força regular, constituida principalmente pela divisão portugueza, olhava-o com desconfiança, vigiava-lhe todos os passos, sendo partidaria das Côrtes, cujos actos tendiam de mais a mais a supprimir a personalidade politica do Brazil. Como recursos financeiros tinha diante de si a crise tremenda do Banco Nacional, occasionada pela retirada de sommas avultadas em especie, por toda a gente que acompanhou a Côrte em seu regresso ao Reino. Nenhum laço de obediencia ou de cohesão real ligava á autoridade do Principe esse todo enorme, dividido em capitanias. O corpo apparente do paiz se desmoronava a uma vibração subterranea.

Foi nesse angustioso momento que Dom Pedro esposou do coração a causa do Brazil, apoiando-se no patriotismo daquella geração heroica.

Mas nossa independencia, que existiu de facto desde a chegada da Côrte, e de direito desde a creação do Brazil a reino, ia sendo destruida pelas Côrtes. A unidade do Brazil desapparecera, porque as Côrtes desligaram as capitanias da obediencia ao governo do Rio, fazendo-as depender directamente do de Lisboa. Os partidarios da liberdade de Portugal, cuja causa fôra tão sof-

fregamente abraçada no Brazil, tornaram-se os promotores da recolonização deste paiz.

O Principe foi chamado á Europa. A sua retirada significava não sómente o rebaixamento do Brazil de reino a colonia, mas a consagração do seu desmembramento. Bem comprehenderam isso os patriotas. Então José Mariano e José Joaquim da Rocha intervêm junto de José Clemente Pereira, Presidente do Senado da Camara, para em nome desta fazer-lhe uma representação contra a retirada de D. Pedro. José Clemente hesita por falta de forças. Decide-se então enviar emissarios a Minas e S. Paulo, despachando-se para esta e aquella capitania Pedro Dias Paes Leme e Paulo Barbosa da Silva. O Principe estava ao corrente disso, mas não podia tomar posição de evidencia por causa da singularidade da sua posição — preso de um lado a seu pai e á sua terra nativa, de outro á terra da sua predilecção onde se creára, e que amava com verdadeiro amor.

A primeira scena do drama da independencia poderia ser pintada mostrando Pedro Dias Paes Leme e D. Pedro á janella do Paço da Boa Vista, no dia em que Pedro Dias, emissario dos patriotas brazileiros, partia por terra para S. Paulo. Pedro Dias não quiz viajar sem pedir ordens ao Principe, seu amigo particular e companheiro de caçadas. Expoz-lhe o fim da sua missão, mas o Principe, sem responder, só lhe fallava em peripecias de caçadas. Esperou um bom pedaço e nada de resposta. Por fim, puxando-o para a janella e correndo os olhos no admiravel panorama da serra, illuminada por um sol de primavera, exclamou: — Que bello dia para viajar! — Pedro Dias não quiz ouvír mais nada, e partiu.

Dahi a pouco tinhamos o 9 de Janeiro — dia do « fico » e a figura para todo o sempre veneranda de José Bonifacio entrava triumphantemente em scena, fazendo parte do governo. Ao mesmo tempo, o integerrimo e inolvidando José Teixeira da Fonseca Vasconcellos, mais tarde Visconde de Caété, assegurava o concurso de Minas á causa da independencia.

Agora a luta contra a divisão portugueza, luta cheia de perigos, terminada pela victoria, graças á intrepidez de D. Pedro, que, embarcando na fragata « União », enfrentou com o inimigo

aquartellado na Praia Grande, e de canhões apontados, obrigou toda a tropa portugueza a tomar o caminho do mar. Não sahiu dessa luta sem pagar doloroso tributo. Na imminencia de combates, teve de fazer a princeza partir precipitadamente para Santa Cruz, gravida de oito mezes e com o primogenito enfermo. Este não resistiu á fadiga e á intemperie. Falleceu e foi o holocausto do coração de D. Pedro á causa do Brazil.

Depois, vamos vel-o acudir a Minas, onde triumphava a reacção. A cavallo percorre a capitania, socega os espiritos, chama á obediencia Pinto Peixoto e recolhe victorioso ao Rio, para partir de novo, desta vez para S. Paulo.

Com aquella espantosa resistencia á fadiga, percorre as noventa e seis leguas de caminho e entra em S. Paulo sob arcos de triumpho. Ahi é magnificamente hospedado pelo Coronel Antonio da Silva Prado, o terceiro do seu nome, depois Barão de Iguape, e pelo Brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão. Mal descansou, seguiu para Santos. De regresso, sentiu-se doente. Mandou a guarda de honra marchar na frente e ficou só, ao lado de seu amigo Manoel Marcondes de Oliveira Mello, depois Barão de Pindamonhangaba. Era o dia 7 de Setembro de 1822. Ao attingir o sitio denominado Moinhos, teve noticia da chegada a S. Paulo de dois proprios, o Major Gomes Cordeiro e Paulo Bregaro, vindos do Rio com despachos importantes de Lisboa, remettidos por José Bonifacio e pela Princeza. Apressa a marcha, encontra-se com os portadores do officio, toma delles conhecimento e medita por alguns momentos. Logo depois alcança a guarda de honra, descansando defronte da venda de Joaquim Antonio Mariano na collina banhada pelo Ypiranga, justamente no lugar onde o architecto Thomaz Bezzi erigiu, ha pouco mais de vinte annos, um dos melhores e dos mais bellos monumentos de toda a America, segundo a opinião de Elysée Reclus.

Numa explosão de enthusiasmo, o Principe saca da espada e galopeia em direcção aos companheiros gritando: *Independencia ou morte!* Arranca do chapéo o laço portuguez e jura, acompanhado por todos, fazer effectivas suas palavras. Eram 4 e meia horas da tarde de sabbado, 7 de Setembro de 1822.

Dahi em diante segue o grupo a galope para S. Paulo

Principe se recolhe a palacio, onde faz em papel o molde da legenda que o ourives Lessa executou logo.

Nessa mesma noite apresentou-se no theatro com a divisa. O enthusiasmo tocou ao delirio quando o Principe, acompanhado por D. Maria Alvim e outras senhoras, entoou o hymno da Independencia composto por elle proprio. O padre Ildefonso Xavier Ferreira, ergueu-se de um camarote e, apontando para o Principe, gritou: « *Viva o primeiro rei do Brazil.* »

Ao impulso daquelle coração moço e daquelle braço intrepido, o Brazil entrava gloriosamente para o concerto das nações.

Numa marcha desabalada de cinco dias em que deixou atrás os companheiros vingou D. Pedro por terra a distancia de São Paulo ao Rio, de onde devia realizar para o Brazil inteiro o juramento do Ypiranga.

Foi o momento culminante de sua vida e não havia elle completado ainda 24 annos idade.

Então sua autoridade, como disse nas cartas doridas a seu pai, não passava da de um capitão general do Rio de Janeiro. O Brazil era uma expressão geographica, sem unidade, nem alma. Elle fez a unidade do Brazil. E quando, menos de nove annos depois, entregava ao Major Frias o documento espontaneo e inesperado da sua abdicação, dizendo com os olhos marejados de lagrimas: « Tome este papel; deixo um paiz que muito amei e ainda amo. » D. Pedro I dava ao mesmo tempo uma prova extraordinaria da sinceridade do seu affecto, pois que, partindo do Brazil, partia o proprio coração de pai, deixando no Brazil, confiados aos Brazileiros, seus filhos criancinhas.

Confirmava-se de modo brilhante a sinceridade das palavras da sua proclamação nos dias da Independencia: «Trabalhai pelo Brazil, mesmo que seja contra mim. »

Não o acompanharemos na luta formidavel para derrubar o absolutismo em Portugal, em que a sua tempera de soldado e a sua bravura cavalheirosa foram postas á prova junto ás carretas de artilharia dia e noite, no tremendo cerco do Porto.

A victoria trouxe-lhe ao mesmo tempo a morte, em plena mocidade, antes de completar trinta e seis annos de idade.

Agora que são passados setenta e sete annos dessa morte,

ninguem lhe poderá esmiuçar os numerosos erros sem — repetindo a espirituosa frase de Raymundo Corrêa « catar pulgas em leão ».

O maior e o melhor bem do Brazil é ainda agora a sua unidade, que não teria existido sem a adhesão de D. Pedro á causa da Independencia.

A sua gloria póde, pois, projectar-se sobre a extensão dos nossos Estados Unidos na certeza de que as palavras do hymno da Independencia, de D. Pedro I, brotaram-lhe do coração e nunca foram desmentidas:

« Ou ficar a patria livre
Ou morrer pelo Brazil. »

(Prolongados applausos. O Dr. Affonso Arinos foi vivamente felicitado pelos socios e pessoas presentes.)

Levantou-se a sessão ás 10 $^1/_2$ da noite.

Eduardo Marques Peixoto, servindo de 2.º Secretario.

ACTA DA SESSÃO MAGNA COMMEMORATIVA DO 73.º ANNIVERSARIO, EM 21 DE OUTUBRO DE 1911

PRESIDENCIA DO SR. BARÃO HOMEM DE MELLO *(2.º Vice-Presidente).*

Ás 8 horas da noite, na séde social, abriu-se a sessão, com a presença dos seguintes socios: Barão Homem de Mello, Desembargador A. F. de Souza Pitanga, Max Fleiuss, Conde de Affonso Celso, General Dr. Thaumaturgo de Azevedo, Dr. Affonso Arinos de Mello Franco, Marquez de Paranaguá, Commandante Radler de Aquino, Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro, Dr. Manoel Alvaro de Souza Sá Vianna, Dr. Augusto de Lima, Dr. Rodrigo Octavio, Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, Desembargador T. G. de Paranhos Montenegro, Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, Carlos Lix Klett e Eduardo Marques Peixoto.

Não tendo comparecido, por justo motivo, o 2.º Secretario, o Sr. Presidente da sessão convidou o Sr. Commandante Radler de Aquino a occupar esse posto.

Abrindo a sessão, o Sr. BARÃO HOMEM DE MELLO pronunciou o seguinte discurso:

« Celebramos hoje o 73.º anniversario da fundação do nosso Instituto. Este longo estadio percorrido, e os perseverantes trabalhos de tres fortes gerações, que aqui se têm succedido, aluminadas da mesma fé, mostram que somos já uma tradição gloriosa da patria.

« No mesmo anno em que se installou a nossa Associação, seu primeiro presidente o veneravel Visconde de S. Leopoldo, na minosidade do seu espirito peregrino, inscreveu nas primeiras paginas de nossa *Revista* esta these magestosa:

« *O Instituto Historico e Geographico Brazileiro é o represen-*
« *tante das idéas de illustração, que em differentes épocas se mani-*
« *festaram, em o nosso continente.* »

« Eis lá desponta nas caligens da treva colonial o primeiro raio de luz, que representa em nossos annaes os augustos inicios da manifestação do genio brazileiro. Em 1724, sob a immediata protecção do Vice-Rei Vasco Fernando Cesar de Menezes, installou-se na Bahia a *Academia Brazilica dos Esquecidos,* doutissima sociedade, cujas sessões se celebravam no palacio do Governador.

« Em 1759, na mesma Capital, celebrou no dia 6 de Junho a *Sociedade Brazileira dos Academicos Renascidos* a sua primeira sessão. Importantissimos foram os trabalhos desta douta Associação, cujo programma era: « *escrever a historia universal da America Portugueza* ».

« Em 6 de Maio de 1736 installou-se nesta cidade do Rio de Janeiro, no palacio do Governador, a *Academia dos Felizes,* cujos elevados intuitos nos são nobremente attestados pela sua significativa divisa: « *ignavia fuganda et fugienda* ». Ainda hoje se podem ler com maximo interesse os variadissimos themas historicos discutidos em suas sessões. Entre elles sobresahe a Memoria intitulada: *A America Portugueza, mais illustrada que outro algum dominio deste continente americano.*

« Em 1772, ainda nesta cidade do Rio de Janeiro, installou-se

sob a presidencia do illustrado Vice-Rei Marquez do Lavradio a *Academia Litteraria Brazileira,* cuja primeira sessão se celebrou no dia 18 de Fevereiro. Eram assiduos os trabalhos desta Academia, sendo as suas sessões semanaes, e nellas tratando-se dos mais interessantes assumptos scientificos e litterarios. Para sua glorificação basta saber-se que á sua esclarecida iniciativa se deve a realização desse monumento da sciencia botanica — *A Flora Fluminense,* do sabio brazileiro Frei Mariano José da Conceição Velloso.

« Desta Academia, perseguida e supprimida pelo despotico Vice-Rei Conde de Rezende, foram preclaros membros o Dr. José Henriques Pereira, medico do Vice-Rei Marquez do Lavradio ; o profundo moralista Mariano José Pereira da Fonseca, depois Marquez de Maricá, e o poeta Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

« Em 17 de Julho de 1827 installou-se solennemente no Rio de Janeiro a *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.*

« O nome desta veneravel associação, verdadeiramente benemerita nos fastos da historia patria, não póde ser recordado entre nós, sem que ante ella nos inclinemos commovidos de respeito e gratidão. Sim, senhores, foi a *Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional* que, em 16 de Agosto de 1838, sob proposta do Marechal Raymundo José da Cunha Mattos e Conego Januario da Cunha Barboza, membros do conselho administrativo da mesma, fundou o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, como instituição filial.

« A installação solenne da nova associação celebrou-se no dia 21 de Outubro de 1838 no edificio da Sociedade Auxiliadora, sob a presidencia do Marechal Francisco Cordeiro da Silva Torres, Presidente da mesma.

« Eis pois, senhores, que o nosso Instituto afunda as suas origens muito além da data hoje commemorada, e figura nos horizontes da patria como uma onda luminosa, vinda até nós, representando durante quási dous seculos a esplendida radiação da intellectualidade brazileira.

« E agora, ante a evocação de tão grandes datas do nosso passado, quantas recordações me tumultuam na alma !

« Vinte annos apenas, depois de fundado o nosso Instituto,

coube-me a honra, inapreciavel entre todas, de ser admittido neste augusto santuario da sciencia. Hoje, mais de meio seculo transcorrido, peregrino ainda sobrevivente, vejo nas emoções de minha alma passarem diante de mim, envoltas em sua aureola de luz, as effigies venerandas dos meus companheiros de então, que a todos Deus chamou já á Sua Gloria!

« São estas, senhores, as provações dolorosas do destino humano. Tambem este anno perdeu o Instituto cinco dos nossos consocios, ornamentos da nossa Associação: os Srs. Emilio Levasseur, Conselheiro José Antonio de Azevedo e Castro, Visconde de Ibituruna, Dr. João Baptista de Moraes e Commendador Angelo Thomaz do Amaral. A' sua memoria rendemos hoje o tributo do nosso respeito e gratidão pelo orgão do nosso illustrado orador Sr. Conde de Affonso Celso.

« Dos trabalhos celebrados durante o corrente anno social, tereis informação circumstanciada no relatorio do 1.º Secretario Perpetuo Sr. Max Fleiuss.

« Está aberta a sessão. »

Em seguida o Sr. Max Fleiuss *(1.º Secretario Perpetuo)* lê o seu relatorio:

« Illustres consocios — No anno social que hoje termina desenvolveram-se com a mais perfeita regularidade todos os serviços do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

« Cumprimos o nosso dever e já o philosopho grego dizia que ahi estava a mais bella virtude.

« E cumprimos o dever, não como uma tarefa a que só nos obrigasse a consciencia; exercitamol-o com a intensa alegria dos que sabem se dedicar a uma causa verdadeiramente util e patriotica, sem embargo dos odios mofinos e das pequeninas ingratidões, que longe de arrefecerem o enthusiasmo mais o exaltam.

« Desconhecer trabalhos diaria e proveitosamente executados, negar o merito de esforços proficuamente emprehendidos são cousas humanas de que vamos encontrar largos e consoladores exemplos desde a historia dos nossos primeiros tempos.

« Além disso, a fé, o empenho em servir a um ideal nobre não permittem que consideremos essas arremettidas, não raro ingenuas, quando não burlescas, a lembrarem os apologos do bom Lafontaine em suas comparações de eterna actualidade.

« O Instituto attingiu a uma posição de excepcional relevancia, não só em nosso meio, como no conceito das nações do Velho e do Novo Continente. Não se supponha, entretanto, que esse renome possa independer dos maiores cuidados na observancia fiel dos seus Estatutos e na exacta comprehensão de suas obrigações. Desde que se não attenda inflexivelmente aos dispositivos da nossa lei basica, desde que se confie ao acaso o exercicio dos nossos deveres, o Instituto passará a ser uma bella cousa extincta, digna de veneração pelo seu passado e de commiseração pelo que estiver fazendo.

« E, pois, que assim o julgamos, tem sido nosso constante escopo attender fielmente ás regras estatutarias, imprimindo á execução dos serviços novos moldes que, embora observantes dos gloriosos tempos de antanho, não se divorciam das necessidades de nossa época, nem da directriz actual de nossos estudos.

« Os resultados colhidos são o nosso melhor premio e constituem de certo o unico applauso que perdura — o louvor oriundo da verdade que se traduz pelos bons actos commettidos.

*
* *

« Effectuaram-se neste anno sete sessões ordinarias e tres extraordinarias, todas dignas de interesse.

« Na primeira, realizada a 15 de Maio, foram lidos importantes pareceres e o notavel officio do nosso actual consocio Dr. Alipio Gama, com o qual esse illustre homem de sciencia dedicou ao Instituto a sua memoria sobre a possibilidade das manifestações vulcanicas no Brazil.

« Na segunda e na terceira que se effectuaram a 30 do mesmo mez de Maio e a 22 de Junho foram egualmente ouvidos pareceres e apresentadas propostas apreciaveis.

« Na quarta sessão realizada a 15 de Julho, foi lido o officio com que o nosso digno consocio Dr. André Vernek offereceu ao Instituto a sua bibliotheca composta de 1.382 volumes (inclusive folhetos e revistas), obras que já foram arroladas e serão em

breve catalogadas sob o titulo «*Collecção Vernek*» consoante as condições estabelecidas pelo distincto doador.

« É ocioso encarecer o valor dessa dadiva que, de certo, constituirá um exemplo destinado a provocar imitadores, enriquecendo-se dest'arte cada vez mais a nossa bibliotheca.

« Nessa sessão usou da palavra o Sr. Capitão de Mar e Guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira. O seu discurso não só pela variedade de descripções geographicas pessoalmente observadas e fidedignamente reproduzidas, senão pela bella these habilmente defendida sobre oceanographia, mereceu do auditorio unanimes applausos.

« Na mesma data effectuou-se a primeira sessão extraordinaria para approvação de pareceres.

« A 16 de Agosto celebrou-se a 5.ª sessão ordinaria, nella tomando posse o eminente homem de letras e jurisconsulto Dr. Alberto de Seixas Martins Torres, proferindo notabilissima oração, significativa das munificencias do seu espirito privilegiado e das suas convicções sobre o epinicio da paz universal.

« A segunda sessão extraordinaria occorreu a 26 do mesmo mez de Agosto. Coube ao obscuro Secretario Perpetuo occupar a attenção do Instituto, dando conta de curiosos documentos que se encontravam ignorados no archivo da Secretaria do Instituto, sobrelevando a todos as cartas da Imperatriz Leopoldina.

« Ainda nessa sessão o illustre consocio Dr. Alberto Torres apresentou uma proposta para a fundação de uma associação destinada a fazer o estudo dos problemas geraes e permanentes da nação e da sociedade brazileira.

« A idéa revela o alto espirito do seu autor; terá, por certo, francos applausos, mas a sua realização, como todas as emprezas que não se ligam ao immediato interesse privado, ha de encontrar óbices formidaveis que desejamos sejam removidos pela pertinacia e talento do distincto consocio.

« Em 23 de Setembro celebrou-se a sexta sessão ordinaria, na qual tomou posse o socio effectivo Commandante Francisco Radler de Aquino, produzindo interessantissima prelecção sobre *A hora no Brazil.*

« A setima sessão ordinaria realizou-se a 10 deste mez, sendo

recebidos os consocios Dr. João Coelho Gomes Ribeiro e Monsenhor João Baptista Corrêa Nery, Bispo de Campinas. Os discursos pronunciados pelos recipiendarios sobre o « *Conceito da Historia* » e sobre o « *Papel da religião catholica na civilisação brazileira* » souberam despertar os maiores applausos dictados pela justiça com que o Instituto costuma galardoar os fructos da intelligencia.

« A terceira e ultima sessão extraordinaria effectuou-se ha poucos dias, a 16 deste, e foi quasi especialmente para ser ouvido o nosso illustre consocio Dr. Affonso Arinos de Mello Franco na sua conferencia sobre D. Pedro I. Magnifico esse trabalho do insigne autor das *Notas do dia*. A sua maneira de expôr, o interesse da narrativa, a curiosidade dos factos produziram no Instituto impressão indelevel, deixando provada a possibilidade de serem tratados assumptos historicos de fórma a magnetizar verdadeiramente a attenção.

*
* *

« O nosso benemerito Presidente Perpetuo, Sr. Barão do Rio-Branco, já por motivo de enfermidade, já devido ás multiplas preoccupações que o assoberbam, não pôde dar-nos a honra de sua grada presença. Nem por isso, todavia, deixou de orientar-nos com as suas preclaras luzes, sendo sempre ouvido sobre todos os factos occorridos e concedendo-nos plena approvação ás providencias tomadas.

« Por determinação expressa de S. Ex.ª mandámos proceder á pesquiza e cópia, nos Archivos da Torre do Tombo e do Conselho Ultramarino, em Portugal, das *Memorias Diarias* sobre a guerra hollandeza, relativas aos annos de 1638, 1639, 1640 e 1641, bem como da narrativa da marcha de Luiz Barbalho, do Rio Grande do Norte até Sergipe, para bater o invasor flamengo. Documentos esses de summa importancia, serão elles publicados em nossa *Revista* logo que nos cheguem ás mãos.

« O nosso muito illustre 1.º Vice-Presidente, Sr. Visconde de Ouro Preto, por ter estado gravemente enfermo, tambem não foi possivel comparecer no Instituto. Seu applauso, porém, não nos foi denegado e delle sobremodo nos lisonjeamos.

*
* *

« Não podemos deixar de assignalar a maneira gentil por que a Sociedade de Geographia de Lisboa acolheu o nosso digno consocio Dr. Pedro Souto Maior, que, em missão especial do Instituto, foi áquella Capital tratar da questão do accôrdo Luso-Brazileiro.

« Como nos informou nosso delegado e o illustre Secretario Perpetuo daquella douta associação tambem nos communicou, foram discutidos varios pontos, cuidando-se sobretudo de procurar a melhor fórma de dar execução á iniciativa de Consiglieri Pedroso, dependendo a questão de ulteriores deliberações.

« Ainda com relação ao Dr. Souto Maior, devemos informar que esse infatigavel consocio acha-se presentemente em Haya, realizando importantissimas pesquizas nos archivos daquella cidade.

*
* *

« Quanto á nossa bibliotheca e archivo, o Instituto teve este anno mais uma consagração pela frequencia dos leitores e de consultas que, não só desta Capital e dos Estados, mas do extrangeiro, lhe foram feitas e competentissimamente resolvidas pelo nosso Director-Technico, Sr. Dr. José Vieira Fazenda, que cada vez mais credor se torna do reconhecimento do Instituto, não só pelo seu inexcedivel zelo, senão tambem pelo renome que traz á nossa associação, acolhendo cavalheirosamente quantos o procurem por fonte inexhaurivel de esclarecimentos em assumptos inherentes ao seu cargo.

« No Instituto Historico, o Dr. Vieira Fazenda representa o mesmo papel que Ferdinand Dénis exercera na Bibliotheca de Santa Genoveva, em Pariz.

« É o typo completo do bibliothecario, sabiamente descripto pelo insigne Ramiz Galvão.

*
* *

« A nossa *Revista* continúa em dia e antes do fim do anno apparecerão a Parte II do Tomo LXXIII e a parte I do Tomo LXXIV.

« O incendio da Imprensa Nacional acarretou-nos grandes prejuizos de originaes valiosos, notadamente os do 3.º volume do tomo especial, consagrado á commemoração do Centenario da Imprensa no Brazil.

« A Parte II do Tomo LXXIII, em adeantada composição, tambem foi consumida pelas chammas, e esse incidente traria o atrazo da *Revista* se, de accôrdo com o nosso inclyto Presidente Perpetuo, não organizassemos immediatamente outro volume, que foi entregue ás officinas do *Jornal do Commercio,* achando-se quasi prompto.

*
* *

« Os trabalhos da Secretaria correram com a habitual regularidade, curando-se do expediente e do serviço de cópias.

*
* *

« Perdeu o Instituto, durante o anno, cinco respeitaveis consocios, dos quaes se occupará com o brilhantismo usual o nosso eminente e prezadissimo orador. Adquiriu, porém, outros companheiros que, por certo, trarão á nossa companhia o maior lustre.

*
* *

« A situação economica do Instituto merece especial menção, de par com os louvores ao nosso honrado Thesoureiro, Sr. Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães. Com os nossos

exiguos recursos temos satisfeito a todas as despezas ordinarias e extraordinarias, inclusivé a dos serviços que inaugurámos com tanto proveito para o Instituto.

« Do que a nossa associação precisa urgentemente é de um edificio proprio, construido especialmente para os seus fins, isolado, e possuindo todos os requesitos que o premunam do perigo de um incendio.

« Assim pensando, pedimos á competencia de um amigo illustre, o provecto Engenheiro Francisco Peixoto, um projecto cuja execução poderá ser levada a effeito com a quantia de 196 contos.

« Esse projecto, que poderá ser de prompto examinado pelos dignos consocios, e já mereceu do nosso eximio orador, Sr. Conde de Affonso Celso, encomiastico juizo num dos seus apreciados artigos do *Jornal do Brazil*, constitue hoje a nossa grande aspiração e não duvidamos um só momento da protecção dos poderes publicos, a qual nunca nos foi recusada, antes tem sido sempre generosamente concedida.

« E sem esse favor, dizemol-o sem rebuços, não nos será possivel a desobriga de nossa tarefa, pois os recursos da nossa Companhia são notoriamente restrictos.

« A necessidade, porém, do edificio patentea-se a cada instante.

« Ainda ha poucos dias, visitando o edificio do Instituto, o digno Sr. Coronel Souza Aguiar, Commandante do Corpo de Bombeiros, teve esta expressão : « *Aqui ha, de facto, milhares de contos a resguardar.* »

« Com effeito, nossas collecções de manuscriptos, as riquezas do nosso Museu, nossa bibliotheca exprimem sem duvida, um thesouro que não deve ficar á mercê de um sinistro, sob uma razão menos justa de economia.

« O que temos — e quanta cousa perdemos pelo máo habito da falta de registos ! — representa um acervo de 73 annos e bem vale o sacrificio dessa despeza que collocaria um patrimonio nacional ao abrigo de maior risco.

*
* *

« Uma das grandes emprezas a que implicitamente se propoz o Instituto Historico e Geographico Brazileiro quando surgiu em 21 de Outubro de 1838 foi a de concorrer para a manutenção da unidade patria por meio dos élos intellectuaes.

« De facto, a creação do Instituto despertou em todos os pontos do paiz uma fortissima corrente de sympathias e, consoante os desejos dos seus fundadores, o Instituto foi a *alma mater* das associações congeneres que appareceram no Brazil.

« Pois bem, o Instituto Historico está hoje cumprindo outra missão benemerita, qual a de estreitar as relações de intelligencia com todos os paizes do continente americano.

« A nosso ver a causa das desconfianças com os paizes que nos são vizinhos e com os demais da America provém do facto de não nos conhecermos reciprocamente.

« Vivemos numa constante guerra de equivocos e dahi os contrastes e os dissabores.

« O Instituto Historico será talvez um dos elementos para dirimir esses litigios antipathicos da nossa existencia continental.

« Em principio deste anno dirigimo-nos ao Sr. John Barrett, director geral da União Pan-Americana e enviamos-lhe varios exemplares da nossa *Revista* e das publicações do Instituto para serem distribuidos por meio da União Internacional das Republicas Americanas e o resultado é que actualmente o Instituto Historico se corresponde com grande numero de bibliothecas americanas que lhe remettem as suas obras e que desejam possuir nossas collecções.

« E' assim que já permutamos com os seguintes periodicos e associações: American Geographical Society of New York, Litteary News, International Union of American Republics, The National Geographic Magazine, The Pennsylvanic Magazine of History and Biograph, The Historical Society of Pennsylvanic, University of Missouri, nos Estados Unidos da America do Norte; Biblioteca Nacional do Mexico, Museu Nacional de Arqueologia,

Historia y Etnologia do Mexico; Archivo y Biblioteca Nacional de Honduras; El Guatemalteco, de Guatemala; Revista de Instrucion Primaria de Habana, Universidad Central de Venezuela, Academia de la Historia de Caracas; Biblioteca Municipal de Guayaquil, no Equador; Sociedad Geographica de Lima e Ateneu de Lima, no Perú; Biblioteca Nacional de Santiago, El Ferro Carril, El Pensamiento Latino, Universidad de Chile, Economical and Social Progress of the Republic of Chile, no Chile; Biblioteca Nacional, Biblioteca Publica de la Provincia de Buenos Aires, Instituto Geografico Argentino, Museu Nacional de Buenos Aires, Sociedad Cientifica Argentina, Universidad de Buenos Aires, na Republica Argentina; Instituto Paraguayo, Biblioteca del Ministerio del Interior del Paraguay; Museu Nacional de Montevideo e Universidad de Montevideo.

« E temos pedidos para novas remessas de mais trinta e seis bibliothecas americanas.

« E' outra nobre tarefa que o Instituto Historico está cumprindo com galhardia, e da concordia intellectual resultará, sem duvida, a confirmação plena da bella formula desse preclaro estadista americano que em nosso territorio exclamou num surto de genial intuição politica: « Tudo nos une, nada nos separa ».

« Temos concluido. » *(Palmas prolongadas).*

Teve depois a palavra o Sr. Conde de Affonso Celso, Orador, do Instituto, para fazer o elogio dos socios fallecidos durante o anno:

O Sr. Conde de Affonso Celso diz que, conforme noção curial, costumavam os antigos romanos marcar com um alvo seixo o dia propicio.

« Não consta, porém, que houvessem imaginado qualquer signal, ou symbolo, para registar mezes e annos beneficos.

« É que, espiritos praticos, conhecedores da vida, sabiam elles que, na contingencia humana, se póde passar algumas horas de inteira satisfação; maior espaço de tempo é difficil, visão impossivel.

« O doce engano d'alma, de que falla o poeta, não n'o deixa a fortuna durar muito.

« Conta-se do principe de Bismarck que, havendo chegado ao

cumulo das grandezas, das prosperidades e das glorias, declarou a um grupo de admiradores que o acclamava:

« Fui tudo quanto quiz ser, realizei todos os meus projectos, « e, mais ainda, todos os meus sonhos; o destino deu-me o que « de melhor poderia dar, tanto na esphera domestica, como na po- « litica e na social.

« Sem embargo, si eu sommar todos os minutos de verda- « deira alegria que gozei, durante minha extensa carreira, talvez « não attinjam ás vinte e quatro horas de um só dia. »

« O admiravel Raymundo Correia, cujo passamento ainda nos consterna, resumiu a philosophia desses factos no terceto final do seu famoso *Mal Secreto :*

> «Quanta gente que ri, talvez, existe
> «Cuja ventura unica consiste
> «Em parecer aos outros venturosa!»

« Notam-se, todavia, no mundo épocas mais benignas do que outras para os individuos e para os povos, séries brancas, após séries negras, como se diz em certos jogos.

« O anno findo foi dos mais clementes que tem tido o Instituto.

« Pelo relatorio do digno Sr. 1.º Secretario Perpetuo, verificou-se quanto esse anno foi baldo de episodios relevantes.

« O Instituto apenas continuou nelle a sua marcha normal, lisa e segura, desempenhando as suas obrigações, sem incidente algum excepcional.

« Admittindo como verdadeiro, relativamente a estabelecimentos do genero do nosso, o conceito de felicidade applicado aos povos por um pensador: « Felizes são os que não têm historia » — feliz foi o nosso gremio nos doze mezes transcorridos, pois lhe faltaram os grandes feitos, denominados historicos.

« Interrogado sobre o que fizera, durante a revolução franceza, respondeu alguem: « Vivi! — e não foi pouco. »

« O Instituto viveu, e com justiça, póde-se accrescentar: Viveu dignamente, viveu nobremente, como tem vivido e viverá.

« Releva recordar que a phrase — felizes os povos sem histo-

ria — provocou energico protesto por parte de um americano eminente, Theodoro Roosevelt, para quem a felicidade consiste, não na quietação e bonança, mas na actividade, no movimento, na vibração, na vida intensa, opinando o ex-Presidente dos Estados-Unidos que os povos devem ter historia, cheia de lutas, de esforços, de sacrificios, de conquistas, sendo isto o que lhes confere supremacia e immortalidade.

« Como quer que seja, o anno findo mostrou-se benevolo para com o Instituto, no tocante a mortos. Cinco consocios apenas nos foram arrebatados, quando costuma ser muito maior o sinistro algarismo.

« Não diminue esse fraco contingente o nosso pezar: uma unica victima constitue, ás vezes, uma grande catastrophe.

« Merecem, sem excepção, os desapparecidos os preitos de profundo pezar e sincera saudade.

« Dos cinco que partiram, um era extrangeiro e socio honorario — Émile Levasseur; dous effectivos, o Visconde de Ibituruna e o Commendador Angelo Thomaz do Amaral; dous correspondentes, o Dr. João Baptista de Moraes e o Conselheiro José Antonio de Azevedo Castro.

« Comecemos pelo extrangeiro.

« O facto de o haver collocado o Instituto no seu quadro de honra mostra o valor de Émille Levasseur que, quando foi admittido, ha 22 annos, já se notabilizára em varios ramos da actividade mental.

« Economista, um dos mais conspicuos propugnadores da escola orthodoxa, ou liberal, a defensora do que considera leis basicas da sociedade, a familia, a propriedade, o salariado, a concurrencia, a liberdade do trabalho e de permutas, entendia elle que, multiplos sendo os esforços a impellirem o mundo em direcções diversas, devendo a unidade achar-se em uma resultante, toda doutrina, ou tendencia, com raiz no terreno dos factos e ahi medrando e florescente, corresponde a desejos, se não a necessidades, merecendo, pois, a attenção da politica e, conseguintemente, da sciencia.

« Com esta larga comprehensão, modelo de exposição clara, cortez e exacta, exercia superiormente o magisterio no Collegio

de França, de que foi administrador, no Conservatorio de Artes e Officios e na Escola de Sciencias Politicas.

« Escreveu obras monumentaes, como a « Historia do commercio da França » e a das classes operarias, estudando principalmente os factos sob o aspecto estatistico e geographico.

« Prodigiosa a sua faculdade de trabalho, servida por encantadora amenidade de caracter.

« Sem jámais interromper os seus cursos e as suas funcções administrativas, collaborava em numerosas revistas e deixou-nos vinte grossos volumes, repletos de algarismos, cada um dos quaes exigira, de certo, verificação longa e fastidiosa.

« Presidia, demais, constantemente, a congressos nacionaes e internacionaes, fazia parte de jurys scientificos e litterarios, assistia a banquetes, em que proferia amaveis allocuções, attendia a innumeros visitantes, vindos de toda parte, mantinha copiosa correspondencia.

« Fica-se realmente assombrado ante um esforço assim, sempre pontual e productor.

« Émile Levasseur, observa um de seus biographos, não ligou seu nome a uma dessas doutrinas que servem de alimento aos debates de muitas gerações.

« Não será discutido, mas será sempre lido; e, espirito genui-
« namente sabio, continuará a illuminar de uma luz serena tudo
« aquillo de que se occupou. »

« A par de inexcedivel trabalhador, mostrou-se irreprehensivel homem de bem.

« Por occasião do processo Panamá, quando se viu desfilar nos tribunaes a turba dos auctores e cumplices da enorme patota, Levasseur compareceu como testemunha.

« Incumbira-o Lesseps de avaliar a importancia da corrente commercial que poderia passar pelo canal do Panamá, trabalho relevante e que, a julgar pelo preço pago por outros menores, valeria milhões de francos.

« Quando o juiz perguntou a Levasseur qual a somma de sua remuneração e elle respondeu singelamente: « Nada absolutamente recebi », houve na assistencia um movimento de surpreza.

« Os professores do Collegio de França, commenta um biographo do illustre sabio, sentiram-se nobilitados na sua pessoa.

« Torna Levasseur particularmente sympathico ao Brazil a circumstancia rara num Francez, de que sempre amistosamente se interessou pelas nossas cousas, que conhecia e prezava mais do que muitos Brazileiros.

« Como informa Escragnolle Doria, elle dizia: « Um Brazi-« leiro não preciza de apresentação para mim; basta bater-me á « porta. »

« Amigo de D. Pedro II, o Magnanimo, de Sant'Anna Nery, de Eduardo Prado, de Domicio da Gama, e, sobretudo, do egregio Presidente do Instituto, Barão do Rio-Branco, compoz preciosos trabalhos sobre o Brazil, quaes a carta mural da nossa patria e varios artigos na *Grande Encyclopédie.*

« A par de Robert Southey, Martius, Saint-Hilaire e poucos mais, fez jus, como extrangeiro amigo do Brazil, ao culto de nosso respeito, admiração e reconhecimento.

« Tambem conhecedor eximio das cousas brazileiras e investigador de episodios pouco sabidos do nosso passado, foi o Dr. João Baptista de Moraes, que apenas dous annos e alguns mezes figurou na lista dos nossos socios correspondentes.

« Secretario da Policia, da Relação e da Assembléa Provincial de S. Paulo, membro da Constituinte republicana deste Estado, archivista da Secretaria da Marinha, jornalista, propagandista da instrucção popular e da obrigatoriedade do ensino, autor de biographias de compatricios notaveis e de sensatos projectos, revelou-se sempre e em toda parte o Dr. João Moraes um operoso e um util.

« Sobre o curioso e agitado periodo regencial de 1831 a 1840; sobre a revolução mineira e paulista de 1842; sobre a ultima sessão do Conselho de Estado do Imperio; sobre a proclamação da Republica em S. Paulo, traçou o Dr. João Moraes curiosas monographias.

« Reunira bella collecção de documentos e autographos historicos, que offereceu ao Instituto Historico de S. Paulo, onde occupava conspicuo lugar.

« Trabalhador erudito, pertencia á familia desses repertorios

vivos dos nossos fastos, familia cuja chefia compete ao nosso tão querido bibliothecario, Dr. Vieira Fazenda, cuja obra esparsa em jornaes e revistas, formaria fartos e inestimaveis volumes.

« As apreciações historicas do Dr. João Moraes revestem-se, conforme observou, no parecer de admissão, o Dr. Pedro Lessa, de accentuado partidarismo.

« Tira-lhes isso a imparcialidade, mas torna-as vibrantes e sinceras.

« A seriedade, a ataraxia, é apanagio dos deuses.

« Em contraste com o Dr. João Moraes que tão pouco tempo foi dos nossos, eis um dos mais antigos, senão o mais antigo, o decano desta agremiação, o Commendador Angelo Thomaz do Amaral que, admittido em Outubro de 1851 e fallecido, ha dous mezes, em Agosto do anno fluente, fez parte do Instituto durante pouco mais de 60 annos, tendo visto por aqui passarem gerações e gerações, de todos respeitado e querido.

« Ao annunciar o passamento do Commendador Angelo Thomaz do Amaral, traçou-lhe o nosso illustre Vice-Presidente, Barão Homem de Mello, um rapido, mas expressivo perfil, bastante a enaltecer-lhe a memoria.

« Leiam os que não tiveram a satisfação de ouvir essas concisas, formosas, justas palavras do autor de varias biographias notaveis, e verão, em brilhante relevo, Angelo Thomaz do Amaral funccionario publico, deputado geral, industrial, jornalista, homem de iniciativa, patriota.

« Já seu pai, o Dr. Antonio José do Amaral, déra fortes testemunhos de raros meritos, em variados trabalhos, cuja só enumeração enche uma pagina do *Diccionario Biographico* do nosso prestimoso e saudoso consocio Dr. Sacramento Blake.

« De um irmão do Commendador Angelo Thomaz do Amaral, Antonio José do Amaral II, no dizer de Sacramento Blake, apresenta este, tributando-lhe tambem louvores, relevantes dados bio-bibliographicos.

« Outros dous irmãos do finado, o diplomata e poeta José Maria do Amaral e o Visconde de Cabo Frio, conheceis-los assás para dispensar quaesquer referencias.

« Nas virtudes, nos talentos, na laboriosidade, no civismo, foi em tudo digno o Commendador Angelo Thomaz de seu genitor e de seus irmãos.

« Era, sobretudo, um jornalista, de remontado e aristocratico estylo, que não gosou de popularidade por ser, talvez, pensador, em vez de vulgarizador, — feição esta ultima essencial no jornalismo.

« Como Baptista de Moraes, deixa disseminados muitos trabalhos, genuinas gemmas alguns, a que apenas falta um fio e um fecho para formarem esplendido collar.

« Jornalista, como Angelo Thomaz, havendo militado na imprensa ao lado de José de Alencar e Firmino Rodrigues Silva, o grupo do illustre Euzebio, com uma sobrinha do qual se casou, em primeiras nupcias, figurou 36 annos no Instituto o Conselheiro José Antonio de Azevedo Costa, què, ainda como Angelo Thomaz, exerceu excellentemente algumas funcções publicas, levando a preoccupação excepcional do escrupulo a ponto de, no Thesouro Nacional, lhe chamarem — Catão.

« Deputado geral, presidente do Rio Grande do Sul, Conselheiro de Sua Magestade o Imperador, que sempre lhe prodigalizou estima e acatamento, publicou, além de valiosas biographias de brazileiros distinctos, obras juridicas e administrativas, referentes á especialidade em que se notabilizára.

« Amigo das lettras, deu a lume, á sua custa, uma collecção de versos de Mucio Teixeira e uma riquissima edição das obras poeticas de Corrêa Garção, á qual additou eruditas notas e magnifico prefacio.

« O Visconde de Taunay consagrou-lhe a sua famosa novella *Innocencia*, com estas mimosas expressões : « Si nos antigos tem-« pos da Grecia me fôra possivel erigir custoso templo, dedicava-o « á amizade, para no frontespicio gravar o teu nome querido. »

« Desde 1881, exercia em Londres, com zelo e proficiencia inexcediveis, o lugar de Delegado Fiscal do Thesouro, merecendo a cabal confiança dos governos, quer da monarchia quer da Republica, apezar de não esconder a sua predilecção pelo antigo regimen.

« Na Inglaterra, angariou, entre outras altas amizades, a do

Principe de Galles, depois Eduardo VII, que, consta, nas vesperas de ser coroado, jantou na modesta casa do nosso compatricio.

« Ainda um titulo do Conselheiro Azevedo Castro ás sympathias do Instituto: — era parente pelo sangue e apresentava numerosas afinidades intellectuaes e moraes com o Dr. Vieira Fazenda, cujo nome deve ser sempre aqui repetido, em signal de reconhecimento a seus eminentes serviços.

« O Visconde de Ibituruna, ou o Dr. João Baptista dos Santos, nome popular no municipio neutro, finou-se aos 83 annos de idade, tendo sido 25 socio effectivo do Instituto.

« De modesta familia de S. João d'El-Rei, ahi fez os primeiros estudos, vindo, adolescente, matricular-se no curso medico desta Capital.

« Sem fortuna, trabalhava para sustentar-se; serviu como revisor no *Jornal do Commercio*, até obter, por concurso, um lugar de interno no Hospital da Misericordia.

« Captou ahi a estima e confiança do famoso cirurgião Manoel Feliciano, em cuja enfermaria praticou, e por conselhos de quem foi, depois de formado, clinicar em S. José do Rio Preto.

« Breve, por seu talento, caracter e operosidade, adquiriu, não só na localidade onde se fixára como nas convizinhas das então provincias de Minas e Rio de Janeiro, extensa clientela e influencia.

« Alliando-se pelo casamento a importante familia da Parahybuna, resolveu mudar para mais amplo meio e estabeleceu-se nesta cidade.

« Aqui, dentro em pouco, tambem affirmou-se e dilatou-se o seu prestigio.

« Elevou-se a chefe politico estimadissimo, vereador, Presidente da Camara Municipal, de inexcedivel zelo, tendo companheiros dos quilates de Haddock Lobo, Ferreira Vianna e Andrade Figueira.

« Jámais o repudiaram as urnas, mas, espontaneamente, renunciou o Dr. João Baptista ás funcções electivas de ordem politica.

« Em 1889, o Visconde de Ouro Preto, seu particular amigo, demoveu-o do retrahimento e o nomeou Presidente de Minas Geraes, alto cargo que idoneamente desempenhou, cahindo a 15

de Novembro, com a maior dignidade, a exemplo do seu chefe, primeiro ministro.

« Duas vezes exerceu a direcção da *Inspectoria Geral de Hygiene,* suggerindo desde 1887 medidas tendentes a sanear e embellezar o Rio de Janeiro e sustentando energica campanha contra a fiscalização e sophisticação dos generos alimenticios.

« Administrador da Casa de Saude do Bom Jesus, clinico dos hospitaes do Carmo, da Misericordia e de S. Francisco de Paula, propagandista da vaccinação obrigatoria e da educação da infancia abandonada, innumeros se apontam seus actos de philanthropia e caridade.

« Em homenagem á memoria de seu pai, fundou na casa por este habitada, em S. João d'El-Rei, uma escola gratuita para meninos de ambos os sexos, com a denominação — *Escola João dos Santos,* — nome do fallecido, e que, durante annos custeou, até ser entregue ao Governo de Minas, que a mantem até hoje.

« Tambem em homenagem a outra memoria querida, a de um seu mestre e amigo, fundou na escola de medicina o premio «Manoel Feliciano», para, annualmente, ser conferido á melhor these sobre cirurgia.

« No bairro Villa Isabel desta cidade, fundou um collegio, hoje transformado em escola publica municipal; creou a Sociedade Protectora das classes medica e pharmaceutica; concluiu as obras, havia muito paradas, da bella matriz do Engenho Velho.

« Por tamanhos serviços, mereceu ser agraciado com varias condecorações e com os titulos de Conselheiro, de Barão e de Visconde, com grandeza, bem como com o de medico da Imperial Camara.

« No exercicio deste ultimo cargo, conviveu intimamente com o Sr. D. Pedro II, que sobremaneira o estimava e com elle se correspondeu até fallecer.

« Gosando de immenso acatamento entre seus collegas, se não entrou para o corpo docente da Faculdade de Medicina, repetidas vezes foi convidado para bancas examinadoras.

« Indo á Europa, onde estudou especialmente assumptos de hygiene e abastecimento d'agua, ligou-se a summidades medicas de Pariz e Vienna, que muito o obsequiaram.

« De algumas ficou amigo particular, como do professor Jacoud, a quem hospedou quando elle visitou o Brazil.

« Ao fundar-se a Liga contra a Tuberculose, doou-lhe importante livraria, pelo que se intitula Visconde de Ibituruna uma das salas do benemerito estabelecimento, que o elegeu seu primeiro presidente.

« Juntai a todos estes traços o de escriptor de varios livros scientificos, que lhe determinaram a eleição para o Instituto, e proclamareis os muitos e peregrinos meritos do Visconde de Ibituruna.

« Na vida intima, conforme uma biographia estampada no *Jornal do Commercio* e em a qual se respigaram os dados que ahi ficam, foi o prototypo do varão probo de Horacio, chefe de familia modelo, amigo perfeito, cidadão imperterrito, caracter integerrimo de que a sua avantajada estatura, perfilada e erecta, dava nitida impressão.

« Bello homem na mocidade, apresentava, na velhice, uma nobre e veneranda cabeça, emmoldurada em alvas barbas e cabellos, e uma magestosa figura, que attrahiam na rua a attenção dos transeuntes, impressionando-os e despertando-lhes instinctivo acatamento.

« E soffreu muito, nos derradeiros annos, com a doce sobranceria de uma consciencia impolluta !

« Da sua vida exhala-se o perfume que um moralista declara impregnar as existencias consagradas ao trabalho e á virtude, perfume que lhes fluctua longo tempo sobre os tumulos e é o que as almas dos sobreviventes podem respirar de mais suave e fortificante.

« O orador tem certeza de um outro mundo de compensações, justiça e verdade.

« A quem objectar, pondera Etienne Lamy, que a existencia « futura é uma hypothese, responder-se-ha que tambem é uma « hypothese a negação de tal sobrevivencia. »

« Se uma não está provada, não o está igualmente a outra.

« Cumpre desmascarar o sophisma de que a fé repousa sobre chimeras e a incredulidade sobre a sciencia.

« Credulos e incredulos, baseiam, uns e outros, no mysterio os seus conceitos.

« Incerteza por incerteza, mais vale dirigirmo-nos, tacteando, embora, no caminho obscuro, para o clarão longinquo de uma grande promessa, do que para o negro barathro, onde toda a esperança se submerge.

« Salvè a esperança, remata o orador, a salutar esperança que fazia, outr'ora, em Roma, serem acclamados os proprios generaes vencidos, quando não desanimavam dos destinos da Patria! »

(*Palmas. Applausos repetidos. O orador é vivamente felicitado.*)

Levantou-se a sessão ás 10 $^{1}/_{2}$ da noite.

Radler de Aquino, servindo de 2.º Secretario.

ASSEMBLÉA GERAL DE 21 DE NOVEMBRO DE 1911

PRESIDENCIA DO SR. BARÃO HOMEM DE MELLO.

Ás 8 horas da noite, na séde social, abriu-se a sessão com assistencia dos Srs. Barão Homem de Mello, Desembargador Antonio Ferreira de Souza Pitanga, Max Fleiuss, Dr. Gastão Ruch Sturzenecker, Conde de Affonso Celso, Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão, General Gregorio Thaumaturgo de Azevedo, Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires, Coronel Ernesto Senna, Dr. Norival Soares de Freitas, Dr. Alfredo Rocha, Dr. Orville Derby, Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Dr. Alberto Torres, Capitão de Mar e Guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira, Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel, Capitão-Tenente Francisco Radler de Aquino, Dr. Antonio Augusto de Lima, Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia e Almirante Arthur Indio do Brazil.

O SR. FLEIUSS *(1.º Secretario Perpetuo)* leu as seguintes propostas:

«De accôrdo com as praxes estabelecidas e obedecendo ao art. 15 dos Estatutos, propomos para Presidente Honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil.— Sala das Sessões da Assembléa Geral, em 21 de Novembro de 1911. — *Barão Homem de Mello* —

Max Fleiuss — Norival Soares de Freitas — Augusto de Lima — Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel — Sebastião Vasconcellos Galvão — Radler de Aquino — A. C. Gomes Pereira — Alfredo Rocha — Antonio Olyntho dos Santos Pires — Dr. Ramiz Galvão — A. F. de Souza Pitanga — Thaumaturgo de Azevedo — Ernesto Senna — João de O. Sá Camelo Lampreia — A. Indio do Brazil — Alberto Torres — Miguel J. R. de Carvalho — Orville A. Derby — Conde de Affonso Celso. »

« Considerando que o Ex.mo Sr. Dr. Roque Sáenz Peña, actual Presidente da Republica Argentina, pertence ao numero dos extrangeiros illustres que se mostram leaes amigos do Brazil, reconhecendo as grandezas de nossa Patria e rendendo justiça á constante nobreza de intuitos do seu procedimento internacional, cujo objectivo consiste na paz e na amizade, cada vez maior, entre os paizes americanos, maximé entre os povos vizinhos;

« Considerando que o nosso gremio é propugnador destes ideaes e aos que dignamente o professam costuma dar altas demonstrações de applausos e acatamento:

« Indicamos seja nomeado Presidente Honorario do Instituto Historico o Ex.mo Sr. Dr. Roque Sáenz Peña. — Sala das Sessões, 21 de Novembro de 1911. — *Barão Homem de Mello — Conde de Affonso Celso — Gastão Ruch — Ernesto Senna — Max Fleiuss — Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel — Sebastião de Vasconcellos Galvão — Radler de Aquino — A. C. Gomes Pereira — Alfredo Rocha — Antonio Olyntho dos Santos Pires — A. F. de Souza Pitanga — Dr. Ramiz Galvão — Thaumaturgo de Azevedo — Norival Soares de Freitas — João de Oliveira Sá Camelo Lampreia — A. Indio do Brazil — Augusto de Lima — Miguel J. R. de Carvalho — Orville Derby — Alberto Torres.* »

Estas propostas foram pelo Sr. Presidente submettidas á votação, tendo sido approvadas.

O Sr. Presidente proclama Presidentes Honorarios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro os Srs. Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil, e Dr. Roque Sáenz Peña, Presidente da Republica Argentina.

O Sr. Coronel Ernesto Senna justifica a seguinte proposta, que foi approvada por unanimidade:

«Propomos que o Instituto envie um telegramma ao Presidente da Republica Argentina, communicando a sua eleição em Assembléa Geral. — Rio, 21 de Novembro de 1911. — *Ernesto Senna — Antonio Olyntho — Sebastião de Vasconcellos Galvão — Souza Pitanga — Conde Affonso Celso — Max Fleiuss.*»

O Sr. Conde de Affonso Celso apresenta e justifica a seguinte proposta, unanimemente approvada:

«Proponho seja collocado na sala da secretaria o retrato do Secretario Perpetuo Sr. Max Fleiuss, em testemunho dos valiosos serviços por este prestados ao Instituto. Sala das Sessões, 21 de Novembro de 1911. — *Conde de Affonso Celso.*»

O Sr Fleiuss *(1.º Secretario Perpetuo)* agradece a essa prova de bondade que o Instituto lhe conferiu.

O Sr. Conde de Affonso Celso, na qualidade de membro da Commissão de Estatutos e Redacção, apresenta a seguinte indicação:

«Rio de Janeiro, 21 de Novembro de 1911. — Exms. Consocios. A Commissão de Estatutos e Redacção, de accôrdo com as disposições do art. 72, tem a honra de submetter á Assembléa Geral as seguintes ligeiras alterações nos Estatutos vigentes, determinadas pela experiencia e pela necessidade de harmonizar algumas das regras da nossa lei principal:

« Art. 3.º Redija-se da seguinte fórma:

« Publicará a «Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro», da qual deverão apparecer dous tomos annualmente, tendo numeração distincta.

« Paragrapho unico. Num destes tomos serão publicadas as actas das sessões, assim como os discursos do Presidente e do Orador e o relatorio do 1.º Secretario, lido na sessão magna anniversaria, e tambem a lista dos socios existentes, com as suas diversas categorias e data de admissão.

« Art. 4.º Supprima-se o § 5.º.

« Art. 6.º Em vez de «deverá o candidato», diga-se — deverá o proposto.

« § 1.º Diga-se: A proposta será feita por escripto, em ses-

são de Instituto, devendo conter o nome e appellidos do proposto, sua naturalidade, profissão e trabalhos que o recommendem.

« § 2.º Diga-se : Só serão acceitas pela Mesa propostas para socio effectivo ou correspondente acompanhadas de trabalhos dos propostos com offerecimento autographo ao Instituto.

« § 3.º Onde se lê «candidato», diga-se — proposto.

« § 4.º Onde se lê «candidato», diga-se — proposto.

« § 5.º Onde se lê «candidato», diga-se — proposto.

« § 6.º Onde se lê «candidato», diga-se — proposto.

« § 7.º Onde se lê «candidato», diga-se — proposto.

« Art. 7.º § 2.º Onde se lê « candidato », diga-se—proposto.

« Art. 14. Supprima-se.

« Art. 15. Redija-se assim :

« A qualidade excepcional de Presidente Honorario só poderá ser conferida em Assembléa Geral aos Chefes de Estado ou aos membros do Instituto que tenham sido Presidentes Effectivos, mediante proposta assignada pela Directoria e por dois terços dos socios presentes á Assembléa.

« Art. 18. Em vez de 50$, diga-se 100$ e, em vez de 1$ mensaes pagos em trimestres adeantados, diga-se 24$ pagos annualmente.

« Supprima-se o § 5.º

« Art. 22. Redija-se assim :

« Os membros desta Directoria serão:

a) Um Presidente;

b) Um 1.º Secretario;

c) Um 2.º Secretario;

d) Um Orador;

e) Um Thesoureiro.

« § 1.º Haverá tambem tres Vice-Presidentes que, na respectiva ordem, assumirão a Presidencia no caso de vaga ou quando o serventuario effectivo passar por escripto o cargo.

« § 2.º Fóra destes casos os Vice-Presidentes dirigirão apenas os trabalhos nas sessões e nas assembléas, quando faltar o Presidente.

« Ao art. 29. Esse artigo deve ser collocado no capitulo VI,

« Redija-se da seguinte fórma;

« Nas assembléas e sessões, quando faltarem o Presidente e os tres Vice-Presidentes, assumirá a direcção dos trabalhos o socio mais antigo dos presentes.

« Ao art. 30.

« § 1.º Redija-se assim:

« Propôr ao Presidente a exoneração e nomeação do Bibliothecario, seu auxiliar, officiaes da Secretaria, porteiro e continuo.

« Ao art. 41.

« § 3.º Accrescente-se depois das palavras « o que for devido aos cofres do Instituto » — bem assim ter tomado posse de accôrdo com o art. 62.

« Ao art. 45. Redija-se da seguinte fórma:

« Os officiaes da Secretaria serão em numero de tres, sendo um delles o Chefe da mesma Secretaria, o qual, além de outros serviços, ficará directamente incumbido da catalogação geral da Bibliotheca, Archivo e Museu, não podendo, sob pretexto algum, tel-a em atrazo.

« § 1.º Haverá um empregado para auxiliar immediatamente o Bibliothecario. Esse empregado ficará tambem incumbido da expedição da « Revista », bem como da remessa das publicações do Instituto, fazendo toda a escripturação respectiva.

« § 2.º O 1.º Secretario poderá propôr ao Presidente a suppressão ou o não provimento de qualquer dos cargos consignados neste artigo, desde que isso seja conveniente ao Instituto.

« § 3.º O 1.º Secretario, com approvação do Presidente, poderá escolher até dous collaboradores para o serviço de cópias da « Revista » e auxilio da catalogação.

« Art. 47. (Novo). Ao continuo incumbirá auxiliar o porteiro e cumprir as ordens do 1.º Secretario e do Bibliothecario.

« Art. 48. (Novo). Os serviços da Secretaria durarão no minimo tres horas nos dias uteis, podendo ser prorogados, a juizo do 1.º Secretario.

« Ao art. 47. (Actual). Redija-se assim:

« O Bibliothecario perceberá o vencimento annual de 3:600$; os officiaes de Secretaria, o de 1:800$; o auxiliar do Bibliothecario o de 1:440$; porteiro, o de 1:500$, e o continuo o de 1:200$000. Os collaboradores terão 720$ annuaes, cada um.

« O official que servir de Chefe da Secretaria terá por essa commissão a gratificação annual de 600$000.

« § 2.º Os funccionarios que comparecerem aos sábbados e ás segundas-feiras perceberão integralmente os domingos; faltando num daquelles dias, só terão o ordenado correspondente ao domingo; faltando, porém, nos dois referidos dias perderão completamente o domingo. Os collaboradores perceberão o domingo si comparecerem nos sabbados e nas segundas-feiras. Esta medida prevalecerá para os dias feriados da Republica.

« § 3.º O actual § 2.º

« § 4.º Os funccionarios do Instituto que no anno anterior não tiverem gosado licença, nem dado mais de dez faltas justificadas, terão direito a dez dias de férias, com permissão do 1.º Secretario. Taes férias, porém, não poderão passar de um anno para outro.

« Art. 51. Redija-se assim:

« As sessões ordinarias effectuar-se-hão mensalmente, durante o dia ou á noite, a juizo do Presidente, a partir do mez de Abril até a sessão magna annual de 21 de Outubro.

« O Presidente designará o dia da reunião, que será annunciado pela imprensa.

« § 4.º A leitura de qualquer trabalho, seja de que natureza for, não excederá de uma hora para cada leitor.

« Ao art. 67. Supprima-se.

« Ao art. 68. (Novo):

« Os actuaes socios bemfeitores continuam no pleno goso dos seu direitos.

« Ao art. 68. (Actual). Supprima-se.

« Art. 69. A todos os socios em atrazo de suas contribuições fica marcado o prazo de 30 dias para solverem os seus debitos.

« § 1.º Esse prazo será contado da data do officio circular que o Thesouro dirigirá aos referidos socios, sob registro do correio, com recibo de volta.

« § 2.º Como está.

« § 3.º O socio eleito, que dentro de tres mezes, e sendo avisado, não satisfizer ás contribuições dos Estatutos, e os correspondentes estrangeiros, residentes fóra da Republica, que

dentro de seis mezes não responderem ao officio da Secretaria communicando a investidura, serão considerados como tendo renunciado ao titulo de socio.

« Art. 71. Estes Estatutos entrarão em execução no dia em que forem publicados no *Diario Official* e serão devidamente registrados, distribuidos em avulso até 30 dias depois da sua publicação. — *Conde de Affonso Celso — Alexandre José de Barbosa Lima — Max Fleiuss — Gastão Ruch — Norival Soares de Freitas.* »

Esta indicação fica sobre a mesa para ser impressa na acta, distribuida pelos socios, afim de ser discutida e votada em Assembléa Geral que opportunamente será convocada.

Procedeu-se em seguida á eleição para os cargos da Directoria, menos para os de Presidente e 1.º Secretario, que são exercidos perpetuamente pelos Srs. Barão do Rio-Branco e Max Fleiuss.

O Sr. Presidente designa para escrutadores os Srs. Drs. Augusto de Lima e Alfredo Rocha.

O resultado foi o seguinte:

1.º Vice-Presidente

Visconde de Ouro Preto	20 votos
Dr. Ramiz Galvão	1 »

2.º Vice-Presidente

Barão Homem de Mello	17 votos
Dr. Ramiz Galvão	2 »
General Dantas Barreto	1 »
Barão de Paranapiacaba	1 »

3.º Vice-Presidente

Desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga	19 votos
Dr. Ramiz Galvão	1 »
Commandante Gomes Pereira	1 »

2.º Secretario

Dr. Gastão Ruch Sturzenecker	19 votos
Dr. Norival Soares de Freitas	1 »
Dr. Sebastião Galvão	1 »

Orador

Conde de Affonso Celso	20 votos
Dr. Pedro Lessa	1 »

Thesoureiro

Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães	21 votos

O Sr. Presidente proclama eleitos os mais votados.

A apuração das chapas para constituição das Commissões Permanentes deu o seguinte resultado:

Fundos e Orçamento

1 Visconde de Ouro Preto	21 votos
2 Dr. Clovis Bevilaqua	21 »
3 Coronel Jesuino da Silva Mello.	21 »
4 Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho .	21 »
5 Coronel Ernesto Senna.	20 »
Capitão-Tenente Francisco Radler de Aquino . .	1 »

Estatutos e Redacção

1 Conde de Affonso Celso	20 votos
2 Dr. Alexandre José de Barbosa Lima . . .	21 »
3 Max Fleiuss	20 »
4 Dr. Gastão Ruch Sturzenecker	20 »
5 Dr. Norival Soares de Freitas	20 »
Capitão-Tenente Francisco Radler de Aquino . .	4 »

Historia

1	Visconde de Ouro Preto	21 votos
2	Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão	20 »
3	Dr. Antonio Jansen do Paço	21 »
4	Dr. Pedro Augusto Carneiro Lessa	21 »
5	General Egmydio Dantas Barreto	21 »
	Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva	1 »

Geographia

1	Marquez de Paranaguá	21 votos
2	Barão Homem de Mello	20 »
3	Capitão de Mar e Guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira	20 »
4	Dr. Orville Adalbert Derby	20 »
5	General Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo	20 »
	General Dantas Barreto	1 »
	Dr. Gastão Ruch	1 »
	Capitão-Tenente Radler de Aquino	1 »
	Desembargador Sousa Pitanga	1 »

Archeologia e Ethnographia

1	Desembargador Antonio Ferreira de S. Pitanga	20 votos
2	Dr. José Pereira Rego Filho	21 »
3	Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque	21 »
4	Dr. Sylvio Roméro	21 »
5	Dr. Amaro Cavalcanti	21 »
	Dr. Orville Derby	1 »

Manuscriptos

1	Dr. José Carlos Rodrigues	21 votos
2	Dr. Alfredo Rocha	20 »
3	Dr. Rodrigo Octavio de Langgaard Menezes	21 »

4 Eduardo Marques Peixoto	21	votos
5 Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães	21	»
Dr. Miguel de Carvalho	1	»

Admissão de Socios

1 Barão de Alencar	21	votos
2 Almirante Arthur Indio do Brazil	20	»
3 Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho . .	20	»
4 Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva . . .	21	»
5 Dr. Joaquim Xavier da Silveira Junior . . .	21	»
Conselheiro Camelo Lampreia	1	»
Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires	1	»

Foram eleitos os cinco mais votados para cada commissão.

Nada mais havendo a tratar, levantou-se a sessão de Assembléa Geral ás 10 e 40 da noite. — *Augusto de Lima, Alfredo Rocha,* escrutadores e Secretarios da Assembléa Geral.

ANNEXOS

CADASTRO DOS SOCIOS

Do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, em 31 de Agosto de 1912, orgañisado de inteira conformidade com os Estatutos de 27 de Junho de 1912.

PRESIDENTES HONORARIOS

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
1	Conde d'Eu	16 de Setembro de 1864	França
2	Dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves.	30 de Agosto de 1896 .	S. Paulo
3	Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles	12 de Maio de 1899 . .	S. Paulo
4	General Julio A. Roca	7 de Julho de 1899 . .	Rio de Janeiro
5	Dr. Nilo Peçanha	27 de Novembro de 1909	» » »
6	Dr. Roque Saenz Peña	21 de Novembro de 1911	Rep. Argentina
7	Marechal Hermes Rodrigues da Fonseca	21 de Novembro de 1911	Rio de Janeiro
	***SOCIOS BENEMERITOS* (em numero de 10)**		
1	Barão Homem de Mello.	3 de Junho de 1859. .	Rio de Janeiro
2	Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.	16 de Agosto de 1872 .	» » »
3	Desemb. Thomaz Garcez Paranhos Montenegro	10 de Maio de 1878 . .	Bahia
4	Barão de Alencar.	13 de Setembro de 1889	Rio de Janeiro
5	—	—	—
6	—	—	—
7	—	—	—
8	—	—	—
9	—	—	—
10	—	—	—
	***SOCIOS HONORARIOS* (em numero de 50)**		
1	Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira	19 de Outubro de 1887.	Rio de Janeiro
2	D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo	2 de Agosto de 1889 .	Austria
3	D. Enrique Moreno ✿	13 de Setembro de 1889	Montevidéo
4	Cons. José Francisco Diana . .	13 de Setembro de 1889	R. Gr do Sul
5	D. Norberto Quirno Costa ✿. .	17 de Setembro de 1889	Rep. Argentina
6	D. Blas Vidal ✿.	29 de Setembro de 1889	Uruguay
7	Commendador Tobias Laureano Figueira de Mello	12 de Outubro de 1890.	Rio de Janeiro
8	D. Guilherme A. Seoane ✿. . .	22 de Maio de 1891 . .	Perú
9	Barão de Studart.	25 de Maio de 1892 . .	Ceará
10	Conde de Affonso Celso.	2 de Dezembro de 1892	Rio de Janeiro
11	D. Carlos Luiz d'Amour	9 de Dezembro de 1892	Matto-Grosso
12	Cardeal Marino Rampolla del Tindaro ✿.	7 de Abril de 1893 . .	Italia
13	Dr Manoel de Oliveira Lima. .	11 de Agosto de 1895 .	Belgica
14	D. Jeronymo Thomé da Silva .	25 de Julho de 1897. .	Bahia
15	D. Francisco do Rego Maia. . .	25 de Julho de 1897 . .	Italia
16	Cardeal D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti . .	31 de Outubro de 1897	Rio de Janeiro
17	Dr. Amaro Cavalcanti	6 de Dezembro de 1897	» » »
18	Conselheiro João de Oliveira Sá Camelo Lampreia ✿.	15 de Maio de 1898 . .	» » »
19	Cardeal D. Jeronymo Maria Gotti ✿	14 de Outubro de 1898	Italia

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
20	Almirante Francisco Joaquim Ferreira do Amaral ❀	25 de Novembro de 1898	Portugal
21	Conselh. Manoel Antonio Duarte de Azevedo	27 de Outubro de 1899	S. Paulo
22	Dr. Jayme Constantino de Freitas Moniz ❀	10 de Novembro de 1899	Portugal
23	D. Pedro de Orleans e Bragança	22 de Junho de 1900	França
24	Desembargador Antonio Ferreira de Sousa Pitanga	3 de Agosto de 1900	Rio de Janeiro
25	Dr. Alfredo Eugenio de Almeida Maia	10 de Agosto de 1900	» » »
26	Dr. Emilio Augusto Gœldi ❀	10 de Dezembro de 1900	Suissa
27	Eduardo Müller ❀	10 de Dezembro de 1900	Suissa
28	Dr. Epitacio da Silva Pessoa	27 de Março de 1901	Rio de Janeiro
29	Dr. Manoel B. Otero ❀	24 de Maio de 1901	Uruguay
30	Dr. Susviela Guarch ❀	24 de Maio de 1901	»
31	Dr. Pedro Augusto C. Lessa	23 de Agosto de 1901	Rio de Janeiro
32	Dr. Sabino Barroso Junior	2 de Maio de 1902	Minas Geraes
33	Dr. Anselmo Hévia Riquelme ❀	8 de Agosto de 1902	Chile
34	Dr. Bernardo Teixeira de Moraes Leite Velho ❀	24 de Abril de 1903	Rio de Janeiro
35	Barão Ernest de Hess-Wartegg ❀	25 de Junho de 1903	Allemanha
36	General Adriano Augusto de Pina Vidal ❀	21 de Agosto de 1903	Portugal
37	Alberto dos Santos Dumont	11 de Setembro de 1903	França
38	Duque dos Abruzos ❀	28 de Setembro de 1903	Italia
39	D. Luiz de Orleans e Bragança	6 de Novembro de 1903	França
40	Dr. Manoel de Mello Cardoso Barata	20 de Maio de 1904	Pará
41	Barão de Muritiba	12 de Agosto de 1904	França
42	Dr. José Joaquim Seabra	18 de Abril de 1905	Bahia
43	Dr. José Leopoldo de Bulhões Jardim	28 de Abril de 1905	Rio de Janeiro
44	D. João Braga	21 de Julho de 1905	Paraná
45	D. Julio Tonti ❀	30 de Abril de 1906	Roma
46	D. José Joaquim Vieira	6 de Maio de 1907	Ceará
47	Dr. Alberto de Seixas Martins Torres	3 de Outubro de 1910	Rio de Janeiro
48	Dr. Julio Fernandez ❀	4 de Maio de 1912	Rep. Argentina
49	Dr. Rivadavia da Cunha Corrêa	4 de Maio de 1912	Rio de Janeiro
50	Dr. Lauro Severiano Muller	4 de Maio de 1912	» » »

SOCIOS EFFECTIVOS (em numero de 60) (*)

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
1	Barão de Teffé	27 de Outubro de 1883	Rio de Janeiro
2	Almirante José Candido Guillobel	24 de Novembro de 1882	» » »
3	João Capistrano de Abreu	19 de Outubro de 1887	» » »
4	Contra Almirante Arthur Indio do Brazil	31 de Agosto de 1888	» » »
5	José Verissimo de Mattos	16 de Novembro de 1887	» » »
6	Dr. Brazilio Augusto Machado de Oliveira	12 de Setembro de 1890	» » »
7	Dr. Felisbello Firmo de Oliveira Freire	26 de Setembro de 1890	» » »

(*) Ha nesta classe um excesso de seis socios, devido aos novos Estatutos.

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
8	Dr. Alfredo do Nascimento Silva	12 de Dezembro de 1890	Rio de Janeiro
9	Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque	27 de Setembro de 1892	» » »
10	Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires	4 de Maio de 1894	» » »
11	Dr. Francisco Baptista Marques Pinheiro	11 de Agosto de 1895	» » »
12	Dr. Paulino José Soares de Souza	10 de Junho de 1898	» » »
13	Padre Dr. Julio Maria	15 de Setembro de 1899	» » »
14	Dr. Manoel Alvaro de Souza Sá Vianna	12 de Outubro de 1899	» » »
15	General Dr. Innocencio Serzedello Corrêa	8 de Dezembro de 1899	» » »
16	Dr. José Americo dos Santos	12 de Dezembro de 1899	» » »
17	Dr. Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho	12 de Dezembro de 1899	» » »
18	José Francisco da Rocha Pombo	3 de Agosto de 1900	» » »
19	Max Fleiuss	3 de Agosto de 1900	» » »
20	General Dr. Gregorio Thaumathurgo de Azevedo	17 de Agosto de 1900	» » »
21	Dr. Orville Adalbert Derby	26 de Outubro de 1900	» » »
22	Capitão-Tenente Carlos Vidal de Oliveira Freitas	26 de Outubro de 1900	» » »
23	Dr. Rodrigo Octavio Langgard de Menezes	26 de Outubro de 1900	» » »
24	Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão	26 de Outubro de 1900	» » »
25	Dr. Sylvio Romero	23 de Agosto de 1901	» » »
26	Conselheiro Ruy Barbosa	25 de Maio de 1902	» » »
27	Conselheiro Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque	13 de Junho de 1902	» » »
28	Monsenhor Vicente Ferreira Lustosa de Lima	19 de Junho de 1903	» » »
29	Coronel Ernesto Senna	23 de Julho de 1903	» » »
30	Dr. Alberto de Carvalho	18 de Setembro de 1903	» » »
31	Eduardo Marques Peixoto	23 de Outubro de 1903	» » »
32	Coronel Jesuino da Silva Mello	23 de Outubro de 1903	» » »
33	Conselheiro Candido Luiz Maria de Oliveira	17 de Junho de 1904	» » »
34	Commendador Arthur Ferreira Machado Guimarães	9 de Dezembro de 1904	» » »
35	Dr. Alcebiades Furtado	7 de Julho de 1905	» » »
36	Dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva	21 de Julho de 1905	» » »
37	Barão de Paranapiacaba	21 de Julho de 1905	» » »
38	Dr. José Pereira Rego Filho	25 de Junho de 1906	» » »
39	Dr. Clovis Bevilaqua	15 de Outubro de 1906	» » »
40	Dr. Augusto Olympio Viveiros de Castro	20 de Maio de 1907	» » »
41	Paulo Barreto	29 de Maio de 1907	» » »
42	Dr. José Carlos Rodrigues	10 de Junho de 1907	» » »
43	Dr. Gastão Ruch Sturzenecker	29 de Junho de 1907	» » »
44	Dr. Antonio Jansen do Paço	30 de Setembro de 1907	» » »
45	General Emygdio Dantas Barreto	29 de Agosto de 1908	» » »
46	Dr. Alexandre José Barboza Lima	29 de Agosto de 1908	» » »
47	Dr. Alfredo Augusto da Rocha	29 de Agosto de 1908	» » »
48	Dr. Norival Soares de Freitas	5 de Outubro de 1908	» » »
49	Dr. João Coelho Gomes Ribeiro	20 de Agosto de 1909	» » »
50	Felix Pacheco	1 de Agosto de 1910	» » »
51	Capitão de Mar e Guerra Antonio Coutinho Gomes Pereira	3 de Outubro de 1910	» » »

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
52	Dr. Eurico de Góes.	3 de Outubro de 1910	Rio de Janeiro
53	Dr. Pedro Souto Maior	15 de Julho de 1911. .	» » »
54	Dr. Aloysio de Castro.	17 de Julho de 1911 . .	» » »
55	Capitão-Tenente Francisco Radler de Aquino.	26 de Agosto de 1911. .	» » »
56	Dr. Carlos Maximiano Pimenta de Laet.	16 de Outubro de 1911	» » »
57	Dr. Luiz Gastão d'Escragnolle Doria	4 de Maio de 1912. . .	» » »
58	Desembargador Dr. João da Costa Lima Drummond.	27 de Maio de 1912. . .	» » »
59	Major Dr. Liberato Bittencourt.	27 de Maio de 1912. . .	» » »
60	Dr. Helio Lobo	6 de Junho de 1912 . .	» » »
61	Dr. Alberto Rangel.	6 de Junho de 1912 . .	» » »
62	Desemb. Dr. Ataulpho Napoles de Paiva	6 de Junho de 1912 . .	» » »
63	Francisco Agenor de Noronha Santos.	6 de Junho de 1912 . .	» » »
64	Alfredo Valladão.	19 de Julho de 1912 . .	» » »
65	Capitão-Tenente Raul Tavares .	23 de Agosto de 1912	» » »
66	Dr. Antonio Gomes Carmo. . . .	23 de Agosto de 1912 .	» » »

SOCIOS CORRESPONDENTES (em numero de 80) (*)

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
1	Barão de Guajará	8 de Novembro de 1866	Pará
2	D. Vicente G. Quesada	7 de Dezembro de 1883	Rep. Argentina
3	Pedro Wenceslau de Brito Aranha	7 de Agosto de 1885. .	Portugal
4	Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa	9 de Dezembro de 1886	Pernambuco
5	Antonio Ribeiro de Macedo. . .	19 de Outubro de 1887.	Paraná
6	Dr. Virgilio Martins de Mello Franco.	31 de Agosto de 1888. .	Minas Geraes
7	Anibal Echeverria y Reis . .	25 de Outubro de 1889.	Chile
8	Alexandre Sorondo	29 de Novembro de 1889	Rep. Argentina
9	Dr. Rodolpho Marcos Theophilo	11 de Julho de 1890 . .	Ceará
10	Dr. João Baptista Perdigão de Oliveira.	19 de Junho de 1891 . .	Ceará
11	Dr. Antonio Martins de Azevedo Pimentel.	1 de Junho de 1894 . .	Campinas
12	Christiano Frederico Seybold	1 de Junho de 1894 . .	Allemanha
13	João Lucio de Azevedo.	3 de Março de 1895 . .	Portugal
14	Dr. Cincinato Cezar da Silva Braga.	11 de Agosto de 1895. .	S. Paulo
15	Coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha.	20 de Outubro de 1895.	Pará
16	Dr. Henrique Marques de Santa Rosa	16 de Agosto de 1896. .	Pará
17	Padre Raphael Maria Galanti	22 de Novembro de 1896	Rio de Janeiro
18	André Peixoto de Lacerda Werneck	13 de Dezembro de 1896	Rio de Janeiro
19	D. Joaquim Silverio de Souza. .	19 de Setembro de 1897	Minas Geraes
20	Dr. Adelino Augusto de Luna Freire	9 de Dezembro de 1898	Pernambuco
21	Coronel Honorio Lima	10 de Novembro de 1899	Rio de Janeiro
22	Dr. Antonio Zeferino Candido	24 de Novembro de 1899	Portugal
23	Adolpho Saldias	8 de Dezembro de 1899	Rep. Argentina
24	José Antonio Ismael Gracias	8 de Dezembro de 1899	Gôa

(*) Ha nesta classe o excesso de dois socios devido aos novos Estatutos.

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
25	Dr. Antonio Augusto de Lima	9 de Agosto de 1901	Minas Geraes
26	Alfredo Romario Martins	23 de Agosto de 1901	Paraná
27	Candido Costa	23 de Agosto de 1901	Espirito Santo
28	Dr. João Mendes de Almeida Junior	23 de Agosto de 1901	S. Paulo
29	Dr. Nelson de Senna	23 de Agosto de 1901	Minas Geraes
30	Dr. Sebastião Paraná de Sá Souto Maior	23 de Agosto de 1901	Paraná
31	Horacio de Carvalho	18 de Outubro de 1901	S. Paulo
32	Dr. José Vieira Couto de Magalhães	18 de Outubro de 1901	S. Paulo
33	Dr. Affonso Arinos de Mello Franco	6 de Dezembro de 1901	Pariz
34	Dr. Alfredo de Toledo	6 de Dezembro de 1901	S. Paulo
35	Carlos Lix Klett	6 de Dezembro de 1901	Rio de Janeiro
36	Ernesto Quesada	6 de Dezembro de 1901	Rep. Argentina
37	Dr. Martim Francisco Ribeiro de Andrada	24 de Outubro de 1902	S. Paulo
38	Dr. Theodoro Sampaio	24 de Outubro de 1902	Bahia
39	Conselheiro Anselmo de Andrade	8 de Maio de 1903	Portugal
40	Albino Alves Filho	22 de Maio de 1903	Minas Geraes
41	Dr. José Manoel Cardoso de Oliveira	22 de Maio de 1903	Petropolis
42	Dr. Augusto de Siqueira Cardoso	25 de Junho de 1903	S. Paulo
43	Dr. José Maria Pereira de Lima	11 de Julho de 1903	Portugal
44	Victor Ribeiro	11 de Setembro de 1903	»
45	Dr. Francisco de Campos Andrade	4 de Dezembro de 1903	S. Paulo
46	José Feliciano de Oliveira	19 de Fevereiro de 1904	Pariz
47	Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley e Araujo	3 de Junho de 1904	Pernambuco
48	Alberto Pimentel	23 de Junho de 1904	Portugal
49	Dr. Alfredo Ferreira de Carvalho	9 de Julho de 1905	Pernambuco
50	Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme	21 de Julho de 1905	S. Paulo
51	Dr. João Pandiá Calogeras	18 de Setembro de 1905	Rio de Janeiro
52	Bernardo Horta de Araujo	18 de Setembro de 1905	Minas Geraes
53	Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá	4 de Dezembro de 1905	Rio de Janeiro
54	Dr. Diogo de Vasconcellos	4 de Dezembro de 1905	Minas Geraes
55	Dr. Bernardino Machado Guimarães	9 de Julho de 1906	Rio de Janeiro
56	D. Daniel Garcia Acevedo	3 de Setembro de 1906	Uruguay
57	Dr. Arthur Orlando da Silva	8 de Outubro de 1906	Pernambuco
58	Gonçalo Quesada	8 de Outubro de 1906	Cuba
59	Dr. Adolpho Augusto Pinto	20 de Maio de 1907	S. Paulo
60	Dr. Paulo von Ehrenreich	20 de Maio de 1907	Allemanha
61	Dr. Augusto Tavares de Lyra	16 de Setembro de 1907	R. G. Norte
62	Dr. Vincenzo Grossi	16 de Setembro de 1907	Italia
63	Dr. João Luiz Alves	30 de Setembro de 1907	Minas Geraes
64	Charles Wiener	29 de Setembro de 1908	Pariz
65	Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto	29 de Setembro de 1908	Santa Catharina
66	Fernando A. Georlette	24 de Maio de 1909	Antuerpia
67	D. João Baptista Corrêa Nery	31 de Agosto de 1909	Campinas
68	Dr. Ernesto Antonio Lassance Cunha	12 de Outubro de 1909	Rio de Janeiro
69	Dr. Ramon J. Cárcano	1 de Julho de 1910	Buenos Aires
70	Dr. Rodolpho Schuller	22 de Junho de 1911	Pará
71	Dr. Justo Jansen Ferreira	22 de Junho de 1911	Maranhão
72	Dr. Braz Hermenegildo do Amaral	22 de Junho de 1911	Bahia

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
73	Henry L. Lang ✠	22 de Junho de 1911 . .	Estados Unidos
74	Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva	15 de Julho de 1911 . .	Minas-Geraes
75	Dr. Alipio Gama.	15 de Julho de 1911 . .	Manáos
76	Dr. Homero Baptista	26 de Agosto de 1911. .	R. G. Sul
77	Dr. Affonso d'Escragnolle Taunay	23 de Setembro de 1911	S. Paulo
78	Dr. José Salgado.	10 de Outubro de 1911.	Montevidéo
79	Dr. Washington Luiz Pereira de Souza.	4 de Maio de 1912. . .	S. Paulo
80	Dr. Afranio de Mello Franco . .	27 de Maio de 1912. . .	Rio de Janeiro
81	Dr. Manoel Emilio Gomes de Carvalho.	27 de Maio de 1912. . .	Pariz
82	Nicolau José Debbané.	23 de Agosto de 1912. .	Egypto

SOCIOS BEMFEITORES (*)

Ordem	Nomes	Data da entrada no Instituto	Residencia
1	Domingos José Nogueira Jaguaribe.	7 de Dezembro de 1883	
2	Conde de Figueiredo.	1 de Julho de 1890 . .	
3	Candido Gaffrée.	26 de Setembro de 1890	
4	Antonio José Dias de Castro. . .	28 de Setembro de 1890	
5	Conde de Leopoldina	5 de Outubro de 1890.	
6	Luiz José Lecoq de Oliveira. . .	5 de Outubro de 1890.	
7	Barão de Quartim . . . . , .	6 de Março de 1891 . .	
8	Barão de Mendes Tota	3 de Abril de 1891 . .	
9	Visconde de Moraes	3 de Abril de 1891 . .	
10	José Joaquim da França Junior.	9 de Outubro de 1891.	
11	Comm. Luiz Alves da Silva Porto	17 de Outubro de 1897.	
12	Luiz Martins do Amaral	17 de Outubro de 1897.	

O signal ✠ indica que o socio é estrangeiro.

Secretaria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 31 de Agosto de 1912.

(*) Esta classe de Bemfeitores foi extincta pelos novos Estatutos.

SOCIOS FALLECIDOS

SOCIOS FALLECIDOS no periodo de 1.º de Janeiro de 1911 a 31 de Agosto de 1912

Nomes	Classes	Data do fallecimento
Conselheiro Dr. José Antonio de Azevedo Castro	Correspondente	1—I—911
Visconde de Ibituruna	Effectivo	10—I—911
Dr. João Baptista de Moraes . . .	Correspondente	29—I—911
Emile Lavasseur	Honorario	11—VII—911
Commendador Angelo Thomaz do Amaral	Effectivo	7—VIII—911
Dr. Tristão de Alencar Araripe Junior	Effectivo	29—X—911
Dr. Joaquim Duarte Murtinho . .	Honorario	19—XI—911
Marquez de Paranaguá.	Benemerito	9—II—912
Barão do Rio-Branco	»	10—II—912
Visconde de Ouro Preto	Honorario	21—II—912
Dr. Joaquim Xavier da Silveira Junior.	Effectivo	5—III—912
Almirante Augusto de Castilho Barreto de Noronha.	Correspondente	30—III—912
Manoel José da Fonseca	Bemfeitor	8—IV—912

Secretaria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 31 de Agosto de 1912.

INDICE

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NA PARTE II DO TOMO LXXIV